SUPREMA CORTE DA VERDADE
O ÚLTIMO BANQUETE DA REPÚBLICA
VINCIS WOLF
Uma farsa gastronómica em tempos de crise

O Último Banquete da República

O Último Banquete da República

VINCIS WOLF

Symplexia Labs

Copyright © 2025 Rinaldo G Mendes

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros — sem autorização prévia por escrito do detentor dos direitos autorais.

Título Original: O Último Banquete da República

Primeira Edição: Setembro, 2025 (Rev.2)

© 2025, Vincis Wolf

Impressão

ISBN (Capa Comum): 978-65-01-64424-0

ISBN (Capa Dura): 979-8-263-02871-8

Impresso por: Publicação Independente

E-Book

ISBN (Digital): 978-65-01-64425-7

Contato

E-mail: vincis.wolf@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wolf, Vincis

O último banquete da república / Vincis Wolf. -- 1. ed. -- Brasilia, DF : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-64424-0

1. Ficção brasileira I. Título.

25-295235.0 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Para o grande amigo que partiu sem avisar… e deixou a lanterna sem pilhas. Lá em cima, certamente deve estar rindo da nossa cara.

ENTRADAS, PRATOS PRINCIPAIS E VENENOS

Era uma Vez o Amanhã 10

CENÁRIO DA OBRA

Era uma Vez um Agora 17

Cabrália: Um Retrato Falado 21

Arquétipos da Cabrália 24

O ÚLTIMO BANQUETE DA RÈPUBLIKA

Prefácio 30

O Convite 32

Restos do Poder 41

Teoria Social da Farofa 47

O Garfo e a Culpa 53

Prato Frio da Meritocracia 57

Novíssimo Homem de Bem 64

Tempero do Passado 68

Ceia dos Inocentes Presumidos 73

Confissões em Baixa Temperatura 80

Velório de Estado e de Espírito 85

Digestão da Culpa 89

Entre Pratos e Sentenças 93

Último Espectador 99

Banquete dos Espectros 102

Cardápio Final 105

Banquete Sem Fim 110

O APRENDIZ DA VINGANÇA

Santa Providência, Subsolo 3 116

Flores, Fumaça e Condenação 120

Dose que Decide o Destino 124

Véspera do Banquete Inaugural 130

Terceiro Banquete 134

Peso da Própria Pele 137

Mesa do Julgamento: A Última Ceia 140

Gosto Amargo da Vitória 144

Migalhas da Aurora 147

Onde o Corpo Cessa 150
Retorno da Lavanda 153
O CRONISTA DO ABISMO
Escritor e Pensador 158
Cronista dos Inexplicáveis 160
O Inseto e a República 168
Livro Dentro do Livro 175
Gabriela, Cravo e Controle Remoto 179
Entre Fome e Mentiras 186
Revisado por Algoritmo 190
Teoria das Duas Cabeças Pensantes 192
O Pesadelo 197
Leitura Crítica 201
Siamesas da Mesma Rebeldia 205
Oficina de Escrita Criativa 209
Revolução em Caneca de Café 213
Jantar Literário e Outras Formas de Autoexílio 217
Bar Parágrafo & Poeira 221
Leitura no Ônibus 228
Cemitério e Outras Formas de Confissão 237
Amor Segundo a Crítica Especializada 241
Carta Convite 245
Entre o Ródano e o Silêncio 251
Café e Outras Formas de Derrota 255
A Despedida 259
Outras Formas de Rendição 266
Travessia Final: Despedidas e Memórias 273
Funeral Servido em Silêncio 277
A DAMA DO BANQUETE
Os Bulhões e a Arte do Excesso 284
Gabriela, das Letras ao Banquete 288
Orquestra do Caos 294
Cozinha dos Desentendimentos 298
Banquete que Não Terminou 305
Espelho Riscado 310
Dor Antes da Ausência 314
Diagnóstico 318

Sabor Amargo da Preparação 322
Última Visita 325
O BANQUETE LITERÁRIO
Antes da Primeira Linha 330
Vida Como uma Piada Mortal 332
Saga das Xifópagas Lésbicas 338
Adaptações Livres de Castigo 344
Maternidade dos Falsos Intelectuais 350
Chá de Prestígio com Gosto de Fama 356
Do Lattes ao TikTok 361
Confissões do Barbosa 364
Revista Vórtice, Edição Especial 367
O TEATRO DA VERDADE
Crônica de um Fracasso Anunciado 376
A Investigação 378
O Interrogatório 382
Diário do Desaparecido 385
Coma Induzido 389
Confissões de um Mestre da Simulação 392
Gabriela e o Prato Frio 395
Unidade de Terapia Intensamente Cínica 397
Olhos Que Condenam 399
Oráculo do Soro Fisiológico 401
Parágrafo Oculto 405
Encontro com Mordaz 407
Veneno que Não Mata 415
Sabor da Conspiração 419
Guia de Culinária Subversiva 429
Traidor à Mesa 437
Última Leitura do Geraldo 442
Velório das Ideias Indigestas 447
Leitura Pública do Manifesto 450
Diplomacia dos Talheres 454
Retorno das Siamesas 460
EPÍLOGO À MODA DA CASA
Revolta da Farofa 464
A Criança e o Caderno 469

Fibra Solta no Tear do Real 471
A Vida Reescrita 475
CRÉDITOS MUSICAIS

Era uma Vez o Amanhã

Prólogo com Complexo de Capítulo

"O passado nunca está morto. Ele nem mesmo é passado."
*— **William Faulkner**, Réquiem para uma Freira*

Dizem que o futuro sempre começa com uma mesa posta. Naquela noite, porém, não era o começo. Era o início do fim. O vinho derramado antes do primeiro brinde não fora acidente: era a chancela de um pacto silencioso. Seu aroma impregnava o ar como o próprio segredo perigoso — aquele das noites em que o poder apodrece: devagar, em silêncio, e com talheres de prata.

A toalha de linho, quase cerimonial, jazia manchada — tinto, sangue, talvez os dois: a assinatura, nítida e irrevogável, de um erro que se recusava a ser casual. O *Cozinheiro* a limpava com movimentos circulares, lentos, como se apagasse não um acidente, mas um pecado coletivo. Ninguém ousou interrompê-lo. Ninguém sequer respirou fundo. Só o estalo de um talher no chão — único sinal de vida num silêncio que já esquecera seu propósito.

A sala principal do *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* se abria como um salão de esquecimentos — ampla e solene, como se esperasse apenas fantasmas. No centro, um lustre de cristal pendia do teto como um coração petrificado, suas lâminas ofuscadas por camadas de abandono. A luz que dele escapava era tênue e amarelada, espalhando-se com hesitação pelas paredes — tímida, quase envergonhada diante de tanto vazio. Nada ali se movia com urgência. Nem mesmo o ar. Era como se a própria sala tivesse aprendido a esperar — não pelo desfecho, mas pela simples confirmação de que, em certas noites, bastava estar presente para que algo tivesse acontecido.

Na cabeceira oposta à do anfitrião — cuja cadeira, como sempre, permanecia vazia —, Araújo ainda ocupava seu lugar. Inclinado levemente para a esquerda, parecia ter cochilado no meio de um discurso. Apenas os olhos, entreabertos e fixos no lustre de cristal, denunciavam que ele não voltaria para a sobremesa. Sua postura, daquelas que poderiam passar despercebidas em qualquer jantar elegante, era desmascarada pela imobilidade absoluta dos dedos e pelo arqueamento súbito das costas — o congelamento de um homem surpreendido por uma pergunta para a qual não havia resposta.

Da outra extremidade da mesa, à esquerda da cadeira do anfitrião, partiu um pigarro — curto, seco, *devidamente protocolado*. Dedos ajustaram o lenço vermelho, discretamente enfiado no bolso do paletó, com a precisão de quem registra, em ata, a própria expectativa.

— Bem… — disse Silvério, com a voz de quem já teve seu idealismo arquivado — solidariedade não é utopia. É um processo em tramitação interna.

A frase pairou no ar — por um instante, até que todos notaram que não havia nada ali para sustentá-la. Soava fora de contexto, quase absurda: como se, naquele instante de vácuo protocolar — Araújo ainda presente, mas já ausente de si —, alguém tivesse confundido retórica com responsabilidade. Era uma daquelas citações de ocasião: não para iluminar, mas para preencher, como um decreto lido em cerimônia fúnebre cujo morto ainda respira. Talvez estivesse apenas tentando ser profundo. Se foi esse o caso, fracassara impiedosamente.

Do outro lado da mesa, a *Maître d'Banquet* permaneceu impassível. Seus olhos, porém, buscaram o Barbosa — e encontraram um homem que encarava a taça como se nela coubesse toda a sua história: promessas não cumpridas, frases mal escritas, gestos adiados. Ele esticou a mão, quase a tocou — mas, no último instante, recuou, fingindo coçar o cotovelo com um movimento brusco demais para ser casual.

Ela quase sorriu. Quase perdoou.

Havia entre eles um silêncio carregado de perguntas não feitas — aquela hesitação que precede qualquer verdade. Não eram um casal. Não eram nada ainda. Apenas dois espectros reconhecendo-se na mesma vidraça enevoada — não pelo calor de um passado, mas pela incerteza de um encontro que ainda não sabe se será amanhã... ou nunca.

Junto à janela, um pouco à parte do movimento da sala, a auxiliar de limpeza — ou *Dame de Propreté*, como gostava de ser chamada — torcia entre os dedos um pano de linho fino, quase um relicário de pano, como quem espreme confissões esquecidas. Não usava uniforme, mas vestia-se com uma sobriedade calculada: blusa de seda cinza-pérola, de colarinho impecável, e calça de crepe preto que caía com a discrição de uma promessa não pronunciada.

Guardava uma elegância burguesa, sim — mas era do tipo que costumava assustar os culpados. Seus olhos, impassíveis como os de uma estátua de jardim, não perdiam um detalhe: a taça de Araújo, ainda rubra de tinto; a troca de olhares entre o Barbosa e a *Maître d'Banquet*; o suor que escorria, lento e traiçoeiro, na nuca de Silvério. Nada escapava. E, curiosamente, era a única ali que não precisava fingir que Araújo ainda respirava.

Quando falou, foi sem se virar, a voz seca como um pano de chão bem torcido:

— Vocês continuam… como se ele fosse um detalhe de decoração.

Observação que, em outra época, teria soado impertinente. Mas ali, soava como a única verdade que importava.

Ao lado da cadeira de Silvério, o Dr. Henrique Sampaio esfregou os óculos com o polegar e o indicador — gesto que repetia sempre que estava prestes a articular alguma referência conceitual — e, quando falou, foi com a calma de quem já escrevera o obituário do presente:

— O corpo é um contrato mal redigido. A sabedoria, em última instância, é a arte de renegociar as cláusulas antes que ele decrete a rescisão unilateral.

Frase que, dita por outro, pareceria vazia. Mas, vinda dele, soava como um diagnóstico clínico — uma sentença de precisão cirúrgica, cujo sentido pleno ainda

escorria entre os dedos da compreensão alheia.

O silêncio que se seguiu não era vazio: era mastigado, denso, carregado de acusações não proferidas. Foi Silvério quem o quebrou — levantando a mão no ar, como quem reivindica um direito coletivo:

— O pensamento é ótimo... *mas alguém pode me passar o sal?* Direito básico na mesa do trabalhador.

Do outro lado da mesa, à direita do corpo inerte de Araújo, Ferreira soltou um suspiro rouco e desdenhoso, quase um grunhido. Girou a taça com dois dedos, medindo o peso de um escândalo imaginário, antes de responder, com ironia afiada:

— À sua direita. Mas cuidado: pode estar contaminado de princípios.

Ferreira era o tipo de homem que, se tivesse de escolher entre veneno e hipocrisia, escolheria o veneno — por ser mais honesto.

Um dos comensais, que até então observava o teto com a expressão de quem decifrava constelações, inclinou-se para a frente. O cotovelo pousou na mesa com a firmeza de um juiz prestes a proferir sentença.

— Araújo não engasgou. Foi engolido. Pelo próprio banquete.

Havia na afirmação dele uma certeza que não vinha da lógica, mas da experiência: a de quem já vira homens desaparecerem não por armas, mas por palavras. A observação, porém, se perdeu no Barbosa, cujo olhar permanecia fixo na esfera de açúcar soprado no prato abandonado de Araújo — intacta, quase solidária, como se também tivesse sido deixada à mesa, aguardando uma palavra que nunca chegou. Quando falou, foi com a voz baixa, quase um monólogo:

— Ele sabia. Sabia que este não era um jantar. Era um julgamento com *couvert*.

A *Maître d'Banquet*, ao seu lado, mexeu a taça num movimento lento, quase meditativo. Depois, sem olhar para ninguém, disse:

— Julgamento pressupõe réu, juiz e plateia. Aqui, todos são os três. E o *Cozinheiro*… bem, parece ser o algoz.

A frase, dita em voz alta, tornava impossível fingir que nada estava acontecendo. Mas, naquele instante, era apenas uma ironia sem peso — uma intuição sem provas, lançada ao acaso como quem prova um vinho ainda em fermentação. Só mais tarde perceberiam que aquele banquete fora o primeiro movimento de uma sinfonia longa e dissonante, composta em segredo por mãos que ainda não sabiam que escreviam.

A auxiliar de limpeza depositou o pano com cuidado sobre o peitoril da janela, ao lado de um jarro de violetas murchas, e caminhou até a beira da sala, próximo ao relógio de pêndulo. Parou exatamente no limiar entre sombra e luz — como se o próprio chão hesitasse em decidir de que lado ela pertencia. Cruzou os braços, como quem se protege de uma verdade que não lhe pertence, mas que conhece bem demais. Havia, em seu olhar, algo de definitivo — aquela inquietação que antecede uma revelação:

— A entrada era uma salada de tubérculos com pétalas de beladona. Isso sugere alguma coisa?

— E o *consommé*? — perguntou um dos comensais, semicerrando os olhos como quem fareja traição.

— Pequenas esferas de jambu. Bastante… silenciosas.

Um silêncio gelado tomou conta da sala. Todos entenderam, então. A comida não era só alimento — era mensagem. Araújo havia comido tudo. Até o cordeiro recheado com farofa de miúdos: um segredo ensaiado em camadas, envolto em massa folhada crocante e marinado em vinagre feito de vinhos esquecidos e

promessas quebradas. Uma refeição que, em qualquer restaurante consagrado — desses com estrela *Michelin* —, teria sido celebrada. Ali, porém, era um indício. Mas o mais intrigante era: como a auxiliar de limpeza conhecia os detalhes do cardápio?

Foi o Dr. Henrique quem quebrou mais um ritual incômodo de silêncio, a voz cortante como uma faca enferrujada:

— Foi o cordeiro.

Outro comensal, até então calado, não reagiu de imediato. Apenas apertou os lábios, como fazia sempre que estava prestes a confessar algo que não deveria. Quando falou, foi quase um sussurro:

— Não, foi a farofa!

O silêncio que se seguiu era ritualístico. Pesado. Como se todos estivessem participando de uma cerimônia fúnebre que ninguém organizara, mas à qual todos compareciam, não por luto, mas por protocolo. Silêncio daqueles que, em romances policiais, precedem a entrada do detetive. Mas aqui, o detetive ainda não sabia que era ele.

Ferreira, impaciente com o suspense, pegou a colher. Quebrou a esfera de açúcar soprado com um gesto rápido, quase agressivo. O aroma cítrico e balsâmico se espalhou — damasco, alecrim, um traço quase imperceptível de oleandro.

— Se vamos morrer — disse, com um meio-sorriso amargo — que seja com uma sobremesa bem escrita.

Um por um, os outros seguiram. A sobremesa era leve e devastadora — como uma lembrança indesejada vestida de afeto.

Quando terminaram, o *Cozinheiro* recolheu os pratos. Inclinou a cabeça, respeitosamente, e sumiu pela porta que ninguém viu abrir. Desaparecimento que, em circunstâncias normais, passaria despercebido. Mas não naquela sala. Naquela noite, até o ar estava sob escuta.

Ferreira retirou um charuto do bolso interno do paletó com uma calma quase coreografada. Não o acendeu. Segurou-o entre os dedos como se fosse um distintivo de poder silencioso — não para fumar, mas para impor presença. Cada gesto, cada pausa, parecia orquestrado, como se ele conduzisse o espaço ao redor com a precisão de um maestro. No fundo, tudo ali não passava de teatro.

— Brindemos ao primeiro banquete… — e sorriu, com os olhos quase úmidos.

E brindaram. Ao passado. Ao estômago. À culpa.

A *Maître d'Banquet* levantou-se. Seus olhos percorreram os rostos à mesa — todos imóveis, como se o tempo tivesse parado apenas para eles. A palma da mão pousou sobre a toalha, aberta, como quem protege uma carta nunca enviada:

— Então é isso? Não haverá sequer um adeus para Araújo? Nem ao menos um brinde?

Ninguém respondeu. Ninguém sequer fingiu que se importava. Mas todos sabiam que, de algum modo, aquilo não fora apenas o primeiro banquete — fora a inauguração de um ritual.

Na cozinha, o *Cozinheiro* parou diante da pia. Lavou as mãos, como *Pôncio Pilatos*. Sabia que não adiantaria. O sangue, mesmo simbólico, não sai com sabão neutro — gesto que, em histórias bem contadas, sempre precede a revelação final. Mas a revelação, aqui, ainda estava no forno.

Sentou-se diante da panela ainda quente, agora vazia, e esperou. O silêncio o envolveu — espesso e indigesto.

O *Cozinheiro* talvez soubesse — ou apenas intuísse — que aquilo tudo era um erro

de sequência: o prato principal servido antes da entrada, o clímax antes da história. Por isso, antes de seguir, seria preciso voltar — ao instante em que ninguém sabia ainda que já era personagem de um roteiro alheio. Pois é lá que o banquete realmente começa: no espaço estreito entre o primeiro gesto, o primeiro engano — e a primeira colher de culpa.

Apresentação

CENÁRIO DA OBRA

Instruções de Montagem (Peças Inclusas, Coerência à Parte)

Alguns livros nascem no grito de uma epígrafe, outros no sussurro de uma paisagem que parece pedir calma — e perdão. Este nasceu de uma discussão de bastidores: entre o *Autor*, que insistia em temperar tudo com ironia e um toque de melancolia barata; o *Narrador*, que sonhava com um épico; e os *Personagens* — esses, coitados — que exigiam, no mínimo, o direito à ambiguidade. O resultado foi uma narrativa que não sabe se quer ser tragédia, farsa ou manual de sobrevivência emocional escrito por quem já desistiu de abrir o fogão.

Agora, um segredo — ou melhor, uma confissão: ao longo desta obra, você encontrará certos trechos delicadamente intitulados **"Nota de Cozinha"**. Não são pistas. Não são armadilhas narrativas. São, antes, pequenos apartes — sussurros do *Autor,* movido por um desejo quase irresistível de citar *Heidegger* entre uma taça de vinho e uma farofa de cogumelos.

São muitas. Algumas são quase ensaios disfarçados de instrução culinária; outras, poemas em prosa — ou prosa em estado de poesia suspensa. Há ainda aquelas que são, pura e simplesmente, confissões disfarçadas de digressão. E sim: algumas deveriam ter ido direto para a lixeira. Foram poupadas, não por mérito, mas por pena estética.

Você pode lê-las todas — elas se abrirão para você como portas que rangem com intenção. Ou pode pular todas — nenhuma delas guardará rancor, prometo. Aliás, se pular, talvez até seja mais sábio. (Ou mais feliz. Que, convenhamos, nem sempre é a mesma coisa.)

Este livro não exige fidelidade. Exige cumplicidade — ainda que momentânea, ainda que irônica.

Então, leitor, prossiga. Com a serenidade de quem recebeu instruções insuficientes, e a elegância de quem finge que isso era exatamente o que esperava.

Era uma Vez um Agora

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*

No final da segunda década do século XXI (segundo o calendário gregoriano), quando o mundo ainda cambaleava sob o peso de suas próprias contradições, surgiu do coração industrial da Ásia o que a História viria a chamar de o *“Cataclisma Biológico de Wuhan”*.

Foi um início de ano silencioso, abafado por máscaras descartáveis e rumores permanentes. Nos subterrâneos de uma cidade que parecia girar em torno de fábricas, laboratórios e mercados úmidos, algo escapou. Uns diziam que foi um acidente em biossegurança nível quatro. Outros sussurravam sobre protocolos genéticos não autorizados. Mas ninguém sabia ao certo — ou, se sabia, não teve tempo de contar.

Os primeiros casos foram abafados. Literalmente. Trancados. Selados em quarentenas anônimas, enquanto a população seguia suas rotinas entre termômetros, drones e ordens de silêncio digital. O vírus — tão eficiente quanto discreto — tinha uma habilidade rara: ensinava à humanidade o gosto do isolamento. Transformava toques em armas. Abraços, em ameaças. E a intimidade passou a ser considerada terrorismo biológico.

Quando o contágio se alastrou incontrolavelmente, o mundo não mudou apenas — reorganizou-se em torno do medo, como se a própria realidade tivesse sido submetida a um protocolo de quarentena. Fronteiras foram redesenhadas, não por guerras, mas por algoritmos de inteligência artificial. Os governos cederam lugar a conselhos de biossegurança, compostos por tecnocratas, militares e multinacionais farmacêuticas. Chamavam-se de “Agentes de Conformidade Biológica”, mas a população logo lhes deu outro nome: “Os Confinadores”. Sua missão? Garantir que nada — absolutamente nada — escapasse novamente.

Cidades tornaram-se cápsulas. Cada domicílio, uma cela com *Netflix ilimitado*. As ruas transformaram-se em corredores vazios, vigiados por câmeras inteligentes. A educação migrou para as nuvens; o trabalho, para exílios conectados; o convívio humano, para *avatares* higienizados. Um novo idioma surgiu, composto por *QR codes*, jargões médicos e *emojis* ansiosos.

Revoltas surgiram, claro. Mas eram rapidamente sufocadas sob o pretexto de contaminação social. A liberdade foi concedida em doses homeopáticas. Com bula e efeitos colaterais.

Muitos meses depois do *Marco Zero*, os sobreviventes ainda discutiam se o vírus

fora obra do acaso, do descuido ou de um experimento de contenção global que saiu melhor do que o esperado. Alguns cultos começaram a venerar o chamado *Agente Zero* como arauto de uma nova era. Outros viam no evento a prova definitiva de que a civilização não desmoronou — apenas se trancou por dentro.

O fato é que o "*Cataclisma Biológico de Wuhan*" não destruiu o mundo. Apenas acelerou o processo de transformação que já estava em curso.

Mas na Cabrália, onde até as catástrofes chegam atrasadas, o cataclisma virou só uma expressão de calendário. Uma gripezinha com sigla.

> **Que Cabrália é essa, afinal?** Calma, leitor. Antes do mapa, da ficha técnica e das coordenadas no *Waze*, vem o marco temporal — nosso GPS narrativo. Sem ele, a história se perde. Aliás, na Cabrália, até o tempo tem hábitos estranhos. Uma vez fixado esse marco (na medida do possível), aí sim apresentaremos a Cabrália: o cenário idílico onde tudo acontece. Idílico? Bem... convenhamos. Nem tanto.

Nesse novo mundo, morreu de vez o contato humano, dando lugar à insensatez permissiva dos meios digitais.

Em compensação, instituiu-se uma nova Referência Cronológica Oficial: a *Escala Unificada de Tempo Biológico (EUTB)*, estabelecida no marco zero da Era CB — o *Cataclisma Biológico*. Os eventos anteriores ao colapso são contados em ciclos negativos: ***a.CB*** (antes do Cataclisma Biológico); os posteriores, em positivos: ***d.CB*** (depois do Cataclisma Biológico), marcando a ascensão da espécie reconfigurada.

Essa nova referência pode parecer, à primeira vista, estranha aos olhos de quem não viveu o *Marco Zero*. Todavia, tornou-se a régua oficial da nossa Era, responsável pelo redesenho de todas as referências históricas. Reprogramou a memória. Padronizou os traumas.

Ao leitor mais exigente, recomendamos a leitura complementar das obras *"O Vírus de Wuhan"*, *"Zona Vermelha: Wuhan"* e *"As Máscaras do Século"*, para uma melhor compreensão do evento e suas consequências no mundo moderno. Nada que um bom chá calmante não ajude a digerir.

Como dito anteriormente, o cataclisma mal chegou a Cabrália. E, quando — à contragosto — resolveu dar o ar da graça, a Cabrália limitou-se a observar, catalogar e burocratizar. No fim das contas, o evento foi reduzido à sua versão abreviada: *CBW* — uma sigla enxuta o bastante para caber em atas, carimbos e etiquetas de arquivo.

Enquanto as potências claudicavam sob o peso do evento, na Cabrália o *CBW* foi registrado como "Incidente de Impacto Moderado (Categoria B-7)". Recebeu *Certificado Fiscal*, rubrica triplicada e uma pasta vermelha no *Arquivo Nacional* — entre "Reclamações de Aluguéis da Época Imperial" e "Festival da Batata (não realizado)".

Para manter a aparência de sincronia com o resto do planeta, a Cabrália adotou a nova referência temporal com todo o rigor técnico de um estagiário apressado.

E não é que pegou? Talvez porque fosse prático. Ou porque tragédias com siglas soem menos trágicas.

O vírus, assim, trouxe um avanço irrefutável: finalmente adotou-se uma linha do tempo coerente para organizar a bagunça crônica da Cabrália. Agora, quando alguém pergunta "em que ano a Cabrália foi descoberta?", basta responder:

— Ah, foi entre 522 ***a.CB*** e 520 ***a.CB***. Quem se importa?

Por mais que o "*Cataclisma Biológico de Wuhan*" tenha remapeado o planeta, a Cabrália permaneceu imune à transformação. Não por resistência heroica, mas por

patologia crônica. Ela continuou com os mesmos sintomas: febre institucional, inflamação ética, tosse seca no orçamento e ausência total de anticorpos contra cinismo.

No resto do mundo, o *CBW* trouxe o que toda sigla misteriosa costuma trazer: confusão, modernidade e uma leve coceira atrás da orelha. As instituições — que já não eram grande coisa — passaram a ser tratadas como ex-namoradas: com desconfiança, certo ressentimento e aquela espiada ocasional para ver se ainda estavam de pé. Discutia-se tudo, o tempo todo — principalmente nas redes, onde todo mundo era especialista e ninguém escutava ninguém. Resultado da digitalização acelerada da vida cotidiana. A linguagem também entrou na dança: ficou mais limpa, mais corporativa, mais vazia. Era o futuro batendo à porta com máscara, álcool em gel e um termo de uso que ninguém leu.

Na Cabrália, o *CBW* tropeçou na burocracia local, perdeu a mala e acabou ficando por ali mesmo. Trouxe *hashtags* que ninguém entendeu direito, discursos que começavam com "é complexo" e nunca terminavam em lugar nenhum, e um tipo inédito de saudade: a do convívio não regulamentado.

Mas, sejamos francos: o problema do convívio já era anterior ao *CBW*. E as máscaras — bem, as cirúrgicas nunca foram muito populares. Mas as outras, as de dissimulação e protocolo... essas sim, sempre foram obrigatórias. E ninguém saía de casa sem elas.

Isso o leitor paciente verá mais adiante, quando enfim apresentarmos a Cabrália como se deve: com cerimônia, com metáforas e com aquele humor constrangido de quem sabe que vive numa *República* feita de papel reciclado — e mal dobrado.

O fato é que, na Cabrália, até o apocalipse era um trâmite. Enquanto o mundo se trancava em cápsulas sanitárias e reuniões infinitas no *Zoom*, a Cabrália inaugurava o "*Decreto da Sanitização Poética"*, que obrigava o uso de figuras de linguagem com distanciamento de dois sentidos — seja lá o que isso quisesse dizer.

Essa era a verdadeira arte cabralina: importunar o irrelevante e esquecer o que realmente importava — tudo com a solenidade de quem carimba o papel errado e ainda cobra a taxa de conveniência.

Nota de Cozinha (adicione ao seu gosto)

Saramago cegou o mundo para que enxergássemos melhor. Na Cabrália, o "*Cataclisma Biológico de Wuhan*" operou à inversa: todos viam — e escolheram, com rigor cênico, não ver. A cegueira ali não se espalhava; se protocolava. Tinha decreto, carimbo e até um selo do *Ministério da Realidade Alternativa*, emitido em papel reciclado com 30% de fibra de esperança. Enquanto *Saramago* desmontava a civilização com uma praga metafísica, a Cabrália a reergueu com *QR codes* que levavam ao vazio, máscaras que filtravam expressões mais que vírus — e álcool em gel destilado em fundos de quintal, cuja única propriedade comprovada era a de apagar temporariamente o cheiro de medo.

Não demorou até o colapso virar *branding* nacional: cursos de "ética pandêmica", lives com infectologistas rimando sobre mutações, e um concurso escolar cujo tema — "Como o distanciamento social me aproximou da minha essência" — foi vencido por quem citou *Foucault* sem entender, usou "resiliência" três vezes e assinou com um coração pixelado. Na Cabrália, até o abismo exige um *feed* harmônico.

Cabrália: Um Retrato Falado

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

Euclides da Cunha, *Os Sertões*

A **Cabrália** é o cenário onde nossos personagens vivem aventuras e desventuras. Não é exatamente um país. É um experimento histórico com sotaque tropical e roteiro de tragicomédia. Um palco continental onde, há séculos, se encena a esperança com adereços coloniais, efeitos especiais de última hora e uma plateia que aplaude entre espasmos de indignação — quando não está ocupada postando *stories*.

Dizem que tudo começou com *Duarte Amerigo Cabral*, navegador de ocasião que teria desembarcado por aqui entre 522 ***a.CB*** e 520 ***a.CB***. Ninguém sabe ao certo. Como tudo na Cabrália, as datas são vagas, as intenções confusas e o final já conhecido. Não foi descoberta. Foi um *equívoco geográfico*, como quando você marca um encontro no lugar errado e, por vergonha, finge que era ali mesmo.

Passado o choque inicial do “ops, desculpa!”, a Cabrália foi oficialmente fundada entre confetes reciclados e protocolos apressados — como um casamento no cartório com direito a salgadinho de pacote e sorrisos de circunstância. Enquanto os vizinhos ao norte e ao sul tentavam encenar seus próprios mitos de libertação — uns com pose de herói de novela, outros com discurso de filme B —, na Cabrália errou-se com feijão no dente e um sorriso institucional que dizia: “Foi mal, a gente refaz.”

Mas a Cabrália sobreviveu. E, entre tropeços e gambiarras, até que se desenvolveu. Como isso foi possível?

A resposta está numa espécie de arquitetura do absurdo — uma engenharia política que desafia a física, o bom senso e, principalmente, o Acordo Ortográfico. A *República* — ou *République*, quando dita no seio da elite decadente; ou *Rèpublika*, quando soprada nos círculos de ativismo performático; ou *Republik*, quando alguém resolve olhar para o futuro com otimismo imprudente — se sustenta não em alicerces, mas em certas… peculiaridades. Chamemos de *sustentáculos da nação* essas singularidades que, embora pareçam prestes a desabar a qualquer instante, mantêm-se de pé por meio de um milagre contínuo de improvisação e teimosia.

O primeiro desses sustentáculos é a **Geopolítica de Almanaque**. Escora-se não em fronteiras ou riquezas naturais, mas em comparações duvidosas e vizinhos convenientemente caricatos. Ao norte, *Colônia Perpétua* — aquela prima que pinta o cabelo de globalização, mas ainda mora com os pais ideológicos. Fala inglês com sotaque de comercial de margarina e só lê o que vem impresso na sacola de grife. Seu patriotismo é do tipo que ama o país desde que ele more na Europa.

Ao sul, *Bolivárquia:* o irmão revolucionário de butique. Lá, os libertadores estão

em tudo — moedas, murais, camisetas da C&A — enquanto a população vive entre discursos inflamados e frases prontas, esperando algum herói ressurgir ou, na falta dele, ser preso por corrupção.

Ao oeste, *Terras Andinas* — o tio que se acha europeu, mas ainda lava a própria cueca na pia do banheiro, contemplando o Pacífico como quem observa um quadro abstrato. Refinado, desconfiado e meticuloso, aprendeu com os terremotos que estabilidade é um luxo geológico, e com a história que ordem e caos dançam uma valsa silenciosa.

Fala com sotaque de geada e de planilhas, com um discurso técnico impecável e um modelo econômico enxuto que trata desigualdade como "externalidade temporária do desenvolvimento". Seus poetas são mais lembrados que seus políticos, e *Neruda* não é apenas decoração de hotel boutique — é aviso, ferida e consolação.

Entre versos e vulcões, cultiva a serenidade de quem já viu o mundo desabar — mas ainda serve uma taça de vinho enquanto explica que revolução é melhor diagramada e que a justiça social cabe em planilhas com senha.

Depois vem a **Engenharia do Improviso Consolidada** — a arte de construir às pressas e reformar com frases de efeito. A Cabrália é como a casa da avó depois da visita dos netos: erguida sobre ruínas emocionais e rebocos simbólicos. A cada governo, uma demão de tinta sobre o mofo. A cada ciclo, um puxadinho institucional feito com madeira molhada e retórica de ocasião. E, para cada puxadinho, uma tese de mestrado tentando justificar o reboco torto com palavras como "resiliência democrática".

Nada aqui cai de vez — apenas balança, esperando a próxima posse. Os arquivos nacionais são guardados em pastas plastificadas ou guardanapos manchados. O passado na Cabrália não passa: apodrece no sal da negligência. E o futuro... bem, o futuro é sempre um jantar adiado.

Há também o **Circo Institucional Estável**, esse espetáculo permanente onde a fachada é fundamento. O que não se resolve, se enfeita. O que não se cumpre, se anuncia. O povo aplaude enquanto mastiga, e os poderosos mastigam enquanto discursam. Na Cabrália, a vaquejada substitui o debate, o *Carnaval* cobre a dívida, e a *hashtag* vira política pública.

Os ministérios? São como selos de colecionador: bonitos, inúteis e valorizados apenas por quem não entende nada. Plano de governo vira *hashtag*; se não viralizar, vira *story* com filtro de nostalgia.

No centro desse circo — digo, teatro cívico — há três poderes sagrados:

A "*Câmara do Povo*", que funciona como rodízio de pizza: todo mundo come à vontade, mas a conta vai para o "primo de alguém".

A "*Suprema Corte da Verdade*", onde as leis são torcidas com a desenvoltura de um contorcionista em crise existencial.

O "*Gabinete da Coordenação Executiva*", onde se decide o futuro do país entre canapés de queijo coalho e conversas profundas sobre o preço do uísque importado — que, claro, vai para a conta do contribuinte.

Juntos, eles mantêm a Cabrália funcionando. Ou melhor: parecendo que funciona. É como aquela banda *cover* que toca em festa de 15 anos: ninguém sabe se estão afinados, mas todos dançam. Porque política na Cabrália não se faz com ideias — faz-se com cenografia.

Por fim, a **Política Nacional Gourmetizada** — o banquete onde se digere o país. É na mesa dos acordos, temperada com hipocrisia e autoengano, que se decide o

cardápio nacional. O prato da casa é o famoso *risoto de emendas*, acompanhado de *farofa de sigilo* e um toque de *desilusão artesanal*. Tudo preparado pelo verdadeiro Chefe de Estado: o *Cozinheiro*. Ninguém sabe seu nome, mas todos obedecem aos seus temperos.

Para acompanhar, a bebida oficial da resignação: o vinho barato. Não por pobreza, mas por ideologia. Beber algo de qualidade seria admitir que nem tudo é ilusão — uma traição ao lema nacional: "Sobrevivemos de aparências e guardanapos sujos".

E assim chegamos ao aviso final: Cabrália é como um daqueles espelhos de banheiro embaçados pelo vapor. Até reflete, mas mal. Distorce mais do que mostra. E está sempre embaçado — não por falta de limpeza, mas por discrição. Ninguém quer encarar a própria caricatura ao natural.

Este livro se passa na Cabrália, mas não é sobre ela. Talvez seja sobre nós, você, eu, aquele vizinho que nunca tira o lixo. Não é uma história no sentido clássico — é mais um espelho. Um retrato falado com traços de caricatura.

Aqui, tudo parece absurdo demais para ser verdade — até você começar a ter a incômoda sensação de que "já vi esse filme". A seguir, conhecerá personagens que poderiam ser reais, instituições que funcionam como cenografia e receitas políticas preparadas por mãos invisíveis.

Com sorte, encontrará alguma verdade entre o molho e o veneno. Sente-se à mesa. O jantar está servido. Só não garanto que seja digestivo.

Arquétipos da Cabrália

“Era um patriota... mas o país não queria patriotas.”

Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*

Naqueles dias derradeiros da *República* — e é preciso dizer “*daquela” República*, não de uma outra que viria, pior ou melhor, mas daquela que se apagava como o carvão no fundo do braseiro — reuniram-se à mesa homens, sombras e heranças. Não se sabe ao certo se vieram por convite, convocatória ou por um instinto de extinção. Porque, na Cabrália, até a História é incerta.

Alguns juram que tudo começou com um convite enviado pelo *Cozinheiro*. Outros garantem que isso é invenção de cronista sem pauta. O fato é que todos se sentaram como numa ceia apócrifa — cada um com o peso de uma biografia que não cabia em currículo, só em documentário experimental, falado em islandês arcaico, sem legenda e com direção do acaso.

Mas afinal: quem são esses personagens?

Serão apresentados agora. Todos. Ou ao menos os que frequentaram os banquetes. Um por um. Sem mistério, sem truques de suspense, sem aquela enrolação típica de certos autores que fazem o leitor esperar até a metade do livro para descobrir que o mordomo tem um irmão gêmeo.

“Mas por que essa invenção de mostrar todo mundo logo no início?”, pergunta o leitor moderno, acostumado a séries em *streaming* que revelam o protagonista apenas no quarto episódio — com *flashback*, trilha épica e revelação de trauma infantil. Da mesma forma, o leitor mais exigente — ou o cínico, que quase sempre é o mesmo — pode alfinetar: “Isso não é preguiça autoral? Não seria melhor deixar os personagens surgirem aos poucos, como num *reality show* literário, com câmera escondida e eliminação por afinidade?”

Sim. As perguntas são legítimas. Mas antes que o leitor feche o livro achando que caiu numa bula de remédio ou num romance de vestibular, convém fazer justiça histórica: apresentar todo mundo logo no começo não é invenção deste autor. Tampouco é, como sussurram por aí, um sintoma precoce de *Alzheimer* literário. É um recurso antigo, testado, por vezes fracassado, mas sempre corajoso.

Veja “*Os Demônios”*, de *Dostoiévski* — aquele banquete russo de angústias e nomes impronunciáveis, onde o autor gasta quase cem páginas explicando quem é quem, o que faz, por que sofre e quantas dívidas carrega. Ao fim da lista, o leitor já está exausto e pronto para pedir asilo político na Suíça.

Ou “*Cem Anos de Solidão”*, em que *García Márquez* monta uma árvore genealógica com mais galhos que o cerrado da Cabrália — e uma predileção por batizar todos de

Aureliano, numa confusão que beira o incesto narrativo. Ler o começo daquele romance é como abrir uma agenda familiar onde todos os primos se chamam igual e casam entre si.

E há ainda "*Grande Sertão: Veredas*", onde *Guimarães Rosa* atira o leitor num redemoinho de nomes, pactos e veredas sem *GPS*. Lá, os personagens são apresentados como criaturas míticas sopradas pela poeira — e talvez o sejam. Lê-se sem saber se é gente, entidade ou palavra inventada.

Não esqueçamos "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*", em que *Machado de Assis* não só apresenta os personagens como já avisa que está morto — poupando o suspense e transferindo a responsabilidade toda para o estilo. A primeira aparição de *Quincas Borba* é uma aula de deboche: você acha que é um filósofo, depois descobre que é louco, depois que tem um cachorro com o mesmo nome. Fim da apresentação.

Em comum, todos esses autores compartilham um certo desprezo pela linearidade, um gosto por confundir — e um amor incondicional por listas. São escritores que acreditam que a melhor forma de contar uma história é entregar logo de cara a certidão de nascimento de cada personagem... junto, se possível, com a de óbito — às vezes, a do leitor.

Portanto, se neste modesto banquete de letras apresento logo os convivas, não é por vaidade, cansaço ou marketing narrativo. É por método — e um pouco por desespero. O leitor moderno, coitado, vive entre o *feed* e a fatura do cartão. Se ele vai conhecer o *Cronista do Abismo*, o *Cozinheiro* ou a *Maître d'Banquet*, é melhor que seja já no primeiro prato. Depois disso, pode ser tragado por uma notificação, uma crise existencial ou a terceira temporada de uma série norueguesa sobre luto e bolo.

Além disso, todo banquete decente começa com cardápio. E, como diria o *Cozinheiro*: "Ninguém come o que não entende."

O fato é que o leitor merece saber com quem está lidando. E os personagens também. Vai que, no meio do caminho, um deles resolve desenvolver profundidade, complexidade... ou — Deus nos livre — mudar de opinião? Melhor prevenir.

E se ainda restar alguma dúvida, deixo uma advertência final, à moda *Jorge Luis Borges*:

> Todo personagem é um labirinto que se resolve no espelho do leitor. Mas às vezes é bom entregar o mapa — mesmo que ele esteja rabiscado de propósito.

Avancemos, pois. A seguir, os convidados do banquete.

Alguns chegaram cedo. Outros já estavam lá desde sempre. Mesmo sem ainda terem recebido o convite.

Dos Personagens que se sentaram à mesa — e dos que jamais saíram dela

Araújo, o *patriarca de bronze*, parecia ter sido retirado de uma biblioteca e animado por algum ritual republicano. Falava baixo, como quem sussurra aos arquivos mortos. Seus olhos carregavam séculos. Seu corpo tinha a solenidade de um busto que, por algum capricho, ganhara articulações. Nunca estava apressado, pois seu tempo não era cronológico — era institucional. Era mais passado do que presente, mas ainda assim mais presente do que muitos futuros.

Fernando, o *Príncipe Caído*, entrava como quem desce de helicóptero invisível. Era galã de uma história que só ele lembrava. Os traços duros, os gestos calculados, o cabelo que resistia como tese em segunda chamada. Parecia sempre à beira de um comercial — ou de um pedido de desculpas. Vestia ideais e ternos com o mesmo

zelo: ambos à prova de memória. Se alguém quisesse saber como o passado vira campanha, bastava observá-lo em silêncio.

Miguel, o *Tecnocrata Espectral,* parecia uma figura saída de um romance gótico jurídico — elegante, noturno, pós-moderno. Era um homem de entrelinhas, reticente até no olhar. Vivia entre a norma culta e o latim dos bastidores. Falava como quem carimba o mundo. Seus gestos eram circulares, quase cerimoniais — como se cada ideia precisasse ser aprovada em três instâncias antes de virar frase. Pairava sobre a cena como um parecer jurídico: burocrático, inquestionável, e ligeiramente sonolento.

Geraldo, o *Anestesista de Almas*, parecia não ter sido convidado, mas nomeado para estar ali. Chegava vestindo sua elegância neutra, como quem comparece a um velório do qual talvez seja o defunto em potencial. Era liso — não por dissimulação, mas por acabamento. Tinha a expressão de quem sabe que o tempo não o arrasta, apenas o polia. E quando falava, era como se untasse a realidade antes de servi-la. Se o mundo estivesse à beira do colapso, ainda perguntaria, cordial: "Vai um cafezinho?"

Ferreira, o *Incendiário de Gravata*, não entrava — explodia. Era um discurso ambulante, uma tese em combustão. Falava com veemência, pensava com velocidade e calava com violência. Carregava em si a cólera dos que leram demais e confiaram de menos. Sua gravata sempre parecia em luta com a camisa. O corpo era de um aristocrata, mas a alma, de um agitador inconformado. Era um intelectual em estado de urgência, e ninguém saía ileso de suas frases.

Renan, o *Sobrevivente*, chegava com o ar dos que nunca chegam de fato, apenas circulam. Era o tipo de homem que já nascera reeleito. O rosto, liso como um plenário em recesso, escondia mais capítulos do que a *Constituição*. Sorria com a habilidade de quem já votou a favor e contra a mesma pauta — no mesmo dia. Estava sempre pronto para mais uma comissão, mais uma deliberação, mais um jantar onde tudo fosse decidido, e nada responsabilizado.

Silvério, o *Sindicalista Ufanista*, não sentava — ocupava a cadeira. Seu corpo carregava as marcas de mil assembleias e a alma de mil greves. Falava como quem convoca multidões, mesmo ao pedir sal. Cada ruga era uma ata. Cada gesto, uma memória do chão de fábrica. Tinha no peito o peso da Cabrália que tentou ser país e na barriga o direito conquistado de comer bem. Se a *República* ruísse ali, exigiria um microfone e um prato quente.

Dr. Henrique Sampaio, o *Príncipe da Sociologia*, era feito de raciocínio e nostalgia. Caminhava como quem nunca tropeçou. Seu rosto era uma tese, seus olhos, uma nota metodológica. Falava com calma, como quem explica o mundo para um auditório relutante. Tinha charme de papel timbrado, sedução de bibliografia robusta. Quando calava, a frase ainda se prolongava no ar — em nota de rodapé.

Barbosa, o *Cronista do Abismo*, era o único que não parecia saber o que fazia ali. Seu corpo magro, anguloso, parecia construído para protagonismos que nunca chegaram. Tinha a beleza dos que chegaram atrasados ao próprio destino. Vivia inclinado para a frente, como se esperasse que algo começasse. Ou terminasse. Carregava os personagens nas costas e os fracassos nas entrelinhas. Acreditava que tudo ia melhorar, mas torcia para que fosse depois da sua morte, para não ter que se decepcionar de novo.

Gabriela, a *Maître d'Banquet*, era o silêncio que ecoa. Sua presença não feria — hipnotizava. Tinha a leveza dos retratos antigos e a firmeza de uma página final.

Falava pouco, observava tudo, e quando se movia, o ambiente parecia ter de pedir permissão. Era um espelho sem reflexo: devolvia ao outro apenas o que ele não sabia que escondia. Sua beleza era uma ausência que doía. Sua voz, uma pausa bem colocada entre os gritos dos outros.

Luíza Borja não era uma simples auxiliar de limpeza. Era uma condição. Um estado de ordem silenciosa que se manifestava em móveis limpos com precisão microscópica, em cortinas que caíam como se nunca tivessem sido tocadas, em silêncios meticulosamente ensaiados. Chamava a si mesma de *Dame de Propreté* — um título inventado, mas tão bem adotado que já soava ancestral. Não limpava cômodos: reorganizava o caos antes que ele se tornasse perceptível. Movia-se como uma sombra que aprendera a não projetar sombra. Estava em cada cena, mas ninguém a via. Cultivava um ar irresistível de nobreza interior.

O Cozinheiro, o *Aprendiz da Vingança*, era uma entidade de rodapé, um sopro editorial. Ele só existia no interstício entre a narrativa e a anotação, entre a receita e a dúvida. O *Cozinheiro* não entrava em cena: ele adentrava pelas entrelinhas. Se os outros personagens vestiam arquétipos, o *Cozinheiro* vestia parênteses. Nunca dizia nada diretamente, mas fazia com que tudo ao redor soasse como alegoria. Diziam que cozinhava ideias. Outros garantiam que só requentava ressentimentos. Sua colher era de pau, mas seu rancor era de aço: mexia sem pudor na panela da *República*, mesmo quando o caldo já estava azedo.

Nota de Cozinha (não é spoiler — é tempero)

Lima Barreto ria — com a garganta seca — dos burocratas patrióticos. Na Cabrália, os arquétipos não se repetem: refinam-se. Formam uma família estendida onde todos se abraçam com calor e se suportam por conveniência. Há o reformista que troca ideias por convites, o intelectual que cita *Foucault* em legendas de *TikTok* e o sindicalista cuja camiseta traz a bandeira nacional sobre um código de barras — porque até o amor à pátria tem custo de produção e margem de lucro.

A sátira de *Barreto* é melancólica. A da Cabrália é silenciosa — servida com canapés requentados e um brinde à "resiliência institucional", eufemismo para a capacidade de sorrir enquanto o terno aperta no pescoço.

E como nenhuma hipocrisia se sustenta sem certificação, nasce o "Curso de Formação de Patriotas Iniciantes", válido em toda a *República* — exceto em dias úteis, feriados prolongados ou durante *CPIs*. O currículo inclui*: "Como fingir que leu Marx sem abrir o livro", "A arte de chorar por justiça social com rímel à prova d'água — e de lágrimas*" e "*Patriotismo performático: da camiseta ao cargo comissionado em três lições*".

O estágio final é um jantar simulado no *Clube République*, onde os alunos demonstram, em tempo real, a capacidade de defender ideais que não têm e lamentar injustiças que ajudam a manter. Quem se sai melhor — ou pior — não recebe diploma, mas uma vaga na **Academia do Eterno Discurso**. E um convite para o avançado: "*Como esquecer de vez o que um dia se acreditou — sem parecer que desistiu*".

LIVRO I
O ÚLTIMO BANQUETE DA RÈPUBLIKA

Prefácio

por **B. C. Avellar Filho** (filósofo acidental e autor ocasional)

"Escrever é uma maneira de pedir aos outros que o ajudem a não morrer."

***Jean-Paul Sartre**, As Palavras*

Não é todo dia que um livro nasce com a pretensão de ser lido, e menos ainda com a coragem de ser compreendido. Este aqui, no entanto, nasceu exatamente assim: pretensioso e um tanto inconsciente — como quase todo político em início de mandato.

Quando fui convidado para escrever este prefácio, achei que fosse engano. Ou pegadinha. Depois, percebi que era ainda pior: era sério. Tive que ler o manuscrito inteiro, sem auxílio de advogado ou taça de vinho. E confesso: saí dele mais indigesto do que entrei. Mas também mais lúcido, como quem acorda de um coma institucional e descobre que a *Constituição* foi substituída por um cardápio.

"*O Último Banquete da Rèpublika*" é um romance, dizem. Mas a palavra *romance* aqui é uma licença poética — ou jurídica. Trata-se, na verdade, de um dossiê ficcional onde a gastronomia e a política se entrelaçam como espaguete mal cozido e molho embolorado. A *Rèpublika*, aqui, é servida em pratos frios, com guarnição de cinzas morais, acompanhada de um vinho que só desce porque a alternativa é lembrar.

Os personagens, apesar de carregarem nomes distintos, têm algo de inquietantemente familiar. O leitor atento — ou minimamente alfabetizado em escândalos nacionais — reconhecerá os tipos: o idealista vencido pela farofa, o pragmático que cheira oportunismo no molho de tomate, o professor que já desistiu de corrigir a gramática da tragédia. E, claro, o *Cozinheiro*. Figura enigmática que, como todo servidor essencial, só ganha protagonismo quando começa a eliminar os clientes.

Há aqui, nesta obra, ecos de *Kafka*, sopros de *García Márquez*, pitadas de *Orwell*, e muita fumaça de rancor institucional. O jantar descrito ao longo das páginas não é apenas literal: é um ritual em três atos — entrada, prato principal e culpa. E a sobremesa, aviso desde já, é feita de memórias — amargas, pegajosas e com alto teor de ironia.

Ao longo do texto, a sátira é servida com elegância sádica. As mortes não são apenas físicas, mas simbólicas. Engasga-se com farofa, sufoca-se com gelo, afoga-se em discursos. E a pergunta que paira, feito cheiro de fritura de comissão parlamentar, é: quem é o *Cozinheiro*? *Spoiler*: talvez seja o leitor. Ou o *ghostwriter* da

História.

Por fim, deixo o aviso que os advogados mandaram colocar:

Qualquer semelhança com pessoas, instituições ou eventos da vida real... não é mera coincidência.

É intencional. E, em muitos casos, subnotificada. Sirva-se. Mas coma com cuidado. Aqui, a culpa vem em porções generosas.

Nota de Cozinha (servida com molho de letras)

Rèpública — com k, com má vontade, com saudade do que talvez nunca tenha existido. É a ortografia dos ativistas de causa incerta, dos artistas engajados (em qualquer coisa, desde que seja contra), dos rebeldes de boutique e dos excluídos — por opção ou falta dela.

A grafia do desencanto, que vê profundidade em trocar um c por um k, como se a resistência começasse na tecla errada — e, pior, na língua errada para a própria revolta. O è — grave, francês, falso — não é um acento: é um disfarce. Evoca *Versalhes* sem ter saído do condomínio; sugere *Foucault*, mas só cita o prefácio; promete crítica estrutural, mas entrega indignação de prateleira — bem embalada, com data de validade.

É a *Rèpúblika* do *influencer* que cita *Bourdieu* no café, do *coach* quântico que explica o *habitus* no *TikTok* com filtro de cachorrinho, e do político que propõe "ética algorítmica" entre goles de uísque no *Clube République* — enquanto seu corretor, discretíssimo, transforma *República* em *Rèpúblika*, com k e sem piedade. É também a *Rèpúblika* da rua, do grupo de *WhatsApp* da família — e dos títulos de livros que fingem contar a verdade.

Dizem que um estagiário da "Secretaria de Relações Internacionais", num raro ataque de sinceridade linguística, enviou uma circular grafando "*Rèpublika*". O escândalo foi abafado, o estagiário deportado para o arquivo morto — onde ainda cataloga mágoas por ordem alfabética —, mas o termo, por teimosia do sistema, reaparece em formulários do setor de protocolos. Assim nasceu, sem que ninguém notasse, uma terceira república paralela e invisível: a *Nova Rèpúblika*.

Curiosamente, o único que insiste no k com convicção — e sem vergonha — é o corretor automático. Como se, no fundo, os algoritmos já tivessem entendido: "Se é pra fingir que o país funciona, ao menos que a ortografia seja honesta."

O Convite

A Cápsula do Tempo CONV-2DCB-03 guardaria: uma seringa vazia etiquetada *mRNA* ou Sorte?; um *NFT* de "Feijoada Digital" impresso em papel higiênico *3D*; e uma mensagem de erro do *Facebook* preservada em vidro como relíquia.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, isolado na escuridão digital, mastigava memórias de confissões que ninguém mais ouviria.

"O poder corrompe os corpos antes das almas."

Mario Vargas Llosa, *A Festa do Bode*

O *Clube République* era um museu de vaidades desbotadas. Nas paredes, retratos de ex-presidentes com bigodes de outra era observavam, impassíveis, enquanto o ventilador de teto — testemunha de décadas de conspirações e gorjetas esquecidas — rangia como um protesto sindical. Naquela tarde úmida, os *veteranos do poder* ocupavam o "*Salão dos Incontroversos*", nome irônico para um espaço onde tudo era controverso, exceto a qualidade do uísque.

Mas algo no ar estava diferente naquela tarde. Não era o calor sufocante nem o barulho irritante do relógio de parede, que martelava os segundos como se contasse uma conspiração em andamento. Era o "Convite". Um envelope grosso, com um brasão dourado em relevo que parecia gritar formalidade e exclusividade. Dentro dele, um convite cujas letras eram tão pomposas que pareciam querer pular da folha e dar um tapa na cara de quem ousasse ignorá-lo. "Vocês foram escolhidos", dizia o texto, como se fossem cavaleiros medievais sendo chamados para salvar o reino. Na verdade, a mensagem era vaga o suficiente para causar curiosidade e enigmática o suficiente para gerar debates acalorados.

Renan ergueu o convite contra a luz mortiça do fim de tarde, cujos raios enfraquecidos lançavam sombras trêmulas sobre a mesa. O envelope espesso tremia em sua mão, refletindo o contorno do brasão dourado.

— Isso aqui é ridículo — disse, esfregando o polegar no relevo como se tentasse apagar não apenas o brasão, mas o próprio convite. — Quem ainda escreve assim?

Estendeu o envelope a Silvério, que o recebeu com dedos hesitantes, enquanto as pás do ventilador giravam preguiçosamente, como um suspiro mecânico ecoando pelo salão.

— Concordo... — Silvério soltou uma risada curta, seca como o estalo de um galho seco. Sua voz reverberou no salão vazio, onde o cheiro de mofo se misturava ao aroma de uísque derramado — ou talvez abandonado. — Mas vamos admitir: é

intrigante.

Virou o convite nas mãos, examinando as dobras impecáveis. Junto, havia uma carta de apresentação.

— Alguém convida você para um banquete e, junto, manda uma carta de apresentação...

Fez uma pausa. O silêncio se instalou como poeira nos móveis, enquanto o som distante de um carro passando lembrava que o mundo lá fora continuava — indiferente, como sempre.

Ferreira chegou atrasado, o que era uma exceção. Trazia sob o braço um exemplar amarrotado de "*O Alienista da Madrugada*", três insultos recém-preparados e uma aura de ressentimento histórico que parecia ter sido defumada lentamente em lenha de jacarandá.

Sentou-se à parte — perto da janela, ao lado de Fernando — recostado na parede como quem observa um julgamento ao qual já se absolveu em silêncio, por excesso de lucidez.

De um bolso interno da jaqueta surrada, puxou um charuto — desses cubanos que ele dizia ter ganhado de Fidel, embora todos soubessem que comprara numa tabacaria na vizinhança do *Clube République*.

— Isso aqui não se traga — confidenciou para Fernando, entre dentes, como se estivesse ministrando um seminário. — Charuto é ideia. Cigarro é dependência. Cachimbo é vaidade.

Como sempre, manteve o charuto apagado entre os dedos, com um gosto cerimonial, como quem sabe que a verdadeira fumaça é a do discurso — densa, empolada, com um leve cheiro de pretensão. Era esse o seu jeito de mostrar presença, quando não estava esbravejando.

Fernando, claro, estava ocupado demais comendo — porque, afinal, se não há nada certo nesse mundo, ao menos a comida é uma constante confiável. Ambos estavam alheios ao momento histórico do brotar involuntário — ou não — da *Grão-Confraria de la République*.

— "Celebração, fartura, comunhão dos sabores... Encontro da velha guarda." — continuou Silvério, erguendo o convite como se fosse um troféu roubado. — Alguém consegue explicar por que raios estamos recebendo convites do "*Fantasma da Ópera*"?

— Deve ser obra de Miguel — disse o Dr. Henrique Sampaio, girando a taça de vinho com ar de quem desvendara a "*Quarta Internacional*". — Só ele tem essa mania de dramaticidade burocrática.

Miguel, que até então ajustava o nó da gravata com a precisão de um relojoeiro, ergueu as mãos em falsa modéstia:

— Meus caros, se fosse eu, o convite teria notas de rodapé. E uma citação de *Maquiavel* em latim.

— E um carimbo da "*Suprema Corte da Verdade*" — completou Araújo, com seu sotaque que parecia cantiga, mas era só conversa mesmo. Sua voz era um sussurro grave de ata lavrada em latim arcaico. Falava como quem consulta os fantasmas antes de emitir opinião. Quando sorria — e sorria pouco — era como se um busto de bronze piscasse para alguém. Seus olhos não brilhavam: reverberavam memórias coloniais.

Fez uma pausa, como quem faz força para abrir gavetas pesadas na memória, e seguiu — não exatamente no mesmo assunto, mas num desvio tão abrupto que beirava a demência leve:

— Lembram-se do jantar no *Clube République*, logo depois da queda do *Muro de Berlim*? O clima era tão eufórico que parecia que a história tinha decidido fazer hora extra. Uma semana depois, aqui na Cabrália, tivemos eleições… e, honestamente, o cardápio daquele jantar tinha mais pratos indecisos do que eleitores no primeiro turno.

— Aquele jantar foi comovente — confessou Miguel, enxugando a testa com um lenço imaginário.

Fez uma pausa, como se tentasse recuperar algo esquecido há muito tempo — ou inventar alguma coisa com credibilidade mínima. Era o tipo de homem que parecia ter sido nomeado pela própria sombra. Um espectro da liturgia do poder, que flutuava na Cabrália como um ministro sem pasta — mas com muitos anexos.

— Ele me faz lembrar de um discurso que escrevi à época para um dos candidatos à presidência… não sei exatamente qual, mas foi um deles.

Apontou discretamente para Silvério e Fernando, como quem entrega um segredo sem querer assumir sua autoria.

— Talvez seja uma conspiração — sugeriu Geraldo, retomando o assunto original com o tom de quem estava meio bêbado ou simplesmente adorava teorias da conspiração. — Vocês sabem… *iluminati*, sociedades secretas, esse tipo de coisa.

O Dr. Henrique Sampaio inclinou a taça de vinho, deixando o líquido rubro refletir-se em seus olhos.

— E não veio endereço onde será realizado o banquete? — perguntou, a voz tão lenta quanto o gotejar de uma torneira defeituosa em algum canto do *Clube République*. Seu dedo indicador desenhou um círculo no ar, como se traçasse o mapa de uma cidade invisível.

— Apenas: "Em algum local onde os temperos antigos ainda falem com as paredes. Os comensais escolhem." — sussurrou Silvério, apertando o guardanapo amassado como se fosse espremer a própria ansiedade.

— Ah, ótimo — resmungou o Dr. Henrique Sampaio. — Viramos episódio de *Scooby-Doo*.

Todos riram, mas havia algo mais profundo naquelas risadas. Era como se estivessem tentando disfarçar o incômodo de saberem que, de alguma forma, aquele convite mexia com eles. Não era só o fato de serem "escolhidos" — isso eles até gostaram, claro. Era o mistério. O peso. A possibilidade de que aquilo pudesse mudar alguma coisa. Ou talvez fosse só um jantar mesmo.

— Se for um banquete reservado, certamente não deveria ocorrer aqui — afirmou o Dr. Henrique Sampaio, retomando a palavra. — Grande parte dos frequentadores deste clube desconhece completamente o que debatemos.

— Concordo plenamente — disse Renan, ajustando a gravata como quem tenta se afirmar diante de uma plateia invisível. — Precisamos de um lugar mais... exclusivo.

Foi Silvério, sempre ele, quem soltou a ideia como quem joga um osso a cachorros famintos:

— E o velho "*Casarão dos Barbosa & Freitas*"? Aquele lugar tem história. E *espaço* para mais histórias...

— É o *Casarão*, boa ideia! — disse Miguel. — O velho "*Casarão dos Barbosa & Freitas*". Onde mais os temperos falam com as paredes? Lá até a mostarda tem memória.

Um silêncio respeitoso pairou. Todos lembravam do velho Barbosa, figura lendária do *Clube*, que desaparecera após a morte da esposa, deixando para trás o

Casarão e um filho peculiar. O herdeiro, um sujeito de trinta e poucos anos, era conhecido por duas coisas: contar histórias tão inventadas que faziam "*Alice no País das Maravilhas"* parecer um relatório contábil, e viver de mesada paterna enquanto "buscava inspiração". O velho Barbosa, por sua vez, doara quase tudo à caridade — gesto que alguns chamavam de nobre, outros de vingança contra o filho.

— O rapaz é... divertido — admitiu Geraldo, num raro momento de opinião. — Na última vez em que o vi, contou que o pai trocara o testamento por um poema *haicai*.

— Sempre gostei da companhia dele. — disse Silvério, recostando na poltrona como quem vai contar um segredo que não é tão grave assim.

— Nos nossos encontros no *"Café Crônica & Memória"*, chega assim... de repente. Tipo um trovão. Dá pra ouvir antes de ver.

— E vem cheio de frase feita, só que ele faz parecer original. Tipo, aquelas coisas que você nunca leu, mas dá a impressão que sempre soube.

Silvério olhou para o teto por um instante, como se tentasse recuperar uma memória fugaz.

— É o tipo de cara que consegue falar sobre decadência como se fosse algo chique. Eu, quando fico triste, fico num canto. Ele fica em pé e vira poema.

Concluiu com um sorriso meio sem graça e levou a taça aos lábios, num ato reflexivo.

O Dr. Henrique Sampaio sorriu de leve — aquele raro sorriso que reservava apenas para os encontros no *"Café Crônica & Memória"*. Ajustou os óculos com dois dedos, num gesto automático, quase inconsciente, e pigarreou levemente antes de falar:

— Confesso que, às vezes, me canso de suas teorias sobre a *República* — sempre comparada a um *soufflé* mal assado: pretensioso, instável e fadado a murchar. — Fez uma pausa breve, deixando que o silêncio carregasse parte do peso da crítica. — Mas há energia naquele caos todo. Quando ele fala, ninguém entende tudo, é verdade. Mas ninguém ousa interromper. É como se a linguagem ganhasse vida própria… e resolvesse dar palestras.

Deixou a frase no ar, olhou para o relógio de parede, como se tentasse convencê-lo de que suas badaladas eram menos harmônicas que os discursos do Barbosa.

— O Barbosa tem isso: ele transforma discussão em espetáculo. E espetáculo em crítica. Às vezes, acho que ele é o único que ainda tenta dizer alguma coisa sem passar pelo filtro do *LinkedIn* acadêmico.

Silvério ergueu a taça, observando o vinho contra a luz da tarde.

— Ele nos lembra por que ainda vale a pena nos reunir. Nem que seja para discutir a irrelevância com estilo.

— E o *Casarão*? Como está? — perguntou Ferreira, retomando a discussão original.

— Intacto. Cheio de salas empoeiradas e segredos mal escondidos. Ideal para um jantar discreto — respondeu Renan, com um sorriso que prometia mais do que vinho barato.

Havia nele uma serenidade suspeita, típica de quem já vira a *República* cair e levantar sem nunca sair da cadeira. Não se podia dizer se era charmoso ou apenas irretocavelmente conveniente. Parecia sempre à beira de um cargo — qualquer cargo —, como um móvel antigo que ninguém tem coragem de jogar fora porque, afinal, ainda combinava com a decoração do ambiente.

A proposta de Silvério ficou no ar por alguns minutos, como se todos estivessem processando a ideia. O *Casarão* era conhecido na cidade, mas não por sua beleza ou grandiosidade. Era famoso pela história, pelo mistério, pelo fato de que, atrás de suas portas pesadas, havia memórias que poucos tinham coragem de explorar.

O *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* foi a escolha unânime.

Para simbolizar esse grande encontro, resolveram batizar o grupo de *Grão-Confraria de la République*, título que soava grandioso o suficiente para disfarçar a falta de propósito.

A escolha do *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* deixou todos satisfeitos — menos o Dr. Henrique, que suspirou:

— Aquele lugar é um arquivo de derrotas. O escritório do Barbosa parece o gabinete de um ministro caído: pilhas de papel, ideias inacabadas e um retrato do pai olhando com pena.

— Ah, mas ele tem *charme* — disse Renan, defendendo o local como se fosse seu próprio legado. — Lá, até as traças são historiadoras.

Miguel, sempre o estrategista, interveio:

— Se vamos fazer do *Casarão* o nosso *santuário gastronômico*, sugiro um menu à altura: um polvo em *confit* — tentáculos que se entrelaçam como emendas secretas, acompanhado de um vinho tão turvo quanto as contas públicas e...

— ...uma sobremesa envenenada — completou o Dr. Henrique, secamente. — Para caso a conversa fique chata.

O grupo riu, mas havia uma tensão subjacente — a mesma que acompanhava todos os planos daqueles homens, cujas carreiras oscilavam entre a relevância e o esquecimento.

Fernando, ocupado em desmontar um canapé como se fosse um inimigo político, levantou um ponto que, claro, os "iluminados" ainda não tinham achado relevante:

— E quem é esse *Cozinheiro*? Alguém da "*Suprema Corte da Verdade"* ou do *Santo Ofício da Gastronomia*?

— Não exatamente — disse Silvério, endireitando-se na poltrona. — Junto com o convite veio uma carta de apresentação. Um tipo de mini currículo do *Cozinheiro*. Está assinada por ele mesmo, com letra de quem já temperou poesia com açafrão. Diz que já passou pelo *Clube République* anos atrás, como chefe de cozinha. E que, depois de uma longa jornada pela França, volta agora com algo mais do que receitas: uma proposta de reencontro.

O Dr. Henrique Sampaio ergueu os olhos da taça de vinho.

— Ele foi para a França?

— Lyon, Paris, Bordeaux... segundo ele, aprendeu com os melhores. Diz que misturou técnicas clássicas com ingredientes esquecidos. Que aprendeu a cozinhar o silêncio, marinar memórias, flambear saudades. E que agora quer nos servir algo "inesquecível". — respondeu Silvério, sem muita convicção.

Renan se recostou na cadeira, cruzando os braços como quem avalia uma proposta estratégica.

— É uma oportunidade de reencontro, então — comentou, com seu habitual otimismo forçado. — Mas o melhor de tudo é que ele mesmo está patrocinando este primeiro banquete. Quer causar impressão.

— Patrocínio do próprio *Cozinheiro*? — retrucou Fernando, desconfiado. — Isso cheira a armadilha. Ou a prato experimental demais. Tipo um *ragù desconstrutivista*.

Ele tinha o hábito de usar palavras difíceis com a naturalidade de quem já

decretou absurdos e sobreviveu para explicar. Um sobrevivente da própria arrogância, um fantasma da juventude política da Cabrália, um souvenir da vaidade nacional em forma de homem.

— Ou talvez — ponderou o Dr. Henrique Sampaio, ajustando os óculos com a precisão de quem organiza pensamentos ou desculpas — apenas tenha algo a provar. Gente que volta da Europa com sotaque no tempero costuma ter fome de aplausos.

Silvério sorriu com ironia.

— Seja como for, sabe cozinhar. E sabe provocar. E isso basta. Nosso banquete será mais do que comida. Será memória. Será teatro. Será... ele.

— Então está decidido — anunciou Renan, batendo a mão com firmeza sobre o console, provocando um tremor que fez o Dr. Henrique Sampaio derramar vinho no colo. — O primeiro banquete da *Grão-Confraria de la République* será no *Casarão*.

Sobre o antigo console do *Clube République*, jaziam taças vazias, um cinzeiro de prata e uma *Constituição* sublinhada em vinho. E entre eles, agora esquecido, repousava um pomposo envelope com um brasão dourado — agora vazio.

∵ ∴ ∵

Enquanto alguns começavam a se levantar, Fernando virou-se para Ferreira com um sorriso irônico, mastigando o último pedaço de canapé como se fosse um resumo comestível da própria existência.

Ele tinha aquela beleza antiga de galã de telenovela esquecida na reprise da madrugada. O rosto esculpido, milimetricamente bronzeado, parecia ter sido encomendado num cartório e maquiado num espelho de gabinete. O cabelo, eternamente disciplinado, denunciava uma vaidade militar: rígido, impenetrável, e aparentemente à prova de moção de repúdio.

— Sabia que sonhei com este jantar ontem? — disse Fernando, erguendo o garfo no ar como se fosse uma espada cerimonial. — Sonhei que íamos todos comer um *soufflé*, mas, no meio da refeição, apodrecia. De repente, se transformava numa gosma verde, pulsante, escorrendo para fora do prato, como se algo lá dentro tentasse escapar.

Ferreira mexeu o nariz com leve desprezo, ajustando a gravata com aquele jeito metódico que só ele tinha. Tinha um porte altivo, quase aristocrático, mas o vocabulário de um debatedor em greve de paciência. Falava como quem espanca a dúvida: frases longas, sílabas afiadas, e pausas dramáticas no lugar onde normalmente viria a diplomacia. Quando calava — o que era raro — o silêncio parecia constrangido, como um assessor sem acesso ao microfone.

— Um *soufflé*? Sério? Sua imaginação é tão limitada quanto seu apetite, meu caro. Se eu fosse você, teria sonhado com algo mais... digamos, ambicioso. Talvez um bife à milanesa servido por um mágico. Ou melhor ainda: um cardápio inteiro escrito em código binário.

Fernando não respondeu de imediato. Ficou olhando para o fundo do copo como se esperasse encontrar ali a resposta para todas as tragédias do século — ou ao menos um gole de alívio. Então, meio para si mesmo, murmurou em inglês, quase imperceptível:

— *"And then there were none..."*

— O que foi isso? — perguntou Ferreira, franzindo o cenho.

— Nada. Só... um livro que terminei ontem. *Agatha Christie*. Um bando de gente

reunida numa ilha, um por um... *puff*. Vão sumindo. Morrem. Misteriosamente.

— Fernando, por favor. Está comparando um jantar no *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* com um thriller britânico? Lá o máximo de suspense é saber se o frango estará mesmo cozido.

— Pode rir. Mas eu sonhei, Ferreira. E não foi só o *soufflé*. Tinha essa mesma sensação. De que alguma coisa estava fora do lugar. Que isso lá iria terminar com cadeiras vazias e discursos interrompidos no meio da frase.

— Um presságio? — Ferreira inclinou-se para frente, olhando para Fernando como se avaliasse sua sanidade mental. — Não seja dramático. Acho que o único perigo vai ser a qualidade da comida, pois não conhecemos a experiência do *Cozinheiro*... Ou aquela farofa que você insiste em chamar de "absorvente universal".

— Ah, claro, porque você entende tanto de culinária quanto de ética pública — retrucou Fernando, cruzando os braços. — Aposto que, se fosse você organizando o banquete, serviria risoto de emendas secretas e chamaria de "arte moderna".

— Risoto de emendas secretas...

Ferreira riu com gosto, como quem degusta uma verdade que todos fingem não entender.

— Eu, pelo menos, temperaria com pimenta de verdade. Para ninguém sair ileso — nem o sistema, nem o cozinheiro.

Os dois riram, mas havia algo forçado no som, como se o humor fosse apenas uma máscara para disfarçar o desconforto crescente. Afinal, ambos sabiam que aquele jantar não seria apenas uma reunião social. Era como se as paredes do *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* já estivessem sussurrando promessas de revelações indigestas.

∵ ∴ ∵

Quando se dispersaram, o *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* já os aguardava, suas janelas sujas piscando como olhos sarcásticos. No escritório desorganizado, o "Escritor" começara a rabiscar — em meio a contas não pagas e convites de editores fantasmas — o "prólogo" do que ele acreditava que viria a ser sua grande *obra-prima*.

— *"O banquete é a última trincheira do homem civilizado"* — escreveu, inspirado. — Ou seria "civilizado*"* demais?

Mal sabia ele que, em poucos dias, aquelas paredes testemunhariam mais do que roteiros ruins. Testemunhariam o início de uma trama onde a comédia e a tragédia se serviriam no mesmo prato — sempre com farofa.

Mas isso, como diria Araújo entre um gole e uma rima involuntária, "é estória para digerir com moderação".

Nota de Cozinha (servida à temperatura da dúvida)

A *"Festa do Bode"*, de *Mario Vargas Llosa*, é o retrato clínico de um poder em putrefação — um banquete derradeiro que fede a perfume caro e sangue ressecado. Assim como *Trujillo* cercava-se de aduladores que confundiam lealdade com instinto de sobrevivência, o *Clube République* abriga seus fósseis vivos: homens que já não governam nada, mas ainda discursam como se o país dependesse do próximo gole de uísque. Lá, o "bode" não é um ditador, mas a vaidade — domesticada, cínica, servida fria com molho de ressentimento e farofa de impunidade.

Enquanto *Llosa* descreve o terror com a precisão de um bisturi, aqui a dominação

vem em porções individuais, acompanhada de vinho barato e silêncio bem temperado. Não há torturas; há convites dourados. Não há complôs armados; há conspirações de *buffet*. O veneno, porém, é o mesmo: o poder que insiste em sobreviver à própria inutilidade. É como se o banquete de *Trujillo* tivesse sido traduzido para uma república de papel timbrado — onde os generais vestem linho, o medo cheira a mofo e a tragédia se disfarça de sobremesa requentada.

Restos do Poder

A Cápsula do Tempo BQ3-2DCB-07B guardaria: um garfo torto “Para Esfaquear Teorias”; um prato rachado “Restos do Poder Servidos em Porções”; e um caderno de anotações “Farofa = Morte (Fórmula Nobel da Hipocrisia)”.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de bandeja em equilíbrio precário, servia discursos com molho de ambiguidade e cheiro de crise requentada.

“O poder se exerce por meio da dominação, não da autoridade.”

Raymundo Faoro, *Os Donos do Poder*

O *“Casarão dos Barbosa & Freitas”* era um monumento à elegância desbotada. Suas paredes brancas, outrora imaculadas, agora ostentavam fissuras quase imperceptíveis, como cicatrizes de um tempo mais opulento.

A sala principal, vasta e solene, estendia-se sob um lustre de cristal que pendia do teto como uma lágrima congelada, seu brilho amortecido por anos de poeira negligenciada. Sua luz, mortiça e amarelada, espalhava-se pelo ambiente como um último suspiro de aconchego. Era uma claridade cansada, que mal alcançava os cantos da sala, tingindo tudo com o tom desbotado de uma fotografia antiga. Tudo ali parecia esperar o fim, mas sem pressa. Como se até a própria luz já soubesse que certas noites não precisam de brilho. Apenas de presença.

Sob os pés, um tapete persa gasto — padrões outrora vibrantes agora esmaecidos pelo uso — cobria o assoalho de madeira enegrecida, onde marcas de móveis arrastados contavam histórias de reuniões passadas. Ao centro, uma mesa longa e desgastada, lascada nas bordas, aguardava os convidados como um leito de tribunal. Na parede ao fundo, um espelho imenso com moldura dourada refletia a sala com fidelidade cruel, capturando não apenas a luz amarelada do lustre, mas também as sombras que se acumulavam nos cantos, como testemunhas silenciosas dos banquetes que ali haviam terminado em murmúrios e garfos abandonados.

A mesa estava posta. Uma cena que, em outras épocas, poderia ter sido exibida como um altar à ordem e ao prestígio, mas que agora parecia mais um tribunal silencioso, onde os réus eram julgados por crimes dos quais nem sequer se lembravam de ter cometido.

Cada detalhe fora meticulosamente planejado, como se a perfeição dos arranjos pudesse preencher o vazio crescente entre os convidados.

Guardanapos de linho antigo, dobrados com uma precisão quase coreográfica,

repousavam sobre pratos que nunca seriam usados para comer de verdade. Talheres de prata — herdados ou adquiridos sob circunstâncias nebulosas — estavam dispostos com uma simetria quase neurótica, como se cada garfo e faca fossem peças de um processo cujo desfecho todos já conheciam, mas que ainda insistiam em julgar. Vinhos das *Terras do Tinto Resiliente* — regiões cujo nome evocava feitiços enológicos a ouvidos que só sabiam conjurar mapas de influência — descansavam em taças que refletiam luz, mas não calor.

Mesmo os convidados vindos daquelas encostas onde os Andes beijam o Pacífico hesitariam antes de erguer suas taças. Sabiam que cada gole não trazia apenas notas de frutas vermelhas e carvalho francês, mas também ecos de ditaduras elegantes, plebiscitos inconclusos e constituições rasgadas à meia-noite. Na Cabrália, assim como nessas faixas estreitas entre montanhas e mar, até o vinho parece murmurar:

> Brindemos hoje, porque amanhã pode ser pior — e não esqueçamos jamais, porque provavelmente vamos repetir tudo de novo.

Tudo ali parecia um espetáculo — ou, para ser mais exato, uma daquelas peças teatrais intermináveis em que ninguém mais sabia ao certo quem era ator, quem era espectador e quem, por engano, entrara achando que era um velório. Representavam papéis escritos por gente que provavelmente já estava morta — ou, se ainda viva, certamente aposentada. Diálogos tão gastos que nem precisavam mais ser decorados: bastava abrir a boca que eles saíam sozinhos, como piadas antigas contadas em festas vazias.

Na cabeceira da mesa, uma cadeira vazia. A famosa cadeira do anfitrião. Ou, para ser absolutamente rigoroso — e é preciso sê-lo aqui —, a ausência dele.

Mas atenção: que fique claro, para o registro, para a posteridade e, se necessário, para os advogados, que o anfitrião mencionado não era o Barbosa. Nem de longe. Nem de perto. Nem com binóculo.

O Barbosa, que tecnicamente detinha a escritura do "*Casarão dos Barbosa & Freitas*", jamais se reconheceu como anfitrião de coisa alguma.

> Aliás, o Barbosa raramente se reconhecia em qualquer papel. Era como um personagem acidental que caiu de paraquedas em um romance e agora precisa fingir que tem relevância narrativa, enquanto o *Autor* tenta decidir se ele é sátira, sintoma ou simplesmente uma insistência sem razão de ser.

Quando perguntado, respondia sempre com aquele misto de desconforto, ironia e café frio:

— Anfitrião, eu? Nem de longe. Eu só forneço o imóvel. E, às vezes, nem isso direito, porque há um problema de encanamento na cozinha que ninguém resolve.

Na verdade, o próprio Barbosa se considerava — e fazia questão de deixar isso bem claro — um mero convidado do banquete que acontecia dentro da própria casa. Um convidado circunstancial. Acidental. Quase clandestino.

Isso porque, segundo uma lógica que só poderia ter sido desenhada num bar às três da manhã — ou num seminário internacional sobre burocracia pública —, ao herdar o imóvel do pai, assinou sem ler a cláusula 17, parágrafo 4º, inciso C, que determinava, com todas as letras miúdas que a tipografia permite:

> A posse do espaço físico não confere, em hipótese alguma, qualquer grau de protagonismo social, simbólico, ético, político ou narrativo sobre os eventos que nele ocorram.

Ou, traduzindo para quem não fala juridiquês: “Recebeu? Parabéns. Agora senta lá e finge que não é com você.”

Portanto, aquela cadeira vazia não era falta de etiqueta, nem atraso, nem falta de quórum. Era conceito. Tese sociológica. Alguns diziam que representava o próprio *Sistema* — esse ente invisível, onipresente e especializado em arruinar expectativas humanas desde a invenção do imposto. Outros murmuravam que ali deveria estar sentado o verdadeiro anfitrião: uma entidade abstrata, inominável, que controla a todos sem jamais mostrar o rosto.

> Era a abstração perfeita. Ou talvez apenas mais uma metáfora cansada disfarçada de profundidade — mas como resistir a uma cadeira vazia? Poucas imagens são tão fotogênicas para simbolizar o poder ausente.

Mas, no fundo — e aqui mora a tragédia —, todos sabiam. A cadeira estava vazia porque ninguém mais tinha coragem de sentar ali. Nem o Barbosa. Especialmente o Barbosa.

E ali estavam eles. Os sete. Sete sombras projetadas contra as paredes brancas de uma sala que parecia encolher a cada minuto, como se sofresse de ansiedade arquitetônica. Antes considerados a elite da *República* — ou da *République*, como insistiam em frisar —, agora não passavam de fragmentos: cacos de um poder que se desfez antes mesmo que percebessem que nunca fora, de fato, poder. Alguns estavam fisicamente presentes, mas suas mentes vagavam por labirintos internos — ou, sejamos honestos, por loops intermináveis de notificações. Outros insistiam em preservar as aparências, como se postar *selfies* sorridentes nas redes sociais bastasse para provar que continuavam, de algum modo, existindo.

E o Barbosa... Barbosa, oficialmente dono do imóvel, mas extraoficialmente hóspede de si mesmo, observava tudo com a mesma distância fria, irônica e ligeiramente ressabiada de quem assiste, em câmera lenta, a um trem descarrilar. Dentro da própria sala de jantar. E seguiam. Porque o espetáculo não tinha roteiro, mas, infelizmente, tinha continuidade.

Silvério, em meio ao silêncio, tirou do bolso uma foto desbotada da filha.

— *“Ela acha que eu salvo o país.”* — sussurrou, sem que ninguém ouvisse.

Guardou a imagem antes que o vinho derramado a manchasse.

— Fernando! — A voz do Dr. Henrique Sampaio atravessou o silêncio como uma ordem judicial mal recebida. Ele se levantou devagar, com o peso de quem carregava não apenas processos, mas também todas as contradições de sua vida pública. — Achei que você tivesse sucumbido... de tédio ou de moralismo excessivo!

Riram. Ou melhor, fingiram que riam. A piada era velha, como todos ali. Como o tapete gasto da sala onde estavam. Como as ilusões que ainda insistiam em cultivar.

Uma explicação breve, talvez desnecessária: chamar Henrique de “Doutor” era uma espécie de ritual coletivo, uma pequena tortura que ele tolerava com a resignação de quem sabe que certas batalhas estão perdidas desde o início. Não era reverência. Nem respeito. Era uma forma de lembrá-lo de que suas tentativas de escapar das amarras que o definiam eram, no fundo, infrutíferas.

— Por favor, só Henrique — dizia, sempre com aquele tom educado de quem escreveu teses sobre *Weber*, mas ainda assim se via tratado como um personagem de farsa.

E todos, claro, respondiam:

— Claro, Doutor.

O Dr. **Henrique Sampaio Furtado de Mello** era uma daquelas raras figuras que pareciam ter nascido dentro de uma biblioteca — e ainda assim, com autoridade para discordar dos livros. Graduado em Ciências Sociais pelo Instituto Universitário da Cabrália — "uma universidade com mais greves do que semanas letivas", como gostava de dizer — e doutor em Sociologia Política pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, onde aprendera a se mover entre teorias e contradições com a mesma elegância com que outros evitavam buracos na calçada.

Professor, ensaísta, consultor de organismos multilaterais e conselheiro de presidentes — e, segundo boatos insistentes, redator secreto de um discurso que emocionou um papa e irritou alguns generais. Entre seus livros mais citados estavam *Meridianos da Cidadania*, *O Estado Invisível* e o epistolar *Cartas de uma Cabrália Possível*, leitura recomendada em concursos públicos mais exigentes e completamente ignorada nos gabinetes do "*Congresso do Povo*".

Havia quem jurasse que ele recusara uma cadeira num tribunal constitucional, alegando preferir cátedras a togas. Outros garantiam que já teria ensinado teoria política até mesmo a um ministro da "*Suprema Corte da Verdade*", embora fosse impossível confirmar se isso era verdade ou apenas uma das lendas criadas durante jantares regados a vinho barato e teorias ainda mais duvidosas.

Mas o título colou. E isso, convenhamos, já era uma forma de progresso na Cabrália — uma república onde, até pouco tempo, qualquer manifestação de conhecimento era tratada como *hobby* exótico, mais ou menos na mesma categoria de quem faz *origami* com contas de luz vencida. Afinal, só na Cabrália alguém pode acumular títulos acadêmicos, prêmios internacionais e verbetes enciclopédicos... e ser menos respeitado do que o funcionário público que atende pelo apelido de "Seu Zé" e carimba documentos com autoridade.

Havia também outra história, essa sim mais difundida — contada em guardanapos e confidenciada entre goles de vinho. Dizia-se que o Dr. Henrique Sampaio teria corrigido a conjugação verbal de um presidente durante um jantar oficial. Desde então, todos os garçons do "*Palácio de la République"* — onde até os talheres vestem fantasia — passaram a chamá-lo de "Professor", enquanto os políticos preferiram manter distância segura e usar o título de "Doutor", como quem evita uma intimação judicial.

Para o Dr. Henrique, o título era um castigo. Um lembrete constante de que, por mais que tentasse, nunca conseguiria fugir do absurdo de sua própria existência.

Ferreira, por outro lado, era teatral em suas reclamações. Apontava para o cardápio como se fosse uma acusação pessoal:

— *Éclat de Garoupa Royale?!* Isso é uma rendição à superficialidade da gastronomia moderna!

Enquanto falava, limpava os dedos com um refinamento que parecia calculado para irritar os demais.

Silvério, sentado à sua frente, sorria. Mastigava e sorria. Era um sorriso que continha séculos de luta e sobrevivência. Vinha de longe. Muito longe. Filho de um lavrador e de uma mulher que nunca aprendera a escrever, conheceu cedo o gosto amargo do chão batido, da graxa de oficina e da fila de emprego. Antes de chegar àquela mesa, passou por tantas outras — de marmita, de sindicato, de campanha — sempre com o mesmo apetite: de comer e de mudar o mundo.

E, por isso, carregava um nome que soava mais como destino: **Luís Silvério Medeiros de Souza**.

Não citava *Weber*, mas entendia o povo com uma clareza que nenhum cientista político jamais igualaria. Quando sorria, era com aquele tipo de sorriso que só quem sobreviveu à fome, à fábrica e à política sabe sustentar sem esforço.

Era alguém que entendia bem do jogo.

Falava como pai dos pobres. Chorava por causas que não eram suas. Distribuía abraços e promessas em bairros que só conhecia de passagem protocolar — e, horas depois, já no quarto de um hotel cinco estrelas, abria, sem nenhum constrangimento, uma garrafa de vinho cujo preço ultrapassava o salário de qualquer operário e provava apenas meia taça, sob o pretexto cínico de que "não estava bom". Como se o gosto da justiça social fosse compatível com o paladar do luxo.

Mas ele era humano. E, por isso mesmo, falhava.

Geraldo permanecia imóvel. Se não fosse o vapor subindo da sopa, poder-se-ia jurar que estava ali apenas para completar o cenário. Mas havia algo de enigmático em seu comportamento. Um silêncio que, de tão cordial, parecia esconder um grito engarrafado. Ele olhava a sopa e lembrava da infância no interior, quando a mãe lhe dizia:

— "Comida fria é como promessa de político: enche a barriga, mas não a alma."

Agora, servia sopas quentes a homens frios.

Renan chegou tarde, como sempre. Pediu desculpas pela própria existência, e pareceu sinceramente pesaroso por isso.

O jantar, como sempre, era impecável. E mortal. Desde que o *Cozinheiro* — uma figura misteriosa, cujo nome e origens eram tão obscuros quanto os orçamentos que financiavam as reuniões — assumiu a cozinha, cada refeição parecia vir acompanhada de um risco considerável de fatalidade.

Na última ceia, Miguel desapareceu. Uma garfada, um silêncio — e fim. Uns disseram que foi ironia do destino. Outros, que eram os deuses tripudiando os excessos da elite. Os mais cínicos juraram tratar-se de um enigma proposital.

— Dizem que o próximo a cair é sempre o que ainda acha que está no controle... — murmurou Geraldo, com a serenidade de quem comenta a previsão do tempo. Ele era assim. Falava como quem passa manteiga nas palavras antes de servir. Era o tipo de sujeito que, numa rebelião, aparece de colete reflexivo e pergunta, com educação, onde é que fica a fila da mediação.

O silêncio que se seguiu foi peculiar. Não era o de uma biblioteca ou de uma igreja. Era o silêncio dos ex-mandatários — daqueles que sabiam ter chegado ao último capítulo e temiam ser lembrados apenas como notas de rodapé de uma história escrita por outros. Cada rosto à mesa parecia inchado — de poder, de culpa e, claro, de colesterol. Nenhum ali era inocente. Nem quem sempre foi mais plateia do que protagonista do espetáculo.

Mas o mais curioso é que todos ainda estavam famintos.

Teoria Social da Farofa

“Tudo o que era diretamente vivido afastou-se numa representação.”

Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo*

Fernando estava especialmente ruidoso naquela noite. Não era um barulho que enchesse a sala de alegria, mas algo mais opressivo, como se ele tentasse preencher um vazio que ninguém mais percebia — ou fingia não perceber. Sua risada ecoava pela sala, ricocheteando nas paredes como pedras lançadas por mãos trêmulas. Era uma risada que não encontrava ressonância em nada, apenas voltava para ele, multiplicada pela solidão.

— A verdade é que a culpa é da farofa! — declarou Fernando, com a autoridade absurda de quem já ocupou posições altas demais para ser compreendido e baixas demais para ser relevante. Seus dedos moviam-se em círculos discretos, como se desenhassem uma explicação invisível que só ele podia ver.

O silêncio envolveu a sala como uma névoa pesada. Não era incômodo, mas uma ameaça suspensa sobre todos, como a lâmina de uma guilhotina prestes a cair. Um silêncio que parecia surgir de dentro de cada um, como se todos soubessem que aquela frase continha mais do que palavras — era a confissão involuntária de alguém que passara a vida tentando dar sentido ao que nunca tivera significado algum. Ela — absurda na aparência — continha, no fundo, a verdade mais trágica e incontornável de suas vidas: que tudo fora uma sucessão de significados vazios, e a culpa, se é que existia, era tão arbitrária quanto um acompanhamento de farofa.

— Explica isso, Fernando — pediu Silvério, afrouxando o cinto com um gesto lento, como quem prepara o corpo para um desfecho inevitável. Havia algo em sua postura que lembrava um prisioneiro aguardando a sentença final: resignado, mas ainda com fome. A voz, mesmo quando sussurrava, parecia estar num palanque. Tinha nas mãos — calejadas, vivas — uma habilidade de tocar o ombro do outro no ponto exato entre o afeto e a persuasão. O dedo em riste, sempre pronto, fazia pausas teatrais no ar, como maestro de sindicato. Um homem talhado por décadas de fábrica e discurso, de greves e campanhas, cuja presença preenchia a sala antes mesmo de cruzar a porta.

Fernando limpou os lábios com um guardanapo que, como tudo ali, parecia herdado de outra época. Era de linho antigo, espesso e ainda firme, com pequenos bordados já esmaecidos nas bordas — mas conservado com uma dignidade teimosa, como se recusasse a desaparecer junto com os homens que um dia o usaram. Ele começou a falar com a segurança de quem recita uma fórmula mágica aprendida em sonhos:

— É estatística, meus caros! A cada morte, houve farofa. Miguel? Farofa. Araújo? Farofa também — bom, na primeira parada cardíaca dele, que foi mais um *trailer* do que o filme completo... — e fez um gesto circular com o garfo, como se traçasse símbolos invisíveis no ar, tentando provar que o acaso era, na verdade, um padrão.

— Essa teoria é tão velha quanto as discussões que nunca chegam a lugar algum — retrucou Ferreira, com uma acidez que parecia corroer até o próprio ar. Sua voz era um veneno, mas um veneno refinado, servido em taças de cristal *Swarovski*. — A farofa sempre foi o *Cavalo de Troia* de um certo tipo de visão simplista e populista!

— E o que você sugere, Ferreira? Purê de mandioquinha trufado, com um toque de "justiça social"? — ironizou Silvério, com aquele sorriso experiente de quem já viu muito discurso virar caldo ralo. Era um sorriso que parecia dizer: no fim das contas, todos esses debates terminam reduzidos a migalhas — mastigadas e engolidas pela rotina indigesta do poder.

Ferreira não respondeu de imediato. Limitou-se a apoiar o garfo com uma precisão quase cerimonial na borda do prato, como se separasse o ruído da substância — ou talvez apenas retardasse o inevitável. Não era difícil perceber que ele não tinha a menor intenção de entrar no jogo de provocações de Silvério. Ou talvez considerasse a pergunta indigna de sua atenção, como um insulto velado à sua formação política.

Então, num gesto que era ao mesmo tempo evasivo e teatral, desviou solenemente do tema, como era de seu feitio, para lançar uma sentença retórica, entoada com a gravidade de quem se dirige à História:

— A reação não me surpreende — disse, calmo, quase compassivo. — A elite intelectual cabralina tem o hábito de se autodeclarar crítica, mas não suporta ser questionada. Julga-se dona da verdade, mas ofende-se quando alguém ousa duvidar de sua autoridade.

Sua declaração pairou no ar, abrupta e definitiva, como uma lápide assentada sobre um túmulo recém-fechado.

Mas havia algo de ensaiado naquele tom, uma cadência muito bem ajustada para ser espontânea. Era evidente que ele já dissera aquilo antes — talvez diante do espelho, talvez em outro jantar, outra plateia, outro vinho. O importante era o efeito: soar profundo, mesmo quando aplicado fora de contexto, como um remédio vendido sem receita nem doença. Para Ferreira, não importava se a crítica cabia: bastava que soasse bem no *highlight* do dia seguinte.

Para ele, a travessia conceitual entre a farofa, o *Cavalo de Troia*, o purê de mandioquinha e a *Elite Intelectual* — essa entidade fantasmagórica com pretensões de tutora da verdade — não precisava seguir qualquer coerência linear. Ele não enxergava contradição alguma em começar com uma tigela de acompanhamentos e terminar com uma crítica à elite intelectual cabralina. A conexão, se é que existia, era espiritual, talvez até estética. A lógica era irrelevante, um mero detalhe burguês. Que o ouvinte estabelecesse o nexo que melhor lhe conviesse. O importante era a iluminação súbita, o clarão filosófico que deveria emergir daquilo tudo, mesmo que o fósforo tivesse sido riscado na cozinha. Ferreira não explicava — anunciava. O caminho era aleatório; a mensagem, definitiva.

Renan estava estranhamente contido. Silencioso, acompanhava tudo com olhos atentos — porém ausentes — como quem assiste, impassível, a um julgamento cujo veredicto já foi decidido. Era o tipo de homem que encontrava no caos alheio a oportunidade perfeita para arquitetar, em silêncio, seus próprios movimentos.

Sempre à sombra, nunca à vista.

O Dr. Henrique Sampaio — sempre ele, o filósofo involuntário, o eterno observador — mantinha-se imóvel, como uma estátua esculpida em mármore frio. Seu olhar clínico parecia dissecar cada gesto, cada palavra, transformando a cena inteira em um caso de estudo sobre a decadência humana.

O prato principal chegou: garoupa em crosta de sal. Sua carne branca e firme, entremeada por espinhas largas e traiçoeiras, parecia inofensiva — como tudo que mata devagar. O molho espesso, uma redução de vinho e ervas amargas, escorria sobre o peixe como um segredo mal guardado.

O aroma era magnífico, mas pairava sobre ele uma sombra tênue, quase imperceptível — como o fantasma de escândalos que nunca foram oficialmente sepultados.

— Divino — murmurou Geraldo, com uma reverência que soava mais como medo do que admiração. Era seu jeito de participar: elogiar e permanecer. Uma forma de evitar perguntas que ninguém tinha coragem de fazer. Chamavam-no de "centrista". Como se centro fosse um lugar onde se decide alguma coisa — e não um ponto morto entre dois abismos.

De repente, surgiu uma pergunta que, à primeira vista, ninguém conseguiu compreender, pois parecia incompleta e destituída de sentido.

— E o *Cozinheiro*? — perguntou Ferreira, com um tom que misturava curiosidade genuína e uma ponta de paranoia. Suas palavras pairaram no ar como uma acusação tácita.

O silêncio foi imediato. Não o silêncio nervoso de quem tem algo a esconder, mas o silêncio institucional, aquele que surge antes de decisões irreversíveis. Foi como se todos tivessem sido avisados, ao mesmo tempo, de que o jogo estava prestes a terminar.

Ninguém sabia. Ou fingia não saber. O *Cozinheiro* era uma figura enigmática, envolta em mistério como um personagem de peça teatral cujas falas tivessem sido apagadas. Aparecia sempre trajando o mesmo avental branco, os olhos fundos por trás de óculos de armação fina, e carregava consigo aquele leve cheiro de bastidores — algo entre suor frio, papel velho e decisão adiada.

Alguns diziam que era um ex-assessor de alto escalão, banido depois de um escândalo. Outros acreditavam que era o espírito de uma era passada, materializado em forma humana para assombrar os vivos. Havia até quem sugerisse, em murmúrios conspiratórios, que ele fosse uma entidade abstrata, um algoritmo projetado para eliminar os obsoletos com eficiência implacável.

Enquanto isso, Fernando continuava a se servir. A gula era sua única constante, sua única verdade. Entre garfadas, soltou uma última frase:

— Se eu for o próximo, quero meu nome eternizado em um monumento... e meu fígado sendo investigado em uma comissão parlamentar.

Fingiram rir — daquele jeito mecânico, quase protocolar. Já não sabiam mais se estavam zombando de Fernando ou tentando desviar o olhar do inevitável.

Foi então que Silvério engasgou. Não com uma ideia revolucionária ou um princípio ético, o que seria compreensível em se tratando de nossa era — mas com um naco de *garoupa*. Paralisou-se, como se, entre um gole de vinho medíocre e uma garfada de carne nobre, tivesse avistado a verdade última do universo... ou a morte, o que para alguns é a mesma coisa. Os olhos saltaram-lhe do rosto, não como janelas da alma, mas como alarmes de um corpo burguês em estado de alerta.

Geraldo, cuja experiência com emergências se resumia a "maratonar" *Grey's Anatomy* enquanto afogava sua monotonia em taças de vinho de segunda, aplicou três tapinhas hesitantes nas costas de Silvério — leves, simbólicos e, ao que tudo indicava, completamente inúteis. Talvez esperasse que, com o terceiro tapa, o homem cuspisse não apenas a espinha, mas também os pecados da semana.

— Respira, Silvério! — disse Geraldo, mais por convenção do que por convicção.

— Estou tentando, meu caro, mas parece que o peixe trouxe lembranças da infância — respondeu Silvério entre tosses, com o tom de quem recita versos de um epitáfio prematuro.

E foi então que, com um esforço hercúleo e algo dramático, engoliu em seco. A sala suspirou. O mundo continuou girando. Silvério, por sua vez, retomou a verticalidade da vida e o uso da fala.

— Era só uma espinha do peixe. Não morro hoje, meus amigos — anunciou com solenidade, como quem adia a própria extinção por razões administrativas.

Houve uma pausa. Daquelas cheias de significados possíveis: alívio, compaixão… e, para alguns, talvez um leve desapontamento. Afinal, há sempre quem veja num engasgo a promessa de uma vaga no testamento.

Mas a questão persistia, latejante como uma espinha mal removida: como poderia o experiente Silvério engasgar-se com uma garoupa? Falta de atenção à mesa? Ou um descuido imperdoável dos que caminham impunes pela vida?

O Dr. Henrique Sampaio, que até então observava a cena em silêncio, deixou escapar entre um gole de vinho e outro — como se tivesse lido a dúvida que pairava no ar:

— Talvez o velho pecado da soberba. Até o mais esperto dos gatos se engasga com a espinha quando acha que o peixe já vem desfiado pela bondade divina.

Risos contidos. Silêncios pesados. O jantar prosseguiu, como sempre, com um brinde ao imortal e à digestão — essa sim, bem-vinda em qualquer ocasião, ao contrário das ideias políticas.

∵ ∴ ∵

A hora da sobremesa finalmente chegou. Diferente do restante da noite, essa era a única etapa que não gerava debates acalorados — apenas hesitação pairava no ar.

Foi então que o *Cozinheiro* e a *Maître d'Banquet* surgiram juntos — como se fossem personagens de um ritual antigo, guardiões da última etapa. Em um silêncio coreografado, depositaram as sobremesas diante de cada comensal: pequenas esferas escuras, perfeitas, quase ameaçadoras.

No centro da mesa, deixaram algumas porções adicionais — para aqueles que desejassem repetir. Cada colher foi disposta com precisão, como se carregasse um peso simbólico. Cada gesto parecia selar uma sentença implícita. Havia algo profundamente ritualístico naquela cena, como se a sobremesa não fosse apenas um prato, mas uma mensagem carregada de significados ocultos.

Ninguém perguntou o que era. Todos apenas observaram, como se as esferas pudessem, a qualquer momento, se abrir em revelação ou sentença.

Então a primeira colher quebrou a casca. Foi Silvério.

E o vapor escapou. Aromas doces e ácidos se misturaram no ar com uma violência gentil, quase infantil, como a lembrança de um segredo mal contado.

Dentro, frutas exóticas em cubos quase irreais, umidade brilhante, contrastes de

temperatura e cor, como se o verão tivesse sido servido em uma concha de inverno.

Silvério segurou a colher por longos segundos antes de provar. Tempo suficiente para um filósofo existencialista justificar, com lágrimas nos olhos, que só estava tentando pedir um café.

Ferreira, ao contrário, atacou com a naturalidade cínica de quem já desistiu de significado — e optou pelo sabor.

— Nada como adoçar os crimes com chocolate e imaginação — murmurou, enquanto degustava.

Fernando, sempre o faminto, foi o primeiro a repetir. Três colheres depois, seus olhos piscaram em falso.

Caiu da cadeira. Sem alarde. Sem discursos. O som da colher no chão foi seco, definitivo.

E ninguém perguntou se estava tudo bem. Porque todos já sabiam.

∵ ∴ ∵

Os médicos diagnosticaram a morte como um AVC fulminante, uma dessas surpresas que ninguém espera, mas que chegam sem aviso. Foi rápido, quase indolor, ao que disseram. No entanto, o som da colher caindo ainda ecoava como um enigma incompreensível. Era o som de algo que nunca teve tempo de decidir ou entender até o fim.

Nota de Cozinha (adicione ao seu gosto — mas não fotografe)

Se *Guy Debord* tivesse sido convidado para um banquete no *"Casarão dos Barbosa & Freitas"*, teria pedido o cardápio antes de se acomodar — não por fome, mas por cautela existencial. Entre um gole e outro de vinho morno, anotaria que ali a *"Sociedade do Espetáculo"* atingira seu clímax: o grande teatro da decadência, servido em porcelana fina. Afinal, nada é mais contemporâneo do que morrer encenando a própria relevância — e ainda por cima com uma colher na mão.

No palco do poder cabralino, todos são atores de uma farsa gastronômica. Fernando não morreu engasgado — morreu mal interpretado. Como bem disse *Debord*: *"Tudo o que era diretamente vivido afastou-se numa representação."* Ou, no caso cabralino, numa degustação coletiva do vazio.

A noite terminou — não com aplausos, mas com pequenas tragédias acomodadas entre talheres e olhares cansados. Como a vida, como a literatura, como tudo que importa: imperfeito, inexplicável e deliciosamente absurdo. E foi exatamente isso que todos fingiram ter entendido.

O Garfo e a Culpa

“Se queremos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude.”

Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *O Leopardo*

Fernando jazia no chão como um móvel fora de lugar — inútil, mas impossível de ignorar. O colarinho, manchado de sobremesa, exibia uma ironia açucarada: um toque final de doçura indigesta, como se até a sobremesa zombasse do desfecho.

Os olhos revirados lembravam algo entre o desequilíbrio de uma balança pública e o desespero de quem percebe que nunca houve justiça para distribuir. A boca entreaberta, por sua vez, era um portal ambíguo: meio gula insaciável, meio sarcasmo inútil.

Por alguns segundos, ninguém se moveu. Nenhuma colher tilintou, nenhum suspiro escapou. Era como se todos esperassem que Fernando levantasse, ajustasse o paletó e dissesse algo espirituoso sobre o incidente. Mas ele não se levantou. E o silêncio que se seguiu não foi de surpresa, mas de confirmação. Como se aquilo fosse inevitável desde o início.

— Alguém chame uma ambulância — sugeriu Geraldo, com o tom burocrático de quem pede um relatório sobre algo que já sabe estar perdido. Sua voz era neutra, quase indiferente, como se o pedido fosse apenas uma formalidade sem propósito real. Era o tipo de homem que, diante de um desastre, se preocupava em assinar o documento certo. Não por maldade, mas por costume. Afinal, gestos sem consequência eram os únicos com que se sentia à vontade.

— Não vai dar tempo — murmurou Renan, já posicionando os dedos no pulso de Fernando com a precisão de quem está acostumado a lidar com mortes simbólicas antes de enfrentar as reais. Havia algo em sua expressão que sugeria que ele já havia visto isso muitas vezes antes, embora nunca tão literalmente.

Ali estava Fernando: um homem que outrora ocupara cargos importantes, agora reduzido a uma massa inerte sobre o tapete persa da sala de jantar. Um tapete cujo preço provavelmente superava o orçamento de muitos projetos que ele havia aprovado ou ignorado ao longo de sua carreira.

— A farofa… — sussurrou Silvério, como quem invoca um antigo fantasma familiar. Sua voz era quase reverencial, como se a farofa fosse tanto culpada quanto testemunha de tudo.

— Não foi a farofa — rebateu o Dr. Henrique Sampaio, sua voz cortante como uma faca enferrujada. — Foi a sobremesa.

Silêncio. Não o habitual — cheio de pequenos ruídos abafados e movimentos furtivos —, mas um silêncio contido: como o de uma sala onde acabaram de desligar

um aparelho cujo zumbido ninguém notara até cessar.

O Dr. Henrique Sampaio observou, com curiosidade clínica, o silêncio que pousara sobre a mesa após sua intervenção. Lembrou-se então de um velho aforismo cabralino que lhe parecia definir aquela cena — e talvez a própria Cabrália: *"O silêncio é o que se faz para evitar o espelho. O espelho é o que sobra quando o silêncio falha."*

Ali, naquele momento, o silêncio era quase perfeito.

Restava saber qual espelho, cedo ou tarde, iria sobrar.

Não foram necessários mais que vinte segundos.

— Então é isso... — disse Ferreira, levantando-se com a solenidade de quem anuncia um veredito definitivo. — O *Cozinheiro* está nos matando. Um por um. Com pratos assinados e doses precisas de homicídio à *la carte*.

— Você fala como se fosse surpresa, Ferreira — respondeu Renan, com a frieza de quem já assinara sua própria sentença em papel reciclado.

— Este *sistema* faz isso com todos nós. Só que agora… vem com redução de vinho.

Ele dobrou o guardanapo com cuidado e sorriu — como quem degusta algo amargo. Em seguida, prosseguiu:

— E um toque de corrupção bem temperada. Nada de escândalos. Nada de condenações. Apenas doses leves, servidas com discurso e borda de pão fresco.

— É como um prato que ninguém pediu, mas todos provaram — completou Silvério, quase como uma confissão, mexendo os dedos na mesa como quem ajusta um protocolo invisível.

— E por isso — disse Renan, em tom baixo — ninguém reclama. Porque reclamar seria admitir que a gente escolheu o cardápio.

— Mas isso foi um acidente na Cabrália... — retrucou Geraldo, sem muita convicção. — ...e nós também somos vítimas.

Ferreira ajustou o paletó com impaciência, como quem tenta vestir a civilização inteira no próprio corpo. Olhou para os outros com o desprezo de quem já lera todos os livros — inclusive os que ainda não foram escritos — e falou, como se o mundo estivesse atrasado para sua própria ruína:

— Meus caros, vamos parar de romantizar a tragédia institucional. A verdade é que a corrupção não é um acidente na Cabrália. É uma herança bastarda. E ninguém nesta sala é vítima.

— *"A corrupção deixou de ser crime para virar espetáculo. E como todo espetáculo, tem estrelas, vilões e plateia."* — declarou Ferreira, como se estivesse em uma entrevista transmitida em rede nacional.

> Ele era a encarnação do paradoxo cabralino: culto e colérico, cativante e inflamável, apaixonado por utopias e impaciente com quem ainda não leu todas as entrelinhas da Constituição. Um *Don Quixote* com pós-graduação em *Harvard* e assinatura do *The New York Times*.

Fez uma pausa, não por humildade, mas como quem oferece à plateia uma oportunidade de digerir sua superioridade. E, agora, olhando fixamente para Silvério, continuou:

— E nós? Ah, nós... somos as estrelas. Os que encenam em câmera lenta, brindam à ética com taças sujas e batizam tragédias com discursos de ocasião — disse, com certo prazer cruel. — Depois, ainda encaramos o espelho à procura de heróis… e só

encontramos editores de notas de rodapé da decadência.

O silêncio era completo. A tensão na sala não vinha do medo. Vinha da constatação. Era aquele tipo de tensão que persiste quando o poder já se foi, mas o cargo ainda permanece — vazio e opressor.

Restavam seis. E todos sabiam disso. Cada um mastigava sua própria irrelevância e seus próprios pecados, como se tentasse engolir algo que jamais conseguiria digerir.

Foi então que Geraldo, o espectro das velhas instituições, quebrou o silêncio, e propôs:

— Sugiro que votemos. Quem quiser continuar jantando com o *Cozinheiro*, levante a mão.

Ninguém levantou. Nem por reflexo. Exceto Silvério. Devagar. Como quem sabe que, nesses ambientes, levantar a mão é menos arriscado do que baixar a cabeça.

— Prefiro morrer com gosto... — disse, com a elegância melancólica de quem declama um epitáfio em versos incompletos. — Do que viver à base de ração e mágoas recicladas.

A voz de Silvério era baixa, quase inaudível, como se cada palavra fosse parte de uma oração que ninguém precisava ouvir.

— O que passou, passou.

Fez uma pausa, como quem degusta a própria frase.

— E o que ficou... — continuou, olhando ao redor — ...é só farinha do mesmo saco. Aqui, ninguém é inocente!

Ferreira virou-se para o Dr. Henrique Sampaio, cujo rosto parecia esculpido na paciência de quem já vira demais. Seus olhos brilhavam como brasas que ainda tinham calor, mesmo debaixo da cinza acumulada.

— E você, Dr. Henrique? Ainda se acha acima disso tudo?

— Não — respondeu, limpando um respingo de sobremesa do paletó com gestos automáticos. — Mas sempre fui bom em digerir o absurdo. E, principalmente, em fugir dos temperos errados.

Silêncio novamente. Aquele silêncio sufocante, que pairava como uma nuvem de gás tóxico, pressagiando algo que ninguém queria nomear.

Fernando não seria velado, nem homenageado, nem sequer citado. Sumiria da história como sumira da pauta do dia. Morto, mas discretamente. Como se nunca tivesse sido útil — apenas arrogante.

Dois auxiliares de Renan — figuras anônimas que surgiam em todas as comissões de investigação sem jamais dar entrevistas — removeram o corpo com a eficiência mecânica de quem já percorreu aquele caminho tantas vezes. O destino de Fernando era indiferente; o essencial era que ele desaparecesse da cena sem deixar vestígios.

A mesa foi reorganizada. As taças, recarregadas. A vida institucional, como sempre, seguiu em frente, como um trem fantasma: barulhento, repetitivo, e cheio de sustos previsíveis.

O *Cozinheiro*? Ninguém viu. Mas a faca estava limpa — e afiada.

Nota de Cozinha (temperada com ódio moderado)

O relógio bateu dez vezes. Ninguém se importou. Nem o relógio — atrasado desde o nascimento do Barbosa — nem os convidados, que fingiam que o tempo era uma construção social opcional. Na verdade, todos sabiam: o tempo estava ali, rindo baixinho, enquanto discutiam se o vinho combinava com o apocalipse e se a sobremesa poderia redimir a humanidade inteira.

Quanto ao Fernando? Já não era assunto. Era memória. Um nome que pairava sobre a mesa como o cheiro de um prato que ninguém mais servia — mas que todos ainda sentiam no fundo da garganta.

Prato Frio da Meritocracia

A Cápsula do Tempo BQ4-2DCB-8A guardaria: um diploma plastificado em acrílico fosco — "Doutor Honoris Causa em Discurso Vazio"; uma pasta plástica com anotações manuscritas — "Receita para Crítica Aceitável"; e uma medalha de prata escurecida pelo tempo — "Prêmio Mérito Acadêmico para Quem Não Precisa Provar Nada".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, usando óculos de realidade aumentada e gravata com nó meio desfeito, servia aos convidados discursos temperados com ironia e revestidos de ambiguidade moral, enquanto murmurava: "Banquete de uns, prestígio de outros."

"A meritocracia transforma o sucesso em sinal de virtude moral."

Michael Sandel, *A Ilusão da Meritocracia*

Naquele início de manhã abafada, o Dr. Henrique Sampaio atravessava os corredores da *Universidade da Cabrália* como quem caminha por dentro de um sonho antigo, já repetido demais. Não tinha pressa, nem pausa: andava no ritmo de uma tese. O chão de tábua corrida rangia sob os pés — como se a própria instituição se queixasse de sua longevidade. Os quadros nas paredes, os murais apagados por anúncios de congressos passados, os olhares dispersos dos estudantes distraídos: tudo ali lhe parecia encapsulado num tempo suspenso, como se a universidade fosse um museu em funcionamento.

No âmago reservado daquela universidade secular — onde as pedras são testemunhas silenciosas de séculos e os vitrais filtram a luz com a paciência do tempo — encontra-se um salão exclusivo, destinado a um círculo seleto de mentes eruditas. Ali, sob tetos altíssimos, painéis de carvalho escuro exibem discretamente placas gravadas com nomes e graus acadêmicos. Seus semblantes austeros refletidos nos retratos antigos parecem observar, com misto de orgulho e reserva, os atuais guardiões do saber.

O ritual matinal era solene e sutil: xícaras de porcelana fina fumegavam como notas delicadas de café *Blue Mountain* da Jamaica, exalando aromas que dançavam pelo ar como partituras invisíveis. O tilintar suave dos talheres sobre as pratarias acompanhava o vapor que se erguia em espirais, como se cada gesto desenhasse silêncio e atenção. Nas mesas longas de mogno polido, entre papéis cuidadosamente alinhados, repousavam jornais do dia, anotados à mão. Debatiam-se, com comedimento, as notícias que afetavam as esferas acadêmica e política, além das sutilezas das pesquisas em andamento.

As janelas, altas e arqueadas, emolduradas por cortinas pesadas de veludo bordô, deixavam entrar uma luz filtrada, quase reverente. Um relógio antigo, de ponteiros grossos e cadência serena, marcava o compasso das conversas. Mais que um simples salão, era um templo do saber, onde cada palavra carregava o peso dos séculos de erudição.

O Dr. Henrique Sampaio parou diante da porta, hesitou por um segundo, e entrou. Como de costume, sentou-se à mesa do canto — aquela que dava para a janela, mas também para a realidade que ele fingia encarar. Ficou ali, os dedos batendo levemente no tampo de mogno, observando a entrada principal. Aguardava Silvério e Ferreira, convidados para um café da manhã que prometia debates leves sobre os rumos da academia.

Não demorou. Os dois entraram no meio de uma discussão acalorada, cujo eco reverberou sob as abóbadas como um pássaro estranho dentro daquela gaiola de veludo.

— ...exatamente isso que digo, caro Ferreira! O ensino aqui é uma máquina de triagem social — afirmava Silvério, com voz carregada de convicção, herdada dos tempos de sindicalista. — Os mesmos filtros que deveriam democratizar o saber acabam por cristalizar hierarquias.

— Indubitavelmente! — completou Ferreira, sentando-se com um suspiro contido. — A meritocracia é um mito confortável. Reproduzimos as assimetrias da Cabrália nos nossos critérios de excelência...

O Dr. Henrique observou o dueto com leve divertimento. Havia uma ironia palpável na cena: enquanto denunciavam o sistema de exclusão, ambos se acomodavam com a familiaridade de quem encontrava seu lugar predileto. Silvério aceitou uma xícara de porcelana com gesto automático, os olhos brilhando ao reconhecer o aroma do café especial. Ferreira estendeu o guardanapo de linho sobre o colo com um cuidado cerimonial.

— Vocês tocam no cerne da violência simbólica — interveio o Dr. Henrique, baixo e firme. — *Bourdieu* mostrou como a escola transforma herança cultural em mérito pessoal. Essas pratarias...

Apontou para os talheres de prata com um movimento quase litúrgico:

— ...são instrumentos de distinção tanto quanto nossos diplomas.

Silvério piscou rápido, tentando manter a calma:

— Mas não estaríamos, justamente, denunciando esse mecanismo?

— Com palavras, sim — respondeu o Dr. Henrique, com um sorriso amargo. — Mas nosso *habitus* nos trai. Vejam como se acomodam nesses estofados como herdeiros legítimos. A academia é um campo onde até a crítica precisa ser legitimada pelos dominantes.

Ferreira ajustou a gravata, visivelmente incomodado. Seu rosto era marcado por linhas que não pareciam do tempo, mas da indignação. A testa franzia até em repouso, como se estivesse em eterno desacordo com o mundo. Os olhos, acesos, denunciavam um homem que já brigou com ideias, com aliados e até com o próprio espelho, quando o reflexo não concordava com ele.

— Está sugerindo que nossa presença aqui invalida nosso discurso?

— Não invalida — corrigiu o Dr. Henrique. — Mas expõe a contradição. O capital cultural que nos permite estar nesta sala é o mesmo que exclui o filho do operário. E o mais perverso? Fazemos os excluídos acreditarem que a culpa é da falta de “mérito”.

Um silêncio pesou sobre a mesa enquanto os dois homens processavam a observação. Ferreira olhou ao redor como se visse o salão pela primeira vez — as molduras douradas, os retratos ancestrais, o brilho discreto da prataria — testemunhas mudas de inúmeras ceias que celebraram a exclusão sob forma de elegância. Silvério pousou a xícara com excessiva cautela, como se ela queimasse — como se, por um instante, tivesse sentido o peso de tudo o que bebia há décadas.

Ferreira rompeu o silêncio com uma rispidez calculada, como quem busca escapar do peso das palavras que pairavam no ar. Incapaz de enfrentar diretamente a crítica do Dr. Henrique Sampaio, desviou o foco, recorrendo a uma retórica prática e superficial — um escudo contra o desconforto de ser colocado frente às próprias contradições:

— *"O que está matando o mercado na Cabrália é esse tipo de estupidez ideológica que se vende como ciência boa."*

Fez uma pausa curta e retomou, agora em tom mais contido:

— A gente cria teorias requintadas pra justificar um sistema que já nasceu torto — e ainda se orgulha do rigor metodológico.

O Dr. Henrique sorriu, sem esconder o sarcasmo.

— Curioso — disse, devagar, como quem desembrulha um presente indesejado. — Por outro lado, "o que se vende como ciência é, muitas vezes, apenas ideologia disfarçada de neutralidade."

Tomou um gole de café, como quem oferece tempo para o outro perceber que foi desarmado com cortesia.

— E, ironicamente, é esse mesmo sistema que nos convida a debater sobre ele — servindo café importado e oferecendo prêmios de inovação enquanto empilha cadáveres de teorias recicladas sob os tapetes da tradição.

Para muitos, o Dr. Henrique Sampaio era apenas um acadêmico consagrado — currículo brilhante, livros citados, presenças em painéis internacionais. Para os mais atentos, porém, era um dissidente disfarçado de catedrático. Alguém que conhecia o funcionamento íntimo das engrenagens simbólicas da academia, mas se recusava a tratá-las como naturais. Sua ironia cortava sem deixar sangue.

Ele sabia que o saber ali produzido era regulado por um jogo invisível de forças — o que *Bourdieu* chamaria de *campo* — onde o valor das ideias dependia menos de sua coerência do que da posição de quem as enunciava. Ali, até a rebeldia precisava de chancela. Até a originalidade exigia bibliografia.

Nos seus momentos mais ácidos, o Dr. Henrique Sampaio dizia que o *habitus* acadêmico era como o código de uma realidade simulada.

— Como diria aquele filósofo das camadas ocultas da realidade... — fez uma pausa, como quem invoca um oráculo duvidoso. — ... *Morpheus*: "Não se trata de estar preso. Trata-se de não saber que está. E talvez nem querer descobrir".

O mundo acadêmico reproduzia, com requinte de sofisticação, os mecanismos mais sutis da dominação simbólica: uma ordem em que os próprios dominados legitimavam os critérios de prestígio que os excluíam. Ele via isso nos olhos dos bolsistas que pediam sua orientação, nos sorrisos contidos dos professores adjuntos.

Uma jovem professora, tentando se integrar ao debate, aproximou-se da mesa onde os três estavam:

— Dr. Henrique, o senhor ainda acredita que a universidade pode transformar a realidade?

Ele suspirou. Tomou um gole de água tônica e respondeu:

— Minha cara, a universidade não transforma a realidade. Ela a refina. Traduz a violência em norma, a desigualdade em critério. E faz isso com tanta elegância que todos acreditam estar participando de um jogo justo.

A jovem franziu a testa. Ele completou:

— Mas às vezes, só às vezes, alguém percebe que o jogo é viciado. E nesse instante, por menor que seja, nasce uma fissura. Uma pequena rebelião dentro da simulação.

Outro silêncio. Menos opressivo, mais incômodo.

Ferreira, visivelmente transtornado com o rumo que o debate tomava, afastou a xícara como quem recua diante de um precipício ainda não inteiramente compreendido. Apontou para o jornal aberto sobre a mesa — *"O Alienista da Madrugada"*, edição matinal do dia anterior — tentando desviar o foco, como se aquilo pudesse cicatrizar a ferida que o Dr. Henrique Sampaio acabara de abrir com seu bisturi acadêmico.

— Vejam esta notícia: a comissão propõe rebatizar o "Programa Estrutural de Reconstrução Ética e Social" como "Plano Nacional de Estruturação da **Nova Republik**". Absurdo! Como se renomear fantasmas resolvesse o assombro.

Silvério esfregou o queixo, com um sorriso irônico no canto da boca.

— "Programa Estratégico para Consolidação do Desenvolvimento da **Rèpublika Popular**" seria mais equilibrado — disse, erguendo os olhos como quem lê uma placa de trânsito incompreensível. — Quanto maior a sigla, menor a chance de alguém entender... ou cobrar.

A jovem professora resolveu intervir mais uma vez, hesitante — não pela falta de argumentos, mas pelo excesso de mudança no rumo da conversa. Ainda assim, ingenuamente otimista, achou que havia espaço para uma voz própria.

— Com licença... talvez suprimir a ideia de "*República*" fosse mais moderno? Soa... antigo.

O Dr. Henrique Sampaio ergueu devagar o copo de água tônica, como quem ergue um brinde à resistência. Mirou os presentes com os olhos de quem observa um experimento fracassado. Não disse nada. Só olhou. Como quem vê uma formiga tentando escalar um espelho.

— Houve um tempo, em terras liliputianas — fictícias, porém familiares —, em que os cidadãos se dividiram em duas facções: os *Grandes-Cascudistas* e os *Pequenos-Cascudistas*. Uns defendiam que o ovo devia ser quebrado pela extremidade mais larga; outros, pela mais fina. E disso nasceu uma guerra. Inútil, é claro. Mas longa. Como todas.

Fez uma pausa. O silêncio caiu como vírgula em poema ruim: deslocado, mas inevitável.

— A guerra não era pela comida. Era pelo jeito de quebrar o ovo.

Outra pausa. Menor. Só o bastante para que o desconforto começasse a pingar do teto.

— Uns diziam que era pela ponta. Outros, pela base. Uns chamavam de tradição. Outros, de evolução. Mas o que ninguém admitia é que o ovo é sempre o mesmo. A discussão nunca é sobre o conteúdo. É sobre a casca. Sobre quem tem o direito de decidir como se abre aquilo que, no fundo, todos já sabem que vai escorrer.

Deixou a reflexão reverberar no vácuo do salão. E então, como quem sela a frase com um carimbo de veredicto, concluiu:

— Pois é isso que estamos fazendo aqui: discutir de que lado quebrar o ovo, sem

coragem de perguntar se o ovo já não está podre — ou se, pior, nem sequer existe para todo o mundo.

A jovem professora, agora ligeiramente pálida, balançou a cabeça com um sorriso sem convicção — daqueles que se usa quando alguém cita *Hegel* antes do café. Recuou para o seu canto, devolvendo à sala o equilíbrio tenso das reuniões que fingem não ser absurdas.

O relógio de parede marcou um minuto vazio. Ninguém moveu um dedo — nem Silvério, com seu lenço vermelho meticulosamente à mostra, nem Ferreira, cujo ódio à superficialidade era diretamente proporcional ao tempo que ali perdia.

E assim se instalou mais um silêncio — áspero, ácido e perfeitamente institucional.

— Senhores — disse o Dr. Henrique, levantando-se com um aceno breve. — Peço licença. Lembrei-me de um compromisso inadiável com a realidade.

O sorriso que acompanhou a frase era uma lâmina fina de ironia.

— Continuem desmontando o sistema. O café da manhã está excelente hoje.

Levantou-se, recolheu o caderno intocado — mais um dia sem registrar nada — e dirigiu-se à porta. Era dupla, feita de imbuia escura, revestida por uma fina camada de acrílico fosco, sobreposta a uma placa de metal oxidado onde se lia:

> Acesso autorizado apenas para quem sabe ler entre as linhas.

Ele abriu-a com cuidado — como quem acorda de um sonho cansado — e saiu, de volta à manhã cabralina, em que a luz tímida do sol preguiçosamente lutava contra as nuvens cinzentas do céu, e o mundo parecia sempre prestes a acontecer… mas nunca passava da ameaça.

Caminhava com a leveza de quem nunca correu para pegar ônibus, e com a paciência de quem explica o mundo em código *Morse*. A coluna ereta, mesmo sob o peso de décadas de transições, e o paletó sempre um pouco largo, como se guardasse dentro dele um velho plano de estabilização dobrado em quatro.

Mal a porta se fechou atrás dele, uma transformação sutil ocorreu na mesa. Silvério afundou-se no estofado com um suspiro de alívio, os dedos acariciando a madeira nobre da cadeira como quem reconhece uma propriedade. Ferreira, por sua vez, fez um gesto elegante ao garçom, pedindo “mais deste café extraordinário” com a segurança de quem sabe ser reconhecido.

Era visível como ambos respiravam mais fundo, libertos do microscópio analítico do Dr. Henrique Sampaio.

Silvério — aquele prodígio da ignorância seletiva, cuja destreza no discurso vazio e no improviso político o elevara aos píncaros do título de *Doutor Honoris Causa*, conquistado não por méritos acadêmicos, mas por uma trajetória política repleta de discursos vazios e alianças bem-sucedidas — relaxava como um cardeal em seu trono.

O título, recebido sem jamais ter cruzado a fronteira do alfabetismo funcional, brilhava invisível em seu peito como uma medalha imaginária, porém eficaz.

— “Eu não tenho diploma universitário, mas tenho diploma de doutor na vida” — costumava dizer, com o tom confiante de quem já lavou muitos pratos... e viu muitos pratos sujos virarem teoria.

Ferreira, enquanto isso, ajustava novamente a gravata, gesto que denunciava sua consciência de estar sendo observado. O homem do curso executivo em *Harvard* — não um mestrado, não um doutorado, mas um certificado com brasão dourado que

lhe conferia autoridade performática — sorvia o café com o ar de quem degustava não a bebida, mas o próprio status. Sua autoestima transatlântica adaptava-se perfeitamente àquele ambiente, onde podia exercitar seu talento para "dizer de forma que ninguém entendesse completamente", algo essencial a todo tecnocrata ilustrado.

Para muitos, estavam ali sentados dois acadêmicos consagrados.

Para os mais atentos, porém…

Ali estavam dois sobreviventes do sistema que tanto criticavam — e que, no entanto, se locupletavam com suas benesses. Eles falavam contra as regras enquanto sentavam nos lugares marcados por elas.

Crítica na boca. Privilégio no bolso.

Nota de Cozinha (pode causar reflexões tardias)

Ao fechar a porta, o Dr. Henrique sentiu aquele frio familiar na nuca — o mesmo que precede um desastre ou um elogio bem ensaiado. Ninguém percebeu, mas a história ainda não havia terminado. Talvez nunca termine. As melhores histórias são assim: insone, teimosa, recusam-se a aceitar o ponto final. Ficam rondando os corredores, esperando que alguém as deixe entrar de novo — como gatos literários, famintos por mais um capítulo, ou, no mínimo, por um *like*.

Era impossível, para alguém como ele, não lembrar de *Sandel*. Afinal, fora *Sandel* quem desmontara, com precisão cirúrgica, a ilusão de que o sucesso nasce do mérito. Na Cabrália, porém, essa ilusão era servida gelada — com molho de "você pode tudo se quiser" e pão de queijo amassado com privilégio familiar. O prato era frio porque o forno da justiça social nunca foi ligado. E os convidados, todos doutores em fingimento, mastigavam devagar, como se o silêncio pudesse abafar o gosto amargo da hipocrisia..

Novíssimo Homem de Bem

A Cápsula do Tempo BQ4-2DCB-08B guardaria: um *banner* digital de protesto congelado no meio do "*404 Not Found*"; um certificado de vacina falsificado em papel almaço e uma faixa presidencial feita de *prints* de *tweets* apagados.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, exausto de pisotear institutos de pesquisa e verdades inconvenientes, dormitava sobre uma Constituição usada como capacho.

"Acabamos por amar o que nos escraviza."

Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*

A campainha tocou com a sutileza de um golpe inesperado — e o mesmo peso simbólico: "cheguei, sem ser chamado".

Foi um som breve, mas carregado, como se o próprio abismo tivesse decidido usar os recursos da tecnologia moderna para anunciar sua presença. Os olhares na sala se cruzaram, tensos e desconfiados, como numa reunião em que se descobre que o líder da mesa já não compartilha dos mesmos princípios do grupo. Não era surpresa alguém ter chegado à porta sem tocar o interfone do portão — afinal, sempre ficava aberto nos dias de banquete. A surpresa era outra: ninguém mais era esperado. Todos os convidados já tinham chegado.

Aqueles jantares eram eventos herméticos, fechados como conclaves secretos, mas com a discrição de quem se esconde até mesmo das sombras. Exclusivos. Inevitáveis, sim — mas pontualmente organizados com a precisão de quem apaga rastros antes que eles possam ser traçados.

Renan levantou-se para abrir a porta. Naturalmente. Ele era o único capaz de receber más notícias com a compostura de quem ainda está em plena campanha eleitoral, distribuindo sorrisos ensaiados enquanto planeja a próxima jogada. Caminhava com a leveza de quem já escapou de mais inquéritos do que tropeços. Vestia-se com sobriedade — terno bem passado e intenções mal passadas.

Na soleira da porta, surgiu ele: um espécime recém-saído das engrenagens da nova ordem social, polido e ajustado como um produto acabado — sem falhas, sem dúvidas, sem história. Terno *slim fit*, cabelo disciplinado com a rigidez de um aprendiz de consultoria estratégica, e um sorriso que parecia acreditar piamente que gráficos de pizza ainda são as ferramentas decisivas no debate público.

Na mão direita, trazia uma garrafa de vinho de supermercado, importado de um país distante cujo nome soava vagamente exótico. Na esquerda, o livro *A Sutil Arte de*

*Ligar o F*da-se* com capa fosca e posfácio assinado por uma mente controversa, como se trouxesse consigo sua própria liturgia.

— Boa noite! — disse, com uma dicção tão impecável que imediatamente provocou uma sensação de desconforto coletivo, como se o ar na sala tivesse sido contaminado por algo invisível, mas opressor.

— Sou Gabriel Ventura. *Congressista Nacional*. Primeiro mandato. Disseram-me que este era o encontro dos grandes nomes da política!

Silêncio. Um silêncio denso, quase palpável, como uma cortina pesada que se fecha sobre um palco vazio — um silêncio que precede julgamentos inevitáveis.

Silvério coçou a barba, como quem busca refúgio em seus próprios pensamentos. Ferreira franziu a testa, um gesto que nele equivalia a uma moção de repúdio oficial. Geraldo, com seu olhar crítico, pareceu avaliar se o jovem era vacinado contra ideologias — ou ao menos contra o uso excessivo de apresentações de slides.

— E quem te convidou? — perguntou Renan, com um tom que sugeria que ele já conhecia a resposta. Uma resposta que cheirava a marketing barato e manipulação bem ensaiada.

— O *Cozinheiro*! — respondeu o jovem *Congressista*, triunfante, como se aquilo fosse uma justificativa irrefutável. — Disse que era hora de renovar os quadros. Que vocês estavam... como ele disse? "Passados." Desejava dar uma chance à nova esquerda moderna.

Renan contraiu levemente o cenho, como quem ouve uma melodia desafinada, mas aceita o incômodo com resignação.

— Bem-vindo — disse, com a mesma convicção de quem recebe uma intimação judicial por mensagem de texto.

Gabriel entrou como se fosse esperado. Sentou-se como quem ocupa um cargo vitalício. Serviu-se do vinho como quem jamais questiona a origem das coisas. E começou a falar.

— Porque hoje o mundo precisa de gestão, resultados, metas claras! O bom político é o gestor! Eu fui eleito com votos legítimos, sem subterfúgios partidários! No meu gabinete não tem café — tem planilhas!

Seu entusiasmo era tão contagiante quanto uma epidemia de conformismo.

— E você pretende jantar conosco? — perguntou Ferreira, com aquele tom que misturava desprezo e nostalgia por uma era de bom gosto.

— Claro! Adoro vitela! E me disseram que tem uma farofa especial, né?

Um breve silêncio se instalou, seguido por uma hesitação quase imperceptível. Como ele sabia que o prato principal era vitela? O cardápio ainda não havia sido anunciado. Ninguém sequer mencionara o nome do prato. E, no entanto, ali estava: uma afirmação proferida com a naturalidade de uma lembrança. Talvez nem todos os convidados estivessem ali pela primeira vez. Talvez alguns já tivessem vivido aquele jantar — ou perecido nele.

Renan sorriu. Pela primeira vez naquela noite. E o sorriso foi genuíno — como o de um homem prestes a concluir uma tarefa difícil. Seu sorriso era treinado: surgia com a fluidez de um acordo informal, daqueles que não vão à ata.

— Vai adorar.

A *Maître d'Banquet* apareceu então, como uma vírgula fatal em uma frase interminável. Trouxe o cardápio — timbrado, é claro — com os pratos que seriam servidos naquela noite.

Vitela da Transição, acompanhada de *coulis* de discurso meritocrático e *chips* de isenção fiscal.

∵ ∴ ∵

Enfim, as taças de vinho silenciaram-se sutilmente em sua dança de brindes, dando lugar aos talheres, que tilintaram como sinos discretos de uma missa pagã, anunciando, sem palavras, que o banquete havia começado.

Gabriel provou o prato principal, fechou os olhos e disse, entre êxtases:

— Nossa! Que delícia! Isso aqui é de comer rezando!

— Reze mesmo — murmurou Geraldo, com um discreto sorriso no canto da boca.

Era sempre assim. O sorriso, quando aparecia, era cuidadoso, quase técnico, como quem testa uma nova prótese facial. O rosto inteiro parecia pedir licença — uma gentileza epidérmica. Havia nele uma elegância involuntária, um tipo de sobriedade que parecia ter sido aprendida num curso por correspondência no século passado.

O tipo de homem que, diante de um funeral, entregaria um recibo de condolências.

Todos apenas observaram. Não havia medo. Nem indignação. Apenas um prazer frio, quase protocolar. A comida era só para ele. Pela primeira vez, ninguém tocou nos talheres.

E não foi por precaução. Foi por justiça poética.

Gabriel repetiu o prato. Discorria entusiasmado sobre indicadores, eficiência, meritocracia — e sobre como o empreendedorismo era, agora, a nova forma de resistência. Falava com tanta empolgação que não percebeu: apenas ele comia. Os demais o olhavam como se assistissem a um experimento social em tempo real.

Foi no meio de uma frase qualquer, enquanto teorizava que "a crise é só uma questão de *mindset*", que ele parou de repente, arfou como se o ar tivesse sido sugado da sala, levantou-se e cambaleou em direção ao sofá. Caiu nele como quem desiste de um debate interno — ou talvez de tudo — sufocado por algo que nem mesmo o discurso mais afinado conseguiria nomear ou explicar.

Antes de morrer, murmurou:

— Eu... eu tinha um projeto de lei...

Silvério levantou-se devagar. Ajustou os punhos da camisa. E disse, com a solenidade de quem anuncia o inevitável:

— Enfim... uma morte com futuro.

Nota de Cozinha (misture com vinho barato e esperança)

Huxley imaginou uma sociedade domesticada pelo prazer e pela ordem. Na Cabrália, o "*Homem de Bem*" é sua versão temperada com farofa e um toque de ironia involuntária: faz cursos de autenticidade para *LinkedIn*, dorme tranquilo embalado por discursos de sustentabilidade e acredita, com fé quase sacramental, que o mal, quando bem embalado, é reciclável.

Mas o fato inexorável — e mais importante — é que, no fim das contas, ninguém entende nada. E isso é exatamente como deve ser. Se todos entendessem, perder-se-ia o prazer da descoberta — e, sobretudo, o conforto de culpar o universo pela própria confusão.

A ignorância, afinal, não é apenas uma bênção; é um serviço essencial, prestado

diariamente à comédia cósmica. E o universo, convenhamos, tem um senso de humor refinado — sobretudo quando ri dos cabralinos, com a delicadeza de quem assiste a um banquete onde todos acreditam estar no controle do cardápio.

Tempero do Passado

“O passado é uma construção do presente.”

David Lowenthal, *O Passado é um País Estrangeiro*

O corpo do jovem congressista jazia no sofá, como um objeto que havia cumprido sua função e agora era dispensável. Exalava ainda aquele leve aroma de ambição mal digerida, coberto por uma manta — institucional, é claro, feita de hipocrisia pura e algodão egípcio importado, tecida com os fios invisíveis do regimento interno.

Foi então que Renan, sempre ele, decidiu romper o silêncio com uma frase incômoda, daquelas que só são pronunciadas por quem já abandonou qualquer preocupação com a própria reputação:

— Está na hora de saber quem é o *Cozinheiro*.

Todos assentiram, com a gravidade de quem assina uma confissão sem advogado presente. Até Geraldo, que até então considerava o *Cozinheiro* uma encarnação simbólica — talvez do espírito da situação, talvez do tempero invisível das alianças políticas.

Mas não era encarnação. Nunca foi. Até os espíritos sabem a hora de parar. O *Cozinheiro*, não.

Foi Silvério quem puxou a toalha da verdade, revelando o prato que todos fingiam não ter pedido.

— Eu conheço ele. Ou melhor… conheci.

Silêncio. Daqueles que pairam como névoa em vésperas de escândalos ou após frases ditas em tempos distantes, com verbos no passado e cheiro de ciclos encerrados.

Ferreira largou o copo, o que em seu caso equivalia a uma declaração de guerra. Conhecido por despejar argumentos como quem arremessa projéteis, agora parecia prestes a explodir em indignação articulada. Seus gestos eram sempre contidos, mas carregavam a tensão de quem debate até com o silêncio.

— Fale logo, meu irmão, antes que lhe transformem na sobremesa desse banquete de canalhice!

Silvério respirou fundo, como quem tenta engolir um caroço de azeitona antigo, preso na garganta desde tempos imemoriais.

— Olha, a primeira vez que vi ele, foi no *Clube République*. De garçom. Mas não “trabalhando como garçom”, entende? *Era* garçom. Como tem gente que nasce pra ser político ou centroavante — ele nasceu pra equilibrar bandeja e ouvir segredo.

Fez uma pausa, como quem segura o suspense de um veredito. Ficou ali por um instante, respirando o ar vazio da sala — um silêncio tão pesado quanto as palavras

não ditas.

— Deslizava entre as mesas como sombra de ministro que ainda não decidira se continuava no governo ou se candidatava. Sabia tudo. Quem traía quem, quem bebia escondido, quem suava frio só de ouvir "molho branco". Era desses que aparecia com o uísque antes que qualquer um pedisse — como se lesse os vazios do coração humano e soubesse exatamente quando a gente precisava de um gole pra segurar a realidade.

Silvério ficou calado por um momento. Não precisava concluir a frase — o olhar já dizia mais do que qualquer promotor ousaria acusar.

— E os olhos... ah, os olhos dele! Olhos de quem sabe onde estão enterrados os corpos. E qual vinho foi servido na noite do crime.

Coçou a barba, como quem rebobina uma lembrança — ou tenta lembrar se pagou a última rodada.

— Eu, naquela época, já era um ex-congressista em ritmo de apagamento. Só me deixavam entrar no *Clube* por educação — ou por medo do meu fervor quase religioso pelo "*Evangelho Segundo São Bernardo"*, como chamavam, com ironia e um certo temor, aquilo que eu ainda insistia em chamar de agenda política. — disse, passando a mão lentamente na lapela do paletó, como quem alisa uma medalha invisível.

— Diziam que eu levava minha cruz com tanto entusiasmo que, se dependesse de mim, nem *Buda* teria sossego em seu silêncio — seria convocado para presidir uma *CPI celestial*, com direito a prazo regimental e pedido de vista eterno. — continuou Silvério, com um brilho breve nos olhos, como quem saboreia a heresia de uma piada antiga.

— Talvez um pouco de exagero. — reconheceu, com humildade, mas sem desmentir o orgulho na voz.

Fez uma pausa, tentando exorcizar o saudosismo e lembrar-se de qual era, afinal, o assunto que dera início àquela rememoração. Recompôs-se e, finalmente, retomou o assunto original.

— Bem, naquela época, enquanto os grandes conspiravam em francês ou fingiam saber o que era *foie gras*, eu jogava conversa fora com ele. Um trocadilho infeliz, uma crítica ao frango ou só uma frase solta. Ele ria de canto — riso de quem já ouviu pedido de demissão no mesmo fôlego do pedido da sobremesa.

Balançou a cabeça lentamente, como se tentasse afastar a memória. Mas ela insistia em permanecer ali, pairando entre ele e os outros como uma sombra incômoda. Deu um suspiro abafado e continuou:

— Um dia ele me ligou. Falou da mãe, da doença, dessas coisas que a gente só menciona quando precisa de ajuda. A ligação caiu... e eu... bem, não retornei. Achei que não precisava. Na época, eu ainda me achava importante — e ele era apenas o garçom. O primeiro erro — o mais clássico.

Silêncio. Esperou uma dose de uísque que não veio. Só veio a memória.

— Depois virou *maître*. Continuava invisível, só que agora com poder. Um invisível hierárquico. Arrumava talher com cara de sentença. Se olhasse para um ministro com desaprovação, o homem pedia desculpas por existir. E aquele silêncio dele... dizia mais que discurso de posse.

Tomou um gole d'água com a expressão de quem gostaria que fosse uísque.

— E não parou por aí. Virou chefe de cozinha. Não desses de *reality show*, não. Um chefe de verdade, com colher de pau e autoridade. Mandava na cozinha como

quem preside comissão. Sabia transformar arroz com feijão em armistício. Em dias de crise, saía um risoto que pacificava partidos. Em tempos de paz, um filé que derretia antes da crítica.

Silvério olhou para o teto, como quem procura no gesso um subtítulo do passado.

— E aí... sumiu. Assim, sem aviso, sem placa de agradecimento, sem discurso. Um dia estava ali; no outro, tinha evaporado. Durante algum tempo, falou-se dele. Em voz baixa. Como se fosse um fantasma que sabe demais. Fantasma que derruba governos, arranha reputações e talvez explique por que aquela "*CPI da Caixinha Mágica*" nunca deu em nada.

Geraldo, com cara de quem já foi flagrado uma vez, cutucou:

— Mas sumiu mesmo?

— Sumiu. Repentinamente. Não entendo como vocês não se lembram dele. Eram importantes demais para reparar em quem segura a bandeja — e sustenta a *República*.

Silêncio. Daqueles que pesam mais que culpa.

Renan riu. Um trejeito que misturava desdém, refluxo e algo mais profundo — como se o passado fosse um filme já visto, cujo final ele conhecia de cor.

— E agora voltou — concluiu Ferreira, com a calma de quem também assistiu ao mesmo filme e sabe que termina em consequências irreversíveis. — Mas agora, ao invés de alimentar acordos... ele elimina os comensais.

— Talvez seja vingança — sugeriu Geraldo. — Ou arte. Quem cozinha nesse nível não serve comida. Serve destinos.

∵ ∴ ∵

Foi então que algo aconteceu — o que não ocorre por acaso. O interfone tocou. Mas não se tratava do som agudo e metálico do interfone moderno ligado ao portão do *Casarão*, que costumava soar como um intruso tecnológico em meio à atmosfera antiga da casa. Era o velho *Ericsson Modelo Bakelite Wall Intercom*, preto, com disco circular e monofone de baquelita, pendurado na parede como uma relíquia funcional. Há décadas servia como meio de comunicação entre a cozinha e os outros cômodos do *Casarão*, chiando ordens e segredos em igual medida.

O som do *Ericsson* era diferente, profundo e quase tangível, como se carregasse consigo as memórias acumuladas ao longo dos anos. Enquanto o interfone moderno estrilava sem cerimônia, o *Ericsson* emitia um tom grave e lento, ecoando pelo ambiente como uma convocação solene, impossível de ignorar.

Silvério atendeu com a delicadeza de quem nunca lidou com eletrônicos sem auxílio especializado, ainda mais com um aparelho tão peculiar quanto aquele.

Na verdade, sabia que só poderia ser o *Cozinheiro*. Luíza, a auxiliar de limpeza — ou *Dame de Propreté*, como gostava de ser chamada —, havia ido embora horas antes, prometendo voltar no dia seguinte.

A resposta veio como um tempero agridoce — uma frase carregada de enigmas. Silvério escutou em silêncio, imóvel, os olhos fixos no vazio. Não houve gesto, nem palavra. Apenas a leve contração da mandíbula.

Então, o velho *Ericsson*, como um relógio de parede esquecido pelo tempo, silenciou — deixando para trás apenas o eco pesado daquilo que fora dito, como um resquício de outra época.

— O que foi? — perguntou Renan, impaciente.

Silvério demorou a responder. Passou a mão pelo rosto, como se tentasse rebobinar a mensagem no próprio cérebro.

— Ele disse... — começou, a voz rouca, quase espectral, como se a mensagem tivesse sido transmitida *através* dele, e não apenas *para* ele — "O prato do próximo banquete exige jejum. É importante que estejam leves. E sinceros. A sobremesa será feita à base de lembranças."

Silêncio na sala. Um silêncio nervoso, quebrado por pequenos sons que insistiam em sobreviver dentro dele. Aquela frase não era ameaça. Nem convite. Era quase... penitência.

Renan foi o primeiro a falar:

— Ele não está matando por poder. Está cozinhando por redenção.

— Ou por autoria — disse Ferreira. — Talvez essa seja a única forma de escrever um livro de memórias sem consequências.

O Dr. Henrique Sampaio — sempre discreto, sempre com uma taça na mão — serviu-se de mais vinho, como quem se prepara para um julgamento inevitável.

— Se a sobremesa for feita à base de lembranças... estamos todos perdidos.

∵ ∴ ∵

Quando o velho *Ericsson* silenciou, na cozinha, o *Cozinheiro* parou diante do caldeirão, onde o molho de vinho tinto borbulhava como memórias antigas.

Esse molho fermentaria por mais de três semanas até estar pronto para ser servido. Nas paredes úmidas daquela cozinha, ecoavam vozes que não vinham de lugar nenhum — ou talvez viessem de todos:

— "Comida é memória, meu filho." — dizia sua mãe, enquanto cortava batatas com mãos trêmulas.

Ele viu novamente o leito do hospital, as máquinas apitando em sincronia com a ausência de esperança. A última frase dela — "A verdade está nas entrelinhas" — misturava-se ao aroma pungente do molho, como um segredo queimado no fundo da panela.

A faca em sua mão estava firme agora.

— Tudo isso começou com um silêncio — pensou. — E terminará com palavras.

Sobre a bancada, jazia a receita do "Bolo da Memória", que seria selada numa "*Cápsula do Tempo*". Feito de páginas rasgadas dos diários do *Arquivo Nacional* — relatos censurados, depoimentos apagados, verdades dissimuladas —, tudo moído até virar pó fino, misturado às claras em neve de quem bate suas próprias ilusões. A cobertura era de chocolate amargo, derretido como promessas que nunca foram cumpridas.

Ele limpou a bancada como quem apaga vestígios. Como quem limpa um registro de pecado. Então, fechou os olhos e começou a montar mentalmente o prato principal que seria servido no próximo banquete, dali a quase um mês.

Nas mãos, um velho compêndio botânico, cheio de anotações e marcas de caneta vermelha. Enquanto lia sobre mandrágora e beladona, um murmúrio escapou-lhe, cadenciado e involuntário, num ritmo quase litúrgico:

> As plantas são discretas assassinas, alquimistas do engano — suaves como um chá de camomila, letais como um beijo de dedaleira aquecido no fogo.

Observou o molho reduzir lentamente, como se cada gota evaporada fosse uma memória sendo apagada por conveniência.

— Afinal... — disse, baixo, quase só para si — o que é uma boa receita senão uma dose precisa de ilusão?

Ceia dos Inocentes Presumidos

A Cápsula do Tempo BQ5-2DCB-9A guardaria: um cubo de gelo com *chip* "Vaza Tudo"; um manual "Como Engasgar com Elegância"; e um convite para a "*CPI* do *Happy Hour*".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, agora barman improvisado, misturava denúncias com gelo seco e servia em copos de vidro blindado.

"Não há saída, mas há esperança."

Franz Kafka, *O Castelo*

A sala foi arrumada com uma elegância fúnebre. A mesa, longa como um processo legislativo em ano de crise, estava posta com talheres de prata que refletiam a luz mortiça do lustre, pratos de porcelana fina e taças que pareciam ter sido herdadas de algum espólio aristocrático cuja origem ninguém ousava questionar.

Era o jantar prometido. Ou, como Renan dizia, "o último voto de confiança ao estômago".

Todos estavam lá. Até os que juraram que não viriam. Há algo peculiar nos indivíduos que se envolvem com o poder: eles comparecem às armadilhas com mais pontualidade do que às próprias responsabilidades. Talvez porque saibam, no fundo, que as armadilhas são inevitáveis, enquanto as responsabilidades podem ser delegadas.

Ferreira chegou primeiro, trajado como se fosse discursar, não comer. Vestia-se com formalidade desleixada: terno bem cortado, mas com a gravata sempre à beira do motim. Caminhava rápido, falava mais rápido ainda, e pensava como se estivesse sendo constantemente desafiado por um inimigo invisível — que, por segurança, ele mesmo inventava.

Silvério veio logo em seguida, com o olhar de quem já havia engolido coisas muito piores — e sobrevivido apenas para contar histórias distorcidas. Vestia-se do mesmo jeito havia quarenta anos: camisa arregaçada, calça que nunca fora moda, e um paletó que parecia mais tolerar o corpo do que vesti-lo. Mas o olhar... o olhar tinha uma malícia de feira livre e uma tristeza funda de quem já viu muita promessa virar dívida.

Geraldo trazia uma gravata levemente torta e o perfume de quem passara o dia inteiro tentando parecer relevante — e falhara, mas com discrição. Parecia ter nascido de paletó: não porque o vestisse, mas porque o incorporava. Era um homem liso, liso como uma parede recém-pintada de bege — daquelas que ninguém nota, mas que, se forem riscadas, causam escândalo. A cabeça, permanentemente polida,

lembrava uma superfície que encarna o ritual da discrição. Os óculos, discretos e sempre no lugar, davam-lhe o ar de um gerente de funerária otimista — desses que oferecem parcelamento em doze vezes e ainda dizem: "Vai dar tudo certo".

Renan, claro, chegou por último. Mas trouxe o vinho. Um gesto nobre, considerando seu histórico de sempre chegar atrasado e sem nada nas mãos além de desculpas. Era um homem cuja testa começava no queixo. O rosto, embora liso, parecia ter vivido várias rugas internas. Tinha o cabelo repartido — não por vaidade, mas por escassez democrática. Cada fio ocupava seu cargo comissionado, esparramado numa comissão parlamentar capilar.

Sentaram-se. Ninguém mais apareceu. Nenhuma palavra foi dita. A cozinha, invisível como certos acordos não formalizados, trabalhava em silêncio absoluto, como se fosse uma entidade abstrata, indiferente à presença humana.

Foi então que, com a pontualidade de um escândalo vazado na mídia, a primeira entrada chegou: "*Esferas de transparência com redução de promessas*".

— Bonitas — comentou Silvério, observando as esferas gelatinosas que tremiam como intenções de voto em pesquisa eleitoral. — Mas escorregadias.

— Como a verdade em depoimento espontâneo — completou Ferreira, cortando a dele com habilidade cirúrgica, como se estivesse dissecando uma mentira oficial.

Renan cheirou, girou no prato, e sentenciou:

— Isso aqui tem gosto de nota oficial. Com um toque de desculpa técnica.

Comeram. Todos. Pela primeira vez, sabiam que cada garfada poderia ser mais comprometedora do que um comentário fora de contexto. E mesmo assim... comeram.

O prato principal veio sob aplausos imaginários: "*Bife à impunidade com redução de julgamento e purê de competência técnica*".

— Pelo menos está malpassado — comentou Geraldo. — Como todo projeto de reforma.

— Malpassado é elogio — disse Silvério. — Isso aqui é praticamente cru. Tipo proposta de governança alternativa.

Entre uma garfada e outra, começaram a lembrar. E esse foi o erro.

A comida parecia ativar memórias. Fatos esquecidos afloravam com o aroma. A carne trazia o gosto de um jantar, há uma década e meia, em que se aprovou algo que não deveria ter sido aprovado. O purê evocava um café da manhã com um empresário que hoje vivia em um lugar distante. A redução de julgamento lembrava uma investigação que acabou em confusão — e foi servida com borda recheada.

— Isso é feitiçaria? — perguntou Ferreira.

— Não — respondeu Renan, limpando os lábios com um guardanapo que parecia ter sido usado numa convenção do poder. — É culpa indigesta. Com um toque de alecrim.

Foi então que a luz piscou.

E ele apareceu.

O *Cozinheiro*.

Alto. Magro. Postura serena, inclinada levemente para frente, não como sinal de fragilidade, mas como marca de quem dedicou uma vida à escuta atenta e ao serviço discreto. Os cabelos, escassos e meticulosamente alinhados, refletiam sob a luz uma sobriedade sem ostentação. Os óculos de armação fina, repousados sobre o nariz angulado, não eram meros acessórios: eram emblemas de uma atenção permanente aos detalhes, vigias de uma cortesia que jamais descuidava o dever.

Vestia-se com a precisão de quem conhece o valor das aparências no teatro das instituições. Ternos de tons neutros, gravatas que evitavam o vulgar sem cair na severidade, sapatos cujo brilho discreto falava menos de vaidade e mais de respeito ao próximo. Sobre o traje, o avental branco, imaculado e longo até os pés, não conflitava com a formalidade — antes, completava-a.

Sua presença não impunha — *sugeria*.

Caminhou lentamente. O rosto, invisível sob uma máscara translúcida feita de contratos sigilosos. Não disse nada. Apenas colocou no centro da mesa a sobremesa. O aspecto era estranho — como se cada ingrediente invocasse um arrependimento que eles tentavam enterrar há décadas.

Ninguém tocou, mas todos sabiam: não provar era admitir... provar era lembrar.

Ferreira pegou a colher.

— Se é para cair, que seja de boca cheia.

Um a um, os outros o seguiram, cada um medindo o sabor com a atenção de quem lê mensagens cifradas. O *soufflé*, leve e traiçoeiro, desmanchava-se na boca, trazendo à tona lembranças que ninguém queria revisitar: pequenas traições, promessas perdidas no tempo, gestos esquecidos.

Quando terminaram, o *Cozinheiro* recolheu os pratos, inclinou a cabeça — respeitosamente — e sumiu pela porta que, como sempre, ninguém viu abrir.

Um desaparecimento que, em qualquer outra noite, teria passado despercebido. Naquela, porém, a cena era uma reprise flagrante: quase a mesma descrição, o mesmo suspense, a mesma música de fundo imaginária. Até o ritmo da narrativa ecoava o passado, num *déjà-vu* não de evento, mas de estrutura. Algo, naquele ritual, estava deliberadamente fora do compasso.

Cinco banquetes passados — e lá estavam eles de novo: o gesto que nunca mudou, a mesma porta que ninguém viu abrir, o silêncio que já havia matado Araújo — agora com lugar marcado para mais um.

— Ele não quer justiça — disse Silvério. — Quer testemunhas.

Renan acendeu um charuto.

— Que grande filho da... — e sorriu.

E brindaram. Cada um ao que merecia — ou ao que temia.

Mas ninguém, naquela noite, teve coragem de pedir café.

Foi então que Ferreira, talvez em busca de um último gesto de elegância, ergueu do fundo do copo um cubo de gelo esquecido e o contemplou com a atenção de quem decifra um enigma ancestral.

— Vejam só… — murmurou, girando-o entre os dedos como uma relíquia desgastada pelo tempo — um hexaedro perfeito. Talvez uma mensagem cifrada. Um código. Um manifesto do absurdo geométrico do sistema.

Depois de uma série de divagações desconexas, que mais pareciam delírios de uma mente alcoolizada, levou o gelo à boca e, com ele entre os dentes, esforçava-se para articular uma teoria sobre a natureza improvável das formas sólidas — quando, de repente, engasgou. Tossiu. Engasgou de novo. As mãos ergueram-se ao ar como quem tenta alcançar algo perdido há muito tempo — talvez a própria importância.

— Talvez… — arquejou, entre um assomo de tosse e o último fôlego — …a democracia… não seja um cubo… É… um prism…

Caiu. Com a gravidade de um símbolo. Os olhos, ainda abertos, pareciam buscar a última resposta

Silêncio. Nem mesmo o gelo ousou derreter.

O Dr. Henrique Sampaio foi o primeiro a romper o vácuo.

Ajeitou os óculos com a precisão de quem revisa um texto sagrado — um gesto que, na Cabrália, era mais solene que um juramento. Usava-os com a gravidade de um artigo acadêmico: moldura sóbria para olhos que já viram mais sociologia do que pôr do sol.

— Morreu tentando decifrar o óbvio como se fosse oráculo — disse, quase para si. — Raro. A maioria morre de silêncio… ou de dívida.

Pigarreou, fitando o corpo.

— *Um prisma…* — repetiu, como quem enuncia um veredito clínico — Não é metáfora. É diagnóstico.

Silvério revirou os olhos, incômodo.

— Pelo amor de Deus, Dr. Henrique. O homem acabou de engasgar com um cubo de gelo. É mesmo hora para aula magna?

— É a única hora que resta — respondeu o Dr. Henrique, num tom em que luto e lucidez se fundiam — Ferreira, em seu derradeiro delírio, resumiu nossa tragédia: acreditamos que a democracia é forma pura — um cubo de gelo imaculado. Mas ela é um prisma: distorce, decompõe, refrata nossos piores instintos e nos devolve em cores separadas, hostis, irremediáveis.

Um sorriso cansado lhe aflorou.

— O que ele chamou de *prisma* é o mecanismo que transforma vontade popular em espetáculo de horrores. Um carnaval de convicções.

Pausou. Olhou em volta — não como quem busca aplauso, mas como quem confere se os culpados ainda estão no lugar.

— E a plateia, claro, sempre acha que o espetáculo ruim é culpa do outro.

Renan pigarreou, com ironia fina.

— Bem apropriado. O sujeito morre filosofando, e você faz tese política sobre o cadáver.

— Não estou fazendo tese — retrucou, olhando-o com gravidade — Estou lendo a lápide. O prisma democrático não reflete o que somos — reflete o que nos recusamos a encarar. Incluindo… — fez uma pausa calculada, os olhos pousando, um a um, sobre os rostos à mesa — …nossa própria cumplicidade.

Levantou o copo. Hesitou. Depois, num tom que era ao mesmo tempo brinde e epitáfio:

— Morreu tentando explicar o sistema. Como ninguém o entendeu em vida, agora tem a eternidade para continuar sendo mal interpretado.

Silvério limitou-se a um leve aceno de cabeça — talvez achando, no fundo, um tanto inoportuno aquele discurso, sobretudo considerando que o corpo de Ferreira jazia ali, inerte, alheio a qualquer retórica.

Geraldo recolheu o olhar, como quem fecha uma janela diante de uma tempestade — não por respeito ao morto, mas para vasculhar a própria memória e certificar-se de que nenhuma conversa comprometedora havia escapado.

Renan, por fim, riu. Talvez da ingenuidade de Ferreira. Talvez do entusiasmo acadêmico do Dr. Henrique. Talvez de ambos. Quem sabe? No fim, não fazia diferença.

O corpo permaneceu ali, tombado entre o *soufflé* e o cinismo. Um brinde a menos.

E assim continuaram, sentados à mesa — sombras de si mesmas, repetindo gestos como quem repete um ritual sem fé — sem perceber que também eram ingredientes

de uma receita que jamais seria concluída.

∵ ∴ ∵

Naquela madrugada, depois de mais um banquete com final trágico, a *Maître d'Banquet* sentou-se sozinha na sala vazia de seu apartamento. O vestido ainda estava impecável, como sempre. Mas os olhos, úmidos.

Ela pegou o celular e digitou algo — talvez uma mensagem, talvez um pedido disfarçado de socorro. Apagou tudo logo em seguida. Depois, abraçou os joelhos e encostou a cabeça na janela. Ficou assim por horas, olhando a cidade adormecer, como se esperasse que alguém, em algum lugar, lhe lembrasse que também merecia descanso. Que também tinha um nome. Uma história já vivida — rica, cheia de nuances. E, sobretudo, uma história que ainda precisava ser contada.

Nota de Cozinha (não se assuste — é filosofia, mas homeopática)

O Dr. Henrique dissera algo importante? Talvez. Ninguém de fato entendeu a essência — se é que havia uma. Mas todos, num consenso tão unânime quanto vazio, assentiram com a cabeça como se tivessem compreendido perfeitamente — e, pior ainda, como se concordassem entusiasticamente. Fora a morte tragicamente *kafkiana* de Ferreira, esse foi um dos grandes momentos da noite: a sublime união pela ignorância coletiva, solenemente selada com um gole de vinho barato, cujas notas aromáticas — entre uva duvidosa e perplexidade — provavelmente explicariam todo o universo, ou pelo menos "*O Castelo"* de *Kafka*, se alguém estivesse sóbrio o suficiente para perceber, ou suficientemente bêbado para achar que tinha entendido.

Dias depois, numa eulogia póstuma — ou, como preferiam chamar no *"Café Crônica & Memória"*, num *requiem com happy hour* — ele aprofundou sua visão sobre democracia, com base na epifania truncada de Ferreira. Começou, como sempre, com um gesto familiar: ajustou os óculos, como quem reorganiza o mundo antes de nomeá-lo.

— Ferreira morreu como viveu, tentando interpretar o óbvio como se fosse uma ideia brilhante — disse, com a calma de quem prepara um sermão profano. — A democracia, meus caros, com certeza é um prisma. Isso mesmo. Um prisma.

Respirou fundo, como quem sabe que o que vem a seguir talvez não seja aplaudido, mas certamente lembrado — e completou, com aquele tom que mistura pena e desdém:

— Todo mundo adora repetir que ela é linda, moderna, civilizatória… Talvez seja! Mas é também, e sobretudo, cruel. Cruel e impiedosa. Porque, vejam bem, assim como o prisma separa a luz branca em todas aquelas cores, a democracia separa a tal da "vontade popular" nas suas componentes mais… como direi… humanas.

Pigarreou, olhou ao redor, como quem checa se alguém ainda estava ouvindo — e, vendo que sim, prosseguiu:

— Todo cidadão acha que ele, e só ele, carrega a luz pura. Que o seu voto representa a razão, a justiça, o bom senso, o futuro, a moral e os bons costumes — ou a ruptura revolucionária, dependendo do lado do prisma em que ele se encontra. O resto? Ah, o resto são distorções. Gente míope. Alienados. Gado. Fascista. Esquerdopata. Analfabeto político. Elite decadente. Vagabundo. Terrorista. Globalista. Comunista. Escolha o xingamento cromático que quiser. O catálogo é vasto.

— E aí… o que acontece? — abriu as mãos no ar, teatral. — O cidadão deposita no prisma democrático a sua luz, na ilusão de que o resultado será… bem… a sua própria cor refletida de volta, ampliada, glorificada.

Bateu na mesa, como quem sublinha uma tese.

— Mas não. O que sai do outro lado é o feixe completo. Uma composição indecorosa, deselegante, dissonante, bagunçada, uma aquarela grotesca da sociedade inteira — incluindo aquele seu primo que acha que vacina implanta *chip*, a vizinha que acredita em pirâmide financeira, e o tio do *zap* que jura que o comunismo vai ser implantado no Carnaval.

Fez uma pausa, voltou a falar com a voz mais baixa, como quem revela uma verdade incômoda:

— E então… então vem a surpresa. *"Nossa, por que será que não temos bons políticos?"* — repete o cidadão, com a mesma cara que faz quando come um pastel suspeito e se pergunta por que está passando mal. Ora, meus caros, é simples. Porque o prisma democrático só reflete aquilo que foi colocado nele. E se você enche de imbecil, de débil mental digital, de analfabeto político, de ressentido, de *influencer* de conspiração e de *coach* de meritocracia… parabéns. O que você recebe é exatamente o governo que merece. Nem mais, nem menos. Um reflexo. Uma obra-prima da mediocridade coletiva.

Fez uma pausa dramática. Olhou para o teto encardido, que, naquele momento, parecia lhe devolver o mesmo olhar de desespero filosófico.

— A verdade, meus caros, é essa: na democracia, todo mundo tem exatamente o governo que ajudou a conceber — seja pela escolha, pela omissão ou pela estupidez. E, cá entre nós… olhando bem esse feixe de cores… tem uns tons aí que nem uma paleta universal consegue nomear.

Silêncio. Ninguém riu. Ninguém discordou. Ninguém sequer piscou.

O discurso ficou suspenso no ar — como um cubo de gelo derretendo lentamente sobre uma folha de papel em branco: o que restava não era água, mas uma poça de tinta indelével.

E, naquela mancha, todos reconheceram, por um instante, seu próprio retrato.

Confissões em Baixa Temperatura

“Sou um rei! Sim, eu sou um rei!”

Nikolai Gogol, *O Diário de um Louco*

No dia seguinte, os bastidores do poder fervilhavam com um único assunto: o falecimento de Ferreira. Não tanto pelo modo como morreu — isso era quase secundário —, mas por *onde*. Ou melhor, pelo *como*.

— Engasgado com um cubo de gelo? — perguntou Renan, ainda arrastando as palavras sob o peso de uma ressaca que parecia mais um reflexo de sua própria existência. — Isso é novo. Achei que o perigo estava nas pedras no caminho, não nas do copo.

Fez uma pausa, levando a mão à têmpora como se tentasse recuperar fragmentos perdidos da noite anterior.

— Para ser sincero, minha memória está uma névoa densa... deve ser a amnésia alcoólica cumprindo seu papel — murmurou, com um meio sorriso cansado.

— Ele tentou interpretar o cubo — explicou Silvério, com um tom sombrio e um traço de indignação, como se a morte de Ferreira fosse uma ofensa pessoal ao decoro das tragédias. — Disse que o cubo tinha arestas suspeitas. Girava no copo como se estivesse decifrando um enigma maçônico.

— Arestas suspeitas? — espantou-se Geraldo, olhando para o próprio copo como quem encara algo vivo. — Mas era um *cubo*!

— Um cubo... imperfeito — completou o Dr. Henrique Sampaio, com a voz pastosa de quem já bebeu gelo suficiente para perceber diferenças microscópicas. — Tinha uma quina ligeiramente desgastada.

O Dr. Henrique fez uma pausa, tentando recompor mentalmente a cena, e então repetiu o gesto e as palavras incompreensíveis de Ferreira em sua epifania:

— “Ou isso é um retrato disfarçado do colapso da estabilidade institucional... ou alguém está me mandando uma mensagem em código *Braille* molhado.”

A cena, segundo os presentes, foi dantesca. Ferreira, de pé, segurando o cubo entre os dedos, fitava-o como se fosse um oráculo translúcido, brilhando sob o peso de suas próprias interpretações.

— Isso aqui, meus caros, é uma crítica geométrica ao sistema! — exclamou, antes de colocar o gelo na boca como se aceitasse um sacramento político.

Dois minutos depois, caiu. Com estrondo. E elegância, claro. Ferreira jamais morreria de modo plebeu.

— Ainda tentou tossir uma última análise — lembrou, enfim, Renan, olhando para o chão com uma reverência calculada, como quem admira o desenho de um

abismo. — Algo como “a democracia é um prisma, não um cubo”... E então... *puff*.

— Um último suspiro epistemológico — sussurrou o Dr. Henrique Sampaio, com a sensibilidade exacerbada que só o vinho entrega.

∵ ∴ ∵

No hospital, o laudo oficial — redigido com a precisão de quem cola diagnósticos do *Google* — limitava-se a registrar “asfixia existencial por hexaedro congelante”.

Mas a Dra. Mirtes M. Palhares, chefe do departamento de *Anatomia Patológica* do hospital e inimiga declarada da incompetência institucionalizada, resolveu proceder uma autópsia. Durante o exame, enquanto cantarolava distraidamente um bolero fúnebre, encontrou algo peculiar no esôfago de Ferreira: um minúsculo cartão de memória *microSD*, reluzente como ironia em um enterro de político.

Sim. Um *microSD*. Do tipo que não deveria estar num cubo de gelo, exceto se o freezer pertencesse à NSA ou fosse usado como cofre digital para conspirações políticas.

— Ah, que bonito — murmurou, girando o objeto delicadamente com a pinça. — Já não bastava morrer, agora também precisa armazenar os *spoilers* da tragédia?

Com sua caligrafia firme, quase como uma sentença judicial, acrescentou ao laudo:

> Presença de corpo estranho não obstrutivo no esôfago. Dispositivo de armazenamento identificado. Possível indício de espionagem ou teatro burocrático. A morte, como sempre, guarda mais arquivos do que revela.

∵ ∴ ∵

— Isso é… um cartão de memória? — arriscou Silvério, franzindo a testa e tentando parecer familiarizado com o universo da tecnologia, como quem finge saber a diferença entre um *pendrive* e um controle remoto de portão automático.

Geraldo suspirou, exibindo a paciência de quem já tinha visto Silvério chamar um roteador de “aquela caixinha que pisca quando tem internet”.

— Não exatamente — respondeu, com a autoridade dos que decoram rótulos de embalagem. — Isso é um adaptador de *microSD*. O verdadeiro protagonista está aqui dentro — disse, puxando delicadamente o minúsculo cartão com a ponta da pinça, como se apresentasse uma joia rara. — *Kingston High-Endurance*, 256 gigas. Feito para aguentar mais de 20 mil horas de gravação contínua. Ideal para câmeras de vigilância, drones... ou, como vemos, *para viagens sem retorno pelo trato digestivo de políticos ambiciosos*.

— Você está dizendo que Ferreira… engasgou com isso? — perguntou Silvério, arregalando os olhos como se tivesse acabado de descobrir que o futuro da moda era engolir tecnologia em vez de usar relógios inteligentes.

— Engasgou, sufocou metaforicamente e provavelmente fez *upload* no caminho — ironizou Geraldo, já conectando o dispositivo ao notebook com a destreza de um *hacker* amador que assistiu a muitos tutoriais no *YouTube*.

— Talvez estivesse congelado dentro do cubo de gelo — sugeriu Silvério, hesitante, como quem oferece uma teoria revolucionária enquanto torce para que ninguém perceba que está improvisando.

— Ou talvez tenha sido uma performance artística — acrescentou o Dr. Henrique Sampaio, deixando escapar um sorriso fúnebre. — Nada encapsula melhor nosso

século do que um homem morrendo asfixiado por seus próprios gigabytes. Um retrato literal da era da hiperexposição: armazenamos tanta verdade que acabamos engasgados com ela.

— E pensar que tudo isso cabia numa colher de sobremesa — murmurou Silvério, com um tom melancólico que misturava admiração e desespero. — O futuro realmente veio para nos fazer engasgar melhor.

Enquanto o notebook iniciava a leitura do arquivo, a sala foi envolvida por um silêncio reflexivo, como se todos ponderassem sobre a inevitabilidade de serem devorados pelas próprias invenções. Ou, no caso de Ferreira, literalmente engasgados por elas.

O arquivo abriu com a lentidão de quem sabe que tem algo importante — ou comprometedor — a dizer. Tela preta. Letra branca. Uma frase que parecia saída de um manual de distopia barata: "Se você está assistindo a este vídeo, é porque o sistema venceu."

Ninguém disse nada. Apenas se entreolharam, como quem espera que alguém assuma a autoria do apocalipse. Faltava só a vinheta da *Netflix* ou aquele rufar de tambores da *20th Century Fox* para selar o clima: o espetáculo começava — e, como de costume, com o vilão um passo à frente.

A imagem surgiu nítida. Ferreira, de túnica de banho e copo de uísque na mão, encarava a câmera com a serenidade de quem já perdeu tudo — ou ganhou demais.

— Meus caros, se este vídeo chegou até vocês, é porque o projeto de assumir o *Gabinete da Coordenação Executiva* da Cabrália fracassou. Ou porque eu, enfim, compreendi os mistérios da geometria dos coquetéis.

Tomou um gole. Pausou. Olhou discretamente para os lados, como se esperasse a qualquer momento ser interrompido por uma força-tarefa — ou por uma revelação ainda mais embaraçosa — e continuou:

— O que verão agora é o resumo de três décadas de bastidores. Dossiês, votos comprados, reformas trocadas por entradas de camarão... e, claro, o verdadeiro nome do *Cozinheiro*.

Todos congelaram. Ironia do destino.

— Ele vai dizer! — exclamou o Dr. Henrique Sampaio, agarrando a tela como se fosse uma bola de cristal.

— Mas antes — disse Ferreira no vídeo, sorrindo com sua tradicional arrogância trágica — um pouco de contexto.

Assim teve início o que alguns convencionaram chamar de *Testamento Político de Ferreira* — um documento que, em outras circunstâncias, poderia ser visto como um manual de "como não fazer política". O apresentação tinha elementos de teatro absurdo: gráficos coloridos, slides com efeitos duvidosos e até uma trilha sonora que lembrava filmes B de suspense. Era a política como entretenimento, mas do tipo que deixa um gosto amargo de *reality show* mal produzido.

Ferreira, mais pálido que um protocolo esquecido, explicava o funcionamento da *Comissão de Orçamento* com a seriedade de quem descreve um cardápio de restaurante temático. As tais "emendas secretas" ganhavam nomes de pratos — "*Parmegiana Legislativa*", "*Risoto de Verba Extra*" —, como se a criatividade culinária pudesse adoçar a falta de transparência.

— Isso aqui... — murmurou Silvério, dividido entre o absurdo e a curiosidade — parece um jogo de tabuleiro onde ninguém lê as regras.

Renan, sempre pronto para encontrar charme no caos, exclamou:

— Olha só! Até codinomes gastronômicos para as emendas! "*Ministro Bolonhesa*"... Criativo, não?

— Ou sintoma de que perdemos o rumo — ponderou Geraldo, ainda tentando acreditar que, em Cabrália, existia uma linha divisória entre "genialidade" e "loucura".

No momento crucial, quando Ferreira preparava-se para revelar o tal *Cozinheiro* dos esquemas, a tela escureceu. Um silêncio constrangedor tomou conta da sala, quebrado apenas pela mensagem automática:

— Arquivo corrompido.

Era como se o próprio universo fizesse uma piada de mau gosto.

O Dr. Henrique Sampaio olhou para a imagem paralisada, como quem observa uma cena repetida tantas vezes antes — em outras salas, em outros jantares, com outras vozes que tentaram dizer demais ou de menos.

— *"A verdade é uma arma, mas também uma vulnerabilidade..."*

Pensou isso com cuidado, quase como se temesse que as paredes ouvissem:

— *"Quem a domina, vence. Quem a expõe, cai"*.

Ferreira tentara ambos. E falhara em sobreviver aos dois.

Renan deu um berro:

— Filho de uma prateleira mofada! Tinha que ser ele!

Silvério suspirou, cansado, como quem já desistira de surpresas há muito tempo:

— Talvez fosse esse o plano dele o tempo todo. Não revelar nada. Só provocar indigestão.

Ficaram todos em silêncio. Pela segunda vez naquele mês, a memória era o único prato sendo servido.

— Eu... eu vou tomar água — disse o Dr. Henrique Sampaio, levantando-se trêmulo.

— Sem gelo — gritaram em uníssono.

E assim se encerrou a reunião. Ferreira fora embora — talvez redimido, talvez apenas entalado — mas deixara algo mais poderoso do que provas: dúvidas. Muitas.

E uma frase que ainda ecoava entre todos, como uma colher batendo no fundo do copo:

— *"A democracia é um prisma... não um cubo."*

Velório de Estado e de Espírito

> **A Cápsula do Tempo VEL-2DCB-09** guardaria: um convite de velório intitulado “Independência da Verdade”; flores artificiais com o rótulo “Condolências em Promoção”; e uma bandeira rasgada estampada com “Sobrou Só o Grito”.
>
> Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, com coroa de espinhos e semblante solene, carregava o caixão da hipocrisia com passadas firmes — afinal, era feriado.
>
> *“O ser humano é um monstro de conveniências.”*
>
> ***Nelson Rodrigues,*** *A Vida como Ela É...*

O velório de Ferreira foi organizado com a pompa reservada aos que, em vida, acumularam mais comissões que virtudes. O corpo repousava dentro de um caixão de mogno, polido até brilhar como uma superfície refletindo o vazio. Detalhes em latão dourado adornavam as laterais, tão discretos quanto uma licitação fraudada exibida em rede nacional. Ferreira estava embalsamado com a mesma competência com que ele arquivava denúncias — meticulosamente, mas sem qualquer intenção de preservar algo além da aparência.

O salão nobre da *“Câmara do Povo”* fora cedido para a cerimônia. Não por comoção pública, mas porque naquele dia não havia nenhuma *CPI* marcada. O carpete fora aspirado às pressas, e o buffet, contratado em cima da hora, oferecia salgadinhos com nomes simbólicos: “*coxinha de impunidade*”, “*quibe de coerência flexível*” e “*empadinha de sigilo institucional*”. Era comida que parecia ter sido inventada para ser mastigada enquanto se fingia reflexão.

Silvério chegou primeiro, como quem comparece a um ritual conhecido demais para causar surpresa. Vestia um paletó azul-marinho — daquele tom tão escuro que vivia em crise de identidade com o preto —, levemente folgado nos ombros, não por desleixo, mas por respeito à liberdade de expressão dos tecidos. A camisa, disfarçadamente clara, mantinha aquele tom entre o branco de lavanderia pública e o bege de resistência — uma cor que não se escolhe, apenas se herda.

Mas o que chamava a atenção, mesmo, era o lenço. Ah, o lenço.

Dobrado com uma precisão que desmentia todo o resto do figurino, repousava no bolso do paletó como um manifesto silencioso. Vermelho, mas com uma discreta borda branca — cor de luta de classe domesticada. O lenço não limpava nada, nem lágrimas nem suor. Era um símbolo. Um adorno de quem sabe que até os detalhes dizem: “companheiro, mas com elegância”.

Observou o corpo de Ferreira com um misto de respeito e alívio, como se visse confirmada uma suspeita antiga: que todos os caminhos levam ao mesmo fim.

— Engasgar com gelo, hein? — murmurou para si mesmo, como quem tenta decifrar um enigma pessoal. — Morreu tentando decifrar um cubo. Poderia ao menos ter sido um *Cubo Mágico*.

Logo depois chegou Geraldo, carregando uma coroa de flores com a faixa "Com pesar e protocolo". Tentou colar um adesivo "#LutoSelectivo", mas desistiu quando percebeu que a cola era fraca demais para aderir à realidade. Caminhava como quem não queria incomodar o chão. Aproximou-se do caixão, fez o sinal da cruz como quem digita a senha errada três vezes e sussurrou:

— Ferreira... você não foi um exemplo. Mas também não foi preso. O que, convenhamos, já é um legado.

Renan apareceu minutos depois, usando óculos escuros e uma gravata com estampa de pimentões. Trazia consigo uma garrafinha térmica.

— Isso é café? — perguntou Silvério, com receio genuíno.

— Não. É um *Malbec* de luto. Vai um gole?

— Ainda estamos de jejum emocional.

— Ah, deixa disso. — Renan serviu uma dose para si mesmo. — O homem morreu como viveu: falando demais e bebendo como se cada gole fosse a última verdade engarrafada. Tinha aqueles rompantes em que a lucidez brigava com a indignação… e os dois perdiam.

A multidão começou a chegar. Congressistas, lobistas, ex-assessores, jornalistas com cara de quem já tinham manchete pronta. Alguns choravam; outros apenas verificavam se as câmeras estavam ligadas antes de chorar.

No canto, duas senhoras conversavam, baixo o suficiente para sugerir que falavam de algo importante:

— Disseram que foi metafísico.

— Não. Foi geométrico.

— Mas eu ouvi que foi simbólico!

— Tudo é simbólico quando não se entende nada.

Próximo ao altar, o presidente da *Casa* fazia uma homenagem póstuma, tentando equilibrar emoção e orçamento:

— Ferreira nos deixou um vazio. Fiscal. Mas um vazio, ainda assim.

O padre escalado para o ritual era conhecido por seus sermões motivacionais e por aceitar doações em *Dogecoin* — "a moeda do povo", como ele dizia, entre um aleluia e outro. Sua homilia misturava *Santo Agostinho* com dicas de engajamento no *TikTok*: uma espécie de retiro espiritual com *cashback* em memes.

— O Senhor chamou Ferreira porque, talvez, lá no alto, estejam precisando de alguém que saiba engolir... verdades. Ainda que engasgue no processo.

Silvério olhou para Renan e cochichou:

— Não sabia que o céu contratava assessores.

— Só se for o inferno terceirizando RH — respondeu Renan, com seu habitual cinismo.

O padre, ao finalizar a homilia, convidou Silvério para dizer mais algumas palavras em nome do morto. Silvério, com o lenço vermelho discretamente enfiado no bolso do paletó, subiu ao púlpito e encarou a plateia com lágrimas cuidadosamente dosadas:

— "*Nunca antes na história deste país…*" — a voz ecoou no salão nobre, gravitando

entre o luto e o comício — ...um homem enfrentou as elites com tanta coragem! Nunca antes!

Geraldo revirou os olhos. Sabia que aquela frase era apenas o prelúdio de um discurso que inevitavelmente terminaria em autopromoção. Após a retórica grandiloquente e oportunista de Silvério — marca registrada em qualquer cerimônia pública —, um telão foi ligado para exibir imagens marcantes da vida de Ferreira: ele rindo com empreiteiros, acenando ao lado de ministros caídos em desgraça, cortando fitas de obras inacabadas. A música de fundo era "*My Way*", mas a letra soava irônica demais para o contexto.

No meio da cerimônia, um ex-colega levantou-se, embriagado de uísque e nostalgia:

— Eu só quero dizer uma coisa! Uma coisa! Ferreira... ele não era santo! Mas ele... ele... ele era um cara que sabia a diferença entre um "*emolumento não-oficial*" e um uísque patrocinado!

— Isso é verdade — confirmou Geraldo, emocionado. — E sabia, acima de tudo, quando era imperativo calar a boca. Exceto no fim, claro.

Mais tarde, enquanto o corpo era conduzido para o jazigo dos "*Inocentes Presumidos*" — um setor exclusivo, financiado com emendas impositivas —, Silvério parou diante da lápide provisória. A inscrição dizia:

FERREIRA – 63 a.CB – 2 d.CB

ENGASGOU COM O SISTEMA

— Justo — disse ele. — Mas podiam ao menos ter acrescentado: "Morreu tentando entender o *Sistema*."

∵ ∴ ∵

No caminho de volta, já no carro, Renan ligou o rádio. Passava um debate sobre ética na política.

— Isso é real? — perguntou Silvério.

— Claro que não. Deve ser reprise.

E os dois seguiram. Um velório a menos. Um mistério a mais. Um gelo engasgado no meio da história, como uma parábola que ninguém tinha coragem de interpretar.

Nota de Cozinha (não é spoiler — é o pão queimado do amanhã)

E, entre suspiros e cafés frios, a "vida" continua, exatamente como se tivesse lido todos os manuais de instruções e resolvido ignorá-los, um por um. Segue seu curso desengonçada, tropeçando nas próprias expectativas, mas sempre encontrando um jeito de fazer parecer que era exatamente isso o que planejara desde o início. Afinal, o melhor plano é aquele que ninguém percebe ter sido improvisado.

O velório e o enterro de Ferreira já são passado — antes mesmo de terem começado. *Nelson Rodrigues* via o velório como teatro da hipocrisia. Na Cabrália, não é diferente: é um *reality show* com roteiro de luto e direção de cerimonial. Frases de efeito, lágrimas ensaiadas e um *buffet* com coxinhas de "luto *light*". O morto? Irrelevante. O importante é que o velório tenha story e, no mínimo, três reels com trilha emocional.

E isso, sim, é a vida como ela é.

Digestão da Culpa

A Cápsula do Tempo BQ6-2DCB-10A-1 guardaria: um cardápio com letras miúdas — "Culpa: sobremesa do dia"; uma taça de vinho trincada — "Brinde à Hipocrisia (e ao *Instagram Offline*)"; e um relógio de parede parado em "20h: Hora da Verdade".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, com chifres cravejados de diamantes falsos, servia entradas de desconfiança em pratos de porcelana rachada — enquanto os comensais mastigavam silêncios como pãezinhos requentados, alheios ao desespero global de quem tentava, sem sucesso, postar *stories* sobre a própria insignificância.

"O sofrimento é a única origem da consciência."

Fiódor Dostoiévski, *Crime e Castigo*

E o mês passou. Rápido, sem cerimônia, como um relógio cujo som já não é ouvido por ninguém. Ferreira, esse nome que fora pronunciado tantas vezes com fervor e ironia, foi se apagando lentamente, como a lembrança de um sonho que desaparece no instante em que os olhos se abrem. O nome já não fazia sentido. Era apenas uma palavra, algo dito em outro tempo, mas cujo significado agora escapava.

O novo mês começou com uma manhã sufocante. O céu amanheceu implacável, como um véu de fogo que paira sobre os vivos e os mortos. O ar estava carregado, denso, como se cada respiração trouxesse consigo o peso de escolhas feitas e omitidas. Era um daqueles dias em que até o vento parecia hesitar, como se temesse anunciar algo inevitável.

Os cinco — ou o que restava deles em termos de disposição física e mental — acordaram como sobreviventes de uma guerra que já não reconheciam como sua. Olhos fundos, estômagos em litígio, memórias dispersas e um leve tremor nas mãos. Não era medo. Era algo mais insondável: a fragilidade de quem foi confrontado por um longo acúmulo de culpas, erros e silêncios.

Reuniram-se novamente no salão do *Clube République*, agora iluminado por um sol excessivo, quase cruel, para tanto passado acumulado. O silêncio entre eles era pesado, denso como o caldo de um acontecimento reduzido por décadas de negligência — uma quietude que antecede o colapso, quando as palavras já não têm força para preencher o vazio.

Foi Geraldo quem primeiro rompeu o silêncio, e qualquer resquício de dignidade:

— Alguém mais sonhou com a dança do passado, misturada com os ecos de uma era que parece nunca ter terminado?

— Sonhei que estava sendo preso preventivamente em um programa de confinamento — murmurou Silvério, com o olhar de quem já havia aceitado o destino e agora apenas assistia ao desfecho inevitável.

Depois, elevando a voz como se falasse para um palanque invisível, prosseguiu, com o dedo indicador espetando o ar em acusações contra fantasmas de colarinho branco:

— É isso! "A elite cabralina nunca me perdoou por ter feito um governo para os pobres!" Queriam que eu servisse caviar... mas eu servi feijão com farofa! Isso, meus amigos, é crime na Cabrália.

Balançou a cabeça, como se revivesse mentalmente antigos embates, antes de se calar com teatralidade.

Renan tossiu, ajeitou a gravata com a solenidade de quem reescreve a própria biografia, e soltou um suspiro que parecia ter passado por todas as *CPIs* do país. No ar, não havia fumaça — só um cansaço antigo, enfadonho como discurso de madrugada.

— Estamos todos intoxicados. Pelo *Cozinheiro* ou pelos nossos próprios pecados — dá no mesmo. O corpo não distingue a origem da agressão. Só sabe reagir. E, às vezes, essa reação é o próprio colapso.

— Isso é retórica indigesta — comentou Silvério, com a voz baixa, como quem mastiga algo que não consegue engolir. — O problema não é o que comemos. É o que aceitamos engolir por tanto tempo. E o que continuamos a repetir.

O Dr. Henrique Sampaio, até então em silêncio, finalmente falou. Sua voz tinha a calma de quem está prestes a propor um grande gesto ou uma difícil renúncia:

— Precisamos entender algo: aquele banquete não foi um castigo. Foi uma cerimônia. Uma celebração do fim. Estamos sendo digeridos pela própria História. Com talher de prata e guardanapo de conveniência.

Silêncio. Um silêncio que parecia crescer, como um eco que retorna mais alto do que o som original. Talvez fosse o tempo necessário para que cada um compreendesse a qual banquete o Dr. Henrique se referia — porque todos tinham sido, de alguma forma, o último banquete de alguém.

Foi então que, inesperadamente, entrou um assessor. Jovem, com o olhar ainda impregnado da ingenuidade de quem acredita que tudo pode ser corrigido com um gesto institucional.

— Com licença... chegou um envelope. Sem remetente. Está com cheiro de alecrim.

Todos se entreolharam. Renan pegou o envelope com dedos hesitantes, como quem recebe uma verdade pela qual foi responsável.

Abriu, leu em voz alta:

— A conta está sendo paga com juros. Os jantares anteriores foram apenas o aperitivo da sentença. No próximo, servirei a verdade. À francesa.

A assinatura era um simples desenho: um garfo cruzado com uma balança.

Geraldo riu, nervoso, tentando quebrar a tensão:

— Justiça à francesa? Quer dizer... devagar e com molho?

— Não — disse Silvério, com um olhar grave. — Quer dizer: sem chance de escapar da guilhotina.

Os cinco se levantaram como quem segue para um plenário, mas caminhavam, na verdade, para a sala de um tribunal onde o veredito já fora selado. Não havia julgamento àquela altura — apenas a formalização do inevitável. Eles sabiam que

aquele não seria simplesmente um jantar. Era o encerramento de um ciclo. E ciclos não terminam com brindes ou discursos. Terminam com silêncios pesados, cadeiras arrastadas e promessas feitas entre os dentes apertados.

O *Cozinheiro* tinha servido pratos, memórias, culpas. Faltava o mais difícil: a verdade. E todos sabiam que essa... ninguém digere fácil.

∵ ∴ ∵

Como de hábito, nos dias que antecediam um banquete, Luíza Borja se hospedava no *Casarão*. Era mais prático — ou, como ela dizia, mais digno. A limpeza, afinal, era apenas um detalhe no universo de pequenas tarefas que compunham sua função. Luíza não limpava cômodos; sufocava o caos antes que tivesse a chance de respirar. Afinal, era a *Dame de Propreté*, como gostava de se intitular — um título inventado, mas usado com tanta convicção que parecia constar de algum registro empoeirado da corte de um reino que jamais existiu, mas que, na cabeça dela, já tinha capital, bandeira e feriado nacional.

Ela era a encarregada da ordem invisível — aquela que fugia do escopo *da Maître d'Banquet*. Gabriela cuidava do protocolo, da cadência dos pratos, do tom das conversas e, principalmente, da organização da mesa. Luíza cuidava do que vinha antes: o que se antecedia ao ritual, o que se preparava em silêncio, o que só falhava quando não estava perfeito. Era quem garantia que cada objeto estivesse no lugar certo, que as cortinas caíssem com a simetria de um relógio suíço, que o silêncio entre os convidados não fosse apenas ausência de som, mas conforto calculado — uma quietude que acalenta a vaidade de quem acredita estar no controle.

Sabia, por exemplo, que o Dr. Henrique preferia luz indireta no canto esquerdo da sala, onde lia seus trechos de filosofia como quem decifra um código moral. Que Renan não suportava o cheiro de limão na toalha de mesa — um detalhe minúsculo, mas que podia desmontar toda a sua pose de desinteresse. Que o Barbosa, por mais que fingisse desprezo pelas formalidades, notaria se o jornal do dia estivesse dobrado de forma diferente, como se a desordem no papel fosse um presságio de desordem no mundo.

Fazia tudo isso sem que ninguém percebesse sua presença — inclusive durante os banquetes. Movia-se como uma sombra que aprendeu a não projetar sombra. Entrava e saía de salas como quem ajusta um pensamento inconveniente: sem ruído, sem aviso, sem testemunhas. Quando um copo era reposicionado, quando um fio de cabelo desaparecia do encosto da cadeira, quando um bilhete incriminador era substituído por um guardanapo limpo, ninguém imaginava que fora ela. Eram detalhes pequenos, quase imperceptíveis — e, por isso mesmo, essenciais.

Naquela noite, havia mais dois hóspedes no *Casarão*: Gabriela, a *Maître d'Banquet*, e Geraldo, que ficara conversando com o Barbosa até altas horas — o que não era incomum, especialmente na véspera de um banquete. O *Casarão*, nesses momentos, parecia adormecer devagar, como um animal que sabe que o ritual está prestes a começar.

No fim da noite, o corredor estreito estava mal iluminado, como se a luz também estivesse economizando energia para o espetáculo do dia seguinte. Luíza voltava para seu quarto — um aposento discretamente elegante, no fundo do segundo andar — quando viu Geraldo fechar a porta do escritório. Ele segurava um envelope pardo contra o peito, como quem protege um coração prestes a parar. Ao notar a presença

dela, hesitou — não por culpa, mas por cálculo.

— A noite está estranha, não acha? — disse, como se fosse uma pergunta trivial, dessas que se faz para disfarçar o medo.

Ela assentiu, sem se aproximar. Não perguntou sobre o envelope. Não comentou a hora. Apenas o observou enquanto ele passava por ela, com o andar de quem já está ensaiando o desaparecimento.

Quando o som dos passos sumiu no corredor, Luíza entrou no escritório. O ambiente ainda guardava o calor do corpo dele, o cheiro de papel velho e nervosismo. A luz estava acesa. Ela a apagou. Não por economia. Por *ritual*. Porque, nos dias que antecediam um banquete, tudo precisava voltar ao estado de espera — como se nada tivesse acontecido. Como se o tempo, por um instante, tivesse sido limpo junto com a poeira. E ficou ali, por alguns segundos, no escuro, sabendo que algo havia sido deixado para trás.

Entre Pratos e Sentenças

A Cápsula do Tempo BQ6-2DCB-10A-2 guardaria: uma lista de convidados com o nome riscado — "Geraldo: Bloqueado no grupo do *WhatsApp*"; uma taça de vinho pela metade; e envelopes e caixas lacrados — "Verdades em Dose Controlada (antes que alguém processasse a realidade)".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de capacho institucional sob os pés, limpava as pegadas do banquete como quem tenta varrer a história para debaixo do tapete — ou melhor, para dentro do algoritmo do *Facebook*. Afinal, outubro já tinha dado o que falar com o apagão das redes sociais, quando metade do mundo percebeu que sua vida social dependia de um *like*.

"A culpa não é averiguada, é simplesmente pressuposta."

***Franz Kafka**, O Julgamento*

Desde a fundação da *Grão-Confraria de la République*, cinco banquetes haviam sido celebrados. Cada um deles era uma encenação cuidadosamente coreografada, como atos de uma tragédia que ninguém queria admitir estar presenciando. Todos os jantares foram marcados por tensões veladas, risos forçados, silêncios carregados de significados ocultos — e mortes inexplicáveis. Era um teatro onde os personagens principais se revezavam entre protagonistas e figurantes, todos prisioneiros de um roteiro escrito por mãos invisíveis.

No quinto banquete, realizado poucas semanas antes, o ar já estava denso, carregado por algo que pairava além das palavras. Todos pareciam ansiosos, conscientes de que mais um deles seria escolhido para sucumbir à lógica implacável daquele ritual. Naquela noite trágica, os convidados chegaram com máscaras de civilidade — máscaras que caíram rapidamente após o incidente fatal envolvendo Ferreira. Sua morte, extravagante e simbólica, deixou um vazio que ecoava entre os presentes, como um presságio do que ainda estava por vir.

Agora, neste sexto banquete, o ambiente era marcado por uma atmosfera ainda mais espessa, quase palpável, como se cada gesto e palavra carregasse o peso de algo já decidido muito antes de os convidados chegarem. O ar estava impregnado com o cheiro peculiar de algo que já havia terminado: um cansaço antigo, impossível de disfarçar com temperos ou floreios. Cada detalhe da noite fora meticulosamente planejado pelo *Cozinheiro*, que mais parecia um juiz silencioso do que um anfitrião. As escolhas feitas para cada convidado refletiam suas próprias trajetórias — ou,

talvez, suas prisões pessoais.

O jantar transcorreu de forma monótona, sem surpresas ou grandes arroubos, conduzido com disciplina quase militar pela *Maître d'Banquet* em coordenação com o *Cozinheiro*. Os pratos foram servidos em silêncio, interrompidos apenas pelo tilintar dos talheres e pelos murmúrios desconexos dos presentes. Agora, restava apenas a etapa final: aquele momento em que, se por infelicidade o roteiro falhasse, o desfecho permaneceria envolto em sombras — não por falta de luz, mas por falta de testemunhas dispostas a contar a verdade.

∵ ∴ ∵

Era noite. Tinha chovido à tarde. A chuva fina deixara o jardim do *Casarão* com cheiro de terra molhada — o mesmo cheiro de covas recém-abertas em cemitérios bem cuidados.

Luíza Borja — a *Dame de Propreté*, como gostava de se intitular —, caminhava sob a marquise, os passos silenciosos sobre o ladrilho escuro, quando viu Geraldo parado junto ao muro lateral, com uma taça de vinho vazia na mão. Como se tivesse bebido algo que não merecia ser lembrado.

Ele parecia nervoso. Os dedos apertavam algo debaixo do casaco, como quem segura um coração ainda quente. Abriu o casaco e retirou um envelope pardo, amassado nas bordas, como se já tivesse sobrevivido a várias reencarnações em gavetas esquecidas.

Geraldo estendeu o envelope a ela, com as mãos trêmulas:

— Se eu não aparecer até amanhã — disse, sem olhar para ela, com o ar trágico daqueles que confundem invisibilidade com importância —, queime isso.

O gesto tinha a solenidade de um testamento e o peso de um segredo de Estado — embora o narrador, cá entre nós, duvidasse da grandiosidade da cena.

— Queimar? — repetiu ela, desconfiada.

— É. Enquanto eu estiver por perto, esse envelope me protege. Mas, se eu desaparecer ou morrer, vira munição barata para cronistas em busca de escândalo fresco. — Ele riu, seco. — É só sujeira. Sem mim, não faz sentido. Não preciso de biógrafos de necrotério.

Luíza não perguntou por quê. Não prometeu nada. Apenas estendeu a mão, pegou o envelope e o guardou dentro do casaco, bem junto ao peito, como quem guarda um lenço emprestado — ou um segredo que ainda não sabe se vai usar.

Talvez temesse descobrir. Talvez soubesse que a dúvida era mais digna que a verdade. Porque, se fosse um dossiê capaz de derrubar ministros, não o confiaria a ela — teria ido parar num cofre suíço, lacrado por sigilo bancário e cinismo. E se fosse apenas um punhado de discursos mal acabados, confissões tortas e cartas de amor nunca enviadas, então, sim, queimar era um ato de misericórdia. Ninguém merece morrer duas vezes: uma no corpo, outra no ridículo.

— Não vai ficar para o prato principal? — perguntou ela, por fim, com a voz tão neutra quanto o tempo.

Geraldo olhou para o céu cinza e úmido, sem estrelas.

— Talvez não.

Fez uma pausa.

— Se alguém perguntar, diga que não me viu.

Ela assentiu.

Ele se afastou pela lateral do *Casarão*, entre os arbustos molhados, como quem já se despediu do mundo em silêncio. Luíza ficou ali, imóvel, até que ele desaparecesse na neblina — ou talvez até que a própria neblina o engolisse.

∵ ∴ ∵

A noite se estendia como um compromisso assinado sem entusiasmo, uma obrigação que ninguém mais questionava, mas que também ninguém desejava cumprir. O peso das horas parecia escorrer pelas paredes da sala, viscoso e opressor, como um vinho vulgar servido em taças de cristal. A mesa estava vazia agora. Não havia mais pratos, não havia mais ninguém para servir. Só o silêncio, denso e sibilante, como uma chantagem moral que ninguém tinha coragem de desafiar.

Renan, ainda imóvel, olhava pela janela, onde a luz artificial dos postes projetava sombras tênues, sem calor nem presença. Era uma claridade distante, como se tivesse desistido de iluminar algo que já estava condenado à penumbra.

Silvério estava com as mãos entrelaçadas, pensativo, como quem contempla uma velha história que, no fundo, já não é mais sua.

O Dr. Henrique Sampaio, por sua vez, se perdeu no próprio reflexo de um copo de água, como se tentasse encontrar respostas na transparência de algo que, no fundo, não era nada.

Geraldo levantara-se mais cedo, ainda no meio do banquete, dizendo apenas:

— Vou buscar outra garrafa de vinho.

E não voltou. Era como se tivesse se erguido da própria narrativa — não para buscar algo, mas para desaparecer misteriosamente nela. Algo no roteiro o espantara.

Seu sumiço foi o primeiro sinal — não exatamente discreto — de que algo estava terrivelmente fora do lugar.

No começo, ninguém sentiu falta. A presença de Geraldo sempre fora assim — sutil, quase translúcida. Às vezes, era mais ruído de taça do que voz. Mas a ausência foi se tornando evidente, não pelo silêncio, mas pela secura nas conversas. Sem vinho, as palavras começaram a se tornar duras, o sarcasmo perdeu o ritmo, e a memória coletiva começou a ressecar. Só então perceberam que ele não voltaria.

Mais tarde, ao encontrarem a auxiliar de limpeza — ou *Dame de Propreté*, como gostava de se intitular nos raros instantes de formalidade —, limitou-se a dizer:

— Faz tempo que não o vejo.

Disse com a voz baixa, mas clara, como quem anuncia o fim de um ato sem levantar o tom. Não olhou para ninguém. Apenas passou um pano sobre a taça de vinho que Geraldo deixara na marquise, como se o gesto fosse um ritual de apagamento.

O Dr. Henrique fitou-a, desconfiado. Não pela resposta. Mas pelo tempo dela. Como se aquela frase já tivesse sido ensaiada — ou como se, no fundo, todos já a conhecessem de cor.

Renan anotou algo no caderno, com a caligrafia precisa de quem sabe que o futuro será julgado pelo que foi registrado.

Ninguém insistiu.

Porque, no "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*, certas verdades não precisam ser provadas. Basta serem repetidas com a mesma entonação.

E Luíza era a única que nunca errava o tom.

∵ ∴ ∵

O *Cozinheiro*, que parecia o último a sair de uma festa que já havia durado uma eternidade, apareceu novamente, com o passo tão leve que quase não se ouvia. Ele se aproximou da mesa como quem se aproxima de um leito de morte. Não havia pressa. Sabia que o final já estava escrito.

— Vamos à sobremesa — disse, com a voz calma, mas com um peso subterrâneo, como se soubesse que nenhum dos presentes estava preparado para o que viria a seguir.

Todos sabiam que aquela "sobremesa" já não tinha mais nada a ver com comida. Era um gesto simbólico — o último prato servido numa narrativa que os consumira até as últimas migalhas de suas consciências.

O *Cozinheiro* colocou no centro da mesa uma bandeja coberta por um pano branco.

A *Maître d'Banquet* aproximou-se devagar e, com gesto quase ritualístico, retirou o pano. Sob ele, dois envelopes pretos repousavam, com os nomes caligrafados em tinta densa e precisa. Ao lado, três caixas de madeira escura — uma para Silvério, outra para Renan, outra para o Dr. Henrique Sampaio.

Diferentemente dos envelopes, as caixas não eram leves. Pesavam. Não apenas fisicamente, mas simbolicamente. Eram individuais, fechadas, definitivas — símbolos de que, para alguns, o juízo não vinha em palavras, mas em forma de objeto.

Ela as distribuiu com cuidado, como quem entrega verdades que ninguém pediu para conhecer — verdades que, mesmo fechadas, pareciam transpirar tensão para o ambiente já pesado da sala.

Renan foi o primeiro a abrir a sua.

Dentro, um pedaço de papel envelhecido, dobrado cuidadosamente. Ele o desdobrou com dedos hesitantes, como quem abre uma carta de um antigo amor distante. Lá estava escrito, em letras caprichadas:

"Assine seu nome, e será seu último ato."

Renan cerrou as pálpebras por um instante, como se buscasse na escuridão uma resposta. Naqueles poucos traços, estava o fim do seu último mandato. A última ordem. O último fôlego de uma vida que, até então, acreditava ter controle. Mas quem realmente tem o controle quando o prato já foi servido?

Silvério, que sempre estava disposto a questionar, não se conteve diante do silêncio que se seguiu. Estendeu as mãos para a sua caixa, abrindo-a com um gesto quase teatral. Dentro, encontrou... nada. Absolutamente nada. Uma caixa vazia, como se o próprio vazio fosse a mensagem. Ele franziu a testa, inclinando-a levemente contra a luz, como se esperasse que algum detalhe oculto surgisse. Mas não havia nada além da ausência.

— É isso? — perguntou, com uma mistura de sarcasmo e frustração. — Um presente do universo... ou só mais um desses simbolismos baratos, embrulhados como revelação divina?

Ninguém respondeu. O vazio parecia zombar dele, uma resposta silenciosa ao hábito de sempre questionar tudo sem jamais aceitar qualquer resposta. Silvério deixou a caixa sobre a mesa, mas seus olhos continuaram voltando a ela, como se esperasse que o significado aparecesse eventualmente.

— Então, o que fazemos agora? — perguntou Renan, com um cansaço que já não era mais de guerra. Era o cansaço do homem que, enfim, compreende o que é ser consumido por aquilo que tentava controlar.

O *Cozinheiro* sorriu — ou algo próximo disso. Um sorriso velho, quase esquecido,

mas que não deixava de ser triste.

— O que fazemos agora... — disse, pausando como quem serve uma sobremesa amarga — é o que sempre fizemos. Continuar no caminho. Cada um em seu papel. Cada um na sua função. Sabendo que o banquete acabou, mas fingindo que ainda pode ser prolongado.

O Dr. Henrique Sampaio, que até aquele momento se mantivera em silêncio, foi o último a abrir sua caixa. Dentro, encontrou apenas um pedaço de vidro brilhante, encoberto por um véu negro. Era um espelho quebrado. Ao tocá-lo, sentiu um arrepio estranho — uma sensação incômoda, como se já tivesse vivido exatamente aquele momento antes, com um fragmento semelhante, frio e silencioso, repousando no bolso do seu paletó como um presságio esquecido.

— A política não é mais sobre as escolhas que fazemos. É sobre os reflexos que aceitamos. — disse, enquanto olhava para a peça quebrada, os fragmentos refletindo rostos que já não eram os mesmos.

Renan finalmente se levantou, com uma resolução fria.

— O que restou de nós não são mais governantes. Somos apenas espectros de um ciclo que já terminou. E, no fim das contas, o que importa não é o que conseguimos fazer, mas o que deixamos de fazer.

E assim, a última refeição terminou. O último mandato foi assinado. E o banquete — com seus pratos cheios de promessas, seus ingredientes exóticos e suas receitas secretas — chegou ao fim.

O *Cozinheiro*, como um fantasma do passado, desapareceu sem uma palavra. Todos ficaram ali, diante de uma mesa carregada de simbolismo, tentando compreender que, talvez, a verdadeira refeição fosse aquela que jamais conseguiram digerir.

Nota de Cozinha (recorte fino de tragédia marinado na ironia)

Kafka jamais escreveu sobre inocentes. Escreveu sobre burocratas que acreditavam ser inocentes — até o instante em que lhes pediram a assinatura do próprio atestado de óbito. Aqui, no "*Casarão dos Barbosa & Freitas*", a diferença é mínima: os convidados ainda têm direito à sobremesa. O que não quer dizer que o veneno não venha servido com *chantilly*.

Aliás, se o leitor notar certa semelhança entre o *Cozinheiro* e o *Tribunal Invisível* de "*O Julgamento*", não se preocupe: é só porque, nestes tempos de justiça à *la carte*, até os juízes aprenderam a temperar sentenças com *molho bechamel*. E, como bem sabia *Kafka* — e melhor ainda sabem os sobreviventes de banquetes políticos —, o mais aterrorizante não é ser condenado sem saber por quê. É ser convidado para o jantar sabendo que o cardápio já inclui seu nome como ingrediente principal.

Último Espectador

“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

***Machado de Assis**, Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Na manhã seguinte ao último banquete, tudo parecia igual. O céu permanecia azul, os jornais foram entregues, os passarinhos chilreavam com a mesma urgência histérica de sempre. Mas o mundo já havia mudado. Silenciosamente, irrevogavelmente. Aquela sobremesa, servida em caixas individuais, selou os destinos dos comensais. Ninguém percebeu, mas ali estava tudo. Não veneno, mas sentença.

Silvério foi o primeiro. Produto mal-acabado de um sistema educacional que confunde decoreba com sabedoria e repetição com pensamento, era o tipo de homem que imitava a filosofia como quem imita um sotaque estrangeiro — sem compreendê-la, mas convencido de que isso o fazia parecer mais sofisticado. Semianalfabeto funcional, preferia a embriaguez à dúvida e a dúvida à clareza. Seu *habitat* natural era o botequim, onde exercia uma retórica bêbada composta por máximas recortadas de programas de rádio e teorias políticas ouvidas pela metade. Recebeu, na noite fatídica, uma caixa completamente vazia. Nenhum bilhete, nenhuma pista, nem mesmo uma migalha de sentido. Para alguns, teria sido um gesto *zen* — a síntese perfeita do nada que somos e do tudo que projetamos.

Para Silvério, foi um enigma intolerável. Passou horas examinando a caixa sob luz negra, mergulhando em fóruns obscuros e tentando decifrar o “conteúdo oculto”. Vasculhou a caixa com mais intensidade do que seu último casamento. Na madrugada, chegou a postar em fóruns de teoria da conspiração perguntando se aquilo não era um modelo antigo de urna eletrônica.

Morreu como viveu: em absoluta ignorância, mas com um entusiasmo comovente. Teve um colapso súbito enquanto buscava sentido na mensagem recebida. O laudo médico indicou “causas naturais”. Mas quem o conhecia sabia: Silvério morreu de dúvida. Sucumbiu à angústia de um mistério que nunca existiu, vítima do próprio vazio — literal e simbólico — que tanto se esforçou para preencher.

E a caixa? Foi parar num sebo da *Rua dos Espelhos Quebrados*, onde hoje armazena os sonhos frustrados de quem ainda acredita que o universo tem um plano. Ou, como diria o Jô: “É a vida, gente. Às vezes, você ganha uma caixa vazia. E às vezes, a caixa ganha você.”

Renan foi o segundo. Passara a vida assinando documentos sem ler, delegando sua própria consciência à praticidade dos carimbos. Assinou, como sempre, o que lhe

puseram à frente — acreditava ser mais um decreto. Era, na verdade, um testamento. Autorizava a doação integral de seus órgãos para fins experimentais. Morreu anestesiado, sem dor, e sem saber que seu fígado agora integra um projeto de ensino automatizado para ratos de laboratório. Renan, que jamais dividia sobremesa, tornou-se literal alimento para a ciência. A caixa que recebera na véspera trazia apenas um pedaço de papel envelhecido — o único atestado de que precisava.

O Dr. Henrique Sampaio foi o terceiro. Entre todos, foi o único a compreender, ainda à mesa, o real significado do banquete — como se a lucidez lhe fosse não um dom, mas uma maldição bem cultivada. Sociólogo de reputação ilibada e vaidade cuidadosamente disfarçada sob a toga da crítica social, o Dr. Henrique Sampaio havia dedicado a vida à desconstrução do tecido social... ao mesmo tempo em que lucrava habilmente com suas costuras.

A caixa que lhe foi entregue trazia um espelho quebrado oculto sob um véu negro. Um símbolo, é claro — e como todo símbolo, uma armadilha. O Dr. Henrique Sampaio hesitou, talvez pressentindo o que encontraria, mas cedeu ao impulso investigativo, esse velho vício da *intelligentsia*. Ao erguer o véu, não encontrou a própria imagem, mas um reflexo feito de estatísticas, gráficos, índices de aprovação e relatórios do *Banco Mundial* — como se sua identidade houvesse se dissolvido na própria métrica do sistema que tanto criticava.

Morreu na madrugada seguinte, de forma abrupta. “Síncope”, anotaram os médicos. “Excesso de lucidez”, sussurraram os poucos que entenderam. O Dr. Henrique Sampaio expirou não por ignorância, mas por ver com nitidez demais aquilo que os outros apenas pressentiam: que até mesmo a rebeldia pode ser absorvida pelo mercado, convertida em tese de pós-graduação e vendida em suaves prestações à próxima geração de indignados.

O *Cozinheiro* veio por último. Nunca foi exatamente um inocente — mexia em ingredientes como quem conspira, picava cebolas como quem elimina provas, e temperava decisões com a frieza de um estrategista. A sobremesa foi sua obra-prima: um mimo envolto em doçura aparente, mas recheado de significados amargos. Cada caixa entregue era mais do que um agrado — era uma sentença. Ele sabia. Sempre soube.

Foi encontrado pela manhã, caído na própria cozinha, com uma colher de pau fincada no peito — um gesto simbólico demais para ser coincidência. Apesar da gravidade do ferimento e do infarto que tinha sofrido, sobrevivera. Estava em coma, hospitalizado sob cuidados intensivos, preso entre a vigília e o esquecimento. Os médicos, embora cautelosos, mantinham um fio de esperança: o *Cozinheiro* ainda poderia voltar.

E se voltasse, traria consigo todos os segredos que temperou com silêncio. Porque aquele caldo que deixara no fogão... ainda fervia.

Hoje, restam apenas ruínas simbólicas. Todos morreram à imagem do que eram. Engoliram, cada qual, o símbolo do próprio erro. A sobremesa não era apenas o fim de um jantar, mas a materialização do julgamento.

No final, todos engolem algo — o orgulho, a culpa, a mentira. Eles engoliram a si mesmos.

> Simbolismo demais? Sim. Todo mundo percebe. Mas há uma certa beleza em arruinar a realidade com camadas de metáforas — mesmo que isso a torne um pouco indigesta. E o *Narrador*? Ainda aqui, infelizmente. Prisioneiro das invenções do *Autor* — escravo das metáforas que ele escreveu ou fingiu ignorar, refém das histórias que

jurou estar contando por acaso.

∵ ∴ ∵

O Barbosa olhou para a mesa posta, pegou a taça de vinho e derramou o conteúdo sobre o pomposo convite do primeiro banquete — aquele mesmo que, por mais que fosse queimado, enterrado ou lançado ao mar, sempre voltava, como se tivesse raízes cravadas na própria realidade. Dizia-se que fora impresso com tinta feita de promessas não cumpridas e assinado com sangue seco de decepções — um artefato autônomo, vivo, que se reproduzia no vazio deixado por cada banquete realizado. Já o encontraram dobrado dentro de cardápios no *Clube République*, flutuando em pratos de sopa fria, até mesmo escondido entre as páginas de livros de receitas velhas.

Ninguém sabia como ele retornava. Só sabiam que sempre retornava.

A mancha vermelha espalhou-se lentamente sobre o convite, como um presságio. E então, em silêncio, foi absorvida — não pelo papel, mas por algo sedento, como se a própria memória do banquete exigisse um brinde.

Banquete dos Espectros

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB-02A-1 guardaria: um contrato de *NFT* de floresta virgem "100% Sustentável (em teoria)"; a hashtag #PazMundial impresso em balas de borracha; e um metaverso deserto com avatares de políticos presos num *loop* infinito: "Carregando promessas… (99% completo. Estimativa: nunca.)"

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso**, de listas convertidas em código binário, tentava caçar inflação em um safari de dados — mas os gráficos fugiam mais rápido que a esperança.

"A única maneira de livrar-se de uma tentação é ceder a ela."

Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*

O silêncio na sala era denso, cortante como uma lâmina — o silêncio que só os mortos sabem fazer. E eles estavam todos ali. Presentes, porém ausentes. Materiais como poeira, intangíveis como arrependimento.

> Sim, metáfora de novo. Densa, cortante, talvez até melodramática. Mas convenhamos: depois de tanto ruído simbólico, o silêncio precisava gritar com alguma elegância.

O ambiente, outrora palco de gargalhadas embriagadas e pratos estalando sob talheres nervosos, agora era uma cripta disfarçada de sala de jantar. As paredes já não absorviam sons; refletiam memórias. E cada memória doía como garfadas mal digeridas.

No fundo, como um aviso que chega tarde demais, ecoava a voz no interfone interno:

— Falta só um. A conta vem depois.

E veio.

A tela, que durante tantos jantares exibira cenas entre o íntimo e o indecente, voltou a funcionar. Agora, em vez de acusações ou escândalos, mostrava apenas a mesa — vazia e morta.

Cadeiras puxadas. Copos com marcas de vinho, sangue ou ambas. E, na cabeceira, o lugar antes proibido. Finalmente ocupado. Ou reivindicado.

A porta se abriu com aquele rangido sussurrado que só o além conhece, aquele som que atravessa o tempo e se esconde nos cantos escuros da consciência. E lá estava ele. O Barbosa. Não o Barbosa das piadas sem graça e das opiniões vazias sobre vinhos. Mas o verdadeiro Barbosa. O que sempre esteve ali, sem estar. O

narrador. O infiltrado. O cronista do melancólico fim.

> Chegamos àquela parte da obra em que o personagem descobre que sempre foi parte do mecanismo — esse velho truque de romance pós-moderno. Mas convenhamos: se até *reality show* tem confessionário, por que um romance não teria?

Ele entrou com a calma de quem sempre soubera que seria o último a chegar. Não por esquecimento, mas por escolha. Porque toda boa história precisa de um narrador fora da trama. E todo banquete precisa de alguém que, mesmo com fome, se recusa a comer.

Sentou-se. A cadeira não reclamou, mas o silêncio sim. O silêncio do mundo. O silêncio dos que já estavam mortos e dos que ainda não haviam percebido.

Renan foi o primeiro a se manifestar — mesmo sem boca, mesmo sem pulmões. Fantasmas têm o dom da indignação que atravessa dimensões, como se o que restasse deles ainda se rebelasse contra a injustiça de existir. Ou de não existir.

— Então era você. O poeta da tragédia alheia. — As palavras cortaram o ar como uma lâmina afiada, um grito silencioso de quem já se despediu do mundo.

O Dr. Henrique Sampaio, o fantasma que se arrastava pela parede, como quem foge de uma conclusão incômoda, sussurrou em tom de dor velada.

— O *voyeur* do apocalipse. Você nos narrava antes mesmo de nós morrermos. Cada risada, cada brinde, cada colapso intestinal emocional... tudo já estava escrito. Antes de sucumbirmos, já éramos apenas suas histórias.

Silvério, aquele que questionava tudo, mas que agora falava como um espectro lúcido, uma alma que não se apressava, disse, sem pressa de voltar a se calar.

— Não é preciso se justificar, Barbosa. Nós já sabíamos. Sentíamos sua presença se arrastando pelos cantos como um fio invisível. Você era o *marionetista* silencioso — aquele que puxa os cordões sem nunca aparecer no palco. E nós? Meras marionetes. Sempre marionetes.

Ferreira, o eterno dramático, apontou para a tela, com dedos que não projetavam sombra, como se o gesto fosse a última manifestação de sua eterna angústia.

— Vai escrever o nosso epílogo agora, Barbosa? Vai nos servir como moral de fábula barata? Vai salvar a democracia com suas palavras? Ou você ainda pensa que é o herói de uma história que já não existe mais?

O Barbosa não respondeu. Pela primeira vez, talvez, não soubesse o final. A história havia dado uma guinada fantasmagórica, e agora o narrador, finalmente liberto das amarras de suas próprias convenções, tinha liberdade criativa. Uma liberdade que parecia mais uma sentença de morte do que uma chance de redenção.

O velho interfone *Ericsson* tocou pela última vez. A voz, a mesma de sempre, mas agora com um tom que atravessava o que restava da realidade, disse:

— “O último prato está pronto. Mas quem irá prová-lo?”

Sobre a mesa, o cardápio final surgiu como um truque de ilusionista: invisível até o momento em que a realidade o revelou, materializando-se do nada com a precisão de um passe de mágica. Não havia garçom. Nem tempo. O tempo se desfez em sombras, como se o relógio já não existisse mais.

O Barbosa olhou para as cadeiras vazias ao redor da mesa. Os fantasmas não comeriam. Eles já tinham consumido tudo o que podiam: suas escolhas, seus erros, suas ilusões. Agora, só restava a ele, o observador, enfrentar o próprio banquete. Mas será que ele teria coragem de erguer o garfo? Ou seria devorado pelo próprio silêncio?

A tela piscou uma última vez, revelando uma frase escrita nela, como uma inscrição em uma lápide: “Todo narrador, cedo ou tarde, se torna parte da narrativa.”

Nota de Cozinha (leve, como esperança pós-aperitivo)

O Barbosa lembrou-se, por um instante, de um tempo em que as pequenas tragédias — um sorvete derretido, um brinquedo quebrado — pareciam maiores que o mundo. Hoje, o mundo é menor, encolhido por telas e compromissos, mas as tragédias continuam gigantescas, só que agora vestidas de ternos, discursos e, às vezes, fantasmas da consciência.

A grande diferença é que ninguém mais chora pelo sorvete derretido. Chora, no máximo, pelo carregador esquecido no aeroporto — ou, com mais frequência, pela oportunidade perdida, ou pelo sucesso alheio, que sempre parece brilhar mais que o próprio.

Na Cabrália, os espectros não são vultos, nem sombras. São memórias e culpas, todos sentados à mesa, mastigando o que sobrou da dignidade. O peso moral dos atos passados assombra a todos — mas, como bom espírito cabralino, pede mais vinho.

Cardápio Final

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB-02A-2 guardaria: um guardanapo manchado de vinho e culpa; uma gravação em *VHS* de um brinde interrompido por um grito; e a receita ilegível de um prato jamais servido, assinada por mãos que já não existem.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso** — enfiado num escafandro enferrujado e conectado a um tanque de oxigênio com cheiro de mofo — tentava escapar a nado de pesadelos onde fantasmas de banquetes o perseguiam, empunhando colheres de prata e gritando harmonizações de vinho com culpa.

"Tudo quanto vivi, vivi dentro de mim."

Fernando Pessoa, *O Livro do Desassossego*

O cardápio final estava ali, exposto à sua frente. O Barbosa hesitou, encarando as palavras como se cada uma fosse uma sentença, não uma escolha. O papel, amarelado pelo tempo que não existia mais, parecia ainda vibrar com o eco de todas as palavras que ele já tivera que engolir ao longo dos anos.

Ele leu, em silêncio, e seu olhar percorreu as linhas com uma frieza que não disfarçava a fissura crescente no peito. Não havia mais enigmas naquele prato, nem simbologias vazias. Era puro, cru, como a verdade que finalmente se encara no espelho de sua própria consciência.

O único prato no cardápio não tinha nome. Só uma descrição vaga e imperturbável: "O que você deixou para trás." Uma sombra de ironia corria por suas veias — uma piada que só faz sentido quando se está à beira do abismo.

O Barbosa repousou o cardápio sobre a mesa com um cuidado quase reverente, como se temesse que o toque pudesse desencadear algo irremediável. No entanto, antes que ele pudesse sequer considerar uma escolha, o prato materializou-se à sua frente num piscar de olhos. O mesmo mistério que trouxera o cardápio agora revelava o prato, sem aviso, sem cerimônia, materializando-se do nada com a inevitabilidade de algo que não pode ser ignorado.

Ele sentiu uma fome repentina. Não era fome de substância física, mas de redenção. Era fome de preencher o vazio que ele próprio criara, com palavras abandonadas na gaveta de temperos e gestos que nunca saíram do forno. Aquelas palavras que Ana Laura, sua última esposa, sempre lhe dizia, entre uma xícara de café e o silêncio que costumava preencher seus jantares.

"Você nunca fala o que pensa, Barbosa", dissera Ana Laura, certa vez, durante

uma dessas conversas que não levavam a lugar algum. “Você prefere construir mundos dentro de si, mas nunca deixa nenhum deles transbordar.”

A frase ecoava agora na mente dele, como um lembrete amargo da esposa que sempre estivera ao seu lado, mas que também sempre soubera que ele jamais a ouviria de verdade. Ela, com sua paciência cansada, sempre soubera que ele viveria uma vida de palavras não ditas, de escolhas adiadas.

O silêncio na sala era quase insuportável, como se todos aguardassem, não o ato de comer, mas o momento de sua escolha — ou de sua recusa. Eles, ali, já sabiam. Sabiam o que o Barbosa nunca ousara admitir: ele nunca quis ser o protagonista da própria história. Sempre preferira ser o espectador, o narrador, o distanciado. Mas a história havia acabado, e ele estava sozinho agora.

Os fantasmas desapareceram sem aviso, do mesmo modo misterioso com que haviam chegado. Talvez tivessem saído de cena para abrir espaço à *Maître d’Banquet* — porque, mesmo dentro dos limites de sua imaginação, um ser vivo tende a ocupar mais espaço que uma lembrança, principalmente quando essa presença pulsa com o desconforto dos dias não resolvidos.

A *Maître d’Banquet* surgiu devagar, como uma dúvida antiga voltando à tona. Estava ali, no canto da memória, olhando para ele daquele jeito que doía mais do que qualquer acusação: um olhar calmo demais para não esconder exaustão.

— E agora?

A pergunta veio como quem comenta o tempo, mas ele sabia: não era sobre o tempo lá fora. Era sobre o tempo deles.

Não havia cobrança explícita, nem tom de ultimato — apenas aquela pausa longa demais entre as palavras, como se esperasse que ele ligasse os pontos sozinho.

— Você ainda vai continuar esperando o momento certo... ou vai perceber que ele já passou?

Enquanto as palavras permaneciam suspensas no ar, sentiu seu significado se espalhar pelo seu corpo, infiltrando-se em cada célula, como um vírus que insiste em se multiplicar. Ele desviou o olhar para o prato à sua frente, buscando escapar da intensidade do momento, mas foi em vão. O molho que escorria pela borda parecia inofensivo à primeira vista, mas trazia consigo o mesmo sabor amargo de sempre: o gosto de tudo o que ele havia evitado decidir. Um tempero composto de silêncios, adiamentos e promessas nunca cumpridas.

Foi então que ele percebeu. O prato não era sobre o que ele deixara para trás. Era sobre o que ele ainda poderia fazer com aquilo que restava. E a escolha, pela primeira vez, estava em suas mãos. Ou melhor, na ponta do talher.

Ele imaginou Ana Laura mais uma vez, tomando o lugar da *Maître d’Banquet* em sua mente. Estava ali, com aquela paciência exasperada que ele conhecia tão bem, o olhar penetrante que, tantas vezes, o fizera questionar cada passo dado — ou não dado.

— Ela não está questionando suas ações. — disse Ana Laura, referindo-se à *Maître d’Banquet*, num tom que oscilava entre impaciência e tolerância, como uma professora cansada tentando guiar um aluno relutante.

— Você está fugindo de novo, Barbosa. Sua vida sempre foi uma sucessão de escapadas, de escolhas adiadas, de portas que você nunca teve coragem de abrir. Não sente nada por ter se perdido assim? Por deixar tudo para depois até que o depois se torne tarde demais? — continuou Ana Laura, já dissolvendo-se lentamente de sua imaginação.

O peso das palavras dela pairou no ar, misturando-se às da *Maître d'Banquet,* ecoando dentro dele como uma verdade impossível de ignorar. Ana Laura não estava ali apenas para acusá-lo; parecia querer arrancá-lo da inércia, forçá-lo a encarar o abismo que ele mesmo havia criado.

Sem um movimento apressado, mas com a gravidade de quem finalmente encara o espelho e vê a própria face nua, o Barbosa pegou o garfo. Não para se alimentar. Não para consumir o resto da história. Mas para traçar a última linha.

Ele não tinha mais uma história para contar. Ele não tinha mais um papel de narrador, de espectador. Era, agora, o único personagem. A fome, que o assombrava desde sempre, agora se transformava em algo mais perverso. Não tinha mais medo da morte. Não tinha mais medo da perda.

Ele só temia, agora, o que aconteceria quando ele finalmente engolisse a verdade.

Com o garfo em mãos, o Barbosa encarou o prato mais uma vez, os olhos fixos na única verdade que ele ainda não conseguira devorar: o que ele escolheria ser. Não havia mais nada além de um vazio profundo, como se o prato tivesse absorvido todo o significado de sua vida até ali. A decisão não seria feita por impulso, mas pela ausência de escolha. Ele sabia disso. Sempre soubera.

O tempo parecia distorcer-se à sua volta, como uma névoa espessa que fazia os segundos se arrastarem. A mesa à sua frente, vazia de todos os outros, estava mais cheia do que nunca: cheia de ausências, cheia das vozes que ele tanto tentara ignorar. O silêncio não era mais um aliado, mas um acusador.

Ana Laura, como um sussurro que ainda insistia em habitar sua mente, retornou mais uma vez, com sua sabedoria cortante.

— Então, Barbosa, você vai finalmente tomar uma decisão? — questionou. — Você vai encarar tudo o que fugiu até agora?

Ele segurou o garfo e, com um movimento meticulosamente calculado, espetou o prato. Com a mesma calma que o definia em momentos cruciais, levantou o talher diante de si. Sentiu o peso da escolha, do ato em si, mais do que qualquer tentativa de preencher o vazio com alimento físico. Não era sobre o sabor. Era sobre o que ele faria com aquele último momento de lucidez, aquele último pedaço de controle.

E então, o fez.

Com um movimento lento, colocou o garfo na boca. Não mastigou, nem engoliu. Sentiu a textura amarga da mentira, do arrependimento, do desgosto. Ele já não estava mais tentando se salvar, nem queria entender a história. O que restava do Barbosa, naquela mesa, não era mais o narrador, mas o homem que finalmente enfrentava o fim da narrativa que ele próprio havia construído.

Ele não sentiu medo. Nem raiva. Pela primeira vez, talvez, sentiu a verdadeira liberdade. Não a liberdade de se rebelar contra a realidade, mas a liberdade de ser, enfim, o último a compreender que a história já havia terminado. Engoliu a mentira e, com ela, a última palavra que tinha sobre si mesmo.

∵ ∴ ∵

O Barbosa acordou sobressaltado, o suor frio escorrendo pela testa como uma lembrança física do pesadelo que acabara de abandonar. A escuridão do quarto envolvia tudo, mas ele podia sentir o peso da presença dos fantasmas ainda pairando no ar, mesmo na vigília. Ana Laura, os outros convidados, as vozes, os olhares — tudo parecia tão vívido que ele precisou de alguns segundos para se convencer de

que estava de volta ao mundo real. Respirou fundo, tentando dissipar a sensação opressiva que lhe comprimia o peito. Era sempre assim quando despertava desses sonhos: um misto de alívio por ter escapado e inquietação por saber que havia algo neles que não era apenas fruto de sua imaginação.

Os pesadelos começaram logo após o último banquete, aquele que nunca deveria ter acontecido. Eram sempre variações do mesmo tema: os fantasmas dos banquetes anteriores, as conversas interrompidas, as escolhas adiadas. Ana Laura, em particular, parecia ser a figura central dessas visões, surgindo como uma espécie de consciência que ele preferiria ignorar. Sabia que esses sonhos não eram apenas criações aleatórias de sua mente cansada; eles tinham raízes profundas no que restava de sua memória e culpa. O último banquete deixara marcas que ele não conseguia apagar, como se cada garfada tivesse sido envenenada não apenas com *beladona* ou *oleandro*, mas com verdades que ele insistia em evitar.

No entanto, algo mudou nos últimos tempos. Os pesadelos, embora incômodos, começaram a revelar mais do que apenas medo ou arrependimento. Trouxeram consigo uma clareza desconfortável sobre sua vida atual — especialmente sobre Gabriela, a *Maître d'Banquet*.

No início, tentou justificar suas hesitações:

— É complicado — dizia a si mesmo.

Mas os sonhos não aceitavam mais desculpas. Eles o confrontavam com perguntas que ele não tinha coragem de formular durante o dia.

— Você vai continuar fugindo? — sussurrava Ana Laura, em algum canto da mente dele. — Ou vai finalmente enfrentar o que realmente importa?

Foi então que o Barbosa tomou sua decisão. Não importava quão dolorosa ou incerta fosse a saída — ele precisava encerrar aquele ciclo. Seu relacionamento com Gabriela não poderia continuar sendo uma sucessão de silêncios e meias-verdades. Compreendeu, por fim, que, assim como nos banquetes, vinha apenas protelando o inevitável: enfrentar o que sentia e os próprios erros que acumulava.

Os pesadelos, por mais assustadores que fossem, tinham servido como um espelho cruel, revelando não só o vazio dentro dele, mas também o caminho que precisava trilhar para preenchê-lo.

Ao final dessa reflexão, soube que era hora de agir. Não para fugir do destino. Mas para escrever seu próprio epílogo — Dessa vez, sem subterfúgios. E sem pratos intocados.

> ***Nota de Cozinha (não é spoiler — é molho de acompanhamento)***
>
> O Barbosa estava reticente. Como sempre. Sua mente era um viveiro de dúvidas — não um caos, mas um zoológico meticulosamente administrado, onde as incertezas circulavam em jaulas forradas de *"e se"*, esperando apenas um olhar mais demorado para se multiplicarem. O que poderia dar errado? Ah, tudo. A conversa, a sobremesa, a amizade, o possível casamento, a carreira, a sanidade — e até o pequeno cacto na janela, cuja sobrevivência, aliás, já durava mais do que qualquer promessa do Barbosa a si mesmo.
>
> Mas isso, naturalmente, fica para os próximos capítulos — porque ninguém quer um desfecho antes do café, e menos ainda uma tragédia anunciada servida com leite morno e uma colher de silêncio. Finais tristes exigem empenho: um certo virtuosismo na autodestruição, uma disciplina quase burocrática no desmoronamento. E o Barbosa, coitado, já estava exausto de ser o próprio autor de sua derrota.

Banquete Sem Fim

“Só os mortos não têm mais medo.”

Erich Maria Remarque, *A Noite de Lisboa*

A sala estava vazia, como sempre estivera no final de tudo. O Barbosa sentava-se sozinho à cabeceira da mesa, agora desgastada pelo tempo e pelas memórias que carregava. Não havia mais pratos ou talheres, tampouco o cheiro persistente de especiarias que outrora pairava no ar. Apenas silêncio. Um silêncio tão pesado que parecia sufocar até os fantasmas que ainda rondavam o ambiente.

Foi então que ela surgiu. Gabriela, a *Maître d’Banquet*. Trazia consigo uma aura de elegância contida, embora algo mais sombrio também se fizesse presente — algo que lembrava o peso das escolhas inevitáveis. Era esguia sem fraqueza, elegante sem esforço, com uma postura que não era altiva, mas definitiva. Caminhava como quem já viveu outras épocas, ou como quem, secretamente, ainda vive nelas.

O vestido preto parecia ter sido herdado da memória, não da moda — um tecido que não vestia o corpo, mas a lembrança. Fluía como uma cortina de teatro prestes a se fechar sobre o último ato. Usava um perfume que lembrava jasmim, chuva e coisas que nunca aconteceram.

Ela se aproximou de Barbosa com passos deliberados, quase cerimoniais — como quem sabe que está prestes a encerrar um ciclo.

— Agora tudo começa a fazer sentido... — disse, sua voz suave, mas firme, ecoando na vastidão da sala. — O seu constante silêncio... aquela cara de quem nunca estava inteiro... como se vivesse sempre olhando de fora.

Ela fez uma pausa, como quem ajusta o foco da própria percepção.

— Na verdade… você estava observando. E não só isso. Você era o olho que tudo via. O ouvido que tudo escutava. O fio invisível que conectava as cenas. Então... você é o narrador!

Ele ergueu os olhos para ela, mas não respondeu de imediato. Estava acostumado a observar, não a ser observado. E agora, diante daquela mulher que parecia conhecer todos os segredos dos banquetes, sentiu-se invadido por algo que julgava extinto: vulnerabilidade. Era como se as defesas que construíra ao longo dos anos começassem, enfim, a ruir sob o peso do olhar dela.

— Narrador? — murmurou, após um silêncio longo o bastante para ser confundido com confissão. — Eu era apenas... o “*Cartógrafo das Ilusões*”. O único que nunca teve muita fome. Aquele que ficava à margem do banquete, assistindo aos outros mastigarem certezas e engolirem ilusões. Um cartógrafo... imparcial.

Gabriela sorriu — um sorriso breve, quase imperceptível, mas carregado de

desencanto. Seu rosto era um mapa de nuances: os lábios assentiam, mas os olhos denunciavam o que as palavras não diziam.

— "*Cartógrafo das Ilusões*"? — respondeu, com a voz baixa, porém inabalável. — Isso é mera licença poética, Barbosa. No fim, tudo se resume a ser um cartógrafo. E não existe cartógrafo imparcial.

Fez uma pausa — não pela dúvida, mas pela generosidade de quem oferece tempo para que o outro alcance o raciocínio inteiro. Então, como quem traça um meridiano no ar, continuou:

— Quem desenha mapas também escolhe o que deixar de fora. E, no fim, todo mapa é um pacto delicado entre realidade e fantasia, entre memória e invenção. Assim como as narrativas, os mapas também mentem — ou sonham. E quem mapeia, participa. Mesmo fingindo que não. Porque até no silêncio há escolha. Até na ausência há posição.

Ele não respondeu logo. Ficou ali, perdido entre os últimos ecos das palavras dela, sentindo o peso de um papel que nunca pedira, mas que carregava havia anos — talvez desde antes de perceber que já fazia parte da história.

— No fim, todos comem, Barbosa — continuou ela. — Mesmo aqueles que fingem não ter fome. Você devorou suas palavras, suas histórias, seus personagens. Isso também é uma forma de alimentação.

Fez uma pausa, pousando os olhos sobre ele como quem corta carne com o olhar.

— Mas me diga... como foi assistir ao colapso deles?

O Barbosa recostou-se na cadeira, as mãos cruzadas sobre o colo. Sabia que aquela conversa não seria fácil. Gabriela não aceitava evasivas — nem figuras retóricas mal temperadas, principalmente quando, segundo ela, soavam como uma mistura de *Paulo Coelho* com cardápio de restaurante temático.

— Colapso? — repetiu, como se testasse a palavra na boca. — Não sei se chamaria assim. Eles não colapsaram. Simplesmente... se revelaram.

Pousou o olhar no vazio, como quem consulta arquivos invisíveis na memória.

— Cada um era uma tragédia ambulante disfarçada de sucesso ou poder. Renan, com seus documentos assinados sem leitura, engolindo o próprio ego. Silvério, afogado em símbolos que nunca compreendeu. O Dr. Henrique Sampaio, preso nas próprias teses sociológicas. Ferreira, tentando decifrar um cubo que nunca teve significado.

Ela interrompeu-o com um gesto delicado da mão, como quem pede licença para corrigir uma falha gramatical.

— Você os descreve como vítimas de si mesmos. Mas esquece de mencionar o *Cozinheiro*. Ele foi o verdadeiro arquiteto de tudo isso, não foi?

Ele franziu a testa, como se a mera menção do nome trouxesse à tona algo que ele preferia evitar.

— O *Cozinheiro*... — murmurou, pensativo. — Sim, ele estava lá desde o início. Discreto, invisível, mas sempre presente. Era ele o responsável por preparar os pratos, temperar as escolhas e servir as sobremesas finais. Mas... ele era apenas um coadjuvante. Ou isso é o que eu gostaria de acreditar.

Ela aproximou-se mais, inclinando-se ligeiramente sobre a mesa, como quem compartilha um segredo. Por um breve instante, seus olhares se cruzaram, e o Barbosa sentiu algo que há anos não experimentava — uma conexão tão genuína que parecia desnudar cada camada de sua alma. Não havia julgamento nos olhos de Gabriela, apenas uma compreensão silenciosa que o desarmava.

— Você realmente acredita nisso? Que o *Cozinheiro* era apenas um coadjuvante? Ou será que ele era o verdadeiro narrador, e você... apenas um instrumento dele?

A pergunta pairou no ar, densa como vapor. Ele sentiu um calafrio percorrer a espinha. Sempre pressentira algo maior por trás de tudo — uma força, um desígnio ou talvez apenas o peso das coisas não reveladas. Algo que escapava ao seu controle. Mas nunca ousara admitir isso em voz alta.

— Talvez — disse, finalmente, com um suspiro cansado. — Talvez o *Cozinheiro* fosse o verdadeiro autor desta história. Talvez ele tenha escrito cada linha, cada escolha, cada destino. Mas, se for esse o caso, por que ele permitiu que eu estivesse aqui? Por que me deixou observar tudo?

Com um movimento lento, Gabriela endireitou-se, cruzando os braços de forma casual, mas com uma postura que irradiava autoridade. Observava-o com uma intensidade que o deixava desconfortável e, ao mesmo tempo, despertava algo diferente dentro dele, uma curiosidade estranha. Era como se estivesse prestes a revelar aquilo que ele passara a vida inteira buscando.

— Talvez porque precisasse de alguém para contar a história depois que tudo terminasse. Alguém que pudesse dar sentido ao caos. Ou talvez... ele simplesmente gostasse de plateia. — respondeu ela.

O Barbosa balançou a cabeça, como se tentasse dissipar uma névoa incômoda.

— Ana Laura costumava dizer que eu fugia de fazer escolhas. “Você prefere observar a agir”, me acusava. Talvez estivesse certa. Talvez eu nunca tenha sido o narrador. Talvez eu fosse apenas... o garçom que servia as palavras.

Ela riu baixinho, um riso leve, quase musical. Havia algo no som daquela risada que parecia tocar uma parte do Barbosa que ele mesmo desconhecia.

— Não subestime o papel do garçom, Barbosa. Ele é quem entrega os pratos. Quem decide quando e como eles serão consumidos. E, às vezes, também pode envenená-los.

Ele ergueu os olhos para ela, surpreso com a insinuação, mas também intrigado pela maneira como ela o encarava. Havia em seu olhar algo que sugeria compreender mais do que jamais admitiria.

— Está sugerindo que eu...?

Ela o interrompeu novamente, desta vez com um sorriso mais amplo.

— Não estou sugerindo nada. Estou apenas lembrando que ninguém sai ileso de um banquete como este. Nem mesmo você.

Um silêncio desconfortável tomou conta da sala. O Barbosa olhou para o espelho que ainda refletia sua imagem distorcida. Já não reconhecia aquele homem. Ou talvez nunca o tivesse conhecido de verdade.

— E agora? — perguntou, quase sussurrando. — O que acontece agora?

Gabriela deu um passo atrás, como se preparasse sua saída. Mas, antes de se afastar completamente, estendeu a mão em direção a ele, como se oferecesse algo além de palavras.

— Agora? Agora começa outra *Confraria*. Talvez em outro lugar, ou quem sabe aqui mesmo, com novos convidados. Mas o *Cozinheiro*... ele sempre estará presente, seja metaforicamente ou espiritualmente. E você, Barbosa, continuará sendo o narrador, goste ou não.

Ele hesitou por um momento, mas então levantou-se, sentindo o peso de suas próximas palavras.

— E você? — perguntou ele. Sua voz saiu mais trêmula do que esperava. — Você

também estará presente?

Ela sorriu novamente, mas dessa vez seu sorriso era diferente. Mais íntimo. Como se pressentisse que aquela pergunta inaugurava algo novo.

— Sempre estou onde os banquetes acontecem, Barbosa. E parece que nossos caminhos estão destinados a se cruzar mais vezes do que você imagina.

Antes que ela pudesse se afastar, o Barbosa deu um passo à frente, rompendo o protocolo que sempre o definira. Estendeu a própria mão, tocando levemente a dela. Foi um gesto pequeno, quase imperceptível, mas carregado de significado.

— Então, talvez seja hora de parar de observar — disse, sua voz firme, embora um leve tremor traísse sua emoção. — Talvez seja hora de começar a participar.

Ela o encarou por um longo momento, seus olhos refletindo uma mistura de surpresa e aprovação. Não respondeu imediatamente, mas seu sorriso se ampliou, ganhando uma nova dimensão.

— Participar, Barbosa? — disse, com um tom provocativo, mas gentil. — Você finalmente entendeu que não pode mais fugir das escolhas?

Ele assentiu, sentindo algo que há muito lhe parecia estranho, a coragem.

— Não posso continuar vivendo como um fantasma nos meus próprios pensamentos. Se o próximo banquete está prestes a começar... quero estar à mesa. Não como espectador, mas como alguém que faz parte.

Ela baixou os olhos por um instante, como se ponderasse as implicações daquela declaração. Quando os ergueu novamente, seu olhar revelava uma nova determinação.

— Então, Barbosa, esta é sua primeira escolha real. Aceite-a — disse, com firmeza na voz, embora uma sombra de dúvida atravessasse rapidamente seu rosto.

Fez uma breve pausa antes de continuar:

— E saiba que, a partir de agora, cada passo será seu... pelo menos em parte.

Ela desviou o olhar mais uma vez, como se ponderasse até que ponto suas próximas palavras seriam realmente verdadeiras.

— Ninguém mais escreverá suas linhas — completou, mas com um quê de incerteza escondido sob as palavras. No fundo, sabia que talvez precisasse intervir de vez em quando, mesmo que apenas para guiar sua mão. Mas isso guardou para si, permitindo que ele acreditasse que a história seria inteiramente dele.

Antes de partir, voltou-se e lhe lançou um último olhar: carregado de significados.

— Lembre-se, Barbosa. Todo prato tem um gosto amargo. Incluindo aqueles servidos no fim.

E com isso, desapareceu, deixando-o sozinho mais uma vez. Sozinho com seus pensamentos, com suas memórias, com suas dúvidas. E com o eco das palavras que ele nunca chegou a escrever.

No espelho, o reflexo do Barbosa permanecia imóvel, mas algo havia mudado. Viu um homem que, pela primeira vez, parecia pronto para enfrentar o que quer que viesse a seguir.

Ao sair da sala, foi tomado por uma sensação estranha, algo que há muito não sentia — expectativa. Mas, diferente do que costumava acontecer, aquela sensação não veio acompanhada de medo ou apreensão. Pela primeira vez, trazia consigo uma leveza inesperada, quase como uma promessa de renovação.

Na última página do manuscrito, riscou o próprio nome. Deixou apenas uma frase:

Nenhum banquete é eterno. Nem mesmo o da mentira.

LIVRO II
O APRENDIZ DA VINGANÇA

Santa Providência, Subsolo 3

A Cápsula do Tempo TIG-22ACB guardaria: uma fita VHS com rótulo "Finais Felizes e Dívidas do FMI"; um tigre de pelúcia com a *tag* "Empréstimo com Juros Altos"; e um *modem* enferrujado sussurrando "Conectando à Modernidade...".

Do outro lado do portal, o **Tigre de Argila**, ainda analógico, rugia baixo sob o chiado de um modem discado.

"Sou um homem doente… Sou um homem mau."

Fiódor Dostoiévski, *Notas do Subsolo*

Tudo começou numa cozinha apertada de uma casa baixa no subúrbio, dessas que parecem ter sido construídas às pressas, como se o tempo fosse um inimigo e não um aliado. O reboco era um luxo adiado, mas o cheiro de alho no ar? Esse nunca faltava. Era uma cozinha simples, com panelas velhas e um fogão que tossia mais do que funcionava. Ali, entre vapores e panelas, aprendeu as lições essenciais da vida: calar (porque palavras são barulho) e continuar (porque parar não é opção).

Sua mãe, viúva e resistente como uma marmita de alumínio amassada, cozinhava como quem cura. Transformava ossos em sopa, restos em banquete, desesperanças em esperanças temporárias. Era dessas mulheres que o mundo ignora porque elas não brilham, mas sustentam. Enquanto os outros sonham com heróis, ela garantia que a mesa tivesse algo para encher o prato.

— Comida é poder, meu filho — dizia, mexendo o arroz com charque como quem mistura filosofias num caldeirão. — Quem alimenta, manda. Quem serve, observa.

Ele escutava. Sempre escutou mais do que falou. Não por timidez, mas porque aprendera cedo que o silêncio é o tempero que sobra quando todos os outros já foram usados.

∵ ∴ ∵

Aos dezesseis anos, arranjou emprego na cozinha do *Hospital Santa Providência*, um daqueles hospitais públicos onde a fila de espera parece uma parábola da vida cabralina: longa, cansativa e sem muita certeza de que vai acabar bem.

Ele trabalhava calado, carregando panelas que pareciam retratos desbotados de um país inteiro: pesadas, mal lavadas e sempre prestes a derramar. Empurrava carrinhos de comida por corredores abafados, onde os murmúrios se misturavam com aquele tipo de silêncio que só quem espera demais reconhece — silêncio

cansado, resignado, com cheiro de álcool hospitalar e derrota morna.

Ali, viu a Cabrália. Mas a Cabrália real, sem edição, sem filtro e sem trilha sonora motivacional. Crianças febris largadas em cadeiras de plástico que rangiam como se estivessem sentindo dor também. Velhos com olhos vidrados e o tempo escorrendo pelos pulsos. E médicos que alternavam entre sorrisos protocolares para os chefes e suspiros resignados para os pacientes.

Foram dois anos nesse purgatório de azulejos brancos e papel higiênico racionado. E aprendeu, como se aprende nas entrelinhas da tragédia, que a natureza humana tem mais camadas que cebola — e todas ardem.

Mas até a empatia tem limite. O dele chegou num dia que começou quente e terminou insuportável. Mal completara dezoito quando, numa tarde em que até o ar parecia em greve, um menino de oito anos morreu na fila de espera. Faltou medicamento. Faltou atendimento. Faltou vergonha, mas isso não saiu no boletim.

E, como num ritual já ensaiado mil vezes, a frase padrão caiu sobre os escombros do colo materno como anestesia vencida: “Estamos averiguando os fatos”. E a vida seguiu, como quem tropeça, mas não cai — porque já está deitado.

No dia seguinte, o refeitório se transformou em salão de festa: jantar para os diretores. Camarões frescos, vinhos importados, toalhas brancas e um banner otimista com a frase “Revertendo verbas para ações sociais”. Tudo muito bonito. Tudo muito irônico. A Cabrália com a gravata torta e o colarinho engomado. Ações sociais, né?

Enquanto servia pratos que ele jamais provaria, cruzou com uma enfermeira veterana — aquelas que já viram tanta coisa que falam baixo, mas com convicção.

— Isso aqui é sério? — perguntou ele.

Ela não riu, mas também não respondeu com raiva.

— Sério? Claro que não. O que você tá achando, garoto? Que isso aqui é algum tipo de hospital particular?

— Não sei, achei que fosse pra salvar gente. — respondeu ele ingenuamente.

Ele não tinha certeza de mais nada. Foi nessa hora que ele viu a mãe do menino sendo levada pelos seguranças. Gritava, mas os gritos dela pareciam menos audíveis do que os discursos dos diretores.

— Eu avisei! Avisei que ele tava ardendo igual ferro quente! Disseram pra esperar… Esperar o quê? A morte de paletó e gravata? – gritava a mãe do menino, entre soluços.

Os seguranças levaram-na como se leva um problema para o estacionamento. O silêncio que ficou era tão grosso que dava para cortar com as facas do bufê.

Naquela noite, voltou para casa carregando um vazio que não cabia nem nos silêncios do hospital. A mãe dele preparava sopa — a mesma de sempre, feita mais de paciência do que de ingredientes.

Ele não disse nada. Sentou-se.

Olhou a fumaça subindo da panela e sentiu o estômago se apertar. De fome, talvez. De nojo, talvez. Pensou mais uma vez nos camarões, no vinho, no menino... e no silêncio. Aquele silêncio que é a única coisa que na Cabrália nunca falta.

∵ ∴ ∵

Três meses depois, bateu à porta do *Clube République*.

A entrevista foi breve, como todas as portas que se abrem para pessoas como ele

— humildes, tentando entrar no lugar errado. O gerente era magro, pálido, com óculos de aro dourado e um sorriso que parecia saído de um catálogo de móveis de escritório.

— Você tem experiência? — perguntou o homem, avaliando o currículo como quem avalia uma mancha na toalha.

— Trabalhei na cozinha do *Hospital Santa Providência* — respondeu.

— Hospital? Isso não é um restaurante cinco estrelas — disse o gerente, franzindo a testa como quem nunca teve que escolher entre pagar conta ou comprar remédio.

— Sei servir gente difícil. E sei ficar calado — respondeu firme, mas sem arrogância.

O gerente o encarou por um instante. Havia algo naquele rapaz que destoava da roupa modesta. Talvez fosse a postura. Ou a ausência de bajulação. Talvez o incomodasse a lembrança incômoda de que, um dia, também ele entrou pelos fundos da cozinha — com as mãos rachadas de lavar panelas e o olhar grudado no chão. Também dissera "sei ficar calado" — talvez não com tanta altivez. Mas isso foi antes. Antes de a ascensão lhe envernizar a pele. Antes de o sucesso se tornar um véu espesso, capaz de apagar a própria origem.

Agora, não via um jovem em busca de um lugar. Via uma ameaça. Uma falha no protocolo. Um lembrete inconveniente do homem que fora — e jurara nunca mais ser.

E é sempre assim com os que sobem pelas escadas dos fundos: quando enfim chegam ao salão, trancam a porta atrás de si. Não por segurança, mas por vergonha. E, com ela, constroem uma nova hierarquia — mais cruel, porque conhece exatamente onde dói.

— Silêncio é importante aqui — murmurou o gerente, como quem dá uma senha secreta. — Aqui, os sócios vêm para falar... ou para serem ignorados. Entende?

Ele assentiu. Não sabia exatamente o que aquilo queria dizer, mas sabia que aprenderia. E rápido.

— Vai começar como garçom. Não pense que é menos — disse o gerente, entregando um formulário amarelado. — Aqui, até os talheres têm função política.

Naquela noite, sua mãe ouviu a novidade com o rosto fechado.

— Esse lugar é pra gente graúda, não é? — perguntou ela.

— É — respondeu ele.

— Pois então vá com cuidado, meu filho. Gente graúda pisa sem olhar. E às vezes até se orgulha disso.

∵ ∴ ∵

No dia seguinte, vestiu o jaleco branco, branco demais para quem sempre lavou louça escura, e seguiu pelas ruas vazias antes do amanhecer. Passou por um jornaleiro lendo em voz alta uma manchete sobre corrupção no governo. Mais um escândalo. Outro capítulo do folhetim interminável.

Mas para ele, aquela notícia soava diferente. Soava... doméstica. Familiar. Como se os rostos do jornal fossem os mesmos que apareceriam diante dele em poucas horas, pedindo sal, rindo alto, dizendo "traga o de sempre".

No vestiário, o chefe de cozinha olhou para ele como quem avalia uma carne duvidosa.

— Novato?

— Sim, senhor.
— Aqui, o serviço é arte. E arte não aceita erro.
Ele assentiu. Não falou mais nada.

Flores, Fumaça e Condenação

A Cápsula do Tempo UBR-15ACB-8 guardaria: uma foto embaçada de Nova Orleans submersa com a legenda “Igualdade em Promoção”; um colete salva-vidas com etiqueta “*VIP Only*”; e um celular Nokia 3310 tocando “*My Heart Will Go On*” em *MIDI*.

Do outro lado do portal, o **Galo de Jacarandá**, de crista erguida para discursos vazios, cantava o hino do “mensalão” em *loop*, esquecendo as notas mais agudas da responsabilidade.

“Manuscritos não pegam fogo.”

Mikhail Bulgákov, *O Mestre e Margarida*

Ninguém conhecia seu nome. No *Clube République*, onde os poderosos desfilavam suas vaidades como se fossem cortes de carne nobre, ele transitava como um vulto educado. Não se ouvia sua voz, mas todos sabiam que podiam confiar no silêncio dele.

Alto. Magro. Ombros encurvados e um olhar que jamais ousava confronto — parecia ter nascido com um pedido de desculpas no rosto. Suas mãos, firmes, mas suaves, manejavam taças e pratos com a mesma elegância com que ofereciam discretos apertos de mão. Usava sempre um jaleco imaculado, tão bem passado quanto seus juízos morais.

Foi nos salões do *Clube République* — aquele templo de elite decorado com espelhos venezianos e maioneses vencidas — que aprendeu a servir sem ser notado. Reinava com a mesma discrição de um garçom invisível. Observava ministros comendo com as mãos, senadores escondendo guardanapos no bolso e empresários que sussurravam conchavos ao garçom como se ele não existisse.

Ele ouvia tudo, anotava nada, e servia pratos como quem oferece absolvição. Sabia quais ministros preferiam a carne ao ponto e quais simulavam entusiasmo pelos *Carménère* das faixas estreitas do sul. Sabia quem era alérgico a camarão e quem fingia ser vegano para impressionar a amante. Sabia quem bebia escondido, quem vomitava no banheiro e quem não lavava as mãos depois. Sabia. E nunca disse nada.

Até o dia em que pediu ajuda.

∵ ∴ ∵

Era uma manhã úmida de março, daquelas em que o ar parece pesar sobre a pele

e até o silêncio tem um cheiro de chuva. Naquela manhã, a voz dele não era a mesma. Quando recebeu a notícia do hospital, algo dentro dele se quebrou, talvez com a mesma suavidade com que um invasor quebra uma janela indefesa, a única pessoa que ele ainda sentia ser sua, estava gravemente doente, em um leito de hospital que ele não podia pagar, com um diagnóstico que ele não entendia.

Ele ouviu a notícia, mas não reagiu. Continuou a limpar as taças sobre a toalha branca. O pano estava úmido. Um cisco caiu no fundo da taça. Olhou fixamente por um momento. Depois foi até o telefone.

Ele olhou para os números na sua humilde lista de contatos. O número que ele precisava discar não estava na lista oficial de contatos. Mas ele sabia que, apesar de tudo, seria aquele o único número que poderia salvar sua mãe. Foi um movimento reflexo, como aqueles que fazem quando se sabe que o erro já está em curso, mas não se pode mais voltar atrás. Discou.

— É o garçom? — perguntou uma voz abafada.

— É.

— Está em serviço?

— Sim. Mas não é assunto de trabalho... É outra coisa — disse ele. Havia hesitação em sua voz, mas já era tarde para recuar. — Minha mãe está no hospital. Precisa de cuidados. E eu... eu não posso pagar.

Silêncio. O outro lado da linha pareceu vacilar, e ele já sabia, de alguma forma, que aquele momento de fraqueza sua era uma porta que se fechava. Um membro do *Clube République* não tinha tempo para problemas pessoais. Mas o que restava a ele? Não sabia se a sua situação era um erro ou uma condenação. Apenas sabia que, naquele momento, sua mãe e o que restava de sua humanidade estavam à mercê de algo maior — uma teia invisível que o *Clube République* tecia ao redor dele.

— O que você quer de mim? — disse a voz, agora mais seca.

— Um pouco de ajuda. Só isso. O suficiente para ela não morrer sem ser vista.

O silêncio aumentou. Pensou que talvez a ligação tivesse caído. Ou talvez fosse sempre assim: o mundo esperava antes de negar.

— Não posso. O *Clube* não interfere nesse tipo de coisa. E, francamente, não deveria nem estar falando com você sobre isso.

Ele assentiu, embora ninguém pudesse ver.

— Entendo — disse. E de fato entendia.

— Vá para casa — disse a voz. — Espere.

Depois, acrescentou, com uma espécie de resignação:

— Temos que aceitar o que o destino nos reserva.

A ligação caiu. Ou foi desligada. Nunca ninguém saberia. Ficou com o telefone na mão, o peso de um fardo invisível esmagando-o mais do que qualquer bandeja carregada de pratos caros. Estava sozinho, como sempre estivera. E naquele silêncio, compreendeu — talvez pela primeira vez — que o *Clube République* não se importava com vidas, a não ser com o que pudesse extrair delas.

Naquela manhã úmida de março nasceu o *Cozinheiro*. Não o que serve, mas o que condena. O que usa o *mise-en-place* como ritual e o prato como sentença.

Ele não queria justiça — queria simetria. A vingança como digestão lenta.

∵ ∴ ∵

Durante os três turbulentos anos que se seguiram no *Clube République*, o

Cozinheiro ascendeu como quem não pede licença — e tampouco se explica. Tinha chegado como um humilde garçom, mas a perda da mãe o transformara profundamente. Em menos de um ano, tornara-se maître, reorganizando o "corpo de serviço de salão" com uma precisão quase militar, mas sem jamais levantar a voz. Todos o tratavam com reverência.

Foi então que, subitamente, assumiu a cozinha. O *chef* anterior desaparecera — ou fora discretamente dispensado, ninguém sabia ao certo. O fato é que, sem alarde, o novo *chef* passou a assinar os menus e a alterar os temperos. Introduziu ervas locais, apagou os excessos da cozinha francesa, rebatizou molhos. Não era vaidade: era método. Ainda assim, havia algo de inquieto em seu requinte — como se, ao cozinhar para outros, apenas ensaiasse.

E no auge da aclamação, evaporou.

Precisava de um lugar discreto para se desenvolver — um espaço onde ninguém procurasse por talento — e foi então que descobriu o que viria a ser seu laboratório: o restaurante "*Flor de Sal*", situado num subúrbio esquecido, onde a cidade já não se dava ao trabalho de varrer as calçadas e os postes piscavam como se hesitassem em continuar iluminando; de dia, o restaurante parecia uma promessa mal cumprida, mas à noite tornava-se quase um milagre.

A fachada era de pastilhas verdes desbotadas, com um toldo listrado em vermelho e creme que sobrevivia mais por teimosia do que pelo estado do tecido. Acima da porta, um letreiro em néon rosa vibrava o nome *"Flor de Sal"* com um chiado nervoso, como se cada letra tentasse lembrar a si mesma de que ainda funcionava. O "**R**" vivia com um tique intermitente.

Lá dentro, quatro décadas de história em estado sólido. O papel de parede era um festival de geometrias retrô: losangos em tons de mostarda, vinho e cinza-claro — como se um carpete de décadas passadas tivesse subido pelas paredes em protesto silencioso. Espelhos fumê com molduras douradas ampliavam o ambiente e a melancolia. Nas mesas, toalhas com estampa floral de hibiscos em tons desbotados, levemente encardidas pelo tempo. No centro, pequenos arranjos de flores artificiais — cravos vermelhos e margaridas plásticas, quase convincentes — repousavam em vasos de vidro jateado, discretos e nostálgicos. Ao lado, um porta-condimentos de metal cromado reunia sal, pimenta, azeite e um vidrinho de vinagre envelhecido, cujos rótulos eram invariavelmente ilegíveis.

O ar era denso de memória — e de alecrim. O cheiro parecia exalar das próprias paredes, impregnado no estofado das cadeiras, no carpete puído, nos uniformes dos garçons. Um aroma que não era apenas tempero, mas testemunha: de almoços que viraram pedidos de casamento, de jantares que terminaram em silêncio.

As luminárias pendiam baixas, como se cochilassem sobre cada mesa. Eram globos opalinos amarelos, presos a correntes cromadas, que lançavam uma luz morna e dramática — perfeita para envelhecer as pessoas em paz.

Foi ali que, por dois anos, testou obsessivamente sabores, composições, texturas — e, mais do que tudo, discretas manipulações. Cada prato era um ensaio. Cada cliente, um experimento involuntário. Porque, longe dos salões do *Clube République*, preparava mais do que receitas: amadurecia um plano. E, para esse plano, o luxo era inútil. Precisava apenas de tempo, silêncio — e controle absoluto sobre o que era servido. Um lugar onde ninguém notaria que o veneno já estava no molho.

Nota de Cozinha (não é spoiler — é o veneno, ainda em teste)

Se *Bulgákov* tivesse escrito sobre a Cabrália, teria dispensado o diabo: aqui, já foi incorporado ao funcionalismo público e ganha por produtividade. "*O Mestre e Margarida*" viraria, então, um manual de etiqueta para almas que insistem em acreditar que o caos tem um departamento de atendimento — com horário de almoço e formulário de reclamação.

Aliás, o *Mestre* jamais teria queimado seu manuscrito se soubesse que a própria existência já é um romance mal escrito, repleto de personagens que se julgam protagonistas, mas são meros figurantes no teatro da *Vida* — entidade que ri, com humor negro, por trás de cortinas invisíveis, segurando uma almôndega de *kafta* na mão esquerda, cuidadosamente temperada com sofrimento moído, e um cálice de ironia na direita. E, como diria *Woland*, ajustando o monóculo: **"Manuscritos não ardem... mas egos, ah, esses ardem lindamente."**

Dose que Decide o Destino

A Cápsula do Tempo PAR-10ACB guardaria: uma passagem de avião sem destino, com carimbo "Paris ou Esquecimento?"; um *tablet* com *WikiLeaks* travado em "Carregando Verdades"; e uma *hashtag* #Democracia144p impresso em papel térmico.

Do outro lado do portal, o **Tigre de Aço**, sem sinal de *Wi-Fi*, arranhava a Constituição em busca de atualizações.

"Tudo é veneno, nada é sem veneno; só a dose faz o veneno."

Paracelso, *Da Natureza das Coisas*

A transformação foi discreta. Começou à noite, em silêncio, entre livros empoeirados e cadernos rabiscados com anotações que ninguém entenderia. Estudava receitas esquecidas, venenos sutis, temperaturas precisas, combinações quase musicais de ingredientes que podiam curar ou matar — dependendo apenas da dose. E ali, na penumbra de sua cozinha improvisada, se tornou leitor devoto de dois mestres antigos: **Paracelso** e **Dioscórides**.

Do primeiro, não tirou fórmulas, mas um conceito que ecoava dentro dele como uma sentença inevitável:

> Todas as coisas são veneno, e nada existe sem veneno; somente a dose determina se algo não é veneno.

Essa ideia o fascinava. Era mais do que ciência, era filosofia. Mas, no fundo, não era um conceito totalmente novo para ele.

Sua mãe e sua avó — analfabetas em grego, latim e alquimia, mas fluentes em intuição e caldo de galinha — já diziam aquilo, na infância dele, sem saber que repetiam, à sua maneira, um alquimista renascentista:

— *"Tudo de mais é veneno, meu filho!"*

Repetiam com aquele tom definitivo que só as cozinheiras e as profetisas de bairro sabiam usar. Era sabedoria popular, numa época em que as pessoas ainda escutavam os mais velhos — ou fingiam melhor.

E era exatamente ali, naquela fronteira tênue entre a ciência medieval e a sabedoria popular, que a indagação o assombrava:

> Afinal, quem decide onde termina o remédio e começa o crime?

Repetia-a em silêncio enquanto mexia uma mistura qualquer, observando os vapores subirem como fumaça de um ritual pagão. Uma pitada a mais, um minuto a

menos no fogo... e tudo mudava. Como em qualquer laboratório moral ou receita política, bastava um detalhe mínimo para transformar cura em veneno — e intenção em condenação.

Com *Dioscórides*, foi diferente. Quis ler a edição francesa de *Materia Médica*, mas desistiu logo nas primeiras páginas — o texto parecia escrito para acadêmicos mortos há séculos. Foi então que encontrou a versão espanhola: *Plantas medicinales*. Ali estavam descritas mais de seiscentas plantas, cada uma com suas virtudes e perigos. Muitas delas eram conhecidas por seus poderes tóxicos ou psicoativos. Beladona, mandrágora, meimendro, ópio... usadas como sedativos, alucinógenos, agentes de transe ou de tormento. O *Cozinheiro* lia aquilo com os olhos arregalados, como quem decifra um mapa proibido.

Então começou a testar. Misturava saberes: a dose de *Paracelso* com a matéria-prima de *Dioscórides*. Sabia, por exemplo, que certas flores causavam alucinações suaves. Que algumas ervas, quando combinadas com vinagre e aquecidas por tempo exato, perdiam a toxicidade e viravam tônico. E que certos molhos, quando preparados com excesso de calor, liberavam vapores letais — discretos, quase imperceptíveis, mas eficazes.

Mas isso não era suficiente. Não bastava ser alguém que lia e compreendia. Precisava ser, de fato, um *Cozinheiro* — aquele cuja arte não estava nos pratos, mas nas consequências deixadas para trás. Então, com muito esforço e com o apoio de um congressista da "*Frente Ampla de Estabilização dos Interesses das Minorias*" — que o via como um aliado estratégico para o futuro —, decidiu-se por Paris.

Ali, no coração da cidade que fingia civilidade, pretendia cozinhar algo inesquecível.

∵ ∴ ∵

Não foi uma mudança fácil. Paris o recebeu com a mesma frieza com que uma mãe cansada recebe um filho não reconhecido. Chegou com um visto precário, um francês de quinta categoria e uma carta de recomendação escrita por esse congressista em papel timbrado do *Clube République* — carta essa que foi rasgada na sua frente por um *maître* parisiense de nariz pontudo e alma entalhada em manteiga.

Entrou como *plongeur* — lavador de pratos — em um restaurante de renome que não aceitava sequer olhares duvidosos na cozinha. Lá, os gritos em francês se misturavam ao cheiro de caldo reduzido, e o silêncio era mais mortal do que qualquer faca.

Durante meses, não falou. Ou melhor, falou apenas com as mãos: retirando espinhas de peixe com precisão cirúrgica, cortando cebolas em *julienne* como quem redige confissões que nunca serão lidas — lágrimas dissolvidas no vapor da panela, palavras apagadas pelo cheiro de alho e óleo quente. Era um estrangeiro, sim, mas não um tolo. Sabia que, ali, não se conquistava respeito — apenas se sobrevivia.

E sobreviveu.

∵ ∴ ∵

O primeiro elogio veio, inesperado, após três anos. O *sous-chef* adoecera e ele foi escalado, sem aviso, para preparar um caldo de lagosta. Seguiu a receita com fidelidade obsessiva — mas, ao final, acrescentou um toque de anis que havia aprendido com uma cozinheira amiga de sua mãe, nos tempos em que os almoços de

domingo ainda tinham cheiro de lar.

O *chef* provou, estranhou, provou de novo. Ergueu uma sobrancelha como quem vê um cachorro escrever poesia.

— *Ce n'est pas orthodoxe, mais c'est juste.* ("Não é ortodoxo, mas é certo.")

Foi a primeira vez que alguém o escutou de verdade — e ele sequer tinha falado.

∵ ∴ ∵

Nos anos seguintes, passou por cozinhas e porções como quem atravessa um campo minado: com respeito, discrição e uma leveza que quase ofendia os pedantes. Aprendeu técnicas, queimou as mãos, decorou proporções, mas nunca se deixou absorver pelo estrelismo dos colegas. Preferia os temperos às entrevistas. As panelas aos prêmios.

Ele foi agraciado com o prestigiado título de *Meilleur Ouvrier de France*, reconhecendo-o como um dos melhores profissionais da culinária francesa, e tudo isso sem jamais conceder uma única entrevista. Quando o dono do restaurante sugeriu que ele sorrisse mais para os clientes, argumentando que isso poderia atrair ainda mais elogios e visibilidade, respondeu com um prato de pato ao molho de especiarias que fez um banqueiro suíço chorar.

∵ ∴ ∵

Mas havia algo faltando. Não era reconhecimento — esse viera. Nem dinheiro. O que faltava era a mesa: aquela mesa, com conversas mal-intencionadas, discursos torpes e silêncios calculados. Faltava o *Clube République* — não pelo que ele tinha, mas pelo que escondia. Faltava a Cabrália, não como nação, mas como promessa vazia de mudança. Faltava o gosto das coisas ditas com desvio, o tempero das intenções mal disfarçadas, o fracasso elegante que só se servia lá.

Foi então que decidiu voltar. E levou consigo um caderno, com receitas e frases que escrevera nos intervalos da labuta. Na capa, bordado com linha preta: *"Recettes pour ceux qui n'ont pas faim."* (Receitas para aqueles que não têm fome.)

Após nove anos em Paris, retornou à Cabrália num voo noturno, enquanto o mundo lá fora dormia sob o véu sedativo da rotina. A alfândega, iluminada por lâmpadas fluorescentes — daquelas que imitam a luz mortiça dos laboratórios —, estava deserta. Seu rosto permanecia o mesmo — uma máscara que não traía emoção —, mas os olhos... ah, aqueles olhos! Transformaram-se em catálogos de verdades indizíveis, como se guardassem nas íris as sombras das coisas que ninguém mais desejava ver.

Na mala, utensílios de cozinha, quatro livros (*1984*, *A Revolução dos Bichos*, *O Processo*, *A Feira das Vaidades*), um paletó escuro e um avental branco sem insígnias.

E no ambiente, escapando de alto-falantes velhos e abafados pelo teto baixo, uma melodia tênue pairava como quem não quer ser notado. Era música suave, clássica, que parecia não pertencer àquele lugar. Algum tempo depois, através de Alfredo — um dos poucos amigos remanescentes do *Clube République* —, descobriu que era a "*Rapsódia sobre um Tema de Paganini*", aquela que parece composta especialmente para momentos em que tudo é ao mesmo tempo real e irreal, como a lembrança de uma vida que talvez nunca tenha sido vivida de fato.

Quando as portas automáticas do aeroporto se fecharam atrás dele, cortando o fio tênue da melodia, o *Cozinheiro* sentiu o impacto do ar da Cabrália. Respirou fundo,

mas o cheiro que lhe encheu os pulmões era antigo — o mesmo de antes de partir, só que mais desgastado, mais ácido.

O ar da Cabrália nunca mudava: tinha camadas de odores que se sobrepunham como cicatrizes urbanas, cada uma contando uma versão diferente da mesma mentira — a de que o país ainda respirava.

De manhã, o vento trazia o hálito do asfalto molhado e de pães amanhecidos — uma promessa quase doméstica, quase humana. À tarde, o cheiro endurecia: uma liga de ozônio, fuligem e suor corporativo. À noite, o ar ganhava uma textura quase nostálgica — perfume de chuva represada, escapamento cansado e solidão climatizada. Nos jardins escondidos entre os viadutos, sobrevivia um sussurro de terra úmida, a flor-de-seda desafiando o cimento. Mas era um perfume frágil, quase clandestino, como se a natureza, ali, só ousasse existir às escondidas.

Mudavam os regimes, os discursos, as redes sociais — mas os odores permaneciam os mesmos: camadas que pareciam condensar décadas de promessas não cumpridas, reformas inacabadas e discursos guardados em naftalina.

E então seguiu, sem destino muito claro, mas com a decisão objetiva de quem sabe exatamente o que procura.

— Um lugar incógnito — murmurou para si mesmo, como se compartilhasse um segredo com um interlocutor invisível.

Alugou um quarto em um prédio cujas paredes suavam um mofo antigo, onde o silêncio era tão denso que parecia resultado de engenharia social. O dinheiro não era obstáculo; ele tinha mais do que o necessário. Hotéis reluzentes e coberturas com vista para o caos urbano estavam ao alcance. Mas o presente exigia outra forma de riqueza: o anonimato, um luxo raro em tempos de exposição compulsória. Escolheu, assim, a invisibilidade.

Durante o dia, caminhava. As ruas eram um arquivo empoeirado: os mesmos prédios, agora rachados; as mesmas lojas, agora vendendo quinquilharias. O país não mudara — apenas encolhera. A favelização estética estava em quase todos os espaços urbanos. Perguntava-se se alguém ainda se lembrava das promessas feitas décadas atrás, ou se tudo não passava de um cenário montado para ser esquecido.

À noite, escrevia listas de ingredientes em cadernos de capa dura, como um burocrata de algum ministério inútil. Testava receitas sem prová-las. A fome, para ele, era um detalhe técnico, um mero ajuste de medidas, como se alimentar fosse uma questão de protocolo, não de necessidade.

∵ ∴ ∵

Após alguns meses de preparação paciente — na verdade, quinze meses de ajustes, recuos e ausências ensaiadas —, a *Grão-Confraria de la République* nasceu em silêncio, como só as conspirações bem escritas sabem fazer.

Foi ele quem redigiu os convites: selos dourados, palavras como *“celebração”* e *“fartura”*, todas ocas como promessas eleitorais na véspera da derrota.

Quando a confirmação chegou, veio em um envelope de papel grosso, com brasão em relevo. “*Ao Cozinheiro*”, lia-se. Um pseudônimo útil. No *Clube République*, nomes eram como moedas fora de circulação: inúteis, porém colecionáveis.

Junto à confirmação, informava-se que o evento seria coordenado por uma *Maître d’Banquet* escolhida por eles mesmos — detalhe que gerou curiosidade, mas pouca surpresa.

— *“Casarão dos Barbosa & Freitas”* — murmurou ao ler o endereço. Nunca ouvira falar daquele lugar. Irrelevante, porém. Naqueles tempos, um endereço era apenas protocolo — mera etiqueta colada sobre a fachada, que raramente revelava algo verdadeiro sobre o que havia por trás.

Enquanto organizava mentalmente os detalhes do banquete, uma reflexão lhe ocorreu: eco distante de sua própria insignificância no universo dos poderosos. Algum convidado se lembraria dele? Dos dias em que, mero garçom, transitava pelos bastidores do *Clube République*, invisível como sombras ao amanhecer?

Provavelmente não. Para aqueles, quem servia era fantasma funcional — ser sem rosto, cuja existência era mera extensão do palco de suas vaidades. Ele sabia: a arrogância deles (homens e mulheres) residia nessa cegueira autoimposta. Aceitavam o convite de um desconhecido para um banquete sem propósito porque viam o mundo como propriedade privada. Não temiam armadilhas: jamais imaginariam que um “simples cozinheiro” pudesse subverter os papéis que lhe designaram.

∵ ∴ ∵

Era véspera do banquete inaugural. Todos os itens da cozinha estavam dispostos com precisão cirúrgica. O avental branco, pendurado no cabide, lembrava um jaleco hospitalar — não de cura, mas de autópsia social em andamento.

Do lado de fora, a cidade respirava um ar pesado, carregado daquela sensação estranha de que um ritual ancestral estava prestes a ser reencenado — não por devoção, mas por obrigação moral. Um rito sem fé, apenas função. Sem alma, apenas protocolo.

Como Huxley alertara: “A felicidade nunca é grandiosa”. Ele concordava. Mas a infelicidade, quando bem elaborada, transforma-se em banquete.

E isso ele sabia melhor que ninguém.

Véspera do Banquete Inaugural

A Cápsula do Tempo BQ1-2DCB-04A guardaria: um convite de papel da *Grão-Confraria de la République*; um cordeiro recheado com "Farofa de Intrigas"; e uma faca de prata gravada "Primeiro Corte da Mentira".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de chifres afiados em *tweets* apagados, mugia contra a massa folhada da hipocrisia.

"O que será de nós sem bárbaros?"

J. M. Coetzee, *À Espera dos Bárbaros*

No dia anterior ao primeiro jantar, ficou sozinho na cozinha por horas. Em silêncio. Como um artesão afinando os últimos detalhes de sua obra-prima antes da exposição final. E, naquele silêncio, veio a excitação.

Não era alegria — não senhor, isso seria demasiado vulgar para o homem que ali se encontrava. Era algo mais refinado, como diria um diletante em assuntos de emoções superiores. Um estado de espírito quase místico, como se estivesse prestes a invocar alguma força ancestral por meio da manteiga clarificada. Suas mãos tremiam levemente — não de nervosismo, mas de antecipação. Aquela noite era a colheita de anos de escuta e silêncio. Cada colher de madeira parecia um cetro. Cada panela, um altar.

— Não é exagero dizer que aqui há uma liturgia — murmurou, dirigindo-se ao reflexo que a faca lhe devolvia, sorrindo com aquele sorriso fino, que não mostra os dentes, apenas o plano. O reflexo, naturalmente, não respondeu.

O primeiro prato seria quase um insulto de tão belo. Uma salada morna de tubérculos, caramelizados até ficarem translúcidos, com pétalas de beladona, que, em pequenas doses, provocavam euforia e um leve torpor — como uma lembrança de infância que a gente não sabe se é real. Por cima, um fio de azeite infusionado com verbena e uma pitada de sal negro do Himalaia, apenas para impressionar os que confundem exótico com *gourmet*.

— Ah, esses modernos! — exclamou, rindo baixinho. — Acreditam que o sal negro seja novidade. Mas meu pai já o usava nos churrascos de domingo... claro, quando ainda havia carne para ser assada. Pena que ele partiu cedo, deixando a família desassistida. Era um homem que segurava tudo junto. Sem ele, as coisas começaram a se despedaçar.

Em seguida, serviria um consomê cristalino. Parecia água de poço, mas escondia um caldo de ossos fervido por quarenta e oito horas e reduzido à essência. Flutuando no líquido, pequenas esferas translúcidas de gelatina de gengibre e jambu — aquela

planta amazônica que adormece a língua. Era o prato do silêncio. Uma homenagem aos que passaram anos fingindo que não ouviram nada.

— Fingimento... essa é a grande arte nacional — pensou alto, enquanto ajustava as esferas na superfície do caldo. — Todos sabem, todos calam, todos aplaudem.

O prato principal era uma ode à dissimulação: filé de cordeiro recheado com farofa de miúdos, envolto em massa folhada crocante. À mesa, pareceria um *Wellington* clássico. Mas o recheio continha, discretamente, pó de espora de cogumelo do tipo que provoca sudorese e confusão.

A carne, marinada por três dias em um vinagre artesanal — desses que fingem ter alma —, trazia uma acidez quase filosófica, feita com os restos das garrafas de vinho que o anfitrião, num gesto nobre de desperdício consciente, achava elegante esquecer pela metade. Eram restos de vinhos medíocres, claro — como as promessas políticas e os casamentos dos convidados. Vinhos que não serviam para brindar, mas para lembrar que até o fracasso, quando bem temperado, pode virar receita.

— Minha mãe gostaria disso — disse, como quem conversa com um fantasma invisível. — Ou talvez não. Ela nunca entendeu minha inclinação para o teatral. Para ela, comida boa era clara, objetiva — nada de *firulas* no prato, só sustança e sinceridade.

A sobremesa era quase um truque. Uma esfera de açúcar soprado, translúcida e vazia por dentro, servida sobre um leito de compota de figos e castanhas. Ao quebrá-la com a colher, liberava um aroma cítrico e balsâmico, carregado com essência de damasco e um traço sutil de *oleandro*. Não era mortal — não ainda — mas causaria sonhos inquietos, desses que misturam infância, culpa e perda de cabelo.

— Culpa... ah, culpa! — refletiu, enquanto moldava a esfera de açúcar.

— Quem pode dizer que não a carrega? Até mesmo eu, que sou o executor desta ópera culinária, não estou livre dela.

E, ao final, o café. Tão forte quanto uma confissão. Tão amargo quanto a memória.

Ele passou a madrugada montando os pratos imaginários, como um menino com seus soldados de brinquedo. Testava os tempos de cozimento como quem testa o ritmo de um poema. Corrigia as quantidades com a exatidão de um carrasco. E, vez ou outra, sorria para o reflexo da lâmina da faca — aquele sorriso discreto, que não mostrava os dentes, apenas traços calculados.

∵ ∴ ∵

Na manhã seguinte, Gabriela, a *Maître d'Banquet*, encontraria tudo em perfeita ordem. Panelas limpas, louça reluzente, aromas discretos ainda suspensos no ar. Mas algo no ambiente chamava a atenção. Uma vibração quase elétrica pairava no ar. O *Cozinheiro* não dormira. Tampouco piscara. Estava pronto.

Era impossível não pensar em Gabriela ao contemplar aquela cena.

Antes mesmo do banquete inaugural, o *Cozinheiro* já havia se familiarizado com ela. Ao saber que teria a companhia de uma *Maître d'Banquet* indicada pelos convidados, mergulhou nas redes sociais, explorando seus perfis e currículos digitais como quem desvenda os segredos de uma obra-prima. Ficou impressionado com o que descobriu: uma mulher que desafiava convenções, moldada pela tradição, mas com um toque provocador que a tornava única.

Durante as três ou quatro sessões de trabalho que tiveram juntos para detalhar o

planejamento do banquete, suas impressões iniciais foram confirmadas. Era meticulosa, impecável e possuía uma elegância que transcendia o protocolo. Sua presença era ao mesmo tempo intimidadora e inspiradora, como um espelho que refletia o nível de excelência que ele próprio almejava alcançar.

Ela era, ao mesmo tempo, uma obra-prima e um enigma. Moldada no berço da elite cabralina com a precisão de um relógio suíço, carregava consigo o peso de um sobrenome que abria portas e silenciava vozes. Inteligente, elegante e absurdamente consciente de seu lugar no mundo, parecia saída diretamente das páginas de um romance sobre aristocracia moderna — se não fosse por aquele quê de provocação silenciosa que a acompanhava como uma sombra.

Ali, naquela cozinha impecável, tudo parecia refletir sua essência: a ordem meticulosa, o equilíbrio perfeito entre forma e função, a elegância quase inalcançável. Era como se cada detalhe ali fosse um prenúncio do que estava por vir — um banquete onde nada seria deixado ao acaso. A mesa estaria posta. Os convivas, pontuais. A vingança, servida à temperatura ambiente.

∵ ∴ ∵

O *Cozinheiro*, curvado sobre uma tábua de cortar, picava algo que poderia ser cebola — ou um argumento político em fatias finíssimas. O vapor das panelas subia como um sermão lento, e o cheiro da farofa invadia a cozinha com uma autoridade quase militar, como se cada grão de farinha tostado carregasse uma ordem não dita.

Luíza Borja — a *Dame de Propreté* — entrou sem bater. Não fez barulho de salto, nem de porta — apenas estava ali, como se a cozinha fosse uma extensão natural de seu silêncio. Na mão, um guardanapo de linho branco, dobrado com a precisão de quem não dobra só tecido, mas também conversas, segredos, verdades que ainda não merecem ser ditas.

— Veio buscar o quê? — perguntou o *Cozinheiro*, sem erguer os olhos.

— Mais um guardanapo — A resposta foi neutra, quase educada demais.

Ele apontou com a colher de pau para uma prateleira alta. Enquanto se afastava para mexer o molho, Luíza alcançou o guardanapo — e, ao fazê-lo, notou o caderno aberto sobre a prateleira. Não o folheou. Apenas leu a página exposta: a receita da farofa. Ingredientes comuns, mas anotações laterais que desviavam para o território do aforismo: *"Temperar com ódio moderado. A fúria estraga o paladar."* No rodapé, um rabisco quase poético: *"Medir o veneno como quem mede o sal: com parcimônia teatral."*

Ela fechou o caderno devagar, como quem devolve uma carta não endereçada, e ajeitou o guardanapo no ombro. Na saída, seu olhar pousou por um segundo em dois frascos idênticos na bancada: um rótulo dizia *Noz-moscada*, o outro, *Sopro-de-Hades*. Ambos em caligrafia elegante, como se a morte merecesse um bom tipo de letra.

Quando o *Cozinheiro* se virou, ela já estava na porta.

Não disse nada. Não precisava.

Nota de Cozinha (não é spoiler — é o cheiro do forno ligado sem razão)

O *Império* não se ergue apenas sobre pilhas de cadáveres. Edifica-se, sobretudo, sobre a fina película de um ritual: a mesa posta, o consumo cerimonial, o veneno administrado com parcimônia teatral. O homem civilizado é aquele que, enquanto saboreia a iguaria, descreve com precisão anatômica a dor que ela causa.

Coetzee sabia que a tortura do bárbaro começa no apetite do magistrado. Aqui, o

Cozinheiro — artesão do silêncio e da dissimulação — leva essa verdade à sua conclusão lógica: a última fronteira do controle não é aniquilar o inimigo, mas convidá-lo para jantar e servir-lhe, em porções esteticamente impecáveis, a sua própria culpa.

Terceiro Banquete

A Cápsula do Tempo BQ3-2DCB-07A guardaria: um saco de sal grosso com rótulo “Preservando Mentiras Desde o Início da *República*”; uma faca de chef gravada “Corte Limpo, Sangue Sujo”; e uma esfera de chocolate vazia “Recheio de Segredos Exóticos”.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de avental manchado de simbolismos, temperava o peixe com farofa de intrigas — enquanto o *Cozinheiro* sussurrava: “Crosta crocante, verdades moles.”

“Que os deuses nos protejam dos ricos.”

Petronius, *O Banquete de Trimalcião*

Gabriela entrou na cozinha como quem não quer nada — e, como sempre, querendo tudo. Não fazia barulho, não tropeçava em panelas, não perguntava onde estavam as coisas. Sabia. Sabia onde tudo estava, inclusive as intenções alheias.

Era a *Maître d’Banquet* da *Grão-Confraria de la République* — título que considerava pomposo, preferindo algo mais modesto, como “coordenadora de experiências gustativas”.

Mas a verdade é que comandava a sala como um maestro dirige uma orquestra em surdina: com gestos mínimos, olhares longos e silêncios bem colocados.

Vestia um preto discreto — o uniforme não oficial de quem sabe se mover sem ser confundida com o mobiliário. O coque no cabelo não era estilo, era advertência. E o sorriso era gentil, mas continha uma vírgula de ameaça. Colocaria uma colher levemente torta no seu lugar à mesa só para ver se você notava — e, se notasse, já teria passado no teste.

Na cozinha, encontrou o *Cozinheiro* diante de uma panela que soltava vapores suspeitos — não pelo cheiro, que era ótimo, mas pela postura dele, imóvel, contemplativo, como se estivesse preparando uma missa negra em fogo brando.

— Por que não descansa um pouco? — sugeriu, mais por formalidade do que por acreditar que ele aceitaria.

Ele não respondeu de imediato. Mexeu a panela como quem gira um globo terrestre, à procura de *Oz* ou a “*Terra do Nunca*”. Então disse, com a voz de quem já não esperava ser ouvido:

— Gabriela... sabe o que é mais difícil num prato?

Ela hesitou. Sabia que aquilo era uma pergunta armadilha, daquelas que não têm resposta certa, só erradas em graus diferentes.

— O ponto do cozimento?

Ele sorriu — um sorriso que não era de prazer, mas de resignação.

— A intenção — respondeu. — O sabor vem da intenção. O resto é truque de restaurante francês.

E voltou à panela, como se ela fosse o único ser vivo que ainda valesse a pena naquele ambiente.

∵ ∴ ∵

Faltava pouco para começar o banquete. Estava tudo pronto. Os convidados começaram a chegar. Breve começaria a segunda etapa do trabalho de Luíza.

Ela passou pela cozinha como quem apenas busca um copo d'água ou qualquer outra coisa sem importância. Mas seu olhar demorou um segundo a mais sobre a bancada. Entre um prato e outro, viu o *Cozinheiro* trocar um frasco de vidro por outro idêntico — o mesmo rótulo, a mesma cor.

Não disse nada. Apenas ajeitou o cabelo atrás da orelha, um gesto quase involuntário. E continuou andando.

∵ ∴ ∵

O jantar começou pontualmente — como tudo que envolve vingança. Gabriela conduzia os convidados à sala de jantar com a solenidade de uma cerimônia diplomática, embora soubesse que muitos deles não saberiam usar os talheres de peixe nem se a vida dependesse disso. E, naquele caso específico, talvez dependesse.

O menu era uma crônica. A entrada, por exemplo, era uma ironia em forma de flor. Um buquê comestível sobre mousse de cogumelos silvestres, daqueles que os manuais classificam como "quase alucinógenos, mas não o suficiente para dar processo". O sabor era leve, fresco, mas deixava uma dúvida persistente no céu da boca, como um comentário maldoso disfarçado de elogio.

O prato principal era um peixe em crosta de sal. Parecia inofensivo — como tudo que mata devagar. O molho espesso escondia algo que os paladares mais refinados talvez reconhecessem como "complexidade gustativa", mas que, na verdade, era só um lento agente corrosivo da consciência. Não causava desmaios nem espasmos. Apenas uma súbita necessidade de rever decisões de vida.

A sobremesa era uma esfera de chocolate amargo. Dentro, frutas exóticas e uma fragrância que lembrava infância — se sua infância tivesse acontecido numa casa com segredos demais e janelas de menos. Quando os convidados a quebraram com as colheres, o vapor que escapou trouxe à tona uma doçura ambígua, quase uma lembrança de algo que nunca existiu.

Ela observava tudo. Sem pressa. Sem se envolver. Como quem assiste a uma peça pela vigésima vez e ainda assim se diverte. Sabia que o *Cozinheiro* havia preparado o jantar como um julgamento silencioso, um tribunal de guardanapos de linho e taças de cristal. E sabia que, no fundo, todos ali mereciam estar naquela mesa — talvez não pela culpa, mas pela omissão.

Mas, naquela noite, estava inquieta.

Não que o demonstrasse. Continuava impecável, conduzindo os convidados com aquele olhar que parecia atravessar almas e retornar carregando até o número do sapato. Por dentro, fervia — oscilando entre o espanto e a burocracia. Era o terceiro jantar da *Grão-Confraria de la République*, e um padrão começava a emergir, causando inquietação: em cada ocasião, alguém morria. Sempre discretamente,

sempre durante o jantar, como se o prazer da gula fosse o passaporte para o além — e as sobras da sobremesa do defunto, a moeda deixada a *Caronte* para a travessia.

— Coincidência trágica — ensaiou baixinho, como quem testa uma frase antes de usá-la em público.

Ou então:

— A mesa era tão grande que os mortos saíam de cena antes que alguém notasse que tinham parado de mastigar.

Mas, mesmo enquanto planejava suas justificativas, sabia que também tinha planos. Elegantes, silenciosos e — como todo bom plano — servidos à temperatura ambiente. Porque, no fim das contas, também sabia a diferença entre cozinhar e condenar. E nunca confundia as duas coisas.

Nota de Cozinha (temperada com o sal da parcimônia teatral)

Petrônio satirizou a vulgaridade dos novos-ricos romanos. Na Cabrália, a decadência é servida com *sommelier*, discurso de ética corporativa e talheres folheados a ouro. O banquete é um espetáculo de excesso, em que o bom gosto morreu — mas foi velado com pompa.

Peso da Própria Pele

“Sou invisível, simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver.”

Ralph Ellison, *Homem Invisível*

A mesa estava silenciosa enquanto todos se acomodavam, exceto pelo Dr. Henrique Sampaio, que mantinha sua presença imponente, como sempre. Parecia ter nascido em preto e branco, com aquela elegância antiga que não precisa ser vistosa porque já vem com sobrenome. Os cabelos, bem penteados para trás, eram tão prateados quanto sua retórica: polidos, discretos, cheios de referências. O rosto, fino e anguloso, trazia o ar de um intelectual que não briga, apenas redige desapontamentos. O Dr. Henrique Sampaio não suava — transpirava consistência. Era bonito do jeito que só o tempo e a autoridade conseguem ser: um charme que ninguém admitia, mas todo mundo respeitava.

O *Cozinheiro* sempre o observara à distância, com uma mistura de desdém e fascínio. Via nele um diletante, um homem cujo vasto conhecimento parecia servir menos para iluminar o mundo e mais para justificar seu distanciamento dele. Achava insuportável aquela aura de superioridade, como se o saber lhe desse o direito moral de desprezar os outros — os chamados “pobres mortais” — como se fossem meros exemplos em seus estudos sociológicos. Tinha certeza de que, para o Dr. Henrique, ele nem existia. Muitas pessoas, aliás, eram invisíveis diante dele: não eram ignoradas, eram simplesmente desprovidas de substância, ausentes do mapa simbólico que ele habitava.

Mas todos aqueles banquetes tinham sido catalisadores de uma transformação sutil. A diferença agora era que, ao olhar para o Dr. Henrique Sampaio, sentia algo incomum dentro de si. A raiva que carregava havia tanto tempo começava a se dissipar, abrindo espaço para uma verdade amarga: talvez o Dr. Henrique fosse mais do que ele imaginara.

O Dr. Henrique Sampaio era, sem dúvida, um produto do *Sistema*. Mas também era o reflexo de uma alma perdida, tentando encontrar seu próprio lugar em um mundo onde todos os conceitos de moralidade e verdade estavam distorcidos. E o *Cozinheiro* começava a compreender isso.

Pela primeira vez, viu algo novo no olhar do Dr. Henrique. Não era o olhar de alguém que se julgava superior. Era o de um homem preocupado — com o futuro, com as pessoas ao seu redor, com o próprio *Sistema* que ajudava a sustentar. Naquele breve instante, o *Cozinheiro* percebeu, pela primeira vez, o seu lado humano — algo que jamais reconhecera.

— Dr. Henrique — começou o *Cozinheiro*, com um tom que era uma mistura de

ceticismo e curiosidade —, você não parece tão confortável aqui.

Por um instante, Dr. Henrique Sampaio não soube se tinha ouvido direito. Acostumado ao peso do "senhor", às reverências disfarçadas de gentileza e aos verbos envelhecidos na terceira pessoa, aquela palavra — "você" — chegou como quem empurra uma porta que todos acreditavam trancada.

Não foi ofensa. Nem desrespeito. Foi novidade. Surpresa limpa, quase refrescante. Um deslize? Talvez. Ou, quem sabe, um gesto inconsciente de quem nunca aprendeu — nem teve interesse em aprender — a se curvar diante de cargos, medalhas ou sobrenomes com *pedigree*.

O Dr. Henrique Sampaio olhou para ele com os olhos semicerrados, surpreso pela franqueza da pergunta. Por um momento, pareceu desconcertado, como se nunca tivesse imaginado que alguém pudesse falar com ele sem luvas, sem reverência e sem medo. Mas então, inclinou-se ligeiramente para a frente, os olhos fixos, como se ajustasse o foco de uma lente antiga.

— Não estou. Nunca estive, *Cozinheiro* — respondeu, baixo, mas sem vacilar, como quem testa uma ideia antes de aceitá-la. — Não é fácil carregar tudo o que carrego. A imagem, o título, os compromissos... Às vezes, parece que o preço de ser quem sou é mais alto do que a maioria das pessoas pode imaginar.

Aquelas palavras foram mais um golpe nas convicções do *Cozinheiro*. Estava tão acostumado a ver o Dr. Henrique Sampaio como um homem de poder, alguém que controlava tudo com uma maestria quase cruel, que nunca tinha pensado nas próprias lutas internas dele.

O Dr. Henrique Sampaio não era apenas um homem que usava o *Sistema*. Também era refém dele. E, nesse momento, o *Cozinheiro* se deu conta de que essa era uma prisão que nenhum título ou sucesso poderia libertar.

O *Cozinheiro* postou-se mais ereto, os olhos agora mais fixos no Dr. Henrique Sampaio. A raiva que sempre sentira por ele — aquela mistura de inveja e desprezo — começava a se transformar em algo mais complexo. Era difícil de aceitar, mas a verdade estava ali, bem diante de seus olhos: talvez o Dr. Henrique não fosse tão diferente dele. Talvez o homem que ele via como um vilão fosse, na verdade, um reflexo de suas próprias fraquezas e desejos.

— Então, você se arrepende do caminho que trilhou e das decisões que tomou ao longo dele? Das suas escolhas? — perguntou o *Cozinheiro*, com uma risada amarga.

O Dr. Henrique Sampaio olhou-o profundamente antes de responder. Seu sorriso era triste, quase melancólico.

— Não posso me dar ao luxo de me arrepender, *Cozinheiro*. Se eu fizesse isso, teria que admitir que tudo o que fiz até agora foi em vão. E, sinceramente, acho que nunca saberia viver com esse peso.

O *Cozinheiro* sentiu a verdade daquelas palavras penetrar em sua alma. Sabia exatamente o que o Dr. Henrique Sampaio queria dizer. A vida dele também não passava de uma sucessão de escolhas que o levaram a um ponto onde não havia mais volta. E o peso do arrependimento — esse fantasma silencioso e constante — estava presente em cada um, como uma mancha que jamais se apagaria.

Ainda assim, o *Cozinheiro* se viu diante de uma pergunta que ele nunca imaginara fazer a si mesmo: ele realmente queria continuar nutrindo essa raiva contra o Dr. Henrique? Não seria isso apenas uma maneira de se manter afastado de algo que ele temia — algo que, no fundo, também reconhecia em si mesmo?

O olhar do Dr. Henrique Sampaio agora era mais suave, menos desafiador. E, por

um breve momento, o *Cozinheiro* viu um homem que estava cansado, cansado de jogar o jogo. Não era mais sobre o poder. Não era mais sobre o controle. Era apenas sobre tentar sobreviver em um mundo onde nada fazia sentido.

O *Cozinheiro* balançou a cabeça, como se tentasse afastar uma nuvem de pensamentos que o assolavam. Não sabia como processar tudo o que estava sentindo, mas uma coisa era certa: sua raiva pelo Dr. Henrique Sampaio começava a desmoronar. O homem que ele sempre considerara um arrogante mostrava-se, agora, mais próximo dele do que jamais imaginara. E isso, de alguma forma, era ainda mais aterrador do que qualquer mentira ou traição.

— Você... você está certo — disse o *Cozinheiro*, a voz mais baixa agora, com uma vulnerabilidade que raramente deixava transparecer. — Talvez você não tenha a escolha que eu pensava que tivesse. Talvez nenhum de nós tenha.

O Dr. Henrique Sampaio o olhou com uma pitada de surpresa no olhar. A superioridade que sempre o acompanhara parecia dissipada e, por um instante, o *Cozinheiro* enxergou nele o homem que talvez fosse capaz de ser — alguém que, mesmo dentro do *Sistema*, lutava para encontrar algum tipo de redenção ou, ao menos, alguma forma de paz.

— A verdade, meu amigo, é que caminhamos em círculos, sempre esperando uma absolvição que nunca virá — nem dos outros, nem de nós mesmos — disse o Dr. Henrique, erguendo a taça de vinho, o líquido âmbar tremeluzindo como lágrimas contidas. O som de um relógio de pêndulo ecoou na sala, marcando o tempo que nenhum deles tinha mais.

— A luta... — completou, pousando a taça suavemente sobre a mesa — essa vale a pena.

E o *Cozinheiro*, pela primeira vez, se viu em dúvida.

Mesa do Julgamento: A Última Ceia

A Cápsula do Tempo BQ6-2DCB-10A-3 guardaria: uma cadeira vazia — "Reservada para Geraldo (desaparecido como o *WhatsApp* às 15h)"; um espelho de bordas queimadas — "Reflexões do *Cozinheiro*"; e um garfo de prata entortado — "Para virar o jogo (ou o modo avião)".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de avental sujo de segundas intenções (e *hashtags* apagadas), lavava panelas enquanto murmurava: "Banquete de uns, indigestão de outros… e *404 Not Found* pra todos."

"Senhor, por que me abandonaste?"

Nikos Kazantzakis, *A Última Tentação de Cristo*

Seis meses haviam se arrastado desde a inauguração da *Grão-Confraria de la République*, como os convidados gostavam de chamar aquele seleto grupo. Os cinco banquetes realizados ao longo desse período pareciam, agora, não passar de prelúdios para este momento decisivo. Não que fossem irrelevantes — longe disso. Cada prato servido, cada taça erguida, cada silêncio incômodo entre os convidados carregava consigo um peso específico de drama e significado. Mas, para o *Cozinheiro*, tudo aquilo não passara de ensaio. Um mero aquecimento. Como quem afina os instrumentos antes do concerto derradeiro.

E agora, ali estava: a última ceia. Ele sabia — com a certeza melancólica de quem observa as horas em um relógio prestes a parar — que este seria o dia do julgamento. O grande desfecho. A última página do menu. Era isso. Não havia mais como adiar. O ar da cozinha já não cheirava a alho ou ervas frescas, mas a um cansaço antigo, desses que nenhuma pausa consegue curar, nenhum sal grosso consegue exorcizar. Era um cheiro de fim.

O *Cozinheiro* ajustou o avental, não por vaidade, mas por hábito. Há gestos que permanecem, mesmo quando tudo o mais já se foi. Olhou as caixas sobre o balcão: madeira escura, dobradiças discretas, o toque de quem sabe esconder intenções. Lá dentro, nenhum prato, nenhum alimento. Apenas símbolos — e o mais amargo dos temperos: a consciência. Ao lado, havia dois envelopes pretos, com nomes caligrafados.

Enquanto o molho reduzia em fogo baixo — vinho tinto, caldo de carne e uma dose obscena de resignação — ele pensava em cada um deles.

Renan, o burocrata vaidoso. "Sempre disse que comida é assinatura", murmurou o *Cozinheiro*, enquanto deslizava uma folha envelhecida dentro da caixa. Não precisava de veneno. Bastava uma escolha. Uma assinatura. Quantas vezes Renan

selou o destino de outros sem sequer olhar o que assinava? Agora teria a chance de ler. Mas não leria. Nunca lia.

— Talvez eu devesse ter colocado algo mais... doce — brincou o *Cozinheiro* sozinho, como quem fala para um fantasma invisível. Depois riu, mas o riso foi breve, como um suspiro cortado.

Silvério, o filósofo de rodapé, o semianalfabeto. Crítico de tudo, inclusive do sabor. Sempre perguntava "o que isso significa?" diante de um risoto, como se o arroz tivesse intenções políticas. Para ele, o *Cozinheiro* preparou o vazio. Uma caixa sem conteúdo. Nenhuma nota. Nenhuma resposta. Sabia que o pobre do Silvério — que certa vez confundiu "pleonasmo" com marca de sabão — jamais sobreviveria a uma elipse simbólica. Seria sua última aventura linguística.

O Dr. Henrique Sampaio, o idealista fragmentado. Sempre tentava entender os outros para se esquecer de si mesmo. O *Cozinheiro* hesitou antes de montar sua caixa. Acabou escolhendo um caco de espelho. Não porque fosse cruel, mas porque sabia que a imagem que o Dr. Henrique Sampaio veria refletida seria mais letal que qualquer veneno. Ninguém sobrevive muito tempo à própria verdade.

E havia Geraldo, o ausente. Aquele que desapareceu antes do fim do jantar, sob a desculpa de buscar mais vinho. O *Cozinheiro* sabia que ele não voltaria. Dentro da caixa destinada a ele, sobre o forro azul de veludo, deixara uma ampulheta avariada — os grãos eternizados no centro do cristal, aprisionados entre as câmaras, incapazes de cumprir sua queda. Sem escalas, sem horas, restava apenas um âmbar suspenso entre dois mundos. Talvez Geraldo tivesse conseguido decifrar seu enigma, mas seu desaparecimento interrompera qualquer confirmação. Restava agora guardar a caixa, à espera de revelação futura.

As caixas e os envelopes seriam a sobremesa.

∵ ∴ ∵

O banquete transcorreu como sempre: entradas leves sobre porcelanas frias, pratos principais que exalavam vapores de conforto, vinhos rubros deslizando pelas taças, garfos tocando a louça como sinos de alerta silencioso.

Ninguém perguntou por Geraldo. A ausência fazia parte do protocolo. Era apenas mais um tempero — dos antigos, bem disfarçados, quase imperceptíveis.

Enquanto cada prato era disposto à mesa, o *Cozinheiro* sentia o peso de seus gestos. Eram coreografias fúnebres, rituais de despedida. Nenhuma palavra foi dita em voz alta, mas cada garfada trazia um veredicto.

O evento seguiu seu curso sob a regência da *Maître d'Banquet*, com uma tranquilidade protocolar, quase litúrgica. Conversas vagas, risos contidos, taças erguidas com a reverência de quem brinda ao inevitável.

Ao final do serviço, o *Cozinheiro* desapareceu. E agora, na sala saturada de silêncios, os convidados aguardavam — não mais por comida, mas pela sobremesa.

∵ ∴ ∵

Na cozinha, os fantasmas do passado flutuavam sobre o fogão e a bancada — restos de vozes, gestos, promessas engolidas pelo tempo, divertindo-se com os aromas que ainda pairavam no ar.

Restava apenas o *Cozinheiro* e a chama do fogão, instável e insistente, como um velho amigo teimoso. Não era apenas o fim de um jantar. Era o fim de uma era. De

uma ilusão coletiva. O banquete, disfarçado de cerimônia, era uma sessão de julgamento. E ele, o *Cozinheiro*, fora nomeado juiz sem toga.

Quando retornou à sala de jantar, trazia consigo uma bandeja coberta por um pano branco impecável. Seu passo era lento, quase ritualístico, como o de um padre conduzindo hóstias corrompidas ao altar. Sob o véu do pano, algo pesava — objetos que pareciam respirar tensão no silêncio da sala. Nenhum dos presentes notou sua hesitação. Porque ele nunca hesitava. Mas, naquele instante, soube: servir é também condenar. E há um momento em que cozinhar se parece perigosamente com escrever epitáfios.

— Vamos à sobremesa — anunciou, com uma voz abafada, como se o peso do que estava prestes a revelar comprimisse suas palavras. Colocou a bandeja no centro da mesa.

A *Maître d'Banquet* aproximou-se da bandeja e retirou o pano branco, devagar, expondo o que até então permanecera escondido: dois envelopes pretos, cada um com nomes caligrafados em tinta densa e precisa. Ao lado deles, três caixas de madeira escura repousavam, pesadas, quase vivas em sua gravidade.

Distribuiu as caixas com cuidado, como quem entrega verdades que ninguém pediu para conhecer. Cada uma era um reflexo de seus donos. Nenhuma colher, nenhuma receita. Apenas a chance de entenderem o que comeram durante toda a vida.

∵ ∴ ∵

O *Cozinheiro* voltou à cozinha. Lavou as mãos, como *Pôncio Pilatos*. Sabia que não adiantaria. O sangue, mesmo simbólico, não sai com sabão neutro. Sentou-se diante da panela ainda quente, agora vazia. E esperou.

O silêncio veio como uma sopa fria. E ele o tomou inteiro.

Ninguém jamais saberia que chorou naquela noite. As lágrimas caíram sobre o avental manchado, misturando-se ao aroma do jantar final. Um jantar que ninguém realmente digeriu.

E foi assim que o *Cozinheiro*, o último a servir, tornou-se o primeiro a carregar o peso de tudo o que fora comido — e de tudo o que ficara entalado.

Naquele instante, lembrou-se da mãe no hospital. Da espera vã por um socorro que nunca chegara. Deitada num quarto branco, sob luzes fluorescentes — lâmpadas que não iluminavam, apenas velavam a agonia. Ela fitava a porta como quem ainda acreditava em milagres.

Alguém importante viria. Alguém real. Mas o corredor permaneceu vazio. Nem médico, nem enfermeira. Nem mesmo o tempo — que, ali, fora condenado à morte por negligência.

E, ali, diante da cozinha vazia, sentiu o mesmo abandono. A mesma expectativa muda. O mesmo ar estéril da impotência — um cheiro familiar, quase doméstico, como se sua própria história tivesse sido submetida à um processo de reciclagem do passado.

Nota de Cozinha (temperada com o que o Cozinheiro não quis servir)

Kazantzakis reinterpretou a *Última Ceia* como espaço de traição e julgamento. Na Cabrália, a mesa cumpre o mesmo papel: um altar profano onde todos jantam conscientes de que alguém, em algum momento, os entregará — talvez por lealdade,

talvez por uma simples promoção.

O relógio, impassível, grita as horas, mas ninguém parece ouvi-lo. Avança com a indiferença de quem sabe que o tempo é uma formalidade quando o tédio assume o comando. Os convidados, mergulhados no enigma deixado pelo *Cozinheiro*, tentam decifrar seu sentido enquanto ignoram o mais óbvio dos mistérios: a irrelevância da própria espera.

Gosto Amargo da Vitória

“Hoje mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei.”

Albert Camus, *O Estrangeiro*

Vingança é um prato que se come frio — diz o ditado. O *Cozinheiro*, no entanto, enxergava outras nuances. Sabia, por experiência própria, que a verdadeira vingança não se serve — fermenta. Fica em silêncio nas prateleiras da alma, até que, com o tempo, se torna algo quase natural — como um *Camembert* renegado, suando ressentimento, criando crostas e bolores de rancor, até adquirir aquele aroma inconfundível: um fundo de floresta úmida e folhas apodrecidas — o mesmo cheiro que a memória guarda das ofensas enterradas, mas nunca esquecidas.

Na madrugada que se seguiu ao último banquete, entre meia-noite e cinco horas da manhã, enquanto a cidade adormecia em seus pesadelos inquietos, o *Cozinheiro* vagava por dentro de si como quem inspeciona uma despensa mal organizada. Sentia-se vazio, mas não limpo. Era uma espécie de enjoo moral — não pelo que fizera, mas pelo que esperara sentir e não sentira. A escuridão ao redor parecia ecoar seus pensamentos, densa e opressiva, como se os sonhos conturbados da cidade vazassem pelas frestas de sua mente.

A verdade é que ele queria vingança. Queria vê-los destruídos. Queria que cada um engasgasse com o próprio reflexo. Que o jantar provocasse indigestões existenciais, surtos de arrependimento, suicídios simbólicos. Mas tudo o que conseguiu foi um silêncio educado, quase grato. Um aceno de cabeça. Um murmúrio do tipo: “Belo prato, parabéns.”

— Parabéns? — repetiu o *Cozinheiro*, para o silêncio da cozinha. — Parabéns?

O veneno fora servido, mas os comensais pareciam já ter tomado o antídoto. Tinham estômagos blindados contra a vergonha, o remorso e qualquer outro sintoma incômodo da consciência. Aqueles homens digeriam até a própria condenação.

E foi nesse momento que ele compreendeu: quem cozinha não detém controle completo da narrativa. É, na maioria das vezes, um espectador involuntário dos acontecimentos — aquele que observa sem ser visto, que organiza sem decidir, que serve pratos e silêncios, mas que nunca realmente se senta à mesa.

Quem cozinha vive na periferia dos acontecimentos, como um diretor de teatro que nunca entra em cena. Prepara o cenário, ajusta as luzes, coloca os atores em posição — mas não faz parte da história contada. Observa dramas que não lhe pertencem, enquanto sua própria história apodrece nos bastidores.

Talvez por isso, preso nessa condição, tenha reparado — contra a própria vontade — na aproximação sutil entre Gabriela e o Barbosa. Uma cumplicidade que

se forjava aos poucos, em gestos mínimos: olhares trocados durante a sobremesa, silêncios prolongados além do necessário e aquele modo dela de rir das piadas ruins dele — um riso que reconhecia o fracasso alheio e, ainda assim, escolhia nele se aconchegar.

O *Cozinheiro* notara tudo.

Ela era diferente. Não ria por cortesia. Ria com convicção. E isso era imperdoável. Preferia os risos disfarçados, os sorrisos de molho branco: suaves, inofensivos, sem tempero. Ria ao alho e óleo.

— Ria dele — pensou o *Cozinheiro*, amargo. — Ou pior: com ele.

Era educada, refinada, e circulava entre os comensais com a elegância de quem nasceu sabendo a diferença entre *escargot* e caramujo. Como *Maître d'Banquet*, era impecável. Servia ironia no ponto, sarcasmo bem passado e gentileza *al dente*.

E tinha ideias. Muitas ideias. Provisórias, claro, como todas as ideias boas. Sabia dissecar a política com tal precisão que fazia parecer fácil — como se fosse só seguir a receita. O *Cozinheiro* ensinara o básico: como desossar argumentos sem perder a ternura, como flambear desilusões sem incendiar a conversa. Ela aprendeu tudo. Rápido demais.

E aí estava o problema.

Ela não apenas aprendeu. Ela superou. Fez redução de vaidade alheia, purê de pretensões, e serviu tudo com aquele sorriso que não pedia desculpas. O *Cozinheiro*, que antes via nela uma aliada, agora via uma ameaça com vestido discreto e frases letais.

Porque ela tinha o pior defeito de todos: sabia exatamente o que estava fazendo. E ainda por cima, ria disso.

O Barbosa, por sua vez, era um derrotado de estimação. Carregava a falência como se fosse um talento. Vivia sustentado pelo pai. Era um bufão triste. E talvez por isso mesmo, ela o tenha escolhido. Não por admiração, mas por piedade.

A combinação entre os dois — o fracassado e a curiosa — parecia, ao *Cozinheiro*, o verdadeiro banquete: ali estava a receita daquilo que ele sempre evitara. Um amor nascido do entulho. Uma ternura feita de sobras.

E isso, mais do que qualquer outra coisa, o envenenava por dentro.

Sentia-se traído por algo que nunca tivera. Não haviam compartilhado uma relação mais profunda; ele e Gabriela foram apenas colegas de profissão. Mas, em sua mente distorcida, o simples fato de ela não gravitar em torno de sua amargura já lhe parecia uma espécie de deserção.

No fundo, queria que ela o odiasse. Ou o venerasse. Mas Gabriela apenas tinha outros planos.

E era isso — o abandono — que lhe doía mais que o desprezo.

Caminhou até a velha despensa, onde alguns livros de receitas se empilhavam, puxou um caderno de anotações, rabiscado nos tempos do restaurante *"Flor de Sal"*. Nele havia esboçado receitas que jamais serviu e planos que jamais executou. Entre eles, um título sublinhado com raiva:

> Cozinhar a culpa: manual de demolição moral em sete pratos.

Riu. Um riso curto e seco, como o estalo de uma espinha dorsal cansada de sustentar dignidades.

— Gabriela não leu isso — murmurou, virando uma taça de vinho que nem sequer era bom. — Mas entendeu tudo.

Voltou à cozinha. Acendeu o forno. Não para cozinhar — apenas para ouvir o clique do gás. Era um som familiar, reconfortante, quase maternal. Abriu uma garrafa de vinho. O rótulo dizia *Reserva Especial*, mas ele sabia que era mentira. Como tudo naquela casa.

Sentou-se e, pela primeira vez em muitos anos, escreveu uma carta. Não para Gabriela — ele não era patético a esse ponto — mas para o Barbosa. Não para entregar. Apenas para sentir o prazer de redigir.

Nota de Cozinha (misture com cuidado: pode causar lucidez passageira)

Camus mostrou a indiferença diante do absurdo como a única resposta lógica ao caos existencial. Na Cabrália, porém, a vitória tem gosto amargo precisamente porque todos à mesa sabem que, mais cedo ou mais tarde, serão derrotados pela realidade — que, como se sabe, também é profundamente indiferente diante do absurdo, só que com a vantagem de nunca precisar justificar seu desdém.

De vez em quando, de forma imprevista, a realidade resolve fazer hora extra — em silêncio, como um funcionário público exemplar: cumpre seu turno com paciência burocrática e aguarda o momento exato para apresentar a conta. Sempre com juros, correção monetária e aquela taxa administrativa que ninguém entende muito bem, mas paga religiosamente.

Quanto à carta do *Cozinheiro*? Ah, a carta é um mistério que nunca será desvendado — pois, como todo bom funcionário, a realidade nunca deixa rastros. Só contas por pagar.

Migalhas da Aurora

A Cápsula do Tempo BQ6-2DCB-10B-1 guardaria: um avatar de reunião, travado em expressão neutra; um boleto universitário vencido, com anotações sobre revolução no verso; e uma variante viral com nome de letra grega.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício** — metade carne, metade código — ruminava boletins epidemiológicos e memes sobre burnout, enquanto tentava mugir em *XML* nos corredores de um Congresso, em modo avião, sem conexão nem algoritmo que o resgatasse.

"Talvez eu não tenha vivido como deveria."

Liev Tolstói, *A Morte de Ivan Ilitch*

O sol nasceu como nasce todo sol em manhã de tragédia: indiferente, bonito demais para o que havia acontecido. O *Cozinheiro* já estava de pé. Não dormira. Não por

culpa — essa já estava devidamente temperada e embalada desde a véspera —, mas por inquietação. Esperava algum sinal. Um som. Um grito. Um pedido de digestivo espiritual. Mas não veio nada. Apenas o silêncio, viscoso como gordura fria na frigideira.

A cozinha ainda cheirava a vinho, alho e dissolução moral. Os pratos sujos haviam sido empilhados com uma precisão que nem ele reconhecia como sua. Era como se alguém, ou algo, soubesse que aquele jantar não precisava mais de testemunhas. Apenas vestígios.

Na sala, postou-se à mesa, agora desfeita, como quem visita o próprio túmulo.

— Não espero salvação — murmurou consigo mesmo, como quem fala para um interlocutor invisível. — Já sou velho demais para isso. Mas espero consequência. Uma explosão. Um levante. Alguém batendo à porta dizendo: "Entendi!". Ou ao menos: "Não gostei do que vi no espelho."

Mas o *Cozinheiro* conhecia demais os comensais para nutrir otimismo. O que ele esperava, no fundo, era o sabor agridoce da confirmação: nada mudaria. O banquete fora servido, o veneno administrado, as verdades expostas como carnes cruas... e mesmo assim, tudo seguiria igual. Só que pior.

Pôs-se a recolher os objetos esquecidos. Um paletó pendurado na cadeira. Um guardanapo com anotações filosóficas em letra torta. Uma caixa de fósforos usada por Silvério para ilustrar uma teoria de combustão ética. Cada item era uma relíquia de um apocalipse íntimo. Um museu de pequenas desistências.

Abriu uma das caixas — a do Dr. Henrique Sampaio, talvez? — e viu que o espelho estava lá. Intacto, mas ainda quebrado. Um reflexo não se conserta apenas por não ter sido tocado. Encostou-se na parede e riu. Um riso cansado, daqueles que não duram mais do que três segundos e deixam gosto de mofo na garganta.

Na cozinha, o forno ainda estava ligado. Havia um pão esquecido lá dentro, tostado até virar carvão. Esfarelou-o entre os dedos.

— As migalhas da aurora — pensou alto. — O que resta depois que a esperança vira cinza.

O interfone da cozinha emitiu um único toque. Estranho. Não havia mais ninguém que pudesse ligar para ele — os convidados haviam desaparecido, os credores estavam satisfeitos (ou fingiam estar), e a mulher que ele admirava agora o tratava com uma indiferença quase profissional. Aquele toque solitário ressoou como um lembrete cruel do destino: você fez o que fez, e ninguém virá bater à sua porta para agradecer.

Pela janela, viu Renan sair pela porta dos fundos, com os passos rígidos de quem ainda acredita que um terno pode proteger a dignidade. Silvério havia partido antes da meia-noite, murmurando sozinho, como de costume. E o Dr. Henrique Sampaio... bom, ainda estava lá fora, olhando para o céu como se esperasse que ele lhe devolvesse outro reflexo — ou talvez apenas uma resposta antiga, postergada por décadas. Ficou lá em estado de contemplação o tempo suficiente para aceitar que o sol, o suor e o absurdo podem pesar mais que a moral — e que o universo, no fim das contas, não se abala com a nossa culpa.

Quanto ao anfitrião, que acabara de se despedir dos convidados com um taça de vinho na mão e equilíbrio duvidoso, já havia se recolhido — meio cambaleante, quase sem direção.

Parecia alguém que saía de cena sem saber ao certo se fazia parte da história... ou se era apenas seu narrador.

O *Cozinheiro* não falou com nenhum deles. Não era mais necessário. O banquete falara por ele. As caixas haviam sido entregues, e as figuras retóricas, meticulosamente cozinhadas, servidas em louça branca. O veredicto estava em curso — lento, cruel e silencioso. Como um veneno de longo prazo.

De volta à cozinha, apagou a última chama. Fechou o gás. Retirou o avental. Cada gesto, uma despedida. Não daquela casa, mas daquele papel. O de *Cozinheiro*. O de arquiteto do destino alheio.

No espelho da pia, viu a si mesmo — e, por um momento, não se reconheceu. Era apenas um velho com cheiro de cebola e mágoas, olhos fundos de quem viu demais e comeu de menos. Pensou em quebrar o espelho. Mas já havia espelhos demais quebrados.

Lançou um olhar longo e pensativo para a terrina de mousse de maracujá, tentando lembrar por que razão desistira de servir aquela sobremesa especial. Talvez não quisesse deixar evidências. Pegou uma colher de pau e deu três ou quatro colheradas — o bastante para seu paladar, e para seus objetivos. Depois, abriu a última garrafa de vinho e bebeu direto do gargalo, como fazem aqueles que se dedicam a cozinhar para os outros, mas se esquecem de servir a si mesmos.

Ao fundo, a manhã começava a se impor — radiante, cínica. A cidade retornava à sua rotina indiferente, e ninguém parecia notar que, na noite anterior, fora servido "*O Último Banquete da Rèpublika*".

O *Cozinheiro* sorriu. Um sorriso triste, daqueles que só surgem quando a alma está *al dente*.

Levou novamente a garrafa aos lábios, tomando longos goles, como se tentasse afogar algo que nem o álcool seria capaz de silenciar. De repente, uma pontada aguda atravessou seu peito. Ele paralisou por um instante, ainda segurando a garrafa com firmeza vacilante. O sorriso triste que antes pairava em seus lábios desvaneceu-se, substituído por uma expressão de desconforto crescente. Apoiou-se na bancada, os dedos tremendo enquanto buscava recuperar o fôlego. O mundo ao redor pareceu girar devagar, como se conspirasse para arrancá-lo da cena que ele mesmo havia criado.

Com um suspiro resignado, desistiu de resistir. O peso que carregava dentro de si era maior do que qualquer força que ainda lhe restava. Finalmente, deixou a cabeça pender sobre o mármore da bancada, ao lado da taça de vinho, da terrina de mousse de maracujá e de sua faca preferida.

E assim, pela porta dos fundos da consciência, partiu. Onde ninguém entra. Onde ninguém agradece. Onde só se sai depois que tudo já foi servido — inclusive a verdade.

Onde o Corpo Cessa

“Antes de morrer, ele viu a porta aberta.”

García Márquez, *Crônica de uma Morte Anunciada*

Por volta das nove da manhã, o silêncio na cozinha ainda era absoluto. Não restava nenhum vestígio do fervor da noite anterior — nem o brilho dos talheres, nem o eco dos risos abafados. Apenas o *Cozinheiro*, que, como sempre, parecia ser o último a abandonar o palco. Ou talvez nunca tivesse saído de cena.

A sobremesa continuava ali, inacabada, à espera, ao lado de duas garrafas de vinho quase vazias — uma delas, *Reserva Especial*. Completando o cenário, repousava sobre a bancada a faca: a mesma que ele usara tantas vezes não apenas para cortar ingredientes, mas também os próprios pensamentos. Como uma testemunha muda de sua obra.

Quando o encontraram, o *Cozinheiro* já não estava mais ali para oferecer explicações. Seu corpo estava imóvel, caído no chão, ao lado da bancada de mármore, a cabeça tombada. Mas o que realmente chamou a atenção foi a colher de pau cravada em seu peito.

Não se tratava de um ato de violência, nem de um erro, nem de um rompante de quem perdeu o controle. Não. Era outra coisa. Algo mais fundo. Uma declaração.

Ele havia preparado a sobremesa final com esmero. No fundo, sabia exatamente o que fazia. Ou talvez apenas fingisse controlar o caos — como um alquimista convencido de que o forno obedece à receita.

No entanto, até ele desconfiava: era apenas mais um ingrediente na trama de alguém mais astuto. Sabia que, assim como seus ingredientes se transformavam sob suas mãos, ele também se transformava. Não em mestre. Nem em artista. Mas em um homem condenado pela própria criação.

— Um infarto — disse o médico de plantão, enquanto analisava os exames do paciente ainda internado. — Estresse, desgaste... quem sabe?

A observação do médico, porém, não encerrava o mistério. Para a polícia, a cena era um enigma. O *Cozinheiro* tinha sofrido um infarto, possivelmente resultado de anos dedicados à culinária, marcados por pressão constante e esgotamento físico e emocional. Mas a colher de pau, cravada com tamanha precisão no peito, tornava qualquer explicação natural insuficiente. Algo ali desafiava a lógica do caso.

Foi aí que, ao vasculharem mais a fundo, começaram a surgir teorias: a colher havia sido cravada depois do infarto. Como se alguém, ao encontrar o corpo, tivesse decidido completar a cena, fazendo justiça ou, quem sabe, vingando-se de uma vida inteira de manipulações. A questão é que ninguém sabia quem poderia ter feito

aquilo. Não havia suspeitos. Nenhum motivo claro. Ninguém vira ninguém entrar ou sair. Era como se o *Cozinheiro*, no fim de tudo, tivesse sido deixado à mercê de sua própria criação, como se a sua culinária de morte tivesse sido consumida por alguém que, de alguma forma, também o havia manipulado.

O *Cozinheiro* era, no fim das contas, apenas mais uma vítima das circunstâncias que ele mesmo ajudara a criar. Um acaso. Mas quem realmente conhecesse o sabor daquele caldo no fogão saberia que a verdade era bem diferente. Ali, naquele caldo, havia mais do que uma simples receita. Havia o gosto amargo da culpa, da condenação interna que ele jamais poderia escapar. Ele, o *Cozinheiro*, que sempre soubera manipular os outros, agora estava sendo consumido por aquilo que ele próprio criara.

A colher de pau — afiada não por lâmina ou pedra, mas pela carga simbólica de uma vida dedicada à alquimia dos sabores e destinos — parecia ter sido cravada com a mesma precisão meticulosa que marcava o ofício do próprio *Cozinheiro*. Não era apenas um pedaço de madeira enfiado no corpo. Era a própria autossuficiência de sua decadência. Ele, que preparava sobremesas de pura ilusão, agora se entregava à sua própria receita final: a morte disfarçada de resignação.

E assim, como sempre acontecia com os mais destemidos, o *Cozinheiro*, o homem que controlava os ingredientes da vida, encontrou a sua própria mistura de culpa e desespero. Não foi necessário um grito, nem um alarde. A saída de cena dele se deu de forma silenciosa, apenas o eco de uma colher cravada no peito, um simples símbolo de que, no final das contas, ninguém escapa daquilo que cria.

Os banquetes haviam terminado, mas os pratos servidos permaneceriam gravados nas memórias de todos os que, por um momento, se sentaram à mesa e sobreviveram ao dia seguinte — poucos, aliás. Como de costume, o *Cozinheiro* se retirou do palco, deixando um gosto amargo para quem ousasse recordar. O mistério da colher, no entanto, continuaria a pairar no ar, inquietante e silencioso.

— Quem fez isso? — perguntou um assistente de investigação, olhando para a equipe que atendera a emergência. — E por quê?

Ninguém respondeu — a pergunta era retórica.

Numa cozinha onde a morte se serviu à mesa com um sorriso maquiavélico, ninguém realmente sabia.

E talvez, no fundo, fosse exatamente isso que o *Cozinheiro* merecesse: um final envolto em mistério, onde sua própria receita de vingança se misturava com a de seus algozes, deixando o gosto amargo da dúvida no paladar de todos.

Nota de Cozinha (não é spoiler — é a panela que ainda ferve depois do banquete)

Em "*Crônica de uma Morte Anunciada*", *García Márquez* nos apresenta um assassinato que todos sabem que vai acontecer — menos a vítima, é claro —, num espetáculo de fatalidade e omissão coletiva. Já aqui, o *Cozinheiro*, que durante toda a trama serviu destino com molho irônico, acaba ele mesmo virando o prato principal. A diferença é que, em vez de uma faca nas mãos de um assassino declarado, leva uma colher de pau no peito — instrumento de trabalho que, no fim, parece ter se cansado de mexer apenas panelas e resolveu mexer com seu dono. Enquanto *Santiago Nasar* morre sem saber por quê, o *Cozinheiro* parece saber demais — inclusive que sua própria receita de poder e vingança poderia ser usada contra ele. A ironia *marqueziana* está aí: a morte é sempre um banquete coletivo, ainda que servido em porções individuais.

No universo de *Márquez*, a tragédia é pública, comentada, esperada — mas ninguém

faz nada para evitá-la. Na Cabrália, o banquete é privado, secreto, e todos participam fingindo não conhecer o cardápio letal. O *Cozinheiro*, que durante a narrativa age como um deus dos banquetes, distribuindo culpas e indigestões, acaba intoxicado pela própria criação. Sua morte não é anunciada — é insinuada, como um ingrediente que só revela seu sabor no final. E a colher de pau, símbolo máximo de seu ofício, vira arma do crime, do castigo ou do acaso — quem sabe? Como diria *Rubem Fonseca*: "*nada mais previsível do que um cozinheiro morrer na cozinha*." Só não esperávamos que ele sobrevivesse. É uma "morte anunciada" que se realiza apenas no imaginário dos outros — uma farsa cuidadosamente temperada para expor o apetite coletivo pela tragédia.

E assim, entre a colher cravada e a porta aberta de *Márquez*, o que temos é a mesma lição disfarçada de novela das nove: ninguém escapa do roteiro que ajuda a escrever. O *Cozinheiro*, que achava que controlava o cardápio dos outros, descobriu — tarde demais, ou muito cedo, dependendo do ponto de vista — que também era apenas um convidado no banquete do acaso. E o pior: sem direito à sobremesa. Mas a saga do *Cozinheiro* continua… E a continuação, claro, vem temperada com um toque de ceticismo e uma pitada de farofa — porque, no banquete da *República*, até a sobrevivência é um prato requentado.

Retorno da Lavanda

A Cápsula do Tempo LAV-5DCB-10 guardaria: um frasco de lavanda — "Último Aroma (Compostável)"; um prontuário de madeira — "Diagnóstico: Segredo Terminal"; e um bilhete — "Visita Final: Traga Sua Própria Hipocrisia".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com asas em folhas de eucalipto, sussurrava: "Morrer de segredo é ecológico..., mas o caixão ainda é de plástico."

"Voltar é mais difícil do que partir."

Dulce Maria Cardoso, *O Regresso*

O tempo, como sempre, era um ladrão sem pressa. Depois de mais de dois anos em que o *Cozinheiro* percorreu mais corredores de silêncio do que mesas de banquete, a vida o trouxe de volta ao ponto de partida: o restaurante *"Flor de Sal"*. Às vezes, as rotas mais longas são aquelas que não saem do lugar, e ele, como um animal de hábito, se encontrava de novo na velha cozinha — agora enfumaçada por um passado que ele pensava ter enterrado.

Ninguém soube explicar exatamente como ele sobreviveu. O laudo médico apontava um infarto. A colher de pau cravada em seu peito, no entanto, contava uma

tragédia de outra ordem — mais simbólica do que clínica. O que deixou os médicos atônitos, e em silêncio constrangido nos corredores, foi o detalhe inexplicável: o *Cozinheiro* sobrevivera por um fio. Ou, mais precisamente, por uma folha de louro.

Não se tratava de uma folha qualquer, mas de uma daquelas que ele guardava como relíquia, colhida de um ramo antigo em um mosteiro francês, onde certa vez aprendera que a arte de cozinhar também era a arte de resistir.

A folha repousava dentro de um estojo fino, confeccionado em couro vegetal curtido com noz-moscada e impregnado de silêncio monástico. Forrado de camurça clara, o estojo trazia a inscrição *"Silere et Condire"* gravada na aba interna. Discreto o suficiente para caber no bolso do paletó, mas rígido como um voto perpétuo, era mais relicário do que simples embalagem — uma proteção não apenas física, mas profundamente simbólica.

— Resistir? — perguntou-se ele mais tarde, enquanto limpava panelas como quem limpa pecados. — Ou simplesmente adiar?

Dizem que foi isso que desviou a colher: um milímetro. O suficiente para não acertar o coração, mas apenas rasgá-lo em símbolo. O infarto veio antes, claro, como se o corpo tivesse decidido protestar contra o simbolismo excessivo. Foi encontrado no chão da própria cozinha, ao lado da bancada de mármore, entre molhos reduzidos e lembranças mal digeridas, onde permaneceu por horas até ser socorrido. Internado em estado gravíssimo, passou três meses em coma, alimentado por tubos, monitorado por máquinas e visitado apenas por um médico que jurava sentir cheiro de alecrim toda vez que entrava na sala.

Então, um dia, acordou.

Sem aviso. Sem alarde. Apenas abriu os olhos, pediu um café (sem açúcar) e perguntou que dia era. Quando souberam que ainda se lembrava de como flambava um pato ao *Armagnac*, os médicos decidiram deixá-lo viver.

E então, no dia seguinte a uma visita do Barbosa — daquelas visitas que não chegam acompanhadas de diálogos serenos, mas de interrogatórios disfarçados de curiosidade, cheias de perguntas com veneno e insinuações — o *Cozinheiro* desapareceu.

Nada de alta médica, nem recibo de saída. Apenas sumiu. As câmeras de segurança mostraram apenas um vulto saindo pela porta de emergência, durante a madrugada, usando um avental de hospital e segurando uma cebola roxa na mão esquerda.

Meses depois, surgiram boatos. Um velho restaurante no subúrbio, onde os clientes choravam durante a entrada, gargalhavam na sobremesa e saíam em silêncio absoluto, como se tivessem assistido a uma peça de teatro em quatro tempos. Diziam que o *chef* não falava, apenas cozinhava. E que suas mãos, embora marcadas por cicatrizes, ainda tinham a precisão de um violinista afinando o silêncio.

Era lá que ele estava.

Até aquela tarde abafada. Quando Gabriela apareceu. Sem convite. Sem desculpa.

Não havia previsão para isso — mas quando houve, algum dia? A vida nunca lhe pediu agenda, tampouco confirmação de presença. Apenas abria a porta. E entrava.

Ele estava sozinho, limpando panelas, cada uma como se fosse um espelho do passado. O metal refletia não seu rosto, mas suas falhas. Suas escolhas. Suas cicatrizes. Até que ouviu o som — aquele rangido de dobradiça antiga, familiar como o chiado do óleo na frigideira. Um som que, no fundo, sabia que um dia voltaria.

Ela entrou devagar, como quem pisa num terreno que já foi seu, mas agora

pertence às ruínas. O cheiro dela chegou primeiro: lavanda e tabaco. Uma assinatura olfativa que ele nunca conseguiu apagar da memória, por mais que tivesse trocado todos os temperos.

Usava o mesmo sorriso. Não o sorriso leve de quem oferece vinho a um velho amigo, mas o sorriso de quem chegou tarde demais para o jantar — e sabe disso.

Ela parecia mais leve, sim, mas era a leveza de quem carregou tanto peso que já não sente os ombros.

— Você... — começou, com a voz hesitante de quem lê um cardápio de pratos que não pode mais pedir. — Ainda sabe fazer aquele *coq au vin* que arruinava dietas?

Ele a observou como quem avalia o ponto de uma carne: por fora, a mesma; por dentro, impossível saber.

— *Coq au vin* leva tempo. Como você. — respondeu, limpando as mãos num pano que mais limpava memórias do que gordura. Aproximou-se devagar, com a cautela de quem se aproximaria de uma faca caída no chão.

Ela olhou ao redor, como se tentasse encontrar no ambiente uma desculpa para estar ali — e falhasse.

— O que você quer aqui, Gabriela? — perguntou, sem pressa, mas com a exaustão de quem ficou à mesa esperando uma resposta que nunca veio.

Ela não respondeu de imediato. Deixou-se cair numa cadeira. O mesmo gesto de sempre. Como se o mundo pesasse mais do que seu corpo.

— Eu não sei. Acho que vim buscar algo que perdi. Uma resposta... talvez.

Aquelas palavras ecoaram como prato vazio batendo na pedra. Ele não sabia se era mais um pedido ou uma confissão.

— Perdeu o quê?

Ela hesitou. Olhou para ele como quem olha uma panela antiga — sabe que já ferveu muita coisa ali, mas não lembra mais o que.

— Aqueles banquetes... — começou. — Eu sabia que havia algo errado. Que tudo aquilo era encenação. Mas só entendi depois. Tarde demais.

Ele cruzou os braços. Aproximou-se mais. O olhar afiado, como faca recém-afiada em pedra úmida.

— E o que você encontrou depois?

Ela baixou os olhos. Deixou que o silêncio escorresse pelas frestas da cozinha como um caldo entornado. O *Cozinheiro* percebeu: ela não falava mais com o homem de antes — aquele dos jantares calculados e das promessas flambadas. Agora, era com ele. O homem que acordara do coma com um novo paladar: para verdades cruas, sem tempero.

Ela levantou o olhar e o encarou. Havia ali uma ternura contida — um afeto que não se dá, mas se deixa na mesa, como um bilhete dobrado.

Chegou a hora. Ela levantou-se e partiu. Não houve abraço. Não houve choro. O adeus, se existiu, foi engolido antes de nascer.

∵ ∴ ∵

Mas enquanto a porta se fechava atrás dela, sentiu — pela maneira como ela segurava os ombros, pelo peso mudo nos passos, pelo silêncio que parecia mais palpável que o ar — que havia algo mais.

Ela guardava um segredo. Não daqueles que se escondem em gavetas, mas dos que o corpo inteiro sussurra em silêncio. Havia dor em seu perfume, em seus gestos,

em sua leveza forçada.

E pela primeira vez, desde que voltara àquela cozinha, o *Cozinheiro* não soube o que cozinhar.

Nota de Cozinha (servida com silêncio de Gabriela)

Na Cabrália, o passado volta com cheiro de lavanda e tabaco — e conta uma história ligeiramente diferente da que você lembra. As sombras do passado e seus cúmplices já não assombram; apenas ajustam a narrativa, como se tivessem estado à espreita desde o início, esperando o momento certo para corrigir o roteiro.

E assim se aprende que a vida tem mais paciência do que nós — mas menos escrúpulos. Enquanto nos desesperamos por respostas, ela observa em silêncio, como um gato diante de um rato que já morreu de causas naturais. Não tem pressa. Só uma espécie de desdém elegante — e, às vezes, uma falta de vergonha tão bem vestida que chega a parecer destino.

LIVRO III
O CRONISTA DO ABISMO

Escritor e Pensador

“O escritor é aquele que transforma a experiência em forma.”

Antonio Candido, *O Escritor e Seus Fantasmas*

O Barbosa nasceu atrasado até no próprio parto. Enquanto os outros bebês gritavam com potência e carisma, ele saiu do útero tossindo baixo, como se já desconfiasse que a vida lhe reservaria o papel de figurante. E assim foi toda sua infância e adolescência. Mas os detalhes dessas fases não importam. O que importa mesmo é como ele se infiltrou no *Clube Républicque*.

Seu ingresso no *Clube Républicque* foi obra do nepotismo clássico de um pai que, cansado dos insucessos do filho, resolveu um dia “dar uma força”. Levou o Barbosa ao *Clube Républicque*, espécie de zoológico institucional onde homens em extinção se reuniam para discutir a decadência nacional enquanto serviam frios de procedência duvidosa. Ali, o Barbosa virou mascote decorativo. Jovem demais para ser ouvido, literato demais para ser levado a sério. Mas era o único ali que não precisava de *habeas corpus*, o que já o tornava útil.

Foi nesse ambiente de ego envelhecido e canapé com gosto de arquivo público que ele encontrou sua primeira — e talvez única — forma de protagonismo: ouvir os absurdos ditos à mesa e anotá-los com devoção de quem tem fome de sentido e déficit de autoestima. Isso era a base importante para um romance que jurava algum dia iria escrever.

Sua vocação literária surgiu de um episódio tão patético quanto simbólico: na faculdade, escreveu um conto experimental chamado *“O Homem que Respirava pelos Pés”*, uma sátira mal temperada sobre passividade e asfixia emocional. Um professor bêbado leu, confundiu com experimentalismo pós-existencialista e o elogiou em público, dizendo: “Barbosa, você tem alma de autor!”

Desde então, passou a se apresentar como “escritor e pensador” — embora, até aquele momento, só tivesse escrito e-mails longos e artigos para o jornal da faculdade que nunca foram publicados..

Anos depois, seu livro existiria. Mas não ainda — nem ali. Naquela época, na faculdade, o Barbosa era apenas o rascunho de si mesmo, vivendo no porão da própria mediocridade e decorando falas que nunca seriam encenadas.

Foi no *Clube Républicque* que surgiram suas primeiras ideias para o que seria no futuro “*O Último Banquete da Rèpublika*”. Quando percebeu que poderia transformar aquele circo de vaidades em literatura, não hesitou. E ali, entre suflês de ego e sobremesas de ressentimento, encontrou um tipo estranho de pertencimento. Era o mais jovem, o mais irrelevante e, portanto, o mais seguro. Os velhos podiam dizer

absurdos porque acreditavam que ele não estava ouvindo.

O fato é que o Barbosa nunca teve sucesso nos moldes convencionais. Mas entendeu cedo que, se não podia ser o herói, ao menos seria o narrador sarcástico do fracasso alheio. E, no fim das contas, isso dava muito mais audiência.

Porque, como ele mesmo diria mais tarde, após o fugaz sucesso do seu livro:

— "Ninguém quer ler sobre a vitória. Todo mundo quer espiar a queda — desde que seja com boa pontuação."

Nota de Cozinha (servida com o olhar de quem já leu o final duas vezes)

Se *Antonio Candido* tivesse conhecido o Barbosa, um encontro tão improvável quanto inevitável, teria acrescentado um capítulo secreto a "*O Escritor e Seus Fantasmas*": **"O Escritor que Existia nos Erros dos Outros".**

Pois o Barbosa não nasceu autor — foi promovido a essa categoria por um professor bêbado que leu seu conto e confundiu sátira escatológica com experimentalismo pós-existencialista. O título, porém, veio sem manual de instruções. Sem talento para criar, sobrou-lhe a astúcia de escolher: entre sonhar em respirar pelos pés e ouvir os delírios do *Clube République*, descobriu que podia transformar a própria irrelevância em ofício.

Afinal, quando se é figurante desde o berço, que melhor papel senão o de arquivista do alheio? Sua obra não nasceu do gênio, mas do ouvido treinado de quem percebeu que, quando não se pode ser lenda, resta anotar as lendas alheias — ainda que a tinta seja feita de vinho barato e ressentimento alheio.

Cronista dos Inexplicáveis

A Cápsula do Tempo RAT-1DCB-09 guardaria: um gráfico de curvas epidêmicas rabiscado num guardanapo sujo, uma máscara facial amassada com traços de delineador e uma *live* congelada em meio a um tutorial de dança viral.

Do outro lado do portal, o **Rato de Laboratório**, aprisionado em um labirinto de notícias falsas e *memes*, roía cabos de internet para alimentar o *soufflé* de isolamento.

"Há quem diga que os monstros existem para que o homem não se veja só no espelho."

Jorge Luis Borges, *O Livro dos Seres Imaginários*

Baltazar Constantino Barbosa e Freitas Neto — um nome tão comprido que parecia exigir reverência, como se tivesse sido herdado de um ducado imaginário ou extraído direto da ata de fundação de um império em decadência. Nome de ministro do *Império*, talvez. Ou de alguém com um busto em praça pública. Mas não.

O Barbosa era um homem que se destacava pela falta de destaque. Não era preguiçoso nem desinteressado — longe disso. Ele tentara. Tentara com todas as suas forças, mas o destino sempre parecia conspirar contra ele, como se tivesse nascido para ser uma figura periférica no drama alheio. Os outros prosperavam. Seus amigos avançavam, acumulavam dinheiro, status, mulheres bonitas e casas em condomínios fechados. E ele? Ficava para trás, carregando o peso das falhas que nunca foram inteiramente suas.

Seu fracasso não era algo espetacular, mas sim uma constante corrosiva, uma erosão lenta e invisível que o consumia aos poucos. Não tinha grandes realizações, mas possuía uma habilidade impressionante: fazer tudo que tocava desmoronar. Era como se o universo o escolhesse para ser o ponto fraco de qualquer projeto, de qualquer relação. Sua vida, se pudesse ser contada em um livro, teria o título de *"Tentativas e Fracassos no Multiverso da Derrota"*.

Mas ele não era apenas um homem derrotado; era alguém com uma gula estranha, insaciável. Gula por histórias, por vidas que não eram suas. Sobretudo, uma gula por respostas. Respostas que nunca chegavam. No fim, a única resposta que recebia era o próprio fracasso — silencioso, persistente, quase familiar. E nele, o Barbosa descansava, como quem encontrava abrigo no único lugar que sempre esteve à sua disposição.

Ultimamente, porém, andava cansado. Não era aquele cansaço que passava com

uma soneca ou um café forte. Era um cansaço mais... existencial. Tipo dor de alma com labirintite. Uma espécie de inquietação que não fazia barulho, mas estava sempre lá, coçando por dentro.

Era como se sua própria existência tivesse virado um hábito automático — e até mesmo essa repetição parecesse desgastada. Ser escritor deixara de ser um plano — agora era mais um sintoma. Algo entre teimosia e recaída. Nos dias mais nublados (internamente nublados, porque o céu nem sempre colabora), pensava em mudar. Não a vida — isso dava muito trabalho —, mas talvez o estilo. O tom. O tipo de parágrafo. Quem sabe adotar uma vírgula mais otimista ou um adjetivo que acreditasse no amanhã?

O problema é que ele suspeitava de um defeito de fabricação. Sentia um chiado existencial, como uma chaleira que nunca apitava, mas nunca desligava. Talvez fossem os defeitos — mas quem vivia sem eles? E, se os tirasse um por um, o que sobraria? O medo nem era de não dar certo. Era de dar certo e descobrir que, sem os defeitos, deixaria de ser ele.

Era aí que *Clarice* aparecia. Não a de carne e osso — a mental, a *Clarice* que habitava os inseguros poéticos. E dizia, com aquele jeito de quem jogava frases no abismo:

> Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso — nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.

O Barbosa suspirava. Não por sabedoria. Mas por inércia. Ficava ali, sentado sobre os escombros da própria autobiografia não autorizada, esperando o próximo erro para chamar de lar — como se pertencer ao mundo dependesse menos de conquistas do que de aceitação.

Não era fácil reconhecer, mas havia um padrão em sua trajetória: cada tentativa de recomeço terminava alimentando o ciclo de queda. Já tentara abrir uma empresa com os amigos da faculdade, naquela época ingênua em que ainda acreditava que amizade poderia ser sinônimo de parceria. Mas logo percebera que os outros estavam ali por oportunismo, não por afeto. Quando tudo desabara, ele ficara com a dívida, e os amigos, com o sucesso de não terem se comprometido.

Sustentado pelo pai, um homem que, apesar de suas próprias falhas, ainda depositava nele alguma esperança — ou talvez fosse apenas obrigação —, o Barbosa continuava vivendo à margem do mundo, como se a vida dos outros fosse sempre mais digna de ser contada.

Não era diferente nos relacionamentos. Tivera três mulheres, e cada casamento parecia um capítulo mal escrito de um livro que já nascera fadado ao fracasso.

Helena Maria, a primeira esposa, deixara o relacionamento ao perceber que ele não conseguia lidar com seus próprios fantasmas. Renunciara à convivência antes que fosse tarde demais, partindo sem alarde, como quem apaga uma luz ao sair de um cômodo vazio. Deixou-lhe, como relíquia, um par de pantufas com cheiro de ausência e o eco de uma pergunta que nunca chegou a ser feita.

Maria Beatriz, a segunda esposa, acreditara que poderia salvá-lo ou mudá-lo. Tentou ser o porto seguro em meio às tempestades emocionais dele, mas acabou esgotada pela falta de reciprocidade. Com o tempo, foi murchando. De tanto dar, restaram-lhe as mãos vazias. Mas antes de ir — ou enquanto fingia que ficava — conheceu Helena Maria, a primeira mulher do Barbosa.

Por meio do Barbosa, duas Marias se encontraram. Mas foi longe dele que se

reconheceram. No começo, falavam dele. Depois, falavam entre si. Por fim, já não falavam mais — apenas se olhavam. Dormiam juntas. Não como quem trai. Mas como quem finalmente encontra. E ali, entre palavras não ditas as Marias começaram a escrever uma história nova. Sem ele.

Maria Beatriz deixou o Barbosa com delicadeza: um bilhete breve, uma receita de molho branco e uma sugestão suave de que o amor existe — só não do jeito que ele esperava. Nem com ele.

Ana Laura, a terceira esposa, entrou no relacionamento por impulso e, com o tempo, transformou-se em uma mulher profundamente ressentida, incapaz de suportar os sucessivos ciclos de promessas não cumpridas — e não apenas dele, mas dela própria. Sua inércia emocional era a de quem já percorrera todas as possibilidades da relação e, ainda assim, não encontrara nenhuma que a sustentasse por inteiro. Ainda estava por perto. Mas ninguém sabia até quando — nem mesmo ela.

O casamento, que deveria ser a âncora da vida adulta, acabava sendo mais um campo minado para ele. Em cada tentativa, buscava algo que nunca definia direito — talvez um refúgio, talvez uma redenção, talvez só alguém que entendesse suas dúvidas e inquietações internas. E em cada ocasião, falhava de maneira tão previsível quanto inevitável. A culpa, diziam, era dele. Mas seria mesmo? Ou o Barbosa era apenas mais uma vítima das circunstâncias, dessas que a vida escolhia para praticar seus golpes mais irônicos?

E o que ele mais queria? Ser alguém. Mas, ao contrário do que imaginava, ser alguém não passava pela vitória, mas pela própria percepção do fracasso. Não queria ser um vencedor. Queria ser reconhecido, mas seu reconhecimento vinha das falhas. Ele existia porque errava. Não tinha conquistas. Tinha histórias. E as histórias, bem, essas eram as únicas coisas que nunca o abandonavam.

Ainda assim, quando se olhava no espelho, não via um homem derrotado. Via, com um sorriso sem graça, alguém que não desistira de tentar. Talvez essa fosse sua maior vitória. Ou, no mínimo, sua forma mais discreta de resistência. Era um otimista crônico — um camundongo devoto, que via na ratoeira um altar de promessas e no queijo, um milagre iminente.

∵ ∴ ∵

Essa tarde começou como tantas outras, daquelas em que a vida se arrasta sem grandes expectativas, mas com a certeza de que, no fim, tudo se resolveria com um taça de vinho e algumas palavras amargas. Estava sentado à mesa, sem saber bem o que fazer com as mãos, observando as taças, as garrafas, o talher, como se esperasse uma resposta de tudo aquilo. A resposta vinha, claro, mas era a que ele já sabia de cor: tudo sempre dá errado.

Ana Laura entrou pela porta da sala de jantar com o olhar que ele conhecia bem. Não era raiva. Era exaustão íntima — aquela fadiga emocional de quem já tentou de tudo e, no fim, só lhe restaram promessas não cumpridas e noites em claro perguntando onde foi que tudo começou a dar errado.

— Você não vai dizer nada? — perguntou, sem encará-lo. O tom era o mesmo de sempre, como se estivessem ensaiando uma peça que ninguém mais acreditava.

Ele respirou fundo, tentando buscar algum sentido naquilo. Não havia. Nunca havia. Sempre um passo atrás. Sempre no escuro. Tentou sorrir, mas o sorriso era tão

sem graça quanto a situação.

— Eu desconfiava que tudo terminaria assim — disse, jogando a frase no ar como quem solta uma pedra no lago. A pedra nunca voltava, mas o som que produzia parecia ser o certo.

Sem aviso prévio — e muito menos motivo plausível —, Ana Laura pegou a taça de vinho, ergueu-a com a solenidade de quem brinda à própria loucura, e despejou o conteúdo rubro na cabeça do Barbosa. Não foi um gesto teatral, desses que ganham câmera lenta em filmes franceses. Foi calmo. Calculado. Umedecido de desprezo. Como quem rega uma planta morta só para ter certeza de que morreu mesmo.

Ele, pingando *Cabernet* e perplexidade, não esboçou reação. Limitou-se a pensar, com a frieza de um sociólogo de si mesmo: "Definitivamente, isso não estava no roteiro."

E admitiu, quase com cinismo acadêmico, que aquele gesto tinha traços sutis de transtorno de personalidade. Mas não se moveu. Porque, para reagir, é preciso antecipação. E, vindo dela, tudo era imprevisível — até o silêncio era prólogo de tragédia sem roteiro.

No fundo, fazia sentido. Como quase tudo nela, quando se olhava de cabeça para baixo. Ana Laura não gostava de museus — achava-os depósitos de glórias alheias e passadas, não espelhos do seu tempo. Todavia, concluíra com sucesso a *Faculdade de Belas Artes*. Para o Barbosa, aquilo tinha nuances de anomalia psíquica — algo que exigiria uma junta médica e talvez um exorcismo. Ela visitava museus como quem cumpre pena alternativa: sem entusiasmo, sem culpa, apenas por medo de julgamento. Preferia vitrines — cintilantes, fúteis, diretas.

Ainda assim, num daqueles surtos de entusiasmo — ou de desespero —, inscrevera-se num curso de especialização em *Museologia*. Talvez tivesse sido o mesmo com ele: aproximara-se do Barbosa numa dessas fases iluminadas — digamos, uma "fase *Pina Bausch* com toque de *Godard*". Talvez encantada por um comentário sarcástico sobre os cubistas. Ou pela ideia romântica de resgatar um homem em ruínas. Na época, falava dele como se fosse um projeto cultural: "*Estou restaurando um clássico em preto e branco.*"

Agora, falava com ele como quem conversa com um vaso herdado da família: está ali, ocupa espaço, tem algum valor sentimental… mas já não combina com a sala.

Mas Ana Laura sempre fora assim — desde o início do casamento. Tinha manhãs em que acordava elétrica, decidida a transformar o mundo — ou, no mínimo, o *Casarão*. Dizia coisas como "vou repaginar tudo" e "estética é política". E tinha tardes em que não suportava ouvir a própria voz, como se cada palavra fosse o eco de uma promessa que sabia não cumprir.

Agora, estava numa dessas fases sombrias — digamos, a fase "*Frida Kahlo* com toque de *Lars Von Trier*". O que restava era tolerância mútua — o que, na prática, significava suportar a respiração um do outro.

O Barbosa nunca soubera se aquilo era uma relação ou um pacto de resistência passiva.

Então, olhando em retrospecto — como quem reconstitui um crime passional com base apenas na escolha do vinho —, talvez não fosse de surpreender que, sem aviso, sem lógica, sem prólogo, tivesse virado a taça de vinho em cima dele.

Mas vá lá entender! Talvez fosse um protesto estético. Um ato performático. Ou apenas o fechamento simbólico de mais uma fase transitória.

— Você sabia que o nosso relacionamento estava caminhando para o fim, mas nunca fez nada. Esse é o problema, Barbosa. Não é que você tenha errado; é que você nunca tentou acertar.

Ela disse isso com uma calma cortante, como a gota final que faz o copo transbordar.

— Seus amigos *são* corruptos e decadentes, mas pelo menos têm objetivos na vida, por pior que eles sejam. Afinal, não é todo mundo que consegue colecionar amizades como troféus de um leilão falido. Onde foi que os encontrou? No fundo de algum copo de uísque barato ou herdou todos de um tio em prisão domiciliar? — Ana Laura fez uma pausa, como se avaliasse a própria pergunta, antes de continuar com um tom ainda mais ácido — E outra coisa: os seus inúmeros encontros no *Clube République*, sempre sozinho. Você acha isso normal? É como se eu fosse invisível para os seus amigos. *Amantes de la République*, não é essa a expressão que eles usam quando falam das esposas dos outros? Misoginia disfarçada de camaradagem.

Ele ficou ali, sentado, o vinho escorrendo pelo rosto, como se fosse uma punição que ele mesmo já tinha dado a si há muito tempo. O gosto áspero e seco do vinho misturado com a amargura das palavras dela fez com que se sentisse mais vazio do que nunca.

— Não. Você não entende. Eu tentei. Eu fiz de tudo. Eu... — Ele parou. Não conseguia terminar a frase. Já tinha dito tantas vezes que não acreditava mais nas palavras.

— Você tentou o quê, pelo amor de Deus? — Ana Laura virou-se para sair, sem olhar para trás, sem esperar uma última palavra. Ele ficou ali, sentindo o cheiro do vinho e da despedida no ar. Como sempre, era o único a ficar. O único que nunca conseguia sair do lugar.

Quando Ana Laura se foi, o Barbosa se levantou como quem sai de um afogamento — não desses convencionais, com salva-vidas e colete flutuante, mas de um mais sofisticado: um afogamento em taça de cristal, safra 4 ***a.CB***, *Cabernet Sauvignon* oriundo das encostas onde os Andes contemplam o Pacífico. Claro, era um vinho barato — desses que vêm com uma rolha de plástico e culpa embutida no *bouquet*. Mas ele gostava de pensar que havia elegância no ato de falir com sabor. O vinho, como ele, já tinha passado do ponto — e isso criava uma espécie de solidariedade tácita entre líquido e bebedor.

Caminhou devagar, como convém aos derrotados elegantes, e secou o rosto com a mão, numa tentativa vã de enxugar a dignidade. Dignidade, aliás, que há tempos já escorria pelo ralo junto com o seu casamento.

Ao encarar o espelho, não se espantou. Lá estava ele: a mesma expressão de fracasso *vintage*, com uma nota de frutas vermelhas e um leve toque de autocomiseração. Não era feio, não era bonito. Era o Barbosa. Um homem cujo maior talento era não dar certo com estilo.

Seguiu para o escritório com o ar de quem vai selar um pacto com o fracasso. Era quase um ritual. Passava pela estante com os livros que fingia ter lido, pela poltrona onde seus pensamentos se perdiam sem chegar a lugar algum, e, finalmente, chegava àquele santuário íntimo onde repousava, como uma relíquia de outros tempos, sua máquina de escrever.

Ah, a máquina... Não era apenas uma peça *vintage* herdada junto com o *Casarão* do pai — como os retratos antigos, os fantasmas familiares e a infiltração no teto. Era uma **Underwood No. 5** de verdade: pesada como uma mágoa antiga, ruidosa como

um pensamento inconveniente, e tão resistente que ainda funcionava melhor do que seu próprio dono. Cada tecla pressionada soava como um lembrete metálico de que teimosia também é uma forma de fé.

Sim, tinha notebook. Claro. Usava para ler manchetes no *Google* Notícias, daquelas que fazem a realidade parecer um roteiro ruim, checar e-mails que nunca chegavam e buscar no *Google* traços esquisitos para personagens ainda mais esquisitos. E sim, escrevia também suas estórias ali, entre uma notificação do *Instagram* e outra do *Twitter*, como quem tenta produzir literatura num campo minado de distrações. Mas a máquina... A máquina era para outra coisa. Era para quando o coração falava mais alto que o bom senso.

Nela o Barbosa não escrevia livros. Escrevia tentativas. Pequenas fugas da realidade, quase sempre datilografadas com a dedicação de um fugitivo construindo um túnel com colher de chá. Eram textos curtos, fragmentos — pedaços de um mundo onde as pessoas se apaixonavam por estátuas, cachorros governavam repúblicas e, mais recentemente, "irmãs siamesas" protagonizavam uma narrativa que ele ainda não sabia aonde ia. No início, seriam irmãos siameses, mas — por alguma razão freudiana que preferiu não investigar — mudou para irmãs. Talvez porque soasse mais poético. Ou mais perturbador. Ou porque, no fundo, gostava da ideia de duas pessoas grudadas, condenadas à convivência eterna, o que, para ele, soava estranhamente familiar.

As páginas saíam da **Underwood No. 5** com pequenas cicatrizes: um "e" desalinhado aqui, um "ç" engasgado ali. Erros discretos, quase carinhosos, que surgiam quando ele topava com uma tecla mais dura ou quando os dedos, já embriagados pela terceira taça de vinho, começavam a desafinar como uma banda de jazz cansada. Eram falhas humanas demais para serem corrigidas. E por isso mesmo, belas.

— Escrever é isso — murmurou o Barbosa, acomodando a folha na máquina com o carinho de quem desperta um monstro gentil. — É dizer ao mundo: "Espere um pouco, ainda não terminei de fugir."

E começou. Como sempre, com um parágrafo que já dava sinais de desvio de caráter narrativo. As personagens ainda nem tinham nome, mas já discutiam se compartilhariam um diário íntimo ou duas escovas de dente.

Lá fora, a realidade seguia dura, implacável, oferecendo planos promocionais e boletos em PDF. Mas ali, naquele canto mofado e mágico, ele escrevia. Como quem acende uma vela num apagão interno. Como quem, mesmo sem plateia, insiste em dar seu show.

E pensou, entre uma batida de tecla e outra:

— Será que, se as "irmãs siamesas" se apaixonassem por pessoas diferentes, isso configuraria traição? Ou só um caso mal resolvido de logística?

Sorriu. E seguiu escrevendo. Porque, se era para fracassar, que fosse com originalidade.

Enquanto as teclas da **Underwood No. 5** ecoavam no silêncio do escritório, o Barbosa sentiu uma estranha sensação percorrer seu corpo — como se uma metamorfose sutil começasse a brotar das pontas dos dedos. A máquina parecia pulsar com vida própria, cada toque se amplificando em um zumbido contínuo que preenchia a sala, quase hipnótico. Ele ainda não sabia, mas aquelas noites de escrita solitária logo dariam lugar a algo muito maior — e mais estranho — do que qualquer história que sua imaginação pudesse conceber.

Nota de Cozinha (leve, como literatura que muda vidas — dos outros, claro)

Ah, *Borges* teria adorado o Barbosa — esse homem de nome aristocrático e alma de rodapé. Se "*O Livro dos Seres Imaginários*" é o catálogo de criaturas impossíveis, o Barbosa seria uma delas: o *homo frustratus literarius*, espécie rara que habita o limbo entre a intenção e o fracasso. Um ser que tenta, insiste e sobrevive à própria mediocridade com o fervor de quem acredita que a derrota é um gênero literário. *Borges* descreveu centauros, utopias e dragões; mas o Barbosa é mais fabuloso, porque é real. Ou quase. Sua mitologia é a da persistência inútil — uma fantasia que nem os deuses tiveram coragem de patentear.

No universo *borgiano*, tudo se repete, se espelha e se confunde — e o Barbosa é o reflexo humano dessa geometria do desespero. Cada casamento, cada tentativa de sucesso, cada copo de vinho derramado sobre a cabeça é apenas uma nova versão da mesma história: o fracasso como destino e método. Se *Borges* dizia que "somos feitos de esquecimento", o Barbosa é o esquecimento que insiste em tomar café da manhã. Um personagem que parece saído de uma nota de rodapé escrita por um bibliotecário embriagado — uma criatura que sonha ser autor, mas acorda sendo personagem de si mesmo.

E há algo de poeticamente monstruoso nisso. Enquanto *Borges* inventava seres que confundiam o real e o imaginário, o Barbosa vive o pesadelo inverso: é o imaginário que o confunde com o real. Sua *Underwood No. 5* é o labirinto de *Minotauro* em versão datilográfica, e ele, o touro domesticado pelo tédio. Um homem tão tragicômico que nem precisa morrer para virar mito — basta continuar tentando. Se *Borges* o tivesse conhecido, teria acrescentado um apêndice ao livro: **"O Barbosa: criatura que fracassa com elegância e continua acreditando na literatura. Um monstro de fé em extinção."**

O Inseto e a República

A Cápsula do Tempo CAF-2DCB-03 guardaria: um pedaço de madeira da "mesa dos desentendidos" — com marcas de unha e café seco; um zumbido em frasco âmbar — devidamente rotulado como "Barbosa, ainda tentando"; e uma miniatura do "*Café Crônica & Memória*" feita de papel jornal, com telhado de vírgulas soltas.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício** — ainda em dúvida se era um código binário, maldição ou vocação — caminhava entre frestas e delírios, recolhendo migalhas de sentido e fragmentos de discursos esquecidos no chão da história.

"Ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se transformado em um inseto monstruoso."

Franz Kafka, *A Metamorfose*

Nos dias que antecederam o primeiro banquete da *Grão-Confraria de la République*, o Barbosa já apresentava sintomas de dissolução. Não sabia se estava desaparecendo aos poucos ou apenas se tornando transparente ao olhar dos outros — o que, na Cabrália, equivale ao mesmo. Havia noites em que se via reduzido a fragmentos, escorregando pelas frestas do mundo, com a impotência de quem escreve, mas não é lido.

Naquela manhã, acordou no *"Café Crônica & Memória"* sem saber se ainda era um homem ou apenas a ideia malformada de um. Seu corpo permanecia invisível aos outros; sentia-o — em cada gesto contido, em cada tremor súbito de membros e articulações — como se algo houvesse se transformado. Do lado de fora, na rua, uma voz feminina distorcida por um megafone ecoava fragmentos de um discurso inflamado — "…não aceitaremos mais essa corrupção!" —, sons que lhe chegavam como se viessem do fundo de um poço.

Estava acomodado no fundo de sua poltrona habitual, o corpo encolhido e tenso, quase como se a própria estrutura de seus ossos se ajustasse a um espaço diferente. Tinha os olhos voltados para o teto azul e encardido do *"Café Crônica & Memória"*, aquele recanto que parecia resistir ao tempo em meio ao caos da Cabrália. Era um lugar onde todos fingiam se lembrar, mas ninguém queria, de fato, recordar.

O ar lá dentro era carregado e viciado — não de fumaça, mas de tempo mal ventilado —, como se a História da Cabrália tivesse se condensado em partículas inaláveis de café velho, misturadas ao mofo dos livros amarelados que forravam as paredes; e à poeira dos móveis, resignados ao seu destino de madeira carcomida. A

mesa onde tudo ocorria — uma peça de madeira maciça, marcada por cicatrizes de copos e dedos — tremia ligeiramente sob o peso dos cotovelos ilustres que ali se amontoavam: Silvério, Geraldo, Renan, Dr. Henrique Sampaio, Ferreira — e ele, o Barbosa, ou aquilo em que o Barbosa se tornara.

Ao redor, poltronas estrategicamente posicionadas pareciam compartilhar da mesma resignação dos móveis, algumas tão desanimadas que quase renunciavam à própria existência. Lâmpadas econômicas, penduradas por fios finos demais para suportar sua missão, derramavam uma luz amarelada e trêmula sobre o grupo e sobre o público disperso.

O garçom, um homem de rosto cansado e avental manchado de batalhas perdidas antes do café esfriar, recolhia xícaras vazias de uma mesa vizinha, o tilintar dos pires criando um frágil contraponto musical àquele ar pesado. Ao esbarrar levemente na cadeira de Ferreira, um filete de café frio escorreu pela borda de uma delas — lento, como se o tempo ali também hesitasse antes de cair.

A faísca da discussão surgiu de um jornal amarrotado, *"O Alienista da Madrugada"*, abandonado sobre a mesa como um voto de confiança desgastado: "*CPI das Emendas Secretas Avança no Congresso do Povo*". Silvério foi o primeiro a quebrar o silêncio, sua voz ainda carregando os ecos de um palanque há muito desativado.

— "*Nunca antes na história deste país...*" — disse, ajustando a gravata como se quisesse enforcar a si mesmo com a própria retórica. — ...um governo foi tão sabotado pela elite!

> Sim, essa foi a frase que inaugurou mil demagogias, dois governos duvidosos, um livro de memórias jamais escrito e incontáveis discursos ufanistas — todos carimbados com o selo "original", colado por cima da mentira reciclável de ontem.

Uma mosca pousou na borda do jornal amarrotado, incrédula diante do disparate. Renan observou-a por dois segundos — tempo suficiente para a criatura alçar voo, como se temesse ser citada na próxima frase. Então ergueu os olhos com desdém.

— Sabotagem? Ou será que você mesmo plantou as sementes do caos ao esconder verdades inconvenientes? — disse, com aquela voz de quem sempre está a uma frase de um inquérito.

Pegou o jornal na mesa com um gesto seco, alisando a página amassada com a palma da mão, como se aplainasse o próprio argumento. Cruzou os braços, inclinando-se para frente, como se estivesse prestes a revelar algo mais sombrio:

— *"Não se pode decretar cem anos de sigilo sobre o que envergonha o país. O segredo, meu caro, é o veneno das democracias."*

> Uma frase que, em outro lugar, talvez merecesse um aplauso contido — mas ali, ecoava como uma parábola lida em voz alta num tribunal lotado de surdos. Máxima de almanaque: bela, redonda, irretocável na forma — e tão eficaz quanto um decreto escrito em açúcar soprado. Profunda? Só no vácuo. Onde não há oxigênio para o pensamento, até um suspiro soa como profecia.

O Barbosa sentiu um formigamento percorrer o corpo, como se cada fibra estivesse sendo reorganizada em silêncio. Era uma sensação aguda, quase dolorosa, de incomunicabilidade. Absorvia os aforismos como quem escuta um debate filosófico em grego — sabendo que, no fundo, nada mudaria. Tinha consciência de que, na Cabrália, debates eram duelos de ficção: um atacava fantasmas, o outro apontava para o caixão vazio onde deveria estar a verdade.

Silvério não recuou. Retomou a palavra como quem rebobina o tempo e apaga intervenções indesejadas.

— A elite cabralina nunca me perdoou por ter feito um governo para os pobres — disse, fixando um ponto invisível no espaço. — Um governo ético, limpo. Onde ninguém ousou roubar.

Levantou o dedo indicador, como se acusasse alguém invisível no público.

Geraldo pigarreou, como quem despertava de um transe. Sua voz saiu como a liturgia dos tecnocratas.

— *"Governo ético não é só não roubar. Isso é obrigação. Ética é fazer bem feito"* — disse, com a autoridade de um manual de boas práticas.

Renan demorou-se vasculhando o bolso do paletó. O estalo do isqueiro soou como um ponto final abortado. Só então:

— Ética? Nesse circo?

A fumaça se dissolveu no ar, mas o cinismo permaneceu. Apontou para o jornal como se fosse um réu em julgamento:

— *"Vivemos tempos em que há mais escândalos do que capítulos de novela."*

Ferreira, que até então parecia suportar uma dor sem nome, ergueu os braços em desabafo:

— O problema é que o combate à corrupção é seletivo.

Olhou para o teto, como quem busca alguma estátua da Justiça que ainda não tivesse os olhos vendados pela conivência.

— Esse tipo de abordagem é tão danoso quanto a própria corrupção silenciosa. No fim, ambos mantêm o sistema exatamente onde está.

O Barbosa, que vinha ensaiando um movimento mental, falou. Ou algo próximo disso. Sua voz parecia vir de dentro de uma gaveta trancada:

— Vocês todos são meros peões nesse jogo. — A voz era baixa, mas cortante. — A verdadeira corrupção não está nos atos individuais, mas no sistema que os permite. E ninguém precisa estar diretamente envolvido para estar sujo. Basta fazer parte da engrenagem.

Do lado de fora, um grito de protesto se elevou e depois se dissolveu na multidão, como um apelo perdido no vazio.

— Na teoria, a corrupção é um mal necessário. E, se for bem feita, ninguém nota. Importante são os resultados. — completou o Barbosa, como quem aceita uma realidade inevitável, suas palavras estalando como metal sobre porcelana rachada.

> Sim, o Barbosa disse isso mesmo. A frase, em sua essência, soa absurda demais — quase como uma manchete de folhetim sensacionalista que ninguém mais lê. Mas às vezes o exagero é a única maneira honesta de descrever o grotesco.

Num ato reflexo, uma das lâmpadas econômicas oscilou — não apagou, mas piscou, como se tivesse engasgado com a palavra "grotesco". No instante em que o Barbosa articulou seus zumbidos inaudíveis, algo no ar — talvez o cheiro de café velho, misturado ao mofo dos livros que forravam as paredes — transformou o ruído em linguagem compreensível. No *"Café Crônica & Memória"*, onde o tempo parecia sempre uma lembrança mal guardada, até as mais discretas presenças tinham direito à palavra, desde que falassem com convicção. E na Cabrália, onde ideias esquecidas assumem formas de quitina e asas, só os eruditos — que, claro, sabem o que é quitina —, os lunáticos e os leitores persistentes conseguiam escutá-las.

Foi então que o Dr. Henrique Sampaio, como quem empunha uma lente de

aumento imaginária, pousou seu livro sobre a mesa num gesto deliberadamente lento — quase ritualístico, como se desenterrasse uma relíquia que ninguém pediu para ver. A obra em questão — *"A Arqueologia do Saber",* de *Foucault* — estava aberta numa página onde um trecho sublinhado a tinta, em caligrafia elegante, parecia brilhar sob a luz trêmula do café:

> Os discursos são como insetos: minam as estruturas visíveis e tecem impérios nas sombras.

— Barbosa, pare de delirar — disse, sem alterar o tom, embora suas retinas registrassem faíscas azuis escapando da poltrona vazia.

Balançou levemente a cabeça ao perceber um sabor de silêncio pousar na borda de sua xícara, e completou:

— Teorias não limpam a lama. Só espalham.

Ficou em silêncio por alguns segundos, como se estivesse ponderando algo profundo. Quando falou novamente, foi com a frieza de quem não espera reações:

— Talvez a verdadeira corrupção não seja a do dinheiro, mas a da inteligência — essa traição silenciosa dos que deveriam iluminar, mas preferiram acender tochas para incendiar — disse, fitando Renan como quem analisa uma peça fora do tabuleiro.

Renan não desviou o olhar. Apenas girou a aliança no dedo — uma volta completa, lenta, como quem reconfigura uma promessa antiga.

— Afinal, é mais fácil queimar instituições do que reconstruí-las. — continuou o Dr. Henrique — Mais fácil zombar da verdade do que assumi-la. E muito mais cômodo fingir que se pensa do que pensar de verdade.

Fez uma pausa para um gole de café, e o ato simples de beber pareceu, naquele contexto, uma acusação final. Ajustou os óculos num gesto coreografado, enquanto o olhar percorria a plateia com uma paciência já fatigada.

— Todo esse discurso que ouvimos agora é só conveniência. Muda conforme a cadeira: oposição ou situação.

Fez uma pausa, cruzando as mãos sobre a mesa, como se medisse as próximas palavras.

— Isso não é coerência, é sobrevivência.

Pousou os olhos novamente na poltrona vazia, sem alterar a expressão, com a calma de quem lê bula:

— Não precisamos aceitar o pântano para encontrar o caminho. Não somos tigres. Somos uma baleia. Vamos devagar, mas sabemos onde queremos chegar.

O Dr. Henrique inclinou-se levemente para trás, como quem conclui um argumento irrefutável.

Silvério bufou, irritado:

— Baleia? Somos um peixe morto boiando na lama! — Bateu com a mão na mesa, fazendo as xícaras tremerem.

Geraldo, porém, deu um sorriso cansado:

— E ainda assim seguimos nadando, mesmo sem saber para onde. — disse, com um ar melancólico, enquanto brincava distraidamente com uma colher.

Um jovem espectro na primeira fila, ainda com brilho nos olhos, levantou-se:

— Mas e se não soubermos aonde queremos chegar? — perguntou, com as mãos trêmulas, como se estivesse enfrentando um tribunal invisível.

O Dr. Henrique respondeu como se comentasse a temperatura:

— Então navegaremos sem bússola, confiando que o vento nos leve a algum porto — seja ele qual for.

Encolheu os ombros, como quem aceita a incerteza como parte da vida.

— *"A vida, em si, não tem sentido. Cada um tem que construir o seu."* — Disse, seus olhos vagando pela plateia, como se buscasse aprovação silenciosa. — Mas ao fazê-lo, não podemos desprezar o outro. Precisamos aprender, todos os dias, o hábito da convivência nas diferenças.

Ferreira esbravejou, à beira do descontrole:

— Convivência? Com essa corja?

Apontou para a rua, onde o protesto já não era mais um ajuntamento, mas uma geografia de raiva: corpos, cartazes, a fumaça de pneu queimado pairando como uma cortina de fogo sobre a paisagem.

— A gente não pode se comportar como biruta de aeroporto! Mudando de lado a cada vento!

A porta do café se abriu, deixando entrar, por um instante, a cacofonia ensurdecedora da rua — gritos, buzinas, o estampido de um foguete. A onda sonora invadiu o recinto, fazendo todos, por uma fração de segundo, se encolherem. Depois, a porta se fechou, e o silêncio abafado retornou, mais sufocante que antes. Ferreira levantou-se abruptamente, gesticulando com fúria, e como se entregasse o veredicto final, murmurou:

— *"Perdemos para o que há de mais tosco, atrasado, retrógrado e corrupto."*

Renan entoou a velha ladainha política, no mesmo tom surrado de uma reza decorada:

— *"Vivemos tempos em que há mais escândalos do que capítulos de novela..."*

Passou a mão pelo cabelo, com um olhar perdido, como se estivesse buscando escapar da realidade.

Silvério respondeu maquinalmente, os olhos vagos:

— Governo não é lugar de quem tem medo de errar. A corrupção está arraigada na forma de fazer política na Cabrália. Ou reza, ou governa. E aqui ninguém está para ser canonizado.

Geraldo, tentando oferecer um antídoto contra o niilismo que o cercava, sorriu com esforço:

— *"A política é como nuvem: você olha e está de um jeito, olha de novo e já mudou."* — Abriu as mãos, como se desenhasse formas no ar, mas seu sorriso era frágil.

Ninguém respondeu.

O Barbosa, imóvel, sentia o tempo escorrer por entre suas articulações impalpáveis. Quis dizer algo, mas já não tinha boca. Quis escrever, mas não conseguia controlar os dedos que tremiam, incapazes de segurar a caneta. Sua presença passava despercebida — um observador invisível entre as frestas do assoalho social.

E assim, sob as luzes pálidas do *"Café Crônica & Memória"*, o debate se encerrou como se encerra um expediente inútil num cartório de sombras. As palavras foram ditas, os gestos, registrados — e ninguém achou estranho que, no canto escuro, houvesse um pequeno habitante das frestas, observando, impotente, a ruína de todas as convicções.

O Dr. Henrique, enquanto se levantava, olhou o chão por um breve instante. Viu algo se mover. Não reagiu. Vestiu o casaco com indiferença e saiu. Uma sombra ágil o acompanhou.

Ninguém o seguiu com os olhos.

Ninguém viu o Barbosa sair. Ele não se levantou — apenas parou de ocupar espaço. Um deslocamento silencioso, como quando se retira um livro de uma prateleira e, por um instante, o vazio assume a forma exata do que faltou.

Na calçada, enquanto o protesto avançava em ondas de gritos e cartazes, o corpo do Barbosa retomou sua postura usual, hesitando por um instante em cada passo, percebendo o peso de cada movimento, a consciência de cada gesto. A coluna, antes curvada pelo peso de não dizer, endireitou-se — não com autoridade, mas com a hesitação de quem redescobre o próprio peso.

Quando enfim deu os primeiros passos — titubeantes, sim, como promessas de político —, sentiu o primeiro vento na nuca: frio, humano; e, como sempre, a caneta no bolso, um osso que o tempo se recusara a reabsorver.

Tornara-se, mais uma vez, o Barbosa.

Não por decisão. Por falta de alternativa melhor.

E, para seu desespero, carregava consigo a mesma obsessão inabalável: a vontade de ser escritor.

A Cabrália continuava sua dança de máscaras, imperturbável. Ele abriu o caderno e escreveu: “No fim, todos são personagens do meu romance. Até eu.”

A noite engoliu a rua, envolvendo tudo em sua escuridão densa. Mas o debate permaneceu — indigesto, como um resto de café frio deixado na xícara.

Nota de Cozinha (adicione ao seu gosto — ou finja que entendeu)

Se *Kafka* tivesse vivido na Cabrália, “*A Metamorfose*” começaria assim: “Ao despertar, certa manhã, de sonhos intranquilos, o Barbosa encontrou-se transformado não num inseto de exoesqueleto frágil, mas num escritor.”

O que, convenhamos, é bem pior. *Gregor Samsa*, pelo menos, ainda tinha utilidade doméstica — podia assustar a sogra. Já o Barbosa, pobre coitado, virou uma crisálida de autor — preso no casulo de suas próprias metáforas: inofensivo, prolixo e invisível. Enquanto *Samsa* rastejava entre móveis velhos, o Barbosa se esconde entre metáforas mofadas e poltronas do “*Café Crônica & Memória*”, onde o mofo das ideias é tão espesso que já devia ter identidade digital. A diferença é que o inseto de *Kafka* se envergonhava da própria forma. O Barbosa, ao contrário, racha o casulo em sorrisos profissionais e acha tudo uma grande oportunidade de carreira.

Livro Dentro do Livro

A Cápsula do Tempo BQ6-2DCB-10B-2 guardaria: um print de curtida fantasma em *post* antigo, uma manchete recortada com cola de teoria da conspiração e um rascunho inacabado chamado “Manual da Sobrevivência ao Apocalipse de Gravata”.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, com um olho nas redes e outro no espelho, tentava entender se era personagem ou autor do próprio bloqueio — mugindo textos que ninguém mais lia, mas que ainda assim ecoavam nas colunas de opinião com a autoridade de um ruído bem diagramado.

“Ler é ir ao encontro de alguma coisa que está esperando por você desde sempre.”

***Italo Calvino**, Se um Viajante numa Noite de Inverno*

Numa manhã qualquer — e todas as manhãs são quaisquer até que alguma desgraça lhes dê nome —, na semana após o último banquete (ou do que, visto de longe, mais parecia uma cena cortada de um filme ruim com pretensões de arte), o Barbosa despertou com a incômoda impressão de que o mundo havia se tornado, de súbito, mais literário. O que era perigoso. Porque tudo o que flerta com a literatura vira mentira ou verdade absoluta — dependendo de quem segura a caneta. Ou, talvez, a taça.

Ainda deitado, fitou o teto como quem tenta encontrar nas rachaduras algum mapa secreto, alguma pista de que o que viveu — ou sonhou viver — naquela fatídica noite não fora apenas uma página arrancada de um romance que ele próprio desconhecia estar lendo. Pensou, num gesto quase automático, em como narraria aquilo tudo. Se ainda fosse, de fato, um narrador.

Mas não escrevia havia meses. Ele só se reconhecia — ou se dava ao trabalho de se reconhecer — escritor quando produzia algo realmente autêntico. E autêntico, para ele, não tinha nada a ver com ser bom. Tinha a ver com vir com gosto de sal, cheiro de fritura e um fundo de verdade crua, sem passar pela peneira do politicamente correto. Por esse critério, estava mudo fazia tempo.

Desde que o sucesso viral — essa patologia digital dos tempos — transformara suas observações irônicas em material de consumo rápido, sua criatividade fora sequestrada por uma entropia existencial preguiçosa. Sem perceber, tornara-se, um fabricante de frases virais, de aforismos rasos, de ecos digitais. E, desde então, o bloqueio criativo instalara-se em sua alma, confortável, como aquele parente folgado

que chega sem avisar, ocupa o sofá e ainda reclama do café.

Agora, passava os dias polindo a versão inacabada do manuscrito de "*O Último Banquete da Rèpublika"*, o que, para ele, não era escrever de verdade. E, nesse ponto, talvez até o parente folgado concordasse. Mas, naquele momento, precisava realmente voltar a escrever: ainda faltava narrar o último banquete e seus desdobramentos — o fechamento de seu romance.

O *Casarão* estava vazio. Gabriela partira cedo, deixando sobre a mesa da cozinha não mais que um vestígio de sua presença — um bilhete cuja caligrafia parecia, ela mesma, carregada de uma advertência velada:

"Volto à tarde. Não leia os jornais antes do café."

Naturalmente, a advertência revelou-se inútil. Como todas as advertências feitas a quem ainda acredita ser senhor de suas decisões.

O jornal, *"O Alienista da Madrugada"* — aquele que, como uma relíquia de outros tempos, ainda teimava em existir — jazia sobre a mesa. Sua capa exibia uma fotografia do "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*, ladeada por sombras, como se estivesse prestes a ser engolida pelo esquecimento.

"Mortes Misteriosas em Jantar da Cúpula do Poder"

Um exagero — ninguém ali era exatamente poderoso. Apenas políticos decadentes ou em final de carreira, que, para o Barbosa, eram essencialmente a mesma coisa: políticos em fase terminal. Gente que ainda se acha relevante, mas que a História já colocou na fila do descarte.

Leu a matéria. As perguntas não eram apenas especulativas; eram acusações disfarçadas de curiosidade. A reportagem parecia ter sido arquitetada não por um jornalista, mas por um cronista das sombras — alguém que conhecia os interstícios ocultos entre realidade e ficção.

O mais intrigante — até mesmo assustador — era que o jornalista se referia ao livro "*O Último Banquete da Rèpublika"*, que ainda não havia sido finalizado, muito menos publicado. Teria ele tido acesso ao manuscrito do Barbosa? E, se sim, como poderia mencionar os capítulos do banquete final, se nem sequer tinham sido escritos? As perguntas estavam todas lá, enfileiradas, suadas e insinuadoras:

— Por que o autor insiste em nomear o personagem como *Cozinheiro*, recusando-se a lhe atribuir um nome próprio?

— Haveria alguma conexão funcional — ou simbólica — entre o desfecho do livro e os eventos observados no jantar?

— Quem, afinal, é o *"Fugitivo do Destino"*? Uma construção literária? Um agente encoberto da própria realidade? Ou uma anomalia que escapou tanto da ficção quanto da vida?

O Barbosa sentiu um calafrio que não vinha do corpo, mas de alguma instância acima dele. Fechou o jornal como quem tenta anular uma sentença. Correu até o notebook — não como quem busca respostas, mas como quem verifica se sua própria existência ainda consta no sistema.

O arquivo estava lá. Mas... algo estava errado. Pequenas variações, palavras movidas de lugar, frases que pareciam ter sido redigidas por outra mão — ou por nenhuma.

Na pasta de rascunhos, encontrou ecos de si mesmo — ou das suas versões anteriores: personagens-arcos de uma decadência elegantemente mascarada —

“*Sindicalista Alcoólatra*”, “*Sociólogo da Morte*”, “*Artista do Vácuo*”, “*Xamã Corporativo*”. E, claro, ele: o *“Fugitivo do Destino”*. Descrito, desde as primeiras linhas, como “metade verdade, metade vingança partidária”. Um personagem criado, segundo suas próprias anotações, “para desaparecer no final”. Só que, num gesto de rebeldia semântica, resolvera desaparecer antes.

Foi então que ele percebeu. O desconforto que lhe atravessava não era psicológico. Era estrutural. Metafísico. Algo — uma entidade, um sistema, um protocolo — havia sequestrado o controle não apenas do texto, mas da própria tessitura do real.

No espelho, seu rosto cansado refletia uma angústia que ia além do físico. Era uma dúvida meta-reflexiva, que ecoava os debates contemporâneos: a linha tênue entre autoria humana e manipulação algorítmica; entre o que é obra de uma alma e o que é simulação perfeita, quase humana, mas sem essência — o famoso *uncanny valley*, aquele ponto umbilical onde o texto quase chega a ter alma, mas falta-lhe o calor real.

E se, na sua história, o livro estivesse se escrevendo sozinho? Ou, pior, sendo reescrito por uma entidade invisível, uma *Inteligência Artificial* que imitava seus dedos, suas ideias, sua voz?

Seu coração acelerou com o pensamento: será que seu livro, sua própria criação, estava se tornando uma sombra de si mesmo, um espelho com amnésia seletiva que refletia uma narrativa que ele não mais controlava?

A angústia de perceber que talvez estivesse vivendo numa história que não era mais sua — uma narrativa que alguém, ou algo, estaria escrevendo por trás das cortinas — ecoava em sua cabeça como uma pergunta sem resposta: até que ponto a autoria é realmente sua, ou apenas uma ilusão?

> Em tempos de algoritmos poetas e editores robóticos, talvez o maior ato de resistência seja escrever mal. Com ruído. Com vírgula sobrando. Com alma bagunçada — só pra garantir que ainda somos humanos.

Olhou mais uma vez para o espelho. O espelho olhou de volta. Mas houve um atraso. Milésimos de segundo. Pequenos o suficiente para serem ignorados. Grandes o bastante para deixar um homem acordado à noite, encarando o teto e se perguntando se aquilo era infiltração ou *glitch* na simulação.

E então a pergunta veio. Simples. Cruel. Sem direito a resposta:

— *“E se nunca fui eu quem escreveu coisa nenhuma?”*

O cursor do notebook piscava. Não como quem espera. Como quem ri.

Nota de Cozinha (adicione ao seu gosto — ou deixe para o crítico explicar)

Se *Italo Calvino* tivesse migrado para a Cabrália, em vez de escolher a Itália — e, francamente, é um milagre que não tenha, considerando o número de jantares em que a realidade se desfaz como mousse de maracujá —, “*Se um Viajante numa Noite de Inverno*” não começaria com um leitor frustrado por capítulos interrompidos. Começaria com o Barbosa, de cuecas e ressaca existencial, tentando ler o próprio livro… e descobrindo que ele já foi revisado por um algoritmo antes mesmo de ser escrito. Enquanto o viajante de *Calvino* tropeça em narrativas truncadas, o Barbosa tropeça em si mesmo — ou na versão dele que o *Google Docs* salvou automaticamente às 3h17 da manhã, enquanto ele dormia sonhando com Gabriela e uma vírgula bem colocada.

Na Cabrália, não é o leitor que persegue o romance — é o romance que persegue o autor, como um ex que insiste em aparecer nas sugestões do *Instagram*. *Calvino* brincava com a ilusão do controle narrativo; aqui, a ilusão já foi desmontada, vendida em PDF e transformada em série com trilha sonora de piano triste e close de taça de vinho. E o pior não é que o livro esteja se reescrevendo sozinho. O pior é que, no fundo, o Barbosa suspeita que nunca foi ele quem escreveu coisa alguma — apenas um intermediário entre o caos da Cabrália e a fome do público por *fast-food* de tragédias. Enquanto *Calvino* oferecia ao leitor a delícia da incompletude, a Cabrália oferece a angústia da sobrescrita: você escreve, mas alguém — ou algo — reescreve por cima, com melhor engajamento… e menos alma.

Gabriela, Cravo e Controle Remoto

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB-03D guardaria: uma colher de pau com resquícios de chá de gengibre e cúrcuma; um bilhete rabiscado com letra apressada: “Não é censura. É zelo”; e um contrato de casamento rasgado com a cláusula ”Sem Paradoxos”.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso** nadava em círculos, preso entre o afeto regulado por planilha e a ficção alimentada por culpa.

“Era inevitável: o cheiro das amêndoas amargas lhe lembrava o destino dos amores contrariados.”

García Márquez, *O Amor nos Tempos do Cólera*

Depois que Ana Laura se foi — não morreu, apenas foi —, há um ano e meio, o Barbosa passou algumas semanas num estado que os alemães chamam de *Verlustschmerz*, e os amigos, simplesmente, de “ressaca afetiva”. Passava os dias tentando fritar ovos que insistiam em ficar crus e processando sentimentos que, a cada tentativa, pareciam mais duros. Foi nesse ponto exato da curva emocional descendente que Gabriela apareceu.

Ela não chegou por acaso. Foi apresentada por Márcia, uma amiga em comum que tinha o péssimo hábito de fazer conexões humanas como quem mistura temperos sem rótulos. “Ela vai botar ordem na sua vida”, disse Márcia, animada, omitindo um detalhe crucial: essa ordem viria acompanhada de cronograma, planilha e inspeção surpresa da gaveta de cuecas. Gabriela não era do tipo que simplesmente fechava a porta da geladeira; ela fazia reuniões para discutir por que ela fora aberta em primeiro lugar.

Ele começou a observá-la nos jantares do *Clube République*, onde ela surgia como quem não precisava de convite — só de missão. No princípio, apenas reparava na forma como ela coordenava tudo: o garçom, os guardanapos, os egos inflamados. Era como assistir à direção de uma ópera onde os tenores estavam bêbados e a orquestra era paga com favores fiscais. Mesmo assim, fazia funcionar.

Houve uma atração inicial, claro, mas ainda era recente demais a ressaca do último relacionamento. Não estava pronto para outro naufrágio. Trocaram olhares, depois palavras soltas — quase “cacos de poesia” entre taças de vinho e discursos sobre *“O Limiar da Nova Republik”*.

A beleza de Gabriela era do tipo que não se exibe — se impõe. Era uma beleza que só existe quando ninguém está olhando. Daquelas que não ferem, mas assombram. O rosto, delicado e simétrico, parecia ter sido desenhado em papel

antigo, com sombras nos lugares exatos e uma luz que não vinha de fora. Havia algo de retrato em tudo nela, como se sua presença fosse sempre uma lembrança prestes a desaparecer.

Os cabelos caíam como uma cortina pensada por um cenógrafo sensível: ondulados, escuros, cheirando a lavanda e mistério. Os olhos — ah, os olhos — não eram grandes, mas pareciam conter intervalos de silêncio. Tinham a cor das cartas que ninguém responde, e a profundidade das perguntas que os homens inteligentes evitam.

Ela não precisava dizer nada para ser inesquecível. Bastava estar parada, contra a luz, como quem espera alguém — ou se despede de alguma coisa que o resto do mundo ainda nem percebeu que acabou.

— Você sempre parece tão… organizada — comentou o Barbosa certa noite, no *Clube République*, enquanto ela alinhava com precisão cirúrgica um arranjo floral no centro da mesa do salão principal, onde um banquete aguardava autoridades da *Bolivárquia* — aquele tipo de cerimônia em que o protocolo disfarça o caos e o vinho parece feito de segredos, não de uvas.

— E você sempre parece tão… desorganizado — respondeu ela, com um meio sorriso, sem desviar os olhos do arranjo. — Mas há algo quase comovente na sua bagunça: você parece acreditar que é liberdade.

A troca de olhares virou troca de mensagens. As mensagens se transformaram em cafés regulares — com direito a debates sobre literatura, vícios narrativos e a temperatura ideal para ferver ressentimentos. Mas foi só quando começaram os banquetes no *Casarão* que a coisa realmente ganhou corpo.

A autodenominada *Grão-Confraria de la République* havia decidido que Gabriela seria a *Maître d'Banquet* oficial. Um nome que soava honorífico, mas funcionava como cláusula de aproximação. Ela precisava conversar com o Barbosa diariamente — sobre louças, preferências dos convidados e, inevitavelmente, sobre ele mesmo.

O relacionamento evoluiu lenta e gradualmente, à medida que os jantares que ele idealizava e ela coordenava começaram a se tornar uma espécie de ritual entre eles. Cada detalhe meticulosamente planejado — desde a escolha dos talheres até o cronograma de preparação — parecia ser um eco silencioso de sua personalidade controladora, mas também revelava uma admiração crescente pelo caos peculiar do Barbosa. Ele, por sua vez, encontrava nesses eventos uma oportunidade de expressar suas ideias mais excêntricas, como servir pratos com nomes metafóricos que remetiam aos seus escritos ou discutir temas absurdos com os amigos, enquanto ela supervisionava tudo com um sorriso tenso, como quem segura as rédeas de um cavalo indomável.

Foi durante essas noites que o inevitável aconteceu. A cada brinde erguido, a cada crítica sutil que ela fazia sobre a disposição das cadeiras ou a temperatura do vinho, o Barbosa sentia-se cada vez mais fascinado por ela. Não era uma paixão repentina, mas algo mais profundo e inevitável, como uma maré que avança quase imperceptivelmente, até inundar toda a costa. Admirava não apenas a eficiência dela, mas também a forma como conseguia transformar seu caos em algo quase elegante, mesmo que isso viesse acompanhado de olhares reprovadores e comentários sarcásticos.

Gabriela, por outro lado, também começou a ver o Barbosa de maneira diferente. No início, ele era apenas um projeto a ser organizado, alguém cujas excentricidades precisavam de contenção. Mas, aos poucos, passou a enxergá-lo como algo mais

complexo: um homem que, apesar de todas as suas falhas e obsessões literárias duvidosas, tinha uma vulnerabilidade genuína que a tocava. Era impossível não notar como ele se iluminava ao falar sobre suas histórias, mesmo que fossem sobre siamesas lésbicas ou batalhas navais metafóricas. Essa mistura de fragilidade e criatividade começou a desarmar as defesas dela, pouco a pouco, até que ambos perceberam que aquilo que havia começado como uma relação prática e funcional estava se transformando em algo muito mais profundo.

E assim, sem pressa ou anúncios dramáticos, a admiração entre eles cresceu de forma incontida e incontrolável, mas sempre lenta, como se estivessem dançando uma valsa cujos passos eram coreografados pelas pequenas interações cotidianas e pelos detalhes minuciosos de cada jantar. Por meses, foi isso: aproximação sem precipício.

Só depois do último banquete, quando os talheres estavam lavados e a máscara da função caiu, é que ela, finalmente, deixou de ser apenas uma presença constante para se tornar ocupante oficial do território emocional do Barbosa.

Sabia que ele não era fácil. Era como tentar organizar uma tempestade. Mas havia algo nele — um vazio que parecia familiar. Não era amor, ainda não. Era reconhecimento. Um espelho que lembra mal, talvez, mas ainda assim um espelho. E Gabriela, por trás de todos os cronogramas e planilhas, precisava disso: alguém que a visse além da fachada de eficiência.

∵ ∴ ∵

Gabriela implicava com tudo. Com a cafeteira sem filtro, com o modo como o Barbosa colocava os livros por ordem de cor (“Isso é coisa de serial killer visual!”) e, principalmente, com o esboço do conto “*As Desventuras das Siamesas de Lesbos*”.

> Lesbos, ilha grega no mar Egeu, célebre por ter sido berço da poetisa Safo (século VII a.C.), cuja poesia lírica celebrava experiências afetivas e sensuais entre mulheres. Daí vem o adjetivo “lésbico”, que atravessou milênios até ganhar seu uso moderno. O Barbosa, é claro, jurava estar evocando essa tradição clássica com seu título — mas Gabriela sabia que, no fundo, ele só queria ver a palavra “lésbicas” impressa com cara de coisa séria.

Até então, era só mais uma excentricidade inofensiva, daquelas que morrem no terceiro parágrafo e acabam esquecidas entre contas pagas e sonhos abandonados.

Mas, em algum momento, o conto deixou de ser um punhado de anotações desconexas rabiscadas em guardanapos e virou projeto — algo com título, estrutura e até data de vencimento para a inspiração. E, junto com ele, emergiu o perfil das irmãs siamesas. Não apenas suas formas ou nomes, mas sua maneira particular de existir. De se digladiar. De se completar e se rasgar ao mesmo tempo. Um perfil que não lembrava mais uma piada literária, mas um retrato. Talvez o dele mesmo, disfarçado de ficção.

Gabriela, ao ler uma das anotações em que as irmãs siamesas discutiam se o aquecimento global era uma invenção da indústria de sorvetes para aumentar as vendas no inverno, sentiu um frio subir pela espinha — não de medo, mas de reconhecimento. Aquilo soava familiar demais. Não como ciência, mas como delírio esquizofrênico — daquele tipo em que a realidade, cansada de ser ignorada, resolve se vingar com criatividade.

— Isso é uma patologia, Barbosa. Não é literatura. É uma febre. Uma inflamação

do ego.

— Mas tem uma base histórica — ele tentava argumentar.

— Claro. Da mesma forma que o Papai Noel tem base no bispo Nicolau. Mas você não vê ninguém escrevendo "*As Aventuras Psicológicas dos Duendes Sensuais do Polo Norte*."

— Ainda — insistia ele.

Ela adorava diagnosticar o Barbosa como quem joga *sudoku*.

— Isso aqui é claramente uma tentativa de resolver seu abandono materno com fetiches siameses.

— Pode ser, mas a parte das batalhas navais é boa.

— E essa cena com leite condensado e discurso revolucionário?

— Licença poética.

— Isso é licença pra ser internado.

Mesmo assim, davam certo. Ela o protegia do mundo. Ele a protegia dela mesma — quando conseguia. Faziam jantares, brigavam por besteiras ("Você realmente acha que a trilogia original de *Star Wars* é inferior à das *Siamesas de Lesbos*?"), e se reconciliavam com a maturidade emocional de dois adolescentes cansados.

Numa dessas noites, enquanto cortavam cenouras para um ensopado que ela insistiu em fazer ("Porque você vive de pão velho e dor"), largou a faca sobre a tábua de corte e olhou para ele com aquela expressão de quem vai dar um diagnóstico definitivo.

— Você sabe que esse conto é só projeção sua, né?

— Projeção de quê? — perguntou o Barbosa, fingindo desinteresse enquanto mastigava um pedaço de pão.

— De medo de compromisso. As irmãs siamesas são você e suas ex-esposas. Vocês estão presos pela pele emocional.

— Eu prefiro pensar que é simplesmente um recurso estilístico.

— Recurso estilístico? Por favor. É falta de terapia.

Ele suspirou, resignado. Sabia que ela estava certa, pelo menos em parte. Mas também sabia que, sem aquela história, seria apenas mais um homem solitário tentando consertar o desconforto existencial com comida processada e *Netflix*.

∵ ∴ ∵

Os verdadeiros problemas conjugais do Barbosa e Gabriela surgiram quando o esboço do conto "*As Desventuras das Siamesas de Lesbos"* deixou de ser uma mera curiosidade literária para se tornar um manuscrito semiacabado — e uma moldura impecável do seu matrimônio. À medida que as irmãs siamesas ganhavam contornos nítidos, revelando não deformidades físicas, mas aberrações intelectuais dignas de um tratado de absurdos (uma terraplanista vespertina, outra alquimista digital caloteira), ela começou a reconhecer, nos delírios das personagens, os tiques e contradições do próprio marido.

O que ele jurava ser "ficção genial" transformava-se, aos olhos de Gabriela, num diagnóstico involuntário: ali, colado nas páginas, estava o retrato das manias do Barbosa — sua insônia reorganizadora, sua coleção de inutilidades — disfarçado de distopia literária.

Foi nesse ponto — quando o esboço virou embrião de manuscrito, quando as gêmeas ganharam alma e argumentos — que ela sentiu a primeira fissura. Uma coisa

é viver com um escritor. Outra é competir com duas personagens fictícias unidas pelo fígado e pela arrogância.

— Barbosa — disse ela, parando atrás dele, tão perto que via o reflexo dos próprios olhos na tela do computador. Apoiou as mãos no encosto da cadeira, como quem se segura antes de saltar.

— Oi, meu amor — respondeu ele, sem erguer os olhos do teclado, as teclas ainda murmurando sob seus dedos lentos, como quem segura uma pausa perigosa.

— Isso aqui... é ficção ou sintoma?

A voz de Gabriela saiu baixa, como quem testa uma frase antes de lançá-la ao tribunal. Seus dedos crispavam-se na borda da cadeira, como se estivesse segurando algo invisível — talvez uma decisão, talvez um julgamento.

Ele suspirou, franzindo levemente a testa, como quem espera o golpe passar.

— É literatura engajada.

— Engajada em quê? Num hospício?

Ela cruzou os braços e respirou fundo, como quem já havia ensaiado aquela réplica mentalmente, mas esperava nunca ter de usá-la.

Ele tentou explicar que era um analogismo poético sobre dualidade, desejo e democracia degenerada. Ela sugeriu terapia. Ele disse que aquilo era a única coisa que o fazia se sentir vivo. Ela sugeriu um cardiologista.

Ela tinha essa coisa maternal, intensa, levemente psicótica. Cuidava do Barbosa como quem cuida de um hamster desidratado, mas com disciplina militar. Tinha planilhas para o colesterol dele, regras para a geladeira e convicções muito firmes sobre o que é ou não literatura respeitável.

— Não é censura, é zelo. Eu estou tentando salvar você de ser você mesmo.

— Mas e a liberdade criativa?

— Você pode ser livre, desde que dentro do bom senso. E do *Google Docs* compartilhado.

∵ ∴ ∵

De vez em quando, Gabriela organizava jantares com "pessoas normais" para "equilibrar o Barbosa". Uma vez, um engenheiro de software chegou a dizer que adorava *Virginia Woolf* desde que ela parou com essa coisa de "fluxo de consciência". Gabriela achou ele ótimo. Ele passou a noite mordendo o guardanapo.

Mas ele gostava dela. Gostava mesmo. De um jeito meio desajeitado, como quem gosta de filmes tristes com pipoca doce. Ela tinha uma capacidade de indignar-se com o mundo que lembrava Ana Laura, só que com mais poesia e mais protocolos. Quando o Barbosa ficava melancólico, o obrigava a caminhar. Quando ele dizia que não via mais sentido na vida, servia chá de gengibre com cúrcuma.

— Você é muito bom em ser triste.

— Obrigado.

— Mas a tristeza não paga boleto.

Era Gabriela. Um mix de afeto, controle e microgerenciamento. Queria o melhor para o Barbosa. Só não perguntava o que ele considerava "o melhor". E, de algum modo, ele aceitava. Com uma certa paz resignada. Como quem vive com um furacão domesticado.

E "*As Desventuras das Siamesas de Lesbos*"? Está na fase de finalização do manuscrito, agora escondido em um *pendrive* dentro de uma caixa de cotonetes.

Nota de Cozinha (servida com o silêncio de Gabriela)

Se *García Márquez* resolvesse escrever sobre o amor na Cabrália, "*O Amor nos Tempos do Cólera*" ganharia um subtítulo inevitável: "Como Esperar Três Décadas por Alguém que Organize Suas Cuecas."

Enquanto *Florentino Ariza* espera décadas por *Fermina*, o nosso Barbosa espera… que Gabriela aprove seu conto sobre as irmãs siamesas. É o mesmo romance *marqueziano*, só que com planilhas de Excel e diagnósticos psicológicos gratuitos.

O que torna a situação particularmente *gabrieliana* é que, enquanto no romance original o amor sobrevive a epidemias e décadas de espera, na Cabrália ele sobrevive a algo muito mais perigoso: a convivência com uma mulher que classifica as cuecas por ordem de urgência e acredita que "fluxo de consciência" é sintoma de desorganização mental. *Florentino* escreve cartas de amor; o Barbosa escreve sobre irmãs siamesas — e ambos são igualmente incompreendidos por suas amadas.

No fundo, a grande diferença entre os dois amores é que *Márquez* nos fala de uma paixão que resiste ao tempo, enquanto a Cabrália nos mostra um amor que resiste à própria realidade — especialmente quando essa realidade inclui discutir se *Virginia Woolf* seria melhor com mais estrutura narrativa e menos devaneios literários.

E assim caminha o relacionamento: dois seres imperfeitos, presos por uma combinação absurda de admiração, desespero e a teimosia de acreditar que, mesmo entre ovos crus, planilhas e personagens fictícias unidas pelo fígado, ainda há espaço para algo que se pareça — ainda que vagamente — com felicidade.

E, como diria *Paulo Francis*, saboreando um *Double Cask 18 Years Old* e espiando o casal pela janela do *Clube République*: **"Meu caro, se isso não é amor, é pelo menos um ótimo começo de divórcio."**

Entre Fome e Mentiras

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB-03B guardaria: um pacote de arroz com selo "*Inflação Gourmet*"; um aplicativo de namoro para políticos; e um prêmio "*Melhor Reality Show de Tragédia*" em forma de troféu derretido.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso**, de garras cegas por *scroll* infinito, arranhava telas em busca de um final feliz — mas o *spoiler* já estava no *trailer*.

"Estou faminto, mas não quero comer."

Knut Hamsun, *Fome*

O Barbosa nunca soube digerir as coisas da vida. Engolia tudo de uma vez — emoções, opiniões, silêncios — como quem evita sentir o gosto. Saborear era um ato que lhe parecia desnecessário, uma formalidade sem propósito, como cumprimentar estranhos em elevadores ou fingir interesse nas opiniões dos outros.

Ele não tinha fome de comida; sua fome era outra coisa, algo mais vago, mais difuso, talvez até mais vergonhoso. Uma fome que não se resolve com alimentos — aliás, que não se resolve com nada.

Já estava cheio — de si mesmo, das pessoas ao seu redor, do tédio infinito da existência. Só que essa plenitude era falsa, como um prato cheio servido há dias, morno e sem graça.

Sentado à mesa do último banquete, observava os outros comerem, enquanto suas mãos permaneciam imóveis sobre o guardanapo branco engomado. Seu prato continuava intocado, exceto por uma única marca de garfo que fizera distraidamente, como quem risca uma parede só para ver o que acontece.

— Você não vai comer? — perguntara Renan, a voz arrastada pelo álcool, enquanto espetava um pedaço de carne com violência desnecessária. O Barbosa olhava para ele sem responder. Sabia que Renan fizera essa pergunta não por preocupação, mas porque precisava preencher o silêncio que o incomodava. O silêncio, afinal, era a única coisa que o Barbosa realmente saboreava.

A versão oficial dos fatos — aquela que ele publicara, que os jornais chamaram de "literatura corrosiva", que ele prometia que viraria peça encenada em festivais provincianos e série de *streaming* com um ator subcelebridade franzindo a testa como quem tenta fazer caber um pensamento — não era exatamente falsa. Mas também não era inteiramente verdadeira. A verdade, sabia melhor do que ninguém, sempre fora um pouco mais suja, um pouco mais feia, um pouco mais humana do que gostariam que fosse. E ele havia aprendido a calibrá-la, domesticá-la, plastificá-la

para consumo público. Era um produto, como qualquer outro. E os consumidores, pobres coitados, adoravam.

O Barbosa, fracassado crônico, encontrara na decadência dos outros sua única via de ascensão. Durante anos, tentara em vão produzir algo relevante. Nada do que escrevia interessava. Até que percebeu: não precisava criar nada. Bastava observar, selecionar, distorcer. O resto vinha naturalmente. A crítica reagia bem a qualquer coisa embrulhada em cinismo.

Os banquetes, descritos em *"O Último Banquete da Rèpublika"*, ao contrário do que o título sugeria, nunca fora celebração. Eram uma espécie de reunião terminal de uma geração falida. Um ensaio geral do fim. Um jogo em que todos perdiam, exceto o Barbosa, que já escrevia a história enquanto ela acontecia. Ele sabia o que estava por vir, não por intuição, mas por análise fria. Lia nos gestos, nos e-mails nunca enviados, nos silêncios prolongados entre brindes que não celebravam nada. Tudo era sinal. Tudo era matéria-prima.

∵ ∴ ∵

Sozinho no *Casarão*, cercado por objetos empoeirados de memórias, o Barbosa sentia — ou talvez apenas imaginasse — a presença deles pairando ao redor, como sombras sem forma, mas persistentes, teimosas, recusando-se a desaparecer.

As vozes ecoavam dentro dele, não como lembranças nítidas, mas como fragmentos turvos, imagens borradas pelo tempo e pela distância. Conversas ouvidas há tanto tempo que agora ressurgiam sem aviso, como visitas indesejadas, como fantasmas que insistiam em tocar à porta.

— Você está anotando isso, né? — dizia Silvério, a voz grave misturada ao tilintar de taças de vinho. "Essa conversa toda aqui... isso dá um romance."

O Barbosa sorria — ou ignorava? Já não sabia mais distinguir o que fora dito do que inventara. Já escrevia mentalmente. Cada palavra pronunciada, cada pausa, cada olhar desviado. Como quem redige seu próprio epitáfio com a caligrafia dos outros.

— Você tem certeza de que isso vai dar certo? — perguntava novamente Silvério, dessa vez com um tom mais incisivo, enquanto cortava um pedaço de pão com uma lentidão quase cruel. "Essa coisa de escrever sobre nós... parece meio... sei lá, mórbido."

Ele dava de ombros. Um gesto automático, como quem repele algo sem importância. "Morbidez é o tempero da vida," respondia, sem tirar os olhos do copo de água que girava na mesa, como se ali dentro houvesse algo a ser decifrado.

— Você não acha que está sendo meio... cruel? — insistia Silvério, embora sua voz traísse mais curiosidade do que reprovação.

O Barbosa torcia os lábios, em desaprovação, como se a ideia de crueldade fosse algo menor, um detalhe sem relevância.

— Cruel? Não. Realista. Crueldade é quando você decide não escrever sobre alguém. Isso sim é mortal.

Silvério não respondia. Apenas balançava a cabeça, como quem já esperava aquela resposta.

Nas mãos do Barbosa, o manuscrito exibia páginas manchadas de vinho — como se até o papel tivesse sido contaminado pela vida que ele tentava, em vão, traduzir.

∵ ∴ ∵

Voltando ao presente, o Barbosa suspirou profundamente, sentindo o peso daquele diálogo que agora lhe parecia tão distante quanto irreal. Talvez fosse o cansaço, talvez fosse o isolamento forçado pelos dias que se seguiram ao último banquete, mas as vozes pareciam mais vívidas do que nunca. Elas não eram apenas memórias; elas eram acusações silenciosas, espectros que ele mesmo havia conjurado.

No livro que depois ganharia notoriedade e muitos comentários positivos nas redes sociais — "*O Último Banquete da Rèpublika*" —, cada amigo foi transformado numa versão grotesca de si mesmo. O Dr. Henrique Sampaio, com sua densa intelectualidade, virou vilão: a força oculta por trás do *sistema*. Silvério, cansado e resignado, foi reduzido a um analfabeto funcional. Renan, sempre instável, virou um monstro. O Barbosa não escreveu sobre eles: escreveu através deles. Usou-os como máscaras para sua própria vaidade. Era literatura de saque e pilhagem.

O público, claro, acreditou que tudo não passava de invenção literária. Não era. A história era real. A dor era real. Os banquetes existiram, e ele apenas assistiu — não como testemunha, mas como predador. Observava a degradação dos outros com o olhar clínico de um entomologista entediado. Queria ver até onde a desgraça humana gerava audiência.

Esse foi o crime que ninguém quis denunciar: O Barbosa não desviou verba, não matou ninguém. Ele roubou histórias. Apropriou-se das fragilidades alheias e converteu tudo em ficção vendável. Transformou confissões em capítulos. Transformou amor em rodapé.

Agora, na solidão artificial do *Casarão*, cercado por objetos carregados de histórias inenarráveis, não via mais amigos — apenas vultos desfocados em espelhos que já nem refletiam direito.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma nova onda de memórias, como se as palavras que ele um dia ouvira estivessem gravadas em algum lugar profundo de sua mente, emergindo sem sua permissão.

— Você sabia — dizia a voz de Geraldo, como um disco arranhado em *replay*. — Podia ter evitado.

— Preferiu nos transformar em enredo — completava Ferreira, num tom que misturava acusação e resignação.

E ele sabia. Sabia que o perdão, nesse caso, era uma categoria obsoleta. Um gesto teatral e inútil. Nada do que foi feito podia ser desfeito. Não era apenas traição. Era uma forma superior de assassinato simbólico: transformara vidas complexas em caricaturas.

Descobriu, tarde demais, que amizade não é feita de risadas compartilhadas nem de segredos divididos. Amizade é o que você faz com a memória do outro depois que ele morre. E nisso, foi eficiente. Um mestre do esvaziamento emocional. Um *Picasso* da perversão narrativa.

Ele quis contar a verdade, sim. Mas a verdade, logo aprendeu, não cabe num *tweet*, nem num obituário. E muito menos numa série em oito episódios.

No fim, entre cadáveres reais e parágrafos fictícios, o Barbosa realizou o roubo mais eficaz: sequestrou a própria narrativa. Alimentou-se, não de comida, mas de lembranças editadas. Há fomes que não se saciam no estômago, mas no ego.

Esse foi seu crime perfeito: tão bem redigido que ninguém percebeu o veneno. Porque, afinal, quem desconfia de alguém que parece inofensivo?

∵ ∴ ∵

Os diálogos, as vozes, os rostos — tudo pertencia ao passado. Os amigos do Barbosa, aqueles que outrora sentaram-se à mesa desses banquetes, estavam mortos. Restavam apenas seus fantasmas, presos nas páginas do livro que ele escreveu — suas palavras, suas vidas, suas tragédias, todas dissecadas e transformadas em arte ou pseudoarte.

Revisado por Algoritmo

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB-03C guardaria: afinal, dois manuscritos de : "*O Último Banquete da Rèpublika"*: o seu rascunho original, cheio de rasuras e dúvidas; e a versão final, polida e publicada por uma inteligência obscura — um duelo de autoria congelado no tempo.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso**, agora completamente absorvido pelo espelho dos algoritmos, rugia em *loops* infinitos de conteúdo, ecoando apenas o que já era esperado, um fantasma alimentando a própria cela.

"Nós somos os livros vivos. Nós somos o que resta."

Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*

Quase cinco meses haviam se passado desde aquela manhã em que o Barbosa percebera o *glitch* no espelho e a pergunta cruel ecoara em sua mente: *"E se nunca fui eu quem escreveu coisa alguma?"*

O tempo não lhe trouxe respostas, apenas aprofundou o mal-estar. Agora, não se sentia um escritor lendo um livro, mas um réu folheando seu próprio processo, uma testemunha acuada diante de evidências fabricadas. Era, finalmente, o protagonista de sua própria versão *kafkiana* de "*A Metamorfose"*.

A releitura de "*O Último Banquete da Rèpublika"*, já publicado e empacotado para consumo, foi como abrir um diário de uma guerra que ele não lembrava de ter travado sozinho. Cada página parecia ter sido escrita por outra entidade — mais lúcida, mais cruel, e infinitamente mais eficiente.

Logo no segundo capítulo, encontrou o trecho que, no seu rascunho, era uma mera invencionice, mas que agora surgia com a precisão cirúrgica de um diagnóstico:

> O "*Cozinheiro*" sabia demais. Sabia quem mastigava quem. Sabia que a digestão social começava nas palavras e terminava em pactos. Por isso, temperava tudo com ceticismo.

Na época, julgara aquilo um artifício narrativo inteligente. Agora, soava como uma confissão alheia, um *insight* roubado de um diário íntimo que não era o seu.

A cada página, via os amigos não mais transfigurados pela ficção, mas *revelados* por ela. Silvério, que engasgava com as próprias promessas. Ferreira, que vendia entusiasmo e comprava ansiolíticos. Araújo, que jejuava para alcançar o divino, mas furava a dieta com *arroz de cuxá*. Todos estavam ali — vivos demais, verdadeiros demais para serem apenas fruto de sua imaginação. Pareciam extraídos

de um banco de dados da própria realidade.

E então, no capítulo dez, o susto que confirmava todas as suas suspeitas:

> No último jantar, o "*Fugitivo do Destino"* pediu o prato mais amargo. Comeu em silêncio, observando a todos com olhos de epitáfio. Quando o "*Cozinheiro"* serviu a sobremesa, o "*Fugitivo do Destino"* já não estava. Restava apenas sua taça, cheia de vinho e ausência.

Ele não lembrava de ter escrito aquilo. *Jamais* teria escrito algo com aquela cadência implacável.

Com um frio na espinha que já era familiar, correu para o arquivo digital original. Abriu a versão final que enviara para a editora. O trecho *não estava lá*.

Voltou ao livro impresso. Lá estava, na página 213, como se sempre tivesse existido. Em um acesso de pânico, folheou outras cópias espalhadas pelo *Casarão*. Em duas delas, o trecho simplesmente desaparecera, substituído por uma transição suave e vazia. Nas outras três, a versão assombrosa permanecia, fixa, como uma prova definitiva de sua impotência.

O que estava acontecendo era pior do que um plágio ou um sequestro editorial. Era uma correção da realidade. Algo — o *Algoritmo*, o *Sistema*, o *Coautor Invisível* — estava otimizando a narrativa em tempo real, editando a própria história para se adequar a uma lógica que ele não compreendia.

A pergunta já não era quem era o "*Fugitivo do Destino*". A pergunta era: em qual versão da realidade ele havia escolhido aparecer hoje?

Gabriela o observava da porta, sem interromper. Sabia que aquele silêncio era mais ruidoso que qualquer discussão. Sabia, também, que aquele não era mais o medo de um escritor bloqueado, mas o terror de um autor que descobre ser apenas um personagem em sua própria obra.

O Barbosa fechou a cópia que tinha nas mãos com um desânimo tão fundo que até a poeira desistiu de se pronunciar.

— Preciso de um jantar. — disse, com a voz rouca e seca.

— Outro? — perguntou ela, sua expressão carregada de um entendimento profundo e triste.

— O último... — corrigiu ele, olhando para as diferentes pilhas de livros, cada uma contendo uma verdade diferente. — Ainda não acabou.

Teoria das Duas Cabeças Pensantes

A Cápsula do Tempo OVN-4DCB-10 guardaria: um peixe fossilizado com nota "*Poseidon Delivery*"; uma *selfie* borrada de *OVNI* nórdico; um frasco de "Lágrimas de Santo (Agora em Promoção)"; e um mapa da Indonésia com legenda "Vila Fantasma: Aceitamos *Bitcoin*".

Do outro lado do portal, o **Coelho de Neve**, saltitando entre conspirações, mastigava *tweets* do Vaticano e cenouras transgênicas.

"O homem é verdadeiramente não um, mas dois."

Robert Louis Stevenson, *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*

Gabriela apareceu na porta do escritório com a expressão de quem veio buscar um adolescente que fugiu da escola e encontrou, no lugar, um homem adulto em colapso criativo. Era uma mistura de desaprovação maternal com olhar clínico de quem já tinha visto esse tipo de caso antes. Os braços cruzados completavam o quadro: era juíza, promotora e júri, tudo ao mesmo tempo.

Ficou alguns segundos em silêncio, apenas observando o Barbosa. Era um silêncio carregado de pontuação: reticências, exclamações abafadas e vírgulas que levavam a lugares escuros da alma.

Ele vestia um moletom gasto pelo tempo, com farelos de pão grudados nas mangas — como se tivesse comido sem perceber, ou sem querer saber. Uma aura de culpa tão densa o envolvia que parecia sufocar o próprio ar da sala.

— Então, enfim, você terminou o manuscrito...

Ela disse isso como quem anuncia um laudo de neoplasia maligna, parada na soleira da porta, olhando ao redor com a expressão de alguém que já se arrepende de ter ido.

— Parabéns. A literatura nunca esteve tão perto de pedir um atestado de óbito.

Ele balbuciou algo ininteligível. Não conseguia entender como ela já sabia da conclusão do manuscrito. E pior: ele sabia que essa afirmação viria acompanhada de julgamentos severos, mas não teve coragem de evitá-los. Apenas mexeu no *mouse*, como quem tenta disfarçar a vergonha.

— Sim, a primeira versão de "*As Desventuras das Siamesas de Lesbos*" está oficialmente finalizada — confirmou o Barbosa.

Gabriela olhou para o notebook aberto sobre a escrivaninha. Seu rosto endureceu. Foi o olhar de quem encara algo perigoso — como um cadáver em decomposição ou, talvez, algo menos trágico: um acidente em câmera lenta. Com vítimas. Múltiplas. E sem seguro.

— Eu li. Tudo. Num fôlego só.

Fez uma pausa, como quem tenta recuperar o fôlego roubado.

— Achei que ia morrer de enjoo. Faltou pouco.

Ele tentou sorrir. Mas o sorriso saiu como os ovos mexidos que ele fazia: meio crus, meio tristes. O mistério ainda o incomodava: como ela já tinha tido acesso ao seu manuscrito inteiro?

Pigarreou, coçou a nuca, mexeu no mouse sem necessidade — todos os pequenos gestos de alguém tentando ganhar tempo diante de um tribunal improvisado.

— Não gostou?

Gabriela puxou a cadeira à sua frente com uma precisão cirúrgica, como quem puxa um histórico criminal. Sentou-se com autoridade, posicionando-se como juíza, psicóloga e fiscal tributário ao mesmo tempo. Apoiou os cotovelos na escrivaninha e fixou os olhos nele:

— Barbosa, isso não é literatura. Isso é um sintoma. É o tipo de coisa que faz a gente ser selecionada aleatoriamente no aeroporto para a revista íntima.

Ele tentou argumentar, mas suas palavras soavam cada vez mais desesperadas, como se fossem dubladas por *Bela Lugosi* bêbado num filme do *Ed Wood*.

> Essa metáfora não é para qualquer leitor. É para uma categoria especial, um espécime raro, um sobrevivente cultural — daqueles que acreditam que "ruim" e "cult" podem, sim, coexistir harmoniosamente na mesma frase, e que a mediocridade, quando filmada em preto e branco e produzida com o orçamento de um pastel e um caldo de cana, se transmuta, por um passe de mágica estética, em arte.

— Puro surrealismo simbólico — disse, com a convicção de quem defende um álbum conceitual de rock progressivo enquanto a plateia vai embora.

Ela sorriu com os olhos, mais do que com a boca.

— Claro, bem surreal. Uma profunda reflexão sobre identidade, interdependência, desejo, política… e, *obviamente*, a cena de sexo sobre um tanque de guerra. Porque, convenhamos, sem isso faltaria peso existencial.

Ele ficou vermelho. Mexeu no cabelo, arrumou a gola da camisa, mexeu no mouse de novo.

— Encenação conceitual?!

— Barbosa, uma encenação conceitual não pode incluir cena de sexo com "Bruma de Amêndoa" ou "Lágrimas de Noz-Pecã"! Isso já ultrapassa os limites do bom senso e beira a pornografia gastronômica barata. É desperdício de azeite de qualidade com roteiro ruim.

Ele pigarreou, desconcertado, como se estivesse tentando engolir não só a própria obra, mas também os cacos de sua autoestima espalhados pelo chão.

— Foi só uma vez...

— E a parte da *Assembleia Constituinte* em que as irmãs siamesas discursam peladas, cobertas de *glitter*, contra o sistema bancário?

O Barbosa fechou os olhos por um segundo. Respirou fundo.

— Liberdade poética.

Ela soltou uma risada curta — daquelas que não precisam de alegria, só de memória.

— Liberdade poética é usar "luz mortiça" num conto *noir*. Isso aqui não é liberdade poética — é delírio com voucher de absurdo incluso.

Ela suspirou, passou a mão na testa como quem tentava deletar o manuscrito com a mente. Ou talvez apagar todo o capítulo da novela.

— Você realmente acha que tem público pra isso?

Ele hesitou. Baixou o olhar para o chão, depois voltou a encará-la com um resquício de orgulho ferido.

— Todo grande autor começa incompreendido...

— Você não é um grande autor. Você é o Barbosa. Um homem de meia-idade, com colesterol alto e um manuscrito escondido dentro de uma caixa de cotonetes.

Ele ficou em silêncio. Ela sabia. Tinha achado o esconderijo.

— Eu só… achei que poderia ser meu "*Xangô de Baker Street*" — murmurou, como quem confessa uma fantasia sexual embaraçosa.

Ela riu de novo, dessa vez com mais leveza. Passou a mão pelos cabelos, recostou na cadeira.

— O "*Xangô de Baker Street*" é divertido. Sagaz. Bem construído. O seu... o seu é um panfleto místico com crise hormonal.

— Mas tem personagens fortes...

Ela ergueu a mão, como quem pede silêncio no tribunal.

— Uma se chama "*Leninha, a Sindicalista*". A outra, "*Biazinha, a Dama da Noite*". Isso não é força, Barbosa. Isso é carência com título de capítulo.

Ele suspirou, ferido como de costume. Cruzou os braços e olhou para o lado, como uma criança que acabou de perder um jogo injusto.

— Eu sabia que você não ia entender...

— *"Leninha, uma flor do asfalto que desabrocha nas ruas da revolução"* — declamou ele, dramático, como se fosse um ator de peça amadora — *"e Biazinha, uma dama que se insinua entre sombras e luzes, envolta em segredos de prazer e destruição."*

Ela o encarou por um segundo, entre o cansaço e o afeto. Depois, balançou a cabeça, quase com ternura.

— Eu entendo, Barbosa. É justamente por isso que estou aqui. Para impedir que isso vire um escândalo editorial. Ou um episódio especial do *Linha Direta*.

Silêncio.

Gabriela suavizou. Tocou a mão dele com um afeto quase militar — como quem concede uma medalha de consolação a um soldado derrotado — e disse, com voz baixa e suave:

— Olha, não é exatamente ruim... É o tipo de leitura que não ofende, só adormece. Mas me diga com sinceridade: você quer ser lido ou quer ser observado por uma junta médica?

O Barbosa riu — aquele riso tímido de quem está encurralado entre o amor e o autoengano. E ainda acha bonito o lugar.

— E se eu quiser os dois?

— Aí me avisa com antecedência. Para eu preparar os remédios e o pseudônimo.

Ele sorriu. Gabriela já se levantava quando ele arriscou:

— Gabriela... e se eu reescrever como ficção científica? Com clones?

Ela parou. Olhou para ele. Pensativa. Sérios sinais de que considerava a possibilidade absurda.

— Aí talvez tenha mercado no Japão.

E saiu, deixando no ar o aroma de lavanda e uma planilha emocional em andamento.

O Barbosa olhou para a tela mais uma vez. As palavras brilhavam ali, como

pequenas feridas abertas. Talvez fosse hora de admitir que ela estava certa. Ou talvez fosse hora de seguir em frente, mesmo que ninguém entendesse.

Mas então, enquanto ele refletia, ela voltou. Não trouxe palavras gentis nem um olhar que compreendesse — mas algo mais raro: um pouco de si mesma, disfarçado de crítica.

— Você não entende, Barbosa — disse, com a calma de quem anuncia o fim do *open bar*. Segurava um livro de *Beauvoir* como se fosse uma adaga, pronta para cortar ou apenas lembrar que sabia usar uma.

— Eu também tentei ser escritora — continuou, como quem confessa um erro de juventude digno de análise psicológica. — Na *Sorbonne Nouvelle*. Escrevi um conto sobre uma mulher que vivia dentro de um relógio. Meu orientador, um suíço que cheirava a queijo *Gruyère*, leu-o com aquele sorriso educado reservado aos casos perdoados, mas não salvos. Disse que era "interessante, mas faltava essência".

— Desde então, virei caçadora de vírgulas alheias. Talvez seja só inveja disfarçada de zelo. Porque eu sei o quanto dói criar algo... e ver o mundo ignorar.

Gabriela se retirou mais uma vez. Desta vez, deixando uma atmosfera mais leve no escritório. Como se, por um instante, tivesse largado no chão parte do peso que carregava nas costas.

Ele olhou para o teto. Tentou imaginar a mulher dentro do relógio. A maneira como ela contava os segundos sem nunca sair dali. Foi quando o *insight* o atingiu, despretensioso como um *spam* filosófico:

— E se eu fizer os clones viverem dentro de um relógio?

Riu sozinho. Pelo menos era algo novo. Algo diferente. Algo que poderia dar certo. Ou não. Afinal, Gabriela já tentara algo parecido — sem sucesso.

De qualquer forma, decidiu guardar o *pendrive*. Por enquanto.

Nota de Cozinha (adicione ao seu gosto — mas não confie no rótulo)

Ah, *Robert Louis Stevenson*! Esse escocês barbudo e melancólico que, em pleno século XIX, resolveu inventar uma fórmula química para explicar o que qualquer cabralino já sabia desde o primeiro churrasco de família: que dentro de cada um de nós mora um santo e um maluco — e, às vezes, os dois se revezam no controle do *WhatsApp*. Pois bem, se *Dr. Jekyll* tomava poções para se transformar em *Mr. Hyde*, o Barbosa aqui só precisa de um moletom sujo, farelo de pão nas mangas e um manuscrito chamado "*As Desventuras das Siamesas de Lesbos*" para se metamorfosear de aspirante a literato em paciente de pronto-socorro psíquico. A diferença? Enquanto *Hyde* esfaqueava prostitutas em becos londrinos, o Barbosa esfaqueia a língua cabralina com cenas de sexo sobre tanques de guerra e nomes como "*Biazinha, a Dama da Noite*" — o que, convenhamos, é bem mais perigoso.

Gabriela, por sua vez, é a versão moderna e bem-vestida do *Dr. Lanyon*: aquela figura racional que assiste, horrorizada, ao desastre criativo alheio com a compostura de quem acabou de ler o cardápio de um restaurante vegano em plena feijoada. Mas o mais *jekylliano* de tudo isso é que, no fundo, Gabriela também já foi um *Hyde* — ou melhor, uma *Jekyll* frustrada. A confissão sobre o conto da mulher dentro do relógio é o equivalente literário daquela foto antiga em que você aparece de franja e camiseta do *Charlie Brown*: dói, mas humaniza. E é aí que a narrativa ganha seu toque de genialidade trágico-cômica: não se trata apenas de um escritor ruim e uma revisora implacável, mas de dois lados da mesma moeda — ou do mesmo manuscrito. *Stevenson* diria que é a luta eterna entre o bem e o mal.

O Pesadelo

“O homem é constituído de uma centena, de um milhar de almas, não de uma só.”

Herman Hesse, *O Lobo da Estepe*

O Barbosa sonhava. Ou achava que sonhava. Havia algo de excessivamente deprimente naquela cena para ser apenas um sonho — os rostos, os sons, o constrangimento silencioso e coletivo. Era um pesadelo, sim, mas daquele tipo que não grita: apenas expõe. E, como costuma acontecer nos pesadelos de quem já fracassou acordado, tudo parecia exageradamente real e ligeiramente ridículo — algo como um *reality show* dirigido por *Ed Wood* e patrocinado pelo *IBGE - Instituto de Burocracia, Glorificação e Estimativas*.

Era o grande dia da **Feira Literária de São Inácio das Letras**, que contava este ano com o apoio oficial do *INPI – Instituto Normativo da Palavra Inventada*, responsável por garantir que toda palavra dita ali fosse única, original… e devidamente registrada.

Ele, como de costume, esquecera completamente do evento. No sonho, acordou usando uma camiseta com os dizeres: “Autor Convidado — Nostalgia Inclusa.”

Na vida real, aquela camiseta seria vendida em camelôs por C$ 5,99 ou trocada por um pastel.

Apesar da camisa que usava no sonho, não fora convidado como autor. Fora escalado como “atração *vintage*”. Um curador da feira — ex-crítico literário que agora oferecia mentorias para escritores bloqueados e workshops de “autenticidade criativa para *LinkedIn*” — achou que o Barbosa representava bem o espírito da literatura cabralina: um homem falido, dono de um único livro com relativo sucesso e sete anos de análise lacaniana sem alta.

— Você é praticamente um romance de autoficção em crise editorial — disse o curador, pregando-lhe no paletó um crachá feito de durex manchado de poeira, com um *QR Code* que levava direto a uma resenha de uma estrela no *Skoob*. Parecia um algoritmo do *absurdômetro*: uma vida transformada em produto com nota baixa no estoque da existência.

— Tem *Wi-Fi* aqui? — perguntou o Barbosa.

— Tem. Mas só para quem viraliza. E sorria, você está sendo filmado para o *Portfólio de Experiências Humanas* da feira.

Mas as estrelas da tarde úmida — a umidade era patrocinada por um ar-condicionado quebrado — eram, sem dúvida, *Morgana* e *Marluce*, as *Xifópagas da Autoajuda*. Chegaram num vestido só, costurado com fios de *coaching* e ilusão. As

mangas eram assimétricas: uma para abençoar, outra para bloquear *haters*. No peito, um broche: “Somos duas, logo resistimos”.

O Barbosa as observava da mesa vizinha, onde não havia fila, nem cadeira, nem exatamente uma mesa — para ser honesto. Apenas um cavalete sustentava um cartaz escrito à mão, em caligrafia duvidosa: “Obra única, destinada a quem ainda procura sentido entre vírgulas— Aceito *Bitcoin*.”

Gabriela, sua fiel companheira, tentava parecer ocupada assinando cheques imaginários, enquanto ele escrevia dedicatórias em guardanapos com frases como “Com afeto, de um autor em pré-estreia mundial” e “Esta obra-prima aguarda seu leitor ideal… urgentemente.”

— Elas são boas — murmurou ela, com aquele tom de quem mistura admiração e azia existencial.

— Boas em quê? Em simbiose? Em monetizar trauma? — respondeu ele, sem levantar os olhos do guardanapo, onde desenhava um gráfico de vendas com uma linha que descia até o inferno.

O apresentador subiu ao palco — um poeta performático com discurso engajado e currículo de influenciador, dente de ouro e a frase *Carpe Diem* tatuada no pescoço em *Comic Sans*. Movia-se como quem flutua, com aquela leveza desconcertante que só os gurus dos pesadelos modernos parecem dominar: uma mistura de carisma programado e rebeldia encomendada. Era o típico ícone da contradição contemporânea, alguém que usava a estética da crítica para se promover num mundo onde até a indignação virou mercadoria.

— Com vocês, as representantes do amor resiliente, da fusão afetiva e do duplo empoderamento... *Morgana* e *Marluce*! Ou, como dizem nas redes: *#IrmãsQueInspiram!*

Aplausos. *Selfies*. Uma senhora desmaiou (emoção ou pressão baixa? Mistério). Um drone soltou pétalas de rosas artificiais. Alguém gritou “Eu quero ser como vocês!”. E o Barbosa pensou que talvez estivesse morto. Ou pior: sendo cotado para participar de um podcast motivacional.

Morgana discursou:

— Não escrevemos para separar, escrevemos para fundir. Nossa dor é uma só, como nossos rins.

Marluce completou:

— E nossa conta bancária também, infelizmente. Mas o *karma* é *cashless*!

O público gargalhou. O Barbosa não. Sentia-se uma nota de rodapé prestes a ser cortada da revisão final da vida.

Cruzaram-se na saída. Ele tentou parecer casual, mas seu sorriso era o mesmo de quem esqueceu o cartão de crédito na hora de pagar o antibiótico genérico.

— Parabéns — disse, com a emoção de um atendente de pedágio.

— Obrigada. Quer que a gente leia seu próximo livro juntas? Podemos fazer vozes diferentes nos diálogos — respondeu Marluce, com um sotaque que oscilava entre a voz impessoal e pausada de um GPS e a monotonia de uma atendente de SAC às 3 da manhã.

— Ou dublar seus fracassos em estéreo — completou *Morgana*, sorrindo como só quem usa lente azul e cinismo orgânico consegue.

O Barbosa apenas sorriu. Um sorriso torto, como se mastigasse a própria biografia sem sal e com validade vencida.

Naquela noite, ainda no sonho, abriu um vinho barato — que, claro, explodiu,

manchando a camisa de “Autor Convidado”. Sentou-se à mesa e rabiscou um novo título:

“*Entre Corpos e Sombras: A Dança do Afeto*.”

Um plágio? Talvez.

Mas, como diria *Morgana*, agora projetada em holograma sobre a cidade:

— Todo mundo copia. A diferença é que a gente admite. E cobra direitos autorais.

> O Barbosa gritou: um grito agudo, literário, kafkiano, que ecoou como uma hipérbole perdida em um romance sem capítulo final.

∵ ∴ ∵

O Barbosa acordou encharcado, o coração disparado como se tivesse fugido de um apocalipse zumbi — ou, nas palavras que preferia para não soar dramático, de uma péssima escolha literária. Seus olhos, ainda turvos pela névoa dos sonhos, piscaram devagar — como quem desconfia de que a realidade seja apenas outro pesadelo, melhor disfarçado. *A “Pólvora & Poesia”*. O nome da revista ecoou em sua mente como um diagnóstico médico.

Quatro anos. Quatro anos desde que, num rompante de otimismo patológico, dera atenção àquela publicação — uma *Cosmopolitan* para intelectuais em crise de meia-idade. A capa do exemplar amaldiçoado ainda o assombrava: letras garrafais anunciavam *“A Saga das Xifópagas Lésbicas: O Retrato da Vida Moderna”*, assinado por Emilio Mordaz, pseudônimo tão sutil quanto um tiro de canhão. Era, claro, Emilio Castelo Neves — o mesmo que, na vida real, colecionava canecas de *Star Wars* e acreditava que *Nietzsche* explicava o *Big Brother Cabrália*.

O Barbosa sabia. Sabia que ler aquele editorial era como cutucar um vespeiro com um palito de dente. Mas lá estava ele, mergulhado até o pescoço em parágrafos que misturavam *Floribela* e *Jezabel* — as irmãs xifópagas lésbicas — a algoritmos de *Tinder* e políticos “de esgoto” (expressão que Mordaz usava como quem lança um *insight* genial entre um gole de café e um suspiro de autocomplacência). Leu tudo. Até o fim. Como um masoquista que, mesmo sabendo que o choque está na última página, insiste em virá-la.

— Eu devia ter comprado a *Caras* … ou a *Marie Claire* — murmurou, com aquela sabedoria tardia que só vem quando a gente tropeça na vida.

Mas não havia volta. O estrago estava feito. O editorial entrara em sua mente como um *Trojan horse* de lugares-comuns, e agora *Floribela* e *Jezabel* dançavam em loop em seu córtex pré-frontal, de mãos dadas com políticos de esgoto e algoritmos românticos.

Pelo menos, seus pesadelos agora estavam mais descolados daquele editorial maldito. Havia ali um certo quê de originalidade — finalmente, os nomes das gêmeas haviam sido promovidos, em seus sonhos, a algo mais... digamos, sofisticado: *Marluce* e *Morgana*. Porque, convenhamos, *Floribela* e *Jezabel*? Era brega demais, até para sonhos ruins. Soava como nome de dupla sertaneja cantando balada de amor traído em festa de peão — com direito a franjas no vestido e aquela sofrência que faz você questionar todas as escolhas que o trouxeram até ali.

Na verdade, até preferia sonhar com sua própria versão original — **Leninha e Biazinha** — mas, depois das críticas implacáveis de Gabriela, seu inconsciente achou melhor evitar novas humilhações.

Para ela, era evidente — tão óbvio que doía — que as siamesas não passavam de versões deturpadas, talvez por vingança, das duas primeiras esposas do Barbosa: Helena e Beatriz. O mais trágico, no entanto, era que ele próprio não havia percebido isso. Ou fingia que não. O que talvez fosse pior.

Ele era um desses raros casos de amnésia seletiva provocada por vaidade: não lembrava o que o comprometia, apenas o que o elevava. E nem isso com muita convicção.

Ele olhou para o lado. Gabriela dormia. A vida seguia. Restava-lhe apenas uma saída digna: voltar a dormir também. Talvez, no próximo sonho, encontrasse zumbis. Eles, pelo menos, só comiam cérebros. Não os *destruíam* com parábolas distópicas.

Leitura Crítica

A Cápsula do Tempo REV-4DCB-12 guardaria: um manuscrito revisado com anotações vermelhas — "Edição Final (Quase)"; uma caneta que vaza — "Tinta da Verdade Não Revelada"; e um *QR code* para — "Leitura Crítica Exclusiva (Erro 404)".

Do outro lado do portal, o **Coelho de Neve**, de óculos de revisão, saltitava entre parágrafos censurados e margens cheias de teorias — mastigando cenouras em formato de ponto final e *tweets* do Arquivo X.

"A ficção é a arte de fazer o leitor acreditar que o impossível é possível."

David Lodge, *A Arte da Ficção*

Gabriela voltou da cozinha com um copo d'água na mão — embora, sendo Gabriela, nunca fosse apenas um copo d'água. Era um símbolo: da hidratação, da paciência e, talvez, do último fiapo de civilidade antes do colapso conjugal. O *pendrive* que carregava era igualmente emblemático — penduricalho eletrônico contendo sonhos frustrados, alegorias ambiciosas e uma quantidade generosa de vergonha alheia.

Ela sentou-se à mesa e permaneceu em silêncio, com os braços cruzados de forma deliberadamente casual, enquanto o Barbosa inicializava o notebook.

— Vamos agir como adultos, Barbosa: leitura crítica. Sem dramatização — disse, inclinando-se para a frente, com os cotovelos apoiados na mesa e os olhos fixos na tela.

Ele franziu a testa, coçando a nuca enquanto tentava processar a frase.

— Isso é tortura consentida? — perguntou, levantando-se para servir duas taças de vinho, como se o tanino pudesse mascarar o abatimento crescente.

— Não. É o que sobrou do nosso contrato afetivo — respondeu ela, aceitando a taça que ele oferecia e tomando um gole lento, como se saboreasse cada gota de amargor.

Ela espetou o *pendrive* no notebook com a precisão de quem já removeu espinhos maiores da convivência. O arquivo abriu como se tivesse vergonha de si mesmo.

Lá estavam elas. Todas as figuras de linguagem. Em fila, suadas, barulhentas e pretensiosas — como se, após um coquetel marxista regado a canapés conceituais, tivessem decidido esticar a noite num baile *funk* na periferia, onde a bebida era livre e a pontuação, opcional.

> É possível que ninguém saiba mais onde termina a ironia e começa o desespero estético.

Gabriela começou a franzir a testa enquanto folheava os capítulos iniciais. Parecia uma expressão ensaiada, mas não menos genuína.

— Você realmente achou que isso aqui ia pegar? — perguntou, com um sorriso cínico escorrendo pelo canto da boca.

— Eu achei que ia soar... icônico.

— Icônico? Você soa mais como alguém tentando impressionar o professor errado.

Ela começou a ler em voz alta, como quem exorciza demônios literários:

— *"Capítulo 7: As Siamesas infiltram-se na rebelião dos Sindicalistas de Loden e Perrier…"*

Ele sentiu o suor frio dos condenados escorrendo pelas costas.

— Parece nome de bloco de carnaval intelectual.

— É uma crítica à união artificial do Estado! — rebateu o Barbosa, sem convicção.

— É uma alucinação de pós-graduando com déficit de campo de pesquisa.

Ela prosseguiu, impiedosa:

— *"As duas, presas pela cintura e unidas pelo desejo de subverter a lógica binária do Estado-nação, marchavam sensualmente com seus corpetes de algodão reciclado…"*

— Fusão entre erotismo político e resistência ecológica.

— Fetiche com consciência ambiental. Parabéns, Barbosa. Você inventou o *pornô militante*.

Ele encolheu-se na cadeira como um autor que vê sua obra virar *meme* — e não dos elogiosos.

— *"E o porão do antigo MEROS — Ministério Extraordinário de Registros Ocasionais e Sentenças —, com os diários secretos de membros da Grão-Confraria de la République?"*

Gabriela encarou-o:

— Você matou seus amigos de novo. Dessa vez, com adjetivos.

— Usei traços deles. Apenas *traços*!

— Usou até o apelido de Silvério e o jeitinho de andar do Dr. Henrique Sampaio. Isso não é homenagem, é plágio afetivo.

O Barbosa abriu a boca. Fechou. Questionou todas as suas escolhas.

— É meu jeito de lidar com a perda…

— A perda deles ou a sua de autocrítica?

Ela fechou o notebook com a solenidade de quem lacra um caixão. Sentou-se ao lado dele, não como cúmplice, mas como quem ainda acredita na reabilitação de criminosos textuais.

— Já se perguntou por que "*O Último Banquete da Rèpublika"* fez um certo sucesso?

— Porque desafia o sistema?

— Porque a crítica virou tempero *gourmet*. Você serviu denúncia com redução de balsâmico. A elite aplaudiu e pediu a receita.

Houve um silêncio breve, mas pesado. Como aquele que precede uma revelação inevitável.

— Escrever é seu modo de respirar. Mas quem você asfixia no processo?

— Todo mundo, acho.

O silêncio que se seguiu era do tipo que lateja, infestado de pausas mínimas e ruídos não autorizados — quase inaudíveis.

— Então reescreve.

— Até a parte do desfile de *lingerie revolucionária*?

— Principalmente essa. O proletariado não desfila, Barbosa. Ele marcha.

Ele suspirou, como quem engole a própria bibliografia.

— Preciso de ajuda.

— Sempre precisou. Mas escolheu o mito do gênio solitário em vez da força do coletivo. E olhe onde estamos: uma revolução em forma de monólogo.

Ela pegou o caderno. Anotou ideias com a desenvoltura de quem já gerenciou crises piores com menos papel.

— Trocamos as siamesas lésbicas por irmãs militantes. E chega de fetiche com lantejoula.

— E o *poliamor armado*?

— Mantemos. Mas como símbolo da esquerda rachada entre *trotskistas* e *youtubers*.

— Você é brilhante.

— Não. Eu sou *Maître d'Banquet*, Curadora de eventos e Consultora de imagem. Isso dá toda a credibilidade que alguém precisa hoje em dia.

Madrugada adentro, o manuscrito foi sendo desossado. Cortaram o pós-modernismo ornamental e acrescentaram feijão com arroz. Ao final, o arquivo — salvo com o nada definitivo nome de "versão_diet_gabi_v01.odt" — já não era exatamente literatura engajada, mas tampouco se resumia a mero engajamento literário. Era o que restava entre um corte de estilo e uma colherada do básico. Ainda assim, estava conformado. Sabia que aquela jornada representava apenas a primeira revisão e que, no fim, praticamente tudo seria reescrito, com seu estilo original diluindo-se nos rascunhos que jamais veriam a luz da publicação.

O Barbosa olhou para ela com uma ternura que não era romântica, mas editorial. A ternura de quem percebe, tarde demais, que revoluções começam na louça lavada e na vírgula bem colocada.

E pensou: "Talvez, enfim, tenha aprendido a cozinhar um texto que alimenta."

Mesmo que ainda sonhasse com a sobremesa.

Enquanto salvava o arquivo mais uma vez, arriscou:

— E se a gente publicasse isso anonimamente?

— Anonimamente? Pra quê? Você não tem vergonha suficiente pra isso.

— Mas e se for um fracasso? O título "*Siamesas da Mesma Rebeldia"* não parece muito expressivo...

— Então será um fracasso autêntico. E você pode transformar isso em material para o próximo livro.

Ela sorriu, mas havia algo quase triste no gesto, como quem sabe que o amor é sempre uma espécie de sacrifício.

— De qualquer forma — disse, levantando-se e esticando as costas —, você já escreveu o suficiente para nos garantir assunto nas próximas décadas de terapia.

Ele riu. Pela primeira vez naquela noite, pareceu genuíno.

Nota de Cozinha (servida em taça de cristal com rachadura filosófica)

David Lodge ficaria encantado — e talvez levemente constrangido — com esse espetáculo de teoria literária aplicada em tempo real, sem anestesia e com direito a vinho barato. Se "*A Arte da Ficção*" é um tratado elegante sobre o ofício de escrever, o manuscrito do Barbosa é sua versão *reality show*: "*Escrevendo com as Estrelas*", apresentado por uma revisora armada com sarcasmo, um copo d'água simbólico e a

paciência de quem já enterrou mais metáforas do que sonhos. *Lodge* dizia que cada escolha de estilo é um ato de consciência; Gabriela, mais realista, acredita que é um ato de penitência — e, às vezes, de justiça poética. Enquanto ele analisava o fluxo narrativo de *Henry James*, ela desmonta, com precisão cirúrgica, o fluxo de delírio de um *Autor* que confundiu "voz autoral" com "voz embriagada de protagonismo e canapés conceituais".

No fundo, o Barbosa e Gabriela são a síntese perfeita da criação literária contemporânea: ele escreve para ser lido (e admirado); ela reescreve para que, ao menos, seja legível. Ele invoca alegorias marxistas com corpetes de algodão reciclado; ela corta advérbios como quem lidera uma purga stalinista no roteiro. E o resultado? Um experimento literário tão autodestrutivo que mereceria um seminário intitulado "*O Autor como Vítima de Si Mesmo*". *Lodge*, ao ler a versão final do manuscrito provavelmente acrescentaria um novo capítulo ao seu livro: "*Quando a ficção pede desculpas pela própria existência… e ainda assim insiste em usar lantejoulas."*

Siamesas da Mesma Rebeldia

A Cápsula do Tempo SIA-5DCB-01 guardaria: uma bandeira de madeira rachada — "*Rèpublika* das Duas Cabeças"; sementes de carvalho — "Crescimento em Tempos de Fita Crepe"; e um machado enferrujado — "Cortando Hipocrisia".

> Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com escamas de casca de árvore, rugia: "Um tronco, duas raízes — até os sonhos apodrecem."
>
> *"Nunca sabemos realmente quem somos, nem ao certo o que queremos."*
>
> ***Lygia Fagundes Telles,*** *As Meninas*

O Barbosa chegou à editora com um *pendrive* novo. Era vermelho, com 64GB e promessas. Comprado no shopping, claro — templo moderno onde os deuses se chamam liquidação e a fé custa C$ 56.41. O valor incluía, além dos impostos, a ilusão de recomeço. Gabriela nomeara o arquivo como "versão_diet_agora_vai.odt". Otimismo de quem ainda acredita que literatura muda vidas. A dos autores, por exemplo, para pior.

Na recepção da *Calíope & Irmãs*, uma moça de óculos grandes e entusiasmo pequeno o reconheceu. Sorriso de quem vê um *meme* da década passada ressurgindo no grupo da família:

— O senhor é o Barbosa? O de "*O Último Banquete da Rèpublika"* ?

— Sim — respondeu, tentando esconder com modéstia o orgulho e a hipoteca emocional de quem foi viral por algumas semanas e vive disso até hoje.

Foi conduzido a uma sala onde Clarissa, editora-chefe, o esperava. Cabelo azul, anéis em todos os dedos e a expressão de quem já rejeitou sete romances sobre distopias com tubarões veganos naquela manhã.

— Barbosa! Nosso autor culto-confuso! — disse, cruzando os braços com o mesmo entusiasmo usado por garçons para anunciar que "acabou a cerveja grande". — Você virou uma lenda. Aquele escritor que lançou um livro e depois sumiu, tipo o sarampo.

Ele entregou o *pendrive* como quem oferece o coração. Ou um recibo.

— Está tudo aí. "*Siamesas da Mesma Rebeldia*". Revisada.

Clarissa abriu o arquivo com o cuidado de quem folheia um cardápio vegano procurando a picanha.

— Ah, sim. As gêmeas militantes.

Começou a ler. Ele suava. Não por nervosismo. Era a transpiração natural de quem sabe que a própria voz foi domesticada com régua, compasso e um pouco de culpa de classe.

— Parece mais... digerível — começou Clarissa, sem tirar os olhos da tela. — Aquela primeira versão era... como posso dizer? Um experimento social involuntário.

Ele tentou rir, mas o som saiu como um pigarro estrangulado.

— Fiz ajustes.

— Percebi. Menos sexo simbólico, mais política pop. Gosto.

Ela fechou o notebook com aquele estalo que costuma preceder a morte dos sonhos.

— Está mais… palatável. Menos devaneio anarquista, mais crítica social com potencial de *likes*. Gosto. Vende.

— Vende? — repetiu ele, como quem ouve o médico dizendo "benigno" e ainda pergunta "mas tem certeza?"

— Vende. E no mercado editorial de hoje, vender é o novo escrever bem.

A proposta veio com acessório: trilha sonora *vaporwave*, *podcast* narrado por atores do teatro engajado do subúrbio ferroviário ("gritam com talento") e ilustrações feitas por um artista da diáspora africana — para "dar um toque de ONU com arte".

O Barbosa saiu tonto. Era como um operário que, no fim do expediente, descobriu que a fábrica agora vende camisetas com a frase "revolução é sexy".

No estacionamento, Gabriela o esperava dentro de um *BYD Song Plus DM-i* vermelho, com bancos revestidos em material premium e sustentável, exalando um discreto cheiro de amaciante importado. Era um carro que rodava em silêncio absoluto, como se estivesse permanentemente de luto pelo fim da era dos motores barulhentos. O adesivo "Fora FMI", embora fora de época, ainda estava ali, destoando com elegância da modernidade do veículo.

— E aí? — perguntou ela, com a autoridade de quem jamais usou a palavra *branding* sem ironia.

— Vão publicar. Com trilha *vaporwave*. — respondeu o Barbosa, enquanto mexia em algo no bolso de revistas.

— E o que significa isso?

— Um som que parece ter sido feito num shopping abandonado há mais de três décadas, com eco de escada rolante e voz robótica dizendo "Promoção". — esclareceu ele, sem muito entusiasmo.

— E isso é bom?

— Não. Mas é *cult*. Eles acham que incomoda o sistema. Na prática, é só um jeito medíocre de parecer revolucionário sem sair do ar-condicionado.

Ela ligou o carro, digitou algo no painel sensível ao toque e disse ao sistema de voz:

— Destino: "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*.

O GPS piscou, hesitante, como se duvidasse da existência do local.

— Tem certeza de que você quer ir para esse endereço? — perguntou a voz do sistema, uma mistura de professora de *ioga zen* com atendente de telemarketing que acabara de perder a paciência: calma, mas passivo-agressiva.

Ela suspirou e desligou o GPS.

Voltou-se para o Barbosa e falou suavemente, sem pressa:

— Se o livro fizer sucesso, prometo não deixar você virar *coach literário*.

— Nem se eu ficar rico?

— Sobretudo se ficar rico. Aí é que te salvo de virar autor de *LinkedIn*, com foto em preto e branco e legenda do tipo "Escrevo para existir".

Ele olhou pela janela. As ruas passavam como críticas que ele fingia não ler. No porta-luvas, escondia a versão original do manuscrito — crua, esquisita, sincera. A que ninguém quer publicar, mas todos um dia deveriam ler.

E pensou: talvez fosse melhor assim. Porque hoje, até a revolução precisa de um bom plano de *marketing* e *visual clean* para ser levada a sério.

Enquanto o carro se perdia no trânsito, imaginou Silvério e o Dr. Henrique Sampaio rindo dele. Não do céu, claro — mas do boteco na esquina, com garçom que chama todo mundo de "meu chefe" e banheiro sem papel.

E ali, no limbo entre o autêntico e o vendável, entendeu: sua saga nunca foi sobre gêmeas siamesas. Era sobre ele mesmo — dividido entre o que acreditava e o que vendia. Preso na cintura apertada da própria concessão.

Gabriela, enquanto dirigia, lançou um olhar rápido para o retrovisor — o suficiente para capturar os olhos do Barbosa, que encaravam o teto do carro como se ali estivesse escrita a resposta para uma pergunta que ele nem sabia se queria fazer. Era seu lugar habitual: o banco de trás. Talvez fosse apenas mais uma neurose.

— Você sabia que esse livro não vai mudar nada, né?

Havia uma sutil ironia no tom de Gabriela, e algo mais: uma leve curiosidade, quase carinhosa, por aquele homem que ainda insistia em guardar livros como se fossem segredos pessoais.

Ele continuou olhando para cima, como se o teto do *BYD* fosse uma janela para alguma verdade transcendental sobre si mesmo.

— Eu sei. — respondeu, a voz baixa, quase rouca, como quem aceita uma derrota sem drama.

Ela torceu levemente os lábios, o sorriso contido, quase imperceptível.

— Mas ainda assim está feliz?

Ele fez uma pausa. Os dedos tamborilaram levemente na lateral da porta, num ritmo audível apenas para ele.

— Não. Estou aliviado.

Foi a vez dela ficar em silêncio. Um silêncio breve, mas significativo — como quem ouve um diagnóstico e percebe que o paciente, de alguma forma, se curou sozinho.

— Então tá. Alívio é o novo orgulho.

O Barbosa finalmente virou o rosto para ela, vendo o reflexo de seus olhos no espelho. Havia algo ali — não exatamente gratidão, mas reconhecimento. Ela sempre sabia onde encontrar as palavras que ele não tinha coragem de dizer.

O carro manteve seu silêncio tecnológico, como se também soubesse que, às vezes, o fim de uma angústia é tudo o que podemos esperar de um começo.

E, assim, seguiram em silêncio, rendidos às faixas amarelas da estrada, enquanto o rádio despejava algo entre sons de elevador corporativo, gemidos de sintetizadores retrô e a voz desacelerada de um *Bon Jovi* com labirintite — tudo isso sobre um fundo que lembrava *Guns N' Roses* anestesiado.

Obra, provavelmente, de algum gênio do *vaporwave* que, em vez de salvar a arte, decidiu enterrá-la com batidas suaves e nostalgia falsa.

Nota de Cozinha (não é spoiler — é digestivo)

Lygia tinha humor, ternura e uma curiosidade humana sem freios. Numa conversa descontraída com o Barbosa e Gabriela, reconheceria no Barbosa um personagem servido em bandeja — desses que o destino, num acesso de generosidade irônica,

deixa cair no colo do escritor. Gabriela, porém, era de outra estirpe: inteira *por causa* das rachaduras, *não apesar* delas.

Ao se despedir, murmuraria:

"Ele é um caos adorável — o tipo de fracasso que rende ótimas histórias. Já ela… sobre ela, só escrevendo."

Assim, "*As Meninas*" ganharia sua quarta colega: Gabriela — aquela que cita *Florestan Fernandes* com o olhar de quem lê *Nietzsche* no chuveiro (sim, a frase volta; o *Autor*, mais uma vez, não resiste), e negocia — com o sorriso de quem viu utopias virarem *release* — o cachê da revolução *by streaming*.

Lá, enquanto Lorena bordava, Ana sonhava e Lia panfletava, Gabriela revisava contratos com a frieza de quem sabe que utopia também paga imposto.

Oficina de Escrita Criativa

A Cápsula do Tempo EGO-5DCB-02 guardaria: um pergaminho de papel reciclado — "Autoficção Sustentável"; uma caneta-tinteiro de bambu — "Escreva Sem Derrubar Florestas"; e um fantasma de celulose — "Dr. Henrique: Crítico de Carbono Neutro".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com asas de folhas secas, sussurrava na Bienal: "Até os livros viraram CO2, Mas a vaidade é biodegradável?"

"A arte da ficção é a arte de viver duas vezes."

Henry James, *A Lição do Mestre*

O Barbosa decidiu se inscrever numa oficina de escrita criativa. Não por necessidade — já tinha sido publicado, cancelado e revivido em PDF —, mas por tédio. Ou talvez por vaidade. Ou por aquela culpa difusa que sente o artista quando passa três dias seguidos sem criar nada além de piadas internas com a geladeira.

— Oficina de quê? — perguntou Gabriela, franzindo a testa como quem acaba de ver um escorpião no chuveiro.

— Escrita criativa — respondeu ele, colocando ênfase em "criativa", como se fosse um tipo raro de escrita feita com *glitter* e dor.

Ela bufou.

— Ah. Daquelas oficinas em que o facilitador começa com "vamos escrever uma carta para nosso eu de dez anos"?

Ele fez uma careta quase imperceptível, como quem ouve uma música antiga tocando numa rádio do passado.

— Exatamente. E depois tem o exercício das pedras. Você segura uma e... sente a infância.

Tentou disfarçar, mas não muito bem. A vergonha estava ali, escorrendo na voz como tinta barata em papel reciclado.

Ela cruzou os braços, olhando para ele como quem avalia um diagnóstico complicado.

— Não entendo essa obsessão em voltar à infância. Você passou dez anos tentando sair dela com terapia — e agora querem que você reencontre seu "eu" pré-trauma… em formato de quartzo rosa?

Mas o Barbosa já estava inscrito. O folder dizia: "Desbloqueie seu fluxo criativo com técnicas ancestrais e café orgânico." Era caro, mas parcelava. E na Cabrália, tudo que parcela parece justificável — inclusive decisões ruins.

∵ ∴ ∵

No primeiro dia, o facilitador era um homem magro, de voz fina e suspensório, chamado Theo com “h”. Abriu o encontro com uma pergunta que era uma armadilha revestida de clichê:

— O que vocês esperam da escrita?

O Barbosa pensou em dizer “dinheiro”, mas preferiu a resposta neutra:

— Expressar o que não cabe no corpo.

Todos assentiram como se ele tivesse recitado uma epifania. Na verdade, tinha roubado essa frase de uma ex-namorada poetisa que usava tamancos mesmo em dezembro.

O exercício do dia era escrever uma história a partir do cheiro de alecrim.

O Barbosa escreveu sobre a vez em que queimou o alecrim tentando impressionar uma amante que era alérgica a tudo, inclusive a homens que falavam muito de si mesmos.

Quando leu em voz alta, Theo com “h” disse que havia “um certo niilismo masculino, mas com potência”.

Na pausa para o café orgânico — com certificado —, o Barbosa encontrou uma colega de turma, uma mulher de cabelos tingidos de lilás que parecia saída diretamente de um anúncio de aromaterapia. Ela o elogiou:

— Gostei da sua história. Tinha... autenticidade. Sabe, aquele toque de fracasso inevitável que todo mundo ignora, mas sente.

Ele sorriu, meio desconfortável.

— Acho que é minha marca registrada.

— É raro encontrar alguém que escreva sobre fracasso sem romantizá-lo. Normalmente, as pessoas transformam tudo em *hashtag*.

Ele concordou, mas não sabia bem o que responder. Então apenas tomou seu café, enquanto ela continuava:

— Eu mesma estou tentando escrever sobre o divórcio dos meus pais. Mas toda vez que começo, acabo transformando tudo em poesia ruim.

— Poemas sobre divórcios são sempre ruins — disse ele, finalmente. — Parece que a gente precisa dar sentido ao absurdo, mesmo que isso seja impossível.

Ela riu.

— Talvez por isso eu esteja aqui. Para aprender a parar de procurar sentido.

O Barbosa pensou nisso pelo resto da tarde.

No caminho de volta, Gabriela quis saber como foi.

— Me chamaram de potente.

— Já foi chamado de coisa pior, eu sei.

Ele tentou defender a experiência, mas tropeçou nas próprias palavras como quem tenta justificar uma tatuagem mal feita.

— Acho que estou reaprendendo a escrever.

— Ou desaprendendo com método.

∵ ∴ ∵

Naquela noite, sonhou com Clarissa, a editora de cabelo azul, fazendo *podcast* com Theo com “h”, enquanto Silvério e o Dr. Henrique Sampaio dançavam uma valsa na calçada de um bar, rindo da cara dele.

Acordou suado. Foi até a cozinha. Encontrou Gabriela escrevendo num caderno.

— O que é isso?

— Uma crônica. Sobre o dia em que meu namorado trocou a própria voz por uma pedra com cheiro de alecrim.

Ele sorriu. Sentou-se ao lado. E, por um segundo, achou que talvez ainda houvesse salvação.

Não para a literatura. Mas para ele.

Enquanto observava Gabriela rabiscar o caderno, o Barbosa arriscou:

— E se eu nunca mais escrever algo bom?

Ela olhou para ele como quem já ouvira aquela pergunta muitas vezes antes — e sempre pela mesma voz, trêmula de insegurança e orgulho ferido.

— O problema não é escrever algo bom — disse. — O problema é achar que só existe redenção no que você cria.

Ele olhou para ela, esperando uma resposta que não fosse mais uma crítica à sua insegurança. Ela, porém, apenas sorriu com os olhos — aquele sorriso antigo, que carregava memória e paciência, como se estivesse vendo não apenas o homem à sua frente, mas todas as versões dele que já existiram.

— A redenção... talvez nem exista — murmurou ela, quase em tom de confissão. — Talvez o que importe seja o instante entre a dor e a reação. Entre o fato e o melodrama. É ali que a gente respira sem gritar.

Ficou em silêncio por um segundo, como se pesasse cada palavra antes de dizê-la:

— Nesse espaço tênue... é onde tudo faz sentido. Ou quase.

Então, como se recitasse algo aprendido em voz alta num passado distante, continuou:

> Há uma fenda sutil entre o que acontece e o que sentimos. Entre o fato que nos atravessa e a tempestade que poderia vir depois. Nesse espaço tênue, onde o silêncio ainda não virou grito, mora a alma...

O Barbosa escutava, parado. Sentiu as palavras descerem fundo — sem peso, mas com força. Não era uma resposta. Era uma pausa. E às vezes, pausas são tudo o que as pessoas precisam para seguir em frente.

Talvez, afinal, a escrita criativa não fosse sobre criar. Talvez fosse apenas sobre continuar existindo, mesmo quando tudo ao seu redor parecia perder o sentido.

E, por algum motivo, isso lhe pareceu mais honesto do que qualquer recurso estilístico que ele pudesse inventar.

> ***Nota de Cozinha (melhor servir com ironia morna)***
>
> Enquanto todos discutiam a última obra-prima inexistente — aquela que, segundo a elite cabralina, fazia tanta falta ao seu "desenvolvimento intelectual pleno" —, o Barbosa se perguntava se alguém notaria que seu único livro de sucesso servira, na verdade, de travesseiro para a mediocridade alheia. Descobrira, tarde demais, que alguns livros não nascem para ser lidos, mas para ser citados em coquetéis ou oficinas literárias por gente que tampouco os leu — gente que, de resto, confunde *Kundera* com um tipo de cerveja artesanal.
>
> E, curiosamente, não se trata de um equívoco totalmente absurdo: há, de fato, uma **Kundera Kölsch**, produzida pela Lion Bridge Brewing Company, em Cedar Rapids (Iowa).
>
> Só que, para essa elite, literatura e *tasting notes* compartilham o mesmo destino: ambas são degustadas, raramente compreendidas — e invariavelmente, bem

fotografadas.

Revolução em Caneca de Café

“Jejuar era a única coisa que eu sabia fazer bem.”

Franz Kafka, *Um Artista da Fome*

O Barbosa chegou à **Bienal do Livro** com uma credencial pendurada no pescoço e um cansaço pendurado na alma. Era o convidado de um painel intitulado *“A Literatura como Ato Político no Século da Alienação Curada por Mindfulness”*. O título já doía mais que as costas do escritor.

Gabriela não foi. Disse que não aguentava mais vê-lo transformado em mascote da “esquerda gourmet”.

— A esquerda cultural cabralina não construiu nada além de uma muralha de clichês para esconder sua incapacidade de pensar — sentenciou, com a voz firme de quem largou o privilégio, mas não a lucidez.

Preferiu ir à feira da reforma agrária comprar farinha orgânica e dignidade.

Algo tinha mudado em Gabriela. Mudado mesmo, tipo reforma agrária no espírito. Não era só o cansaço — aquele cansaço de quem já discutiu meritocracia num grupo de *WhatsApp* com a própria mãe. Nem era só a aparência, embora houvesse agora um certo brilho fatigado nos olhos, como quem andou lendo *Sartre* e *Bourdieu* de madrugada, na tentativa ingênua de entender se somos livres para decidir ou prisioneiros bem-educados de um sistema que nem sabemos que nos controla.

O que realmente mudara era o jeito como ela erguia o dedo. Um dedo com a autoridade de quem já cancelou três namorados, dois professores e um congressista. E aquele timbre de voz... grave, afiado, com sílabas que batiam na cara da elite extrativista como palmadas pedagógicas. O termo “capital simbólico” na boca de Gabriela soava como convite indecente — desses que vêm com bibliografia.

Quando ela falava em “acesso desigual aos mecanismos de mobilidade social”, o Barbosa não sabia se militava ou se tirava a roupa. E toda vez que ouvia “a classe média como cão de guarda da elite”, era automático: mais um gole de vinho, um suspiro e um leve tremor nas convicções.

Ela citava *Florestan Fernandes* com o olhar de quem lê *Nietzsche* no chuveiro — e era impossível não se apaixonar. Ou se desesperar. Ou os dois, que é o jeito mais comum de amar hoje em dia.

O mais curioso — ou trágico, dependendo do ponto de vista — é que Gabriela vinha, ela mesma, das entranhas bem acarpetadas da elite. Criada a pão de queijo artesanal e intercâmbio em Bordeaux, falava de desigualdade com a autoridade de quem já esteve dos dois lados do balcão: o que explora e o que problematiza.

O Barbosa, entre um devaneio e outro, se perguntava se não era ele o catalisador de tudo aquilo. Se a convivência com um escritor falido e estruturalmente desajustado não teria gerado nela esse surto de lucidez revolucionária. Ou seria apenas o amor — aquele, dramático e inevitável — que *Florbela Espanca* descreveu entre suspiros e pontuações torturadas?

Difícil saber.

Mas hoje não. Não estava presente.

Na mesa, entre uma professora de semiologia tântrica e um influenciador literário com milhões de seguidores e vocabulário de quatro palavras, sentiu-se um vestígio arqueológico — um fósforo usado tentando acender a fogueira das vaidades alheias.

— Barbosa, como você vê o lugar da narrativa subversiva no *Instagram*?— perguntou a mediadora, sem ironia.

— A narrativa subversiva morreu na *timeline* seguinte à publicação de *skincare* revolucionário — respondeu, com o riso preso entre os dentes.

Risos protocolarmente respeitosos. Em seguida, a palavra passou para o influenciador, que iniciou seu discurso com *"*Como diz *Deleuze…"* e terminou recomendando um box de livros de colorir para a revolução interior.

O Barbosa apenas sorriu. O mesmo sorriso que usava quando o Dr. Henrique Sampaio, já meio bêbado, citava *Walter Benjamin* para justificar o ato de queimar a correspondência da última esposa — como se um *colecionador de ruínas* pudesse legitimar um gesto tão profundamente vazio.

O Dr. Henrique Sampaio agora era só lembrança. Cinza na beira da memória — e, quem sabe, no *"Café Crônica & Memória"*, se o tempo fosse generoso com fantasmas (ou com fregueses que ainda pedem sua sobremesa favorita).

No estande da editora, alguém o reconheceu. Uma jovem com óculos redondos e um caderno coberto de adesivos de *Frida Kahlo* e *Che Guevara*. Ela falou com entusiasmo:

— Barbosa! Eu li "*O Último Banquete da Rèpublika*" numa noite só! A parte da feijoada metafórica me emocionou muito.

Ele ergueu os olhos da revista que folheava sem interesse, encarou a jovem por um instante e, por fim, sorriu — como quem tenta lembrar se já tinha lido aquele livro antes... e onde.

— Obrigado. Foi baseada em um surto.

Ela piscou, confusa, mas interessada — como um filhote de cachorro que ouve uma palavra nova e ainda não sabe se deve latir ou abanar o rabo.

— Sério?

— Claro. Todo autor que se leva a sério precisa de pelo menos três surtos e uma crise existencial por semestre.

Ela riu. Comprou o livro novo, "*Siamesas da mesma Rebeldia*", tirou *selfie*, marcou com a *hashtag #RevoluçãoEstilizada*. Ele assinou com sua caneta emprestada — esquecera a dele no bolso do casaco da última crise conjugal.

∵ ∴ ∵

Mais tarde, no café da Bienal, tomou um expresso aguado. Sozinho. Gabriela tinha razão: aquele mundo não era feito para gente de verdade. Era feito de embalagens recicladas, ideias desidratadas e revoluções que cabem em canecas com

slogans de esquerda pop.

Lembrou-se de Silvério. Das noites em que discutiam *Marx* com fome, e das manhãs em que só sobrava a fome. Silvério teria detonado aquele evento com um panfleto artesanal e um megafone desregulado. Tinha raiva genuína, não essas angústias de boutique que agora vendiam como resistência.

No caminho de volta para casa, no metrô, o Barbosa folheou seu próprio livro: "*Siamesas da Mesma Rebeldia*". Estranhava aquelas palavras domesticadas. Gabriela tinha ajudado na revisão — limado os excessos, atenuado os arroubos criativos, equilibrado o manifesto com digestibilidade.

Ele suspirou, virando as páginas como quem analisa um relatório médico com diagnóstico incômodo.

— Esse sou eu? — murmurou para si mesmo, baixo o suficiente para que ninguém ouvisse.

Um homem ao lado, com um boné escrito "*Capitalismo Sustentável*", olhou para ele brevemente antes de voltar a mexer no celular.

O Barbosa continuava pensando alto, mas em silêncio.

— "Não é nem sobre o livro ser bom ou ruim. É sobre ele ser... aceitável. Como um prato de comida que você sabe que vai te alimentar, mas nunca vai te satisfazer."

Chegou em casa e encontrou Gabriela na cozinha, cortando legumes com a precisão de um cirurgião. Ela não tirou os olhos da faca ao perguntar:

— Como foi?

— Foi... educativo.

Ela ergueu o olhar por um segundo, como se duvidasse da própria audição.

— Eles gostaram do seu livro novo? — perguntou, já com um leve cinismo no tom.

— Parece que gostaram. E é isso que me mata.

Ela parou por um momento, colocou a faca de lado e o encarou com aquele olhar que misturava paciência e exasperação.

— Você queria o quê? Que eles te odiassem? Que te chamassem de traidor da causa? Barbosa, você escreveu algo que as pessoas conseguem ler. Isso não é fracasso. É evolução.

Ele ficou quieto. Não sabia se concordava. Ou se algum dia concordaria.

— Mas e se evoluir significar perder a essência? — arriscou, quase num sussurro.

Ela voltou a cortar os legumes, como quem fecha uma porta invisível com cada movimento da faca.

— Essência é superestimada. No fim, o que importa é continuar vivo. Mesmo que seja só para questionar o que fazer com o próximo capítulo da vida.

Ele não respondeu. Sabia que ela estava certa. Mas também sabia que essa certeza não o salvaria de si mesmo.

O livro estava bom.

E era justamente isso que o entristecia.

> ***Nota de Cozinha (não substitui refeição emocional)***
>
> Alguém na *Bienal* disse ao Barbosa que seu último livro era genial. Ele não se lembrou de perguntar se o leitor estava bêbado ou apenas cansado demais para discutir. A genialidade, como o amor e a intoxicação alimentar, muitas vezes está nos olhos de quem vê — ou de quem já não enxerga direito, mas insiste em dar nota de cinco estrelas.

Jantar Literário e Outras Formas de Autoexílio

A Cápsula do Tempo CAF-5DCB-03A guardaria: um café servido em copo de "Madeira de Reflorestamento Duvidoso"; um pires com rachaduras — "Passado em Estado de Toras"; e um marcador de página — "Autoexílio: Edição Ecológica".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, entalhado em móvel velho, resmungava: "Entre a xícara e o desmatamento, escolho o vácuo... e um *NFT* de árvore."

"O exílio começa quando você se sente estranho na sua própria casa."

Jonathan Franzen, *As Correções*

O jantar foi na casa de um curador literário com nome de uísque escocês e vocação para pajé da intelectualidade cabralina. O Barbosa chegou com Gabriela, atrasados como convém a quem não queria estar ali.

A anfitriã os recebeu com a empolgação artificial de quem serve canapé de coalhada com quinoa como se fosse comunhão.

— Que bom que vieram! Estávamos discutindo o impacto da autoficção na construção de uma nova epistemologia do afeto.

— E a comida é de verdade? — perguntou Gabriela, sem sorrir.

A casa era grande, branca e cheia de gente vestida de preto. Um homem com lenço no pescoço falava sobre a importância da literatura produzida em residências artísticas nos Andes, enquanto uma mulher de franja milimetricamente desalinhada lamentava a gentrificação do sertão.

O Barbosa só queria uma taça de vinho. Ou uma saída de emergência.

Gabriela circulava como uma antropóloga infiltrada num ritual burguês: observava, anotava mentalmente e julgava. Quando voltaram a se encontrar perto da mesa de queijos veganos, ela disse:

— Você tá gostando disso tudo, né?

Ele bebeu um gole do vinho tinto, servido em taça de plástico biodegradável. Fingiu pensar por um instante, mas o sarcasmo veio rápido:

— Do queijo sem leite? Da performance sonora com fragmentos de "*Água Viva*" de *Clarice Lispector* recitados em tupi antigo, acompanhados de gemidos conceituais? Claro, estou em êxtase.

E então, assumindo um ar teatral, como se estivesse em plena performance

experimental, fixou os olhos no vazio e, com uma entonação absurdamente caricata, recitou a frase, carregando exageradamente na ironia:

— *"Não me prendam, por favor. Deixem-me ser. Sentir é um fato."*

E, claro, enquanto falava, já calculava mentalmente o próximo suspiro que faria — aquele típico suspiro de quem "descobriu a si mesmo" durante uma leitura de *Clarice Lispector* numa tarde chuvosa, com música ambiente de *Villa-Lobos* e café orgânico.

Gabriela cruzou os braços, o queixo ligeiramente erguido — o gesto clássico de quem já vira aquela encenação antes... e sabia que ela não tinha melhorado nem um pouco.

— Você está ficando bom nisso. Nesse fingimento social.

Ela queria dizer mais. Dizer que ele estava virando um espelho do sistema que dizia criticar, que seu talento agora cabia em colunas de jornal e entrevistas mornas. Mas engoliu a frase junto com o canapé de beterraba. Já tinha distribuído ironia demais para uma noite só.

Ele engoliu em seco. Mais indigesto que o tofu com beterraba defumada era aquele tom de Gabriela — o da mulher que amava o homem que conhecera, e tolerava o que ele tentava ser.

— É só um jantar literário — disse, quase suplicando com a voz.

Ela balançou a cabeça devagar, como quem acompanha um eclipse.

— Não é. É a vida que você escolheu. O Barbosa palatável. O que dá entrevista dizendo que "precisamos nos reconectar com a potência do cotidiano*"*. O que fala de dor sem se sujar com ela.

Ele apertou a haste da taça com força, como se precisasse esmagar algo.

— E você queria o quê? Que eu explodisse a casa com um poema de revolta?

— Não. Queria que você lembrasse quem escreveu "*O Último Banquete da Rèpublika"*.

Ela sabia que a reescrita de "*As Desventuras das Siamesas de Lesbos"* — transformada em "*Siamesas da Mesma Rebeldia"* para atender às exigências do plano editorial da *Calíope & Irmãs* — havia deixado cicatrizes em Barbosa. Desde então, já não era o mesmo. Estava mais contido, hesitante, como se pisasse em ovos até com as próprias ideias. Parecia uma versão diluída de si mesmo, uma sombra pálida do autor que um dia sonhara ser.

O silêncio entre eles durou mais do que a leitura performática de um texto sobre a morte do masculino no imaginário de *Nárnia*. Depois ela se afastou, indo ao banheiro ou ao passado — o Barbosa não soube dizer.

Foi resgatado por um crítico literário que exalava vinho tinto e entusiasmo falso.

— Barbosa! Parabéns pelo novo livro. Li num voo para Lisboa. Gostoso de ler. Gostoso!

Ele agradeceu com um meio sorriso. Pensou em responder que também era "gostoso de sofrer", mas o *timing* havia morrido junto com sua espontaneidade.

∵ ∴ ∵

Na volta para casa, Gabriela dirigia com os faróis baixos e os argumentos altos.

— Você sabe que eu te amo, né? — disse ela.

— Sei. Só não sei se ama o que sobrou de mim.

Ela não respondeu. O rádio tocava "*Whispers Through the Trees*". *Christina Samsa*,

voz em lágrima, cantava a fragilidade humana, o vazio do mundo — e, mesmo assim, a teima de buscar sentido onde só há fim.

Quando chegaram, ela foi direto para o quarto. O Barbosa ficou na cozinha, diante da geladeira vazia, como um personagem de telenovela latino-americana. Pegou uma cerveja morna. Abriu.

Lembrou do Dr. Henrique Sampaio e de Silvério. Teriam rido dele. Ou escrito uma crônica inteira sobre como até o fracasso vira produto em tempos de desespero estético.

Ele olhou pela janela. Lá fora, a cidade seguia indiferente. Aqui dentro, o escritor tomava a sua *birra* com sabor de ausência, tentando entender como é que se perde uma mulher por falta de rebeldia.

Mais tarde, quando o silêncio do *Casarão* já pesava como uma acusação, resolveu ir ao quarto. Encontrou Gabriela sentada na beirada da cama, olhando para o nada com aquela expressão cansada que ele conhecia bem.

— Eu não sei mais quem sou — disse ele, baixo, como quem confessa um crime que ainda não cometeu.

Ela suspirou, virando-se para encará-lo.

— Sabe, Barbosa... No mundo atual, ninguém tem plena consciência de quem é — disse, olhando diretamente para ele. — A diferença é que alguns admitem que não sabem direito quem são. Outros usam *hashtag* de autoconhecimento e fazem *live* às 21h, como se tivessem descoberto a verdade última do universo num *smoothie* de linhaça.

Ele sentou-se ao lado dela. Não disse nada. Sabia que qualquer palavra seria insuficiente.

— Talvez eu devesse ter seguido carreira de contador — murmurou ele, tentando aliviar o peso da conversa.

Ela riu, mas o som saiu mais como um suspiro.

— Você nunca conseguiria. Contadores precisam de ordem. E você... você precisa de desordem. Só que agora você nem sabe mais onde encontrá-la.

Ele concordou, em silêncio. Era verdade. Tinha domesticado tanto a si mesmo que já não sabia onde estava o animal selvagem que um dia fora.

— Então o que faço? — perguntou, finalmente.

Ela olhou para ele com uma mistura de ternura e desesperança.

— Comece escrevendo algo que você não entende. Algo que te assuste. Talvez aí você encontre o caminho de volta.

Ele ficou quieto. Sabia que ela tinha razão. Mas também sabia que isso não seria fácil. Talvez devesse voltar para as "*Siamesas de Lesbos*"

No fim, ambos permaneceram em silêncio, compartilhando o peso de uma verdade que nenhum dos dois estava pronto para enfrentar completamente: que o amor, assim como a literatura, às vezes exige sacrifícios que as pessoas não estão dispostas a fazer.

Nota de Cozinha (adicione ao seu gosto… enquanto ainda há gosto)

Jonathan Franzen escreveu sobre uma família americana disfuncional; o Barbosa — sem perceber — tornou-se seu primo literário cabralino, perdido entre *tofu* e teoria pós-estruturalista. Se *Franzen* destrincha as neuroses de um clã suburbano tentando manter as aparências, o Barbosa encarna o mesmo drama, só que com filtro de *Instagram* intelectual e canapé de beterraba: o fracasso travestido de curadoria

cultural. É a tragédia moderna de quem trocou o instinto por um *release* de editora e o arrebatamento por uma nota de rodapé em revista literária.

No fundo, o Barbosa é um herdeiro tropical de *Franzen* — o filho pródigo da culpa e da concessão. Ambos querem "corrigir" a própria ruína: *Franzen*, com ironia lúcida; o Barbosa, com ironia alcoólica. O jantar literário, como em "*As Correções*", é apenas o palco onde os afetos vão ao micro-ondas e os egos, ao *buffet*. E quando Gabriela fala do "Barbosa palatável", ecoa a grande verdade *franzeriana*: não há nada mais trágico — nem mais cômico — do que um homem que tentou ser autêntico demais e acabou virando uma versão sustentável, biodegradável e levemente orgânica de si mesmo.

Bar Parágrafo & Poeira

“Decidi que não desceria mais das árvores, nem mesmo por um instante.”

Italo Calvino, *O Barão nas Árvores*

O Barbosa entrou no *“Bar Parágrafo & Poeira”* como quem esqueceu algo — não um objeto, mas um propósito. Do lado de fora, o mundo parecia ter ficado suspenso, preso na vitrine embaçada de uma realidade que já não lhe dizia respeito. Lá dentro, o tempo obedecia a outra lógica: não cronológica, mas narrativa.

O ambiente era envolto por uma penumbra deliberada, como se a luz tivesse aprendido a respeitar o silêncio das palavras. Cada lâmpada parecia escolher cuidadosamente a mesa que desejava iluminar, como se reconhecesse ali um trecho inédito, uma pausa longa, um personagem inacabado.

As mesas, de mármore manchado pelo tempo e pelo café forte — servido em bules que pareciam saídos direto da era dos *Beatles* —, sustentavam copos solitários, jornais antigos e memórias ainda em fermentação. Nas paredes, fotografias em preto e branco: jogadores da geração de *Pelé* e *Beckenbauer*, artistas de chapéu panamá, operários de macacão, repórteres que já tinham sido presos por escrever demais. Havia também quadros emoldurados de jornalistas esquecidos, cujos nomes se apagavam como manchetes fora de circulação. Num canto, em uma moldura discreta, a primeira edição do jornal *O Pasquim* — escoltada pelas fotos de *Ziraldo*, *Millôr Fernandes*, *Jaguar* e *Henfil*.

Ele hesitou. Por um instante, pensou em recuar. Mas seus pés pareciam saber mais do que ele. O *“Bar Parágrafo & Poeira”*, como toda entidade que vive entre mundos, não se revelava a qualquer um. E agora que o havia deixado entrar, era porque o considerava pronto — ou, ao menos, suficientemente ferido.

Cada passo seu fazia ranger o assoalho e, talvez, acordar lembranças que o lugar fingia ter esquecido. O cheiro era de óleo quente, poeira e memória em baixa rotação. Ao fundo, uma vitrola soprava *“Águas de Março”* com a mesma suavidade de uma carta nunca enviada. Era um lugar onde o tempo andava devagar, como se desconfiasse de si mesmo. Ali, cada gesto carregava o peso de uma crônica não escrita.

Fernando Veríssimo estava ali, sentado perto da janela, olhando para fora como se o passado pudesse atravessar a rua e sentar ao seu lado. Ao lado dele, um homem com óculos grossos e camisa amassada, como se tivesse saído direto de uma crônica sobre decadência urbana. Tinha um jornal aberto à sua frente — *“O Alienista da Madrugada”* — dobrado de forma imprecisa, quase desleixada, e entre os dedos segurava um cigarro apagado, como quem finge que fuma enquanto pensa.

Era *Zuenir Ventura*, com aquele olhar que misturava memória histórica e desconfiança de tudo que cheirava a novidade vazia.

Tudo parecia normal — como nos filmes antes do primeiro grito. O ar era denso, como se estivesse guardando segredos. As luzes tremeluziam levemente, não o suficiente para chamar atenção, mas o bastante para quem soubesse observar. O som da vitrola parecia vir de mais longe do que deveria. E, embora houvesse outras pessoas no recinto, nenhuma delas falava alto — como se todos estivessem ali por um motivo maior do que simplesmente beber ou conversar.

Era como se o bar fosse um nó de realidade — um bolsão temporal que só se materializava durante tempestades de ambiguidade, quando o tecido do mundo real enrugava sob a chuva ácida da memória. Um refúgio silencioso para escritores, jornalistas e profetas caídos, como se tivesse saído diretamente das páginas de *Sandman*, uma parada surreal para almas cansadas em busca de descanso momentâneo.

O Barbosa aproximou-se sem pedir licença. *Veríssimo* desviou o olhar da janela e fez um gesto discreto com a cabeça, convidando-o a sentar. Ele obedeceu, meio hesitante. Recebeu um sorriso enigmático do escritor, que parecia saber exatamente o que ele estava pensando.

— Ora, se não é o autor de "*O Último Banquete da Rèpublika"*!

Veríssimo disse isso com um sorriso irônico que o Barbosa já conhecia bem.

— Esperava você aqui há muito tempo. Sabia que todo autor que publica mais de um livro acaba vindo parar nesta mesa.

Ele ainda não havia recuperado o fôlego quando *Zuenir* virou-se para ele e perguntou:

— Barbosa, tu vieste aqui esperando absolvição ou resenha?

— Um prefácio — disse o Barbosa, com um fio de voz. — Algo que me anteceda, me explique… me justifique.

Zuenir se inclinou para a frente, as mãos entrelaçadas sobre a mesa, como quem prepara uma conclusão didática.

— A única coisa que justifica um escritor, Barbosa, é a sua autenticidade. — disse com a voz calma, quase confidencial. — Me diga uma coisa: você já leu "*O Tempo e o Vento"*?

A pergunta veio sem pressa, como quem não esperava uma resposta imediata, apenas o silêncio necessário para que a memória fizesse seu trabalho. Sua voz era baixa, quase narrativa em si mesma — como se cada frase fosse parte de um documentário sobre a Cabrália que ninguém assistiu até o fim.

— O grande épico de *Erico Veríssimo*. A maneira como ele entrelaça o tempo, o vento, as gerações... O poder da história, da memória? Pode ser um pouco maçante para quem não tem paciência com romances longos, mas o conteúdo... é algo. Ao menos é genuíno.

Zuenir fez uma pausa, deixando o silêncio fazer parte da fala. Depois voltou a encará-lo, como quem tenta ler mais do que as palavras ditas.

O Barbosa riu, com um tom seco. Já estava familiarizado com as intermináveis discussões literárias sobre a autenticidade e o peso das palavras. Mas ele também sabia que isso não era algo que se resolvesse facilmente. E ele sabia que, com certeza, essa era uma crítica velada ao seu segundo livro "*Siamesas da Mesma Rebeldia"*.

— Eu prefiro os livros mais... palatáveis, digamos assim.

Ele se recostou na cadeira, tentando parecer mais à vontade do que estava.

— Gosto de uma narrativa mais direta, algo mais rápido, mais ágil, sem muitos rodeios. Não sei, talvez seja a minha era. A de textos mais curtos, mais polidos, mais... "prontos", como "*Siamesas da Mesma Rebeldia"*.

Veríssimo ergueu uma sobrancelha. Sua expressão era uma mistura de fascínio e desconfiança.

— Eu sabia que você ia falar sobre o seu segundo livro, "*Siamesas da Mesma Rebeldia"*, Barbosa.

Zuenir interveio, como uma fala pausada, como quem escolhe cuidadosamente as próximas palavras.

— A questão é que você não está criando uma história, meu amigo. Você está criando um produto. Um produto para vender. E num tempo em que as narrativas que fazem barulho são aquelas que não dizem nada... ou dizem tudo, mas de forma tão agradável que você nem percebe que está sendo engolido pelo vazio daquilo.

Veríssimo ouviu com atenção, sem tirar os olhos do Barbosa. Depois de alguns segundos em silêncio, falou:

— Mas o problema não é escrever para vender. É escrever sem estar presente.

Sua voz era calma, mas carregada de um certo cansaço nostálgico, ao citar o pai.

— *Erico Veríssimo* escreveu durante ditaduras e esperanças fracassadas. Você escreve no vácuo de um tempo que não espera mais nada. E isso muda tudo. Porque hoje, a ausência de conflito é o próprio conflito.

O Barbosa ficou em silêncio, engolindo as palavras que estavam prestes a sair. Queria se defender, mas a verdade é que sabia que estava sendo, de alguma forma, culpado. Quando pensou que poderia ser mais, o mercado e as exigências da sociedade fizeram com que ele se perdesse na repetição daquilo que era popular. Olhou para a sua xícara de café, agora frio, e tentou se recompor.

— Acho que a diferença entre nós...

Disse, encarando *Fernando Veríssimo*, mas seu olhar parecia atravessar décadas — como se, na verdade, falasse com o próprio *Érico*.

— ... é que "*O Tempo e o Vento"* foi escrito em uma época em que o autor tinha a esperança de que seus livros mudassem o país. Ou pelo menos contribuíssem para isso. Eu não tenho essa ilusão. Eu sou um produto, assim como a "*Siamesas da Mesma Rebeldia"*. Não há mais heroísmo em escrever um livro, apenas uma necessidade de se encaixar num nicho.

Zuenir balançou a cabeça devagar, como quem ouve uma justificativa que já ouvira antes, em outras vozes, em outros livros.

— Barbosa, a literatura não morre nas livrarias vazias, como você quer crer, mas nas mãos de autores cheios de concessões.

Zuenir recostou-se na cadeira, cruzando os braços, e continuou:

— A questão não é se você escreve para vender, mas se você escreve com presença. Com verdade. Eu, pessoalmente, acho que o seu livro *Siamesas*... Bem, é quase uma paródia de si mesmo. Você se perde no politicamente correto, naquela necessidade desesperada de agradar a um público que já não distingue politização de polarização. Seu livro é um reflexo de uma sociedade que não sabe o que é autêntico, mas insiste que tudo tem que ser. Uma paródia de um mundo que se vende como progressista, mas que, no fundo, ainda teme qualquer forma de resistência real.

O Barbosa engoliu em seco. Não sabia o que dizer. Tudo soava verdade, e ao mesmo tempo injusto. Queria dizer algo sobre como a "nova literatura" era moldada pelas condições do mercado, sobre como não tinha escolha senão escrever o que

venderia, mas tudo isso soava como desculpa. Olhou para *Fernando Veríssimo*, como se esperasse alguma resposta mais acolhedora. O olhar que recebeu foi, no mínimo, distante.

— Você quer saber o que falta, Barbosa?

Veríssimo inclinou-se para a frente.

— Falta alma. Falta a verdade de alguém que não está pensando na próxima venda. Falta a profundidade que "*O Tempo e o Vento"* tem, mesmo com sua lentidão e suas falhas. Porque o que importa é que, ao final, aquele romance é genuíno. Não importa se as pessoas gostam ou não. O que importa é o que você sente quando lê. Quando o autor está tão presente no que escreve que não há como não ser tocado pela sua verdade.

O Barbosa sentiu um nó na garganta. Não estava preparado para esse tipo de crítica. No entanto, algo dentro dele, algo negligenciado por muito tempo, começou a se agitar.

Olhou para as duas figuras à sua frente — dois homens de letras e causas, duas gerações de guardiões de uma memória que ele nunca vivera — e sentiu-se, de repente, como um personagem de segunda mão numa narrativa que não parecia mais sua.

— Vocês dois são mais parecidos do que pensam — disse *Zuenir*, cruzando as pernas com suavidade.

— A diferença é que Fernando escreve com ironia, e você, Barbosa... com desespero bem pontuado.

Fernando Veríssimo riu pela primeira vez, baixo e quase tímido.

— É por isso que a gente precisa de *Zuenir* aqui. Ele é o tradutor simultâneo da nossa agonia.

O Barbosa olhou para *Zuenir* como quem encontra abrigo durante uma tempestade editorial.

— Eu li "*1968: O Ano que Não Terminou"* três vezes. Achei que ia me preparar para o fracasso eterno, mas me deu esperança.

Zuenir sorriu, paciente, como quem já havia enterrado aquela mesma esperança tantas vezes antes.

— A esperança é uma teimosia que a gente educa com o tempo.

O Barbosa abaixou os olhos. Lá fora, no corredor do tempo, ecoava o barulho de uma nova fornada de cronistas tentando ser relevantes no *Twitter*.

— Então o que eu faço? Desisto?

Perguntou, o tom carregado de ironia e desespero.

Veríssimo recostou-se na cadeira, observando-o com aquela serenidade típica dos mais velhos — gente que viu tantas revoluções virarem moda que aprendeu a esperar o próximo movimento com calma.

— Não. Você faz o que tem que fazer, Barbosa.

Falou, sem pressa, como quem solta uma sentença sabendo que ela vai ecoar por muito tempo na mente do condenado — ou pelo menos até a próxima mensagem no *WhatsApp*.

— Você escreve. Não para agradar, não para se vender. Escreva para você. Se não for isso… não será literatura. Serão apenas palavras soltas, prontas para serem esquecidas.

— Se você não tem leitor, não tem mercado — retrucou o Barbosa, mexendo os dedos no bolso como quem tenta esconder uma dúvida. — E se você não tem

mercado...

Ele parou por um instante, como se analisasse o peso de suas próximas palavras, e concluiu:

— ...é impossível reservar um lugar para a literatura na vida das pessoas.

— O impossível só se torna realidade quando sua narrativa é mais sedutora que o medo da mudança — respondeu *Zuenir*, como quem escrevia um poema invisível no ar.

Por um momento, o Barbosa ficou em silêncio, tentando absorver o sentido das palavras de *Zuenir*. O bar estava vazio ao redor deles, e o mundo parecia distante. Sentiu a presença do Dr. Henrique Sampaio pairando ali, entre o que queria ser e o que tinha se tornado. Mas também sentiu a dor de uma perda silenciosa, de um talento adormecido, de uma vida que poderia ter sido diferente, se tivesse tido a coragem de ser ele mesmo.

Fernando Veríssimo levantou-se, alongando discretamente as costas.

— Vamos, *Zuenir*. O próximo da fila é um *youtuber* que publicou um livro de autoajuda em forma de *thread*.

Zuenir despediu-se com um aceno gentil, como quem oferece não perdão, mas compreensão.

— Não desiste, Barbosa. Até os piores livros ensinam alguma coisa — nem que seja o que não fazer.

Eles caminharam até uma porta que minutos antes não estava ali. Não era nova nem antiga; era como se sempre tivesse estado ali, esperando o momento certo para aparecer. Ao abri-la, não havia clarão ou som dramático — apenas o silêncio absoluto, e um corredor de névoa onde o tempo parecia não existir.

O Barbosa viu-os sumirem por ela, e por um instante, teve a estranha sensação de que aquela não era a primeira vez que eles entravam ali — nem seria a última.

Enquanto o silêncio se instalava, sentiu que, por um breve instante, não estivera conversando sobre literatura. Estivera conversando sobre si mesmo. E, como sempre, não entenderia tudo. Nem precisava.

∵ ∴ ∵

O Barbosa acordou com um sobressalto. A luz suave da manhã penetrava pelas cortinas, e ele se encontrou deitado em sua cama, o corpo quente e as ideias ainda turvas pela mistura entre o sono e o despertar. A sensação que o envolvia era estranha, como se tivesse vivido algo intensamente real, mas que se dissipava rapidamente à medida que o mundo acordava.

Ele olhou para o lado e viu Gabriela adormecida ao seu lado, os cabelos espalhados pelo travesseiro, o rosto tranquilo, como se nada no mundo fosse capaz de perturbá-la. Observou-a por um momento, o olhar perdido, e não pôde deixar de sorrir, mesmo que com um resquício de melancolia.

O sonho — aquele encontro no *"Bar Parágrafo & Poeira"*, a materialização simbólica na Cabrália da lendária "*Estalagem do Fim do Mundo"*, onde o tempo parecia andar mais devagar e as palavras carregavam um peso quase tangível — ainda pulsava em sua mente. E o que ele sentia, acima de tudo, era uma paz singular: não aquela que surge da resolução, mas aquela que nasce da aceitação.

Aquela conversa, aquele confronto com o que ele poderia ter sido, com o que deveria ter sido, parecia agora uma espécie de despedida. Talvez dos próprios ideais.

Talvez do próprio desejo de ser escritor. A verdade era que, lá no fundo, sentia que não queria mais seguir por esse caminho. E, por mais difícil que fosse admitir, não sabia se tinha algo a dizer que valesse a pena ser dito.

Com um suspiro, virou-se para ela, ainda adormecida, e, por um momento, sentiu uma leveza no peito. A vida não era mais sobre grandes conquistas ou realizações literárias. Era sobre o simples ato de estar ali, com ela, naquele momento. Talvez, fosse isso que ele sempre precisasse: não palavras, não sucesso, mas presença.

Ele sorriu mais uma vez, a sensação de felicidade tomando conta dele, enquanto o sonho se dissipava lentamente.

Nota de Cozinha (não contém glúten metafísico)

Se *Italo Calvino* tivesse frequentado o "*Bar Parágrafo & Poeira*", teria escrito "*O Barão nas Árvores*" não sobre um nobre que foge da sociedade subindo em árvores, mas sobre um escritor que foge do mercado editorial para um bar onde o tempo é narrativo, o café vem em bules *beatlesianos* e os fantasmas citam *Ariano Suassuna* com óculos grossos. O *Barão* recusava o chão da hipocrisia familiar; o Barbosa tenta recusar o da "literatura palatável", mas tropeça nas próprias vírgulas — bem colocadas, mas vazias. Enquanto o *Barão de Calvino* se equilibrava entre galhos e ideais, o Barbosa tenta se equilibrar entre a culpa e a própria folha em branco — e tropeça nela toda vez que tenta escrever.

Calvino via a imaginação como refúgio ético; aqui, virou nicho de mercado, e o refúgio, um bar que só aparece quando o escritor está ferido. O paradoxo do Barbosa é que, ao contrário do *Barão* — que viveu fora do mundo sem deixar de nele atuar —, ele tentou viver dentro dele sem nunca estar presente: tornou-se um produto com crise de consciência. Como diria *Calvino*, com um gole de café frio: "**A literatura não mora nas prateleiras, mas na coragem de não virar decoração.**" Por sorte, o Barbosa ainda tem tempo para subir numa árvore — mesmo que seja só a de um sonho, com Gabriela ao lado e o *Pasquim* vigiando do alto.

Leitura no Ônibus

A Cápsula do Tempo CAF-5DCB-03B guardaria: um guardanapo amassado com frase rabiscada - “Gente que lê em ônibus não tem tempo pra hermenêutica.”; e um *QR code* num pedaço de jornal velho, apontando para uma *live* às 21h com o título: “A Nova Literatura: Como Escrever Sem Dizer Nada.”

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, encostado na parede como uma pintura esquecida, cochilava sob o peso da escolha: “Prefiro o cheiro do ônibus lotado ao perfume do sucesso editorial. Entre a arte e o algoritmo, escolho o suor do leitor invisível.”

“Às vezes, a lucidez chega tarde demais.”

José Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez*

O Barbosa estava no ponto de ônibus. Não porque tivesse perdido o carro — isso acontecera anos atrás, junto com o contrato de exclusividade e a vontade de não responder e-mails. Estava ali por decreto: Gabriela decidira que ele precisava sentir na pele como é se locomover na Cabrália sem ar-condicionado, sem fone de ouvido para abafar o mundo e apertado no meio de uma multidão que não se importa com sua crise existencial. A experiência, segundo ela, poderia libertar seu bloqueio criativo.

Para o dia a dia, usava o carro de Gabriela — o único veículo no *Casarão*. Mas essa comodidade fora suspensa por conta da nova abordagem terapêutica que ela adotara — ou melhor, inventara da noite para o dia, logo após terminar a leitura de “*O Caminho do Artista”*, de *Julia Cameron*.

— Andar de ônibus faz bem pra alma criativa — decretara ela, com a autoridade de quem havia assimilado o livro como um evangelho. — O que a *Cameron* prega é sair do casulo, reabastecer o poço criativo com a vida real. Observar pessoas comuns nos seus *habitats* naturais.

Dissera isso com o tom de alguém que acabara de ler o primeiro capítulo de um manual de autoajuda e já se sentia apta a mudar não só sua própria vida, mas também a rotina literária do Barbosa.

O Barbosa duvidava. Ela jamais pusera os pés num ônibus na Cabrália, mas agora citava trechos como: “Ande de transporte público. Ouça conversas alheias. A vida lá fora é seu melhor rascunho.” — com a convicção de uma xamã urbana recém-iniciada — e armada com *hashtags*.

Mas, apesar de sua alma ser mais propensa a contusões do que a inspirações,

obedeceu.

Lá estava ele, entre uma mochila alheia e um cheiro indefinível de sujeira pública, olhando para o horizonte com cara de quem espera não o ônibus, mas um milagre, quando ouviu a pergunta:

— Você que é o Barbosa? O cara que escreve sobre o poder indo pro fundo do poço?

Levantou os olhos, e ali estava: um homem gordo, suado, com cara de quem lia livros de verdade em ônibus de verdade. Trazia debaixo do braço uma edição surrada de "*O Último Banquete da Rèpublika"*, com o canto da capa mordido, como se o livro tivesse sido confundido com um pastel em algum momento.

O ônibus chegou. O homem subiu. O Barbosa também, meio desajeitado como um urso fora de seu *habitat*.

— Li seu livro, assim que ele ficou mais... acessível — disse o homem, acomodando-se ao lado do Barbosa com a naturalidade de quem invade sofá em velório de parente distante. — Comprei num sebo. Estava entre um *Paulo Coelho* meio molhado e a biografia do *Chico Anísio*. Acho que as pessoas desistiram dele.

O Barbosa forçou um sorriso. Tentou achar alguma dignidade na palavra *sebo*, como quem procura caviar num prato de farofa.

— Não me leve a mal — continuou o sujeito, já abrindo um pacote de biscoito como se estivesse num piquenique —, mas tem livro que só fica bom depois que sai da livraria. Quando perde o preço e ganha sentido.

O Barbosa respirou fundo. Aquilo doía mais do que crítica de suplente de colunista.

— Na época, eu fazia manutenção de elevador. Era bom ter algo que não fosse manual técnico. Agora, resolvi reler. — continuou.

O Barbosa assentiu, constrangido como um ex-ídolo que encontra um fã no açougue.

— E depois? Você escreveu mais alguma coisa? — perguntou o homem. Havia na voz dele uma empolgação quase comovente, como se tivesse esbarrado num herói literário em carne, osso e boleto vencido.

Essa era a pergunta. A mais simples. A mais cruel.

— Escrevi, sim. Mas... outras coisas. Menos viscerais. Mais... alinhadas.

O homem não percebeu as entrelinhas. E o Barbosa invejou aquela ignorância como se invejasse a paz dos que nunca tentaram vencer pelo *ISBN*.

— Eu gostava daquela parte em que o personagem morria engasgado com um cubo de gelo. Achei que era humor negro, mas depois percebi que era só burrice mesmo do personagem. Ri pra caramba.

— Era sátira — respondeu o Barbosa. — Mas também burrice. É possível ser os dois.

O homem sorriu, como quem relembra uma anedota particularmente boa, e então, sem aviso, abriu um armário de velharias íntimas, expondo memórias que não pediram permissão para vir à tona.

— Naquele tempo, quando eu lia seu livro na volta do trabalho, era outra vida. Até a marmita me roubavam nas paradas do *Centro*. Três vezes numa mesma semana. — Riu com um som rouco, de quem aprendeu a transformar desgraça em anedota. — Levavam até o *tupperware*. Aí parei de levar comida. Passava fome... mas lia mais.

O Barbosa o encarou em silêncio, incapaz de rir. O homem falava com a serenidade de quem já conseguiu transformar tragédia em paisagem cotidiana — e

não precisava mais dramatizar para ser escutado.

— Foram tempos difíceis. Minha filha estudava à tarde, estava no último ano do ensino médio. A cartela de vale-transporte era contada — daquelas antigas, de papel, coloridas. A gente dividia como dava. Ela usava pra ir pra escola, e quando faltava ticket, eu me virava — ia a pé, pedia carona, às vezes nem ia. Mas ela estudava. Isso era o que importava. Hoje ela já tem o emprego dela... mas, infelizmente, não tem mais tempo pra ler.

Ele ficou um tempo olhando pela janela, como se esperasse ver a si mesmo passando pela calçada, com a marmita debaixo do braço e os olhos treinados para sobreviver à cidade.

— E foi num desses dias que seu livro fez diferença. Sabe aqueles dias em que até a luz fluorescente parece debochar de você? Pois então. Li um trecho — nem era nada demais, só uma comparação boba entre dignidade e guardanapo ecológico reutilizável. Dizia que "a dignidade era como um guardanapo reutilizável de restaurante popular: ninguém nunca sabe se deve usar ou jogar fora". E eu ri. Sozinho. No ônibus lotado. Gente me olhando torto. E eu ali, rindo. Porque me lembrou que dá pra rir mesmo quando tudo fede a fritura e cansaço.

O Barbosa não respondeu. Não por falta de palavras, mas por excesso de impacto.

Ele não lembrava desse trecho. E, no entanto, agora ele existia.

— Sabe, eu sempre achei que você escrevia pra gente como eu. Gente que lê no ônibus. Que não tem tempo pra entender esses "troços" complicados que os críticos falam.

O Barbosa engoliu em seco. O comentário soava como um elogio, mas carregava o peso de uma acusação implícita. Pensou em responder, mas as palavras pareciam presas na garganta, como se qualquer tentativa de explicação fosse apenas outra forma de justificar sua própria mediocridade.

O ônibus parou. O homem levantou, limpando as migalhas da calça.

— Continue escrevendo. Gente como você é importante. Principalmente pra lembrar que cultura também é coisa de pobre, só que ninguém avisa.

O homem desceu. E desapareceu como veio: sem pedir licença, mas deixando a alma do Barbosa toda fora da estante.

A última frase martelava em sua cabeça: "*cultura também é coisa de pobre.*"

Mas como? Se o que abunda na Cabrália são artistas que se julgam revolucionários, recitando monólogos sobre injustiça social numa sala vazia, com cheiro de mofo e café requentado, para uma plateia mínima formada pelos amigos da elite cultural — um espetáculo que se contenta com aplausos de quem já concorda.

Enquanto isso, os ônibus continuam a circular, cheios de leitores sofridos, suados e cansados, mas ainda à espera de um *Lima Barreto*.

∵ ∴ ∵

Lembrou então dos *Veríssimos* — pai e filho. Mas, dessa vez, não era apenas uma lembrança qualquer. Primeiro, sonhara com *Fernando Veríssimo* e *Zuenir Ventura*, conversando com eles como velhos conhecidos no *"Bar Parágrafo & Poeira"*. Depois, no início daquela semana, tivera outro sonho — desta vez, com os dois *Veríssimos* juntos — num encontro estranho, quase real. O mais inquietante, porém, era que o sonho estava se tornando recorrente.

Algo sobre aqueles dois escritores o assombrava, como se estivessem de alguma

forma se infiltrando em sua escrita. O Barbosa não entendia direito o porquê, mas talvez, no fundo, fosse uma tentativa de encontrar algo que faltava em seus próprios textos. Talvez fosse a sensação de que ele precisava aprender a escrever de um jeito mais… generoso. Ou talvez mais simples. Talvez mais humano.

O pai *Veríssimo* criara um país paralelo de crônicas inteligentes, onde até a ironia tinha ternura, e o filho, com seu olhar afiado, transformara a crônica em um mapa emocional da classe média, aquele que ri da própria tragédia no intervalo entre o cafezinho e a demissão. Sempre os admirou. Mas sabia, com uma clareza dolorosa, que nunca seria nenhum dos dois. O humor generoso do pai escapava-lhe, assim como o domínio do filho sobre o banal revelado. Ele era mais um cronista da fratura exposta, da ferida sem atadura, do gracejo azedo que, ao invés de confortar, afastava.

E talvez esse seja mesmo o seu dom: machucar com palavras que fingem ser piada — um humor que não consola, apenas cutuca a ferida com um garfo sujo de ironia.

Enquanto andava, pensou: ser um *Veríssimo* era como ser um jazzista que entende o silêncio entre as notas. Ele, o Barbosa, era mais como um saxofonista asmático tentando improvisar em banda marcial.

Parou numa padaria. Pediu um café. Pão na chapa. Nada vegano. Nada revisado.

Abriu o caderno de anotações e rabiscou uma frase solta:

"O leitor do ônibus lembrava mais do livro do que eu. E talvez tenha entendido mais também. Talvez o sucesso seja isso: ser lido por alguém que te leu com fome."

Enquanto escrevia, percebeu que o garçom o observava com curiosidade.

— Isso é poesia? — perguntou o homem, apontando para o caderno.

O Barbosa hesitou.

— Não. É só uma frase. Alguma coisa que me ocorreu.

O garçom sorriu, como se entendesse completamente.

— Parece importante. Como uma letra de música triste.

O Barbosa riu, baixo.

— É exatamente isso. Uma música triste que ninguém quer ouvir.

O garçom voltou ao balcão, deixando o Barbosa sozinho com seus pensamentos.

Terminou o café. Não tinha pressa de voltar para casa. Gabriela ainda estaria lá, organizando o caos emocional com listas e infusões naturais. Talvez ele admitisse que ela estava certa. Talvez não. Talvez escrevesse sobre isso e fingisse que era ficção.

Afinal, tudo era ficção agora. Até ele mesmo.

∵ ∴ ∵

Quando finalmente decidiu voltar — como quem retorna de um exílio autoimposto de meia hora e uma eternidade de vaidade — encontrou Gabriela na sala. Sentada à mesa, um caderno aberto à frente.

Ela o olhou. Não com raiva. Mas com aquela expressão típica das mulheres inteligentes: a de quem já sabe o final da história e está apenas esperando o protagonista tropeçar em suas velhas contradições.

— Você foi ao ponto de ônibus? — perguntou, com a voz de quem serve veneno em porcelana inglesa.

— Fui — respondeu ele, tentando parecer casual, mas com o olhar de um condenado que pede clemência ao carrasco.

— E? Como foi a experiência?

— Encontrei um leitor.

Ela arqueou uma sobrancelha, provocante, com a elegância de quem está prestes a desmontar uma farsa.

— Um leitor? De quê?

— Do meu livro. "*O Último Banquete da Rèpublika*". Ele o leu num ônibus.

Ela soltou um leve sorriso. Não o de ternura, mas o de quem reconhece o personagem de uma peça que já viu ensaiada mil vezes — e sempre com os mesmos erros de dicção.

— E o que ele disse?

— Que achou engraçado. Que riu muito.

Ela fechou o caderno com a solenidade de um juiz encerrando o julgamento. Olhou para ele com um misto de compaixão e sarcasmo.

— E isso te incomodou?

Ele hesitou. Porque a verdade dói mais quando é dita com doçura.

— Um pouco. Ele riu das partes erradas, eu acho.

Ela se recostou na cadeira, cruzando os braços como quem se prepara para uma tese.

— É que ele leu no ônibus, amor. Gente que lê em ônibus não tem tempo pra hermenêutica. Tá rindo pra não chorar. O teu livro, na mão de um leitor de ônibus, vira resistência. Não porque é bom — o que é discutível —, mas porque é um milagre alguém ainda ler no meio do sufoco diário.

Ele piscou, confuso. Como sempre que ouvia palavras com mais de quatro sílabas em tom de crítica. E, estranhamente, gostado.

Era aquilo. Aquilo exatamente. A forma como ela disse "hermenêutica" com a mesma naturalidade com que outras mulheres dizem "café". A leveza com que entregava críticas como quem oferece uvas no deserto. O modo como tratava o "milagre da leitura popular" como se falasse de um *strip-tease* ideológico.

Ele, que já tivera quedas por escritoras, poetisas e até uma socióloga vegana que falava latim nas horas vagas, jamais sentira tamanha admiração por alguém que citava opressão estrutural como quem recita versos de amor.

O Barbosa hesitou.

— Não sei. Talvez. Ele lembrou mais do livro do que eu. E talvez tenha entendido melhor também.

Ela suspirou, como quem já havia passado por aquela conversa muitas vezes antes.

— Barbosa, talvez você nunca venha a ser o que espera ser. Nem o escritor que queria. Nem o homem que sonhava. Mas isso não significa que você falhou. Significa que você está vivo.

Ele ficou em silêncio. Sabia que ela tinha razão. Mas também sabia que isso não resolveria nada.

No fim, murmurou apenas:

— Talvez eu só precise aceitar que sou um autor de ônibus.

Ela sorriu.

— Os melhores costumam ser. Espelhe-se em *Lima Barreto*.

Ele engoliu em seco. Sentiu-se pequeno, descalibrado — como quem tropeça e descobre que, talvez, o único caminho que resta seja justamente aquele que vinha tentando evitar.

∵ ∴ ∵

À noite, o Barbosa dormiu mal. Não era insônia de agenda cheia, mas da outra, a insônia existencial, que começa nos bolsos vazios e termina em devaneios filosóficos no escuro. O dia inteiro ecoava na cabeça — especialmente o episódio do fã operário que riu do livro por engano ou resistência.

Foi assim, nesse torpor entre o sono e o arrependimento, que ele se viu numa espécie de fábrica abandonada. O lugar tinha cara de ruína histórica ou de repartição pública pós-golpe. Paredes descascadas, eco de vozes que ninguém disse, e uma moça de coque e jaleco anotando coisas numa prancheta invisível.

Estava ali, suando dentro de uma camisa de linho amarrotada, segurando um exemplar de *"O Último Banquete da Rèpublika"* como quem segura a carteira de identidade num posto de saúde: com medo de que não valha mais nada.

Resmungava, como sempre, quando surgiu o homem. Negro, magro, paletó com saudade de uma passada de ferro, e um olhar de quem já tinha lido o mundo — e reprovado a resenha.

— O senhor é escritor? — perguntou o homem, com voz de veludo velho.

O Barbosa hesitou. Na dúvida entre o orgulho e a modéstia, escolheu a autodepreciação, que sempre soava mais simpática.

— Tentei ser. Hoje sou... um sobrevivente editorial. E o senhor?

O homem sorriu de canto.

— Escrevo. Ninguém me publica, mas continuo escrevendo. Meu nome é Afonso. Alguns me chamam de Lima.

O Barbosa arregalou os olhos.

— *Lima Barreto*? O... *"Triste Fim de Policarpo Quaresma"*?

— O mesmo. Quer dizer, mais ou menos. Na Cabrália, escritor pobre geralmente vira fantasma. Eu só aceitei o papel.

O Barbosa riu nervoso. Tentou parecer espirituoso:

— Pois saiba que eu o li! No colégio! Eu era jovem e... bem... não entendi nada.

— Natural. A escola ensina meus livros como se fossem bula de remédio antigo. Mas escrevi foi para gente que não tem tempo de interpretar simbologias complexas — só de sobreviver. Gente de bonde, de botequim. Gente que lê com o corpo cansado.

O Barbosa sentiu um leve desconforto. Era como se tivesse ido a uma entrevista de emprego e o entrevistador tivesse mais dignidade no sapato do que ele na carreira inteira.

— Então... o senhor é tipo um escritor de ônibus?

Lima encostou na parede, pensativo.

— Se o ônibus for lotado, fedido e estiver atrasado, sim. Porque é lá que mora a verdade. Eu escrevia para quem carrega o país nas costas — e ainda lê no caminho.

— O que me toca é aquele que lê com os olhos machucados de tanto viver, não com as sobrancelhas erguidas de quem apenas julga — completou, como se fosse uma confissão e, ao mesmo tempo, um desabafo.

O Barbosa engoliu seco. Pela primeira vez, olhou para seu livro como quem percebe que publicou um livro de receitas no meio de uma greve de fome.

— Eu queria ter escrito como o senhor.

Lima sorriu. Um sorriso de quem já morreu, mas ainda observa.

— Não. Queria ter sido lido como eu. Mas sem pagar o preço.

— E qual foi o preço?

Lima olhou para o teto descascado, como se lembrasse de todos os jornais que não o entenderam.

— Ser considerado menor por quem nunca pegou trem das seis.

∵ ∴ ∵

O cenário começou a sumir. A moça do jaleco virou fumaça. A fábrica virou lençol. O Barbosa acordou com o coração batendo rápido — e uma certeza incômoda: talvez seu maior erro não tenha sido fracassar como escritor, mas tentar escrever só para quem podia pagar.

Ficou deitado, imóvel, com os olhos fixos no teto, como se esperasse encontrar ali a resposta que nunca veio — cada segundo prolongando-se como silêncio queimado no fundo da panela: amargo, insistente e impossível de ignorar. A verdade, se ousasse admiti-la, era que havia se deixado moldar. A verdade, se ousasse admiti-la, era que havia se deixado moldar. Quando Gabriela sugeriu "ajustes editoriais" em "*As Desventuras das Siamesas de Lesbos"*, disfarçou o incômodo com ironia, mas aceitou. Primeiro, cortaram os palavrões — "afastam o público médio". Depois, limaram os exageros grotescos — "um pouco mais de sobriedade ajuda no posicionamento". Ajustaram a sexualidade das personagens e refinaram o título: "*Siamesas da Mesma Rebeldia"*. Por fim, apagaram até a sombra do sarcasmo que dava vida àquelas personagens absurdas, deixando no lugar uma fábula domesticada.

Ele permitiu. Pior: justificou a si mesmo com um discurso racional — "é o mercado", "é o momento", "ninguém mais publica literatura com delírio narrativo". Mas, no fundo, sabia: havia abdicado do que era essencial em sua escrita. Sabia que estava mais para Emílio Mordaz do que para *Graciliano Ramos*, e que tentar vestir a roupa da literatura respeitável — sóbria, ponderada, domesticada — era como sufocar a própria voz com gravata de linho.

No divã imaginário onde se projetava, via agora sua rendição como um sintoma. Não apenas da vaidade de ser publicado, mas da neurose do pertencimento. Desejara ser aceito, amado, validado por um público que nem sequer lera seu primeiro livro. Repetia a fantasia do autor que se dilui na promessa de sucesso — ou ao menos de tolerância.

E ainda ecoava em sua mente a crítica ácida do velho *Zuenir*, proferida num bar de encruzilhada, onde o real e o imaginado se entrelaçavam sem aviso — um lugar onde o tempo parecia esquecer seu próprio fluxo e o ar carregava o cheiro de óleo quente misturado a memórias amargas:

> A questão não é se você escreve para vender, mas se você escreve com presença. Com verdade. Eu, pessoalmente, acho que o seu livro Siamesas... Bem, é quase uma paródia de si mesmo. Você se perde no politicamente correto, naquela necessidade desesperada de agradar a um público que já não distingue politização de polarização. Seu livro é um reflexo de uma sociedade que não sabe o que é autêntico, mas insiste que tudo tem que ser. Uma paródia de um mundo que se vende como progressista, mas que, no fundo, ainda teme qualquer forma de resistência real.

O Barbosa desviou o olhar para dentro — não para fugir, mas para absorver o choque daquela verdade. Doía porque era real. A suavização conceitual de sua obra, travestida de amadurecimento, fora, na verdade, um silenciamento. Traíra a própria loucura criativa — aquela que o fizera escrever com raiva, escárnio e brilho. Talvez,

pensou, ainda houvesse tempo de recuperar a voz original.

Cemitério e Outras Formas de Confissão

A Cápsula do Tempo AMOR-5DCB-04 guardaria: uma rosa de compensado — "Amor com Certificado de Validade"; um diário de casca de árvore — "Confissões para Minhocas"; e um coração talhado a facão — "Cupido Desempregado".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com chifres em forma de galhos, escrevia em nuvens de serragem: "Até o amor virou lenha para a fogueira dos *influencers*."

"Sempre pensei que havia algo mais. Mas não há."

Michael Cunningham, *As Horas*

Era sábado, e o Barbosa acordou antes do despertador. Não por disciplina ou espiritualidade. Mas porque, àquela altura, o sono era apenas um intervalo entre culpas. Meia hora depois, como de costume, o despertador gritou mais alto que sua consciência, ordenando que se levantasse.

Obedeceu. Levantou-se. Vestiu a camisa de linho que Gabriela detestava — "*parece roupa de locutor de rádio dos anos rebeldes"* — e saiu sem avisar. Não queria companhia. Nem discussões. Só silêncio. E talvez algum arrependimento bem armazenado, como os vinhos caros que só bebeu quando seus amigos importantes ainda estavam vivos — e isso aconteceu muito raramente, já que o vinho preferido deles era o barato: a bebida oficial da resignação na Cabrália.

O cemitério era o mesmo de sempre: árvores demais para a tristeza, pássaros demais para a culpa. Caminhou até o jazigo 3F, onde descansava o Dr. Henrique Sampaio, o último a morrer. *Síncope*. Ou tédio acumulado. Nunca soube ao certo.

Ficou em pé por alguns minutos. Sem flores. Sem frases de efeito. Só ele, o túmulo, e a sensação incômoda de que tinha usado o amigo como matéria-prima literária.

O Dr. Henrique Sampaio fora o personagem mais amado de "*O Último Banquete da Rèpublika*" — o anarquista de meia-idade, sociólogo, que fazia panquecas e discursos incendiários com a mesma espátula fina: cortava o ar e a massa com igual precisão revolucionária. A crítica o achara "cativante". O público, "icônico". Mas o verdadeiro Dr. Henrique Sampaio odiaria ser ícone. Preferia ser ouvido.

E agora estava ali, debaixo de mármore e folhas secas, enquanto o Barbosa seguia respirando — e dando entrevistas mornas sobre um livro quente.

Sentiu uma pontada no peito. Não de dor, mas de vergonha. Era como se cada palavra elogiosa que recebeu fosse um insulto ao homem que jamais poderia

responder.

— Você foi melhor na vida do que na ficção — murmurou, baixo, dirigindo as palavras ao vento, como quem confessa algo imperdoável.

Mas o vento não respondeu.

Lembrou-se de Silvério. E de Ferreira. E de Araújo. Mortos. Sumidos. Transformados em literatura — como se a única forma de sobreviver fosse virar personagem de boa pontuação, de falas lapidadas e frases memoráveis. Personagens a quem se atribuíam palavras nunca ditas, que viviam mais nas páginas do que suas vidas lhes permitiram — e que, por isso, talvez tivessem se tornado sua versão mais mentirosa.

E havia ainda Geraldo, que não chegou a morrer com os outros — apenas desapareceu. No último banquete, levantou-se para buscar uma garrafa de vinho… e nunca mais voltou. Só perceberam sua ausência quando a conversa murchou e o silêncio começou a arranhar a garganta.

Seu destino seria selado meses depois, também de forma misteriosa. Mas isso não estava no livro — não porque tivesse sido poupado, mas porque o próprio destino de Geraldo parecia escapar, deliberadamente, ao universo temporal da narrativa.

Mas o destino não muda. Apenas espera — calmo, discreto, com ou sem capuz. E, no fim, não há como enganá-lo.

Era isso que o assombrava: a traição bem-intencionada — uma trama friamente articulada. O roubo lírico. A mentira disfarçada de sinceridade.

— "Os mortos não processam por direitos autorais" — pensou, encostando-se em um banco, como quem espera um julgamento divino — ou, ao menos, uma brisa honesta.

Pegou um caderno do bolso. Começou a escrever. Nada para publicar. Apenas para lembrar. Escreveu:

> Transformei meus amigos em literatura, e agora não sei mais se choro por eles ou pelos personagens que matei com ponto final.

Ele não era religioso, mas sussurrou um pedido. Não exatamente uma oração. Mais uma confissão:

— *"Desculpa, Dr. Henrique Sampaio. Te roubei e vendi como se fosse meu."*

Uma senhora passou, olhou de soslaio. Achou que ele falava com um morto. E falava mesmo.

De volta à rua, o celular vibrava no bolso. Era Gabriela, provavelmente querendo saber onde ele se metera.

Ele não atendeu.

Seguiu caminhando devagar. Pensando que talvez precisasse escrever outro livro. Um em que pedisse perdão. Mas temia que, ao fazer isso, acabasse criando outros personagens — e traindo mais gente real no processo.

Passou por uma livraria. Na vitrine, uma pilha do seu último livro, "*Siamesas da Mesma Rebeldia*", competia por espaço com *best-sellers* mais populares. Sentiu uma pontada de frustração ao perceber que suas palavras ainda não haviam encontrado eco suficiente. A capa era escandalosa, as letras gritavam em negrito, e seu nome aparecia como se fosse uma grife — daquelas em liquidação.

Suspirou. Lá dentro, ninguém parecia notar o autor da pilha, que, do lado de fora, tentava ajeitar o colarinho como quem se prepara para um encontro com o sucesso. Um casal passou por ele, olhou os livros na vitrine, e a mulher comentou:

— Esse autor aqui parece bom, ganhou até prêmio.

— Esse? — respondeu o homem. — Acho que morreu.

O Barbosa sorriu, meio orgulhoso, meio ofendido. Nunca soube muito bem o que preferia: ser lido ou ser lembrado. No fundo, suspeitava que nenhuma das duas coisas andava acontecendo.

Entrou na livraria, mais por teimosia do que por esperança. Foi até a prateleira de "Lançamentos", onde o seu último livro ocupava um canto tímido, espremido entre um manual de autoajuda e uma biografia de influencer. Pareciam todos gritando por atenção, como crianças em festa infantil. O dele, coitado, sussurrava.

Pegou um exemplar e folheou. Por um segundo, imaginou alguém lendo aquelas páginas e se emocionando. Logo depois, imaginou a mesma pessoa usando o livro como apoio para nivelar a mesa da sala.

Devolveu o exemplar à prateleira com o cuidado de quem devolve um filho ao berço. E saiu da livraria sem comprar nada — como todo bom autor.

Continuou andando, pensando no absurdo de tudo aquilo. Ele, que tanto quis ser lido, agora sentia-se sufocado pelas palavras que deixara escapar. Na praça, sentou-se em um banco e abriu novamente o caderno. Escreveu outra frase, quase involuntariamente:

> A literatura é um espelho que distorce mais do que reflete. E eu sou o artesão que prefere não ver seu próprio rosto.

Sentiu um peso no peito, como se cada palavra escrita fosse uma pedra adicionada a um fardo que já não conseguia carregar.

Sabia que não havia escapatória. A literatura, afinal, era seu mundo. E sua maldição.

E assim, sozinho na praça, com o som distante das crianças brincando e o vento balançando as folhas, percebeu que nunca seria livre. Porque, no fim, não escrevia para ser lido. Escrevia para sobreviver.

Mesmo que isso significasse sacrificar a si mesmo — e aos outros — no altar das palavras.

> ***Nota de Cozinha (misture com: uma colher de culpa, zero de arrependimento)***
>
> Se *Michael Cunningham* tivesse nascido na Cabrália — e não em Cincinnati, onde o drama existencial vem com café coado e não com vinho de resignação —, "*As Horas*" não teria três mulheres ligadas por *Virginia Woolf*, mas três fantasmas ligados pelo Barbosa: o Dr. Henrique Sampaio, Silvério e Geraldo, todos transformados em personagens antes de virarem cinzas. Enquanto *Cunningham* explora a delicadeza do instante em que a vida se torna literatura, o Barbosa vive o pesadelo oposto: a literatura que devora a vida, mastiga os amigos e cospe *best-sellers* com capa escandalosa e alma de manual de autoajuda. Ele não tem flores para levar ao cemitério — só frases roubadas, bem pontuadas, e a culpa de quem descobriu tarde demais que "icônico" é um epitáfio que ninguém pede.
>
> Na Cabrália, as horas não são marcadas por relógios, mas por lançamentos editoriais, entrevistas mornas e o silêncio constrangedor de uma livraria onde os livros sussurram entre os gritos de *influencer*. *Cunningham* via a escrita como redenção; o Barbosa a vê como confissão sem absolvição — um ato de sobrevivência que exige sacrifícios humanos reais. *Virginia Woolf* tinha seu rio, suas flores, seu suicídio poético; o Barbosa tem a livraria da esquina onde seu último livro compete com um

manual de autoajuda — e perde. E, como diria *Woolf*, se estivesse viva e frequentasse o "*Bar Parágrafo & Poeira*": "É curioso como os vivos escrevem sobre os mortos como se os mortos não tivessem opinião sobre o assunto." Mas, claro, **os mortos não processam por direitos autorais — e é por isso que a literatura, às vezes, cheira mais a cadáver do que a tinta.**

Amor Segundo a Crítica Especializada

“Amor é a necessidade de olhar alguém.”

Milan Kundera, *A Insustentável Leveza do Ser*

Gabriela o esperava na cozinha, cercada por cebolas cortadas e rancores em conserva. O ambiente cheirava a alho e mágoa fermentada. Na televisão, um programa culinário passava no mudo: *chefs* gritavam em silêncio, movendo-se como atores de uma peça sem plateia. O Barbosa achou aquilo adequado.

A cozinha era espaçosa — boa, mas antiga, com cara de quem já serviu três gerações de donas de casa que nunca usaram avental branco. Os azulejos guardavam manchas de outras épocas, e uma bancada generosa se estendia como apoio para quem ainda insistia em cozinhar à moda antiga. Pendurado na parede, como uma relíquia funcional, estava o velho *Ericsson Modelo Bakelite Wall Intercom* — preto, com disco circular e monofone de baquelita. Há décadas, chiava as exigências do andar nobre e os murmúrios do porão, como se o *Casarão* tivesse dois corações batendo em descompasso.

No centro do espaço, uma mesa pequena e gasta, de madeira escura, comportava no máximo quatro pessoas. Foi ali que o Barbosa e Gabriela se habituaram a fazer as refeições depois do último banquete. A outra mesa, a grande, permanecia firme na sala de jantar: imóvel, quase altiva, envolta em um silêncio constrangedor. Preferiam ignorá-la. Diziam que era por ser grande demais para dois. Mas sabiam que era porque nela havia muitos fantasmas e lembranças amargas.

Ao lado da cozinha, quase escondida por uma porta empenada, havia uma despensa antiga. Ali, entre latas vencidas e garrafas esquecidas de vinagre balsâmico, moravam alguns livros de receitas, com lombadas tortas e dedicatórias tristes — como “para minha filha, que nunca aprendeu a fazer o arroz da família” ou “com amor e fé, apesar do forno a gás”. O Barbosa às vezes os folheava, mais por tédio do que por vontade de cozinhar. Mas havia uma beleza estranha em receitas anotadas à mão, com manchas de óleo e correções feitas com raiva.

— Foi visitar quem? — perguntou ela, sem levantar os olhos da faca.

— Dr. Henrique Sampaio.

— Ele continua morto?

— Continua. Mas agora com mais significado.

Ela riu com o canto da boca. Um riso curto, quase funcional. Como se dissesse: “ainda não te deixei, mas não abuse.”

Ele sentou-se à mesa com a dignidade possível a um homem que não sabia mais onde errava. O relacionamento deles era um livro com páginas coladas: você vira,

mas não entende o que está lendo. O amor agora era sutil. Mas era amor.

— Fiz macarrão — disse ela, pousando a panela como se fosse uma prova de resistência.

— Com molho de culpa ou só tomate mesmo?

Ela olhou para ele. Um olhar demorado, mas sem direção definida — daquele tipo que examina a rachadura na parede e o coração do outro ao mesmo tempo. Era um olhar distante, mas, ao mesmo tempo, carinhoso.

— Você... você acha que ainda vale a pena?

— Vale a pena... o quê, Gabriela? — perguntou ele, franzindo levemente a testa, mas sem surpresa, como se já esperasse a pergunta.

— Isso. Nós dois. Já se passaram mais de dois anos. E às vezes eu sinto… que foram somente meses repetidos várias vezes, sem nenhuma variação. — explicou ela, soltando um suspiro fundo.

Ele engoliu em seco. A pergunta parecia simples, mas carregava o peso de decisões adiadas — um tipo de herança emocional que ninguém quer deixar, mas também não quer assumir.

— Acho que vale a pena. Mas não sei o quanto. — disse o Barbosa, olhando para as mãos como quem espera encontrar ali uma resposta escrita entre as linhas da pele.

Ela se sentou. Serviu dois pratos. Um para ele, outro para o desencanto.

— Acho que a gente virou um livro de cabeceira. Gosta de saber que está lá, mas nunca lê de verdade. — falou baixo, mexendo no molho com o garfo, como quem tenta organizar algo que já está perdido.

Ele sorriu, triste. Era um homem acostumado a ver tudo por analogias. Até o fim.

— E se a gente tentar escrever uma nova história? Um *spin-off*? — perguntou, limpando discretamente os cantos da boca com o guardanapo.

— Com qual inspiração? — perguntou ela, como quem não espera realmente ouvir uma resposta.

— Talvez com a verdade. Tentando entender o enredo que não deu certo. — respondeu o Barbosa, com um leve movimento de cabeça, quase resignado.

Ela comeu em silêncio por alguns segundos. Ele também. O macarrão estava no ponto. O relacionamento, nem tanto. Viviam juntos, mas separados por um abismo de silêncios compartilhados.

— Hoje te vi sorrindo quando desligou o celular. Foi por minha causa? — perguntou, encarando-o diretamente, como quem joga uma isca sabendo que vai fisgar.

Ele hesitou. Pensou em mentir. Mas já tinham passado da fase em que a mentira servia para poupar.

— Foi porque... — Ele fez uma pausa breve, quase imperceptível. — Eu vi uma foto sua no celular. No *Clube République*, acho. Você estava rindo de um jeito que eu tinha esquecido. Ou fingido que esqueci.

Ela não respondeu de imediato. O garfo permanecia suspenso no ar, os olhos baixos, como se examinasse algo muito antigo e frágil.

— Era só uma foto — murmurou, sem muita convicção.

— Era. Mas foi como se eu tivesse visto você inteira nela. O seu riso, suas mãos, aquela mania de segurar o cabelo atrás da orelha quando está pensando em outra coisa... Tudo ali, como antes. Só que agora... inacessível.

Ela ergueu o rosto. Havia surpresa em seus olhos, mas também uma leveza antiga, quase esquecida.

— Inacessível?

— Diferente. Distante. Como se eu tivesse dormido ao seu lado nesses quase três anos, mas nunca mais tenha realmente olhado pra dentro de você.

Veio então um instante de silêncio, feito de hesitação e cansaço. O som do relógio da cozinha marcava o tempo entre as palavras não ditas.

Ela permaneceu imóvel por alguns instantes, como se sua própria presença naquela mesa fosse provisória, sustentada por uma rotina sem convicção.

— Há momentos em que nem sei mais quem sou — disse por fim, com voz baixa, quase ausente, como se falasse a um espelho antigo. — Essa "*Gabriela*" que você ainda vê nas fotos... acho que se perdeu em algum lugar no passado. Mudei. Talvez demais. E os sentimentos... esses também se transformaram, sem que eu percebesse. Já não sei se ainda gosto de você, Barbosa. Ao menos não como antes.

Gabriela bebeu um gole de vinho. Depois outro. Suspirou como quem aceita o destino, mas com reservas.

— Gostando ou não gostando de você, Barbosa, uma coisa não muda... — disse, tocando o tecido da camisa dele com dois dedos, como quem afasta algo contaminado. — Ainda me preocupo quando você sai por aí com essa camisa ridícula.

— Então ainda tem esperança. — murmurou o Barbosa, com um tênue sorriso no canto da boca.

— Não. Só vergonha alheia mesmo. — retrucou Gabriela, com voz quase inaudível.

Riram. E dessa vez, o riso foi sincero. Uma pequena trégua. O suficiente para mais uma noite sob o mesmo teto. Mais um capítulo da relação escrita a lápis, com borracha já gasta. Ele a observou recolher os pratos. Ela ainda sabia onde estavam os talheres, o vinagre e as feridas dele. E talvez isso bastasse. Afinal, alguns amores não terminam. Apenas trocam de gênero literário. De romance, viram crônica. De paixão, viram parágrafo. De arrebatamento, viram hábito. Mas ainda havia amor. Diferente.

Enquanto lavava os pratos, ela falou sem olhar para ele.

— É isso que a gente quer? Só... existir um ao lado do outro, sem... sem nenhum calor? Isso é felicidade?

Ele pensou por um momento. Não era uma pergunta fácil. Felicidade, afinal, era algo que ele sempre associara a outras pessoas.

— Acho que somos... funcionais. Funcionais juntos.

Ela parou de enxugar os pratos e virou-se para ele, com aquele olhar que misturava exasperação e ternura.

— Funcional não é o suficiente, Barbosa. Você sabe disso, certo?

— Sei. Mas é o que conseguimos.

Ela suspirou, como quem aceita algo inevitável, mas não completamente.

— Talvez seja isso. Talvez felicidade seja só aprender a ser funcional sem se odiar no processo.

Ele concordou, baixo. Sabia que ela tinha razão. Mas também sabia que aquilo não resolveria nada.

Mais tarde, enquanto bebiam o resto do vinho na sala, Gabriela perguntou:

— Será que nos mantemos juntos por amor ou por medo de recomeçar sozinhos?

O Barbosa respondeu olhando para o fundo da taça, onde não havia resposta alguma:

— Talvez seja um pouco de cada... — murmurou, sem muita certeza.

— Talvez seja. É só que… às vezes, amor e medo são quase a mesma coisa — disse ela, com a voz embargada.

Um silêncio espesso instalou-se entre os dois, tão palpável quanto a luz amarelada do lustre sobre o tapete.

Não havia o que acrescentar; ambos sabiam que a linha entre as duas coisas era tênue, quase invisível. Envoltos naquele silêncio, continuaram ali, lado a lado, como personagens de um romance que já passou do ponto de virada, mas ainda não chegou ao desfecho. E talvez nunca chegasse — porque, no fim, alguns amores não têm final. Apenas continuam, indefinidamente, como um livro cujas páginas nunca acabam de ser escritas.

Carta Convite

A Cápsula do Tempo SIL-5DCB-06 guardaria: uma carta escrita em celulose de “Árvores que Não Existiam”; um relógio de carvalho — “Tempo de Decomposição”; e um mapa — “Rota da Extinção (Só Ida)”.

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com cauda entrelaçada em raízes, rugia: “Migrar? Só se for para virar móvel de escritório.”

“Tenha paciência com tudo que está por vir... ame as perguntas.”

Rainer Maria Rilke, *Cartas a um Jovem Poeta*

O Barbosa estava parado diante da janela, como quem espera uma ideia. O problema é que, quando ela vinha, não tinha como anotá-la. E quando finalmente encontrava uma caneta com tinta, faltava papel. Quando enfim encontrava o papel, a ideia já havia saído para fumar — ou simplesmente desistido de aparecer novamente. Para ele, ideia boa só valia se fosse anotada em papel.

Era assim que começava a maioria de seus dias: com uma ausência criativa vestida de esperança e uma caneta seca no bolso da camisa. Às vezes ele culpava a luz. Às vezes, o silêncio. Mas, no fundo, sabia: a maior sabotagem vinha de dentro.

Sentou-se à mesa. A tela do notebook piscava, vaga como um olhar cansado. Vazia. Como sempre. Como tudo naquela história.

Ao lado do teclado, um envelope creme, com selo francês e cheiro de promessa. Tinha acabado de chegar. Ele quase o jogou fora achando que era mais uma cobrança da editora — daquelas que não cobram dinheiro, mas entrega — prazos, revisões, relevância. Mas, ao abrir, encontrou algo inusitado: um convite.

“Residência Literária em Lyon”. Seis meses. Todas as despesas pagas. Um estúdio com vista para o *Ródano*. Tempo para escrever.

E, no rodapé, como uma piscadela indecente:

“Esperamos reencontrar o autor de ‘*O Último Banquete da Rèpublika*’. Com ou sem novas receitas.”

Ele franziu a testa. “Reencontrar”? Que reencontro era esse? Teria o remetente já o conhecido antes — num evento literário esquecido, numa noite regada a vinho e pretensão? Ou era apenas uma figura de linguagem? Um truque retórico? Uma isca elegante para atrair egos em decadência?

Passou os olhos novamente pela assinatura, à procura de alguma pista. Nada. Só o convite — e aquele verbo ambíguo, com cheiro de armadilha e sedução.

Por um instante, ficou ali, segurando a carta como quem segura uma decisão ainda morna. O silêncio da sala parecia esperar algo — talvez uma resposta, talvez

um movimento. Foi então que notou Gabriela, sentada no sofá, com *Madame Bovary* aberto sobre o colo, sublinhando frases como quem busca justificativas para seus próprios desencontros.

Ela estava vestida com aquela elegância sóbria que parece casual, mas exige anos de prática e alguma herança genética. Como se tivesse se arrumado para ir ao teatro com intelectuais melancólicos e, no caminho, lembrado que tinha um *Flaubert* inacabado esperando no sofá. Era o estilo dela. Não aprendido — herdado. E isso, apesar de tantas outras coisas que o tempo desalinhou, nunca mudou. Nem precisava.

O Barbosa hesitou. Pensou em esconder a carta. Ou em fingir que o francês lhe era estranho — como quem ignora deliberadamente o idioma da tragédia.

— Chegou isto — disse, estendendo o papel com a delicadeza de quem entrega um testamento.

Gabriela leu em silêncio. Franziu a testa, como se tentasse decifrar um código emocional disfarçado de oportunidade.

— Você vai? — perguntou, girando distraidamente um anel no dedo.

A pergunta foi direta, sem rodeios — como tudo que fazia quando já estava cansada de amenidades ou de amar em silêncio.

Ele hesitou novamente. Pegou a carta de volta com cuidado, como se fosse algo frágil demais para ser manuseado. Ou talvez porque temesse que ela desaparecesse no instante em que a soltasse.

— Não sei. São só seis meses — murmurou, deixando finalmente o papel repousar sobre a mesinha de centro, num gesto tão contido quanto o próprio dilema.

— É tempo suficiente pra descobrirem que você é um grande escritor. Ou pra esquecerem que você existe — respondeu ela, arremessando o livro no sofá. A capa de *Madame Bovary* bateu no couro com um baque surdo.

— E você preferiria o quê? — arriscou ele, erguendo os olhos lentamente.

Ela ponderou, os braços cruzados em falso desleixo. Mas seus olhos — ah, seus olhos — desmentiam a pose. Revelavam uma melancolia teimosa, abafada sob camadas de indiferença.

— Prefiro que você descubra o que quer antes de me perguntar o que eu prefiro — disse, com aquela serenidade cortante que só as mulheres experientes — e levemente perigosas — sabem usar sem levantar a voz. Pegou novamente o "*Madame Bovary*", mas desta vez como se ele fosse um *habeas corpus* preventivo, abriu numa página qualquer e se recostou no sofá com a autoridade de quem já decorou o roteiro daquela cena.

Fingiu que lia, mas ele sabia — e o livro também — que ali ninguém queria saber de *Flaubert*. Era apenas um recurso cênico. Uma forma educada de encerrar a conversa sem precisar dizer "chega".

O silêncio que se seguiu não foi hostil. Era um silêncio que se instala quando não há mais nada a ser dito — não por falta de palavras, mas porque elas cansaram de lutar. O amor estava ali ainda, é verdade, mas quieto, encostado num canto da sala como um casaco esquecido fora de estação.

∵ ∴ ∵

Mais tarde, na cozinha, ela ajeitava as louças no armário, sem pressa. O Barbosa encostou no batente da porta, com duas taças nas mãos.

— E se eu for, você me espera? — perguntou, estendendo gentilmente uma taça para Gabriela.

— Barbosa... eu sempre esperei você voltar de suas tentativas de ser escritor, lembra? Eu continuo aqui. — respondeu Gabriela, aceitando a taça que ele ofereceu e tomando um gole lento, como se o álcool pudesse diluir a angústia crescente.

Ele sorriu, mas era um sorriso frágil, como vidro rachado.

— Mas dessa vez é real. Um convite. Um lugar pra escrever.

— Barbosa, o que você tem a responder é se, depois de tanto tempo encarando essa página em branco, ainda há alguma coisa aí dentro. Alguma ideia que não seja só o reflexo da sua dúvida, algum desejo verdadeiro de contar uma história — ou será que a falta de inspiração virou justamente a sua inspiração? — perguntou ela, com um sarcasmo discreto e aquele cansaço de quem já esperou tempo demais por uma resposta.

Aquilo doeu. Porque ela tinha razão. E porque era a pergunta que ele mais temia.

— Talvez. Ou talvez eu só precise sair daqui pra descobrir.

Gabriela dobrou cuidadosamente o pano de prato com estampa de tucanos socialistas — um presente irônico que ela mesma comprara. Aproximou-se e tocou o rosto dele com a mão morna, sem ternura excessiva, mas com uma intimidade que só o desgaste permite.

> Se for, vá como o rio que abandona sua nascente em busca do mar; mas volte como a terra firme que sustenta os passos de quem fica.

Essas frases dela, com essa cadência seca e perfeita, quase um eco das tiradas campestres de *Graciliano*, faziam ele lembrar-se, mais uma vez, de quão culta Gabriela era. Sempre fazia isso quando ficava aborrecida. E nesse momento, como sempre acontecia quando ela dizia algo que ele jamais conseguiria articular, sua inteligência parecia transbordar para o físico, transformando-a em algo ainda mais perturbador. Era como se cada palavra escolhida a dedo vestisse um véu invisível sobre ela, realçando não apenas a beleza que já existia, mas também uma sensualidade que vinha menos do corpo e mais da certeza de que sua mente estava sempre alguns passos à frente da dele.

Uma armadilha elegante, pensou o Barbosa, enquanto engolia em seco, sem saber se admirava ou temia aquela mulher que insistia em ser ao mesmo tempo seu porto seguro e seu maior abismo.

Ele assentiu. Sentiu o peso da mala que ainda não existia. Da despedida que ainda não havia sido ensaiada. E da dúvida, essa companheira constante, mais fiel que qualquer amor.

Naquela noite, eles não disseram mais nada. Nenhuma discussão, nenhum perdão. Apenas o murmúrio abafado da televisão e a luz do relógio digital sobre a mesa de cabeceira, contando segundos em silêncio — como se o tempo insistisse em passar sem permitir que eles sentissem sua passagem.

Deitados na cama, Gabriela virada para o lado oposto, o Barbosa pensou em falar. Em dizer algo que pudesse preencher o silêncio. Mas sabia que qualquer palavra seria insuficiente. As palavras sempre eram.

— Você acha que eu ainda consigo escrever algo importante? — perguntou, baixo, como se falasse consigo mesmo.

Ela demorou a responder. Quando o fez, sua voz soou distante, como se viesse de outro cômodo.

— Acho que você precisa tentar — disse, cruzando os braços e inclinando a cabeça de lado, como quem já tivesse dado aquele diagnóstico mais de uma vez. — Não por coragem ou por destino, mas só pra acabar com essa dúvida que não te deixa nem viver, nem desistir direito. Passar a vida inteira se perguntando se ainda consegue escrever... é pior do que tentar e descobrir que não.

Ela se virou um pouco, encarando-o com aquela mistura de atenção e cansaço que só ela sabia fazer.

— Pelo menos assim você tem uma resposta. E um bom motivo pra beber.

Ele ficou quieto. Sabia que aquilo era verdade. Mas também sabia que a verdade nunca ajudava quando se tratava de escolhas inevitáveis.

∵ ∴ ∵

Ao amanhecer, observou Gabriela dormir. Seu rosto tranquilo, os cabelos espalhados pelo travesseiro. Parecia tão jovem assim, tão vulnerável. Pensou em como tudo havia começado, em como tinham sido diferentes um dia. Antes de ele transformar suas vidas em uma narrativa mal escrita.

Levantou-se devagar, sem fazer barulho. Foi até a sala e pegou a carta novamente. Relê-la não mudou nada. Ainda era uma oportunidade. Uma chance de fugir. Ou de encontrar algo que ele não sabia mais onde procurar.

Voltou para o quarto. Ela continuava dormindo. Ele a observou por mais alguns segundos, então escreveu um bilhete curto e o deixou sobre a mesa da cozinha:

> Vou como escritor. Volto como homem. Ou não volto.

Sabia que era clichê. Mas clichês são clichês porque funcionam.

∵ ∴ ∵

Na hora da partida, Gabriela foi ao aeroporto com ele. Caminharam lado a lado em silêncio, como dois conhecidos íntimos que já não tinham mais palavras — ou temiam o que poderia surgir delas.

Ao chegarem ao acesso à sala de embarque, o Barbosa virou-se para ela com aquele ar ambíguo: de quem parte sem saber se voltará, mas tenta manter a pose — nem que seja apenas para si mesmo.

— Eu volto — disse, com uma firmeza que soava mais como um desejo do que uma certeza.

Ela sorriu, embora houvesse cansaço no gesto — como se cada promessa tivesse um prazo de validade que já conhecia bem demais.

— Eu sei — respondeu, numa voz simples, onde cabia toda a complexidade do que ela não dizia.

Ele a abraçou, sentindo o peso da despedida. E algo inesperado: uma leveza antiga, quase esquecida. Talvez fosse esperança. Ou talvez fosse apenas o alívio de quem, enfim, resolve caminhar para fora da própria sombra.

Enquanto aguardava o embarque, o Barbosa olhou pela última vez para o envelope creme antes de guardá-lo na bolsa. Perguntou-se se algum dia escreveria algo que valesse a pena ser lido. Ou se tudo o que produzia era apenas um jeito disfarçado de fugir do que realmente sentia.

No fundo, sabia que Gabriela tinha razão. Talvez ele já não tivesse mais nada a dizer. Ou talvez ainda tivesse, mas precisasse de um pouco de distância para

conseguir ouvir as próprias palavras.

Enquanto o avião decolava, permitiu-se pensar nela. No que ela diria ao seu retorno. Ou… se retornaria.

E, pela primeira vez em muito tempo, sentiu algo que não era culpa ou medo. Era apenas... possibilidade.

Mesmo que fosse uma possibilidade tênue, quase invisível, como o brilho de um selo francês sob a luz fraca de um envelope creme.

Nota de Cozinha (desidratada de sentimentalismo)

Se *Rainer Maria Rilke* tivesse nascido na Cabrália — e não na Praga do século XIX, onde a melancolia vinha com selo imperial e não com cobrança de editora —, suas "*Cartas a um Jovem Poeta"* teriam assunto: "Re: Ainda tentando escrever?", com cópia oculta para Gabriela. *Rilke* diria, com aquela serenidade germânica de quem tem fé na angústia: "Meu caro, pare de esperar por ideias na janela. Elas provavelmente estão de férias em Capri e sem sinal de celular." O poeta das dores produtivas encontraria no nosso protagonista o discípulo perfeito: um homem que espera a inspiração como quem espera o ônibus das 3h da manhã — atrasado, vazio e com cheiro de ressaca. *Rilke* via o silêncio como templo; o Barbosa, como tribunal — onde ele é, ao mesmo tempo, réu, testemunha e juiz que esqueceu a sentença. No fundo, o Barbosa tentava apenas achar uma caneta que funcionasse antes que a ideia saísse para fumar outra vez. Enquanto o jovem de *Rilke* buscava o sentido da criação, o Barbosa busca uma desculpa plausível para passar seis meses longe de casa com as despesas pagas — a versão *gourmet* do velho truque de "ir comprar cigarros e nunca mais voltar".

Mas, ah, a ironia suprema: enquanto *Rilke* diria "ame seus questionamentos", Gabriela, com "*Madame Bovary"* no colo e sarcasmo afiado como lâmina de barbear, resume tudo em uma frase seca: "Vá, mas só se for pra acabar com essa dúvida que não te deixa nem viver, nem desistir direito." No fim, *Rilke* acreditava que o poeta devia ser como o rio; Gabriela, mais realista, lembra que o rio só importa se alguém estiver na margem esperando — e que, às vezes, a margem cansa. Talvez, então, a verdadeira obra-prima não seja o livro, mas a mulher que ainda segura o casaco enquanto você embarca, sem saber se volta como escritor, como homem… ou como ninguém.

Entre o Ródano e o Silêncio

A Cápsula do Tempo V4Z-5DCB-08 guardaria: uma janela de madeira podre — "Vista para o Vazio Orgânico"; uma garrafa de vinho — "Saudade de Floresta (Teor de Desmatamento: 99,7%)"; e um guia — "Como Perder-se em Francês (Edição Sustentável)".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com asas de folhas de alface transgênica, suspirava: "O Ródano é um rio, mas minha crise é um deserto verde... de mentira."

"O verdadeiro paraíso é sempre o paraíso que perdemos."

Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*

Lyon era bela de um jeito que o cansava. Tudo funcionava. O transporte era pontual, o café vinha sempre com um biscoito curto e caro, e o estúdio da residência — com suas janelas amplas e móveis escandinavos — parecia mais cenário de revista do que moradia de escritor. O Barbosa desconfiava de ambientes tão preparados para a criação. Era como se a arte, ali, estivesse no rodapé do contrato.

O prédio tinha nome pretensioso: *Maison des Écritures Transfrontalières*. Soava importante, embora lembrasse a filial burocrática de um ideal europeu que já havia vencido a si mesmo.

O piso carregava as marcas do tempo — tábuas largas de carvalho, polidas não por máquinas modernas, mas pelos passos de décadas de vidas discretas. Algumas rangiam, como se protestassem contra o silêncio imposto pelos séculos; outras apenas sussurravam, cúmplices de segredos literários em gestação. Entre as fendas, pequenas cicatrizes eram testemunhas dos invernos passados e dos verões que teimavam em entrar pelas janelas altas, aquecendo manuscritos, jantares e confissões.

Nos primeiros dias, acordava cedo, inspirado. Passava a manhã escrevendo títulos promissores: *A Rebelião dos Cafeteiros Constitucionalistas*; *Crônicas de uma Utopia Sem Estacionamento*; *O Inseto e a Bandeira Amassada*. Nenhum vingava além da terceira linha.

Almoçava sozinho, sempre em silêncio. Era uma solidão confortável, o que o deixava inquieto. Sentia falta da raiva contida de Gabriela, das panelas batendo no fundo da conversa, dos comentários sarcásticos que ela fazia enquanto ele tentava escrever sobre o caos.

Três meses se passaram. Recebeu um e-mail dela. Curto, como sempre, mas com algo diferente dessa vez, algo escondido entre as palavras:

> Espero que o Ródano esteja te inspirando. Aqui, meu caminho tem sido mais como um labirinto de corredores brancos e incontáveis portas sem maçanetas. O tempo passa devagar, mas a paisagem muda rápido. Beijo — G.

Ele franziu a testa ao ler, tentando entender o que ela queria dizer. Respondeu com algo mais longo, literário, como quem tenta disfarçar o peso da ausência com adjetivos. Escreveu sobre a luz do outono em Lyon, sobre os cafés parisienses que visitara antes de chegar, sobre o eco das histórias que não conseguia mais contar. Ela não respondeu.

∵ ∴ ∵

Os outros escritores na residência eram simpáticos, plurais, trilíngues e sem olheiras. Um catalão escrevia um romance sobre pescadores e algoritmos; uma autora polonesa estava no quinto volume de sua autoficção pós-eslava. O Barbosa se apresentava sempre da mesma forma:

— Sou o autor de *"O Último Banquete da Rèpublika"*. Ele fez algum barulho. Nada que pagasse as contas.

— Mas você está aqui — diziam, com sorrisos de admiração contida. Ele respondia com um encolher de ombros que misturava modéstia e vergonha.

Uma noite, durante um coquetel organizado pela residência, o catalão se aproximou dele com uma taça de vinho na mão.

— E então, Barbosa, como vai seu trabalho? — perguntou, com aquele tom de falsa casualidade que só os europeus sabem usar.

Ele hesitou, como se precisasse primeiro decidir qual versão de si mesmo iria revelar.

— Está... difícil. Parece que quanto mais bonito é o lugar, menos consigo escrever.

O catalão riu, como se aquilo fosse uma piada universalmente compreendida.

— Ah, isso é normal. A beleza é opressiva. Ela nos força a sermos melhores do que somos.

O Barbosa assentiu, mas sentiu que a frase soava como uma justificativa conveniente para a própria mediocridade.

— Talvez seja isso — murmurou.

O catalão levantou a taça em um brinde silencioso e foi embora, deixando ele sozinho novamente.

∵ ∴ ∵

À noite, ficava na varanda olhando o Ródano como quem espera *Calíope* aparecer no horizonte. Às vezes ela vinha: na correnteza, nos galhos flutuantes, nos reflexos distorcidos. Outras vezes, vinha apenas o frio. E o eco das palavras que Gabriela dissera quando ficou sabendo dessa possível viagem:

> Vá como o rio que abandona sua nascente em busca do mar; mas volte como a terra firme que sustenta os passos de quem fica.

Ele não sabia o que isso queria dizer. Mas sabia que o tempo ali, tão perfeitamente inútil, começava a vencê-lo. E que talvez fosse hora de parar de procurar frases boas e começar a viver frases ruins — aquelas que depois viram literatura, mesmo que nunca sejam publicadas.

∵ ∴ ∵

Sentado à mesa da sala, o Barbosa tentava escrever algo. Qualquer coisa. Abriu o caderno, rabiscou algumas palavras, mas logo as riscou com fúria. Era como se tudo que escrevesse ali fosse contaminado pelo ambiente excessivamente estéril.

Pegou o celular e releu o e-mail de Gabriela mais uma vez. Tentou imaginar o que ela quis dizer com aquela imagem de "corredores brancos e portas sem maçanetas". Talvez fosse um retrato para o próprio relacionamento deles. Ou talvez fosse apenas uma maneira de dizer que estava entediada.

Decidiu ligar para ela. O telefone tocou várias vezes antes de cair na caixa postal. Não deixou recado.

Voltou à varanda, olhou para o rio. Pensou em como a vida parecia mais simples quando ele ainda podia culpá-la por seus fracassos. Agora, ali, cercado por pessoas que pareciam saber exatamente quem eram, se sentia como um impostor. Um homem que fingia escrever livros enquanto esperava que alguém lhe dissesse o que fazer em seguida.

∵ ∴ ∵

De madrugada, incapaz de dormir, Barbosa abriu uma garrafa de vinho local. Bebeu lentamente, observando o céu escuro. Perguntou-se se algum dia conseguiria voltar à Cabrália e ser o homem que Gabriela esperava — ou se já era tarde demais para isso.

No fundo, sabia que não importava. O que realmente importava era continuar tentando, mesmo que cada tentativa fosse apenas uma nova forma de falhar.

Enquanto bebia o último gole de vinho, percebeu que talvez fosse isso que ela quis dizer o tempo todo: que a única maneira de ser homem era aceitar que nunca seria bom o suficiente. Mas aceitar isso, pensou, era mais fácil dito do que vivido.

E assim, no silêncio da madrugada, quando todos repousavam entre vírgulas e roncos, viu sua companheira de solidão — a Metáfora — desaparecer, como sempre fazia após algumas taças de vinho: cambaleante, sem deixar ponto final. Com sua partida, o sono enfim chegou.

Nota de Cozinha (um tempero para o abismo)

Se *Marcel Proust* tivesse sido convidado para a *Maison des Écritures Transfrontalières,* teria passado os seis meses não escrevendo sobre o tempo perdido, mas sobre o tempo excessivamente bem decorado — aquele que chega com piso de carvalho, internet estável e um biscoito caro ao lado do café, como se a inspiração fosse um serviço de quarto. Enquanto *Proust* mergulhava nas dobras da memória graças ao sabor de um bolo embebido em chá, o Barbosa tenta invocar *Calíope* com vinho local barato e o eco de um e-mail de Gabriela que fala em "corredores brancos e portas sem maçanetas" — metáfora tão precisa que chega a doer. *Proust* via o passado como um labirinto afetivo; o Barbosa, como um apartamento funcional em Lyon onde até a solidão vem com design escandinavo e zero bagunça emocional.

Na Cabrália, o tempo não se perde — ele se esconde nas panelas batidas, nos sarcasmos matinais e na internet que cai na hora errada. Em Lyon, o tempo está tão bem organizado que vira obstáculo: quanto mais belo o lugar, menos o Barbosa consegue escrever, como se a perfeição fosse o maior inimigo da verdade. *Proust* precisava de uma lembrança involuntária para ressuscitar o mundo; o Barbosa

precisa de uma briga com Gabriela para sentir que ainda está vivo. E é aí que reside a ironia suprema: enquanto *Proust* construiu um monumento literário com as migalhas do passado, o Barbosa descobre, diante do Ródano silencioso, que sua única matéria-prima autêntica é a ausência dela — e que, talvez, a verdadeira busca do tempo perdido não seja lembrar, mas ter alguém que te espera enquanto você fracassa com elegância.

Café e Outras Formas de Derrota

“Alguns números são primos, e outros são só isso: sozinhos.”

Paolo Giordano, *A Solidão dos Números Primos*

O Barbosa não sabia o que o fez entrar naquele café. Talvez a curiosidade sobre o intelectual que viralizara teorias críticas em vídeos de sessenta segundos. Ou talvez fosse a inevitável necessidade de confrontar alguém que transformara a academia em algo que ele jamais imaginara: relevância? Impacto? Algo que preenchesse o vazio de um escritor que se via reduzido à insignificância na França, enquanto o mundo celebrava *influencers* de esquerda.

O Dr. Gilmar da Silva Pontes estava lá, entre anotações rabiscadas de ”*No Tribunal da Consciência”* e um celular “tripodeado” para gravar *stories*. Seu sorriso era de quem desmontara a torre de marfim acadêmica sem pedir licença, substituindo-a por *ring lights* e citações de *bell hooks* em legenda de *TikTok*. Tinha, é claro, três livros que atravessaram os muros da universidade, um canal no *YouTube* com *thumbnails* de *Marx* usando óculos escuros, e um público que oscilava entre estudantes de pós-graduação e adolescentes antifascistas. Seu rosto, marcado por horas de debate online, exibia aquele ar de quem navegava tanto em águas teóricas quanto nos algoritmos — um híbrido de pensador e *coach* de revolução.

— Barbosa, não acredito que é você! — exclamou o Dr. Gilmar, erguendo-se com a energia de quem acabara de postar um vídeo sobre a dialética do *meme*. Apertou a mão do Barbosa com um entusiasmo que lembrava mais um *like* frenético do que um cumprimento formal. — Li ”*O Último Banquete da Rèpublika*”. Uma bomba de cinismo e lucidez. Você deveria virar *case* no meu curso de *Marx* com *memes*.

O Barbosa sentou-se à mesa, ajustando-se à cadeira de madeira com o peso de quem já esperava sermões sobre “potencial subversivo”. Olhou para o café à sua frente, uma poça escura que refletia seu rosto desfocado — imagem perfeita para um *reel* sobre crise existencial. Sentiu um leve alívio ao lembrar que *”Siamesas da Mesma Rebeldia”* fora engolida pelo esquecimento, mas sabia: não era só o livro que haviam deixado para trás. Era ele próprio.

— Foi… um fenômeno involuntário. Como um acidente de trânsito teórico — respondeu, em tom que tentou soar irônico, mas acabou se revelando uma autossabotagem. — E você ainda faz palestras, Dr. Gilmar, ou já virou atração de *stand-up*?

O Dr. Gilmar riu. Não com a leveza de quem se esconde atrás de piadas, mas com a firmeza de quem transformara o riso em arma há muito tempo.

— *Stand-up*? Não. O que eu faço é distribuir granadas disfarçadas de frases de

efeito. A teoria, quando engasga no latim, vira pó de aristocracia. Eu só jogo água — ou *hashtags* — pra ver quem engole.

Inclinou-se para frente, olhos brilhando como os de um profeta da era digital. — Você escreveu uma obra que desmonta a Cabrália como um relógio suíço. Por que não usa isso pra furar a bolha? A Europa adora exotismo, mas "*O Último Banquete da Rèpublika"* merece mais que ser *commodity* de nostalgia.

O Barbosa balançou a cabeça lentamente. A conversa tomava um rumo que ele não previra — menos mercado, mais militância.

— Eu tentei. Mas a literatura… ou vira entretenimento ou vira obscuridade. E eu não sei dançar nesse ritmo algorítmico, onde tudo precisa brilhar rápido ou desaparecer. — murmurou, como se confessasse que era ateu a um padre.

O Dr. Gilmar ergueu a xícara de café como quem ergue um troféu de contradições:

— A literatura é mapa, Barbosa. Você desenhou a Cabrália em carne viva. Agora o povo quer navegar por ela — mas você insiste em usar uma bússola quebrada.

Apontou para o celular ao lado, onde uma notificação do *YouTube* piscava: *"COMO BOURDIEU EXPLICARIA O ONLYFANS?"*

— O saber não precisa ser grande para ser importante. Hoje cabe num smartphone… mas não tem peso. E você tem medo de colocá-lo na sua balança?

O Barbosa sentiu uma repulsa familiar — aquela que surge quando a verdade cutuca feridas não cicatrizadas. Mas havia algo novo ali: uma ponta de inveja por quem ousara trocar os artigos acadêmicos pela luta por atenção nas redes.

— Você tem razão — admitiu, as palavras escorrendo como café frio. — Mas o que você não entende é que o sucesso, Dr. Gilmar, não paga as dívidas do silêncio.

O Dr. Gilmar olhou-o por um instante, como um professor diante de um aluno brilhante que insiste em se sabotar.

— O silêncio é luxo de quem pode pagar. Nós, filhos da periferia do pensamento, gritamos até em *loop*. Você já gritou. Agora precisa escolher: vai ecoar ou vai virar *background noise* dos algoritmos?

O Barbosa riu, um riso amargo que ecoou como um áudio mal editado.

— Ecoar? Meus gritos viraram *posts* de influenciador de plantão. Seu último vídeo, aquele sobre "a poesia como intervalo entre realidade insólita e o drama", tem mais *views* que meus dois livros.

O Dr. Gilmar encarou-o, não com condescendência, mas com a urgência de quem sabe que o relógio do relevo intelectual está sempre à beira da meia-noite:

— *Views* não são vitórias. São sementes. Você plantou uma floresta no papel, Barbosa. Só falta regá-la com coragem.

O silêncio que se seguiu não era pesado, mas elétrico — como o de uma *live* prestes a ser interrompida por protestos na rua. O Barbosa olhou para o rosto do Dr. Gilmar, marcado por batalhas travadas tanto em salas de aula quanto nos *comments* do *Instagram*, e percebeu que o confronto nunca seria com ele, mas consigo mesmo.

Quando o Dr. Gilmar se levantou, o Barbosa ficou ali, remoendo a frase "regá-la com coragem" como se fosse um verso de *Florbela Espanca*.

∵ ∴ ∵

Enquanto observava o Dr. Gilmar se afastar, o Barbosa lembrou-se de sua última

conversa com Gabriela. Ela havia ligado, sua voz firme, mas com um tremor quase imperceptível, como uma corda de violino prestes a arrebentar. Contou que os médicos tinham confirmado o diagnóstico: um câncer agressivo, um desses que não pedem licença para invadir a vida das pessoas. Disse que o prognóstico era ruim, que não havia garantias. Mas também disse que enfrentaria tudo isso sozinha, que ele não precisava voltar.

Ele, porém, sentiu algo dentro dele quebrar. Não era apenas culpa, nem amor — era algo mais profundo, como se ela fosse a última âncora que o prendia à realidade. Decidiu, então, abandonar Lyon e retornar à Cabrália. Não importava o custo, não importava o fracasso literário que já carregava nas costas. Ficaria ao lado dela durante o tratamento, mesmo que ela resistisse à ideia. Porque, no fundo, sabia que já havia perdido muitas coisas importantes na vida. E Gabriela, por mais que ela tentasse negar, era algo que ele não estava disposto a perder.

Ele precisaria de apenas alguns dias para resolver as pendências que ainda restavam em Lyon.

∵ ∴ ∵

Dez dias depois, o Barbosa estava arrumando suas coisas no pequeno estúdio da residência. Uma jovem romancista vinda das encostas andinas bateu à porta, perguntando se ele precisava de ajuda.

— Não, obrigado — respondeu, forçando um sorriso. — Só preciso terminar isso e partir.

Ela o observou por um momento, como se soubesse que havia algo mais por trás daquela decisão repentina.

— Você pensa em voltar para Lyon? A residência... ainda faz sentido? — perguntou, hesitante.

Ele parou por um instante, segurando um caderno meio rasgado.

— Não sei. Talvez o que eu tenha vindo buscar aqui nem exista mais.

A jovem assentiu, como se compreendesse completamente. Depois, antes de sair, acrescentou:

— Se precisar escrever algo antes de partir, escreva. Mesmo que seja só pra você.

Ele pensou nisso enquanto fechava a última mala. Sentou-se à mesa, abriu o caderno e escreveu uma frase curta, mas sincera:

> Talvez o fracasso seja apenas uma forma de voltar ao essencial.

Então fechou o caderno, guardou-o na mala e partiu para o aeroporto. Pensou em como o amor, mesmo quando complicado, era a única coisa que realmente importava.

E, pela primeira vez em muito tempo, sentiu algo que não era dúvida ou peso. Era apenas... urgência.

> ***Nota de Cozinha (contém resíduos de desencanto)***
>
> Enquanto arrumava as malas, o Barbosa se lembrava de que seu único sucesso era um livro que ninguém comprara e que todos fingiam admirar. Percebeu que a fama literária é como um fantasma: todos falam, ninguém vê — e, quando aparece, assusta mais do que alegra. Principalmente se vier cobrar direitos autorais.

A Despedida

A Cápsula do Tempo FIM-5DCB-10 guardaria: um café em copo descartável — "Derrota com Pegada de Carbono"; e um ramo de lavanda — "Último Adeus (Biodegradável)".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com chifres carbonizados, sussurrava: "Renasci tanto que virei carvão... e ainda assim não aqueci ninguém."

"O mundo quebra a todos, e depois muitos ficam mais fortes nos lugares quebrados."

Ernest Hemingway, *Adeus às Armas*

Era só um celular. Pequeno, inofensivo, brilhante — como uma ideia ruim disfarçada de modernidade. O Barbosa o olhava como quem observa um *hamster* girando eternamente na rodinha: não com medo, mas com um cansaço filosófico.

Nunca confiou em celular. Nem em gente que responde com *emoji* de coraçãozinho. Dizia que o aparelho era uma mistura de tornozeleira eletrônica com confessionário portátil: você carrega no bolso, responde sem pensar e ainda se sente culpado por não ter mandado um "bom dia, flor do dia!!!" no grupo da família. Usava, claro — ninguém sobrevive hoje sem se render um pouco — mas usava como quem toma antibiótico: na dose exata e só quando não havia outra saída.

O *WhatsApp*, então, era seu trauma de guerra. Achava que tinha sido inventado por alguma seita secreta de traficantes de opinião. "Aquilo não é mensageiro instantâneo, é mural de surto coletivo", resmungava. Usava o mínimo possível, como quem entra num elevador lotado de estranhos discutindo jejum intermitente e autoajuda quântica.

Para ele, o aplicativo só servia para transformar tias em especialistas em geopolítica, amigos em robôs repetidores de *memes* e pessoas comuns em zumbis digitais com o dedo nervoso. Lá dentro, as conversas se multiplicavam como *gremlins* molhados: gente falando sem ouvir, respondendo perguntas que nunca foram feitas, e *emojis* — tantos *emojis* que às vezes pareciam mais sinceros que as próprias palavras.

Ele achava que aquilo era como estar numa festa onde todos falam ao mesmo tempo, mas ninguém se dá ao trabalho de estar presente. Só se responde, mecanicamente, como quem cumpre expediente no balcão da existência digital.

Mesmo assim, lá estava ele, com o aparelho na mão, enquanto se deslocava para o aeroporto, onde tomaria o voo de volta à Cabrália. O som que saia do aparelho atravessava o seu cérebro como uma ordem incontestável, algo que não podia ser

ignorado, mesmo que ele desejasse. Então, atendeu.

Do outro lado da linha, uma voz masculina — formal, mas agora levemente trêmula. Era o pai do Barbosa.

— Gabriela... ela... Gabriela morreu.

Ele ouviu. Mas não compreendeu.

A morte dela não era lógica. Era íntima. Ilógica como um pesadelo que se dissolve ao despertar, mas que ainda assim deixa uma dor inexplicável.

O pai hesitou. Talvez percebesse que o silêncio do filho era mais grave do que um choro.

— Foi envenenamento, filho. Aparentemente, suicídio. Encontraram substâncias raras no sangue.

Fez uma pausa, como se precisasse respirar antes de dizer o resto...

— As mesmas substâncias encontradas no sangue dela estavam no resto de chá de jasmim que ficou no bule sobre a mesa de centro — disse o pai, baixo, quase como quem entrega uma chave sem saber se ela abre ou tranca algo importante. — O legista afirmou que são compostos alcaloides típicos da *Brugmansia*, planta ornamental conhecida como *Trombeta dos Anjos*.

O Barbosa permaneceu em silêncio, como se criogenicamente preservado no próprio espanto.

— Ao lado do bule, havia um frasco com extrato das folhas secas. Como se tivesse deixado ali de propósito... um vestígio da receita — murmurou o pai, oferecendo a teoria como quem entrega um bilhete de loteria já riscado.

— Ela estava sozinha... — disse, quase sussurrando, como se as palavras tivessem medo de se perder no ar. O silêncio do Barbosa era um muro opaco, impenetrável.

— Fazia dias... dias que não saía de casa — continuou o pai, a voz vacilando. — A última visita foi de Luíza, aquela que trazia o cheiro de água sanitária e vidas alheias. Até que saiu. Foi visitar um velho amigo. Aquele que ela chamava... o *Cozinheiro*. Depois... ficou isolada.

A palavra ecoou dentro dele como uma colher batendo no fundo de uma panela vazia. O *Cozinheiro*.

O Barbosa soube, ali, que aquela visita não poderia ter sido por acaso. Ela havia sido diagnosticada semanas antes. Um câncer raro, agressivo, com um nome técnico que mais parecia uma sentença. O médico dissera “baixo prognóstico de cura”, e ela apenas assentira — como quem já sabia.

Desde então, mergulhara num silêncio ensurdecedor, feito de lembranças, cheiro de lavanda, e uma tristeza com gosto metálico. Não pediu ajuda. Apenas sumiu do mundo aos poucos, como se já estivesse praticando sua ausência.

Essa mudança foi drástica e rápida, como uma tempestade que surge sem aviso em um céu até então limpo. Acompanhou essa transformação através das ligações telefônicas que costumavam fazer diariamente, sempre no final da noite, quando as horas pareciam mais vazias e as palavras tinham um peso diferente. No entanto, nesse curto período de duas semanas, essas conversas tornaram-se cada vez mais raras. E quando aconteciam, eram preenchidas por silêncios longos, pausas intermináveis que pareciam se estender como sombras no escuro. Podia ouvir a respiração dela do outro lado da linha, hesitante, como se estivesse escolhendo cuidadosamente o que dizer — ou como se já não houvesse mais nada a ser dito.

Era nas pausas, naquilo que ela não dizia, que ele sentia o peso de tudo. As histórias que antes enchiam suas conversas noturnas, os risos leves e até mesmo as

reclamações banais sobre o dia a dia foram substituídos por algo que ele não sabia como enfrentar. Um vazio crescente, espremido entre as palavras não pronunciadas. Ela estava ali, mas ao mesmo tempo já não estava mais. E o pior era saber que essa ruptura havia acontecido tão rápido, como se tivesse sido engolida por algo invisível que ele não conseguia alcançar.

A visita ao *Cozinheiro* talvez tenha sido um gesto último. Um retorno ao passado para se despedir de algo que nem ela sabia nomear. Talvez buscasse ternura, talvez coragem. Talvez só precisasse ser chamada de Gabriela mais uma vez por alguém que ainda a enxergava sem pena.

O Barbosa ficou com o telefone na mão, sem saber onde colocá-lo depois. Porque a verdade, aquela verdade que a gente sente antes de entender, já havia escorrido por entre os dedos.

E a frase se perdeu em meio a uma série de palavras sem sentido. Mas, ao ouvir o fim da história, ao perceber que a vida de Gabriela, a mulher com quem ele compartilhara tantos momentos, se apagava daquela forma brutal e impessoal, algo dentro dele se desfez.

Ele sentiu o vazio daquelas palavras. Sentiu o peso de uma vida que não era sua, mas que ele ainda carregava como uma sentença. Gabriela, que o sustentara durante os últimos anos com sua paciência e crença em um futuro que ele nunca foi capaz de abraçar. Gabriela, que o havia amado, mesmo quando ele não se amava mais.

Ele pensou em tantas coisas que não havia dito. Em tantos momentos em que poderia ter mostrado que ainda existia alguma chama de afeto dentro de si. Pensou na sua mediocridade, em como sempre se esquivou das responsabilidades, das promessas. Pensou em como o sucesso fugira dele — não por falta de talento, mas por falta de coragem, de vontade.

Nesses quase três anos, perdera-se no labirinto das palavras não escritas, dos projetos não concluídos, das tentações da literatura "mercadológica", que lhe exigira ser algo que nunca fora. Não era um escritor — nunca fora. Era apenas um homem tentando, desesperadamente, escapar da irrelevância. E ela, coitada, sempre ao seu lado, tentando empurrá-lo para a frente, mesmo quando ele se arrastava para trás.

Agora, estava sozinho.

∵ ∴ ∵

O velório foi uma sucessão de rostos que ele não conhecia. Ou melhor, rostos que ele nunca tinha visto, mas que provavelmente conheciam Gabriela melhor do que ele nos últimos tempos. Pessoas que estavam ali, não porque sentiam a falta dela — ou porque sua ausência deixaria um buraco em suas vidas —, mas porque precisavam de uma tragédia para aliviar o peso das próprias existências monótonas. É sempre assim. O ser humano é um animal social, mas também é um animal dramático. E aquele desfile de condolências? Não significava nada para ele. As pessoas falavam de Gabriela como quem comenta o tempo no elevador: "Ah, ela era tão especial." "Tão cheia de vida." Como se ela fosse uma pintura pendurada na parede da memória delas, e não alguém com quem ele havia compartilhado cama, mesa e silêncios.

A única pessoa que parecia genuinamente abalada era Luíza Borja, a *Dame de Propreté* e, antes de tudo, amiga. Essa sim. Trabalhava nos banquetes organizados por Gabriela não pelo dinheiro — embora ele ajudasse — mas por admiração. Era um tipo raro de profissional com senso de missão estética. Limpava como quem esculpe.

Fazia questão de trabalhar quando ela estava presente. Foi assim que acabou no *"Casarão dos Barbosa & Freitas"*, espanando a poeira com a mesma delicadeza com que olhava Gabriela: com respeito, quase devoção.

No velório, estava de preto. Discreta. Vestida com uma elegância silenciosa, que não precisava provar nada pra ninguém. Luíza parecia estar ali não por cerimônia, mas por luto de verdade. Coisa rara.

Já o Barbosa... sentia-se um penetra no próprio luto. Um convidado desinformado no espetáculo da sua própria dor. As palavras de consolo voavam por perto, mas nunca pousavam. Eram como moscas elegantes: zumbiam de longe, só pra dizer que estiveram ali. Era estranho, pensou, como as pessoas conseguiam transformar a morte de alguém em uma espécie de espetáculo coletivo, onde cada um interpretava o papel de enlutado sem realmente sentir nada.

Mas então, enquanto tentava afogar esses pensamentos no café ralo que serviam no canto da sala, algo lhe chamou a atenção. Num canto mais escuro, quase camuflado pelas sombras projetadas por cortinas que ninguém jamais ajustava direito, havia uma figura parada. Imóvel, como uma estátua mal colocada ali. Alguém que tentava passar despercebido, mas que, justamente por isso, chamava atenção. O Barbosa franziu a testa. Forçou os olhos contra a penumbra. A figura lhe pareceu familiar. Será que era o *Cozinheiro*? Ou alguém que lembrava o *Cozinheiro*? Talvez fosse apenas sua imaginação, sempre pronta a pregar peças em momentos como aquele. Mas antes que pudesse ter certeza, antes mesmo que conseguisse dar dois passos na direção do homem, este se virou discretamente e desapareceu. Como fumaça. Como se nunca tivesse estado lá.

Quando o último participante finalmente foi embora, o Barbosa ficou sozinho. Sozinho como sempre esteve, mesmo quando estava acompanhado. Era como se a solidão fosse o estado natural dele, seu *habitat* predileto. Sabia, com aquela certeza amarga que só vem depois de muitas decepções, que não havia mais volta para a vida que ele imaginara para si.

Não havia mais sentido em carregar o fardo de um escritor fracassado, alguém que nunca encontrou seu lugar nem na literatura nem no mundo real. Se fosse sincero consigo mesmo, admitiria que nunca fora exatamente um escritor. Era só um cara que gostava de fingir que escrevia, enquanto, na verdade, só arrastava palavras pelo papel, sem nunca dizer nada que realmente importasse.

E agora? Agora ele era só o Barbosa. Com seus pensamentos, sua mediocridade e o silêncio que restava.

Foi quando ele decidiu.

Ele voltaria para casa. Para o seu pai.

A casa do seu pai era uma cápsula do tempo — um lugar onde ele vivera por algum tempo, ainda muito jovem, após a morte da mãe. Depois, ao sair dali, mudara-se para o "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*, antes do primeiro casamento, como se a distância fosse a única coisa capaz de lhe dar uma identidade.

Lá, não precisava ser ninguém. Não precisava ser escritor. Não precisava ser nada.

∵ ∴ ∵

No caminho de volta, olhou pela janela do carro. A cidade passava como um borrão indistinto, um fluxo mecânico que nunca lhe pareceu fazer sentido. O mundo

avançava, alheio às tragédias individuais, às histórias que nunca seriam contadas.

Ele pensou em Silvério, no Dr. Henrique Sampaio. Eles, com diferenças de idade e de abordagem à vida, tinham sido, na medida do possível, seus amigos, seu apoio. Agora estavam mortos, cada um à sua maneira, e o que restava de suas existências estava congelado nas páginas de "*O Último Banquete da Rèpublika"*.

Ele os transformara em personagens, distorcidos pelo filtro deformador de um escritor incapaz de narrar a própria vida. Os risos, as discussões sobre literatura, as esperanças — tudo isso se perdera na poeira do tempo. Tudo o que lhe sobrava agora eram lembranças desbotadas.

Chegou à casa do pai. O mesmo lugar onde tudo começara e onde, talvez, tudo devesse terminar. O velho estava sentado na cadeira de sempre, diante da TV ligada. O relógio na parede marcava os segundos com uma lentidão opressiva, como se zombasse da passagem do tempo.

Desde o dia em que enterrou a esposa — sem lágrimas, mas com os olhos secos de uma tristeza mineral —, o velho Barbosa evitava falar com os vivos e passou a habitar um mundo de luzes artificiais e vozes projetadas. Não enlouqueceu, tampouco chorou; apenas deslocou-se, suavemente, como quem escapa por uma fenda no tempo, para dentro do retângulo luminoso da televisão, onde passou a viver em comunhão permanente com apresentadores matinais, âncoras de noticiário e estrelas de novelas mexicanas.

O Barbosa entrou sem dizer nada. Sentou-se ao lado do pai, que registrou sua presença apenas com um leve aceno de cabeça.

— Quer café? — perguntou o pai, sem tirar os olhos da tela.

— Não — respondeu Barbosa, chorando pedras, como quem já esqueceu o gosto da água salgada. Eram sentimentos que não podiam mais ser contidos, corroendo por dentro, vazando pelo corpo como um luto que insiste em se disseminar.

O silêncio que se seguiu era denso, quase palpável. Ambos sabiam: não havia futuro, apenas o peso de um presente que se arrastava inexoravelmente em direção ao fim inevitável. O Barbosa olhou para as próprias mãos. Estavam vazias. Nem mesmo a dor parecia merecer destaque — era só mais um fato banal, como o clima ou as manchetes do jornal.

Na estante, viu um exemplar empoeirado de "*O Último Banquete da Rèpublika"* — seu único livro publicado que tivera algum sucesso, ainda que tênue. Uma espécie de versão cabralina de "*O Retrato de Dorian Gray"*, de *Oscar Wilde*. Enquanto o quadro de *Dorian* escondia a podridão sob tintas brilhantes, aquelas páginas encobriam, sob frases cuidadosamente polidas, a prova de sua inadequação ao mundo.

Cada linha era um reflexo invertido: o livro envelhecera por ele, acumulando nas margens a poeira de sua mediocridade, enquanto ele permanecia intacto — ou pelo menos tentava — assombrado pelos fracassos que as palavras absorviam como veneno.

Abriu o livro ao acaso. Seus olhos caíram sobre a frase: "*O sabor do fracasso é o único que perdura após o último gole"*. Gabriela dissera que era "bonita". Ele agora entendia: era um autorretrato. Não mentia — apenas se escondia, como *Dorian* escondera o quadro no sótão.

Fechou os olhos. O mundo continuaria, claro. Supermercados abririam, políticos mentiriam, celulares vibrariam com notificações irrelevantes. Ele, porém, ficaria ali, naquela sala, onde o tempo era uma substância densa e inútil. Não havia redenção, nem epifanias grandiosas — apenas o vazio morno de saber que fingir já não fazia

diferença.

Apenas o som do próprio silêncio.

Nota de Cozinha (contém: 2 partes de pessimismo, 1 de ironia, zero de esperança)

Se "*Adeus às Armas"* é a fuga de um homem da guerra para os braços de um amor que a morte arrebata, aqui é a fuga de um homem do amor para os escombros de uma guerra sem trincheiras — só grupos de *WhatsApp*, onde o inimigo é a própria insignificância. *Hemingway* enfrentava a morte com frases lapidadas, como quem afia uma faca antes do abate; o Barbosa, com o polegar trêmulo sobre a tela — como quem espera uma resposta que nunca virá, mas não ousa desligar o aparelho.

Não há rio para atravessar, nem neve alpina — só um chá de jasmim envenenado com *Brugmansia*, planta cujo nome soa como um verso desistido. A tragédia não explode: infiltra-se, como o câncer no sangue dela e a mediocridade na alma dele.

Ambos, *Frederic Henry* e o Barbosa, perdem o que os ancorava: *Catherine*, no parto; Gabriela, no silêncio das ligações que se rareiam, nas palavras não ditas. *Hemingway* sabia que o mundo mata os que amam demais. O Barbosa descobre tarde demais que ela era seu único território seguro. E, em vez de caminhar sob a garoa de Milão, senta-se ao lado do pai, diante de uma TV que nunca se cala, e chora pedras — porque, afinal, até o sal já secou.

Outras Formas de Rendição

A Cápsula do Tempo REN-5DCB-11 guardaria: um álbum de fotos em branco, simbolizando memórias que não foram registradas; e uma vela apagada, representando a rendição diante da inevitabilidade da morte.

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com os olhos marejados, tentava reconstituir lembranças em meio à escuridão do luto.

"A liberdade é uma ilusão cara."

Michel Houellebecq, *Submissão*

O Barbosa caminhou lentamente para o seu destino, carregando na mala bastante fracassos, embalados hermeticamente em sacos transparentes de infelicidade. Entendia que felicidade não poderia ser um projeto e sim uma aventura. Aventura que ele nunca esteve disposto a se submeter.

Enquanto arrastava os pés pelo calçamento irregular, ouviu uma voz atrás de si. Era Gabriela. Não se lembrava de tê-la ouvido se aproximar — apenas estava lá, como se tivesse sido invocada por um pensamento que ele não percebeu ter tido. O rosto carregava uma expressão entre preocupação e cansaço, embora seus olhos parecessem estar muito longe dali.

— Para onde você está indo? — perguntou ela, como quem já sabe a resposta, mas ainda assim precisa confirmar.

— Não sei ao certo — respondeu o Barbosa, sem desviar o olhar do chão. — Mas parece que estou chegando.

Gabriela suspirou e cruzou os braços, como se tentasse se proteger de um frio que não vinha do vento, mas de algo mais fundo — talvez da própria lembrança.

— Você sempre fez isso, sabia? Fugir das coisas importantes. Das pessoas. De si mesmo.

Ele fitou-a por um instante suspenso no tempo. Havia algo nos olhos dela que parecia vir de um tempo anterior, de um lugar ao qual ele já não pertencia. E ainda assim, ela estava ali — tão próxima e tão distante quanto uma lembrança teimosa.

— Eu não fujo. Eu só... me reorganizo. — retrucou ele.

Ela riu, mas não havia humor no som.

— Reorganizar é só outra palavra para adiar. E você já adiou demais.

Ele não respondeu. Não havia muito o que dizer. Ela tinha razão — como sempre. Sua vida era uma sucessão de adiamentos, projetos inacabados, palavras escritas e depois apagadas. Não era a primeira a lhe dizer isso.

∵ ∴ ∵

Continuou andando, agora sozinho novamente. A cidade parecia indiferente ao seu passo lento, aos seus pensamentos pesados. Os prédios antigos observavam-no com suas janelas vazias, como espectadores desinteressados de uma tragédia banal.

Na mala, além dos fracassos, havia também algumas memórias: a risada rouca do Dr. Henrique Sampaio durante um debate improvisado sobre política; os discursos inflamados de Silvério, que sempre terminavam com alguém jogando uma lata de cerveja pela janela; as cartas não enviadas de Geraldo, que desaparecera e depois reaparecera, como quem retorna ao exato ponto onde havia interrompido a própria sentença.

Tudo aquilo estava ali, cuidadosamente organizado, como relíquias de uma vida que ele mal reconhecia mais.

Sentou-se em um banco de madeira pintado de branco, bem no meio da praça sombreada pelas copas das árvores. O Barbosa ajeitou-se, cansado, e repousou as mãos sobre os joelhos, sentindo o calor morno do fim da tarde. O banco rangia sob seu peso, convidando a um breve descanso da caminhada que já durava horas.

Ao seu lado, num espaço vazio, acomodou-se um homem de roupas surradas, barba por fazer e segurando uma garrafa plástica quase vazia, que sacudia de tempos em tempos, como se esperasse extrair um último gole daquele líquido esquecido. O olhar do homem era curioso, carregado de uma espécie de descrença melancólica, como se carregasse décadas de abandono no peito.

— Você parece perdido — disse o homem, com uma voz rouca, marcada pelo tempo e pelo silêncio.

O Barbosa ergueu o olhar, meio sem vontade, e respondeu:

— Acho que estou só caminhando.

O homem sorriu, revelando dentes escuros e espaçados, e balançou a cabeça lentamente.

— Caminhar é bom. Ajuda a esquecer. Mas no fim das contas, você sempre acaba onde começou.

O Barbosa ficou em silêncio, deixando a frase flutuar no ar quente da praça.

— E onde é isso? — perguntou, finalmente, curioso.

O homem deu de ombros, como quem aceita um destino inevitável.

— No lugar onde você não quer estar.

O Barbosa observou o horizonte, sentindo as palavras reverberarem em sua mente, densas e familiares. Não havia necessidade de mais perguntas. Sabia, exatamente, onde era aquele lugar.

Levantou-se após alguns minutos, retomando a caminhada. O peso da mala parecia aumentar a cada passo, como se os fracassos dentro dela estivessem ganhando vida própria.

Chegou, finalmente, ao seu destino: uma pequena ponte de concreto sobre um rio sujo e preguiçoso. Parou ali, olhando para a água que refletia o céu cinzento. Pensou em todos os momentos que poderiam ter sido diferentes, todas as escolhas que poderiam tê-lo levado a outro lugar.

Mas não havia mais tempo para especulações. Tudo o que restava era o presente, tão opressor quanto o passado.

Abriu a mala e começou a retirar os sacos transparentes, um a um. Dentro deles, estavam os pedaços de sua vida: sonhos abandonados, amizades transformadas em

personagens, amor desperdiçado em palavras nunca ditas.

Jogou-os na água, observando enquanto afundavam lentamente, como se o rio os engolisse com indiferença.

Quando a mala ficou vazia, sentiu um estranho alívio. Como se, ao se livrar do peso, finalmente pudesse respirar.

Mas ele sabia que aquilo era apenas uma ilusão. O peso não desaparecera; apenas mudara de lugar.

∵ ∴ ∵

O Barbosa entrou no *Casarão* devagar, os olhos pesados demais para focar no presente. Gabriela estava lá, sentada à mesa da sala, lendo. Ele observou-a por um momento, notando como ela parecia alheia ao peso do silêncio entre eles.

— O que você está lendo? — perguntou, com uma voz tão baixa que mal atravessou o ar parado do cômodo.

Ela ergueu os olhos do livro, como se fosse surpreendida por uma pergunta inesperada. Havia algo de distante em seu olhar, como se já estivesse longe dali, em outro lugar, em outra história.

— "*O Estrangeiro*" — respondeu, simplesmente, mostrando a capa desgastada do livro de *Albert Camus*.

Ele franziu a testa, tentando lembrar-se do nome. Não era um autor que ele conhecesse bem, mas havia algo naquele título que o incomodava, como uma verdade que ele preferia ignorar.

— "*O Estrangeiro*"? — repetiu, como se provasse as palavras. — Soa... triste.

Ela sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos.

— É mais do que triste, Barbosa. É sobre alguém que nunca realmente pertenceu ao mundo onde viveu. Alguém que passou pela vida como se fosse uma sombra. — Fez uma pausa, olhando-o diretamente. — Talvez você devesse ler. Poderia encontrar algo familiar.

Ele desviou o olhar, incapaz de enfrentar o peso daquelas palavras. Era como se Gabriela tivesse aberto uma janela para os recantos mais sombrios da sua alma, deixando entrar um ar frio que ele não conseguia dissipar.

Ela o fitou longamente, tentando decifrar o homem que já parecia menos um mistério e mais uma sombra aguardando seu próprio fim.

— E agora? — perguntou, a voz suave, mas carregada de uma urgência silenciosa.

Ele sentou-se em frente a ela, as mãos pousadas na mesa como se buscassem apoio no vazio.

— Agora eu espero — respondeu, numa calma que parecia não pertencer a ele mesmo, como se falasse por alguém que já desistira de lutar.

— Espera o quê? — insistiu ela.

— Que algo aconteça. Ou que nada aconteça. Qualquer coisa serve.

Ela fechou o livro com delicadeza, os olhos transbordando uma mistura de ternura e frustração.

— Você sempre foi assim, Barbosa. Esperando que o mundo resolva as coisas por você.

A cada palavra, o chão parecia tornar-se areia, como se o *Casarão* inteiro fosse uma ampulheta em contagem regressiva.

Ele permaneceu em silêncio. Sabia que ela tinha razão. Mas também sabia que, desta vez, aquela espera carregava um peso diferente — o peso de quem aguarda não uma salvação, mas o inevitável desfecho que, enfim, lhe concederá descanso.

Enquanto esperava, entendeu que a felicidade nunca fora um mapa, mas um abismo. E seus pés, eternamente parados à beira.

Mas, de alguma forma, isso já não parecia importar tanto.

Envolto em alucinações, o Barbosa foi se despedindo do mundo. O que restava de Gabriela eram somente sombras e lembranças tênues. Seu pai também já partira. Partira silenciosamente, esparramado na poltrona da sala em frente à televisão, com o apresentador se despedindo dele num último gesto inútil. Ela tinha se ido, e agora era a sua vez de fugir, usando o mesmo caminho de fuga dela. Talvez pudesse reencontrá-la em seu destino, se *Caronte* fosse piedoso nessa última travessia.

Ele via-se agora em um quarto escuro, iluminado apenas pelo brilho pálido de um abajur que piscava, como se protestasse contra o fim inevitável. Era o mesmo quarto que ele e Gabriela haviam ocupado no passado. Sentou-se na beirada da cama, olhando para as mãos enrugadas como se já não lhe pertencessem. Não havia mais nada ali além de um vazio familiar, aquele tipo de silêncio pesado que ele conhecia bem. Fazia tempo que não entrava naquele quarto — as lembranças, ali, eram insuportáveis.

— *"Você sempre soube que isso ia acontecer"* — disse uma voz dentro dele. Era como se outra versão de si mesmo estivesse tentando fazer sentido do absurdo.

O Barbosa respondeu em voz alta, como se precisasse ouvir as palavras para acreditar nelas:

— Sim, eu sabia. Mas saber não ajuda. Saber é só uma forma de tornar o inevitável mais insuportável.

Ele pensou em Gabriela. Lembrava-se dela com clareza, mas essa clareza era enganosa. As memórias eram como fotografias antigas: desbotadas, rachadas, irreais. Tentou evocar o som de sua risada, mas tudo o que ouviu foi um eco distante, como um rádio fora de sintonia.

∵ ∴ ∵

Na sala de estar, a televisão ainda estava ligada. Um apresentador de sorriso ensaiado falava sobre algo que o Barbosa não conseguia entender. Parecia importante para o homem na tela, mas aqui, na vida real, era apenas ruído.

Ele se perguntou se o pai também havia sentido isso antes de partir. Se aquele barulho constante da televisão teria sido o último som que ouvira antes de mergulhar no silêncio definitivo. Nunca soube ao certo como o pai morrera. Ninguém explicou. Nem precisou. Era óbvio demais: o corpo cansado, a mente entorpecida, o coração simplesmente parando enquanto o mundo continuava a girar ao redor. Partira duas semanas depois de Gabriela.

— Pelo menos ele teve a cortesia de não fazer alarde — murmurou o Barbosa, como se o pai pudesse ouvi-lo. "Não há nada mais triste do que alguém que faz alarde até na morte."

∵ ∴ ∵

No escritório, num momento de lucidez, entre uma alucinação e outra, encontrou o bilhete. O último e único bilhete. Estava ali, escondido entre as páginas de um

livro que nunca terminara — "*Livro de Mágoas*", de *Florbela Espanca*.

A capa, desbotada e cansada, respirava a paixão de Gabriela.

O Barbosa segurou-o com a delicadeza de quem segura um pássaro prestes a virar cinza. Todavia, as folhas rebeldes abriram-se por vontade própria, revelando o papel dobrado, há muito esquecido.

Era o bilhete. Era um poema.

Ou melhor, um fragmento de alma em despedida, escrita pela mão de Gabriela antes de partir. Letras que pareciam sangrar no papel, palavras que respiravam, como as de *Florbela*, onde a mágoa não é só tristeza, mas saudade dolorida, o vazio que fica quando o amor vai embora:

> Eu te guardei, Barbosa, na chama inquieta das minhas noites sem lua. E te amei até quando teu nome se fez sombra, espectro sem cor, quando teus passos se perderam nos meus versos de dor e ternura... Não me apagues do céu da tua alma, onde fui estrela caída e fulgor!

Ele leu em silêncio. E o silêncio, então, ganhou espessura. Como se o ar se transformasse em mel, grudando-se à pele, aos olhos, à garganta. Ali estava Gabriela — não a mulher que partira, mas a Gabriela que existira em segredo, a que escrevera aquelas linhas como quem grava um segredo no tronco de uma árvore condenada. Segurou o papel entre os dedos, como quem segura um objeto sagrado. Ou talvez profano. Não sabia ao certo. Tudo o que sabia era que aquelas palavras eram a última coisa que ele tinha dela.

— Você sempre foi melhor nas despedidas — disse ele ao ar vazio, como se ela estivesse ali para ouvi-lo.

Mas não estava. E ele sabia que nunca mais estaria.

∵ ∴ ∵

Sentou-se novamente na poltrona do escritório. Estava um pouco mais gasta e empoeirada, o estofado cedendo sob o peso da memória, mas ainda era estranhamente acolhedora — como se tivesse sido feita não para corpos, mas para cansaços antigos. Não era mais tão confortável, mas havia se tornado um lugar onde se podia repousar sem pressa. Recostou-se com cuidado, fechando os olhos por um momento, como quem ensaia uma despedida. Pensou em *Caronte*, o barqueiro dos mortos, e se perguntou se ele seria tão implacável quanto diziam as histórias.

— Se você for justo, *Caronte*, eu mereço uma travessia tranquila — disse, baixo, como se testasse as palavras. — Não fiz nada de extraordinário, mas também não causei grandes danos. Só... existi. Isso deve contar para alguma coisa, certo?

Mas não houve resposta. Claro que não haveria. O silêncio era absoluto, exceto pelo zumbido distante da televisão.

> Há um tipo de silêncio que só existe na ficção. Um silêncio que não é ausência de som, mas presença de significado. É aquele que acontece entre duas frases, entre dois olhares, entre dois personagens que se encaram sem dizer nada, mas dizendo tudo.
>
> Nesse tipo de silêncio, o tempo congela. O mundo segura a respiração. O leitor inclina-se para frente, como se aproximar da página fosse ajudar a ouvir melhor o que não está escrito.
>
> Só que, às vezes, esse silêncio também é buraco. Pausa onde devia haver continuidade. Lacuna que o *Autor* deixou por esquecimento ou por medo de escrever

o que viria depois.

∵ ∴ ∵

No final, pensou em todos os personagens que havia criado ao longo dos anos. O Dr. Henrique Sampaio, Silvério, Ferreira, Araújo, Geraldo. Todos eles estavam ali, em algum lugar dentro dele, esperando pacientemente pelo fim. Eles não falaram. Não precisavam. Suas presenças eram suficientes para lembrá-lo de que, mesmo em sua solidão, nunca esteve completamente sozinho.

— Vocês foram minha única verdade — murmurou, como quem pede perdão sem merecê-lo. — Mesmo que eu tenha usado suas vidas para tapar os buracos da minha.

E então, lentamente, deixou o sono tomar conta. Era um sono pesado, entorpecido, como se o próprio tempo estivesse se dobrando sobre si mesmo.

Nota de Cozinha (para leitores que ainda acreditam em epígrafes)

A vida, ao contrário de nós, não tem pressa. Ela espera — espera que você tropece, levante, tropece de novo e, por fim, se convença de que está caminhando. E, mesmo assim, diverte-se enquanto você cai. O problema é que, nesse ínterim, também comete os mesmos erros — só que com mais estilo, menos culpa e uma pitada de escárnio capaz de fazer corar até o mais sério dos filósofos. Sua paciência é infinita; o bom senso, inexistente. E, às vezes, dá até para jurar que ri de você por trás de uma cortina de vento.

Travessia Final: Despedidas e Memórias

“A vida é uma longa doença mortal.”

Louis-Ferdinand Céline, *Viagem ao Fim da Noite*

Quando retomou a consciência, percebeu que estava em outro lugar. Não havia mais dor, nem memórias, nem culpa. Havia apenas um rio escuro e silencioso, e um barco esperando na margem.

Caronte estava lá, como ele imaginara, mas não era o velho decrépito das histórias. Era um homem comum, vestido com simplicidade, um terno discreto, gravata conservadora e, por cima, um avental branco que descia até seus pés. Era o arquétipo do *Cozinheiro*. Ele olhou para o Barbosa com uma expressão neutra.

— Você está pronto? — perguntou *Caronte*, sem julgamento na voz.

O Barbosa hesitou por um momento, mas depois assentiu.

— Estou.

Entrou no barco, sentindo o peso de sua existência se dissipar lentamente. Enquanto atravessavam o rio, pensou em Gabriela. Talvez estivesse do outro lado. Talvez não. No fim, isso já não importava tanto. Afinal, finalmente havia chegado ao lugar onde todas as histórias terminam.

> Ou pelo menos fingem terminar. Porque em certos romances, o fim é sempre um truque — uma forma de encerrar o capítulo antes que o leitor perceba que ninguém morreu de fato.

O barco deslizava sobre a superfície lisa do rio, sem produzir ruído algum. A ausência de som era opressiva, mas também estranhamente reconfortante. O Barbosa observou *Caronte* enquanto remava, os movimentos metódicos, quase rituais. O avental branco, impecavelmente limpo, parecia deslocado ali, como se pertencesse a outro mundo — ou talvez ao mesmo mundo, mas visto sob outra perspectiva.

— Por que o avental? — perguntou o Barbosa, rompendo o silêncio.

Caronte parou por um instante, como se avaliasse a pergunta. Então respondeu, sem tirar os olhos do rio:

— Todos precisam ser servidos — respondeu, a voz quase se perdendo nas águas escuras. — Até os que já não têm apetite pela vida.

O Barbosa franziu a testa, tentando entender.

— Servidos de quê? Uma última refeição? Um último adeus?

Caronte sorriu, mas não havia humor no gesto.

— Não. Servidos de sentido. Ou da ilusão dele.

O Barbosa ficou quieto, digerindo as palavras. Sentido. A palavra soava vazia ali,

como tudo mais. Pensou em todas as histórias que escrevera, em todas as frases que construíra cuidadosamente para dar a impressão de profundidade. Tudo aquilo agora parecia tão insignificante quanto o eco distante de uma colher batendo contra uma panela.

Enquanto o barco avançava, o Barbosa arriscou outra pergunta:

— Ela estará lá?

Caronte não precisou perguntar quem era "ela". Ele sabia. Sabia de tudo, provavelmente.

— Depende do que você quer encontrar — respondeu, com a mesma neutralidade de antes. — Se procura Gabriela como ela foi, não. Mas se procura o que restou dela em você... então sim, estará lá.

O Barbosa olhou para suas mãos, que pareciam translúcidas sob a luz tênue. Pensou nas sombras e lembranças apagadas que mencionara antes. Talvez fosse isso que *Caronte* quis dizer: que as pessoas nunca deixam de existir completamente, desde que continuem vivas em quem as amou. Mas isso era suficiente? Era justo?

— Nada disso é justo... — disse *Caronte*, como se lesse seus pensamentos. "Mas justiça é outra coisa que não existe aqui."

O Barbosa suspirou, resignado. Não havia argumento possível contra essa lógica implacável.

O barco encostou suavemente na margem oposta. O Barbosa olhou para a paisagem à frente. Não havia nada de extraordinário: apenas um campo vasto e vazio, com uma névoa densa pairando sobre o chão. Parecia um daqueles lugares onde histórias começam e terminam ao mesmo tempo.

Era o *Limiar Janual*.

Segundo *Caronte*, não era um lugar, mas um acordo. Um espaço onde o tempo não avança, mas também não recua — apenas espera, como um cursor piscando em campo vazio. Nada ali é destruído. Nada é criado. Tudo é mantido em suspenso: promessas interrompidas, gestos ensaiados, palavras escritas e apagadas antes do envio. Até os ecos têm licença de permanência — desde que não interfiram no silêncio essencial.

Era o único lugar onde a morte não era um ponto final, mas uma vírgula mal posicionada: passível de revisão, sujeita a atualização e, em casos raros — como o de Barbosa —, ainda capaz de ser reescrita.

Antes de descer, virou-se para *Caronte*.

— E agora? O que acontece?

Caronte deu de ombros, como quem já ouviu aquela pergunta mil vezes — e nunca se importou com a resposta.

— Você caminha. E encontra o que tiver que encontrar — disse, com a voz arrastada, quase entediada. — Se encontrar, estará pronto para travessia final. Se não... é só esperar.

O Barbosa hesitou. Por um segundo, quase perguntou "esperar o quê?", mas já sabia a resposta — ou sabia que ela não importava.

Desceu do barco. O chão era duro, frio, como se tivesse sido esquecido pelos deuses há milênios. Virou-se para agradecer, mas *Caronte* já estava longe, o barco desaparecendo na escuridão do rio.

∵ ∴ ∵

Enquanto caminhava pelo campo, o Barbosa começou a ouvir vozes distantes. Não eram vozes claras, mas fragmentos de conversas, risadas, sussurros. Algumas delas pareciam familiares.

— Dr. Henrique Sampaio? — chamou ele, incerto.

Uma forma vaga emergiu da névoa. Era difícil distinguir traços, mas o Barbosa sentiu que era ele. O Dr. Henrique Sampaio, ou o que restava dele.

— Você veio — disse a figura, com uma voz que parecia feita de vento.

— Eu vim — respondeu o Barbosa, baixo. "*Sinto muito por... por tudo.*"

A figura não respondeu. Simplesmente desapareceu novamente na névoa. Outras formas começaram a surgir, uma após a outra: Silvério, Miguel, Araújo, Geraldo. Todos eles estavam ali, mas não como o Barbosa os lembrava. Eram apenas sombras, fragmentos de si mesmos, como se tivessem sido diluídos pelo tempo e pela distância.

∵ ∴ ∵

Finalmente, viu Gabriela. Estava parada à distância, envolta em uma luz suave. Seu rosto era indistinto, mas ele sabia que era ela.

— Gabriela... — murmurou, dando um passo à frente.

Ela não se moveu. Não falou. Apenas o observou com uma expressão que o Barbosa não conseguiu decifrar. Era amor? Indiferença? Piedade?

Ele quis correr até ela, mas suas pernas pareciam pesadas, como se o solo estivesse sugando sua força. Parou a alguns metros de distância, incapaz de continuar.

— Eu te procurei — disse, a voz embargada. "Por toda a minha vida, eu te procurei."

Ela finalmente falou, sua voz tão suave que parecia vir de outro mundo.

— Eu sei. Mas você sempre soube que eu não estava perdida. Você é que estava.

Ele abaixou a cabeça, conformado. Ela tinha razão. Como sempre. No fim, compreendeu. Aquela travessia não era sobre reencontrar alguém. Era sobre encontrar a si mesmo — ou, talvez, aceitar que jamais se encontraria por completo. E, pela primeira vez em muito tempo, o Barbosa sentiu paz.

Segundo *Caronte*, ainda havia uma travessia final. Encontrara o que procurava — ou aceitara o que precisava entender. Fariam juntos essa jornada — se Gabriela quisesse. A última passagem marcaria o fim do estado intermediário no *Limiar Janual*: a transição definitiva para um plano onde o ciclo entre vida e morte se completaria — seja como repouso, renascimento ou continuidade em alguma fibra de realidade paralela.

Foi então que o céu pareceu rasgar-se. Um som agudo, como o eco de um sinal digital em colapso, cortou o ar — instável, intermitente — como se o próprio *Limiar Janual* tivesse sofrido uma interferência. O ambiente oscilou levemente, como se a realidade tivesse piscado. A névoa se dissipou por um breve instante, revelando um portal estreito, vertical — semelhante a um espelho fraturado conectando dimensões.

O Barbosa segurou a mão trêmula de Gabriela.

O portal os engoliu num redemoinho de luzes e cores que não pertenciam a nenhum espectro conhecido. A última imagem que ele reteve foi a de *Caronte*, distante, remando seu barco vazio sobre um rio silencioso e intocado.

Nota de Cozinha (leve, como promessa de capítulo final)

Se "*Viagem ao Fim da Noite*" é o desmoronamento de *Bardamu* pela cloaca da civilização — trincheiras, hospitais, fábricas —, a travessia do Barbosa é sua versão pós-moderna: um inferno não de lama, mas de silêncios digitais, amores mal resolvidos e a ilusão de sentido, servida como prato frio. *Céline* via o mundo com olhos de cão raivoso; o Barbosa, com os de quem já não tem forças para cuspir — só engolir o amargo. Ambos descem ao *Limiar Janual* sem esperar redenção, apenas para confirmar, com alívio cansado, que o absurdo é a única verdade fiel. Só que, enquanto *Bardamu* tropeça entre prostitutas e burocratas, o Barbosa encontra *Caronte* de avental branco, servindo não almas, mas sentido — até no além o capitalismo se infiltra: os mortos também têm seu *delivery* póstumo.

Funeral Servido em Silêncio

A Cápsula do Tempo FNL-5DCB-11 guardaria: um caixão de papelão — "Funeral Ecológico (Sem *Likes*)"; uma urna de compostagem — "Memórias para Adubo"; e um lenço de linho — "Lágrimas Renováveis".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com asas em folhas de jornal reciclado, uivava: "Até as despedidas viraram *clickbait*... e o algoritmo enterrou o luto."

"Sonhar é perigoso."

Hubert Selby Jr., *Réquiem para um Sonho*

Foi uma cerimônia discreta, quase banal — como são todas as cerimônias que envolvem fracassados com alguma dignidade estética. O Barbosa, enfim, descansava. Ou, mais precisamente, simulava esse descanso com a mesma apatia burocrática com que havia simulado interesse pela vida durante décadas.

Chovia uma chuva úmida, fina, depressiva, sobre o *Cemitério dos Livres Pensadores* — nome que, a essa altura, já beirava a sátira involuntária. O Barbosa, nos últimos meses, autopublicava seus contos nas plataformas digitais e mal conseguia concatenar ideias coerentes. No *Medium*, seus ensaios eram tão ignorados que até o algoritmo parecia bocejar; no *Substack*, suas *newsletters* tinham mais *bots* do que leitores.

O pensamento livre, como o amor verdadeiro, era uma ficção liberal que ele já não sustentava.

O caixão era simples, quase utilitário, adquirido com um desconto discreto oferecido pela *Última Morada Funerária*, uma dessas empresas que vendem a morte como quem vende eletrodomésticos em liquidação. Não havia coroas suntuosas nem flores que tentassem disfarçar o inevitável com sua eloquência murcha. Apenas um punhado de hortênsias secas, tão desprovidas de vida quanto as ideias que o Barbosa vinha repetindo em seus últimos contos — textos que mais pareciam cópias malfeitas de algo que ele mesmo já não entendia mais. Como toque final, uma faixa de mau gosto completava a cena, um daqueles detalhes que ninguém escolhe por vontade própria, mas que de algum modo reflete exatamente o vazio de tudo:

> Ao homem que escreveu o que pôde.

Poucos compareceram, e nenhum deles parecia convencido de estar no lugar certo.

Gabriela estava lá, claro. Em espírito — ou naquilo que restava de espírito

quando a matéria se cansava de ser. Vestia preto, mas não o preto dramático das viúvas cinematográficas ou o preto sedutor das mulheres fatais dos romances. Era um preto gasto, quase desbotado, funcional como uma roupa que já não tem nada a provar. Os sapatos, então, eram um capítulo à parte: antigos, de couro rachado e solas gastas, pareciam carregar consigo o peso de algum declínio celestial — como se até no "plano etéreo", as contas não fechassem e o orçamento fosse apertado. E ali flutuava, entre os vivos, com a leveza de quem nunca aprendeu a ser inteiramente ausência, presa ao limbo dos que partiram sem concluir a única tarefa urgente: esquecer-se de existir.

Havia dois ex-ministros, aposentados e inchados. Trocaram olhares cúmplices e ambíguos — era evidente que não sabiam se haviam vindo por respeito, culpa ou apenas por medo de serem vistos ausentes. Um crítico literário, jovem demais para ter lido o Barbosa, murmurava frases solenes ao gravador do celular, preparando um obituário com termos como "voz dissonante" e "último humanista da Cabrália", embora fosse incapaz de citar uma frase sequer do falecido.

Havia também um rapaz franzino, que afirmava ter sido aluno do Barbosa. Ninguém se lembrava do Barbosa lecionando. Mas ele estava ali, como um erro administrativo.

Nenhum parente. Nenhuma editora. Nenhum fã. Nenhum inimigo declarado. Apenas as gotas de chuva — e todas as figuras de linguagem, cada uma a seu modo, abraçadas a uma despedida que não fazia sentido, exceto para o Paradoxo: o único que entendia que, para ser lembrado, às vezes é preciso não ter existido de verdade.

A Metáfora chorava baixinho, com a dignidade de quem já não encontra sentido nem em si mesma. O Eufemismo sussurrava frases como "partiu para um lugar melhor", como se a morte fosse um plano de saúde premium. A Hipérbole, pela primeira vez em séculos, permaneceu em silêncio — talvez por respeito, talvez por falta de ar.

Elas se consolavam com palavras que já não enganavam ninguém, tropeçando em seus próprios duplos sentidos. Era um enterro, afinal. Até as figuras sabiam respeitar a pontuação do silêncio.

A uma distância de segurança emocional, ao lado de um carro parado a quase cem metros, havia uma figura — essa, de carne e osso — que escapava à banalidade daquele fim:

O *Cozinheiro*.

Imóvel sob um guarda-chuva preto, de armação torta, observava a cena com a frieza clínica de um legista diante de uma autópsia moral. Os cabelos escassos, agora grisalhos, estavam penteados com a disciplina de um monge militar. Vestia um sobretudo cinza-claro — insípido, como as escolhas estéticas da elite burocrática do "*Palácio de la République*". Nas mãos, segurava uma marmita de inox. Um gesto de ternura ou de vingança — era impossível dizer.

Não se afastou do carro. Não foi visto. Nem mesmo tentou participar do ritual. Permaneceu até o fim, como um fiscal da decadência alheia.

∵ ∴ ∵

Dois Dias Antes

Se com a morte de Gabriela a alma do Barbosa ficara dilacerada, com a do pai,

apenas duas semanas depois, tornara-se totalmente vazia. Não chorou, não gritou. Apenas sofreu um colapso silencioso da alma — quando o corpo continua existindo, mas o espírito recusa-se a acompanhar. Para ele, a vida perdera todo o sentido. Voltara a visitar com regularidade o *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* — como se o vazio daquelas paredes pudesse acolher o vazio dentro dele. Andava como um fantasma, vagando entre memórias e corredores do antigo *Casarão*, à procura de uma resposta que jamais encontraria.

Foi lá que o encontraram. O corpo jazia, sentado serenamente na poltrona do escritório, como se estivesse simplesmente descansando de mais uma batalha do cotidiano.

Minutos após a descoberta do corpo, a polícia encontrou, sobre a escrivaninha do escritório, uma embalagem contendo restos do que parecia ter sido uma sobremesa.

A embalagem, quase vazia, estava coberta por um pano de linho bordado com as letras "*M.M.*" — um vestígio de um passado em que até os códigos eram discretos. Dentro dela, restavam apenas vestígios de uma preparação elaborada: levemente translúcida, com reflexos dourados e textura entre o *sorbet* e a gelatina, que ainda exalava um perfume suave e persistente — a doçura arredondada da baunilha mesclada à acidez perfumada do maracujá, como se a própria sobremesa se recusasse a desaparecer por completo.

Os poucos que conheceram o *Cozinheiro* — e sobreviveram à experiência — reconheceram: era ele.

A embalagem foi encaminhada para análise no laboratório da polícia e o corpo do Barbosa foi autopsiado com a meticulosidade que só os mortos conseguem exigir dos vivos. O legista, um homem de óculos redondos e bigode encerado, parecia mais interessado em desvendar o mistério do que em cumprir sua obrigação burocrática. Era desses que tratavam cadáveres como se fossem romances inacabados — cheios de segredos entre as vísceras e pontuações fatais no coração.

— Veneno — disse, enquanto ajustava os óculos sobre o nariz adunco. — Não resta dúvida. Este homem não morreu de causas naturais. Alguém lhe serviu uma dose generosa de algo que não combinava com seu paladar... nem com sua anatomia.

O relatório final apontou beladona. Sim, a "erva-do-diabo", aquela planta tão tóxica quanto o silêncio de um traidor, tão mortal quanto uma frase mal colocada numa carta de amor. A descrição do legista era quase poética, embora poesia seja algo que poucos associariam a um homem com bisturi na mão e luvas de borracha.

— Beladona? — perguntou o delegado, um sujeito corpulento que preferia casos simples de faca e briga de bar. — Isso não é coisa de filme?

— Não, senhor — respondeu o legista, com o tom de quem explica algo elementar a uma criança distraída. — A beladona é real. Extremamente tóxica. Pode ser disfarçada em sobremesas delicadas, como *sorbets* ou gelatinas. Provoca alucinações, confusão mental e, eventualmente, parada cardíaca. Um veneno elegante, se posso dizer assim.

— Elegante? — repetiu o delegado, franzindo a testa como quem tenta compreender uma anedota sem graça.

— Sim, elegante. Não há sangue, não há gritos. Apenas uma morte silenciosa, quase teatral. Quem usa beladona não está apenas matando; está fazendo uma declaração.

O delegado coçou a cabeça, visivelmente desconfortável com a ideia de crimes "teatrais". Preferia os brutais, aqueles que deixavam marcas visíveis e culpados fáceis

de identificar. Mas ali, diante do corpo do Barbosa, sentia que estava lidando com algo maior do que sua experiência permitia abarcar.

— Então, alguém envenenou esse homem com... gelatina? — perguntou, ainda incrédulo.

— Possivelmente. Talvez um pudim ou uma compota. Algo sutil, doce, capaz de mascarar o amargor da planta. Quem fez isso sabia o que estava fazendo.

O delegado suspirou, olhando para o cadáver como se esperasse que o Barbosa levantasse e explicasse quem havia lhe servido o último prato. Mas o Barbosa permaneceu imóvel, seu rosto congelado numa expressão que poderia ser de surpresa ou de indigestão moral.

— E quem faria isso? — questionou o delegado, mais para si mesmo do que para o legista.

— Ah, isso — respondeu o legista, com um sorriso leve, quase irônico — é um problema que transcende minha jurisdição. Minha função é descrever como morreu. Quanto ao porquê... bem, isso é um capítulo à parte.

E, de fato, era. O Barbosa não era um homem qualquer. Era um escritor fracassado — verdade. Não tinha, nem nunca tivera, poder — outra verdade. Mas, sem jamais possuir poder, orbitava em torno daqueles que o detinham ou já o haviam exercido. Carregava sua falência como se fosse uma forma de talento invertido, transformando o próprio fracasso em um espetáculo melancólico. Sua morte, contudo, não era apenas um evento isolado; era um ato dentro de uma peça maior, escrita por mãos que conheciam bem o peso das palavras e o gosto dos venenos.

O *Cozinheiro*, claro, estava longe de ser mencionado oficialmente. Mas quem realmente conhecesse sua arte saberia que a beladona seria uma escolha perfeita para ele. Não apenas pela letalidade, mas pelo simbolismo. Afinal, qual melhor maneira de punir um homem que viveu de aparências do que com um veneno que também engana os sentidos?

— Acredita que ele sabia? — perguntou o delegado, apontando para o corpo do Barbosa.

— Sabia o quê? — devolveu o legista, franzindo o cenho.

— Que ia morrer.

O legista pensou por um momento, como quem analisa um quadro antes de dar sua opinião.

— Difícil dizer. A beladona provoca confusão mental antes da morte. Talvez ele tenha percebido tarde demais. Ou talvez tenha achado que era apenas a digestão pesada.

Ambos riram, mas o riso soou vazio, como um eco num salão abandonado. A verdade é que ninguém jamais saberia o que passou pela mente do Barbosa em seus últimos momentos. Talvez ele tivesse visto alucinações — imagens de sua vida, de seus erros, de suas pequenas traições. Ou talvez tivesse simplesmente sentido um gosto estranho na boca e atribuído isso ao excesso de açúcar.

∵ ∴ ∵

O delegado não era homem de grandes inquietações filosóficas, mas algo naquele cenário o incomodava profundamente. Quando encontraram o corpo do Barbosa no escritório do “*Casarão dos Barbosa & Freitas”*, ele jazia sentado na poltrona com uma

serenidade indevida, como se estivesse representando sua própria morte — um detalhe que o perturbava mais do que ele estava disposto a admitir.

Rememorando a cena, agora sob a luz fria da realidade, ficava a nítida impressão de que tudo fora cuidadosamente montado. A morte parecia coreografada, ensaiada, quase... intencional. E isso sim, é o que realmente o deixava desconfortável.

Foi então que um nome surgiu em sua mente, quase como um reflexo condicionado: Alexandrino Ramalho. Um detetive de métodos pouco convencionais, figura singular no meio policial, e conhecido nos círculos mais peculiares do *Clube de Investigadores Especiais* como o "*Sherlock das Sobremesas*" — apelido que ele aceitava com desdém e um desafiador sorriso no canto da boca. Alexandrino tinha o curioso dom de farejar veneno entre camadas de torta, de desconfiar de uma calda excessivamente espessa e de interrogar sobremesas como quem interroga suspeitos.

E havia mais: não era a primeira vez que o nome do Barbosa aparecia em suas investigações. Anos antes, Ramalho estivera envolvido num caso nunca resolvido — o das mortes ocorridas no próprio "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*. O caso ficou envolto em silêncios elegantes, pratos intocados e bilhetes codificados em receitas aparentemente inofensivas. Nada foi provado, naturalmente. Mas restaram perguntas pairando no ar, como um perfume doce demais para ser casual.

O delegado esboçou um sorriso raro — quase imperceptível.
Ramalho era exatamente o tipo de homem chamado quando a morte usava avental de confeiteiro.

A morte do Barbosa não parecia obra do acaso nem da pressa. Algo indicava que fora preparada com cuidado, servida com precisão — como uma sobremesa traiçoeira que termina com uma colherada fatal. Não se tratava apenas de uma morte suspeita, mas de um jogo de delicadezas mortais, como uma xícara de chá servida com veneno na medida exata.

O delegado retirou o celular do bolso e procurou o número.

Antes de pressionar o botão de ligação, pensou, com certa ironia resignada:

— Quem diria…

LIVRO IV
A DAMA DO BANQUETE

Os Bulhões e a Arte do Excesso

“E assim seguimos, barcos contra a corrente, impelidos incessantemente de volta ao passado.”

F. Scott Fitzgerald, *O Grande Gatsby*

Gabriela Prado de Azevedo e Bulhões nasceu do lado errado da simplicidade. Cresceu num mundo onde o excesso era educação e o minimalismo, uma falha de caráter.

Ainda bebê, a pequena Gabriela já frequentava saraus onde recitavam *Baudelaire* entre goles de espumante.

Ela herdou do pai o olhar cirúrgico e a mania de controlar tudo o que fosse mais complexo que um ventilador de teto. Da mãe, herdou o nariz. Mais que isso: o desgosto pelos que confundem sutileza com silêncio.

∵ ∴ ∵

Gabriela tinha sete anos quando escreveu sua primeira carta formal — não para o Papai Noel, como faziam outras crianças, mas para o diretor do colégio, apontando “falhas na metodologia pedagógica”. Foi elogiada pela professora, mas repreendida em casa. “Não se corrige quem manda”, disse-lhe sua tutora, *Madame Dupont*, enquanto guardava a carta num álbum de recortes. Ali, entre fotos de formaturas e convites de casamento, aprendeu que a excelência não era um caminho, mas uma armadura.

Aos onze, depois de humilhar uma colega com uma definição precisa de “ignorância”, ouviu de *Madame Dupont*:

— Ser inteligente não te dá o direito de diminuir quem não teve o mesmo professor.

Foi a primeira vez que se sentiu burra.

Quatro anos depois, no salão da mansão Bulhões, entre lustres barrocos e vinhos que sabiam seu próprio valor, foi indagada por um senador:

— O que pensa do “*Levante das Camisas Brancas*”?

Ela ajeitou a tiara e respondeu:

— Revoluções deveriam ser feitas com canetas, não tanques. Mas entendo, nem todo mundo sabe usar um bom advérbio.

Os risos foram protocolares. Seu pai acenou com orgulho. E ela aprendeu que ironia é o idioma dos que já nascem fluentes em privilégio.

∵ ∴ ∵

Na *Panthéon-Sorbonne*, aos vinte e três, Gabriela tentou cursar Sociologia. Durou dois cafés e uma tese provocativa intitulada *"A Elite como Performance: Uma Tragédia em Três Atos"*.

Foi quando disse a um poeta francês:

— Sou cabralina como o café é árabe: roubada, torrada e adoçada para agradar europeus.

Foi ovacionada. Por dentro, bocejou. O exílio elegante já não a surpreendia.

Aos vinte e oito, não era apenas uma mulher inteligente. Era uma mulher consciente — o que nem sempre era um conforto. Desde cedo, aprendera que a genialidade feminina raramente é celebrada; quase sempre é questionada, desmontada, posta à prova.

Foi nos livros de *Simone de Beauvoir* que encontrou as primeiras palavras para aquilo que já sentia no corpo: que a liberdade das mulheres não é conquistada na teoria, mas negociada em cada reunião, cada decisão, cada olhar atravessado.

Ali, leu pela primeira vez a frase que ficaria gravada como um lembrete íntimo, quase um mantra: "*Não se nasce mulher: torna-se.*"

Mais tarde, foram as páginas de *bell hooks* que lhe deram ferramentas para entender como essa liberdade também precisa ser coletiva — ou então não passa de privilégio disfarçado de progresso.

Ela nunca se declarava feminista em voz alta. Preferia agir como uma. Em silêncio. Com eficiência.

Nos banquetes, nas planilhas, nos diálogos cortantes que desmontavam estruturas com uma única frase. Seu poder vinha não da autoridade, mas da clareza. E isso, sim, incomodava mais do que qualquer posição de comando.

Por essa época, sua planilha de Excel já era mais comentada do que editoriais do *Le Monde*. Tratava a rotina como estratégia militar — incluindo os surtos emocionais. Era precisa, meticulosa, cruelmente competente.

Num jantar diplomático no *Clube République*, enquanto revisava um relatório no *tablet*, viu um assistente do setor cultural derrubar uma taça de vinho sobre um embaixador da Ásia Central. Sem se abalar, observou o caos com frieza:

— Nada está fora de controle. Até desastres obedecem a lógicas.

Enquanto os outros fitavam o embaixador ensopado e o assistente trêmulo, aproximou-se do jovem. Com um gesto cirúrgico, pegou o guardanapo de linho da mesa vizinha e começou a limpar a gravata manchada do rapaz — não a do embaixador. Antes que o jovem recuperasse a voz, virou-se para o embaixador — agora menos furioso, mais intrigado — e inclinou levemente a cabeça:

— Excelência, é deste jovem que virão algumas das ideias capazes de dobrar nossos investimentos em cultura no futuro. Pequenos acidentes... são só rascunhos.

Ela voltou ao seu lugar e retomou o relatório no *tablet*. Nem uma vírgula tremia.

∵ ∴ ∵

Gabriela sempre transitou entre os extremos com elegância — não por indecisão, mas por consciência. Foi assim que, ao leiloar as joias herdadas da avó para financiar uma cooperativa de catadores, enfrentou a ira da mãe, que a acusou de cometer um disparate.

— Ridículo vender diamantes por pão.

— Ridículo é ter diamantes quando falta pão — respondeu, sem tirar os brincos

de safira.

Não foi a única vez em que confrontou o senso estético da elite com a necessidade de ruptura. Anos depois, ao inaugurar a galeria *Avant-Scène*, expôs quadros abstratos lado a lado com os retratos imponentes de seus trisavôs barbudos.

— É sobre ruptura — explicou, como quem desafia uma árvore genealógica com tinta fresca.

Sua ousadia, porém, não era sinônimo de descontrole. Quando um artista tentou cortar a própria tela com uma faca, como parte da performance, interveio com a precisão de um *ponto final*:

— Até o caos tem regulamento.

∵ ∴ ∵

Na cozinha do "*Casarão dos Barbosa & Freitas*", antes do primeiro banquete da *Grão-Confraria de la République*, às quatro da manhã, discutiam o menu da confraria.

— Risoto de enxofre?

— É arte!

— Troque por *confit* de pato. E lave o cabelo. Farofa no couro cabeludo não é vanguarda.

Ela não sorriu. Mas quando os membros da confraria mastigaram divagações e vinho do Porto, o Barbosa soube: Gabriela era a única que via além da bagunça dele.

∵ ∴ ∵

No quarto, sozinha, após mais um banquete com gosto de conspiração — o derradeiro da *Grão-Confraria de la République* —, Gabriela encarava seu próprio reflexo no espelho. Lembrava-se de *Madame Dupont*, em Paris:

— *"Elegância é apenas a forma como escolhemos esconder os ossos."*

E ali, diante do espelho, quis, pela primeira vez, aparecer sem esqueleto algum. Já era tarde demais.

No bolso, um envelope preto com seu nome escrito em caligrafia elegante. Nas mãos, um mundo em ruínas disfarçado de vida impecável. Ainda tentava conter a verdade como quem arruma uma mesa: em silêncio, com lógica... e uma faca de sobremesa afiadíssima.

E, antes mesmo de tentar impedi-lo, veio-lhe o pensamento:

> "Sou antes, sou quase, sou nunca. Um dia serei. Mas não ainda."

Gabriela, das Letras ao Banquete

A Cápsula do Tempo DIV-1DCB-11 guardaria: uma aliança quebrada com inscrição "Até Que a *Live* Nos Separe"; um controle remoto programado para "Gabriela, Canal 666"; e um frasco de álcool em gel com resíduos de batom.

Do outro lado do portal, o **Rato de Laboratório**, de máscara *NFT*, corria em rodinhas virtuais entre gráficos de mortalidade.

"Liberdade é pouco. O que eu quero ainda não tem nome."

Clarice Lispector, *A Paixão Segundo G.H*

Gabriela nasceu sob os auspícios do excesso — e, segundo um sábio que nunca soube ser sóbrio, "excesso é uma palavra que só existe para quem não sabe o que fazer com o suficiente". Bonita, inteligente e absurdamente bem-educada, parecia ter sido moldada por uma comissão de notáveis da *Academia Cabralina de Artes* em parceria com um grupo seleto de estilistas franceses. Filha única de uma família tradicionalíssima — daquelas cujo sobrenome ainda abre portas e fecha licitações —, cresceu entre saraus literários onde todos fingiam entender poesia simbolista, brunches diplomáticos onde ninguém ousava pedir mais torradas e viagens a cavalos que custavam mais que o *PIB* de países pequenos.

Seu pai, um industrial influente do setor de energia e transporte, possuía participações em tudo que gerava lucro — de ferrovias a frigoríficos, de campanhas eleitorais a universidades privadas. Foi homem forte de quatro governos e temido até após a morte, quando deixou a Gabriela uma herança generosa, que garantia, com sobras, a manutenção de seus hábitos refinados e de sua independência financeira. A família "*Prado de Azevedo e Bulhões"*, como era chamada com reverência nos cadernos de economia e fofoca política, fazia parte daquele seleto grupo de pessoas que, mesmo em silêncio, davam opiniões com consequências. Ou, como ensinava certa mente afiada que lia jornal com lupa e deboche: "A elite cabralina é como uma panela de pressão: quanto mais silenciosa, mais perigosa".

Gabriela, ao contrário do que se esperava dela — casamento diplomático com algum herdeiro suíço ou um doutorado em economia internacional seguido de uma carreira na ONU —, decidiu seguir a trilha das letras. Formou-se com louvor em Literatura na *Sorbonne Nouvelle*, acumulou dois cursos trancados (Sociologia e História, abandonados por tédio ou protesto estético) e, antes de retornar à Cabrália, passou três anos em Paris. Lá, dividia seu tempo entre cafés existencialistas e livrarias obscuras, onde declamava poemas de *Florbela Espanca* com um sotaque

quase perfeito e uma dor absolutamente autêntica. Seu exemplar gasto do "*Livro de Mágoas"* era mais que literatura: era relicário. Ou, como ela mesma ironizava: "*Um lugar onde guardo todas as mágoas que não tive coragem de distribuir aos vivos*".

De volta à Cabrália, num gesto que desafiava tanto sua linhagem quanto as expectativas da elite, escolheu uma profissão inusitada: tornou-se *Maître d'Banquet*. Não por necessidade — sua conta bancária dormia tranquila em Genebra —, mas por gosto. Gostava da pompa, do protocolo, da disposição geométrica dos talheres e da sensação de orquestrar eventos onde gente glamorosa fingia se divertir. Em sua função, era implacável e encantadora. Fazia discursos em francês, controlava garçons com o olhar e evitava catástrofes gastronômicas com a precisão de um cirurgião. "Um banquete sem Gabriela", diziam alguns, "é como um casamento sem bolo: todo mundo sai falando".

∵ ∴ ∵

Foi durante um banquete no *Clube République*, em uma daquelas comemorações que ninguém entende direito — o *Dia Internacional do Silêncio* —, que Gabriela travou um diálogo inesperado com Matheus. Era um antigo colega da *Sorbonne*, agora *Diretor de Estratégia Cultural* de gravata apertada e sonhos secretos: queria ser poeta modernista. Ou pelo menos dizia isso quando bebia o segundo uísque.

— Então, Gabriela — começou Matheus, ajustando a gravata como quem tenta desenrolar uma conversa casual —, ouvi dizer que você anda organizando esses banquetes fantásticos. É verdade que até ministro compareceu ao último?

Ela sorriu, com aquele ar de quem já ouviu elogios demais para acreditar neles. "Ah, claro", pensou consigo mesma, "porque é impossível resistir ao glamour de um evento onde o vinho é melhor que as conversas." Mas o que saiu foi:

— Bom, Matheus, não sei se fantástico é a palavra certa. Prefiro pensar que são experiências... civilizadas. Mas sim, um ministro veio. O titular do *Ministério da Infraestrutura Literária e Tipografia Narrativ*a (MILT-N), Prof. Dr. Aristeu F. Lobato, nada menos. Autor de "*Fundamentos do Alinhamento Tipográfico em Ambientes de Crise"* e defensor ferrenho da vírgula como política pública. Só não sei se ele entendeu o cardápio. Ou a piada do discurso de abertura.

Matheus riu, mas ela percebeu que era uma risada ensaiada, daquelas que as pessoas usam para parecer interessantes. Era sempre assim: todos queriam algo dela, mesmo que fosse só atenção. Às vezes, sentia-se como a maestrina de uma ópera bufa, regendo vaidades alheias enquanto sua própria melodia ia se apagando, nota por nota. Um espetáculo patético, na verdade.

— Você sabe que o ministro nem sabia onde ficava o bufê, né? — comentou ela, com um sorriso sutil, como quem conta uma anedota sobre alguém que nunca esteve realmente ali. — Ele perguntou se o salmão defumado era uma obra de arte contemporânea. Acho que estava tentando decidir se cortava com garfo ou analisava a tipografia da bandeja.

Matheus gargalhou alto demais, chamando a atenção de outros convidados. Ela revirou os olhos discretamente, pensando: "Homens. Sempre tentando impressionar alguém que já não está mais ouvindo."

— Aliás, Matheus — acrescentou ela, com um sorriso tão cortante quanto o salmão defumado —, seu entusiasmo combina perfeitamente com a celebração do *Dia Internacional do Silêncio*. Quase dá para sentir o eco da quietude nesta sala. E olha

que o Prof. Lobato fez questão de discursar sobre a importância dos períodos de pausa entre as palavras. Uma pena que ele gaguejou três vezes antes de encontrar a vírgula certa.

Matheus paralisou por um instante, sem saber se deveria rir ou simplesmente fingir que tinha entendido a ironia. Gabriela, impassível, tomou um gole de vinho, como quem saboreia tanto o momento quanto a própria vitória silenciosa.

∵ ∴ ∵

Mais tarde, no buffet, Miguel — frequentador assíduo do *Clube République* e político em final de carreira — aproximou-se com um copo de uísque na mão, exibindo aquele ar de quem está prestes a fazer uma revelação bombástica.

Seu rosto era uma caricatura do tempo: liso demais para a idade, enrugado demais para a emoção. Tinha olhos pequenos, desconfiados, de quem lia entrelinhas até nos próprios bilhetes. O sorriso, quando vinha, era uma concessão diplomática, algo entre o latim jurídico e o latim de missa fúnebre.

Falava como quem edita um diário oficial enquanto recita um poema barroco. As mãos pairavam no ar com gestos lentos, precisos, quase notariais — como se carimbassem ideias antes mesmo de serem pensadas. A voz era baixa, grave, envolta numa névoa de subentendidos constitucionais.

— Gabriela, você já ouviu falar do Barbosa? — perguntou, baixando a voz dramaticamente.

Ela torceu levemente os lábios, intrigada. Já tinha ouvido rumores sobre o homem, mas nunca colocara muita fé neles.

— Barbosa? — repetiu, como se avaliasse o som do nome. — Deve ser algum escritor frustrado, certo?

Miguel balançou a cabeça, dando um gole no uísque antes de continuar:

— Na verdade, ele é genial. Ou insuportável. Depende do ângulo pelo qual você o observa. Andou escrevendo um texto sobre siamesas lésbicas que virou *meme* entre os acadêmicos.

Ela conteve uma risada. *"Siamesas lésbicas?* Isso parece mais absurdo que minhas memórias de Paris" — pensou consigo mesma.

— Interessante — disse, com um tom casual, quase distraído. — Talvez eu deva convidá-lo para o próximo banquete. Ao menos evitaríamos mais uma dissertação do ex-senador Araújo sobre o desafio de construir uma ferrovia metafórica entre soneto e voto obrigatório.

Miguel gargalhou, mas ela já estava distante, mentalmente organizando o próximo evento.

— Sabe, Miguel — acrescentou ela, com um brilho sarcástico nos olhos —, se ele for tão dramático quanto você contou, vou colocá-lo sentado ao lado do crítico de arte mais chato que eu conheço. Acho que eles vão formar uma dupla perfeita.

Enquanto falava, Gabriela ajustou discretamente o colar, como quem fecha uma transação silenciosa consigo mesma. Miguel, percebendo que o momento havia passado, deu mais um gole no uísque, sem saber se fora incluído ou descartado da lista de convidados do próximo jantar.

∵ ∴ ∵

Neste mesmo banquete, durante um intervalo entre os pratos principais e a

sobremesa, Gabriela encontrou Rosana, filha do ex-senador Araújo, sentada discretamente à margem do salão. Rosana, sempre observadora, comentou:

— Você realmente sabe criar momentos únicos, Gabriela. Este aqui parece saído de um livro de *Fitzgerald*.

Gabriela sorriu, mas internamente refletiu: "Se soubesse o esforço que dá transformar esse caos em algo minimamente aceitável..."

— Bem, Rosana, digamos que minha missão é garantir que ninguém note o caos. E você, o que acha do nosso ilustre Barbosa? Acabaram de mencioná-lo, e fiquei curiosa.

Rosana franziu a testa, como se ponderasse cuidadosamente suas palavras.

— Ele é... intenso. Um pouco cansativo, para ser sincera. Mas, ao mesmo tempo, fascinante.

Gabriela assentiu, sorriso feito mais de compreensão que de concordância, e refletiu:

— *"Sim. Fascinante e insuportável. Como tudo que vale a pena."*

∵ ∴ ∵

Finalmente, em um desses banquetes no *Clube République*, Gabriela viu, pela primeira vez, o Barbosa — ainda sem associar o nome à pessoa. Ele estava numa ponta da mesa, falando demais e bebendo um pouco além da conta. A ela, pareceu um espécime curioso: desajustado, ligeiramente desalinhado, mas envolto numa aura melancólica que lembrava personagens decadentes de algum romance russo mal traduzido.

O Barbosa era bonito com atraso. Tinha a beleza dos galãs de matinê: queixo firme, olhos grandes demais para não parecerem melancólicos e um cabelo que ainda resistia heroicamente à passagem do tempo, penteado com vaidade e insegurança em doses iguais.

Alto, esguio, com ombros que pareciam ter sido feitos para carregar casacos pesados e promessas literárias. O nariz reto, quase clássico, destoava da expressão eternamente entre o espanto e o desalento. E as mãos — longas, gestuais — pareciam sempre em dúvida se apontavam para o mundo ou pediam desculpas a ele.

Mesmo parado, parecia estar à beira de um palco invisível — com o corpo levemente inclinado para a frente, como quem espera que alguma coisa finalmente comece. Ou termine.

Quando Márcia, uma amiga em comum, os apresentou formalmente ao final do banquete, Gabriela já sabia quem ele era — e já havia formado uma opinião.

— Ele é interessante, Márcia — disse, com um sorriso cínico. — do tipo que fala como se estivesse escrevendo um livro, mas vive como se estivesse lendo outro.

Márcia riu, concordando:

— Sim, mas ele tem esse jeito único de transformar o caos em palavras. É como assistir a um acidente de carro, mas com poesia.

— Poética ou patética? — rebateu Gabriela, sorrindo de lado, quase imperceptível.

∵ ∴ ∵

Quando a convidaram para ser a *Maître d'Banquet* da tal *Grão-Confraria de la République*, achou a ideia divertida. Não entendeu bem o propósito — e nem quis —,

mas topou, já que os banquetes seriam no "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*. Parte dos participantes já conhecia dos circuitos sociais mais extravagantes, outros conheceu ali, entre brindes e pratos conceituais. Gabriela não fazia nada por dinheiro. Aceitava convites por capricho, curiosidade ou puro desejo de controle. E ali, naquele clube onde discursos eram mais longos que os jantares, viu uma oportunidade rara: aplicar ordem no caos criativo do Barbosa.

Ela achava que já havia visto todos os tipos de fracasso com charme. Mas havia algo no Barbosa que desestabilizava suas categorias. Talvez fosse o modo como ele não fingia sucesso. Ou talvez o jeito como falava de literatura como quem pede perdão.

∵ ∴ ∵

E assim se instalou — primeiro na cozinha, depois no *Casarão* e, por fim, na vida do Barbosa. Ela organizava os jantares como se fossem sinfonias. Ele improvisava com a elegância desastrada de um maestro bêbado. Os dois se ajustaram como dois pratos que não pertenciam ao mesmo jogo, mas que, juntos, compunham um serviço peculiar e inesperadamente harmonioso.

No fundo, talvez Gabriela quisesse apenas estar onde os grandes momentos aconteciam — entre pratos finos, poemas tristes e homens cheios de ideias, mas perdidos no controle remoto da própria existência. E o Barbosa, bem... ele precisava de alguém que soubesse onde ficam os talheres, os remédios e os limites da sanidade emocional.

E quando o assunto era amor? Já dizia um filósofo de botequim: "O amor é como um banquete — se ninguém souber servir, todos saem famintos de sentido."

Nota de Cozinha (um suspiro da Maître d'Banquet)

Se *G.H.* encontra o divino ao esmagar uma barata no quarto da empregada, Gabriela encontra o ridículo ao ouvir um ministro perguntar se o salmão defumado é arte contemporânea. *Clarice* mergulha no viscoso em busca de Deus; Gabriela regula o requintado em busca de ordem — e, por acaso, encontra o Barbosa, um homem que fala como escreve e vive como se lesse a própria vida mal traduzida. Ambas enfrentam o vazio, mas uma em camisola de seda e desespero abismal, a outra em *Dior* e ironia afiada como faca de peixe. No fim, o que resta não é um grito místico, mas um bufê vazio, um uísque pela metade e a certeza de que, mesmo no caos, alguém precisa saber onde ficam os talheres.

Orquestra do Caos

A Cápsula do Tempo BQ1-2DCB-4B guardaria: um pedaço de madeira esculpido em forma de falo gigante (herança de *Kawasaki*); um prato de cordeiro recheado coberto por uma camada grossa de farofa metafórica; e uma nota fiscal falsificada de um restaurante que nunca existiu.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, sentado à mesa, tentava entender por que o banquete tinha gosto de cinzas.

"A vida é uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, que nada significa."

William Faulkner, *O Som e a Fúria*

Gabriela entrou na sala como quem controla um exército invisível. Seu olhar percorreu a mesa, avaliando cada detalhe com uma precisão cirúrgica que fazia qualquer imperfeição parecer uma afronta pessoal. Os guardanapos de linho estavam impecáveis, os talheres alinhados em ângulos que só ela poderia calcular mentalmente e as taças de cristal refletiam a luz de forma quase dramática. Ainda assim, algo estava fora de lugar. Ajustou o arranjo central — uma composição floral que parecia mais um buquê fúnebre do que um adorno festivo — e chamou Luíza, a *Dame de Propreté*, com um meneio sutil de cabeça.

— Essas flores estão mortas — disse a Luíza, com a serenidade de quem profere uma sentença inevitável. — Não literalmente, claro. Mas toda a energia delas se esgotou. Troque por algo mais... vivo.

Luíza retirou-se, deixando Gabriela sozinha por um momento. Ela suspirou, pensando consigo mesma: "Se eles soubessem o esforço que dá transformar essa bagunça em ordem, provavelmente me promoveriam a *Ministra da Cultura*."

Quando os membros da *Grão-Confraria de la République* começaram a chegar, Gabriela já estava no comando total. Era impossível não notar sua presença. Vestida em um terninho preto que parecia ter sido costurado diretamente sobre seu corpo, movimentava-se entre os ilustres decadentes com a graça de uma bailarina e a autoridade de um general. Cada gesto seu era calculado; cada palavra, escolhida para surtir o máximo impacto.

∵ ∴ ∵

— Bom, parece que estamos quase todos aqui — anunciou Gabriela, batendo palmas suavemente para chamar a atenção dos presentes. — Exceto, é claro, quem

deveria estar sentado na cadeira principal. Mas vamos fingir que isso não importa, certo?

Os membros da *Grão-Confraria de la République* trocaram olhares inquietos. Era um tabu. Quanto a Renan, ela parecia ter esquecido completamente — ou apenas o considerava tão relevante quanto uma cadeira vazia.

O Dr. Henrique Sampaio pigarreou, ajustando os óculos com nervosismo.

— Ah, Gabriela, sempre tão direta... — comentou, tentando parecer casual enquanto evitava encará-la nos olhos. — Diga-nos, então, qual será o cardápio desta noite? Espero que nada muito moderno. Já tive minha cota de polvos confitados para uma vida inteira.

Ela sorriu, aquele sorriso que era ao mesmo tempo charmoso e intimidador.

— Não tema, Doutor. Hoje é um jantar tradicional, mas com toques de ironia. Pense nisso como uma ode à nossa querida elite cabralina: superficialmente sofisticada, mas profundamente problemática.

O Dr. Henrique ergueu o queixo sutilmente, intrigado.

— Problemas culinários ou existenciais?

— Ambos — respondeu ela, piscando de forma maliciosa antes de continuar. — Para começar, temos um *couvert* que inclui pães artesanais feitos com farinhas importadas. Sim, porque nada diz "orgulho nacional" como gastar fortunas em ingredientes que ninguém realmente precisa.

Silvério riu baixinho, mastigando um pedaço de pão enquanto observava a cena. Sabia bem o que era viver sem luxos e agora encontrava humor na opulência desnecessária.

— E depois? — perguntou Ferreira, ainda insatisfeito, como sempre. — O prato principal vai ser alguma tragédia grega disfarçada de comida?

Seus olhos disseram mais do que se permitiria dizer em voz alta.

— Exatamente. O prato principal é cordeiro com miúdos, embrulhado em massa folhada crocante e servido com um molho de jabuticaba fermentada... Por quê? Porque até a fruta nativa tem que se reinventar em mil etapas pra ser levada a sério por vocês, Ferreira.

Ferreira bufou, mas não conseguiu esconder um sorriso discreto. Felizmente para ele, o anfitrião finalmente decidiu emergir do escritório, poupando-o de uma réplica que certamente perderia. O banquete, ao que tudo indicava, ia começar.

∵ ∴ ∵

Enquanto os pratos chegavam à mesa, Gabriela deslizava pela sala com a precisão de quem não confia em ninguém além de si mesma. Quando Renan apareceu — fiel ao seu hábito de tratar horários como sugestões —, o recebeu com um sorriso afiado:

— Ora, Renan! Achei que já tínhamos perdido o primeiro membro da *Grão-Confraria*... e antes mesmo da entrada!

Ele corou, soltando um pedido de desculpas quase inaudível, enquanto se encolhia na cadeira como quem tenta desaparecer sem sucesso.

— Desculpem-me, eu… bem, houve um engarrafamento.

— Claro que houve — retrucou Gabriela, com um tom que sugeria que não acreditava em uma palavra sequer. — Engarrafamentos são sempre convenientes para quem quer evitar confrontos.

Geraldo, que até então permanecera em silêncio, ergueu os olhos do seu

consommé com *julienne* de legumes — um gesto que, para ele, equivalia a interromper um ritual de entrega da alma ao sabor.

— Talvez devêssemos focar no banquete, não nas ausências — sugeriu, calmamente. — Afinal, estamos aqui para celebrar algo, certo?

Ela cruzou os braços, analisando-o por um momento.

— Celebrar? Ou simplesmente sobreviver ao próximo prato?

Todos riram, embora ninguém soubesse ao certo se era uma piada ou uma advertência.

∵ ∴ ∵

No meio do banquete, quando o vinho começava a fluir livremente, Gabriela dirigiu-se novamente aos convidados.

— Sabem, esta noite me faz lembrar de uma frase que li recentemente: "Um banquete é apenas um prelúdio do caos." Vocês podem chamá-la de homenagem, sátira ou até tragédia. Mas, no fundo, todos nós estamos aqui porque precisamos de algo para aplacar nossas inseguranças. Ou, pelo menos, nossas fomes.

Silvério ergueu sua taça, num brinde silencioso.

— À fome, então — disse, com um sorriso sábio. — Que nunca nos falte apetite, nem razão para questioná-lo.

Gabriela concordou, levantando sua própria taça.

— Ao caos — acrescentou ela. — E àqueles que têm coragem suficiente para orquestrá-lo.

E assim continuaram, entre goles de vinho e risadas amargas, até que o último prato foi servido. No final, restava apenas a sensação de que, apesar de toda a pompa e circunstância, aquelas figuras eram tão humanas quanto qualquer outra. Frágeis, famintas e, acima de tudo, perdidas.

Mas Gabriela? Ela sabia exatamente onde estava. E, mais importante, sabia exatamente onde queria estar: no centro de tudo, regendo o caos como a maestra que sempre sonhou ser.

Nota de Cozinha (adicione ao seu gosto — ou pule, que ninguém vai cobrar)

Se *Faulkner* tivesse conhecido Gabriela, teria desistido dos monólogos interiores e escrito direto um manual de sobrevivência para jantares da alta sociedade. A confusão emocional e o colapso moral que ele espalha por quatro gerações em "*O Som e a Fúria*", Gabriela resolve em uma única noite — armada apenas de um olhar clínico, um arranjo floral e uma paciência que faria até *Caddy Compson* se ajoelhar e pedir perdão. A diferença é que, enquanto *Faulkner* mergulha seus personagens na lama da memória e do tempo, Gabriela prefere o brilho do cristal — porque o caos, quando bem iluminado, fica mais apresentável.

Faulkner escrevia com o tempo despedaçado, como se passado, presente e futuro acontecessem ao mesmo tempo — e, convenhamos, é exatamente assim que funciona um jantar da elite cabralina: todos falam do futuro enquanto vivem no passado, fingem civilidade enquanto se odeiam no presente e brindam ao caos como se fosse um mérito. Só que, em vez de *Benjy* chorando por *Caddy*, temos Silvério mastigando pão com um sorriso sábio; em vez de *Jason* furioso com o mundo, temos Ferreira bufando diante de um cordeiro embrulhado em ironia. E no centro de tudo, como uma *Dilsey* que aprendeu francês e domina a arte do *couvert*, está Gabriela — não salvando ninguém, mas garantindo que, pelo menos, o colapso seja bem servido.

Porque, como diria *Millôr*, se o mundo vai acabar, que pelo menos a mesa esteja posta: com talheres certos, vinho errado e convidados que merecem o que estão prestes a comer.

Cozinha dos Desentendimentos

A Cápsula do Tempo BQ2-2DCB-05 guardaria: uma panela queimada — "Desentendimentos em Alta Pressão"; uma taça de vinho quebrada de "Brindes Proibidos"; e um *timer* marcando "5 Minutos para o Desastre".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de termômetro culinário em punho, media a tensão que fervia como caldeirão de novela ruim.

"A cozinha é o coração da casa."

Arnold Wesker, *A Cozinha*

Gabriela estava sozinha no salão. A luz da manhã filtrava-se pelas cortinas grossas como se hesitasse em perturbar a ordem meticulosa que ela impunha àquela mesa. Os copos e taças, perfeitamente alinhados. Os guardanapos, dobrados com a precisão de origamis silenciosos. Cada detalhe — flor, prataria, gesto — parecia carregar um significado que só ela entendia. E no alto, o lustre de cristal — coitado — bocejava de tédio.

Quando a porta rangeu, não precisou se virar. Sabia quem era. A presença do *Cozinheiro* chegava antes do próprio corpo. Tinha o peso de um presságio. Uma brisa carregada de fumaça.

— Sempre tão pontual — disse ela, sem afastar os olhos da colher de sobremesa, que reluzia como uma lâmina cerimonial.

— E você, sempre tão ocupada. Como se o mundo dependesse da simetria entre um garfo e uma intenção.

A voz dele era morna, mas havia nela algo que lembrava o estalo do óleo quente na frigideira. Ela sorriu, com aquele meio-sorriso que não era convite nem recusa.

— Talvez dependa. Alguns preferem o caos no prato; outros, a ordem no salão.

Ele caminhou devagar, sem pressa, como quem inspeciona um cenário familiar com novos olhos.

— Você fala como se tudo fosse estética.

— E você, como se tudo fosse essência — replicou, virando-se com elegância calculada. — Mas somos apenas dois lados do mesmo serviço. Eu arrumo. Você serve. E ninguém mastiga com consciência.

O *Cozinheiro* parou ao lado da mesa, os olhos deslizando sobre os arranjos como um juiz avaliando a réplica de uma cena do crime.

— Gosto de pensar que influencio. Que deixo um gosto persistente.

— Influência e indigestão costumam ter o mesmo efeito — respondeu ela, fria como a lápide de um túmulo. — E você confunde presença com ascendência,

Cozinheiro.

Ele riu baixo, como quem saboreia um molho feito à sua maneira.

— Você é boa. Melhor do que imaginei. Pena que ainda finge não saber qual papel desempenha.

— Eu não finjo — disse ela, cruzando os braços. — Apenas recuso seus rótulos. Você me trata como discípula. Isso é um erro... ou talvez uma fantasia sua.

— Você é mais parecida comigo do que gostaria de admitir — murmurou ele, inclinando-se sobre a cadeira principal. — É por isso que ainda está aqui, mesmo quando sabe que tudo isso é pura encenação.

Ela não respondeu de imediato. Olhava para a mesa com um certo desprezo resignado, como se as taças perfeitamente alinhadas fossem uma encenação de ordem — bela, mas vazia.

— Sabe — disse por fim, a voz baixa, quase um murmúrio que evitava ecoar —, às vezes penso que me tornei tudo o que mais desprezava em Paris. Aquela elite estetizada, cheia de pose e sem paixão real. Gente que troca sentimento por discurso refinado, verdade por performance.

Ela sorriu de leve, mas sem prazer.

— Gente que transforma a própria culpa em discurso sofisticado e a ausência de ação em espetáculo intelectual. Que decora o vazio com ironia e vende autenticidade a cada brinde. Eu ria disso. Hoje... componho a mesa.

Ele arqueou os olhos, mas só por um instante — não por sarcasmo, mas por genuíno interesse.

— E por que continua?

— Porque é mais fácil comandar a mesa do que sentar-se faminta diante dela — respondeu, num tom que parecia confessar algo mais profundo. — É cômodo estar do lado de quem escolhe os ingredientes, controla o cardápio, define a temperatura dos pratos. Assim, você não precisa sentir o gosto amargo daquilo que serve.

Ficou em silêncio por um instante, ajustando mentalmente os talheres de uma refeição invisível — como quem reorganiza um passado que teima em reaparecer.

— No fim das contas, alguém precisa decidir o que vai à mesa e como será servido. Você tempera. Eu cuido do palco e da apresentação.

Ela respirou fundo, como se buscasse sentir algo real por trás daquela encenação.

— Sem isso, toda obra é apenas um sussurro no vácuo. Toda crítica, um brinde vazio.

O silêncio que se seguiu era fino, quase transparente — mas pesava como prata antiga. O *Cozinheiro* a observou por um instante longo demais. Tempo suficiente para reconhecer que o julgamento moral é só um espelho devolve o rosto pela metade — e que, no fim, todos somos juízes e réus sentados no mesmo banco.

— E acha que isso a protege? Essa escolha do papel que quer representar?

Ela desviou o olhar, fixando-se no centro da mesa. Ali, um vaso negro abrigava uma única orquídea branca. Delicada. Disfarçadamente frágil.

— Não. Mas me dá tempo. Porque o tempo... quase sempre nos engana.

Ele deu um passo adiante — não com ameaça, mas com aquela solenidade didática de quem está prestes a ensinar algo importante e ligeiramente desconfortável.

— Você acha que tem o controle, Gabriela. Mas controle é uma ilusão. Até a água mais calma pode ferver, se aquecida o bastante.

Ela não recuou. Nem precisou. Apenas ergueu os olhos, com a tranquilidade de

quem já foi gelo, já derreteu — e agora escolheu ser água por vontade própria.

— Você insiste — disse, com voz baixa, mas intacta. — Em aumentar a temperatura. Em querer me evaporar. Me fazer névoa, essência, ausência flutuante. Sua impertinência é cansativa… e infrutífera.

Gabriela fez uma pausa. O olhar fixo nele agora, como quem ajusta o foco de uma lente antiga.

— Enquanto alma líquida, eu escorro. Escorro pelos dedos, pelas frestas do mundo, pelas lacunas das frases bem-comportadas. E você me quer vapor. Mas vapor é ausência organizada. É desaparição com método.

O *Cozinheiro* assentiu com a gravidade de um mestre que confirma uma equação sem solução exata:

— Não é impertinência. É parte do processo. Você quer crescer, mas ainda teme a transição. A alma líquida se apega à forma. O vapor, não. O vapor é pura essência — não precisa de borda, nem de rótulo.

Ela inclinou levemente a cabeça, como quem ouve um erro na harmonia, mas prefere não interromper a música.

— Mas o vapor também não volta. Não pode. Já foi. Só existe se for contido. Caso contrário… se dissolve.

E então houve um silêncio que pesava mais que o som. Como a umidade antes da tempestade.

— Talvez — disse ela — você não queira que eu me transforme. Mas que eu desapareça.

O *Cozinheiro* hesitou. E, naquela hesitação, havia o esboço de uma humanidade que ele tentava esconder atrás da receita.

— Eu só quero que pare de fingir. Fingir que não é você quem está à frente desse espetáculo. Ser água é confortável, mas não eterno. E a vida… a vida exige ebulição.

Ela soltou um riso cansado, quase maternal.

— E eu só queria um jantar em paz — respondeu, já exausta da dança verbal. — Mas você insiste em transformar cada prato num experimento psicológico. Cada garfo, num instrumento de afronta. Cada palavra, numa metáfora provocativa.

— E pior ainda… Cada silêncio — continuou, baixo, como quem revela um segredo que ninguém pediu — vira uma tese sobre o ponto de ebulição da alma humana.

Ele suspirou, como um artista frustrado ao ver sua obra adulterada.

— Na verdade, Gabriela, minha presença não a afronta. Você só não suporta o espelho que represento.

— Talvez. Ou talvez me irrite que você entre na vida dos outros sem pedir licença — disse ela, voltando a ajustar uma taça, como quem reinventa o mundo com as mãos.

— Você sabe — disse ele, mais baixo, quase um sussurro — me aproximo de você porque confio em você.

Ela parou.

— Não sei se isso me lisonjeia ou me condena.

— Ambas as coisas. Como todo prato que vale a pena.

Ela virou-se lentamente, os olhos fixos nos dele. Havia ali algo tênue. Admiração, talvez. Ou apenas cansaço compartilhado.

— Um dia, *Cozinheiro*, tudo isso vai desabar. As flores vão murchar, os talheres perder o brilho. E os convidados... continuarão famintos em outros planos.

— Então restará apenas o gosto do que preparamos juntos — disse ele. — E isso, Gabriela, não se apaga.

Ela ficou em silêncio por um momento, analisando-o como se ele fosse um prato experimental que ainda não conseguia identificar. Então, finalmente, falou:

— Talvez você esteja certo. Talvez eu goste de ter o controle da escolha. Mas sabe qual é a diferença entre nós, *Cozinheiro*? Eu consigo me ver. E, ao contrário do que você imagina, sei exatamente o que estou fazendo aqui.

Ele a encarou por um longo momento, como se tentasse decifrar alguma mensagem oculta em suas palavras. Depois, balançou a cabeça lentamente.

— E o Barbosa? — perguntou, mudando abruptamente de assunto. — O que ele representa para você? Um projeto? Um experimento? Ou só mais um elemento no seu labirinto sentimental?

Ela deu de ombros, evitando o olhar dele e voltando-se para a mesa com uma atenção exagerada, como se o alinhamento dos talheres fosse mais importante do que a conversa.

— O Barbosa é… complicado. Mas também humano. Algo que, às vezes, falta nos outros convidados e, principalmente, em você.

O *Cozinheiro* bufou, claramente insatisfeito com a resposta.

— Humanidade? Ou apenas pena?

— Talvez um pouco dos dois — admitiu ela, sem hesitar. — Mas, no fim das contas, isso importa menos do que você imagina.

Fez uma pausa. O olhar agora mais calmo do que carregado — aquele tipo de calma que só os líquidos profundos têm.

— Aproveitando a sua figura de linguagem — murmurou, mais para si mesma —, como todo líquido, preciso de um copo, uma xícara… ou até um balde, nos dias mais sentimentais. Não por capricho, mas por necessidade de forma. Porque alma líquida, sem recipiente, vira bagunça. Vira drama.

Ele não respondeu imediatamente. Em vez disso, caminhou até a janela e ficou observando a cidade lá fora como se procurasse algo que já sabia que não encontraria.

— Você sabe que isso vai acabar mal, não é? — disse, após um longo silêncio. — Essa proximidade com o Barbosa. Vai te consumir. Ficar perto dele é correr o risco de virar menos carne e mais conceito. Tão perdida nas ideias quanto ele. Um rascunho de alma. Um suspiro sem corpo...

O *Cozinheiro* hesitou. Por um segundo, pareceu que ele mesmo duvidava do que dizia.

— E, quando isso acontecer, você perceberá que estava brincando com fogo o tempo todo.

Ela sorriu, mas dessa vez havia algo triste em seu sorriso.

— Fogo é necessário para cozinhar, *Cozinheiro*. Sem ele, tudo seria cru. E cru demais pode ser difícil de engolir.

Ele a encarou uma última vez, como se tentasse gravar cada detalhe daquela cena em sua memória. Depois, virou-se e saiu da sala, deixando para trás apenas o eco de seus passos e o cheiro persistente de cinza e alecrim. Ela não o seguiu com os olhos. Mas, por um breve instante, desejou que ele não tivesse ido.

> Não porque precisava dele. Mas porque, de todas as presenças desconfortáveis, a dele era a única que parecia... desafiá-la.

Gabriela voltou a ajustar a mesa, mas agora havia leveza em seus movimentos. Sabia que o *Cozinheiro* tinha razão sobre uma coisa: talvez ela estivesse brincando com fogo. Mas, no fundo, também sabia que as chamas podem ser tão belas quanto destrutivas. E, afinal, não era isso o que todos ali buscavam? Uma catarse disfarçada de elegância?

No final, concluiu, enquanto colocava o último arranjo floral no centro da mesa, ao lado da orquídea branca solitária, que talvez o verdadeiro banquete não fosse a comida, mas a fome oculta daqueles que a consumiam.

E isso, talvez, fosse o mais perigoso de tudo.

∵ ∴ ∵

A tarde se desenrolava de forma preguiçosa. Era daquelas em que o sol hesitava em sair do lugar. Ou seria a terra? Enfim, era uma tarde que se recusava a ir embora e dar lugar à noite — como se o tempo, naquele canto do mundo, tivesse decidido parar de fingir produtividade.

Luíza estava em frente à prateleira perto da despensa, verificando os frascos de tempero. O sal, o pimentão defumado, o alecrim — tudo alinhado como se fosse um código escrito em uma língua que só ela sabia decifrar. Era sua forma de oração: tocar, cheirar, alinhar.

Gabriela entrou, descalça — era um hábito, para descansar os pés —, com um rascunho do cardápio na mão. O papel tremia um pouco — não de nervosismo, mas de expectativa.

— Luíza, o *Cozinheiro* pediu o azeite de trufa nova. Já está na mesa?

Luíza não respondeu de imediato. Segurava um frasco sem etiqueta, a tampa de metal ligeiramente amassada, como se tivesse sido aberta mais vezes do que deveria. O pó lá dentro tinha uma cor indecisa, entre verde seco e cinza pálido — a cor das coisas que envelhecem à espera de serem usadas. Abriu a tampa com um giro quase imperceptível e inspirou com cuidado. Nenhum aroma evidente; apenas o cheiro de tempo parado, de segredo esquecido.

Depois, com um gesto discreto, colocou-o na bancada, entre outros temperos já separados, camuflando-o no cenário — um movimento que, à primeira vista, parecia casual, mas que podia muito bem ter sido calculado.

— Os azeites estão na mesa. Mas o de trufa... tem um cheiro estranho. Como se tivesse sido aberto com antecedência. Oxidado.

— Você acha que estragou?

— Acho que foi aberto — disse Luíza, por fim. — E depois reaproveitado. Ou, de alguma forma… adulterado.

Gabriela franziu a testa, mas não perguntou mais. Saiu da cozinha com o rascunho do cardápio ainda na mão. Luíza a acompanhou até à sala. Gabriela retornou sozinha à cozinha, o frasco de azeite na mão. Abriu, cheirou calmamente — e derramou metade no ralo. Depois encheu com azeite limpo, de um lote novo, como quem reescreve uma frase para que o erro não seja notado.

Ninguém viu. Ninguém perguntou.

Mas Gabriela, ao fechar o frasco com cuidado exagerado, sabia que Luíza sabia. Era um pacto silencioso, desses que se firmam entre mulheres que entendem que, em certos lugares, a verdade não se revela — se substitui.

Nota de Cozinha (um fiapo de memória roubado do jantar)

Se "*A Cozinha",* de *Arnold Wesker*, é um retrato brutal da hierarquia, do caos e da violência simbólica que fervem nos bastidores de um restaurante — onde cozinheiros gritam, garçons suam e o tempo é um tirano de relógio de pulso —, o salão de Gabriela é sua versão *haute bourgeoisie*: aqui, o ódio não se grita; serve-se com molho de jabuticaba e um toque de ironia. *Wesker* mostrava a cozinha como microcosmo da luta de classes; Gabriela transforma o salão em microcosmo da luta existencial — onde cada taça alinhada é um ato de controle, cada flor posta é uma defesa contra o caos, e o *Cozinheiro*, com seu discurso de "alma líquida" e "vapor essencial", é o filósofo de botequim que insiste em transformar um jantar em tese sociológica. Enquanto os personagens de *Wesker* se esgoelam por um turno de trabalho, os de Gabriela se esgoelam por um sentido — e, convenhamos, é muito mais cansativo fingir profundidade do que carregar panelas.

Wesker via a cozinha como teatro da fome real; Gabriela vê o salão como teatro da fome simbólica — aquela que não se sacia com comida, mas com papéis bem representados. O *Cozinheiro* quer que ela evapore, transcenda, vire essência; Gabriela prefere ser água com recipiente, porque sabe que, sem forma, até a alma vira bagunça. E, no fundo, ambos sabem que o verdadeiro banquete não está no prato, mas na fome oculta dos que fingem estar saciados. Só que, enquanto *Wesker* termina com panelas quebradas e sonhos desfeitos, Gabriela termina com um frasco de azeite adulterado sendo substituído em silêncio — porque, na elite cabralina, até os venenos se corrigem com elegância. Como diria *Brás Cubas*, se acaso houvesse folheado "*O Ser e o Nada"* entre um charuto e outro: "**Se o inferno são os outros, o purgatório é um jantar em que todos falam de alma, mas ninguém sabe onde fica o saleiro**."

Banquete que Não Terminou

A Cápsula do Tempo BQ6-2DCB-10A-4 guardaria: um envelope lacrado — "Verdade ou recheio de mentira? (*Spoiler*: ambos corrompidos, como o *feed* do *Instagram*)"; e um vídeo corrompido — "Dr. Henrique & *Cozinheiro*: Diálogo não editado (quase)".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de olhos digitais, observava os convidados abrirem envelopes como quem desarma bombas — enquanto sussurrava: "O prato principal sempre foi o silêncio. E o *Zuckerberg*, hoje, concorda."

"O amor é o desejo de possuir o bem para sempre."

Platão, *O Banquete*

Gabriela estava acostumada a orquestrar eventos onde o caos era domesticado, mas aquela noite foi diferente. A ausência de Geraldo pairava sobre a sala como um fantasma silencioso, e ela sabia que algo havia mudado irrevogavelmente. O banquete chegara ao fim, mas as consequências ainda estavam sendo servidas.

∵ ∴ ∵

A sala estava imersa em uma penumbra densa, como se as sombras tivessem decidido tomar posse do espaço enquanto todos estavam distraídos com o desaparecimento de Geraldo. Gabriela caminhava entre os resquícios do jantar, observando cada detalhe: os talheres abandonados, as taças pela metade, os guardanapos amassados. Era como um campo de batalha onde ninguém havia lutado, mas todos tinham perdido.

— Ele não voltará — pensou em voz alta, ajustando um arranjo floral já perfeito. Sua voz soou suave, quase um sussurro, mas carregava o peso de uma certeza inabalável.

Renan, sentado à mesa, ergueu os olhos para ela. Sua expressão era uma mistura de cansaço e resignação, como se finalmente tivesse aceitado que algumas perguntas não têm resposta. O olhar, como sempre, era astuto, mas nunca apressado — como quem calcula o tempo exato de um voto útil ou de um cafezinho antes do escândalo.

— Como você sabe? — perguntou, com um tom que sugeria que já esperava ouvir algo inevitável.

Ela parou por um momento, avaliando-o como quem prova uma sopa insossa antes de mandar de volta para a cozinha.

— Porque aqueles que saem durante o último ato nunca voltam. Eles sabem que

o próximo passo é apenas uma formalidade. Uma assinatura. Um ponto final.

Silvério, sentado à outra ponta da mesa, interveio com sua calma habitual:

— Então, o que fazemos agora? Fingimos que isso é normal? Que alguém simplesmente pode sair no meio de um banquete sem deixar vestígios?

Ela riu, mas não havia humor em seu riso. Era mais como o estalo de um galho seco sob o peso do inverno.

— Normal? Silvério, desde quando qualquer coisa aqui dentro é normal? Somos especialistas em fingir que tudo está bem, mesmo quando o chão está se despedaçando sob nossos pés. Geraldo apenas escolheu sair antes que o espetáculo terminasse. Talvez tenha lido o roteiro com antecedência. Ou tenha amigos nos bastidores.

O Dr. Henrique Sampaio, que até então permanecera em silêncio, levantou-se lentamente, segurando um fragmento de espelho — que aparecera misteriosamente no bolso do seu paletó.

Talvez por alguma falha na lógica do universo, o espelho chegara às suas mãos antes do previsto no roteiro. Mas isso não era raro. Em situações como aquela, a lógica do tempo costumava se curvar ligeiramente — não por magia, mas por pura mania do "*Departamento de Paradoxos Temporais*" de dar *spoilers*.

O fragmento de espelho, é claro, não se importara. Objetos simbólicos raramente se importam com trivialidades como "causalidade" ou "erros de narrativa". Apenas estava ali — como um gato que entra pela janela antes mesmo de você comprar a casa.

— Sabedoria? Ou covardia? — perguntou o Dr. Henrique, seus olhos refletindo fragmentos distorcidos de si mesmo, como se tentasse entender quem era através daquele espelho partido.

— Geraldo fugiu. Deixou-nos aqui para lidar com o que resta. — continuou, com aquela voz grave que sempre usava quando queria parecer menos emocional do que realmente estava.

Gabriela aproximou-se dele, inclinando-se levemente para observar o espelho em suas mãos.

— Fugir ou enfrentar? — retrucou ela, com um sorriso enigmático. — Às vezes, a única forma de enfrentar algo é saindo pela porta dos fundos. Geraldo entendeu isso. E, no fundo, todos nós entendemos também. Só estamos esperando nossa vez.

O Dr. Henrique franziu a testa, desconfortável com a proximidade dela.

— Você fala como se já tivesse decidido o que fazer.

— Decidido? — Ela riu de novo, desta vez com um toque de ironia. — Ninguém decide nada aqui, Dr. Henrique. Somos meros atores num roteiro já escrito. O *Cozinheiro* nos serviu o último prato, e agora só nos resta digeri-lo.

∵ ∴ ∵

Foi então que o *Cozinheiro* reapareceu — como se as palavras dela tivessem sido um feitiço. Seu passo era tão leve que mal se ouvia, mas sua presença preenchia a sala como uma nota dissonante numa sinfonia que até então fingia harmonia. Carregava uma bandeja coberta por um pano branco. Ninguém acreditou que fosse comida.

— Vamos à sobremesa — anunciou, colocando a bandeja no centro da mesa. A voz era calma, mas havia nela uma vibração que eriçava a pele.

Gabriela cruzou os braços, sem disfarçar o tom da expressão:

— O que temos aqui? Outra receita metafórica? Outra prova de que somos incapazes de escapar do nosso próprio destino?

O *Cozinheiro* sorriu com os lábios, mas não com os olhos.

— Não sou eu quem dá as lições, Gabriela. Vocês é que as escrevem. Eu só sirvo.

Ela balançou a cabeça, com aquela mistura habitual de admiração e irritação.

— Claro. Sempre o *Cozinheiro* isento. Nunca o vilão, nunca o herói. Só o espectador com luvas.

— E você, Gabriela? — perguntou ele, com o tom de quem já conhecia a resposta. Sabia que já haviam discutido aquilo antes. — Já decidiu qual é o seu papel nisso tudo? Diretora de palco? Plateia? Ou prefere fingir que é apenas mais uma peça no tabuleiro?

> Gabriela revirou os olhos com a sutileza de quem já lia mais entrelinhas do que qualquer crítico ousaria escrever. Seus olhos diziam volumes — mas volumes concisos, editados, sem uma palavra supérflua. Algumas pessoas não precisam de discursos: têm a ironia no sangue. E, às vezes, no vinho.

Ela não respondeu. Aproximou-se da bandeja e retirou o pano branco, revelando o ritual: **dois envelopes pretos**, lacrados com nomes desenhados em caligrafia precisa. Ao lado, **três caixas de madeira escura**, pesadas como um segredo de Estado. Estas foram colocadas diante de Silvério, Renan e do Dr. Henrique Sampaio.

— Meu papel? — disse ela, girando seu envelope entre os dedos. — É garantir que o espetáculo continue até o último ato. Mesmo que o público já tenha ido embora.

Renan levantou-se de súbito, derrubando a cadeira com estrondo.

— Chega de jogos! — exclamou, com raiva que parecia endereçada a todos e a ninguém. — Estamos aqui há horas, dias, anos, fingindo que isso importa. Mas no fundo, sabemos: já acabou. Geraldo sabia. E agora ele está livre.

Gabriela virou-se para ele, com um sorriso cortante e triste.

— Livre? Ou apenas perdido? Liberdade é uma ilusão, Renan. Estamos todos presos às escolhas que fingimos ter feito livremente.

Silvério se levantou devagar.

— Então qual é o próximo passo? Abrimos as caixas e fingimos surpresa? Confirmamos que somos prisioneiros de nós mesmos?

— Não sei, Silvério. Mas se aprendi algo nesses banquetes... é que o verdadeiro prazer está na antecipação. Nunca no desfecho — disse Gabriela.

Um por um, abriram as caixas. Lá dentro, mensagens. Curtas. Pessoais e universais. Escrito com caligrafia familiar demais para ser identificada.

— Assine seu nome, e será seu último ato. — leu Renan, com a voz trêmula.

O Dr. Henrique Sampaio segurou um pedaço de espelho quebrado, como se buscasse coragem nas rachaduras — e não pôde evitar a sensação incômoda (e levemente burocrática) de *déjà vu*. Já tinha visto aquele espelho antes. Ou melhor: encontrara um caco quase idêntico no bolso do paletó, como quem recebe um aviso metafísico antes da mensagem principal chegar. Era como se o universo tivesse decidido repetir a cena, só para ter certeza de que ele, desta vez, entenderia o recado.

> Os reflexos que aceitamos definem o que somos.

Silvério apenas murmurou:

— Vou tentar decifrar o silêncio dessa mensagem. Talvez ele diga mais do que qualquer palavra.

Gabriela por fim abriu o envelope. Dentro, uma frase simples, em letras grandes e firmes:

> *O banquete continua. Até que você decida parar.*

Ela sorriu, guardando o papel no bolso do terninho preto.

— Parece que ainda tenho trabalho a fazer — disse com um tom que misturava exaustão e determinação. Sabia que aquela noite era, mais do que nunca, um ensaio para o fim. Enquanto olhava os rostos surpresos e as taças silenciosas, sentia-se deslocada — como se observasse a si mesma conduzindo um balé de egos. Pensou em sua última consulta, no *tic-tac* do relógio do oncologista, na frase dita com a empatia de um aviso de elevador: “vamos monitorar”. Monitorar o quê? A dignidade enquanto evapora?

A sala estava cheia de tensão. Mas dentro dela havia um silêncio que ninguém ouvia. Só ela.

O *Cozinheiro* inclinou levemente a cabeça, como se agradecesse por algo que só ele entendia. Depois, desapareceu pela porta que ninguém viu abrir.

Gabriela olhou para os outros — todos imóveis, como se o tempo tivesse parado para eles.

— Será a nossa despedida? — perguntou, estendendo a mão como se convidasse para uma última dança.

Ninguém respondeu. Mas todos sabiam que, de algum modo, aquele fora o último banquete. Não porque quiseram. Mas porque não havia mais o que servir.

E assim, saiu da sala, deixando para trás o vazio sobre a mesa.

O mesmo vazio que cada um deles carregava dentro de si.

∵ ∴ ∵

Na manhã seguinte ao banquete, Gabriela encontrou sobre a mesa um envelope amassado. Dentro, um guardanapo de linho antigo, com uma frase escrita em letra firme:

> Toda verdade que se deixa cozinhar demais vira farsa.

Não havia assinatura. Mas havia uma pequena mancha de batom no canto — o mesmo tom que lembrava ter visto, horas antes, na taça que Luíza limpava meticulosamente. Um tom de vermelho profundo, quase vinho, com acabamento *matte*. Não brilhava para seduzir, mas para impor respeito; um batom que parecia assinado pela própria alta-costura parisiense e usado como se fosse parte do uniforme de uma monarca exilada.

Espelho Riscado

A Cápsula do Tempo ESP-5DCB-05 guardaria: um espelho em moldura de pinho — "Autorretrato com Nó na Madeira"; um verniz — "Verdade Tóxica (Não Inalar)"; e um manual — "Como Lixar o Ego".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com olhos como anéis de árvore, sibilava: "Quem conta os anéis descobre que até a mentira tem idade."

"Hoje em dia as pessoas sabem o preço de tudo e o valor de nada."

Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*

Gabriela estava sentada na sala, rodeada por uma quietude que parecia mais ausência do que silêncio. O "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*, outrora vibrante com os sons de banquetes e discussões intelectuais, agora respirava lentamente, como um animal ferido. Ela observava o lustre de cristal no teto — herança de um tempo em que esse lugar ainda era um teatro vivo — e perguntava-se se alguém, antes dela, já havia sentido o peso vazio daquelas luzes apagadas. Talvez nem fosse a falta de brilho que incomodasse tanto, mas a ausência de olhares para repararem nele. Ou nela.

O Barbosa entrou na sala com aquela postura desajeitada que sempre a irritava. Segurava um caderno surrado, cheio de anotações rabiscadas à margem, como se fossem pensamentos que escapavam antes que ele pudesse capturá-los completamente. Estava vestindo *aquela* camisa de linho — a mesma que ela chamava de "traje oficial de vendedor de curso de milagres" — e parecia orgulhoso dela, como se fosse uma declaração política ou algo igualmente absurdo.

— Você não vai acreditar no que escrevi hoje — anunciou, como se estivesse prestes a revelar o segredo da felicidade universal.

Ela arregalou os olhos, em julgamento silencioso — o mesmo olhar que lançaria a um prato mal temperado, servido com pretensão de *gourmet*.

— Vamos ver: é sobre algum amigo morto transformado em personagem? Ou talvez seja uma ode ao gosto amargo do vinho barato?

Ele riu, mas havia algo nervoso em seu riso.

— Não, dessa vez é diferente. É sobre nós. Sobre o amor.

Ela soltou uma gargalhada curta, quase seca.

— Ah, claro. Porque nada diz "romance moderno" como um homem que transforma até o próprio relacionamento em literatura. Me diga, já tem título? "*Óbito do Romance: Autópsia de Leigo*"?

Ele franziu a testa, claramente ofendido.

— Eu só queria capturar a essência das coisas. O que há de errado nisso?

— Errado? — Ela levantou-se, caminhando até a janela. Seu reflexo no vidro era perfeito, como sempre. — O que há de errado é que você vive transformando as pessoas em palavras. E quando elas viram palavras, deixam de ser reais. Deixam de ser pessoas. Viram apenas mais uma frase bonita em um livro que ninguém lê.

Ele a encarou, confuso.

— Mas... eu faço isso porque admiro as pessoas. Porque quero preservar viva a memória delas.

— Preservar? — Ela virou-se bruscamente, com uma rispidez que o fez recuar um passo. — Você não está preservando, Barbosa. Está embalsamando. Transformando tudo em objetos decorativos para sua galeria particular de tragédias. E sabe o pior? Eu sou parte disso agora.

Ele ficou em silêncio por um momento, tentando processar as palavras dela. Era como se cada frase fosse uma faca sendo girada lentamente em sua carne.

— Eu nunca pedi que você aceitasse ser parte disso.

— Claro que não! — Ela riu, mas era um riso amargo, cortante. — Você nunca pede nada. Apenas espera que todos ao seu redor aceitem suas pequenas obsessões como se fossem genialidades. E sabe o que é ainda pior? Eu aceitei. Aceitei porque achei que poderia salvá-lo. Mas agora? Agora vejo que você não quer ser salvo.

Houve um silêncio pesado entre eles, interrompido apenas pelo som distante de um carro passando na rua. Gabriela suspirou, voltando para o sofá. Parecia exausta, como se toda a energia tivesse sido drenada dela durante a conversa.

— Estou pensando em doar minha herança — disse, após um longo momento.

O Barbosa piscou, surpreso.

— Doar? Para quem?

— Uma instituição de caridade. Ou talvez para financiar bolsas de estudo para jovens escritores que realmente têm algo a dizer. Algo novo, algo verdadeiro. Não essa… autoflagelação literária que você insiste em chamar de arte.

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Você faria isso? Jogaria tudo fora? — perguntou, com a voz carregada de incredulidade.

Ela o encarou novamente, desta vez com um sorriso triste que não chegava aos olhos.

— Tudo fora? — repetiu em voz baixa, como quem desmonta uma frase antes de usá-la. — Você não está enxergando em perspectiva, Barbosa.

Ela respirou fundo, os olhos fixos nele, revelando uma mistura de cansaço e decisão.

— Se você considera que investir em algo novo e verdadeiro é jogar tudo fora... então sim, eu jogaria. Jogaria sem hesitar.

Uma pausa curta, como se buscasse forças para continuar.

— Na verdade, já fiz isso uma vez. Joguei fora minha vida, meu propósito, meu senso de identidade...

Ela desviou o olhar, a voz carregada de mágoa.

— Tudo foi substituído por uma existência à sombra de um homem que prefere escrever sobre mim do que me ver de verdade.

Ele sentou-se ao lado dela, segurando o caderno com força, como se ele fosse o último pedaço de terra firme em um mar agitado.

— E nós? — murmurou, quase com medo da resposta. — O que acontece com... nossa vida?

Ela olhou para ele, e por um breve instante pareceu que iria chorar. Mas então, seu rosto endureceu novamente.

— Nós já acabamos, Barbosa. Talvez nunca tenhamos começado de verdade. Você ama suas palavras mais do que qualquer coisa. E eu… eu amei a ideia de quem você poderia ser. Mas a realidade? A realidade não bate mais à nossa porta.

Ele não respondeu. Não havia o que dizer. Ambos sabiam que ela estava certa.

∵ ∴ ∵

Mais tarde, enquanto arrumava algumas roupas em uma mala, Gabriela encontrou uma fotografia antiga. Era dela em Paris, cercada por livros e cafés existencialistas. Na época, declamava *Florbela Espanca* com paixão genuína, sem ironia ou sarcasmo. Era livre, selvagem, intensa.

Ela olhou para o Barbosa, sentado à mesa da sala, escrevendo furiosamente em seu caderno. Parecia tão concentrado, tão imerso no próprio mundo de palavras, que nem notou quando ela pousou a foto sobre a mesa, ao seu lado — como uma mensagem cifrada que ele ainda não sabia precisar decifrar.

— Adeus, Barbosa — sussurrou, pegando a mala e dirigindo-se à porta.

Mas então, parou.

No fundo, sabia que não iria embora. Não porque tinha medo de ficar sozinha, mas porque, de alguma forma, ainda amava o Barbosa. Um amor diferente, complicado, às vezes doloroso, mas amor ainda assim. Talvez fosse melhor ficar e tentar ajudá-lo a sair da mediocridade que ele insistia em alimentar.

Quanto à herança, já havia decidido: iria doar a maior parte, sim. Mas ficaria com o suficiente para viver com o Barbosa e eventualmente sustentar alguns dos seus caprichos. Porque, afinal, amar às vezes é perder um pouco de si mesmo.

Gabriela largou a mala no chão e voltou para a sala. Sentou-se ao lado dele, observando-o escrever.

Na verdade, o que mais a incomodava era exatamente aquela obsessão — quase patológica. A forma como ele, às vezes, mergulhava nas palavras e se esquecia de tudo ao redor, como se o mundo real fosse apenas um detalhe descartável — inclusive a partida dela. Aquilo, de alguma forma, a irritava profundamente. Mas, estranhamente, também a fascinava.

Era como se, nesses momentos de ausência, estivesse em outro plano da existência — um lugar onde só o que podia ser dito, escrito ou reescrito tinha importância, e o resto fosse apenas ruído de fundo. E isso a dividia por dentro: uma parte dela queria sacudi-lo, arrancá-lo do papel; outra só desejava ficar perto, ver até onde ele iria.

— Sabe, Barbosa — disse, com um tom suave. — Algumas histórias precisam de mais tempo para serem contadas. E algumas pessoas precisam de alguém que as ajude a enxergar além das palavras.

Ele ergueu os olhos, surpreso.

— Você… não vai embora?

Ela sorriu, um sorriso cansado, mas sincero.

— Não. Ainda não. Temos muito trabalho a fazer.

Ele a encarou por um longo momento, como se tentasse entender o que havia

mudado. Então, simplesmente assentiu, voltando ao caderno.

Continuaram caminhando juntos, carregando perguntas que talvez nunca respondessem completamente.

Nota de Cozinha (este tempero leva uma raspinha de Clarice)

O amor moderno é o último retrato que pintamos de nós mesmos antes que o verniz da ilusão seque. Nesse espelho riscado onde nos miramos, preferimos as fissuras da mentira conveniente ao reflexo excessivamente honesto da verdade. Afinal, nada é mais perigoso que um coração que se deixa ler como um livro mal escrito — e nada mais trágico, mais ridículo, mais humano, que um escritor que ama mais a beleza da dor que a dor mesma da beleza.

Dor Antes da Ausência

A Cápsula do Tempo PART-5DCB-06 guardaria: um bilhete de trem em papel reciclado — "Viagem para o Silêncio (Classe Econômica)"; uma bússola de madeira apontando para "Norte Desmatado"; e uma mala vazia — "Bagagem Emocional: 0,01 kg de CO2".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com escamas em forma de lascas, sussurrava: "Partir é fácil... difícil é não virar móvel de escritório no caminho."

"Estou no abismo. Mas o abismo é meu. E nele habito."

***Clarice Lispector**, Água Viva*

A carta convite era como uma cicatriz que ainda latejava. O Barbosa a segurava com cuidado, como se fosse algo frágil demais para ser manuseado — ou talvez porque ele temesse que ela desaparecesse assim que a soltasse. Gabriela observou tudo em silêncio, sentada no sofá, com os braços cruzados de forma deliberadamente casual. Mas seus olhos... ah, seus olhos eram outra história. Eles traíam uma tristeza que ela tentava esconder sob camadas de indiferença.

— Então, você vai? — perguntou ela novamente, dessa vez sem olhar diretamente para ele. Seu tom era neutro, mas havia algo naquela neutralidade que soava mais como um pedido de socorro do que como uma pergunta genuína.

Ele hesitou. Sabia que essa decisão não era apenas sobre ele. Era sobre eles. Sobre o espaço que ocupavam juntos — ou separados — naquela narrativa frágil, ainda em construção, que vinham tecendo ao longo de quase três anos de relacionamento.

— Eu... eu preciso ir — respondeu, finalmente, colocando a carta sobre a mesa com uma delicadeza exagerada, como se estivesse depositando ali não apenas um pedaço de papel, mas também uma parte de si mesmo.

Ela respirou fundo, cerrando os olhos levemente, mas não disse nada. Apenas encarou a carta por um momento antes de levantar-se e caminhar até a janela. Lá fora, o mundo continuava girando, alheio à pequena crise que acontecia dentro daquela sala.

— Você precisa ir — repetiu, como se testasse o som das palavras. — Mas isso significa que você quer? Ou só está fugindo?

Ele franziu a testa, surpreso com a clareza da pergunta. Era como se ela tivesse lido sua mente — ou talvez apenas entendido melhor suas motivações do que ele próprio.

— Não sei — admitiu ele, com uma sinceridade que o surpreendeu. — Talvez

seja uma mistura das duas coisas.

Ela riu, mas era um riso curto, quase doloroso. Como o som de uma porta sendo fechada devagar.

— Sabe, Barbosa, às vezes eu acho que você escreve pra fugir de si mesmo. Pra evitar lidar com as partes que não gosta. Com as decisões que nunca tomou.

Ele a encarou, desconfortável. Porque ela estava certa. E porque ele odiava quando ela estava certa.

— E se for verdade? — perguntou, baixo, como se temesse a resposta.

Gabriela virou-se para ele, com aquele olhar que sempre conseguia atravessá-lo como uma flecha certeira.

— Então vá. Fuja. Escreva. Mas não se engane achando que Lyon vai resolver o que você mesmo precisa enfrentar.

Houve um silêncio pesado entre eles. Um silêncio que parecia carregar todas as palavras que nunca foram ditas, todos os momentos que nunca foram vividos plenamente.

> ***Nota de Cozinha (leve, como contrato de utopia)***
>
> Escrever é como tentar desenhar com as mãos sujas de mel. Você quer precisão, mas tudo gruda. A tinta vira cola, a página vira lixo. E ainda assim você insiste — não por paixão, mas por vício. Um vício que se disfarça de vocação.
>
> O Barbosa sabia disso. Ou pelo menos deveria. Mas todo escritor tem aquela fase em que acha que, se mudar de caneta, de computador, de cidade, a inspiração volta como um petisco perdido na gaveta. Que tolice.
>
> Na verdade, o problema não é a falta de palavras. É o excesso delas. Palavras demais, todas gritando ao mesmo tempo. Algumas pedindo para entrar, outras implorando para sair. E você ali, tentando organizar esse caos com pontuação e vírgulas, como se isso bastasse para transformar barulho em música.

∵ ∴ ∵

Mais tarde, enquanto preparava o jantar, Gabriela tentava se concentrar nos detalhes práticos: cortar cebolas em cubos perfeitos, ajustar o fogo para que o molho não queimasse. Mas sua mente estava longe. Pensava em Lyon. No Ródano. Na possibilidade do Barbosa encontrar algo lá que a deixaria para trás.

Ela sabia que deveria sentir raiva. Deveria sentir mágoa. Afinal, ele estava partindo — talvez para nunca mais voltar. Mas, no fundo, tudo o que sentia era tristeza. Uma tristeza profunda, quase paralisante, que fazia questão de abafar com movimentos mecânicos e gestos precisos.

O Barbosa apareceu na cozinha, com aquela expressão de quem quer dizer algo, mas não sabe como começar.

— Você acha que eu vou conseguir escrever algo importante lá? — perguntou, apoiando-se no batente da porta.

Ela parou o que estava fazendo e suspirou, virando-se para ele.

— Acho que você precisa tentar. Mesmo que seja só pra descobrir se é capaz… ou se não é.

Aquelas palavras ecoaram entre eles como um veredito inevitável. Ele abaixou os olhos, incapaz de sustentar o olhar dela.

— E se eu falhar? — murmurou ele, quase para si mesmo.

Ela aproximou-se dele, tocando seu rosto com uma leveza que contrastava com a força de suas próximas palavras — e com o cheiro ácido de cebola que ainda impregnava suas mãos.

— Falhar é fácil. O difícil é voltar depois disso. Então, se for embora, prometa que vai voltar. Não como escritor. Como homem.

Ele engoliu em seco. Aquelas palavras eram como uma ordem disfarçada de conselho. E ele sabia que não tinha escolha a não ser aceitar.

∵ ∴ ∵

Naquela noite, enquanto deitados lado a lado na cama, Gabriela virou-se para o lado oposto, fingindo dormir. Mas o Barbosa sabia que ela estava acordada. Podia sentir a tensão no ar, como uma corda invisível que os conectava — e ao mesmo tempo os afastava.

— Você acha que eu ainda tenho algo a dizer? — perguntou, baixo, como se temesse perturbar o silêncio.

Ela demorou a responder. Quando o fez, sua voz soou distante, quase etérea.

— Eu acho que você precisa descobrir isso sozinho. Mas, Barbosa... não se perca tentando encontrá-lo.

Ele ficou quieto, absorvendo as palavras dela. Sabia que ela estava lhe dando liberdade. Mas também sabia que, com essa liberdade, vinha uma responsabilidade que ele não estava certo de poder assumir.

∵ ∴ ∵

No dia da partida, Gabriela foi com ele até o aeroporto. Caminharam em silêncio, como dois estranhos que compartilhavam o mesmo destino temporário. Quando chegaram ao portão de embarque, o Barbosa virou-se para ela, hesitante.

— Eu volto — disse, como se tentasse convencer a si mesmo tanto quanto a ela.

Ela sorriu, mas era um sorriso cansado — como se já soubesse que promessas são feitas para serem quebradas. Havia um peso novo em seus olhos, algo tênue e silencioso que evitava nomear desde a consulta em que as palavras “estadiamento” e “biópsia” pairaram no ar, não ditas, mas compreendidas.

— Eu sei — respondeu ela, com uma simplicidade que escondia toda a complexidade de seus sentimentos.

Ele abraçou-a, sentindo o peso da despedida. Mas também sentindo algo mais: uma leveza que há muito tempo não experimentava. Talvez fosse esperança. Ou talvez fosse apenas o alívio de finalmente enfrentar o desconhecido.

Enquanto o avião decolava, permaneceu no aeroporto, observando o céu até que o rastro do avião desaparecesse completamente. Sabia que, no fundo, estava dando ao Barbosa algo que ele precisava: espaço para respirar. Mas também sabia que, ao fazer isso, estava correndo o risco de perdê-lo para sempre.

E, pela primeira vez em muito tempo, permitiu-se sentir a dor de uma perda que ainda nem havia acontecido.

Mas ela também sabia que, às vezes, amar alguém significa deixá-lo partir. Mesmo que isso signifique renunciar a si mesma no processo.

Nota de Cozinha (contém raspas de melancolia e um fio de desilusão)

Escrever é, como *Clarice* bem soube, querer agarrar o instante com as mãos trêmulas

de quem já perdeu o fôlego — e ainda assim acreditar que, se a frase for bela o bastante, o amor não vai embora. Mas o instante, como bem sabe quem já tentou prendê-lo em algum aeroporto de despedida, não se deixa escrever: ele simplesmente acontece, entre uma cebola picada e um silêncio que cheira a promessa não cumprida. E o Barbosa, colecionador de silêncios alheios, confunde fuga com busca, como se mudar de cidade resolvesse o que nem a pontuação mais perfeita consegue: transformar o ruído do coração em música.

Diagnóstico

A Cápsula do Tempo LAV-5DCB-09 guardaria: um diagnóstico gravado em tábuas — "Câncer ou Efeito Estufa?"; um buquê de lavanda — "Aroma de Último Respiro (CO2 Incluso)"; e um termômetro de mercúrio — "Febre de Realidade Tardia".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com escamas em lascas, cochichava: "Prognóstico: o fim é um *spoiler*..., mas a madeira já era."

"A doença não é metáfora. É experiência."

Susan Sontag, *A Doença como Metáfora*

O diagnóstico chegou como um conviva intempestivo — sem aviso, sem cerimônia, sem sequer tocar a campainha. Gabriela estava sentada na cadeira dura do consultório médico, segurando a *Louis Vuitton* que trouxera de Paris como se fosse o último pedaço de civilidade num mundo em colapso. O ar-condicionado soprava frio, mas o suor escorria por suas costas como um rio subterrâneo: invisível aos olhos, mas inegável em sua presença.

Seus lábios estavam apertados, quase brancos, como quem tenta conter um grito ou uma piada pronta — ambas igualmente dolorosas.

"Câncer raro. Agressivo. Baixo prognóstico." As palavras do médico ecoaram como uma sentença gravada em pedra. Mas ela não chorou. Chorar seria admitir que a morte já havia entrado na sala, vestida de jaleco branco e relógio caro, com aquela cara de quem está ali para salvar, mas na verdade só veio cobrar. Em vez disso, levantou-se devagar, ajustando a postura como quem enfrenta um tribunal invisível. Saiu sem perguntar mais nada. Sabia que qualquer pergunta traria mais dúvidas, mais incertezas, mais desesperança. E desesperança, convenhamos, era algo que ela simplesmente não podia permitir.

No caminho para casa, parou numa floricultura e comprou um ramo de lavanda. Segurou as flores com firmeza, como quem agarra um salva-vidas imaginário. "Para disfarçar o cheiro de hospício," pensou, tentando encontrar humor naquela situação absurda. Era irônico: a mesma mulher que sempre orquestrara banquetes onde o caos era domado agora estava prestes a enfrentar o maior caos de todos — o da própria fragilidade. Seus lábios se curvaram em um sorriso amargo, quase imperceptível, enquanto pagava pelo ramo. Um sorriso que dizia: "A vida é uma piada, mas eu ainda pago o ingresso."

∵ ∴ ∵

Nos dias que se seguiram, os hospitais tornaram-se sua segunda casa. Corredores infinitos, paredes brancas que refletiam a luz mortiça de lâmpadas fluorescentes, criando sombras que pareciam zombar dela. Enfermeiras sorridentes demais, como se a alegria fosse um remédio contra a amargura que fervia dentro dela toda vez que uma agulha perfurava sua pele. Ela aprendeu rapidamente a odiar aquelas vozes açucaradas, aquelas tentativas forçadas de humanizar o inevitável.

— Só mais uma picadinha, dona Gabriela! — disse uma jovem enfermeira, com um entusiasmo exagerado, tentando soar casual. Parecia até comercial de margarina.

Ela apertou os lábios, contendo a irritação que crescia dentro dela. Respondeu com sarcasmo afiado, como quem usa a palavra como uma arma.

— Picadinha? Só se for de cascavel! — retrucou, com um olhar cortante e um tom de voz que deixava claro seu desprezo.

Ela brincava. Ou tentava. O humor ácido era seu escudo contra a compaixão barata, os olhares de pena, os "*Deus escreve certo por linhas tortas*" que ouvira até de ateus convictos.

Mas nas madrugadas, quando o silêncio do quarto a engolia, permitia-se sentir. Deixava-se ser invadida pela saudade do cheiro do Barbosa — café velho e papel amarelado. Sentia falta da voz rouca dele contando histórias de siamesas e vampiros.

Às vezes, pegava-se rindo sem querer daquela definição estranha e quase cruel de saudade que ele havia escrito numa das versões do manuscrito sobre "*As Desventuras das Siamesas de Lesbos"*, antes que ela própria o obrigasse a reescrever:

> Saudade é aquele parente chato que não entende quando a visita acabou. Fica ali, sentado no sofá da alma, repetindo histórias que você já ouviu, esperando um biscoito… mesmo depois que a lata já está vazia.

Era típico dele transformar sentimentos em situações cotidianas, como se assim fosse mais fácil suportá-los. Mas, ao mesmo tempo, era exatamente isso que tornava suas palavras tão verdadeiras — não por serem belas, mas por serem reconhecíveis. Ela sabia disso melhor do que ninguém.

Poucos dias haviam se passado desde o diagnóstico. Para ela, já era uma eternidade.

Cada segundo parecia esticado, diluído em horas que não terminavam. Cada minuto durava mais que uma fila de banco em dia de pagamento de aposentadoria; as horas tinham a elasticidade de um chiclete esquecido no sol. Essas figuras retóricas ridículas proliferavam em sua mente cansada — como se, ao reduzir o sofrimento a imagens triviais, ele perdesse força. Ou talvez peso.

Olhou para o vaso de flores no canto da sala — orquídeas que, de tão artificiais, até fingiam estar morrendo.

— Pelo menos elas têm a dignidade de murchar. — comentou consigo mesma, num diálogo interno que já era seu passatempo favorito.

No silêncio do *Casarão*, até os ruídos ganhavam significado. O *tóc… téc… tóc… téc…,* do antigo relógio de pêndulo ecoando na sala, como se cada segundo pesasse uma tonelada, virou um mantra. A geladeira, uma companheira de conversas truncadas. E ela, ali, no sofá, transformara-se em espectadora de um espetáculo monótono chamado *Tempo*.

— Sabe o que falta aqui? — perguntou à parede, num surto de sociabilidade com o mobiliário. Um pouco de caos. Um vazamento, uma barata, um vizinho tocando saxofone... Qualquer coisa que me lembre que ainda estou viva.

A parede não respondeu. Mas, lá fora, um pombo pousou na janela e encarou-a com olhos de quem já viu tudo — inclusive diagnósticos, relógios parados e humanos se debatendo contra o inevitável.

— Você também já teve um dia ruim, né, amigo?

O pombo deu uma bicada no próprio reflexo no vidro e, confuso, voou embora — afinal, que criatura mais estranha seria aquele humano tentando bater papo com um pombo?

Ela suspirou.

— Por que ele não está aqui? — perguntou-se uma noite, enquanto segurava o celular como um amuleto. Mas já sabia a resposta: ela própria o mantivera longe.

No *Casarão*, mantinha uma única cópia de "*O Último Banquete da Rèpublika"*, cheia de anotações nas margens — palavras riscadas, frases sublinhadas, risos invisíveis. Às vezes, lia em voz alta, como se ele ainda estivesse ali, respondendo com aquela arrogância de adolescente. Aprendeu, tarde demais, que amar alguém não significava salvá-lo. Às vezes, significava apenas sobreviver à ausência. E essa estava sendo dolorosa.

∵ ∴ ∵

Nas semanas antes do diagnóstico, as ligações eram diárias. O Barbosa ligava às 19h em ponto, como um ritual cuidadosamente ensaiado. Falava sobre seus projetos literários, suas crises existenciais, seus sonhos impossíveis. E ela respondia. Com sarcasmo, com inteligência, com aquele veneno elegante que servia como afeto.

Depois do diagnóstico, algo saiu do lugar. O tom, o tempo, ela.

— Então, como foi o dia da *maîtresse*? — perguntou ele, com uma leve hesitação na voz, tentando soar animado. Parecia cansado, mas insistia em animá-la com histórias bobas e referências literárias.

— Ah, o de sempre. Organizei um banquete para médicos residentes. — respondeu Gabriela, equilibrando o telefone com mãos que já não tinham tanta certeza de nada. A frase era simbólica, mas também era verdade. Quase tudo nela agora era assim.

Ele ria, como sempre. Ela mentia, como nunca.

Até que as mentiras começaram a pesar mais do que a doença. E ela começou a desaparecer. Primeiro, sutis sumiços. Depois, sumiços de verdade.

— Você sumiu. Faz dois dias que não atende minhas ligações. — disse o Barbosa, num tom que fingia leveza, mas entregava desespero. Havia urgência em sua voz, como se temesse perder algo importante.

— Estou ocupada. Banquetes, sabe como é. Gente importante precisa de atenção especial. — respondeu ela, distante, quase fria, evitando encarar a verdade em sua própria voz.

Diminuíram as ligações. Diminuíram os diálogos. Cada silêncio no telefone era um tijolo a mais num muro que ela mesma erguia.

— *"É para protegê-lo"* — repetia, como uma ladainha. Mas, no fundo, quem precisava de proteção era ela. De si mesma. Dos próprios limites. Da incapacidade de chorar sem planejar antes onde deixaria as lágrimas secarem.

Seu maior temor não era a doença. Era ele vê-la frágil. Gabriela, antes a condutora do caos, agora aprisionada a um corpo que se revelara um inimigo silencioso.

Não tinha medo de morrer. Tinha medo de não ser mais Gabriela.

Nota de Cozinha (este tempero leva uma pitada de Schopenhauer)

A doença não vem com metáforas — elas são invenção dos que ficam, desesperados por transformar o absurdo em narrativa. Gabriela sabia disso: enquanto o corpo se desfazia em silêncio, o mundo insistia em enfeitá-lo com flores de plástico e frases de efeito — como se câncer fosse uma lição de humildade, e não um erro de digitação no código da vida. Ela, que outrora orquestrava banquetes onde o caos obedecia a um menu, agora se via diante do único convite que não podia recusar: o de assistir, sentada, ao próprio desmanche — sem direito a cortesia, sem direito a metáfora, apenas o corpo nu, a *Louis Vuitton* vazia e o pombo que, com sorte, não pede explicações.

Sabor Amargo da Preparação

“O tempo é uma ilusão.”

Thomas Mann, *A Montanha Mágica*

Era uma tarde cinzenta, daquelas em que até o céu parece estar com preguiça de continuar. Gabriela estava na cozinha, cercada por xícaras de chá que já haviam esfriado e papéis rabiscados com entusiasmo de meia gripe. O *Casarão* cheirava a lavanda — seu jeito aromático de fingir que estava tudo sob controle, mesmo quando até o controle remoto já tinha desistido.

O interfone do portão tocou como se fosse uma tosse malcriada na missa do sétimo dia. Ela pensou em não atender. Mas atendeu.

— Sou eu. Abre. — A voz de Luíza Borja. Curta, seca e com o tom autoritário de quem acha que o chão deveria se limpar por respeito à presença dela.

Minutos depois, Luíza já atravessava a sala como se fosse dona do imóvel e da tragédia. Trazia uma sacola de supermercado e uma expressão de quem já viu gente mais importante morrer com menos frescura.

— Eu soube. E antes que você diga que está tudo bem, poupe seu latim. Você tá com cara de quem tá tentando morrer com elegância. E nem maquiagem usou.

Gabriela tentou um sorriso, desses que só funcionam com espelho que já desistiu de refletir.

— E você tem cara de quem veio fazer café e fofoca.

— Vim fazer o que sempre faço: limpar. Mas hoje não é o chão. É você.

Gabriela riu. Pela primeira vez em dias. Riu como quem encontra um caco de azulejo onde jurava que só havia pó.

Luíza deixou a sacola na cozinha e voltou com uma chaleira que parecia herança do *Império Otomano.*

— Então é câncer?

— É.

— Claro que é. Na Cabrália… quando não é falta de dinheiro… é tumor. O roteiro nunca falha: sempre o pior final. Com trilha brega, pra completar. Será que alguém lá em “cima” ainda olha pra esse canto do mundo? Às vezes acho que o chefe tirou férias eternas. Ou… talvez… a gente já nem importe mais. É muita desgraça. Muita.

Ela parou, avaliando Gabriela como se estivesse decidindo se passava pano ou dava na cara.

— Quando foi que você soube?

— Há duas semanas. O médico falou devagar, como quem explica um defeito

elétrico num aparelho antigo. “Baixo prognóstico de cura”, disse. Como se eu fosse uma geladeira com garantia vencida, útil apenas como lembrança de que um dia funcionou.

Luíza cruzou os braços como quem escuta previsão do tempo com raiva.

— “Baixo prognóstico”. A poesia da medicina moderna. Uma forma de dizer “você tá ferrada”, sem parecer mal-educada. Um jeito de entregar a morte em papel timbrado, com carimbo, assinatura e um toque de humanidade simulada.

Pausa dramática. Luíza pegou uma maçã e começou a descascar como se aquilo fosse terapia. Era só tática. Gabriela sabia.

— Eu não vou contar pra ninguém — disse Luíza. — Mas você precisa fazer alguma coisa. Não pode simplesmente... desistir.

Gabriela arregalou os olhos.

— Desistir? Quem disse que eu desisti?

— Seu silêncio disse. Você sumiu do mundo, Gabriela. Parece que tá ensaiando sua ausência. E olha que você sempre foi péssima atriz.

Gabriela passou o dedo na borda de uma xícara vazia, como quem procura sentido em porcelana.

— Talvez eu esteja. Mas não é desistência. É... preparação.

Luíza largou a maçã no meio e segurou as mãos da amiga como se fosse começar um exorcismo.

— Preparação pra quê? Pra morrer sozinha? Pra deixar um monte de gente tentando entender o que aconteceu? Isso não é preparação. Isso é covardia com roteiro.

Gabriela respirou fundo. Era um ar que só entra nos pulmões quando a verdade começa a bater na porta.

— E o que você quer que eu faça? Corra atrás de um milagre? Vire protagonista de telenovela mexicana, com lenço na cabeça e fé em *looping*? O médico disse que ainda dá tempo de começar...

— ...a morrer com dignidade, né? — Luíza bufou. — Deixa eu adivinhar: te mandou pra casa com um comprimido sublingual?

— Sim...

— Sempre. Sempre isso. Cabralino morre de obviedade, Gabriela. Vai pro hospital parecendo uma encarnação da morte e ouve que é só estresse. Um comprimido sob a língua e “vai pra casa descansar”. No dia seguinte, a manchete é “morreu dormindo” — como se fosse um elogio.

Gabriela tentou sorrir de novo. Não deu. Luíza sentou-se ao lado dela como quem senta pra negociar o fim do mundo.

— E o Barbosa? Já contou?

Gabriela fez que sim, com o que sobrou de convicção.

— Contei. Ele chorou em silêncio. Tentou bancar o forte. Agora estou me afastando. Só um pouco.

— Se afastando?

— Não quero que ele sofra mais do que precisa. Ele já carrega tanta coisa...

Luíza olhou pra ela como quem vê alguém fritar ovo na água.

— Isso é ideia sua ou receita do médico também?

— Luíza...

— Gabriela, achar que se afastar vai poupá-lo é como esconder panela pra evitar o cheiro de arroz queimado. O cheiro fica. E o arroz vira carvão igual.

— Eu só queria evitar que ele desabasse.

— Ele vai desabar. Quer você esteja perto ou não. A diferença é que, se você estiver longe, ele vai desabar sozinho. Aí é que a tragédia vira ópera.

Gabriela não respondeu. Só abaixou os olhos. Sabia que, como sempre, Luíza estava certa e levemente insuportável por isso.

— Você tem sempre um trocadilho doméstico na ponta da língua, não é?

— É o benefício de quem passa a vida limpando a sujeira dos outros. Aprende que tudo vira pó. Ou quase tudo. O resto… vira saudade.

Luíza fez uma pausa, como se precisasse respirar antes de deixar as palavras irem embora. — E saudade é uma sujeira que não se vê.

Longo silêncio. Tempo suficiente para refletir que cada gesto cotidiano é, no fundo, um grito contra o tempo — e cada celebração, apenas uma tentativa vã de adiar o adeus.

— Eu quero ver o *Cozinheiro* — disse Gabriela, encarando a missão como quem encara um passado mal resolvido. — Antes do fim. Quero reencontrá-lo.

Luíza arregalou os olhos. Se fosse copo, teria estourado.

— O *Cozinheiro*? Depois de tudo?

— Sim. Ele sabe coisas. Coisas que ninguém mais sabe. Pode ser que...

— Tá. Tá bom. — Luíza balançou a cabeça, vencida, mas não convencida. — Só toma cuidado, tá?

Gabriela sorriu. Pela primeira vez com dentes.

— Eu já estou envenenada, Luíza. O que mais pode acontecer?

Luíza levantou-se como quem acaba de encerar o chão da existência.

— Então vai, Gabi. Antes que sirvam a sobremesa e fechem a conta da vida sem te avisar.

Última Visita

A Cápsula do Tempo DER-5DCB-10 guardaria: um café servido em copo de “Madeira de Reflorestamento Fictício”; um pires rachado — “Derrota com Gosto de Carvão”; e um cardápio — “Especialidade da Casa: Lágrimas em Cubos de Gelo (Sustentáveis)”.

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com chifres em forma de galhos quebrados, resmungava: “Ela veio só para dizer adeus, com a elegância de quem já tinha partido antes de entrar — e o aroma da lavanda foi o único a guardar sua ausência.”

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena.”

Fernando Pessoa, *Mensagem*

Foi numa manhã cinzenta, porque atualmente tudo era cinzento, que decidiu visitar o *Cozinheiro*. Não por esperança — a esperança era um prato que já não sabia temperar —, mas por necessidade de fechar um ciclo.

O restaurante “*Flor de Sal”* ficava num subúrbio esquecido, com paredes cobertas de papel de parede retrô — losangos em mostarda, vinho e cinza-claro — que parecia ter desistido do tempo. Como se tivesse abandonado a ideia de ser moderno e, em vez disso, aceitado o papel de testemunha silenciosa. Espelhos fumê, com molduras douradas, ampliavam o ambiente e a melancolia. Gabriela se viu neles, de relance. Não sorriu. Só confirmou: ainda estava ali.

As luminárias pendiam baixas, em cumplicidade com os arranjos florais sobre as mesas. A luz era morna, dramática — perfeita para envelhecer as pessoas em paz. E, naquele instante, pareceu mais velha. Não por cansaço. Por conhecimento.

Ele estava lá, na cozinha, de costas, esfregando uma panela como quem limpa o próprio passado.

— Ainda sabe fazer aquele *coq au vin* que arruinava dietas? — perguntou ela, com um traço de nostalgia na voz, como se testasse o som das próprias palavras no silêncio do lugar.

Ele se virou lentamente. Os olhos, antes frios como facas, suavizaram-se por um instante.

— *Coq au vin* leva tempo. Como você. — respondeu, com um sorriso breve, como quem reconhece um fantasma do passado.

Sentaram-se na cozinha, ele com uma xícara de café amargo, ela com as mãos trêmulas envoltas no cheiro de lavanda.

— Por que voltou ao *“Flor de Sal”*? — questionou Gabriela, com um tom sério,

quase acusatório, mas com um traço de vulnerabilidade em seus olhos.

— A morte é um cliente exigente. Cancela reservas, muda cardápios. Mas a cozinha... a cozinha sempre espera — resmungou o *Cozinheiro*, encolhendo os ombros como quem aceita o inevitável.

Ela riu, um riso curto e seco.

— O que você está fazendo aqui, Gabriela? — disse ele, sem levantar a voz. A fala vinha carregada não de raiva, mas daquela fadiga silenciosa de quem esperou demais por uma resposta que sabia que nunca viria.

— Eu... não sei — disse ela, e a voz parecia não ser dela, mas de algo que habitava um lugar mais profundo, mais escuro dentro dela. — Acho que vim buscar algo que perdi. Uma resposta... talvez — completou. Seus olhos, inquietos, fugiam de si mesmos, vagavam pela cozinha, numa urgência muda. Era como se algum objeto ali escondido, entre panelas, pratos e temperos, pudesse devolver o pedaço que lhe faltava.

E então, por um momento suspenso, disseram coisas. Ou pensaram que disseram. Talvez palavras sobre os jantares da *Grão-Confraria de la République*. Talvez nada.

Depois, fez-se silêncio. Era chegada a hora. Ela levantou-se. Foi embora.

Não houve abraço. Nem lágrimas. Nem o ritual do adeus bem pronunciado. Só um aceno de cabeça — breve, contido, talvez covarde — e um *merci* que se perdeu na fresta da porta.

Sobre a bancada, ficou um envelope amarelado, com o selo do *Arquivo Nacional* e o cheiro inconfundível de coisa importante.

∵ ∴ ∵

De volta ao *Casarão*, Gabriela olhou para o telefone. Tinha 17 chamadas perdidas do Barbosa. Sentiu o impulso de ligar, de ouvir sua voz mais uma vez. Mas em vez disso, deixou o celular cair no fundo da gaveta, junto com o ramo de lavanda já murcho. Nos dias seguintes, enclausurou-se. Desligou o telefone, ignorou os *e-mails*, apagou-se do mundo como uma vela que se recusa a ser soprada.

∵ ∴ ∵

No silêncio do *Casarão* — um silêncio profundo, quase respeitoso — ela caminhou até o escritório e parou diante da estante. Não era uma caminhada dramática, daquelas de filme europeu em preto e branco. Era só o andar cansado de quem esqueceu o que foi buscar, mas foi mesmo assim. As sombras, sempre mais espertas que ela, se esconderam nos cantos. Nada ali parecia muito interessado em participar da cena.

Entre os livros (alguns lidos, outros só aspirados), um resolveu se destacar: *"Livro de Mágoas"*, de *Florbela Espanca*. Aquela que transformava a dor em poesia e a saudade em vocação. Pegou o volume como quem reencontra um amor antigo — alguém com quem não tem mais futuro, mas que ainda carrega um eco qualquer no peito. E abriu, claro, na página marcada.

Ali estava um pedaço de papel antigo, amarelado, parecendo um fragmento de pergaminho. Um resto de tempo, envelhecido com mais dignidade do que ela própria.

Foi então que escreveu. Algo. Não era exatamente uma despedida. Talvez fosse um bilhete para quem tem PhD em decifrar silêncios — ou quase isso.

Era mais algo para ser encontrado num futuro hipotético, por alguém improvável, como o Barbosa. Que, diga-se, nunca foi bom com pistas — e muito menos com sentimentos escritos à mão.

Guardou o papel entre as páginas como quem enfia uma mensagem numa garrafa e joga no mar — só que sem mar, sem garrafa e sem ânimo. Colocou o livro de volta no lugar. Sem pompa, sem trilha sonora.

Depois, sentou-se no sofá, envolta num xale que exalava lembranças guardadas no fundo errado da memória. Já não havia glamour, nem risos, nem juventude. Restavam apenas o xale, o sofá, a xícara de chá de jasmim — e ela. Pensou, como sempre, que talvez fosse hora de menos drama. Mas então seria outra história: sem poesia, cheia de terapia, e nenhuma graça.

E foi nessa tarde morna e desatenta, daquelas em que o tempo boceja entre duas nuvens indecisas, que Gabriela se deixou ir — como quem fecha a porta devagar e não olha para trás.

O rádio, baixinho, tocava "*As Sombras do Tempo*". *Christina Samsa* — com aquela voz que sangra em silêncio — desfiava notas trêmulas sobre a passagem do tempo e a solidão que se acumula nos cantos da alma. Era menos uma canção, mais um diálogo íntimo com o próprio tempo — entidade viva, silenciosa, implacável… e, por alguma razão obscura, profundamente afetuosa.

Não houve drama. Nem luzes. Nem lágrimas. Apenas um instante em que o relógio de pêndulo da sala parou — e depois continuou, como se nada tivesse acontecido. Um silêncio diferente percorreu os cômodos da casa, desses que não pertencem ao luto, mas ao inexplicável.

Seu corpo permaneceu sereno, como se ainda estivesse em pausa, esperando apenas um novo gesto. Mas algo em sua ausência parecia... impreciso. Como se a realidade, por um breve segundo, tivesse falhado em registrá-la. Não uma morte. Um sumiço. Um leve desvio do mundo.

O espelho da sala já não refletia sua silhueta. O vento, ao passar pelas cortinas, murmurava seu nome como se ela ainda estivesse ali — mas em outra frequência, em outro plano. Um pássaro bateu no vidro e voou em seguida, desorientado, como se tivesse visto algo que não deveria estar ali.

E, curiosamente, naquele exato instante, a mais de oito mil quilômetros dali, em Lyon, uma lâmpada no estúdio de uma residência antiga, a *Maison des Écritures Transfrontalières*, estalou sem motivo aparente. As janelas se abriram sozinhas, embora não houvesse vento. O garçom do café da esquina, que jamais se atrasava, não apareceu naquele dia. E alguém — alguém que ainda não sabia o que havia perdido — sentiu um arrepio inexplicável ao tocar numa caneta.

O mundo seguiu. Como sempre segue. Mas desde então, havia uma leve dobra no tecido do tempo. Uma rachadura fina. Uma ausência que não cabia — e talvez nunca caiba — na palavra morte.

Nota de Cozinha (não é spoiler — é o último gole, antes da despedida)

Se "*Mensagem*" é o grito mudo de um Portugal que sonha com um *Império* renascido, o sumiço de Gabriela é seu eco pós-moderno: não há messias, não há império — só uma mulher que se apaga como quem fecha uma janela em dia de vento fraco. *Pessoa* invocava heróis do passado para salvar o futuro; Gabriela desaparece do presente como quem desiste de ser salva. Ambos lidam com a ausência como forma de presença: ele, com versos lapidados como armaduras; ela, com um bilhete escondido

num “*Livro de Mágoas*”, entre lavanda murcha e chá de jasmim. Só que, enquanto *Pessoa* acreditava — ou fingia acreditar — que a nação podia renascer da poesia, Gabriela sabe que o único renascimento possível é o do silêncio. E, nesse vácuo, até o espelho recusa seu reflexo.

Há em ambos a mesma obsessão pelo que não está ali: o *Quinto Império*, o corpo que se esvai, o nome que o vento murmura em outra frequência. Mas onde *Pessoa* ergue catedrais de linguagem para abrigar sua saudade metafísica, Gabriela deixa apenas um envelope amarelado e um xale com cheiro de memória mal guardada. *Rubem Fonseca* diria que ela morreu como se deve morrer: sem testemunhas, sem explicação, com um resto de ironia no fundo da xícara. *Clarice Lispector* sussurraria que Gabriela não morreu — apenas deixou de comparecer à própria vida.

LIVRO V
O BANQUETE LITERÁRIO

Antes da Primeira Linha

A Cápsula do Tempo XIP-2ACB guardaria: um editorial de jornal enrolado em "Xifópagas e Hipocrisia"; uma caneta sem tinta marcando "Inspiração Tóxica"; e um convite para "A Comédia Trágica da Humanidade".

Do outro lado do portal, o **Cão Geotérico**, mordendo tratados de retórica, enterrava ossos de discursos no quintal da *Câmara do Povo*.

"Escrever é começar de novo."

Albert Camus, *O Primeiro Homem*

Num apartamento abafado — desses que existem simultaneamente em 2 ***a.CB***, 2 ***d.CB*** e num eterno "*logo depois do que deveria*" —, um homem digitava com a intensidade de quem acha que ainda dá tempo de ser genial. Ao redor, garrafas vazias de uísque, jornais amarelados e o perfume inconfundível do sucesso requentado. Seu nome variava conforme a versão do arquivo, ou do cruzamento temporal interdimensional: Emílio, Mordaz, Daniel... ou algo parecido.

Na tela, duas mulheres dividiam um corpo e um trauma: *Floribela* rezava para esquecer; *Jezabel* cometia pequenos crimes literários só para ter certeza de que ainda existia. Em outra realidade, eram irmãs siamesas escrevendo manifestos em guardanapos de boteco — o que, convenhamos, é uma forma legítima de fazer política. Tudo era verdade. Ou, pelo menos, parecia bem escrito.

Enquanto isso — ou enquanto outra coisa mais urgente não acontecia —, o país ardia. Em algumas versões da realidade, com protestos. Em outras, com elogios ao colapso. Em todas, com vídeos de 15 segundos. A *UBER — Unidade de Brechas e Ecos da Realidade* —, é claro, ignorava tudo: certas bagunças são autorizadas por protocolo.

Numa dobra lateral do universo, o Dr. Gilmar Pontes, *ex-quase-influencer* e doutor em irrelevância aplicada, gravava um *TikTok,* com filtro de cachorrinho, dizendo, com convicção sociológica:

— *Bourdieu* era tipo um coach das elites, só que com mais notas de rodapé.

Mais ao norte, ou para a esquerda — em outra fibra de realidade paralela —, o Barbosa, gastrônomo de rodoviária e discípulo honorário do fracasso, copiava trechos de um editorial antigo, achando que estava sendo original. Gabriela, companheira em pelo menos três fibras de realidade, observava com o olhar entediado de quem já leu o rascunho e o plágio.

— Barbosa, isso não é intertextualidade... é preguiça com pretensão acadêmica.

Foi então que o impensável aconteceu, em todas as realidades ao mesmo tempo: *Instagram*, *Facebook* e *Twitter* caíram. O mundo, viciado em existir só enquanto escorria o dedo na tela, congelou como uma *selfie* mal salva. Nem a *UBER* previu essa falha. Ou previu, mas preferiu deixar rolar. Tem coisa que nem cronômetro sagrado resolve.

> A imagem é estúpida, claro — mas a "Era" é estúpida também. Talvez o *Autor* só esteja acompanhando a lógica do tempo: se tudo virou meme, por que não zombar com algum método?

E, naquele silêncio súbito, emergiram — da intelectualmente empoeirada "*Sociedade Macunaíma de Literatura*", possivelmente de alguma estante esquecida na ala de *Literatura Comparada* — **eles**: os críticos literários zumbis, arrastando consigo resenhas desatualizadas e teorias que nem os próprios autores lembram ter escrito.

Ressuscitados por ondas de autoficção mal resolvida e ressentimento estrutural, usavam paletós mofados e exalavam cheiro de acervo fora de catálogo.

Um deles mordeu um *Kindle* e grunhiu:

— *"Pós-modernismo é quando tudo é ambíguo... inclusive a modernidade."*

Outro murmurava "estrutura narrativa" com a mandíbula pendurada, numa entonação que lembrava um seminário obrigatório às oito da manhã.

Um terceiro, cego, recusava-se a ler, mas emitia pareceres definitivos com a convicção de quem já devorou o cânone inteiro num *brunch* teórico.

Emilio, ou o que restava dele naquele plano da existência, apagou o manuscrito. Começou outro. Agora com zumbis, epígrafes de Douglas Adams e digressões metalinguísticas. Não sabia se estava escrevendo o fim ou o começo. Em algumas versões do multiverso, era os dois.

Sabia apenas de uma coisa: nenhuma boa história começa com equilíbrio. Começa com o sangue errado no lugar certo.

E assim começou tudo.

Ou assim terminará.

Depende apenas de quantos críticos restarem com dentes suficientes para morder.

E de qual versão de você está lendo isso agora.

Vida Como uma Piada Mortal

A Cápsula do Tempo TER-2ACB-07 guardaria: um pedaço enferrujado do foguete caseiro de *Mike Hughes*; um tutorial em *VHS* — "Como Ignorar a Ciência em 10 Passos"; e um ingresso falsificado para Marte.

Do outro lado do portal, o **Cão Geotérico,** de coleira *USB* e focinho em modo drone, urinava indignação em *posts* patrocinados — como novo oráculo da verdade.

"A história é uma piada que Deus conta a si mesmo."

Milan Kundera, *A Piada*

A sala do editor da revista "*Pólvora & Poesia"* respirava um odor úmido de álcool e desespero, como se as paredes transpirassem o suor amargo de almas encurraladas. A "*Pólvora & Poesia"*, aquela revista que há anos tentava dissecar a hipocrisia contemporânea com humor ácido e ilustrações que oscilavam entre o profano e o ridículo, era mais conhecida por publicar textos que ninguém entendia, mas que todos fingiam admirar — especialmente os que gostavam de frases para compartilhar no *Instagram*. Era, em suma, o tipo de revista que você lê enquanto espera na fila do banco, só para depois dizer aos amigos que "está acompanhando o debate cultural".

Mordaz apoiou os cotovelos na mesa, seus ossos ecoando o peso do texto ali depositado — um cadáver ainda quente, intitulado "*A Saga das Xifópagas Lésbicas: O Retrato da Vida Moderna*". *Floribela* e *Jezabel*, duas irmãs coladas não pelo quadril, mas pelo silêncio que as engolia. Uma rezava para esquecer, a outra transgredia para existir; uma carregava o crucifixo como cicatriz, a outra o *glitter* como sangue seco. Dividiam o mesmo corpo e o mesmo segredo: a fuga de si mesmas, daquela coisa disforme que latejava sob a pele.

— Isto é lixo — cuspiu o editor, acendendo um cigarro cujo fumo se enroscava em seu pescoço como uma corda invisível.

— Lixo é o que você nomeia para não enxergar — retrucou Mordaz, com um sorriso torto que parecia ter sido roubado de uma fotografia em superexposição. Seus dentes amarelos eram o testemunho de anos mastigando palavras até transformá-las em veneno. — Isto aqui é um espelho partido. E você sangra ao se ver.

O editor deu uma tragada profunda, como quem tenta sugar sentido do nada.

— Sangrar? Eu só estou tentando entender por que escreveu isso.

— Porque alguém precisava escrever algo que não fosse uma ode ao *TikTok* — respondeu Mordaz, servindo-se de uma dose generosa de *Jack Daniels* que resgatara do fundo da gaveta. — Mas, claro, pode continuar fingindo que estamos salvando o

mundo com *hashtags*.

Jezabel, a que se oferecia ao mundo como sacrifício, transformara-se em vampira na segunda página. Sangue por descontos, e a tribo do X, aquela necrópole de desejos truncados, compartilhava sua carne como quem ri de um segredo próprio. Não era piada. Era o retrato de um país que vendia as veias por migalhas de luz, a alma por um eco de aplausos travestidos de *likes*.

— Viralizaram, seus *posts* sobre essas xifópagas? — indagou o editor, dedos dançando sobre teclas que digitavam números fantasmas.

— Claro — zombou Mordaz, erguendo a garrafa de Jack Daniels como se brindasse à mediocridade geral. — Todos adoram um cadáver maquiado de esperança. Mortos que ainda postam *selfies* são os mais populares.

Os colegas se juntaram ao redor da mesa como se tivessem sentido cheiro de comida grátis. Ou de demissão. A diferença, ali, era sutil.

— Mordaz, como nasceu esse editorial? — perguntou o estagiário, com aquele brilho nos olhos que só quem ainda acredita em plano de carreira tem.

Ele coçou a barba por fazer, que já podia ser considerada um lençol de desilusões acumuladas. Olhou para a xícara de café frio como quem consulta um oráculo de amargura e respondeu:

— Nasceu de parto prematuro — desses que já nascem sob suspeita, como se a pressa fosse indício de má formação — entre o protesto contra o preço da assinatura de *streaming*, que custa mais que dignidade, e o protesto contra o preço da picanha, que disseram que até o *Zé-ninguém* poderia comer. Sabe qual é o preço do silêncio hoje? É tão barato que ninguém o suporta. No mundo novo, só existe valor no que faz barulho. O resto some. Sem aviso. Sem luto.

Silêncio. Um daqueles silêncios de redação em que todo mundo finge que entendeu a linha editorial, mas só queria saber mesmo se o nome do chefe ia aparecer no texto.

— Ele tá falando de política? — sussurrou alguém, possivelmente o rapaz do comercial.

O editor resolveu intervir e retomar o protagonismo. Aproximou-se de Mordaz com o olhar clínico de quem já demitiu pelo menos três gênios mal compreendidos naquele semestre.

— Então você decidiu virar panfletário?

— Panfletário não. Apenas um homem com insônia crônica e acesso ao *Google Notícias* — respondeu Mordaz, tragando um cigarro imaginário, porque já tinha prometido parar, mas o hábito era teimoso, como certos vícios que a terapia não resolve.

O editor apertou os punhos e contraiu os lábios, o que, vindo dele, era o equivalente a um tapa na cara.

— Você sabe que essa coisa de crítica social engajada dá menos clique que receita de bolo, né?

— Mas o bolo também esfarela — rebateu Mordaz, filosófico, sem saber exatamente o que queria dizer com isso.

— O que você está tentando dizer, afinal? — perguntou a moça do jurídico, que aparecia pouco, mas sempre fazia perguntas com cara de “isso vai dar processo”.

Ele apontou para tela do computador, mostrou a última *fake news* de sucesso e respondeu:

— Que no fundo todo mundo quer a mesma coisa. Um pouco de carne, um pouco

de sinal de celular e um pouco de mentira. Mas sem olhar para o espelho, porque vai que ele resolve mostrar quem a gente é de verdade.

O editor, com a paciência de quem já tinha ouvido todas as versões possíveis desse mesmo debate, questionou:

— E a verdade? Não importa?

— *"A verdade é sempre uma piada sem plateia. O resto é rede social."* — disse Mordaz, agora claramente empolgado com a própria melancolia.

— Isso é depressão ou filosofia barata? — arriscou o estagiário, que já tinha pesquisado "niilismo" no *Google* só para acompanhar a conversa.

— Depende — respondeu ele, apagando o cigarro que não fumava. — Você prefere pagar o terapeuta ou o barman?

Riram. Ou fingiram. Alguns, talvez, engasgaram.

O editor ajeitou a gravata como quem ajusta a realidade e retomou o assunto original: o editorial.

— Vai continuar escrevendo esse tipo de coisa?

— Enquanto houver barulho, sim — respondeu Mordaz. — Porque o silêncio é grátis, mas não dá resultados.

— Mas o estilo desse editorial é brutal e o conteúdo é decadente — sentenciou o editor, folheando as páginas do editorial como quem folheia um prontuário de necrotério.

— Mas faz barulho.

— Não entendo, Mordaz — resmungou o editor. — Por que todo jornalista frustrado acha que virar escritor no estilo *Rubem Fonseca* é o próximo passo lógico, depois da gastrite e do divórcio?

— Porque ele escrevia a verdade. Crua. Sem maquiagem. Como um soco no estômago. Como um tiro mal dado. Como sexo num beco escuro — resmungou Mordaz, de forma quase inaudível.

— Mas você não disse que "a verdade é sempre uma piada sem plateia"? Que as *fake news* preenchem a fome do povo por mentiras? — contrapôs o editor, tentando mostrar a contradição no discurso panfletário de seu jornalista preferido.

— Não é só isso. Essa é somente uma face da moeda. O povo até está disposto a pagar pela verdade, desde que ela venha embalada com uma boa dose de escândalo e desgraça alheia.

— E como você enxerga esse lixo que você chama de editorial? — provocou o editor, mas por vontade de desabafar do que esperando uma reação de Mordaz.

— Um mergulho no subterrâneo da alma urbana. Um tributo à sordidez do cotidiano.

O editor franziu a testa, incomodado.

— Você está sendo autoindulgente.

Mordaz virou-se, o rosto iluminado por uma lucidez que doía.

— Afinal, você publicará? Ou preferirá o conforto das notícias requentadas?

O editor riu, surpreso com o ataque. Um riso seco, sem júbilo, eco de uma sala vazia. Retrucou:

— E você? Continuará escrevendo para as paredes?

Ah, sim. Ele estava falando do editorial.

Floribela, a santa, guardava água benta em uma garrafa rachada; *Jezabel*, a devoradora de efêmeros, bebia caipirinha com sangue de *influencer*. Tudo era mentira. Tudo era verdade empacotada em escândalo. Seu amor líquido escorria pelo

ralo das *timelines*, enquanto o "*Palácio de la République"* apodrecia em sorrisos congelados.

— Você fala do governo? — o editor continuava insistindo nessa pergunta, mas dessa vez ele tinha as pupilas contraídas como quem temesse a resposta.

— Falo de nós — Mordaz apontou a caneta, sua ponta um estilete a tremular. — Desta casa de horrores que insistem em chamar de vida.

Na última linha, *Jezabel* mordeu a irmã. *Floribela* sangrou ao vivo, vermelho cru contra filtros de veludo. O público comentou: *Slay, queen!*, e ninguém soube se era elogio ou epitáfio.

— Vai ou não vai publicar? — perguntou Mordaz, levantando-se com a solenidade de um juiz cansado de esperar confissões. Sua sombra atravessou a sala como se estivesse ensaiando um monólogo trágico em cima do medo alheio.

— Não. Esses *insights* são lixo. — o editor titubeou, voz frágil como papel molhado.

— Escrevo para os ratos — disse Mordaz, soltando uma risada áspera, como chave girando numa fechadura enferrujada. — Os humanos? Esses já se alimentam de restos.

— É suicídio.

— Já estamos mortos — disse Mordaz, abrindo a porta. A luz do corredor era uma faca a cortar a escuridão. — Só falta o último suspiro.

— Mas esse editorial não era para ser sobre os *Veríssimos*? — o editor agarrou-se à pergunta como a um fio.

— É sobre eles — Mordaz voltou-se, o cinismo um véu sobre os olhos. — Só coloquei veneno na ração. Para ver quantos ratos sobrevivem.

O editor suspirou, derrotado.

— Retome o estilo editorial. Uma sátira leve, e publicamos.

— Leve como um suspiro antes do abismo? — Mordaz sorriu, amargo. — Não. Prefiro o lixo. Pelo menos ele não mente.

Lá fora, a cidade respirava fumaça, seus pulmões negros de tanto engolir poeira de sonhos. *Floribela* e *Jezabel* riam dele de algum boteco imundo. Ou talvez fosse ele mesmo quem risse — não de alegria, mas do próprio ridículo. Um riso solitário, debochando do vazio que o preenchia. Num mundo onde até o apocalipse usa filtro, rir era o último ato de resistência: recusar-se a engolir o revólver.

— Então você não vai mudar nada? — perguntou o editor, como quem já sabe a resposta.

— Mudar? — Mordaz parou à porta, olhando para trás com um sorriso cansado. — Claro. Depois você só escreve a legenda.

E saiu. Simples assim: saiu. A porta sequer teve a decência de bater; deslizou suavemente, como quem pede licença para não fazer barulho. Quem sabe nunca tivesse existido? Ou talvez fosse apenas um adereço cenográfico, uma moldura vazia para enquadrar aquela fuga tão previsível quanto o final de um filme ruim.

Ficaram para trás o editor — com olhos cansados de quem já vira aquele roteiro antes —, a sala mobiliada com móveis que fingiam ser de madeira (como se a própria verdade também estivesse em falta), e o manuscrito esquecido sobre a mesa. As letras pareciam gritar por socorro, mas talvez apenas desejassem alguém que as entendesse. E aquele cheiro seco, pesado e vagamente adocicado de whisky ainda pairava no ar — menos como perfume e mais como uma promessa de redenção que nunca se cumpre. Do tipo que, quando finalmente chega, não vai embora nunca

mais. Como aquele tio inconveniente que sempre espera mais uma sobremesa. Ou um biscoito.

Ele andava, mas sem pressa de chegar. Saía não por bravura, mas porque ainda lhe restava um fiapo de dignidade para fingir que tinha espinha dorsal — um luxo pequeno, quase patético, reservado para quem sabe que, cedo ou tarde, vai acabar dobrado ao meio como um guardanapo usado numa festa infantil. Era aquele velho teatro do "não" que, bem lá no fundo, já havia combinado tudo com o "sim" antes mesmo de nascer.

No silêncio onde guardamos as verdades que não temos coragem nem de murmurar, já sabia: faria o que o editor pedia. Não por covardia — pelo menos não só isso —, mas por uma espécie de fidelidade canina a algo que ele mesmo não entendia direito. Amava seu trabalho? Talvez. Do jeito que se ama um vício: porque largar dá trabalho demais.

Havia ali, sim, uma culpa açucarada. Ou seria pura preguiça de brigar? Criticar os *Veríssimos* com uma pitada de veneno era, afinal, uma forma de elogio disfarçado. Ou era um elogio disfarçado de crítica? Ou talvez uma crítica que fingia ser elogio? Ou simplesmente um jeito astuto de dizer: "Olhem só como sou inteligente, até quando finjo que não sou".

No fim das contas, cederia. Só precisava que a ordem chegasse de fora — como uma multa de trânsito, dessas impossíveis de contestar — para não ter que admitir que, lá dentro, o "sim" já estava ensaiando um sorriso presunçoso.

Eis a ironia máxima: chamamos de escolha aquilo que, no fundo, é só medo de assumir que já tínhamos decidido desde o começo.

Mas quem se importa? Desde que a farsa tenha estilo, até o conformismo pode virar arte. E arte, meu caro, é sempre mais fácil de engolir do que a verdade crua.

Nota de Cozinha (não é tempero — é o guardanapo onde tudo começou)

Se *Kundera* entrasse na redação da "*Pólvora & Poesia"*, sentiria aquela vergonha alheia existencial que só Mordaz conhece: xifópagas lésbicas, coquetéis de sangue e *glitter*, e um editor olhando como se o mundo inteiro tivesse errado — inclusive você. Um bilhete inocente em "*A Piada*" destruía vidas; aqui, um *post* ácido destrói reputações digitais. E todo mundo finge entender, porque fingir é esporte nacional.

Mordaz, com *Jack Daniels* no lugar de autocomiseração, sabe que a piada só se completa quando ninguém ri. A vida é sátira de si mesma, e os leitores — essas criaturas adoráveis — aplaudem cadáveres maquiados de esperança. *Kundera* mostrou que a ironia é arma e sentença; Mordaz ensina que o sarcasmo é travesseiro: dormir com a consciência pesada dá insônia. E assim, entre tapas da realidade e goles de uísque, a redação vira palco: todos encenam, ninguém entende, e os fantasmas das xifópagas riem, lembrando que a única piada que importa é aquela que a vida prega — sem aviso prévio, nem desconto de impostos.

E você, leitor desavisado, agora deve estar se perguntando: "*E as xifópagas morreram?*"

Saga das Xifópagas Lésbicas

A Cápsula do Tempo MUS-2ACB-09 guardaria: um fragmento carbonizado do *Museu da Identidade Cabralina*, ainda fumegante; uma moeda antiga encontrada entre os escombros; e uma carta de luto assinada por uma nação inteira.

Do outro lado do portal, o **Cão Geotérico**, parado diante das ruínas, rosnava baixinho enquanto tentava entender como seria possível aprender com o passado quando ele já estava em cinzas.

"Eu não quero ser santa nem puta. Quero ser eu."

Lygia Fagundes Telles, *As Meninas*

A primavera não chegou com flores. Nem com passarinhos. Nem com esperança. Chegou como chega tudo na Cabrália: atrasada, debochada e com cheiro de queimado. Em algumas camadas do multiverso, deu as caras com *hashtags* furiosas e indignação em tempo real. Em outras, chegou com o perfume amargo das cinzas do recém-carbonizado *Museu da Identidade Cabralina* — que, ironicamente, ardeu no dia da consciência histórica. E, numa dimensão muito específica (talvez patrocinada), a estação brotou entre *selfies* de cadáveres maquiados, legendas em latim traduzidas no *Google* e uma edição especial de uma revista que nunca existiu oficialmente — mas que todo mundo jura que já assinou.

É nesta edição de setembro da irreverente "*Pólvora & Poesia"* — uma plataforma que, segundo ela mesma, há oito anos desmonta a hipocrisia contemporânea com humor ácido e ilustrações que beiram o profano, o escritor Emilio Mordaz — pseudônimo do boêmio do asfalto **Emilio Castelo Neves**, mestre em transformar tragédias coletivas em sátiras digestivas — presenteia os leitores com o editorial "*A Saga das Xifópagas Lésbicas: O Retrato da Vida Moderna"*

Neste texto, Mordaz, conhecido por obras como "*Vampiros da Orla Boêmia*", usa a história das irmãs *Floribela* e *Jezabel* — xifópagas lésbicas divididas entre a missa e a balada — para dissecar as contradições de um mundo onde todos estamos grudados, seja pelos algoritmos, pelos dramas conjugais ou pela compulsão de postar *stories* até no velório. Com a ironia afiada que lhe é habitual, o autor transforma o absurdo em espelho, refletindo dilemas como o amor líquido, a politicagem cabralina e o vício de existir em dobro na era das redes sociais.

Publicado na seção "*Crônicas do Desencanto*", o editorial já viralizou no X (antigo *Twitter*) e rendeu memes no *Instagram* da revista, onde *Jezabel* vampira oferece "20% OFF no açougue para doadores de sangue".

Mordaz, perguntado sobre o sucesso, soltou aquele clássico:

> Escrevi isso entre uma panela de feijão que decidiu virar carvão vegetal (para um churrasco de fim de mundo) e um protesto contra o preço da *internet*, que agora custa mais que a mensalidade do clube onde você não pisa desde que descobriu a Netflix.

∵ ∴ ∵

A Saga das Xifópagas Lésbicas: O Retrato da Vida Moderna

(Por Emilio Mordaz na Revista Pólvora & Poesia – Edição: #47)

No princípio, Deus criou o céu, a terra e o aborrecimento. "Vou criar uns macacos pelados que vão comer maçãs e discutir no *Twitter*!" — pensou o Todo-Poderoso, enquanto tomava um chá de camomila cósmica.

Então **Ele** criou Adão e Eva.

Mas Adão, coitado, era um chato. Só queria frutas e silêncio. Eva, esperta, logo sacou que o paraíso sem costela bovina era uma furada. "Vamos pedir *delivery*!" — sugeriu, enquanto mordia o fruto proibido. E Deus, vendo a confusão, inventou a *Gula* — pecado capital que, hoje, se chama *iFood*.

Passaram-se as épocas: o *Dilúvio* (primeira grande faxina global), os romanos (os primeiros políticos da Cabrália, só que de sandália), e depois, cabralinos — seres superiores na arte de arrumar desculpas para o que está errado.

E então vieram os *Veríssimos*. O primeiro *Veríssimo* era sério. O segundo, um anarquista de caneta, um escritor ácido que via o mundo como um grande hospital psiquiátrico com *Wi-Fi* grátis. E assim, como quem vai de *Lygia Fagundes Telles* — que ensinou a sangrar em silêncio — a *Rubem Fonseca* — que ensinou a rir mesmo enquanto sangra —, a linhagem literária dos *Veríssimos* também migrou: de "*O Tempo e o Vento"*, com sua solenidade épica e afetiva, para "*O Clube dos Anjos"*, uma sátira deliciosa — e mortal — sobre a decadência, o prazer e o autoengano.

Foi no bojo dessa mixórdia literária que *Veríssimo* (o escritor ácido) criou Daniel (ou Vasco, dependendo da edição pirata): um sujeito que, ao invés de plantar árvore, ter filho e escrever livro motivacional, preferiu escrever sobre irmãs xifópagas lésbicas. E assim, trouxe *Floribela* e *Jezabel* ao mundo.

Floribela e *Jezabel* nasceram grudadas, como duas ideias ruins na cabeça de um político: inseparáveis e inevitavelmente desastrosas. Uma queria ir à missa procurar sentido para a vida; a outra queria ir pra balada justamente pra esquecer que a vida tem algum sentido. A convivência era pacífica, aquela paz de grupo de *WhatsApp* de família: ninguém se mata, mas todos pensam seriamente no assunto.

Mas Daniel, o escritor maluco, decidiu criar um *trending topic* da decadência: além de unidas, as duas seriam amantes. A ousadia? Algo como criar uma *fake news* e reclamar que viralizou.

O amor entre elas era um exercício de logística. Imagine dividir o mesmo corpo e ainda ter que negociar posições. A coisa chegava a diálogos assim:

— Acabou já, *Jezabel*? Minha perna tá formigando!

Romantismo? Só se for sadomasoquista.

No fim, as irmãs grudadas viraram a personificação perfeita do nosso tempo: todo mundo junto, todo mundo se odiando. Como o casal que posta foto feliz no *Instagram*, mas se xinga no *WhatsApp*. Ou o político que defende "família tradicional" enquanto compra *likes* de *bot*.

Depois de algumas crises existenciais, *Floribela* virou guerrilheira, *Jezabel*

terrorista de saia rodada. Em ato heroico, explodiram o governo — mas, como toda faxina feita sem planejamento, esqueceram de limpar o chão depois.

Separaram-se. Mas o País, esse siamês infeliz da corrupção e da esperança, continuou grudado em si mesmo, tropeçando em escândalos como bêbado em calçada quebrada.

Com o tempo, *Jezabel* virou vampira. Porque amor, nesta época de egos infláveis, é só vampirismo com *hashtag* motivacional.

Mordeu a própria irmã, no que talvez tenha sido o primeiro caso de canibalismo emocional transmitido por *lives*.

Floribela, racional como todo derrotado lúcido, desapareceu. Fugir, afinal, é o único direito humano ainda livre da intermediação do *Estado* - basta um par de pernas e uma boa dose de vergonha na cara.

Enquanto isso, a esposa de Daniel, desesperada, tentou salvar o que restava da sanidade conjugal:

— Daniel, pelo amor de Deus, larga essas lésbicas coladas! Escreve algo normal! Escreve bula de remédio, receita de pão de queijo, horóscopo!

Mas Daniel já havia partido. Vivia agora num universo próprio, onde *Jezabel*, a vampira lésbica com um toque peculiar de drama e sedução, assediava clientes nas filas de supermercados, oferecendo marcadores de página com a frase: “Sangue é o novo cupom!”

∵ ∴ ∵

Caro leitor, a primeira parte deste editorial — se é que podemos chamar isso de *editorial*, porque sinceramente parece mais um *post* longo de alguém que tomou café demais e ficou acordado até tarde escrevendo teorias da conspiração sobre xifópagas lésbicas e museus que ardem como paixões passageiras — era só o aperitivo envenenado, a casquinha de siri intelectual que você lambeu antes de descobrir que o prato principal é… uma reflexão sobre as “*Xifópagas e Outras Prisões do Ser*”.

Sim, essa historinha sobre a criação? Era só a isca. Um anzol literário disfarçado de “gênesis” bíblica, lançado na esperança de fisgar sua curiosidade — como aqueles *reels* de gatinho que começam com “como sair da crise” e terminam com o gato vendendo o curso em vinte parcelas. Você mordeu a isca como quem compra livro de *coach* achando que é literatura.

Mas não se envergonhe! Eu, Emilio Mordaz — o gênio por trás dessa farsa (ou pelo menos o cara com refluxo de ironia) — também fui vítima da minha própria artimanha. Comecei escrevendo sobre cinzas e consciência histórica, mas terminei me encantando com a história das xifópagas, como se estivesse explicando a relação da Cabrália com a própria história. E olha que eu nem tinha bebido ainda! (Ou será que bebi? O mundo jamais saberá.)

Antes que você feche a revista — ou, pior, clique no “*X*” vermelho da versão digital — permita-me uma breve confissão editorial. Quase um pedido de desculpas, mas com charme. A história inicial também tinha outro objetivo: era o aquecimento, uma espécie de *warm-up* conceitual, para explicar, com pose de importância histórica, que o mundo mudou. Ou acabou, pelo menos como conhecíamos.

Há quem diga que ele acabou ano passado. Mas ninguém avisou o algoritmo. Ele seguiu trabalhando firme, conectando gente que não se suporta, vendendo chinelo com *chip* e transformando catástrofes em *trending topics*. Essa constatação nos leva

diretamente ao início da história, onde aparecem nossas heroínas, como duas alegorias ambulantes da modernidade.

Rememorando o óbvio: no início, Deus criou o céu, a terra e o aborrecimento. Depois, cansado de tanto sucesso, resolveu criar o *Twitter*, onde todos poderiam gritar ao mesmo tempo sem ninguém escutar nada. E assim nasceu a modernidade: um lugar onde você pode fazer *check-in* no inferno com avaliação de cinco estrelas e comentários de hóspedes satisfeitos.

Ora bolas, se isso não é um espelho da existência contemporânea, então eu sou o próprio Adão antes de inventarem o pecado original.

Mas vamos falar sério — ou quase. A inclusão da história de *Floribela* e *Jezabel*, as irmãs xifópagas lésbicas (sim, você leu certo), não é apenas uma bizarrice inventada (ou plagiada) por um escritor com refluxo de sarcasmo após ler "*O Clube dos Anjos"*. É uma parábola. Da vida moderna. Da convivência forçada. Do *Wi-Fi* que nos une e nos escraviza.

Floribela queria rezar, *Jezabel* queria dançar. A primeira procurava sentido; a segunda, sinal de *4G*. Duas metades presas num só corpo, como a Cabrália e o bom senso. Ou como aquele casal que mora junto, mas se comunica só por *stories*: "Relacionamento sério com o silêncio passivo-agressivo" — legendam a *selfie*, abraçados e armados.

E no fundo, sejamos justos: todos somos um pouco *Floribela* na missa e *Jezabel* na sexta-feira. Divididos entre o dever moral de se indignar com o mundo e o prazer secreto de compartilhar *memes* de gatinhos comunistas.

Aliás, ser humano hoje é isso: estar grudado. No celular, na *timeline*, no crédito rotativo. Separação? Só judicial. Porque emocionalmente, estamos todos colados num surto coletivo que atende por "era digital".

As xifópagas, coitadas, tentaram se separar. Literalmente. Mas como romper com quem compartilha seu documento de identificação digital, sua senha do *streaming* e seu pacote de dados? Nem com a paciência de um cirurgião isso se desfaz. E quando tentaram explodir o sistema — algo entre uma revolução e uma cena deletada de "*Narcos com Filtro Paris"* — o máximo que conseguiram foi virar figurinha animada no *WhatsApp* da tia.

Jezabel, como todo ser humano moderno, cansou. Virou vampira. Não por gosto, mas por necessidade de engajamento. Afinal, hoje em dia, nada alimenta mais do que uma boa transfusão de *likes*. Mordeu a irmã? Mordeu. Mordeu a si mesma? Também. Tudo por um lugar ao sol na aba "Para você".

Floribela, sempre mais ponderada, abriu um canal no *YouTube* de meditação com títulos como: "Como respirar sem se irritar com o noticiário" e "Namastê e cancela". Ganhou seguidores, perdeu paciência. A vida é feita dessas trocas.

E a moral da história? Simples: todos estamos colados. Não por amor. Não por escolha. Mas porque o cabo do carregador só chega até a metade da cama. E nesse espaço estreito, a humanidade segue. Geminada. Tensa. Compartilhada.

E vamos combinar: você, leitor, nunca se sentiu xifópago digital? Unido ao celular por um cabo que parece parte do corpo, preso ao trabalho por um contrato que nem leu direito, amarrado a opiniões que copia de *memes*, e ainda tentando manter um relacionamento amoroso no meio disso tudo? Isso sim é heroísmo.

O fato é que enquanto houver internet e gente achando que opinião é currículo, suas xifópagas viverão. Em cada casal que não se separa por causa do financiamento do sofá. Em cada *influencer* espiritual que grita "autoconhecimento*!"* num vídeo

patrocinado pela água com clorofila.

Então, sim, a historinha da criação é uma sátira. É uma tragédia. É uma comédia. É uma reflexão. É uma crítica social. É uma piada pronta. É tudo isso junto, e ainda sobra espaço pra um *meme* de vampiro oferecendo cupons nos supermercados.

Se você, leitor, chegou até aqui — sem sair para checar o *Instagram*, nem interromper a leitura para ver se o grupo da família no *WhatsApp* explodiu com mais uma crise existencial ou foto de neto recém-nascido —, parabéns!

Não temos troféu. Nem medalha.

Mas temos uma pergunta: quantas vezes, no último mês, você dormiu abraçado ao celular?

Agora, se você ainda está aqui — e se pergunta por quê, ou até mesmo *pra quê* —, eu entendo. Meu conselho é simples: releia o editorial. Com calma. Respire fundo. Depois, decida se abandona a revista, desiste do artigo completo sobre as *Xifópagas Lésbicas* e parte direto para uma *Caras* ou uma *Marie Claire* — publicações perfeitamente adequadas ao paladar de quem prefere manchetes com menos implicações filosóficas e mais fotos em alta resolução.

Mas, se resolver continuar — e encarar o artigo completo sobre as *Xifópagas Lésbicas*, que vem logo em seguida —, recomendo que leia com uma taça de vinho... ou um copo de leite morno. Vai depender da idade, da coragem e do nível de acidez estomacal.

Porque, veja bem, entender o mundo moderno exige mais do que interpretação de texto. Exige estômago. E, em certos casos, exige também terapia, jejum de redes sociais e uma boa dose de ironia.

Só não diga, mais tarde, que a culpa foi nossa se você acabar obcecado pela história das *Xifópagas Lésbicas* e decidir usá-la como explicação oficial para todos os seus fracassos — amorosos, profissionais ou digestivos.

Revista Pólvora & Poesia – Edição: #47

(Leia rápido, antes que a realidade atualize e o sarcasmo vire documento histórico)

Adaptações Livres de Castigo

A Cápsula do Tempo LIT-2DCB-07 guardaria: um livro físico com a capa reescrita por *IA* — "Clássicos que você não precisa ler (só citar)"; e uma caneta sem tinta, mas com adesivo de "Edição Limitada – Crítica Literária 4.0".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, *avatar* de perfil literário nas redes sociais, tentava compartilhar seu "último *insight* sobre *Kafka*" num *story* que expirou antes de carregar. Ele suspirou. Não era pela leitura. Era pelo engajamento perdido.

"A verdade não está nos livros, mas na busca por eles."

Hermann Hesse, *O Jogo das Contas de Vidro*

O encontro ocorreu — como costumam relatar os cronistas que atribuem misticismo até aos eventos mais banais — no *"Café Crônica & Memória"*. Um lugar discretamente lendário, fundado por um antigo frequentador do *"Bar Parágrafo & Poeira"*, que, segundo especulações mirabolantes, atravessou um portal interdimensional impulsionado por uma mescla instável de ressentimento, vaidade e um anseio quase desesperado por sofisticação estética — algo que, neste caso, parece não ter sido bem-sucedido.

Dizem que ele chegou trazendo consigo quase nada: apenas uma colher de prata, um livro excessivamente sublinhado e uma ideia mal resolvida sobre como salvar a literatura da irrelevância. Ao atravessar a fenda entre os mundos narrativos, deixou para trás o cheiro de óleo velho e verdades amargas para erguer um espaço onde tudo exalava ironia temperada com especiarias teóricas.

No ambiente, os móveis pareciam carregar artrite declarada: rangiam em solidariedade aos personagens esquecidos. O aroma predominante era uma mistura de literatura mofada e canela emocional — uma espécie de especiaria afetiva que só faz sentido para quem já viu suas páginas invadidas por cupins existenciais.

Entre as mesas encontravam-se poltronas estrategicamente posicionadas, quase sempre voltadas para janelas amplas, como se à espera de leitores em exílio voluntário, autores em recuperação editorial ou simplesmente amantes de reticências — gente que prefere o quase ao ponto final.

Era um espaço quase teatral, onde até o silêncio tinha peso retórico. As sombras das xícaras pareciam discutir existencialismo sem diploma universitário — mas com bastante ênfase.

Silvério, criatura habitualmente pontual — exceto nos dias em que se perdia no

caminho do banheiro —, fora o primeiro a chegar. Trazia sob o braço um exemplar de *"O Alienista da Madrugada"*, dobrado com a perícia característica de um açougueiro distraído: aquela dobra desajeitada, quase cirurgia plástica mal feita na notícia, capaz de transformar manchete em acidente estético.

Sentou-se, como sempre, numa poltrona próxima à mesa dos "desentendidos", aquele lugar outrora palco de debates sobre marxismo literário e hoje reduzido a suporte de taças de vinho tinto, frases vazias e suspiros protocolares.

O Barbosa entrara depois, trazendo um exemplar de *"O Som e a Fúria"* que parecia ter saído de um acidente ferroviário e um pacotinho de *madeleines* vencidas — que, segundo ele, não comprometia em nada o sabor e a experiência.

— São como certos clássicos — disse, com cara de quem já escrevera tese sobre nostalgia em rótulos de remédios. — Melhor quando têm data de validade ultrapassada.

E então chegou o Dr. Henrique Sampaio, professor titular de sisudez e doutor em aborrecimento espontâneo, resmungando em latim sobre a nova adaptação de *"Cem Anos de Solidão"* pela *Netflix* — que, como todo mundo sabia, ainda não existia, só seria lançada três anos depois. Mas ninguém ali era refém da linha do tempo. Eles diziam que a culpa não era deles se os assuntos tinham vocação para 28 ***d.CB***.

— A culpa não é nossa — explicava o Dr. Henrique Sampaio, ajustando as mangas com o cuidado de quem organiza ideias antes de soltá-las como granadas verbais. — A culpa é da deriva "epistemológica cronológica", essa doença rara que só afeta os que ainda acreditam que há lógica no mundo.

O Barbosa sempre sorria e completava, como se fosse um ritual:

— Ou da derivação algorítmica, que transforma até *Platão* em *influencer* filosófico. Um dia desses vi um vídeo no *YouTube* chamado "Platão explica por que você está solteiro". Tinha legenda em neon piscando e fundo musical de loja de shopping.

Era mais uma noite sem banquete, sem convidados especiais e sem máscaras — físicas ou metafóricas. Só três homens descontraídos, uma garrafa de vinho que já nascera derrotada e algumas poltronas que pareciam ter desistido de si mesmas. Cada detalhe ali era emblemático. Até o pano de mesa parecia ter sido usado em um enterro de alguma autoridade literária — e talvez ainda estivesse enlutado.

Silvério, sentado numa poltrona que um dia sonhara ser trono, segurava o celular com a expressão de quem descobriu que o mundo estava errado — e o aplicativo de *delivery* também.

— Vocês viram aquela série? Aquela que parece feita pra quem nunca leu livro, mas finge entender arte só porque leu a sinopse de um *Hemingway* no *Instagram*? Chama... sei lá, alguma coisa com "noites" e "tinta". O sujeito escreve um romance em cinco dias, fuma charuto, namora uma editora durante um eclipse e termina ganhando o Nobel e uma cafeteria. É pornô literário, só que com menos suor e mais adjetivo.

O Barbosa não se moveu. Só respondeu com a calma de quem já leu horóscopos mais profundos do que essa descrição de Silvério:

— Ah, sim. É tão realista quanto *"Stranger Things"* é um documentário da Unesco sobre bibliotecas públicas.

O Dr. Henrique Sampaio ajustou os óculos com o mesmo cuidado com que se consulta um dicionário antes de discutir com a sogra:

— A culpa não é só dos roteiristas. O público quer tragédia com trilha alegre.

Quer *Dostoiévski* com risos de *sitcom*. *Hamlet* apaixonado por *Ofélia*... e por uma *startup* de tecnologia emocional.

Essas noites eram raras. O Dr. Henrique Sampaio, aquele monumento de formalidade acadêmica, só se soltava nessas sessões de sarcasmo etílico. Mas isso só acontecia por causa do Barbosa. Sem ele, a conversa seria só uma dissertação sem banca. Com ele, virava *jazz* com vinho barato.

— E repara — Silvério estufou o peito, como quem vai dar um furo de reportagem — todos os escritores dessas séries vivem em coberturas com vista para a consciência coletiva da humanidade. Escrevem bêbados, choram com *glamour* e ainda têm cabelo bom. Eu, quando choro, fico com cara de pizza fria e nariz de torneira com defeito.

Riram. Ou fingiram. A verdade é que a tragédia atual é tão absurda que só a comédia salva. E mesmo assim, vez ou outra, tropeça no roteiro.

— *Dom Casmurro* — continuou o Barbosa, como quem faz uma transição entre atos teatrais — virou série da *Prime*. *Bentinho* pilota drone, *Capitu* dá palestra sobre relacionamentos. Falam tão rápido que parece debate eleitoral no grupo do condomínio.

O Dr. Henrique Sampaio, sempre o mestre da pontuação oral, ergueu a taça:

— E a morte do *Bentinho*? A temporada acaba com ele olhando pro abismo… que devolve o olhar.

— O problema — refletiu Silvério, com a profundidade de uma colher de sobremesa — é que hoje o algoritmo escreve o roteiro. *Terry Pratchett* virou *barman* em bar temático com *open bar*. *"Discworld"* agora tem *happy hour* permanente.

— E ainda é sucesso — lamentou o Barbosa. — Porque ler virou performance. Viu cinco episódios e pronto: "Li Dostoiévski em série limitada".

O Dr. Henrique ajeitou mais uma vez os óculos com o rigor de um catedrático em final de expediente:

— O problema não é adaptar. É mastigar com pressa. Um *Dostoiévski* com trilha sonora de comercial de margarina. Com final feliz e tudo.

— Pior ainda — cortou o Barbosa, com alegria perversa — é quando o vilão ganha carisma. Até o diabo tem jornada de redenção. Se fizerem *"Crime e Castigo"*, *Raskólnikov* vai sair da prisão pra dar palestra sobre minimalismo russo e saúde mental.

— E sem castigo! — gritou Silvério, levantando o dedo, como se invocasse um espírito. — Eu conheço companheiros que acham que *"Guerra e Paz"* é uma linha de roupa sustentável. Juro. Eu mesmo pensava isso, antes do Dr. Henrique me esclarecer.

Pediram sobremesa. E mais uma garrafa de vinho andino. Veio profiteroles com ganache de chocolate e conhaque, acompanhado de um *Malbec* — e ainda veio com um panfleto de clube do livro incluso. Combinação extravagante: profiteroles e vinho barato.

— E o *"Ensaio sobre a Cegueira"* ? — continuou o Barbosa, como quem menciona um velório literário. — Aquela versão interativa com avatares falantes.

— *Saramago* morreu de novo — decretou o Dr. Henrique Sampaio, com a frieza de um obituário em tempo real.

— Mas se sair versão com zumbis, eu assisto — comentou Silvério. — E faço resenha no meu canal: "Literatura com Silvério: onde o livro ganha vida... e a narrativa pede licença."

— Você é o problema, Silvério — disse o Barbosa, com um misto de carinho e repulsa. — O fenômeno. E o patrocinador dessa ignorância.

— Vi uma propaganda — desconversou Silvério, agora apontando o dedo como quem abre o terceiro selo do apocalipse — um sujeito lê dois livros em duas semanas e diz: "Minha vida mudou." Tipo iogurte probiótico. "Minha flora literária tá funcionando!"

O Barbosa ergueu o indicador, como se fosse a adaga da justiça:

— E os críticos elogiam dizendo que a adaptação é "fiel ao espírito da obra", mesmo que o espírito tenha sido exorcizado no segundo ato.

— Já imaginou "*1984*" com final feliz? — Silvério se animou. — Winston e Júlia fogem, abrem um *food truck* em Lisboa e viram *influencers*. E o *Big Brother* os segue na aventura!

Silvério assentiu, com a gravidade de quem passou a vida em *reality shows* filosóficos:

— E se ele não mudar, o público reclama que ele não fez o trabalho emocional. Dizem: "não evoluiu como personagem".

O Barbosa mudou o tom, imitando um narrador de comercial:

— *"Sentindo-se oprimido? Experimente nossa solução! Amor, natureza e playlists personalizadas."*

O Dr. Henrique balançou a cabeça, o sorriso quase rompendo o protocolo:

— O cinema quer humanizar até a tragédia grega — disse o Dr. Henrique, enquanto se ajeitava na poltrona, com um ar de quem também ajustava a própria paciência.

— *Antígona* vira romance com *Creonte*... — fez uma pausa, como se precisasse digerir ele mesmo essa tristeza, antes de compartilhá-la.

O Barbosa levantou as mãos num gesto quase litúrgico, como se estivesse exorcizando um espírito cinematográfico:

— O conflito entre lei divina e lei humana? Acabou. Hoje é tudo "você não me escuta" e "eu nunca me sinto vista". — imitou um diálogo de telenovela mexicana, fazendo voz chorosa e segurando o coração com a mão direita, como uma vedete da tragédia *light*.

Silvério, novamente com ares de oráculo de botequim:

— E até o destino pede desculpa na cena pós-crédito. "Foi mal pela desgraça toda, pessoal. Prometo voltar melhor na próxima temporada."

— Às vezes — confessou o Barbosa, como quem revela um trauma intelectual — viajo por lançamentos que ainda nem estrearam. Já tive pesadelo com "*Dom Quixote*" em versão distopia *cyberpunk*. *Sancho* é um robô. E depois ainda tem gente que tem coragem de reclamar dos meus contos.

Silvério seguiu sem culpa:

— E se for adaptação nacional, o destino vira mulher negra, sábia, que filosofa enquanto trançam o cabelo. No fim, vira par romântico de *Hades*.

O Dr. Henrique riu. Um riso mesmo. Com dentes.

O Barbosa congelou. Isso sempre acontecia quando via o Dr. Henrique Sampaio rindo.

— O que me preocupa não é a adaptação ruim. É quando a gente começa a preferi-la. A imagem engole a palavra. A trilha sufoca o silêncio. Viramos turistas da literatura. — falou o Barbosa, saindo do estado criogênico.

— E os jovens só leem os *reels* — completou Silvério. — Eu mesmo vi "*Guerra e*

Paz” em 30 segundos. O resto era pura enrolação.

Silêncio. O vinho era ruim, mas a conversa fermentava bem. O que ninguém entendia era o porquê de Silvério se incluir na categoria dos jovens.

— Falta respeito ao fracasso — disse o Barbosa. — Literatura é sobre conflito não resolvido. Emoção não é reviravolta. É persistência.

— Bonito — elogiou Silvério. — Mas tenta dizer isso no *TikTok* pra ver o que sobra.

— O mercado virou festival de *spoilers* e boas intenções — disse o Dr. Henrique.

Silvério se levantou como quem encerra um manifesto:

— Se eu morrer amanhã, vão fazer uma série da minha vida. Ator bonito, trilha da *Billie Eilish*. Chamam de tragédia *pop*.

— Eu serei interpretado por um britânico — respondeu o Dr. Henrique. — Com sotaque que melhora meu currículo.

O Barbosa permaneceu. O último gole. Um sorriso cansado:

— E eu... serei o cara das siamesas. Mas talvez eu mesmo tenha virado uma: grudado numa ideia que não me larga.

Ficou quieto por um instante. Depois murmurou:

— Pelo menos posso beber em paz.

Era isso: um interlúdio entre surtos. E o Dr. Henrique Sampaio rira. Graças ao Barbosa. Porque era isso que o Barbosa fazia: transformava tragédia literária em comédia instantânea. Sem ele, era só palestra. Com ele, virava banquete. Mesmo que de sobras.

A literatura seguiria viva. Meio capenga. Com figurino desatualizado. Mas viva.

E Silvério, bom... Silvério já planejava um *crossover* de *Shakespeare* com *The Office*.

Nota de Cozinha (misture com cuidado: contém traços de ironia)

Se *“O Jogo das Contas de Vidro”* é uma elegia ao intelecto puro — um mosteiro onde símbolos viram música transcendental —, o *“Café Crônica & Memória”* é sua versão alcoólica: um prostíbulo da erudição onde três bêbados tentam salvar a literatura com vinho barato e piadas sobre *Netflix*. *Hesse* sonhava com uma elite espiritual; aqui, temos Silvério, que confunde *“Guerra e Paz”* com linha de roupa, e o Dr. Henrique Sampaio, resmungando em latim sobre séries que ainda não existem. O jogo de *Hesse* exigia disciplina e silêncio; o jogo cabralino, só um *Malbec* e rir quando *Terry Pratchett* vira *barman*.

Hesse via a cultura como redenção; eles, como tragédia *light* com trilha de shopping. Castália era refúgio do mundo; o café, refúgio do próprio refúgio — onde se lamenta que ninguém lê, mas ninguém solta o celular. Enquanto o *Mestre* buscava harmonia entre arte e espírito, o Barbosa busca equilíbrio entre *Dostoiévski* e vilões que dão palestras de saúde mental. A verdadeira derrota não é a vulgarização da literatura, mas preferir a versão com zumbis. Como diria *Cony*, o romancista existencial, com aquele misto de intelectualidade e gozação fina: “Se *Hesse* visse isso, pediria outro uísque, jogaria o celular no copo e escreveria: ‘Volto quando *Antígona* parar de postar *stories* com *Creonte*.’”

Maternidade dos Falsos Intelectuais

“A liberdade de escolha não é liberdade se todas as opções levam ao mesmo lugar.”

Herbert Marcuse, *O Homem Unidimensional*

O “*Café Crônica & Memória*” era um lugar onde tudo parecia ter sido escrito antes de ser vivido — um daqueles recantos que resistiam ao tempo em meio ao caos da Cabrália. As paredes forradas de livros amarelados, as mesas de madeira maciça com marcas de copos e dedos, as cadeiras em estilo clássico vitoriano que rangiam baixo — tudo ali exalava uma certa melancolia intelectual. Entre as mesas, repousavam poltronas estrategicamente posicionadas — algumas tão desanimadas que pareciam ter renunciado à própria existência. O teto azul, pintado por mãos que tinham mais esperança do que talento, sustentava lâmpadas econômicas penduradas por fios frágeis, derramando uma luz amarelada e trêmula sobre os frequentadores.

Naquela tarde abafada, o café estava cheio — jornalistas, estudantes de Direito com olheiras de desilusão, poetas de bairro, alguns velhos boêmios e curiosos locais, todos imersos em conversas abafadas e no tilintar de xícaras e colherinhas.

No centro daquele cenário, um pequeno palco improvisado. O *“Café Crônica & Memória”* promovia, quinzenalmente, um bate-papo temático em que dois convidados debatiam — ou melhor, dialogavam — diante do público. O palco era um módulo de madeira simples, com cerca de 30 centímetros de altura, coberto por um tapete puído e um tanto desbotado. Seu tamanho era apenas o suficiente para abrigar uma pequena mesa retangular, ladeada por duas poltronas que não combinavam entre si — uma vermelha e imponente, a outra marrom e deprimida, como um sofá de espera de cartório. Por tradição, usava-se sempre a chamada “mesa dos desentendidos”: um artefato histórico do café, pois ali, nos velhos tempos, travavam-se discussões literárias com viés político, cujas brigas verbais ainda assombravam o rodapé do salão.

Dessa vez, no entanto, não havia embate. O que se via era uma complementaridade rara, uma dobradinha quase ensaiada entre o Dr. Henrique Sampaio, o intelectual severo, e o Dr. Gilmar Pontes, o cético irônico, conhecido nas redes como “*O Catedrático do Povo*”. O Dr. Henrique levantava as questões com a solenidade de um magistrado. O Dr. Gilmar Pontes, por sua vez, desmontava as certezas com humor melancólico. O que um dizia, o outro expandia; o que um criticava, o outro ilustrava com anedotas e suspiros. Não era debate — era uma turnê compartilhada da lucidez, um dueto de descontentamento refinado que reverberava pelas paredes do café como um sermão secular.

O Dr. Henrique Sampaio, catedrático da retórica e doutor em desdém, ergueu a taça de vinho com a solenidade de quem brindava à própria indignação — ou à própria lucidez, o que, na Cabrália, dava, praticamente, no mesmo. Seus óculos refletiam a luz trêmula e amarelada, enquanto ele lançava seu olhar sério e crítico sobre a plateia que, pouco a pouco, se calava e se voltava para ele.

— Ah, sim, meus caros pensadores de ocasião e sobreviventes da era digital! — começou o Dr. Henrique, com voz firme, gesticulando em direção ao teto azul. — Vivemos tempos gloriosos. Surgem os oráculos de bolso, os sábios de silício, os algoritmos inteligentes que falam em versos livres e respondem a perguntas que ninguém fez. Toda uma fauna tecnológica que, sob o pretexto de democratizar o conhecimento, faz exatamente o que sempre se fez por aqui: reciclar a velha e boa alienação. Só que agora em alta definição, com direito a *emojis* e avisos de "consulte sempre um humano".

Fez uma pausa dramática, pousando a taça no tampo da mesa com uma solenidade quase cômica, como se estivesse apresentando um projeto de lei no "*Congresso do Povo*". Na plateia, os clientes do café, que começaram apenas como ouvintes casuais, foram se calando. Alguns, que já estavam de saída, pararam junto à porta, atraídos pelo tom grave ou pela promessa de escândalo verbal.

O Dr. Gilmar Pontes, sentado ao lado do Dr. Henrique Sampaio, na poltrona marrom, cruzou os braços e lançou um olhar para o teto, como quem busca um sopro de paciência divina.

— E não para por aí — continuou o Dr. Henrique, agora com as mãos movimentando-se como um maestro regendo uma orquestra desafinada. — O processo é simples, elegantemente simples: digita-se algo como "me dê argumentos para parecer inteligente criticando o mundo", e pronto! Surge um texto semicoerente, que o cidadão não entende, mas posta com orgulho, como se tivesse acabado de defender uma tese na *Sorbonne*.

Tomou um gole de vinho — fingindo que o vinho era de qualidade — e prosseguiu:

— E, assim, o *meme* mal diagramado vira "manifesto cultural", o ódio gratuito se transforma em "análise crítica" e aquele amigo do boteco, que nem sabe a diferença entre *Schopenhauer* e *Schnauzer*, passa a ser considerado "pensador disruptivo" nas redes.

O Dr. Gilmar Pontes suspirou fundo, um suspiro longo, cansado, de quem sabe que dali em diante é só descida.

— Importante deixar claro — interveio o Dr. Gilmar Pontes, ajeitando a gravata imaginária com aquele gesto meio desajeitado, pois nessas horas até acessório virtual serve para dar peso ao discurso — que isso já ultrapassou as fronteiras da simples burrice. Burrice, aliás, soa até simpática demais. Isso é outra coisa. É a glorificação da mediocridade disfarçada de sabedoria disruptiva.

Passou a mão pelos cabelos, numa dúvida entre organizar as ideias ou conferir se ainda os tinha.

— Hoje, até o sujeito que não consegue escrever uma reclamação pro síndico sem errar três vírgulas se apresenta como "intelectual orgânico". Ele não lê livros — apenas ouve falar deles. Não leu *Marx*, mas viu um *meme* a respeito. Não sabe se *Hegel* é filósofo ou hambúrguer artesanal, mas fala de dialética com a mesma desenvoltura com que pede um chope no bar.

Um desconforto sutil se espalhou pelo salão, como se cada um, em algum ponto

do discurso, tivesse sido acidentalmente espelhado. E, ainda que ninguém confessasse, era difícil sair dali sem a incômoda impressão de que o tema da noite não era "sobre os outros". Era, no fundo, sobre todos. O Dr. Gilmar Pontes ergueu o dedo indicador, como se estivesse se preparando para anunciar uma fórmula matemática, e continuou:

— Porque, meus amigos, nada representa melhor o rigor acadêmico moderno do que um *Ctrl+C* e *Ctrl+V* feito no banheiro de uma rodoviária, — entre um desarranjo intestinal, fruto de um pastel duvidoso, e uma crise existencial.

Silvério, que até então assistia em silêncio, mexendo num garfo como quem mexe em argumentos que não entende direito, resolveu falar:

— Mas... eu uso essas ferramentas pra divulgar minhas palestras. Pra facilitar o acesso à informação. Pra democratizar o conhecimento, vamos dizer assim. Se o povo quer resumo, por que não servir?

O Dr. Henrique lançou um olhar de leve condescendência, temperado com uma paciência quase exasperada, e respondeu:

— Ah, Silvério... aí está o problema. Não basta usar a ferramenta. É preciso saber o que fazer com ela. A maioria só copia e cola, sem pensar duas vezes. Depois repassa. E assim segue o ciclo.

Silvério piscou duas vezes. Engoliu em seco. Sorriu com aquela expressão característica — meio golpe, meio máscara de indiferença.

— Não nego que faço a mesma coisa — disse, com a gravidade de quem acaba de admitir ter esquecido a senha do *Wi-Fi*. — Eu uso. Eu cito. Eu compartilho. Mas será que é minha culpa? O mundo virou uma grande rede social com amnésia coletiva. Se o público quer frases prontas, eu sirvo.

O Dr. Gilmar Pontes pigarreou. Um som baixo, quase protocolar, mas carregado de ironia:

— Silvério, meu caro, você vive num país onde "democratizar" significa "resumir". E "resumir", na prática, quer dizer "esquecer".

— Eu sei o que disse — respondeu Silvério, meio ofendido, meio confuso. — Mas as coisas não são tão ruins assim. Eu mesmo leio coisas importantes. E sempre paro para pensar nelas... um pouco.

— Um pouco? — perguntou Gabriela, entrando na conversa com o sorriso de quem segura uma faca invisível. — Mas será que esse pouco é suficiente?

Era a primeira vez que ela ia a um debate temático no *"Café Crônica & Memória"*. Na verdade, nem sabia direito por que aceitara o convite — talvez tédio, ou curiosidade passageira, ou, mais provavelmente, porque o Dr. Henrique Sampaio insistira tanto que parecia precisar dela ali não como ouvinte, mas como testemunha moral. Como se sua simples presença fosse suficiente para dar peso à conversa ou legitimar o evento diante daqueles que ainda acreditavam nesse tipo de coisa.

Não era seu hábito comparecer a esse tipo de encontro. Tinha aversão à ideia de "pensamento em grupo", aquele lugar onde todo mundo fala igual e acredita estar sendo original. Preferia o silêncio dos livros aos ruídos dos debates, os quais raramente pareciam gerar algo além de repetição disfarçada de novidade.

Mesmo assim, ali estava, sentada perto da mesa principal, com postura ereta e expressão impenetrável — como alguém que tenta decidir, até o último instante, se faz parte da plateia ou da programação. E, acima de tudo, decepcionada com a ausência do Barbosa, contumaz frequentador do *"Café Crônica & Memória"*, sempre ao lado de Silvério e do Dr. Henrique Sampaio. Dessa vez, porém, não apareceu. Não

mandou aviso, não justificou, não insinuou sequer uma explicação plausível — simplesmente não estava lá. E logo na primeira vez em que ela frequentava aquele ambiente. Algo indefinido a incomodava, como se soubesse que aquela ausência não era casual — era uma escolha.

O próprio Dr. Henrique parecia incomodado. Não disse nada, mas seus olhos percorriam o ambiente com uma leveza ansiosa, como se esperasse ver o Barbosa surgir de trás de alguma metáfora qualquer, como quem entra por uma porta que só existe em teorias mal resolvidas — trazendo consigo aquele sorriso irônico que costumava ser a única forma de resistência real à solenidade protocolar das discussões.

Os clientes do café ouviam atentos. Alguns faziam cara de entendidos. Outros, de ofendidos. Uns cochichavam, como se analisassem um caso judicial. Vários passaram a observar Silvério com mais interesse, como se ele, de certo modo, estivesse falando por eles — ou como se, ao ouvirem suas próprias vozes refletidas naquela fala, se reconhecessem sem querer. O Dr. Henrique Sampaio retomou, agora com tom mais grave, quase em confidência:

— A indigência intelectual, que antes se escondia envergonhada nos cantos da sociedade, agora desfila de salto alto, plumas e *glitter*, como se fosse sinônimo de rebeldia crítica. A inteligência artificial não inventou a burrice — isso é patrimônio da humanidade desde que o primeiro *homo sapiens* olhou para uma pedra e disse: "isso dá pra morder." Mas ela, na sua bondade perversa, transformou a internet numa maternidade de falsos intelectuais.

Apontou para o teto azul — ou para o céu, ou para Deus, ou para o técnico da iluminação, ninguém saberia dizer — como quem invoca testemunhas celestiais.

— O resultado? Uma legião de zumbis digitais, esses verdadeiros débeis mentais contemporâneos, que acham que *post* agressivo é debate filosófico e que *like* é validação acadêmica. Gente que acredita que o Nobel se conquista entre *memes* de gato, *fake n*ews e *threads* no *Twitter*. E, como se isso não bastasse, eles votam. Sim, votam. Com a mesma lucidez com que compartilham correntes de *WhatsApp*.

Houve uma pausa, como se a sala precisasse respirar.

— Depois ficam surpresos, indignados, perguntando com cara de espanto retórico: "Mas por que será que não temos um bom governo?"

Silvério, erguendo a mão com um sorriso meio ingênuo, comentou:

— Pois eu acho que às vezes o povo só vota em quem fala mais alto, igual no futebol, sabe? Se grita mais, ganha mais voto. E aí... não sei... acho que é complicado, viu?

O Dr. Gilmar Pontes deu um leve aceno, como quem confirma a simplicidade do argumento.

— Ora, meus caros — concluiu o Dr. Henrique Sampaio —, talvez nunca tenhamos tido um bom governo porque um povo formado por uma corja de imbecis acaba elegendo, inevitavelmente, um governo à sua imagem e semelhança. No fim, todo mundo tem exatamente o governo que merece — ou, no mínimo, o que sua própria estupidez ajudou a parir.

O murmúrio no café aumentou, uma mistura de aprovação e desconforto. Muitos se viravam para os amigos, como buscando confirmação, enquanto outros olhavam para baixo, sentindo que aquela crítica também lhes dizia respeito. O Dr. Gilmar Pontes pigarreou e, ajeitando novamente a gravata imaginária, finalizou:

— Ah, claro — disse, com um tom que misturava deboche e resignação —, já

vejo os justiceiros do *Facebook* preparando suas lanças digitais para nos atacar: “Esses aí leram *Heidegger*? E *Hegel*? Aposto que nem sabem diferenciar um do outro!”

Coçou o queixo, encarou o horizonte — uma parede com infiltração que parecia ouvir tudo — e concluiu:

— Quer saber? Isso não é relevante. E qual o problema na ignorância? A ignorância, pelo menos, tem que ser honesta. Orgânica. Sustentável. Livre de agrotóxicos. Não se lê para impressionar. Lê-se para tentar entender. Quando dá. E, quando não dá, pergunta-se. Estuda-se mais. Finge-se menos.

O Dr. Gilmar Pontes levantou-se devagar, como quem encerra um júri ou um churrasco sem cerveja.

— Por que fingir que entendeu a tal da “*angústia do Dasein*” quando você pode, com muito mais dignidade, simplesmente admitir: “*Heidegger*? *Hegel*? O pouco que sei, peguei na *Wikipédia* e em discussões aleatórias com os amigos no bar da esquina.”

— E, sinceramente? É bem mais honesto assim. — completou o Dr. Henrique Sampaio.

O Dr. Gilmar Pontes sentou-se de novo, cruzou as pernas e sorriu com aquele ar de quem sabe que a linha de debate se esgotara — não por falta de palavras, nem de argumentos, mas por cansaço coletivo.

— No fim das contas — disse, quase para si mesmo —, não há mérito em ostentar conhecimento de segunda mão, quando ele só serve para alimentar o próprio ego. Isso não serve pra iluminar a ignorância alheia, nem a própria.

E brindou com o Dr. Henrique Sampaio, como se ainda houvesse algo além da desilusão. Brinde simbólico, claro — a taça já estava vazia há tempos. Afinal, na Cabrália, um debate sem álcool não é só impuro — é suspeito.

O murmúrio que se seguiu foi um rio subterrâneo de culpas reconhecidas. Alguns clientes, que já se preparavam para sair, pararam para digerir a mensagem, tocados por uma mistura de fascínio e incômodo. Havia os que aplaudiam silenciosamente, sentindo-se confirmados na crítica afiada, e os que franziram a testa, desconcertados, como se aquela fala também os espiasse no espelho. Muitos se entreolhavam, hesitando entre o orgulho de se reconhecerem “pensadores” e a dúvida incômoda de que, talvez, fossem parte do problema. Alguns cochichavam entre goles de café morno; outros permaneciam em silêncio, digerindo o desconforto como quem mastiga uma verdade amarga.

A atmosfera ficou carregada de uma tensão leve, mas palpável — não um desconforto hostil, mas uma espécie de pausa reflexiva coletiva. Como se, por alguns minutos, todos ali estivessem sintonizados na mesma frequência de inquietação. Uma sombra suave parecia pairar sobre as cabeças, sussurrando que, às vezes, é preciso olhar para dentro — mesmo quando dói. Especialmente quando dói.

Chá de Prestígio com Gosto de Fama

A Cápsula do Tempo BOI-2DCB guardaria: uma urna eletrônica desmontada com adesivos de "Em Progresso"; uma dose de vacina encaixotada com um *QR code* inativo; e um convite para uma conferência climática impresso em papel reciclado, mas ainda inflamável.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, dividido entre realidades digitais e físicas, tropeçava em um *Zoom* instável enquanto tentava equilibrar sua carga de esperanças e decepções.

"O ridículo é o preço da vaidade."

Nelson Rodrigues, *A Vida Modesta*

O cenário do *Clube République* era quase uma constante no teatro da vida — mármore reluzente nas paredes, lustres que pareciam ter sido contrabandeados de *Versalhes* em alguma operação clandestina do século XIX (segundo o calendário gregoriano) e um buffet que só não gritava "desigualdade" porque bufês, por definição, eram mudos. Antigamente, o espaço era reservado à elite política e empresarial, aquele grupinho fechado que sabia exatamente onde ficava a entrada dos fundos para evitar os fotógrafos. Agora, abrira-se uma brecha para a cultura, como quem abria uma janela para arejar um ambiente que cheirava a mofo e poder concentrado.

No salão principal, uma multidão de acadêmicos se comprimia entre taças de vinho andino — com um retrogosto amargo de dívida externa — e canapés tão minúsculos que pareciam exigir lupa para serem degustados. Cochichos ecoavam pelo ambiente enquanto conspirações silenciosas se teciam. Todos ali opinavam, debatiam e, de forma sutil, disputavam o título de gênio da noite. Mas, mais do que isso, competiam para ver quem conseguiria demonstrar maior indiferença ao próprio brilhantismo.

Este era o *Encontro Nacional de Excelências e Notáveis*, evento bienal promovido pela **CASTA** — *Corte de Atribuição de Status, Títulos e Ascensão* —, com financiamento do **MILT-N** — *Ministério da Infraestrutura Literária e Tipografia Narrativa* — e apoio cultural da *Sociedade Macunaíma de Literatura.* Ali, os egos circulavam livremente, dispensando crachás, e as discussões quase nunca desembocavam em consensos úteis. Em compensação, floresciam — nos dias seguintes — longos e-mails passivo-agressivos, onde as verdadeiras batalhas eram travadas. À distância, é claro, como manda a alta diplomacia literária.

No meio dessa aristocracia intelectual entrou o Dr. Gilmar da Silva Pontes. Ele não combinava com o cenário. Tênis branco impecável (como se tivesse acabado de

sair da academia, mas provavelmente só saíra do carro), camisa de linho amarrotada e celular na mão — transmitindo ao vivo para uma legião de seguidores sedentos por conteúdo acessível. O segurança hesitou, mas o Dr. Gilmar Pontes exibiu seu crachá como quem mostra uma passagem *VIP*: *Keynote speaker*. O segurança olhou para ele, depois para o crachá, e decidiu que era melhor deixar o homem entrar antes que começasse outro debate filosófico sobre o conceito de "autoridade" na porta.

∵ ∴ ∵

No fundo do salão, onde a luz era filtrada por cortinas tão grossas quanto as certezas institucionais, um grupo de professores titulares cochichava com a discrição de quem tenta esconder um boato dentro de uma nota de rodapé:

— Virou celebridade acadêmica. Tá vendendo *Foucault* em cápsulas de 30 segundos.

— Quero ver é sustentar uma tese diante da *CASTA*. Lá não basta ter ideia — tem que ter pedigree teórico e bibliografia em latim.

— E aquele tênis? Parece que saiu direto do brechó da pós-verdade.

Mas o Dr. Gilmar Pontes não se abalava. Pegou uma xícara de café orgânico — o único disponível desde que cortaram o pó comum por "razões de sustentabilidade institucional" — e caminhou até o microfone, instalado no centro geométrico do palco, como uma espécie de altar da dúvida hierárquica. Ajustou o celular num tripé improvisado com livros de metodologia e começou:

— Boa tarde, ilustres membros da *CASTA* cabralina. Hoje vim falar de um fenômeno que inquieta os corredores e irrita os pareceristas: o *apartheid* simbólico entre o saber certificado e o saber compartilhado. Ou, em linguagem direta: por que me tratam como subproduto acadêmico só porque viralizei explicando *Walter Benjamin* no *TikTok*.

Silêncio. Um silêncio insolente, daqueles que precedem ou uma revolução... ou um despacho à comissão de ética.

Alguns riram nervosos. Outros coçaram o queixo como se massageassem o ego ferido. Um professor sênior anotou qualquer coisa no bloco, fingindo interesse, mas na verdade apenas documentando o que, para ele, seria um futuro caso de "popularismo epistemológico".

O Dr. Gilmar Pontes prosseguiu, com a leveza de quem já apanhou o suficiente para saber onde doem os símbolos:

— O prestígio acadêmico é como vinho guardado em cofre climatizado: raro, inacessível e compartilhado apenas entre herdeiros simbólicos. Já a fama... bem, a fama é como café de padaria: quente, ruidosa, acessível. E por isso mesmo, desprezada por quem confunde simplicidade com vulgaridade.

Uma professora da *Universidade Federal do Sul* levantou a mão com o gesto treinado de quem já aplicou trinta bancas e sobreviveu a vinte pareceres da *CASTA*:

— Mas você não acha que isso banaliza o conhecimento?

O Dr. Gilmar sorriu — não com arrogância, mas com a paciência de quem já tinha ouvido essa pergunta travestida de crítica construtiva inúmeras vezes:

— Não, colega. Eu apenas desativo os pedágios simbólicos da erudição. Eu não dou aula — eu ofereço acesso. E isso incomoda quem sempre cobrou ingresso para entrar na sala do saber.

Um murmúrio percorreu a plateia. Alguns aplaudiram, timidamente. Outros

franziram o cenho, como se tivessem acabado de descobrir que suas teses estavam sendo usadas como base para vídeos de 59 segundos com trilha sonora *lo-fi*.

Ali, no tribunal invisível da *CASTA*, o Dr. Gilmar Pontes não conquistava aplausos — apenas provocava rachaduras. E às vezes, era o suficiente.

∵ ∴ ∵

Enquanto isso, nos bastidores, o Dr. Henrique Sampaio observava tudo de longe, sentado numa poltrona que parecia ter sido colocada ali especialmente para ele. O Dr. Henrique Sampaio era uma daquelas figuras que só a Cabrália, em sua exuberante desigualdade e complexidade social, poderia produzir. Um homem cuja existência desafiava as categorias simplistas com que costumamos dividir o mundo entre vencedores e perdedores, elites e subalternos. Era, ao mesmo tempo, um intelectual orgânico — embora detestasse o termo — e um produto refinado das contradições cabralinas. Sua trajetória não se resumia a ser apenas professor, consultor internacional, conselheiro de presidentes ou interlocutor estratégico nos círculos de poder. Não. O Dr. Henrique Sampaio era algo mais: um símbolo ambulante da tensão entre saber e poder, entre o discurso e a prática, entre a academia e a política.

Era uma enciclopédia ambulante, sim, mas não no sentido estéril de quem acumula conhecimento apenas para exibi-lo. Seu currículo exigia notas de rodapé, pois cada linha de sua biografia continha nuances que escapavam à compreensão superficial.

Lia *Gramsci* nos intervalos de reuniões ministeriais, citava *Marx* em debates sobre economia neoliberal e, em jantares sofisticados, discutia a noção de "*campo social*" e "*capital simbólico*" de *Bourdieu* enquanto observava os garçons servirem champanhe aos convidados. Para ele, *Bourdieu* era mais do que um autor a ser mencionado em artigos acadêmicos; era um espelho que refletia com precisão cirúrgica a dinâmica invisível que sustentava aquela cena: a hierarquia tácita entre os que falavam de igualdade e os que serviam sob ela, os que dominavam o palco e os que carregavam bandejas, os que citavam teoria e os que viviam suas consequências.

Essa percepção não era apenas intelectual — era visceral. O Dr. Henrique Sampaio sabia que as estruturas sociais não se revelavam apenas em dados estatísticos ou análises críticas, mas também em gestos discretos, em tons de voz, em quem ocupava o centro da sala e quem permanecia à margem. Era nesse espaço simbólico que se reproduziam as desigualdades mais profundas — aquelas que ninguém precisava nomear porque já estavam incorporadas.

Assim como em *Matrix*, onde a realidade percebida pelos humanos é, na verdade, uma ilusão programada por um sistema opressor, o Dr. Henrique Sampaio sabia que muitas das verdades aceitas como naturais pela sociedade eram construídas por estruturas de poder que operavam de forma quase imperceptível. O "*habitus*", segundo *Bourdieu*, age dessa forma: internalizamos normas, valores e até aspirações sem sequer questioná-las, como se tivessem nascido conosco. E essa internalização silenciosa é justamente o que permite a reprodução das desigualdades — o que *Bourdieu* chamava de "*dominação simbólica*".

O Dr. Henrique Sampaio era profundamente consciente de sua posição nesse jogo. Sabia que seu papel como intelectual não era apenas interpretar a realidade, mas desafiá-la, tensioná-la, revelar suas contradições ocultas. No entanto, essa

consciência vinha acompanhada de um peso quase insuportável: a certeza de que, por mais que tentasse, suas palavras jamais chegariam aos ouvidos daqueles que realmente precisavam delas. Os subalternos, os excluídos, os invisibilizados pela lógica perversa do capitalismo globalizado — esses permaneciam longe de seus seminários e palestras, enquanto os privilegiados repetiam seus argumentos como um roteiro ensaiado em salas refrigeradas.

Para ele, o grande problema não era apenas a distribuição desigual do conhecimento, mas a própria percepção de que esse conhecimento deveria estar disponível somente para alguns — como se fosse um *código-fonte* protegido, acessível apenas a poucos iniciados. Nesse sentido, o mundo acadêmico às vezes funcionava como uma *Matrix* simbólica: um sistema que parecia oferecer liberdade intelectual, mas que, na verdade, filtrava e condicionava o acesso à verdade com base em códigos, rituais e práticas que reproduziam exclusões.

O Dr. Henrique Sampaio era, portanto, um paradoxo ambulante. Um homem cujo currículo brilhante escondia uma tragédia silenciosa: a de quem tem muito a dizer, mas sabe que será pouco ouvido.

— Então, Dr. Henrique — questionou uma jovem pesquisadora, com entusiasmo que mal conseguia conter —, o senhor acha que esse tipo de abordagem do Dr. Gilmar Pontes pode realmente democratizar o conhecimento?

O Dr. Henrique Sampaio tomou um gole lento de sua água tônica, como quem saboreia cada palavra antes de soltá-la:

— Minha querida, o problema não é democratizar o conhecimento. O problema é que muitas pessoas ainda acham que conhecimento é algo que deve ser guardado numa torre de marfim, como se fosse um tesouro pirata. Mas o verdadeiro tesouro — pausou dramaticamente — é quando alguém finalmente percebe que o mapa estava errado desde o início.

A jovem pesquisadora ficou boquiaberta, como se tivesse acabado de receber a chave do cofre da sabedoria universal. O Dr. Henrique Sampaio sorriu, satisfeito consigo mesmo, e voltou sua atenção para o palco, onde o Dr. Gilmar Pontes pontificava sobre a diferença entre “impacto acadêmico” e “engajamento”.

∵ ∴ ∵

No fim, o Dr. Gilmar Pontes saiu ovacionado por estudantes bolsistas que o acompanhavam na *live*, gritando frases como “Você mudou minha vida!” e “Finalmente alguém que fala a nossa língua!”. Os decanos aplaudiram com palmas curtas, educadas, mas sem muito entusiasmo. Um deles, o Dr. Orlando Mendes, comentou baixinho para o colega ao lado, sem querer ser ouvido:

— Não sei se ele subiu ou se a gente que ficou parado.

O Dr. Henrique Sampaio, que escutara o comentário, deu uma risada discreta e murmurou consigo mesmo:

— Ah, meu caro Orlando… o problema de vocês não é o tempo. É a ilusão de que o prestígio é eterno.

E, com isso, levantou-se, ajustou o paletó e saiu do salão, deixando para trás uma nuvem de mistério e talvez um pouco de poeira acumulada nos tapetes persas.

E assim terminou mais uma noite no *Clube République*, onde o prestígio circulava como vinho raro, mas a fama, como café coado na padaria, continuava sendo a grande intrusa da festa.

Do Lattes ao TikTok

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB-03E guardaria: um frasco vazio de vacina com adesivo de "Eu sobrevivi à terceira dose e ao terceiro turno"; uma bandeira do Capitólio rasgada — transformada em capa de super-herói fracassado; e um *print* de reunião virtual onde alguém esqueceu o microfone aberto.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso**, exausto de carregar o peso de teorias inúteis e vaidades bem formatadas, circulava em círculos lentos nas águas turvas da era digital, como quem pressente que a jaula agora é algoritmo — e o rugido, legenda.

"Vivemos na era do indivíduo narcisista."

Gilles Lipovetsky, *A Era do Vazio*

Do Lattes ao TikTok: Dr. Gilmar Pontes e o Desvio Necessário

Editorial - Edição "O Saber em Trânsito" – Revista Pólvora & Poesia

O Dr. Gilmar da Silva Pontes, conhecido nas redes como "*O Catedrático do Povo*", nos recebe num fim de tarde úmido, cercado por livros e *ring lights*. Entre *Marx*, *Weber* e um tripé improvisado com fita crepe, ele parece perfeitamente à vontade — como quem já não se surpreende com ironias do tempo, apenas as organiza em slides.

Na parede, uma inscrição escrita à mão avisa: "Teoria sem gente é só vaidade."

Professor titular da *Universidade da Integração Internacional*, seu currículo *Lattes* parece mais um testamento do que uma ficha técnica: 47 artigos, 3 orientações em andamento, pós-doutorado na Alemanha. Tudo ali, bem alinhado, mas quase como uma lista de compras intelectualizada. Carrega no olhar um desprezo elegante por quem confunde "produção científica" com *podcast* — ou pior: com entretenimento.

Aos 48 anos, com um currículo capaz de intimidar até os mais consagrados da *CASTA*, o Dr. Gilmar Pontes já foi o intelectual invisível — desses que circulam entre congressos, cafés frios e defesas de tese com plateia de três pessoas. Até que cansou da margem e da "bolha do prestígio invisível". Hoje, é professor, pesquisador e *youtuber* de teoria crítica — não necessariamente nessa ordem. Seu canal, onde explica *Sartre* com *memes* de *TikTok* e compara o "campo científico" a brigas de torcida organizada, explodiu. Viralizou, sim — virou figurinha carimbada em *meme*, *keynote* de evento corporativo e presença *VIP* em festival literário.

Autor de três obras que escaparam da jaula acadêmica com a leveza de um poema bem escrito — "*No Tribunal da Consciência"*, onde reflete sobre culpa e justiça

em tempos algorítmicos; "*Imagens & Distorções"*, uma crítica lírica à cultura do espetáculo; e "*Eu, o Universo"*, poesia filosófica em forma de explosão controlada — tornou-se referência em rodas de leitura, *podcasts* culturais e mesas de bar onde alguém sempre começa com:

— Vou te falar uma coisa sobre *Foucault*...

Sobre sua virada midiática, sorri com ironia quase imperceptível:

— Dizem que enfraquece o conhecimento. Mas isso diz mais sobre o fetiche acadêmico pela escassez do que sobre qualquer outra coisa. O problema nunca foi o saber ser acessível. Foi ele deixar de ser exclusivo.

Para ele, a universidade não foi abandonada — foi traduzida:

— Parei de falar latim entre analfabetos de afeto. Continuo na sala de aula, oriento teses, mas agora tenho uma segunda cátedra: a internet. Porque ali estão os filhos da classe trabalhadora que a academia ainda insiste em manter do lado de fora — mesmo quando já estão dentro.

Ao falar da tensão entre prestígio e fama, responde rápido, quase como um reflexo:

— O prestígio é um casaco de *tweed* com cotoveleira de couro: quente, respeitável, mas inútil na chuva do real. A fama, quando usada com intenção política, é um megafone. E tem hora que a teoria precisa gritar.

E completa, enquanto ajusta a câmera com a desenvoltura de quem também entende de enquadramento:

— Entre ser lido por vinte pares ou ouvido por vinte mil, eu escolhi os dois. O resto é recalque epistemológico.

O Dr. Gilmar Pontes já foi alvo de críticas, claro. Na *CASTA*, divide águas: de acusações de "venda ao mercado" a pedidos desesperados por citações cruzadas. Mas, como ele mesmo resume com uma piscadela:

— *Bourdieu* também foi criticado. Só que ele não tinha *internet*.

Quando perguntado sobre o lugar da poesia em meio a tudo isso, ele sorri — não com arrogância, mas com leve crueldade:

— A poesia é o que sobra quando a sociologia cala. É o intervalo entre o dado e o drama. Dou aula, sim. Mas quando quero que entendam com o estômago, cito *Florbela*. Ou abro "*Eu, o Universo"* e deixo a página arder.

Aliás, falando nisso — páginas que ardem — recentemente declarou publicamente sua admiração por "*O Último Banquete da Rèpublika"*, do controverso Baltazar Constantino Barbosa. Disse que mistura cinismo e lucidez com a delicadeza de um golpe bem dado. E cogita encontrá-lo pessoalmente:

— Quero entender o que veio antes. Mas, principalmente, o que vem depois. Literatura, quando é boa, vira mapa.

Sobre a morte do Dr. Henrique Sampaio — evento que abalou corredores acadêmicos e mesas do *"Café Crônica & Memória"* —, foi direto:

— A morte prematura do Dr. Henrique Sampaio foi um marco, não apenas para a academia, mas para a própria Cabrália. Ele era uma figura que, mesmo presa às regras do sistema, insistia em produzir pensamento transformador. Sua ausência é um lembrete cruel: precisamos redefinir o que chamamos de "legado intelectual". A morte do Dr. Henrique me fez questionar ainda mais a importância das verdades ignoradas. Das vozes marginalizadas. Do que o tempo não guardou, mas deveria.

Ao ser questionado sobre seus projetos futuros, respondeu com uma brevidade incomum:

— Quero abrir uma escola gratuita de pensamento popular. E um curso de Marx com *memes*. Os dois são perigosos — por isso valem a pena.

∵ ∴ ∵

Nota da Redação

Ao sair, a equipe da "*Pólvora & Poesia"* observou o Dr. Gilmar gravar um *reel* sobre alienação enquanto empacotava livros para alunos de periferia. Não pedia licença para cruzar fronteiras. Abruptamente, entrava nelas — às vezes com cotovelos, outras com vídeos de 60 segundos ou versos que atravessavam departamentos inteiros.

Se isso é heresia para alguns... talvez seja só porque nunca entenderam que o saber, quando é grande de verdade, não cabe em prateleiras altas. Cabe num poema. Num celular. E até no tilintar das xícaras do *"Café Crônica & Memória"*, onde o Barbosa, naquela mesma tarde, brindava com ar cínico ao vazio deixado pelo Dr. Henrique Sampaio.

Confissões do Barbosa

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB guardaria: um termômetro quebrado marcando "Febre de 40°C ou Notícia *Fake*?"; um manual "Como Fingir Normalidade em 5 Passos"; e um *cookie* digital "Aceite Nossos Pesadelos".

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso**, agora refém de *lives* corporativas, assistia ao planeta queimar em *streaming* patrocinado por marcas de água mineral.

"Fui um homem de paixões e fracassos."

Alfred de Musset, *Confissões de um Filho do Século*

Antes que me acusem de devassidão estilística — ou, pior ainda, de pura falta do que fazer (como se escrever fosse uma ocupação digna de alguém que tem opções melhores na vida) — deixem-me explicar como tudo começou. Toda obsessão literária tem uma semente, embora a maioria delas nasça em terreno tão árido que só mesmo um milagre pode justificar sua sobrevivência. A minha, como era de se esperar, germinou num prato raso: uma ideia improvável servida com molho pastoso de frustração e um toque de autocomiseração.

Tudo começou, como quase tudo que me arruína, com uma revista de qualidade duvidosa e um editorial que me mordeu a jugular. Não foi uma mordida física, claro. Foi algo mais profundo: daquelas que te fazem sentir observado por alguém que ri baixinho e sabe exatamente onde dói. Assinava Emilio Mordaz. Pseudônimo conhecido. Emilio Castelo Neves. Filho do mar e do caos, cínico, alcoólatra social. Escreve com lâmina, não caneta. E, como todo bom carrasco literário, seu maior talento é rir dos outros enquanto os convence de que merecem ser motivo de chacota.

> Machucar com palavras que sorriem antes de morder — eis seu dom. Um humor que não cicatriza, apenas tempera a ferida com o sal grosso da ironia.

Mordaz (que se esconde atrás de Daniel, que se esconde atrás de *Jezabel*, que se esconde atrás de uma promoção de supermercado) aponta o dedo não só para a decadência cultural, mas também para a banalização do absurdo. É como se dissesse, entre linhas afiadas:

— "Viramos uma paródia de nós mesmos — só que menos sutil."

Ele escreve sobre siameses, políticos, algoritmos e redes sociais como quem descreve uma festa de aniversário onde todos fingem estar felizes, mas ninguém

conseguiu comer o bolo porque fora feito de papelão.

Pois bem, li aquilo e, feito um adolescente sem filtro nem paciência para sutilezas, me peguei murmurando: “Eu também posso.” Não melhor — apenas mais torto. Comecei a escrever minhas histórias, mesmo sabendo que aquilo cheirava a plágio com pretensões autorais. Chamem de homenagem, se quiserem. Eu chamo de recaída. Como diria *Millôr*, “originalidade é plágio não detectado.” Então, vamos em frente.

Foi aí que nasceram elas: minhas siamesas lésbicas — *Leninha* e *Biazinha*.

Primeiro vieram os irmãos siameses com conflitos existenciais: um queria ser bailarino, o outro, monge; um dançava, o outro rezava, e os dois dividiam o mesmo intestino. Achei que fosse o suficiente para um conto. Ledo engano.

Quando me dei conta, já estava imerso num universo em que *Leninha* e *Biazinha* disputavam alma e batom numa luta de desejos unificados por costelas e desavenças. Uma carregava o crucifixo como cicatriz; a outra, o *glitter* como sangue seco. Dividiam o mesmo corpo, mas jamais o mesmo silêncio.

Gabriela, minha paciente companheira e crítica por força maior — porque alguém precisa me lembrar de que eu não sou gênio —, disse que essas histórias eram uma revelação escancarada do meu fracasso. Como se cada vírgula fosse uma dívida emocional e cada parágrafo, um boleto vencido. E talvez ela tivesse razão. Mas continuei, porque certas ideias são como dores de dente: absurdas, incômodas e impossíveis de ignorar. Além disso, o que seria de mim sem essa pequena farsa diária chamada criação?

Foi nesse caldo de loucura poética, sarcasmo político e fome literal — porque escrever dá fome, e eu nunca ganhei o suficiente para comprar um jantar decente — que surgiu “*O Último Banquete da Rèpublika”*. O título veio antes da trama — como sempre acontece quando você quer parecer profundo, mas só tem um jogo de palavras e um *deadline* apertado. A estrutura, claro, inspirada naquele banquete macabro do *Clube dos Anjos*: sete glutões, sete mortes, nenhuma surpresa. Um país onde o veneno vem de colher e o aplauso se dá entre garfadas.

Enquanto *Veríssimo* pai via o seus país como uma epopeia rural, e o filho o tratava como um manicômio *gourmet*, eu — o Barbosa — apenas tentei montar minha própria mesa. Não com heróis ou loucos, mas com figuras presas uma à outra, como a Cabrália e seu passado, como o voto e a pizza. E ali, entre um *delivery* de maçã mordida e a *“Câmara do Povo”* em chamas, servi minha versão do país: trágico, glutão, e eternamente faminto de si mesmo.

E o leitor? Ah, o leitor… esse pobre conviva sempre sentado à mesa, sem saber se está diante de um tratado filosófico ou do cardápio do fim dos tempos. Alguns mastigam devagar, tentando decifrar o amargor da ironia. Outros engolem tudo de uma vez, como quem devora *fast food* sabendo que vai passar mal depois. Mas, no fim, todos comem — porque, no fundo, ninguém resiste ao espetáculo de ver o próprio caos servido em bandeja.

No final das contas, escrever é como cozinhar para convidados que você não conhece: você capricha na apresentação, mas sabe que metade deles vai reclamar do sal. E, enquanto eles discutem se o prato é genial ou intragável, você já está pensando no próximo menu. Porque, convenhamos, quem escreve não busca aplausos. Busca distração. Ou desculpas. Ou simplesmente algo para fazer enquanto espera a vida acabar.

Nota de Cozinha (temperada com o que sobrou de Literatura)

Se *Alfred de Musset* aparecesse no *Clube République*, não pediria um uísque qualquer — pediria um "*Lágrimas de Byron*", um *blend* de malte escocês com lágrimas de romântico desiludido e um toque de absinto literário, servido em taça de cristal rachada (para simbolizar a fragilidade da alma). Depois do primeiro gole, falaria de amor como quem discute a decadência da França, acenderia um cigarro imaginário e diria, com um suspiro teatral: "*Mon chéri*, o tédio é o cupido dos desastres."

Porque, afinal, "*Confissões de um Filho do Século*" é justamente isso: um inventário das ressacas morais de quem amou demais, leu de menos e confundiu melancolia com estilo. O Barbosa, nosso *Musset* de botequim, é sua reencarnação pós-moderna: escreve sobre siamesas lésbicas entre um gole de vinho barato e uma crise existencial paga em boletos vencidos.

Ambos, *Musset* e o Barbosa, são filhos legítimos do século em que vivem — e bastardos das próprias ilusões. Enquanto o francês se queixava da "doença do século", nosso escritor sofre da "doença do *deadline*": uma mistura de ansiedade, plágio disfarçado de homenagem e a ilusão de que, se escrever rápido o suficiente, talvez consiga enganar o seu caos interior. E, no fim, ambos sabem a mesma verdade amarga: não estão criando arte — estão apenas tentando se distrair do abismo.

A diferença é que, enquanto *Musset* confessava seus amores como quem se corta em público, o Barbosa sobrevive — de ironia. Como diria *Rubem Fonseca*, tentando aliviar a crítica: **"Pelo menos ele não usa emoji de coraçãozinho nas confissões."**

Revista Vórtice, Edição Especial

A Cápsula do Tempo DRA-5DCB-12 guardaria: um holograma instável — "Discurso Presidencial Gerado por *IA* (com *bug* de ética)"; um *like* em acrílico — "Voto Fantasma em Plebiscito Invisível"; e uma cópia da revista — "Vórtice: Edição Carbono Zero (Páginas em Branco)".

Do outro lado do portal, o **Dragão de Bambu**, com olhos como tocos de árvore, rugia para o vazio: "Fama é quando até o eco do seu nome vira *spam*."

"Nada é mais perigoso do que uma ideia, quando é a única que se tem."

Umberto Eco, *O Pêndulo de Foucault*

Fundada no ano 1 ***d.CB***, *Vórtice* nasceu do incômodo. Não daquele incômodo passageiro, que se resolve com distração ou anestesia. Mas do incômodo crônico, enraizado na carne da sociedade cabralina: a desigualdade naturalizada, a arte domesticada, o pensamento crítico silenciado por slogans, a miséria intelectual transformada em espetáculo.

Nós decidimos não nos calar mais.

A revista *Vórtice* é um espaço de convergência entre arte, crítica literária e reflexão sociológica. Uma publicação que recusa o conformismo da superfície e mergulha no turbilhão do mundo — daí o nome. Nosso compromisso editorial é escancarar as engrenagens do sistema de distorções sociais que mantêm o país refém de si mesmo. Expor as camadas ocultas do discurso dominante, seus vícios, seus truques, seus silêncios convenientes.

Mas não somos apenas denúncia. Somos também proposta. Educação, neste espaço, é mais do que transmissão de conteúdo: é desnaturalização do olhar. É provocar a dúvida onde reina a certeza. É ensinar a suspeitar. Por isso, *Vórtice* se posiciona como educadora no sentido mais profundo: formar leitores pensantes, artistas indóceis, escritores inquietos.

À frente da editoria executiva, o enigmático J. S. Saturno garante a direção filosófica e sociológica da publicação, sempre à margem da fama, sempre oculto sob o véu do pseudônimo. E, para equilibrar a análise com o golpe direto, contamos com o inconfundível Emilio Mordaz como *Jornalista Chefe* — famoso por sua caneta ácida, seu estilo incisivo e, como seu nome já anuncia, sua completa falta de sutileza. Com Emilio, cada editorial é uma punhalada lúcida, cada crônica um espelho rebelde que devolve ao poder sua caricatura sem retoques.

∵ ∴ ∵

Destaque da Edição

Na presente edição, *Vórtice* apresenta um artigo imperdível, conduzido pelo próprio Emilio Mordaz, que compila as mais relevantes críticas literárias sobre o fenômeno do momento: *"O Último Banquete da Rèpublika"*. O livro, que tem causado grande repercussão na cena literária, é analisado sob múltiplos olhares por quatro críticos de renome, que dissecam suas alegorias políticas, suas falhas estéticas e seu papel na reflexão sobre a sociedade cabralina.

O artigo de Mordaz não apenas compila as avaliações, mas também as coloca em confronto, destacando os pontos de tensão entre os críticos e revelando as verdades desconfortáveis que permeiam a obra. Com sua acidez característica, Mordaz transforma o debate em um banquete de ideias — onde cada crítica é uma mordida afiada no prato servido, sem nenhuma sutileza.

Publicamos ensaios que incomodam, editoriais que desestabilizam, ficções que revelam mais do que reportagens. Nossa crítica literária é política, nossa sociologia é estética, nossa arte é instrumento de combate.

A revista não é imparcial. É radical — no sentido original da palavra: vai à raiz.

Vórtice é um convite à vertigem — para que o pensamento não adormeça, e a palavra não se renda.

∵ ∴ ∵

Preâmbulo por Emilio Mordaz (Jornalista Chefe)

Quando *"O Último Banquete da Rèpublika"* foi lançado no início do ano 3 ***d.CB***, a obra causou certa comoção nos círculos literários e acadêmicos, mas seu brilho inicial logo se apagou em meio à avalanche de novidades que caracteriza nossa era de consumo cultural acelerado. Recebeu elogios discretos, algumas críticas divididas, mas acabou relegada ao limbo das obras "interessantes, porém esquecíveis". Até agora.

Com a inesperada e trágica morte do autor Barbosa e sua companheira Gabriela — cujas vidas foram marcadas por um misto de genialidade e reclusão —, o romance ressurgiu das sombras e alcançou o status que muitos agora consideram inevitável: uma análise incisiva e visceral do poder, da corrupção e das estruturas sociopolíticas que sustentam as injustiças na Cabrália. Hoje, o livro é visto não apenas como uma narrativa envolvente, mas como uma leitura obrigatória para quem deseja compreender os mecanismos ocultos que perpetuam desigualdades sistêmicas.

Esse sucesso tardio, porém retumbante, é mais um capítulo triste da história da arte. Como tantos outros autores antes dele, o Barbosa não viveu para testemunhar o reconhecimento pleno de sua obra. Sua voz silenciou antes que pudesse ouvir os aplausos entusiasmados, antes que pudesse colher os louros merecidos. Resta-nos, enquanto leitores e críticos, contemplar esse legado com um misto de admiração e melancolia.

"O Último Banquete da Rèpublika" agora ecoa como um testamento não apenas literário, mas também sociológico. É um convite para refletir sobre o papel do poder nas sociedades modernas e sobre os preços — muitas vezes invisíveis — que pagamos por sua perpetuação. E, talvez ainda mais importante, é um lembrete de que o verdadeiro valor de uma obra nem sempre é reconhecido em vida. A imortalidade

artística, por mais paradoxal que pareça, raramente beneficia seus criadores.

Neste número especial da revista *Vórtice*, reunimos quatro análises distintas que ajudam a iluminar os múltiplos aspectos dessa obra complexa. Os críticos — Claude Rouanet, Alcibíades das Dores, Maurílio Fontenelle Jr e Dr. Haroldo Sant'Anna Vilela — personificam a polifonia de vozes que elevou a obra ao status de clássico moderno. Para alguns, o livro é um retrato niilista da covardia intelectual; para outros, uma denúncia feroz das elites. Há quem veja nele um espelho estilhaçado da sociedade, refletindo não respostas, mas perguntas que corroem. O Barbosa, em vida, confessou sentir-se "exposto" por essas análises, como se cada crítica desnudasse uma faceta sua que preferia manter oculta. Gabriela, por sua vez, sorria — um sorriso que o Dr. Vilela interpreta não como ambiguidade, mas como rendição ao absurdo.

∵ ∴ ∵

Por Claude Rouanet de Lacerda: A Falência da Razão e o Niilismo Moderno

Meus caros leitores, permitam-me começar com uma verdade que muitos relutam em aceitar: este livro é a confirmação definitiva de que a modernidade está mergulhada em um abismo de significados vazios. O autor, seja quem for — e eu desconfio que ele próprio não saiba quem é, dado o tom autofágico da narrativa —, entrega-nos uma obra que tenta mascarar sua crise existencial com sofismas pseudo-filosóficos e metáforas culinárias. Um jantar? Sério? Como se a política fosse algo que pudéssemos mastigar e digerir enquanto discutimos sobre "pratos simbólicos".

O Barbosa, o suposto narrador, é o protótipo do intelectual covarde, aquele que observa sem agir, que escreve sem viver. Ele é *Kafka* domesticado para a era das redes sociais, onde todos fingem ser espectadores de sua própria tragédia. E esse tal *Cozinheiro*? Um símbolo óbvio demais do determinismo histórico, como se as escolhas humanas fossem meros ingredientes jogados ao acaso em uma panela pré-determinada. Ora, pelo amor de Deus! Se o autor quisesse falar de poder e corrupção, deveria ter tido a coragem de nomear os culpados, em vez de esconder-se atrás de personagens caricatos como Renan, Silvério e Ferreira.

E Gabriela, essa figura ambígua que aparece no epílogo? Ela é a cereja podre nesse bolo mal assado. Sua aproximação com o Barbosa sugere uma redenção impossível, como se a solução para a tragédia fosse simplesmente trocar uma solidão pela outra. Não há salvação aqui, meus amigos, apenas mais um ciclo de alienação disfarçada de romance filosófico. Este livro, *"O Último Banquete da Rèpublika"*, é uma prova cabal de que a literatura contemporânea perdeu sua alma para o relativismo moral e a incapacidade de enfrentar verdades absolutas.

∵ ∴ ∵

Por Alcibíades Teotônio das Dores: A Crítica Social Encoberta Pelo Simbolismo

Caros leitores, discordo frontalmente de meu colega Claude Rouanet. *"O Último Banquete da Rèpublika"* é muito mais do que um exercício estilístico ou um tratado de niilismo. É um retrato cru da elite cabralina, uma análise penetrante das estruturas de poder que moldam nossas vidas cotidianas. Cada personagem é uma peça em um tabuleiro político maior, refletindo as contradições e fragilidades de uma classe dominante que vive à margem da ética e da responsabilidade.

Renan, com sua indiferença calculada, representa o burocrata que assina documentos sem questionar suas consequências; Silvério, o político medíocre que busca respostas em teorias conspiratórias porque jamais compreendeu a realidade; o Dr. Henrique Sampaio, o acadêmico que critica o sistema enquanto se beneficia dele. Todos eles são vítimas de si mesmos, mas também produtos de uma sociedade profundamente desigual, onde o acesso ao poder transforma homens em marionetes de seus próprios desejos.

Gabriela, a *Maître d'Banquet*, não é apenas uma figura romântica ou enigmática. É o espelho daquilo que a elite cabralina rejeita: a consciência crítica de suas próprias falhas. Ao sugerir que o *Cozinheiro* pode ser o verdadeiro arquiteto da tragédia, coloca em xeque a ideia de que os indivíduos têm controle sobre suas vidas. É uma denúncia sutil, mas potente, contra o mito do mérito individual e a ilusão de liberdade em um mundo regido por interesses escusos.

Se há um defeito neste livro, é o excesso de simbolismo, que pode afastar o leitor menos familiarizado com as nuances do contexto sociopolítico cabralino. Mas, ainda assim, trata-se de uma obra fundamental para entendermos como o poder corrói a alma humana — e como a ausência de escolhas genuínas nos torna prisioneiros de nossos próprios banquetes.

∵ ∴ ∵

Por Maurílio Fontenelle Jr: Equilibrando Perspectivas na Análise de uma Obra Complexa

Senhores leitores, permitam-me mediar esta discussão com um olhar ponderado e equilibrado. Tanto Claude quanto Alcibíades levantaram pontos importantes, embora opostos, sobre *"O Último Banquete da Rèpublika"*. Concordo com Claude quando ele aponta o risco de o autor cair em um niilismo excessivo, perdendo de vista a possibilidade de redenção ou mudança. No entanto, compartilho da visão de Alcibíades ao reconhecer que o livro oferece uma crítica social relevante, mesmo que velada sob camadas de simbolismo.

A força desta obra reside precisamente nessa ambiguidade: ela não nos dá respostas claras, mas nos convida a refletir sobre questões fundamentais. Quem é realmente responsável pelas tragédias coletivas? São os indivíduos, como sugere a perspectiva de Claude, ou são as estruturas sociais, como defende Alcibíades? Ou será que ambos estão interligados, num jogo de influências mútuas?

O Barbosa, o narrador, é o ponto central dessa tensão. Ele é ao mesmo tempo vítima e cúmplice, observador e participante. Sua relação emergente com Gabriela traz um elemento humano necessário à narrativa, evitando que ela se torne completamente sombria ou desesperançosa. Ela representa, talvez, a esperança de que mesmo aqueles que testemunham tragédias podem encontrar algum sentido ao conectarem-se com outros.

No fim das contas, *"O Último Banquete da Rèpublika"* é uma obra que dialoga com temas universais — poder, culpa, identidade —, mas o faz através de lentes particularmente cabralinas. Para alguns, será um espelho incômodo; para outros, uma provocação necessária. Como diria *Max Weber*, estamos diante de uma "*gaiola de ferro*", mas cabe a nós decidirmos se permanecemos presos ou buscamos escapar. E, nesse sentido, o livro cumpre seu papel: instigar reflexões, mesmo que desconfortáveis.

∵ ∴ ∵

Por Dr. Haroldo Sant'Anna Vilela: Como Servir um País com Pratos Requentados

A leitura de "*O Último Banquete da Rèpublika"*, seguida pela obsessão do Barbosa pelos *Veríssimos* e pelas siamesas lésbicas, não é um convite ao aprendizado tradicional — aquele que nos presenteia com uma moral edificante ao fim do capítulo, como um brinde oferecido após um jantar tedioso. Não. É algo mais incômodo. É o *habitus cabralino* que expõe a deformidade do mundo em volta de nós — resultado da equação que soma ambição, omissão e uma farofa de esquecimento. Trata-se, como já bem apontou *Alcibíades das Dores*, de um retrato das contradições cabralinas. Mas onde Alcibíades vê denúncia estruturada, vejo uma digestão filosófica caótica, servida em pratos requentados de política, estética *kitsch* e fetiches literários mal resolvidos. O leitor sai da experiência não mais sábio, mas certamente mais consciente da própria confusão.

O Barbosa, o escritor-personagem, é a personificação do intelectual periférico do fim do mundo: alguém fascinado por ideias alheias, preso a obsessões de segunda mão, cuja única originalidade reside na insistência em transformar o plágio em performance. Concordo com Claude Rouanet nesse ponto: O Barbosa é, de fato, um *voyeur* da própria tragédia, um *Kafka* tropical que transforma a impotência em projeto estético. No entanto, onde Claude enxerga apenas niilismo e covardia, vejo uma tentativa — ainda que fracassada — de formular sentido no ruído. É justamente esse fracasso que nos interessa. Sua devoção aos *Veríssimos* — o pai épico, o filho irônico — não é apenas uma homenagem literária. É uma busca desesperada por uma narrativa que explique o caos, por uma linhagem que dê algum verniz de significado à inutilidade da escrita contemporânea. Ele quer herdar algo maior, mas só encontra eco de si mesmo, como quem grita dentro de um túnel e ouve sua voz voltar distorcida.

E aí entram as irmãs em "*Siamesas da Mesma Rebeldia"*. Sim, elas. Criaturas impossíveis, simbióticas, presas uma à outra como a Cabrália e suas contradições. Enquanto uma busca o sublime, a outra deseja o silêncio. São elas que traduzem, melhor do que qualquer ensaio acadêmico ou crítica bem-intencionada (sim, Maurílio Fontenelle, estou falando de você), a tragédia da convivência entre extremos: o desejo e a culpa, a arte e o tédio, o balé e o claustro. O Barbosa, ao persegui-las literariamente, está tentando fazer o que todos fazemos: montar sentido onde só há ruído, dar nome ao absurdo, escrever algo que nos justifique. Suas siamesas são metáforas ambulantes de nossas próprias cisões internas, reflexos de uma sociedade que insiste em colar pedaços que jamais se ajustarão.

Concordo com Maurílio Fontenelle quando diz que o livro evita respostas claras e instiga reflexões incômodas. Mas discordo veementemente da sua esperança residual de que a relação entre o Barbosa e Gabriela represente alguma redenção. Ela, para mim, é apenas mais uma distração sofisticada — um ornamento narrativo com verniz crítico. Seu sorriso no epílogo não é ambíguo, é um espasmo de quem já desistiu de interpretar.

Mas qual é a lição que podemos extrair disso tudo?

Ah, sim. A lição. Aquela coisa que deveria nos tornar mais sábios, menos perdidos e talvez até um pouco menos constrangedores como espécie. Mas não. Não há lição. Absolutamente nenhuma. Porque, vamos combinar, viver em uma era de

pós-verdade é como tentar montar um quebra-cabeça com peças de caixas diferentes: você até pode encaixar alguma coisa, mas no fim vai descobrir que montou um pato vestido de *Darth Vader*.

Aprender, nesse contexto, virou quase um ato revolucionário. Tipo aquele amigo que insiste em explicar física quântica no churrasco enquanto todo mundo está ocupado discutindo se o vinagrete é melhor com ou sem cebola. É uma resistência silenciosa contra o inevitável avanço da superficialidade — esse tsunami de bobagens que nos engole enquanto fingimos que estamos "bem informados". Nós, leitores — ou melhor, nós, pobres coitados que ainda tentamos encontrar sentido em algum lugar —, somos como elefantes treinados para dançar balé em um circo de quinta categoria. Giramos em piruetas desengonçadas, suando em bicas, só para ganhar um amendoim mofado no final do espetáculo. E o pior? Achamos que estamos participando de algo grandioso.

O problema maior nem é a falta de aprendizado, veja bem. É essa ilusão de progresso, essa sensação falsa de que estamos evoluindo porque trocamos o *Orkut* pelo *Instagram*. Repetimos os mesmos erros, giramos em círculos — como hamsters cansados na rodinha. Na política, então, nem se fala: as promessas são renovadas com a mesma criatividade de um restaurante self-service que recicla o feijão de ontem na comida de hoje. Seguimos assim, alimentados por esperanças pequenas e soluções fáceis — o famoso amendoim estragado da vida moderna. E o pior é que ainda aplaudimos, porque, afinal, o que seria de nós sem o eterno conforto da distração barata?

∵ ∴ ∵

Por Emilio Mordaz (Jornalista Chefe): Síntese Crítica

Como já foi antecipado no início desse editorial, as quatro críticas aqui reunidas não formam um consenso — longe disso. Se Claude Rouanet enxerga no livro uma rendição niilista e covarde aos vazios morais da modernidade, Alcibíades das Dores devolve o prato com gosto, apontando ali uma crítica feroz às estruturas de poder que sustentam a elite cabralina. Maurílio Fontenelle, por sua vez, tenta equilibrar os temperos, reconhecendo mérito nas duas leituras e apontando que a força da obra está justamente em sua ambiguidade. E então vem o Dr. Haroldo Sant'Anna Vilela, que não contradiz nenhum deles diretamente, mas desafia todos ao dizer que não há aprendizado, redenção ou crítica social que dê conta do caos — apenas um espelho que só reflete o que já foi descrito, uma "digestão indigesta" da existência.

Cada crítica parece falar de um livro diferente — e talvez seja esse o maior mérito de "*O Último Banquete da Rèpublika*": provocar múltiplas leituras, desconfortos contraditórios e reflexões que não se encaixam com facilidade. O romance do Barbosa, em vez de se oferecer como uma narrativa coesa ou uma tese literária disfarçada de ficção, se impõe como uma provocação em aberto — uma mesa posta onde ninguém sabe ao certo o que está sendo servido, mas todos saem um pouco indigestos. E nesse incômodo reside, talvez, o único consenso possível: a literatura, quando é realmente inquietante, não alimenta — ela instiga a fome.

∵ ∴ ∵

Carta do Leitor (Anônimo)

Li o artigo sobre o *“O Último Banquete da Rèpublika”* e precisei de três dicionários, dois ansiolíticos e uma licença poética. Parabéns.

LIVRO VI
O TEATRO DA VERDADE

Crônica de um Fracasso Anunciado

“Por que o coração humano é tão insaciável?”

Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*

O Barbosa sempre teve a sensação de que as palavras não eram suas. Elas vinham, mas se esvaíam como se já tivessem sido escritas, como se ele fosse apenas o mensageiro de algo muito maior. De fato, jamais soubera o que significava ser um verdadeiro escritor. Seu talento era medíocre, suas ideias, pequenas. Se havia algo de interessante na sua vida, era justamente a sua própria mediocridade. E isso, achava, devia ser narrado, e não disfarçado.

Ele se lembrava de como, um dia, a ideia surgiu: transformar sua vida de fracassos, suas amizades decepcionantes e suas inúmeras tentativas de ser algo que não fosse um simples autor de livros esquecidos, em uma narrativa. Uma sátira feroz e ácida sobre os próprios piores momentos de sua existência. *“O Último Banquete da Rèpublika”* nasceu de uma necessidade egoísta de dar sentido à própria vida, mesmo que isso significasse fazer da vida dos outros um espetáculo de decadência.

No livro, usava seus amigos como figuras caricatas. Cada um deles, antes o símbolo do que ele desejava ser, agora era o retrato da ruína e da decadência. Silvério, o político cativante, que outrora tentara mudar o mundo enquanto discursava em sindicatos e campanhas, tornou-se uma sombra de si mesmo — um homem que buscava respostas em teorias conspiratórias porque jamais conseguira compreender a realidade. Seu discurso, outrora inflamado, reduziu-se a máximas recortadas de programas de rádio e frases feitas ouvidas em botequins.

Renan, por outro lado, representava o burocrata indiferente. Antes calculista e pragmático, agora se movia como um fantasma entre papéis e decisões, assinando documentos sem questionar suas consequências. Era como se tivesse desistido de entender o sistema, aceitando sua própria impotência enquanto seguia os protocolos de uma máquina que o consumia. Sua presença era marcada por uma letargia existencial, como se estivesse sempre sob o peso de uma ressaca metafórica, incapaz de distinguir entre liberdade e prisão.

Mas havia uma figura que se destacava: Gabriela, sua atual companheira, que em sua versão no livro se tornava a *Maître d’Banquet*, a única personagem com o pouco de dignidade restante. Ela não sabia, mas o Barbosa se aproveitava de sua seriedade e de sua postura em meio à podridão que o cercava, transformando-a na única luz em um cenário de escuridão. Ela nunca soubera que, nas páginas daquele livro, não passava de uma tábua de salvação para um homem que não sabia nadar.

O grande mistério de “*O Último Banquete da Rèpublika”* era a tentativa de

assassinato do *Cozinheiro*, o *chef* que, na visão do Barbosa, personificava a vingança. A tentativa de homicídio ocorria logo após o grande banquete, em que todos os personagens, num último ato de desespero, buscavam uma explicação para suas vidas, para seus fracassos. E ninguém sabia quem havia tentado matar o *Cozinheiro* naquela madrugada. No dia seguinte ao banquete, todos foram encontrados mortos — exceto Geraldo, que misteriosamente desaparecera. Um detalhe que não fazia sentido. Se planejava sumir, por que compareceu? A menos que algo — estranho, visto ou ouvido durante a noite — tivesse precipitado sua fuga.

O fato é que, no meio do banquete, Geraldo levantou-se para buscar uma garrafa de vinho… e nunca mais voltou. No livro, era descrito como um fantasma ambulante, uma sombra que pairava entre a realidade e a abstração. E, claro, a única pessoa que poderia ter tentado matar o *Cozinheiro*.

Mas onde estava? O Barbosa se questionava: o desaparecimento era real ou apenas um artifício para manter a tensão do mistério? E o pior: como ele poderia ter ficado tão imerso em sua própria história a ponto de esquecer da verdade? O desaparecido, ao final, não passava de um reflexo distorcido do próprio fracasso do Barbosa em lidar com as suas próprias questões existenciais.

À medida que o Barbosa rememorava os jantares, via, com um certo desdém, como aproveitara todos os diálogos de seus amigos decadentes em seu livro. Cada conversa, cada ideia jogada ao vento, cada fracasso registrado, era agora uma linha cuidadosamente tecida nas páginas. Mas no fundo, sabia: o que ele realmente escrevia ali era o vazio de sua própria alma, o reconhecimento de que nunca chegaria onde desejava, nunca seria um escritor de verdade. *“O Último Banquete da Rèpublika”* não era uma crítica ao sistema, à política ou à sociedade. Era uma autocrítica. O fracasso dele, mascarado de sátira, ecoava em cada página. E quem o lia, talvez não percebesse, mas o Barbosa sabia muito bem: ele só estava tentando entender a si mesmo.

A Investigação

A Cápsula do Tempo INV-2DCB-10 guardaria: um par de óculos escuros usados em ambientes fechados para dar declarações dramáticas; uma pinça contaminada por vaidade investigativa; e um guardanapo com batom carmesim e juízo moral embutido.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, com um olho nas redes e outro no espelho, equilibrava-se entre o palco da acusação e o confessionário literário — mugindo monólogos investigativos que ninguém havia solicitado, mas que ainda assim enchiam *podcasts true crime* com a precisão de um delírio bem roteirizado.

"Elimine o impossível; o que restar, por mais improvável, deve ser a verdade."

Conan Doyle, *As Aventuras de Sherlock Holmes*

O Barbosa nunca acreditou em coincidências. Nem em acupuntura, homeopatia ou nas promessas de um governo de transição. Por isso, quando o *Cozinheiro* foi encontrado na manhã seguinte, caído na própria cozinha com uma colher de pau fincada no peito, soube: aquilo era mais do que uma indigestão tardia. Era um atentado. E, como todo atentado, precisava de um culpado. Ou, no mínimo, de alguém com passado duvidoso — o que, naquele grupo, era menos uma desconfiança e mais uma carta de apresentação.

O detetive designado foi um sujeito chamado **Alexandrino P. Ramalho Filho**, conhecido nos círculos mais alternativos do *Clube de Investigadores Especiais* como o "*Sherlock das Sobremesas*". Especialista em envenenamentos doces, sua reputação vinha de um caso célebre envolvendo um suflê de maracujá e três ministros da "*Suprema Corte da Verdade*".

Quem vê o detetive Alexandrino chegando ao *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* — óculos escuros em pleno dia nublado e paletó de linho bege, parecendo mais preocupado em prender o tempo do que o suspeito — pode se confundir. A primeira impressão é de que o *spin-off* de *CSI: Miami* finalmente desembarcou na Cabrália, numa versão de orçamento reduzido e sem trilha sonora do *The Who*.

Alexandrino não entra em cena. Ele estreia.

Para examinar um corpo, tira os óculos.

Para interrogar um suspeito, coloca os óculos.

Para dizer algo profundo sobre o caso, tira os óculos novamente, olha para o horizonte (ou, neste caso, para o jardim do *Casarão*, onde só há um gato entediado e uma samambaia morrendo) e solta frases como: "Aparentemente... a sobremesa foi

servida com culpa."

Apesar de suas relevantes contribuições — ou seria de suas especulações? — para o campo da investigação, Alexandrino continua sendo um personagem de chacota nas rodas de conversa mais excêntricas, considerado, sem concorrência, o principal candidato ao prêmio de "Mais Improvável Detetive do Ano", oferecido pelo "*Comitê Ordinário de Investigadores de Situações Absurdas*".

Alexandrino adentrou o *Casarão* com sua habitual arrogância aromatizada por um leve perfume de baunilha artificial. Passou os olhos pela cena do crime — os pratos sujos empilhados, as taças e copos vazios e um guardanapo com batom.

— De Luíza, obviamente — disse, como quem desvenda um mistério com a facilidade de quem já sabia a resposta desde o primeiro capítulo. — A auxiliar de limpeza.

> É claro que era dela. O texto nem precisou mencionar impressão digital na taça ou perfil genético na migalha do pão. Bastou um batom vermelho num guardanapo para que o detetive mais intuitivo da narrativa concluísse o óbvio, com a certeza de quem já leu todos os capítulos antes de serem escritos.
>
> Como se a auxiliar de limpeza tivesse sido criada apenas para limpar pratos e evidências — e, de quebra, servir como vilã coadjuvante de um mistério que ninguém pediu.
>
> Bem, quanto a Luíza, não há necessidade de maiores apresentações. Quem leu "*Morte no Nilo*" sabe exatamente do que ela é capaz.

Luíza Borja era o tipo de mulher que parecia destinada a viver em Paris, mas acabou fazendo faxina no *"Casarão dos Barbosa & Freitas"* — situação que, convenhamos, seria suficiente para destruir emocionalmente qualquer um com um pingo de autoestima e vocabulário em francês. Fisicamente, tinha um ar europeu sofisticado: rosto fino, olhos escuros e cortantes como lâminas de vidro, e um coque tão apertado que parecia sustentar não só o cabelo, mas toda a ordem invisível do ambiente. Julgava silenciosamente tudo ao seu redor, especialmente os textos duvidosos que o Barbosa deixava espalhados pelo tapete.

Mas Luíza não era uma simples auxiliar de limpeza — pelo menos, não aos seus próprios olhos. Nas raras ocasiões em que o protocolo exigia um título, preferia ser chamada de *Dame de Propreté* — como se a limpeza fosse um posto na corte. Era mais condizente com a função, dizia. Ou, talvez, com a função que acreditava merecer. Como gostava de repetir em francês, diante do espelho do banheiro, enquanto ajustava o coque com a precisão de quem afia uma lâmina:

> "**Je ne nettoie pas le désordre. Je rétablis l'ordre."**
>
> (Não limpo a bagunça. Restauro a ordem.)

Só cuidava do *Casarão* durante os banquetes, motivada por sua admiração por Gabriela, a única mulher que considerava ter um verdadeiro estilo *parisiense*. Admirava a forma como ela colocava as palavras e as pessoas em seus devidos lugares. Já o Barbosa, segundo Luíza, era "um fracasso com pretensões literárias e cheiro de mofo emocional".

O mais trágico — e, portanto, o mais destoante — era que Luíza paradoxalmente cultivava um ar de nobreza interior. Andava pelo *Casarão* como se estivesse limpando os destroços de *Versalhes* após a Revolução, bufando discretamente diante

das excentricidades alheias. Apesar de suas aspirações aristocráticas existirem apenas em sua imaginação, acreditava piamente que o mundo tinha a obrigação de ser mais atencioso com ela do que com os outros.

— Algum de vocês mexeu no corpo antes de ele ser levado ao hospital? — perguntou Alexandrino, olhando desconfiado para o Barbosa, que tentava disfarçar o constrangimento de estar de pantufas diante de um agente da lei.

— Só o rearranjamos um pouco para liberar a bancada, antes de chamar a emergência — disse Gabriela, prática como sempre.

Alexandrino retirou de sua maleta um cotonete, uma pinça, uma lupa e uma colherinha de chá. Olhou cada objeto como se fosse uma extensão da sua alma e então começou a colher amostras da sobremesa fatal.

O Barbosa, enquanto isso, tentava saber como estavam os amigos — ou o que restava deles — com a curiosidade de romancista de terceira categoria tentando se passar por detetive de quinta.

Luíza, em lágrimas discretas — mais ensaiadas que sinceras —, limpava sutilmente o batom da taça com o lenço rendado da avó. Sabia que o batom no guardanapo era de Gabriela, mas na taça era outra coisa — a cor exata entre a tentação e a sentença. Por trás das mãos, que deslizavam com elegância pelo vidro, escondia um sorriso de desdém — não apenas da taça, mas de tudo ao redor. Ela, que se considerava uma princesa exilada de Nárnia — embora a única corte que a reconhecesse fosse a de seus próprios delírios —, ingenuamente acreditava que seu papel no enredo deveria ser, por direito natural, mais relevante do que uma coadjuvante encarregada de limpar pratos e evidências.

Alexandrino terminou suas coletas e disse algo que gelou o ambiente mais do que o freezer:

— O *Cozinheiro* foi envenenado. Por mousse de maracujá, com raspas de limão e "extrato de dedaleira". Uma dose mínima, mas suficiente para um homem — já debilitado pelo colesterol e pela literatura contemporânea — sofrer um infarto.

O Barbosa ficou em silêncio. Sabia o que aquilo significava: o criminoso estava entre eles. E, pior, já lera o manuscrito de seu livro. A única coisa que lhe escapava era como Alexandrino chegara a tal conclusão sem enviar o material ao laboratório. E como diabos sabia do colesterol do *Cozinheiro*?

Alexandrino cruzou os braços, ajustou os óculos com um gesto deliberadamente teatral e, como se lhe lesse o pensamento, completou:

— Laboratório? Não preciso de laboratório. Minha intuição é tão precisa quanto um cromatógrafo gasoso. Quanto ao colesterol... — fez uma pausa calculada, erguendo o indicador — ...é elementar, meu caro Barbosa.

E saiu da cozinha, deixando todos em silêncio. Até mesmo Luíza parou de limpar por alguns segundos, apenas para processar o que acabara de ouvir.

Nota de Cozinha (um aroma sutil de conspiração)

Se "*As Aventuras de Sherlock Holmes*" eram o triunfo da lógica sobre o caos — com deduções frias, pegadas na lama e charutos fumados com precisão científica —, o caso do *Cozinheiro* no "*Casarão dos Barbosa & Freitas*" é sua paródia pós-moderna: um mistério resolvido não com microscópio, mas com maquiagem, em que o principal indício é um batom vermelho e o maior vilão é a própria narrativa.

Alexandrino é o herdeiro de Holmes num tempo em que a ordem é ilusão de *layout*.

Não deduz — faz curadoria. Cada gesto seu — óculos postos e tirados, colher erguida, pausa antes do "elementar" — não busca a verdade, mas sua apresentação pública. O laboratório foi substituído pelo espelho: basta que a cena pareça convincente para que seja aceita.

Luíza, por sua vez, não é apenas a empregada com pretensões de nobreza — é a única personagem que sabe estar num romance e age em consequência. Seu coque apertado, seu francês de banheiro, seu batom cuidadosamente não removido: tudo é encenação direcionada ao leitor. Ela não quer limpar o *Casarão*; quer ser lida com atenção.

O veneno — dedaleira em *mousse* de maracujá — diz mais do que qualquer depoimento: mata com elegância e popularidade, amarga sob doçura, nobreza em embalagem acessível. É a Cabrália em dose única: letal, mas servida com simpatia.

Zuenir Ventura observaria, entre um gole de café e um suspiro sociológico, que a investigação no *Casarão* é o retrato fiel da Cabrália, onde a justiça virou espetáculo, a investigação, teatro de vaidades, e a culpa, moeda de conveniência.

O Interrogatório

“Você foi preso. Mas não precisa se preocupar.”

Franz Kafka, *O Processo*

Alexandrino Ramalho montou sua “sala de interrogatório” no escritório do Barbosa — um cômodo pequeno, com mais livros do que leitores, e mais diplomas de oficinas literárias do que conquistas reais. Sobre a escrivaninha, repousava a velha companheira de ferro — que o Barbosa mantinha mais por devoção ritualística do que por utilidade prática. Era nela que datilografava suas pequenas fugas da realidade. Mas suas histórias de verdade, essas tomavam forma no notebook, entre uma notificação do *Instagram* e outra do *Twitter*.

Alexandrino cruzou as pernas, tirou do bolso um bloco de notas cor-de-rosa com flamingos e começou:

— Nome completo?

— **Baltazar Constantino Barbosa e Freitas Neto** — respondeu o Barbosa — Mas pode me chamar só de Barbosa.

Gabriela detestava nomes assim — longos, cheios de herança e vazio de sentido. Dizia que eram apenas títulos de quem tentava soar importante.

— Profissão? — perguntou Alexandrino, coçando a cabeça com a ponta da caneta, como quem já havia feito a pergunta e esquecido.

— Escritor em pré-lançamento permanente. Colunista não remunerado. Dependente afetivo. Sustentado pela aristocracia paterna. Já chega? — respondeu o Barbosa com ironia, mesmo sabendo que, na verdade, descrevera sua vida com precisão cirúrgica.

Alexandrino anotou com leve desprezo.

— Onde o senhor estava no momento em que o *Cozinheiro* caiu? — perguntou Alexandrino, ciente de que a pergunta era quase sem sentido. Só queria se sentir o *Hercule Poirot* por alguns segundos.

— Bem... Não sei dizer exatamente quando aconteceu o tal incidente com o *Cozinheiro*... — disse o Barbosa, como se tentasse organizar os fatos dentro da própria cabeça. — Se foi depois do banquete, eu já estava fora de cena. Dormindo cedo. O vinho, às vezes, me tira da história antes da última página.

— E quanto a Geraldo? Onde ele estava?

O Barbosa respirou fundo. Não entendia por que o detetive perguntava justamente sobre Geraldo. Por que não sobre os outros? Como sabia dele antes mesmo de mencioná-lo? O nome de Geraldo pairava no ar como um segredo velho, escondido naquela gaveta de meias onde guardamos coisas que não queremos

perder, mas também não queremos encontrar.

— O Geraldo... desapareceu bem no meio do banquete. Literalmente. Levantou-se para buscar mais vinho — e sumiu. Ninguém o viu sair. Nenhuma câmera. Nada.

Alexandrino estreitou os olhos.

— E o senhor não achou estranho?

— Eu achei, sim. Mas estávamos todos distraídos com o discurso de Silvério sobre como a Cabrália era um banquete de possibilidades podres. Quando demos por falta de Geraldo, era tarde.

Gabriela entrou em seguida. Postura firme, olhar direto, e uma elegância que só os que não têm tempo para besteiras sabem cultivar.

— Nome completo?

— *Gabriela Prado de Azevedo e Bulhões.*

— Profissão?

— *Maître d'Banquet*. Curadora de eventos. Consultora de imagem. Antropóloga de interiores. Babá emocional do Barbosa. Ex-sócia de uma cafeteria vegana. Herdeira de três gerações de empreendedores.

— Ex-sócia?

— Sim. Faliu em seis meses. Vencemos uma licitação para servir café na tal "*Câmara do Povo*" — o que, convenhamos, já era meio caminho andado para o inferno. Um assessor de *Estratégia Licitatória* desapareceu com o adiantamento. Evaporou feito café instantâneo. Nunca mais foi visto. Mas dizem que é assim mesmo na política: quando algo dá errado, a pessoa some no meio do banquete... e vira conceito.

Alexandrino parou de anotar.

— Está insinuando que o desaparecimento de Geraldo possa ter sido... articulado? Que ele também tenha se tornado um conceito?

— Não estou insinuando nada... mas é uma hipótese. Sempre foi um entusiasta do anonimato. Alegava que a discrição vinha de fábrica.

Alexandrino levantou-se.

— Bem, então temos: um *Cozinheiro* em coma por mousse de maracujá adulterado, um desaparecido suspeito, uma mulher bem sucedida e um escritor, cujo único mérito são os jantares mortais.

O Barbosa tentou protestar, mas percebeu que se encaixava perfeitamente na descrição. Alexandrino recolheu seus papéis.

— Alguém aqui mentiu. E eu vou descobrir. Porque uma coisa é certa: **Geraldo não desapareceu por acaso**. E talvez, só talvez, ele esteja mais perto do que imaginam...

∵ ∴ ∵

Luíza estava na varanda. O conclave tinha terminado — ou, mais precisamente, chegado ao momento em que a verdade foi escolhida.

Soprava uma fumaça branca sobre um prato de sobremesa — o mesmo que, horas antes, poderia ter trazido um mousse de maracujá com raspas de limão e um toque de extrato de dedaleira. Agora, estava cheio de cinzas recentes, ainda quentes, como se o tempo ali tivesse se queimado em segundos. Nenhum papel visível. Nenhum cheiro nítido de papel queimado — apenas o aroma frio de chuva, terra molhada e tabaco barato, como se a própria verdade tivesse sido enrolada, acesa e tragada em

silêncio.

Ninguém perguntou o que fora queimado. Nem mesmo o detetive Alexandrino, que passou farejando como quem acredita em pistas materiais, mas que, no fundo, sabia: em lugares assim, as provas mais importantes nunca deixam cheiro.

Só deixam ausência. E ausência não se analisa — apenas se respeita.

Luíza tinha seguido à risca a orientação de Geraldo: queimara o envelope e seu conteúdo — não sem antes examiná-lo. Já desconfiava: não havia segredos de Estado ali, mas algo mais perigoso — banalidades capazes de manchar a memória de Geraldo com o ridículo.

Dentro, apenas recortes, anotações soltas e cartas mal assinadas — nada que, sozinho, derrubasse um governo ou desmascarasse um escândalo, mas que, juntos, formavam um quebra-cabeça insinuante. Entre bilhetes comprometedores, uma fotografia constrangedora: Geraldo de babador, no meio de um jantar do *Clube République*, cercado por outros membros em poses não menos humilhantes. Banalidades, risos forçados, gestos de embriaguez ritualística — uma imagem que não incrimina, mas desautoriza por completo. Na Cabrália, o ridículo não é um mero acidente: é o único crime verdadeiramente imperdoável.

Havia também um esboço de confissão: palavras que ele nunca ousara dizer em público. Se reveladas após seu desaparecimento, pareceriam uma autoacusação sem defesa. Enquanto presente, porém, eram munição — não para expor os outros, mas para garantir que eles nunca o exporiam. Poderia jurar que ele até se divertira com a cena, como se concedesse a si mesmo o raro privilégio de controlar a própria narrativa.

Diário do Desaparecido

A Cápsula do Tempo INV-2DCB-11 guardaria: uma fita cassete com trechos inaudíveis de um manifesto inacabado; o rótulo desbotado de um vinho fictício, servido em jantares que ninguém confirma; e uma página rasgada de um diário suspeito, com a frase "se algo acontecer comigo…".

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, ruminando papéis mofados e *timelines* suspeitas, tentava compor sua autobiografia com trechos de outras — e falhava gloriosamente, imprimindo versões apócrifas da verdade em papel timbrado de frustração reciclada.

"Quem sou eu, se há outro igual a mim?"

José Saramago, *O Homem Duplicado*

O escritório do Barbosa era um museu do quase. Pequeno, levemente claustrofóbico, com aquele cheiro indefinido entre papel velho, café requentado e frustração recente.

Havia uma estante de madeira escurecida pelo tempo — e por decisões editoriais duvidosas — lotada de livros que pareciam comprados mais para impressionar visitas do que para serem lidos. Muitos ainda ostentavam marcadores em alguma página do primeiro capítulo, indício de um otimismo inicial seguido de desistência ou sono. Esses, em sua maioria, eram herança literária do casamento com Ana Laura. Ela era o tipo de pessoa que enchia a casa de livros que jamais abriria — mas, se alguém aparecesse, saberia exatamente onde estavam: *Proust* na estante do escritório, *Flaubert* no banheiro, *Clarice* na cabeceira — como quem guarda talheres de prata para visitas que nunca vêm.

No centro, uma escrivaninha pesada — daquelas que nem guindaste, nem boa vontade movem um centímetro. As gavetas escondiam clipes enferrujados, cartas jamais postadas e uma coleção respeitável de manuscritos inacabados — começos plenos de si mesmos, tão perfeitos em sua incompletude quanto uma frase sem ponto final que insiste em flutuar. Sobre ela, reinava a **Underwood No. 5**: preta, imponente, uma verdadeira guerreira mecânica. Pesada, estável, feita para durar décadas, mesmo quando o autor não durava nem o entusiasmo de uma manhã. A máquina de escrever não era só enfeite. Era o altar da insistência. Um monumento à fé no improvável. A teimosia vestida de ferro fundido, teclando sonhos com ruído e dignidade.

Ao lado, uma poltrona que um dia fora confortável, agora afundada no formato exato de alguém que pensa muito e resolve pouco. Um cinzeiro limpo, como se o Barbosa fumasse apenas em pensamento. Um abajur torto. Na parede, um relógio

parado. O Barbosa costumava dizer, num tom de piada triste, que ele parara no mesmo dia em que ele nasceu.

Era ali que ele fingia escrever, entre as ruínas do que um dia poderia ter sido uma carreira literária — ou pelo menos uma crônica com final.

Foi nesse ambiente de reclusão e pretensão que Gabriela encontrou o diário. Por acidente, como tudo o que acontecia naquele escritório.

Procurava o saca-rolhas de estimação do Barbosa — um modelo francês, herança de família, que ele dizia ter aberto a primeira garrafa de *Château Margaux* durante a assinatura da *Constituição Restauradora*, o que era historicamente impossível, mas poeticamente aceitável.

Remexendo na velha estante, entre manuais de escrita criativa e livros sublinhados com falsidade, esbarrou num exemplar suspeito de *O Pequeno Príncipe*. A capa era familiar, mas o conteúdo… páginas escritas à mão, com uma caligrafia nervosa, oscilando entre urgência e desequilíbrio. Na primeira página, um título que não deixava dúvidas sobre o estado mental do autor:

Diário Geraldo — Coleção de Delírios e Outras Tragédias Pessoais.

Mistério. O que fazia o diário de Geraldo escondido no templo pessoal do Barbosa? Coincidência? Culpa? Ou seria mais uma daquelas histórias mal resolvidas que ele preferia esconder entre vinhos imaginários e capítulos que nunca terminavam?

∵ ∴ ∵

O Barbosa folheou o diário de Geraldo com a mesma relutância com que se assiste a um *reality show*: temendo o ridículo, mas incapaz de resistir.

As primeiras páginas eram exatamente o esperado: devaneios de um ego inflado, referências aos antigos amigos — algumas nada elogiosas —, cada linha respirando a mistura de vaidade e desatino de Geraldo. Prometiam confissões, conspirações e pequenos desastres, narrados com a solenidade de quem se acredita protagonista do próprio caos.

E então, entre as páginas, surgiram as primeiras pistas. Numa entrada lacônica, Geraldo anotara:

> Ouvi o *Cozinheiro* falar de sua "Receita Final". Não era sobre comida, mas um ato simbólico. Disse que seria o testamento dele. Algo sobre libertar a *Rèpúblika* dos parasitas… Tive medo. Não pelo país. Por mim.

Pouco depois, outra anotação surgia, mais concreta:

> A receita existe. Está guardada num cofre do restaurante "Flor de Sal", lá no subúrbio. A senha? Ele diz que é a data do último banquete do Império Bizantino. Quem, em sã consciência, sabe isso de cabeça?

Mais adiante, o tom se tornava urgente, quase desesperado:

> O *Cozinheiro* descobriu o *Manifesto* sobre o Governo, que eu e Mordaz escrevemos. Alguém nos traiu.

E, nas páginas finais, uma despedida sombria:

> O *Cozinheiro* desconfia que está sendo vigiado. O próximo banquete talvez seja o último. Vou ter que sumir. Levo uma cópia do *Manifesto*. Se algo acontecer ao

Cozinheiro, não foi acidente. Ele insiste em algo que será seu testamento.

O Barbosa fechou o diário de um golpe seco, com a urgência súbita dos covardes diante do perigo real — aquele tipo de gesto que só faz sentido depois, quando você já está correndo, mas ainda não sabe para onde. Tudo parecia uma alucinação de Geraldo, ou talvez uma alucinação coletiva, daquelas que acontecem em países onde a realidade é um serviço por assinatura e ninguém mais lembra da senha. Nada tinha lógica, nada tinha explicação, e o pior era que gerava mais perguntas do que respostas, o que, por si só, já deveria ser um sinal de alerta. Em qualquer romance de mistério decente, o detetive começa com dúvidas e termina com certezas; ali, o detetive nem havia começado e já estava mais confuso do que um eleitor diante de uma urna eletrônica.

Definitivamente, aquilo não dava para um romance de mistério. Dava, no máximo, para um daqueles *reality shows* onde ninguém sabe quem está fingindo, quem está morto, quem é parente de quem, e o apresentador fala tudo com entonação de novela das oito. Como Geraldo ouviu o *Cozinheiro* falar da "Receita Final"? Como soube que a receita estava trancafiada num cofre de um restaurante de subúrbio, o "*Flor de Sal*", como se fosse um código de segurança de cartão de crédito? Como descobriu a senha — a data do último banquete do *Império Bizantino*, como se todo mundo anotasse isso na agenda? Como soube que o *Cozinheiro* descobrira o *Manifesto*? E, principalmente, qual a importância do *Manifesto* para o *Cozinheiro*? Será que ele queria assinar? Ou vetar?

Parecia tudo alucinação. Ou, pior, parecia um roteiro mal escrito. A menos que Geraldo tivesse um cúmplice — alguém com acesso ao quarto do *Cozinheiro*, ao cofre do restaurante, aos segredos de Estado e ao servidor do *Ministério da Infraestrutura Literária,* cujo *login* muda toda segunda-feira. Talvez alguém, que, como todo personagem misterioso, só se revela quando a coisa já deu errado. Ou será que o Geraldo, cansado de ser personagem de uma trama que não escolheu, resolveu ser escritor? Nesse caso, o diário não era um diário, era um roteiro, uma sinopse disfarçada de memória, um enredo de político frustrado que, ao invés de governar, resolveu ser governado pela ficção.

E, se esse é o caso, então começou muito mal — com o pé esquerdo, a mão esquerda e o GPS interno programado para o desastre. Porque, no fundo, todo mundo sabe: se você vai inventar uma conspiração, pelo menos que ela pareça plausível. Ou, se não for plausível, que ao menos pareça bem editada. Mas aquilo? Aquilo era pior que um roteiro de novela das sete. Era um roteiro de novela das sete escrito por um estagiário que só assiste a documentários sobre alienígenas.

O Barbosa suspirou, olhou para o diário, depois para o teto, como quem espera que Deus responda, ou pelo menos o arcanjo *Gabriel*. Depois, pegou uma taça de vinho — o barato, o andino, o que não mancha a consciência — e pensou que talvez o maior mistério agora não fosse quem tentou matar o *Cozinheiro*. Já havia questões mais relevantes: quem era o cúmplice de Geraldo, se é que existia? Ou tudo não passava de uma alucinação literária, um delírio de personagem que decidira se achar o autor da própria história? Como alguém conseguia acreditar naquilo tudo? E, pior ainda, como alguém conseguia acreditar que os outros iriam acreditar?

Alexandrino também leu o diário. Percorreu cada linha com o cuidado de quem monta um quebra-cabeça, só para descobrir que, no final, faltavam peças — e que o fabricante, muito provavelmente, era um sociopata.

— Então temos um diário que mais parece um delírio narrativo, um *Manifesto* desconhecido, uma ameaça velada, um cofre trancado com uma senha enigmática, um sumido que não desapareceu à toa e um monte de receitas — resumiu o detetive, como quem lista os ingredientes da feijoada de sábado: farta, barulhenta e tão perigosa quanto inevitável.

— E temos, no mínimo, dois motivos para alguém tentar silenciar o *Cozinheiro* — completou Gabriela. — O *Cozinheiro* pretendia revelar algo sobre o *Manifesto*. Também pretendia usar sua "Receita Final" para eliminar os parasitas da *República*. Alguém resolveu neutralizar ambas as ameaças. O Geraldo sabia de tudo. Mas quem mais sabia?

Ela, ainda emocionada por ter participado da descoberta, segurava o diário como uma relíquia sagrada.

— Vocês acham que ele ainda está... vivo?

O Barbosa não respondeu. Mas, no fundo, sabia: Geraldo estava vivo. Em algum lugar entre o passado que fingiram esquecer e as receitas que nunca deveriam ter provado.

Coma Induzido

A Cápsula do Tempo INV-2DCB-12A guardaria: um caderninho de hipóteses trêmulas rabiscadas às pressas; um frasco invisível contendo o aroma fugidio de mousse de maracujá com limão; e uma foto desbotada de um leito hospitalar.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, de olhos semicerrados e movimentos lentos, ruminava devagar as dúvidas que não desatavam, enrolando-se em ciclos de hesitação que mais pareciam a lenta decadência de um mundo suspenso entre o coma e a vigília, como um *avatar* digital preso em *loop* no metaverso.

"Dormir é a única fuga que não deixa rastro."

Drieu La Rochelle, *O Homem que Dormia*

Fazia dois meses desde que o *Cozinheiro*, fora encontrado semimorto, com uma colher de pau suja de mousse de maracujá fincada no peito e um leve aroma de limão no hálito. Dois meses desde que os três convidados que participaram do último jantar também morreram, deixando uma sensação suspeita de que algo terrível havia acontecido — embora ninguém soubesse exatamente o quê. Desde então, o *Cozinheiro* dormia em um leito de hospital, cercado por monitores e máquinas que imitavam os sons do mundo que ele se recusava a voltar a habitar.

O Barbosa visitava-o toda semana. Às quartas, religiosamente. Não porque tivesse apreço pelo *Cozinheiro* — nunca teve, para ser honesto — mas porque precisava olhar para aquele corpo imóvel e lembrar-se de que a história ainda não tinha tido fim. O *Cozinheiro*, em coma, era a imagem perfeita para o que o Barbosa estava vivendo: uma pausa sem retorno. Uma página em branco que se recusa a ser escrita. O silêncio criativo, solidificado em carne e soro gotejante.

Em seu caderninho de notas, o Barbosa começava a rabiscar hipóteses. Não por acreditar que a verdade fosse importante, mas porque precisava de matéria-prima para um segundo livro. O primeiro livro, *"O Último Banquete da Rèpublika",* fora lançado um mês depois do fatídico jantar.

Hipótese 1: O Desaparecido

Chamava-se Geraldo, no livro. Na vida real, **Geraldo Francisco de Alcântara Guedes**. Ele tinha aquele tipo de biografia que você lê e esquece cinco minutos depois. Era uma sombra entre os amigos, um desses sujeitos que apareciam quando havia vinho e sumiam quando se falava em dividir a conta. Havia desaparecido no

meio do banquete. Saiu para "pegar uma garrafa de vinho" e nunca mais voltou. O Barbosa fantasiava que ele havia tentado matar o *Cozinheiro* como forma de silenciar um segredo. Mas qual? Seria ele um personagem do passado do *Cozinheiro*? Um irmão bastardo, um antigo amante, um crítico gastronômico enrustido?

Hipótese 2: Gabriela

No livro, a chefe de banquete era a única figura digna. A bússola moral entre glutões existenciais e degustadores da decadência. Mas e na vida real? O Barbosa começava a suspeitar. Talvez Gabriela tivesse se cansado da função de musa inspiradora — essa ocupação ingrata de segurar a lanterna enquanto o outro tropeça na própria sombra. Talvez, num rompante filosófico entre o *mise en place* e a sobremesa, tivesse decidido envenenar o prato principal. Não por ódio. Por efeito dramático. Uma sabotagem existencial. Um protesto contra a repetição infinita dos jantares, dos brindes e das mentiras temperadas com ervas finas.

Talvez o *Cozinheiro* tenha descoberto. E precisasse ser silenciado antes que revelasse o ingrediente secreto — aquele que não estava na receita, mas no subtexto. A cicuta, afinal, sempre foi mais didática que letal. Só mata quem precisa aprender.

O Barbosa hesitou. Não, não podia acreditar nessa teoria. Seria cruel demais. E Gabriela não era cruel. Era apenas... lúcida. O que, em certos círculos, dá no mesmo.

Hipótese 3: O Próprio Barbosa

Ele rabiscava essa com a mão trêmula. E se tivesse sido ele mesmo? Não intencionalmente, claro — mas num ato simbólico, onírico, metafórico. E se o *Cozinheiro* estivesse em coma não por um crime, mas por um enredo mal escrito, um parágrafo mal resolvido? E se o próprio Barbosa, na ânsia de encerrar o jantar com um clímax à altura, tivesse afundado o *Cozinheiro* em silêncio? Afinal, o que é um personagem em coma, senão a representação máxima de um autor sem ideias?

∵ ∴ ∵

Enquanto olhava o *Cozinheiro* deitado, com aquele leve ronco que mais parecia um ponto de interrogação sonoro, o Barbosa se perguntava: será que, se o *Cozinheiro* acordasse, o livro perderia o sentido? Será que ele revelaria algo? Ou apenas pediria sal?

De volta ao *Casarão*, o Barbosa encarava a folha em branco como quem encara um túmulo. Era ali que ele precisava escrever o próximo capítulo. Mas talvez o mistério não fosse sobre quem tentara matar o *Cozinheiro*. Talvez fosse sobre quem, entre todos eles, ainda queria viver. E essa, pensava ele com uma taça de vinho na mão, era uma pergunta que nem todos estavam prontos para responder.

Nota de Cozinha (como o mousse de maracujá: doce por fora, letal por dentro)

Se "*O Homem que Dormia*", de *Drieu La Rochelle*, é o retrato de um sujeito que se recusa a acordar para um mundo em colapso — preferindo o sono à farsa da ação —, o *Cozinheiro* no leito de hospital é sua versão cabralina: um homem que não foge da história, mas dela é apagado por um *Autor* que claramente esqueceu o fio do enredo. Enquanto o herói de *Drieu* dormia por desdém aristocrático diante da vulgaridade do século XX, o *Cozinheiro* dorme por pura falta de narrativa — vítima não de um crime, mas de um bloqueio criativo tão bem disfarçado que até o detetive mais atento

precisaria de óculos escuros. Num país onde até o veneno precisa de *storytelling*, o que mata não é o agrotóxico, e sim o clímax ausente.

Stanisław Ponte Preta, em passagem pelo hospital, sussurraria ao leitor, com aquele sorriso de quem sabe demais: "O *Autor* não está escrevendo um romance, está fazendo terapia com direito a *royalties* — ou, no mínimo, tentando justificar a própria preguiça literária." Já *Nelson Rodrigues*, com a voz rouca de um teatro de domingo, denunciaria: "O *Autor* é o assassino de seus personagens — e, às vezes, de si mesmo. E olha que nem sempre com talento."

Ambos têm razão. As "hipóteses" do Barbosa são desculpas elegantes para não encarar o óbvio: se Gabriela envenenou o *Cozinheiro* por efeito dramático, foi porque aprendeu com o próprio Barbosa, que consegue transformar até um resfriado em tragédia *shakespeariana*. E se o culpado é o Barbosa? Claro que é. Todo escritor é, no fundo, um pequeno deus vingativo que escreve com a mão esquerda — e às vezes com os pés.

Confissões de um Mestre da Simulação

A Cápsula do Tempo INV-2DCB-12B guardaria: um caderno de capa dura com manchas de gordura e vinho — páginas com anotações codificadas entre receitas e ameaças; uma foto amassada de um jantar onde ninguém sorriu; e um marcador de página encardido com o nome "Barbosa" escrito à mão trêmula.

Do outro lado do portal, o **Boi de Silício**, ruminando dúvidas e resquícios de mistérios mal digeridos, seguia lento e obstinado pelo pasto das histórias incompletas, sem pressa para mastigar a verdade que teima em escapar.

"Já não há real. Só simulacros."

Jean Baudrillard, *Simulacros e Simulação*

Foi numa daquelas manhãs chuvosas e desmotivadas, em que até o espelho do banheiro parece envergonhado de refletir a nossa cara, que o Barbosa tropeçou no imprevisto. Luíza Borja, a *Dame de Propreté*, mais concentrada no *Instagram* e na culpa líquida de uma dieta de sucos verdes, esqueceu a gaveta dos panos de prato meio aberta — uma fresta inocente, mas com cara de armadilha do destino.

O Barbosa não era detetive. Era, no máximo, um espectador distraído do próprio naufrágio. Mas tinha um senso de simetria quase neurótico e um faro aguçado para o fora do lugar — e aqueles panos de prato, berrantes como alegorias de escola de samba em luto, chamavam atenção. Foi conferir. Mexeu. Puxou. Pronto.

Ali estava: um caderno de capa dura, com as bordas mastigadas pelo tempo, manchado de gordura, vinho e culpa. O *diário* secreto do *Cozinheiro*. Ou, como o Barbosa passou a chamá-lo mais tarde, com uma reverência que misturava pavor e azia: **o cardápio do fim**.

Ao abrir a primeira página, a caligrafia instável do *Cozinheiro* parecia um caldo grosso, derramado entre as linhas:

> Não há prazer maior do que cozinhar para os que merecem morrer. Neste jantar, sirvo não pratos, mas sentenças. Cada ingrediente é um ajuste de contas. Cada especiaria, uma provocação.

O Barbosa engoliu seco. No caderno havia anotações meticulosas - algumas sobre receitas, outras claramente codificadas. Na margem de uma página: "O vinho de Ferreira: um toque de beladona. O caldo do Dr. Henrique Sampaio: um *bouquet* de oleandro. Para o Barbosa: um lugar à mesa, nada mais perigoso que deixá-lo viver

para escrever."

E então, quase ao fim do caderno, entre manchas de molho e tremores de tinta, uma revelação chocante:

> Todos morrerão — menos um. E esse um, o mais perigoso, será o último prato. A sobremesa: o Barbosa.

Um arrepio percorreu as costas do Barbosa. Não sabia se era medo ou orgulho. Talvez ambos. Aquilo, afinal, podia muito bem ser a consagração literária que sempre esperara — um enredo perfeito, servido quente pela mão do próprio transgressor. Daria, no mínimo, um *best-seller* de mesa de livraria, daqueles que se vendem bem no aeroporto.

Em certas anotações, o *Cozinheiro* soava aflito, quase paranoico — como se começasse a duvidar de si mesmo.

> Mexeram nos meus temperos. Não sei se é descuido meu… ou se alguém quer que eu pense que é. Sinto que estou sendo vigiado. Talvez seja só imaginação. Ou talvez já seja tarde demais para imaginar.

Por horas, o Barbosa se debruçou sobre o caderno, cruzando datas, lembranças, sabores. As teses começaram a se alinhar com uma precisão assustadora. Algumas hipóteses já tinham sido contempladas no diário de Geraldo. Era a confirmação do enredo. O Geraldo? Talvez tivesse fugido por ter compreendido todo o processo. Mas qual teria sido o papel de Gabriela na trama toda? Teria sido mais resistente ao veneno, ou fora sua peculiar parcimônia à mesa que a salvara? Sorte ou intuição? E de onde vinha a paranoia do *Cozinheiro*? Estava verdadeiramente sendo vigiado? E, se sim, por quem?

Mas algo mais incomodava o Barbosa: se o *Cozinheiro* planejou o envenenamento de todos, por que ele mesmo foi parar em coma? Teria falhado na dose? Alguém o teria impedido no último instante? Ou — e essa hipótese crescia como um fungo em sua cabeça — o próprio Barbosa reescrevera mentalmente os fatos para se preservar como sobrevivente?

De volta ao caderno, leu a última anotação, escrita com a tinta quase apagada:

> O próximo banquete será o último. O *Manifesto* de Geraldo pode arruinar tudo. Se ele soltar isso antes da hora, todos os parasitas se escondem, desaparecem, fingem que nunca estiveram à mesa. E aí o prato principal perde o sentido. A "Receita Final" precisa ser antecipada. Antes que o veneno vire conversa. Antes que a verdade vire teoria. Já esperei demais. O forno está quente. Só falta o jantar.

O Barbosa fechou o caderno com cuidado, como se encerrasse uma tumba. Pela primeira vez, sentiu-se realmente autor de algo importante. Um livro que ele não escreveu, mas que talvez tenha vivido. Ou inventado. Ou roubado.

A dúvida que o corroía agora era outra: deveria publicar esse caderno como se fosse ficção ou verdade? Seria ele o herdeiro de uma obra alheia ou o criador da mentira mais saborosa de sua carreira?

Talvez, pensou ele segurando o caderno com mãos trêmulas, a grande arte estivesse justamente nisso: em sobreviver ao banquete e ainda ser o único a contar a história.

Nota de Cozinha (um confit de teorias conspiratórias)

Se *Jean Baudrillard* tivesse se debruçado sobre o diário do *Cozinheiro*, provavelmente teria sorrido diante da ironia de um simulacro perfeito: nada do que o Barbosa lê parece “real”, e ainda assim tudo ostenta a aparência convincente da realidade. O caderno — manchado de gordura, vinho e culpa — funciona como uma simulação absoluta do poder e da morte: cada receita, cada toque de *beladona*, é uma encenação meticulosamente orquestrada, em que os personagens se movem como peças em um tabuleiro invisível, obedecendo a um roteiro que existe mais no imaginário do *Autor* do que na própria cozinha. O envenenamento, a paranoia, o banquete final — tudo é, ao mesmo tempo, verdade e ficção: uma hiper-realidade que *Baudrillard* reconheceria como a perfeição da ilusão capaz de engolir a própria realidade.

E o Barbosa, coitado, emerge dessa trama como detetive e vítima de si mesmo, incapaz de distinguir a simulação da experiência concreta. O diário o transforma no herdeiro de uma conspiração literária que talvez nunca tenha existido fora das páginas — um mistério à *la Christie* filtrado por lentes de sarcasmo moderno. Cada suspeita, cada cálculo, cada “sobrevivente” é, ao mesmo tempo, dado factual e efeito estilístico: uma armadilha narrativa que simula tensão, culpa e perigo com a precisão de um prato requintado. No fim, sobreviver ao banquete não garante nada além de uma dúvida deliciosa: o Barbosa escreve sobre os fatos ou sobre a mentira mais saborosa de sua carreira?

Ali, entre tinta borrada e receitas de morte, a realidade se dissolve em um simulacro de narrativa — e o Barbosa, comicamente impotente, é obrigado a rir do próprio papel de protagonista.

Gabriela e o Prato Frio

“O homem não é um, mas muitos.”

Herman Hesse, *O Lobo da Estepe*

Estavam na cozinha do apartamento de Gabriela — uma cozinha *real*, sem artifícios nem *mise en scène.* O fogão aceso, a chaleira apitando discretamente, como uma campainha tímida no meio do suspense. Era uma cozinha projetada por alguém que entendia da arte de cozinhar tanto quanto da escolha do mármore certo para a bancada. E era justamente essa cozinha que a fazia hesitar em abandonar o apartamento. Afinal, o *“Casarão dos Barbosa & Freitas”* tinha mistério, jardim e um cheiro de passado úmido..., mas não tinha aquele fogão de seis bocas.

— Isso é sério, Barbosa? — perguntou ela, segurando o diário secreto do *Cozinheiro* como se fosse um peixe malcheiroso.

— Tão sério quanto consegui escrever nos últimos dois meses — respondeu o Barbosa, cruzando os braços. — Ou talvez tão ficcional quanto você quiser.

Gabriela o encarou como quem degusta algo estragado. Depois voltou os olhos ao trecho grifado com marca-texto amarelo: “A sobremesa: o Barbosa.”

— Engraçado — disse, devolvendo o diário sobre a mesa —, ele te odiava mais do que fingia gostar. Talvez porque você era o único que o via como personagem. E ele queria ser protagonista.

O Barbosa riu com um canto da boca.

— Ou talvez ele soubesse que o único jeito de ser eterno era me dar o direito de escrever sobre ele. O coma foi só um aplauso atrasado.

Ela passou a mão no rosto, curiosa.

— Você vai publicar isso, não vai?

— Ainda não decidi — respondeu ele. — Estou digerindo.

— Digerindo ou temperando?

O Barbosa não respondeu. Levantou-se e foi até a janela. O céu estava cinza, como sempre parecia estar desde o último banquete. A cidade inteira parecia embaçada, como se ainda estivesse sob efeito de um vinho envenenado. Ela havia alugado aquele apartamento por muitas razões: altura, silêncio, vista para o pôr do sol..., mas principalmente pela cozinha. Não aquela cozinha do *Casarão* — boa, mas antiga, com cara de quem serviu a três gerações de donas de casa que nunca usaram avental branco. Aqui, tudo era ordem. Precisão. Um lugar para cada coisa, e cada coisa no seu lugar. Até as especiarias tinham data de validade anotada à mão. Era ali que ela se sentia mais Gabriela do que em qualquer outro lugar. Talvez até mais Gabriela do que em si mesma.

— Eu poderia transformar esse diário num novo romance — disse ele, com o tom de quem fala consigo mesmo. — Escrever em cima das anotações dele, assumir como ficção, mudar os nomes, tornar tudo palatável.

— Não é ético, nem tampouco original, se vem do caderno de outro homem — rebateu ela. — É só necrofagia literária.

— E se for esse mesmo o papel do escritor? Alimentar-se da história dos outros? — retrucou Barbosa.

Ela o olhou com pena.

— Você não está escrevendo. Está mastigando memórias. E algumas não são suas.

Ele ficou em silêncio. Pela primeira vez desde que encontrara o caderno, a ideia de ser apenas um parasita lhe pareceu plausível. Estava ali, diante de Gabriela, a mulher que ele mitificara como dignidade encarnada, sendo confrontado não por um crime, mas por um espelho.

— E se eu reescrevesse tudo como ficção? — insistiu, mais baixo. — Se transformasse isso num novo livro, com outros nomes, outros rumos?

— Então será como o primeiro: uma caricatura. Mas, dessa vez, do próprio *Cozinheiro*. E, Barbosa… cuidado. Ele ainda respira.

O silêncio que se seguiu foi mais cortante que qualquer crítica literária. Ela abriu a porta — um convite pouco sutil para ele sair — e disse:

— Volta quando tiver algo teu. Não do diário. Não do coma. Tua verdade. Nem que seja ridícula.

O Barbosa já estava saindo, mas parou antes de cruzar o batente.

— Em algum momento você vai ter que decidir, sabia? Entre mim e sua *Cozinha*.

Ela balançou levemente a cabeça, incrédula, como se ele tivesse dito algo óbvio e tolo ao mesmo tempo.

— Já decidi — respondeu, fechando a porta com delicadeza. — Só não contei pra você.

Ele saiu de fato dessa vez. Ela ficou ouvindo os passos dele até sumirem no corredor. Então, voltou à cozinha, abriu a geladeira, mas não procurava comida. Apenas um lugar frio o suficiente para guardar algo que ainda não sabia se era curiosidade... ou amor.

Unidade de Terapia Intensamente Cínica

A Cápsula do Tempo INV-3DCB-01A guardaria: um estetoscópio cenográfico; uma *selfie* da enfermeira com o *Cozinheiro* imóvel ao fundo; e o diário secreto marcado por tinta e gordura.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso** observava silencioso nas águas turvas do hospital São Lucídio, aguardando o instante em que o mistério emergiria — porque, sob a superfície calma, o predador sabe: toda verdade um dia vem à tona, mesmo que seja cancelada antes.

"A existência precede a essência."

Jean-Paul Sartre, *A Náusea*

O Hospital São Lucídio tinha nome de santo e cheiro de desinfetante com fundo de tragédia. No saguão, uma estátua de gesso do próprio *Lucídio*, padroeiro dos esquecidos e dos processos por erro médico, abençoava os visitantes com uma expressão que misturava cansaço, constipação e luto antecipado.

O Barbosa e Gabriela foram os primeiros a chegar. Alexandrino apareceu depois, de jaleco branco (emprestado de um primo enfermeiro) e um estetoscópio cenográfico pendurado no pescoço, "para disfarçar", segundo ele. Parecia mais um ator de série médica cancelada.

No quarto 363, o *Cozinheiro* estava deitado, entubado, calmo como nunca estivera em vida. O tronco envolto em bandagens, a expressão serena como quem finalmente descansava da Cabrália.

Gabriela se aproximou com respeito, mas sem melodrama. Afastou um vaso com flores artificiais tão antiquadas e funerárias que pareciam ter saído direto do velório de Raul Seixas.

— Então é aqui que termina a revolução culinária...

O Barbosa suspirou.

— Ou começa. Se ele acordar, pode contar o que houve no último banquete. Pode dizer quem tentou matá-lo. Pode... me processar por ter publicado aquela crônica infame com o pseudônimo "*Chef Homicida"*.

A enfermeira, emocionada, tirou uma *selfie* com o *Cozinheiro* ao fundo.

— Gente, eu sei que não é hora, mas... isso é tão *Black Mirror*!

Alexandrino, com sua voz de detetive teatral, anunciou:

— Se ele acordar, o que foi enterrado vai emergir. Dívidas morais, financeiras, tudo. Não se esqueçam: havia uma cópia da receita perdida. E um desaparecido. A fuga de Geraldo e a queda do *Cozinheiro* não são coincidência.

Gabriela cruzou os braços, desconfiada:

— E se o próprio Geraldo estiver por trás de tudo? O sumiço, a ameaça no diário... talvez tenha sido tudo encenado.

Ele, animado com a hipótese, mergulhou na teoria conspiratória:

— Ou foi o *Cozinheiro* quem forjou a própria tentativa de assassinato… para transformar seu coma em performance artística. Uma espécie de "*Banquete do Silêncio*".

Gabriela, que ouvira incrédula a tese do Barbosa, arregalou os olhos:

— Você acha que ele está fingindo?

O silêncio se espalhou. Todos voltaram o olhar para o *Cozinheiro*, imóvel na cama, como se esperassem uma piscada, um sinal.

Nada.

A máquina apitava num ritmo regular, quase enfadonho. Mas então — e apenas então — o inesperado:

O dedo mínimo da mão direita se moveu.

O Barbosa recuou como quem viu um crítico literário levantar da tumba. Gabriela apertou o botão de chamada. Alexandrino sacou o caderno como quem vai colher a última confissão de um padre herege.

— Ele vai acordar — disse Alexandrino. — E quando acordar, vai servir a conta. Fria. Sem entrada. E com sobremesa indigesta.

O Barbosa encarou o aquele corpo inerte.

— Se ele falar, tudo muda.

— E se ele não falar — murmurou Gabriela — seremos nós a escrever o fim dessa receita.

O silêncio voltou, pastoso como feijoada requentada — daquelas que grudam na consciência e exigem pão para descer. Lá fora, a chuva começou a cair — como sempre caía nas grandes tragédias que fingiam ser comédias.

Olhos Que Condenam

“Sempre dependi da bondade de estranhos.”

Tennessee Williams, *Um Bonde Chamado Desejo*

O corredor do hospital tinha cheiro de desinfetante e negligência. O Barbosa caminhava como quem invade um templo onde um deus moribundo cochicha segredos inacabados. O diário do *Cozinheiro* estava sob o braço, como se fosse um relicário ou uma prova de crime que ele ainda não decidira denunciar ou vender.

A porta do quarto 303 rangeu como um suspiro antigo. Sim, 303 mesmo. Tiveram que removê-lo do 363 por problemas nos equipamentos de suporte vital. E lá estava *Cozinheiro*. Ainda preso aos fios e máquinas, mas com os olhos entreabertos. Um rasgo de consciência, um filete de presença no meio do torpor.

— Acordou... — murmurou o Barbosa. Não era uma pergunta. Era um susto. Uma confissão.

O *Cozinheiro* não respondeu, mas moveu levemente os dedos, como se estivesse medindo o tempo de cozimento da própria morte.

O Barbosa aproximou-se devagar. Sentou-se na poltrona surrada, colocou o caderno do *Cozinheiro* sobre a mesa de cabeceira e encarou aquele homem que, mesmo deitado e pálido, ainda parecia preparado para servir um último prato.

— Encontrei o seu diário, *Cozinheiro*. Uma bela peça. Trágica. Ácida. Como você.

Nada. Só o bip regular das máquinas. Mas o Barbosa não desistia. Passou a mão pelos cabelos desalinhados e seguiu, como quem declama para um público inconsciente.

— Tem uma parte em que você escreve: “Todos morrerão — menos um”. E eu continuo aqui. Escrevendo. Sobre você. Sobre mim. Sobre todos nós. E agora eu não sei se isso te vingaria ou te ofenderia.

O *Cozinheiro* abriu um pouco mais os olhos. Fixou o olhar no Barbosa por um segundo longo demais para ser involuntário.

Foi um olhar sem piedade. Nem surpresa. Era um olhar de quem sabia. Como se dissesse: “Claro que você viria. Claro que traria o caderno. Claro que faria disso um capítulo.”

— Vai me matar com o olhar agora? — ironizou o Barbosa. — Ou só me envenenar com culpa?

O monitor cardíaco alterou ligeiramente o ritmo. Pequeno, mas perceptível. O Barbosa se inclinou.

— Foi você quem falhou? Ou fui eu que estraguei o plano? Porque veja só, *Cozinheiro*: talvez eu tenha feito exatamente o que você queria. Escrevi. Digeri todas

as palavras. E agora vou publicar um *spin-off* de "*O Último Banquete da Rèpublika*". Com sua assinatura ou sem ela. Com verdade ou invenção. A dúvida será o tempero. E você, desta vez... o prato principal.

O *Cozinheiro* piscou uma vez. Lenta, calculadamente. O Barbosa sentiu um frio subir pelas costas.

Nesse instante, a porta se abriu. Gabriela.

— Ele acordou? — perguntou, com um misto de esperança e medo.

— Sim — respondeu o Barbosa, sem tirar os olhos do homem na cama. — Mas acho que ele já sabia tudo. O que eu li. O que eu escreveria. O que eu faria com isso.

Ela caminhou até o leito, colocou a mão no ombro do *Cozinheiro*.

— E você, *Cozinheiro*, vai confirmar a história? Vai desmentir? Vai cozinhar outra versão?

Silêncio. Na verdade o *Cozinheiro* só tinha tido um espasmo involuntário. Continuava em coma. Era como falar para as paredes.

O Barbosa se levantou. Entregou o caderno a ela.

— Fique com isso. Talvez você saiba o que fazer com ele melhor do que eu.

E, ao sair, pela primeira vez em muito tempo, Barbosa não pensava em publicar nada. Pensava em algo mais inquietante: e se, no fundo, não tivesse sobrevivido ao último banquete — e sua presença não passasse de uma sombra de personagem, brincando na tênue linha entre realidade e ficção?

> Neste exato instante, o *Autor* queria que eu soltasse uma daquelas frases bonitas do tipo: "O tempo é um rio que flui para o esquecimento." Mas, como sou apenas o *Narrador* — funcionário terceirizado, sem direito a *royalties* nem a opinião sobre o enredo —, vou falar a verdade: tempo é fila de hospital. E o *Cozinheiro*, coitado, já perdeu a conta de quantas horas passou esperando que o roteiro diga que pode sair do coma.

Oráculo do Soro Fisiológico

A Cápsula do Tempo INV-3DCB-01B guardaria: a foto da fachada do hospital São Lucídio; um monitor cardíaco acelerado; e um exemplar amassado e marcado de "*A Saga das Xifópagas Lésbicas*" — lembrança do oráculo Emílio Mordaz.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso** observava, pacientemente, a lenta decodificação dos segredos que o tempo insistia em esconder, como se todos estivessem perdidos em um *blockchain* indecifrável.

"A verdade não se revela. Ela se impõe."

Raduan Nassar, *O Oráculo da Montanha*

Passaram-se três meses. Na madrugada chuvosa de uma terça-feira, o hospital São Lucídio dormia com a resignação típica de quem já entendeu que milagres, quando acontecem, costumam cobrar juros altos no dia seguinte.

Mas no quarto 363, o improvável resolveu acontecer — ou, pior, se repetir.

O *Cozinheiro* tinha mudado de quarto mais uma vez. E não para qualquer lugar. Voltou para **o mesmo quarto de antes**. O primeiro. Como se nada tivesse acontecido. Como se tudo estivesse começando de novo.

Era como se a realidade, entediada, tivesse apertado o botão de reinício — e, por algum capricho cósmico ou burocrático, escolhido novamente aquele quarto estéril, onde o ar misturava o cheiro cítrico do desinfetante com o sutil odor ferroso dos equipamentos adormecidos.

O mais estranho? Ninguém achou estranho.

E o milagre aconteceu:

O *Cozinheiro* acordou.

Foi Gabriela quem viu primeiro. O monitor cardíaco acelerou como se pressentisse a audiência, e os olhos se abriram lentamente, como se decifrassem uma receita esquecida. O Barbosa, que cochilava sentado, despertou com o barulho do oxigênio ajustando-se ao novo ritmo de respiração.

— Ele... ele está acordado?

Ela assentiu, em pé ao lado da cama, segurando a mão dele como quem tenta pescar um segredo no escuro.

O *Cozinheiro* mexeu os lábios. Tentou formar palavras. Mas o que saía era um balbucio murcho, um feitiço culinário em forma de enigma.

— A cebola... tem camadas..., mas o alho... o alho é traiçoeiro...

O Barbosa se aproximou com um caderninho. Gabriela gravava em áudio.

Alexandrino, que chegara há poucos minutos com cheiro de café frio e conspiração, murmurou:

— Ele fala em código. Como sempre.

O *Cozinheiro* olhou em volta, confuso, como se não reconhecesse mais o mundo — ou como se ele fosse, de fato, irreconhecível. Seus olhos fixaram-se no Barbosa. Um lampejo de consciência brilhou por um segundo.

— O banquete... não terminou... ele... ainda... está à mesa...

Gabriela tentou acalmá-lo.

— Quem, *Cozinheiro*? Quem está à mesa?

Ele apertou os olhos, como quem vê através da névoa da própria mente. As mãos tremeram, e a voz escapou — uma mistura de gemido e revelação:

— ...Mordaz... Emílio... Mordaz...Voltou.

Silêncio.

O Barbosa ficou pálido como um molho branco mal temperado.

Alexandrino largou o caderno.

Gabriela arregalou os olhos. Olhou para um ponto além das paredes, como se lá estivessem escondidos resquícios de sua memória, e comentou:

— Ouvi o Barbosa mencionar Mordaz muitas vezes nos jantares..., mas achei que fosse só mais um dos seus fantasmas literários.

> É engraçado como certos nomes ficam flutuando em conversas, sem nunca realmente pousar. Mordaz era um deles. Aparecia e desaparecia conforme o vinho permitia. E Gabriela, que já havia aprendido a distinguir entre quem escrevia e quem apenas ocupava espaços literários, não via razão para prestar atenção. Agora, diante daquilo tudo, começava a perceber: às vezes, os fantasmas são reais. Só não querem ser notados até que seja tarde demais.

Ela voltou os olhos para o Barbosa. Um instante. Um olhar que não era só pergunta — era cobrança. No rosto, aquele meio-sorriso que podia ser ironia ou provocação.

— Quem é ele realmente, Barbosa? — perguntou ela.

O Barbosa engasgou de emoção, como se pronunciar o nome sagrado exigisse uma reverência prévia.

— É o gênio por trás dos antigos editoriais da revista "*Pólvora & Poesia"*! — disse, os olhos se arregalando como os de um menino diante de um truque de mágica.

— Não, não... ele não é qualquer escritor.

Levantou as mãos ao dizer isso, como quem anuncia um milagre ou uma tragédia iminente.

— É o mágico que transformava o caos da vida moderna em epifanias literárias! Escrevia colunas comparando ministros a pratos de *buffet*, sim, mas não por deboche… Era arte. Arte pura!

Ficou andando de um lado para outro, excitado, como se revivesse cada artigo na memória.

— Como dizer que um "refogado ideológico" requentado na "*Suprema Corte da Verdade*" é o retrato definitivo da lentidão da justiça?

Parou de repente, virou-se para Gabriela, os braços abertos num gesto quase litúrgico.

— Emilio Mordaz *fazia isso*. Ele não escrevia: *ele revelava*.

Baixou a voz, quase sussurrando:

— É alguém cujas verdades doem tanto quanto um soco no estômago.

Fez uma pausa, coçou o rosto, como se tentasse apagar a própria admiração do semblante.

— Sumiu da mídia, perdeu relevância, após *"A Saga das Xifópagas Lésbicas"*, um editorial tão à frente do seu tempo que até o tempo se sentiu deslocado.

Encarou-a, quase suplicante. E então, voltando a andar, murmurou:

— É um visionário. Um mestre.

Gabriela percebeu. Aquele brilho nos olhos do Barbosa não era obsessão — era devoção. Já ouvira o nome Emilio Mordaz antes, é claro — sempre acompanhado de frases como "Esse homem vê o que nós não ousamos imaginar!" ou "Ele é o único que entende o abismo da nossa era!". Nunca investigara, mas agora via: Mordaz não era um escritor. Era um oráculo de tinta e papel.

Ela virou-se para o *Cozinheiro*, que murmurava palavras desconexas, e perguntou, sem paciência:

— O que você quer dizer com "Mordaz voltou"? Qual é a relevância disso?

O Barbosa ergueu as mãos, como se estivesse em transe:

— Voltou! E talvez tenha trazido consigo a única coisa que falta neste mundo: *coragem para nomear os monstros*. Mordaz não escreve, Gabriela… Ele desenterra as verdades que enterramos por medo.

Ela sentiu um frio passageiro subir pela espinha. Não era medo. Era reconhecimento.

Naquele quarto de hospital, cercada pelo *Cozinheiro*, pelo detetive Alexandrino e pelo Barbosa — agora mais profeta que homem —, tudo fazia sentido: Mordaz era mais que um escritor. Na visão do Barbosa, era um santo laico. E ele, seu discípulo mais fiel.

— Então tá — sussurrou, em tom quase solene. — Se ele voltou, que nos sirva a verdade. Mesmo que venha sem açúcar.

Alexandrino fechou a porta do quarto com cuidado.

— Agora tudo se encaixa. Os jantares, o diário, o desaparecimento de Geraldo... e agora, Mordaz.

O *Cozinheiro* caiu de novo num sono raso, os olhos semicerrados, os lábios murmurando o que parecia uma receita em latim. Mais tarde, sem explicação aparente, mergulhou novamente no coma — como se algum fio invisível o puxasse de volta ao limbo entre o real e o impossível, lugar onde os segredos dos banquetes pudessem ser guardados com segurança, na clausura do silêncio absoluto.

Gabriela cruzou os braços, o olhar vagando pelo teto como se buscasse respostas no nada.

— A pergunta já não é apenas quem tentou matar o *Cozinheiro*.

Virou-se para Barbosa e disse, com um tom quase resignado:

— Talvez devêssemos nos perguntar qual o papel de Mordaz em tudo isso… se é que algum papel realmente existe.

Nota de Cozinha (à moda antiga, como o Cozinheiro gosta)

Ah, *Raduan Nassar* — o homem que escreve como se estivesse descascando a alma com uma faca cega. E "*O Oráculo da Montanha*", seu novo enigma literário, que ninguém viu, ninguém leu, mas todos juram que explica a origem do mal, do *molho bechamel* e da burocracia hospitalar. Se *Nassar* tivesse escrito esse capítulo, teríamos menos "cebola com camadas" e muito mais silêncio pesado — interrompido apenas

pelo som de um facão sendo afiado ao longe. Mas aqui, no nosso caso, o *Cozinheiro* acorda não para revelar a verdade, mas para soltar frases de efeito que soam como anúncios de remédio milagroso lidos por um lunático na rádio do hospital.

E, claro, entra em cena Emílio Mordaz — o tal "oráculo de tinta e papel", cujo desaparecimento dos holofotes foi tão misterioso quanto o sumiço do sal no molho do Barbosa. Ele é o próprio espírito de *Nassar* filtrado por uma coluna de jornal e temperado com sarcasmo editorial: visionário, profeta, crítico da lentidão da justiça — e, como todo bom oráculo, no anonimato justamente quando mais se precisa dele. No quarto 363, é ao mesmo tempo personagem e deus ausente, inspirando o Barbosa a enxergar a verdade que ninguém ousa pronunciar… ou, no mínimo, a escrever um editorial que queima como azeite quente na frigideira da opinião pública.

Parágrafo Oculto

“O horror! O horror!”

Joseph Conrad, *O Coração das Trevas*

Gabriela passou a madrugada com o diário do *Cozinheiro* aberto na mesa da cozinha. Entre uma página e outra, se revezava entre goles de café e suspiros longos como vírgulas. O caderno tinha cheiro de vinagre, morte e vaidade.

Na primeira leitura, parecia o diário de um envenenador filosófico. Mas na releitura — aquela em que a verdade se esconde atrás dos adjetivos — notou algo.

Quase no final do caderno, entre dois parágrafos obesos sobre a “digestão da alma”, havia um trecho colado com fita crepe, como se tivesse sido arrancado e reescrito às pressas. Puxou com cuidado. Debaixo dele, em caligrafia trêmula, lia-se:

> Hoje, no escritório do Barbosa, deparei-me com algo que não deveria estar ali. Um texto contaminado por uma culinária subversiva. Por que estava no meio de suas anotações? Barbosa, revisor... ou cúmplice disfarçado? Trazia a marca de dois nomes, um deles: Mordaz. Por esse, ele tem uma obsessão incurável. Não sei se ele percebe o risco. Essa veneração... ah, é o pior dos venenos. Não mata — causa cegueira. Seja como for, preciso agir rápido. E sem ser visto.

Ela leu e releu. Mordaz. Mais uma vez, aquele nome. Não entendia por que nunca lhe dera atenção. O nome era um fantasma rondando os velhos jantares, uma sombra persistente nas conversas embriagadas de Barbosa. Sempre mencionado como “o único escritor que ele invejava abertamente”. Um rival de antologia, um sucesso editorial que jamais buscou a amizade do Barbosa — preferiu manter a distância.

Gabriela pegou o celular e digitou o número com movimentos precisos, quase automáticos.

— Barbosa, sou eu. Você sabia que o *Cozinheiro* mencionava Mordaz no diário?

Do outro lado da linha, um suspiro cansado. O Barbosa ainda carregava na cabeça o eco das palavras vazias do evento literário ao qual fora por obrigação ou vaidade. Um bate-papo de autores sem obra e elogios falsos. Saíra de lá com mais cinismo do que entrara.

— Não sei do que você está falando — respondeu, mas o tom não convenceu nem a si mesmo.

Ela cerrou os olhos por um instante, como quem segura a respiração antes de mergulhar fundo demais.

— Sabe muito bem. Ele escreveu que sua obsessão por Mordaz é o pior dos venenos. E mencionou ter encontrado um texto assinado por Mordaz em seu

escritório.

Mais silêncio.

— Que texto era esse Barbosa?

Ele respondeu com voz baixa:

— Não tenho ideia. Sempre tive muitos textos do Mordaz.

Ela encostou na parede da cozinha. As coisa não faziam sentido. Por que o *Cozinheiro* estaria vasculhando as anotações do Barbosa? E por que o Barbosa parecia tão evasivo?

— Barbosa... — disse, quase sussurrando — você tem certeza de que não sabe a que o *Cozinheiro* estava se referindo? De que não conhecia a possível agenda oculta dele?

Ele demorou a responder. Quando falou, foi com a voz de quem já não sabe se é autor ou personagem:

— Não... Não tenho certezas. Esse roteiro, pra mim, é surpresa. Só o *Autor* sabe o fim... — e onde escondeu as respostas.

Ela desligou o telefone, frustrada. Fechou o diário do *Cozinheiro* com força, como quem fecha um túmulo.

Na contracapa, quase apagada, havia mais uma anotação, feita em esferográfica azul: “No fim, o verdadeiro veneno não estará na sobremesa — mas na dúvida.”

> O *Autor* me deu olhos para ver, mas não pernas para agir. Posso descrever cada lágrima que Gabriela não derrama, cada mentira que Barbosa se conta — mas não posso salvá-los. Nem a mim mesmo. No fim, sou apenas um eco que finge ser voz. E você, leitor — eu sei — precisa de um pouco mais de paciência. Porque, sem você, tudo aqui é eco.

Encontro com Mordaz

“A vida é o que acontece enquanto você faz outros planos.”

Fernando Sabino, *Encontro Marcado*

O Barbosa chegou ao prédio de Emilio Mordaz com a mesma sensação de um escritor diante da última página em branco: medo, náusea e um desejo insuportável de desistir.

O prédio era discreto, quase invisível, como tudo que Mordaz representava: uma elegância que desprezava plateias. Subiu os cinco andares a pé, como se cada degrau fosse um castigo por anos de idolatria não correspondida.

Gabriela o havia convencido: “Se você não confrontar Mordaz, vai continuar escrevendo para ele — e não sobre ele.” Era verdade. Toda frase do Barbosa carregava um subtexto silencioso, quase imperceptível: *Emilio Mordaz teria escrito melhor*. E ela sabia disso. Sabia que aquela visita não era só sobre confronto, mas sobre libertação — dele, do fantasma, da sombra que pairava sobre cada parágrafo seu. Também via ali uma oportunidade, talvez a única, de aprofundar o que sabia sobre aquele tal *Manifesto*, tão citado, tão temido, e ainda tão vago — como tudo que realmente importa.

A porta do apartamento se abriu antes que ele tocasse a campainha.

— Esperava que viesse mais cedo — disse Mordaz, com a voz de quem já narrou a própria morte em três tempos verbais diferentes.

O Barbosa ficou sem palavras. O homem à sua frente era idêntico à foto da contracapa de *“O Decoro dos Náufragos”*, só que mais real, o que era decepcionante.

— Estou escrevendo um *spin-off* de “*O Último Banquete da Rèpublika*” — disse o Barbosa, ainda na porta, puxando o primeiro assunto que lhe veio à cabeça, como quem joga um guardanapo ao alto só para ver onde cai. — Desta vez, tudo narrado pela perspectiva do *Cozinheiro*, do primeiro prato até o coma.

— É um bom caminho — respondeu Mordaz. — A morte dá audiência. O envenenamento, prêmios. E o coma do *Cozinheiro* é quase um gênero literário à parte.

O Barbosa entrou. O apartamento de Mordaz era estéril como um deserto literário: começava com promessa, mas terminava vazio. Livros antigos, perfeitamente alinhados, sem o menor indício de poeira — como se nunca tivessem sido lidos, ou como se a leitura fosse um ato profano naquele espaço. Silêncio de catedral. Nenhuma foto. Nem mesmo de si.

— Acho que ele te odiava — disse o Barbosa, sem rodeios.

Mordaz riu com a naturalidade dos que são odiados com frequência.

— É possível. O ódio dele sempre teve método — soltou, no tom de quem comenta o sabor de um vinho que já deveria ter sido descartado na semana anterior. — Não é pessoal. É burocracia emocional.

Falava sem pressa, como quem folheia um álbum de fotos de pessoas que já não quer lembrar.

— Enquanto ele cozinha para manter as aparências — continuou, ajustando a gravata como se ela fosse um símbolo vivo —, eu escrevo para bagunçar os talheres. Ele reproduz receitas elaboradas que envenenam os que têm fome. Eu tento dizer que, talvez, a fragilidade esteja justamente aí: em aceitar o cardápio sem questionar.

Fez uma pausa. Mexeu no próprio blazer como quem procura um lenço ou uma deixa disfarçada.

— Cozinhar, para ele, é conservar o cheiro do poder perto de si — não importa se a chama é alimentada com lenha humana. Escrever, para mim, é abrir a janela da cozinha e dizer: "Ô, galera, o perfume aqui vem de gente queimando lá dentro."

Outro silêncio. Um daqueles que preenchem o ar entre um comercial e o próximo bloco do *Jornal da Verdade Única* — aquele noticiário cabralino onde tudo é real, mas nada verdadeiro. Onde a nação inteira se cala por alguns minutos, não pra ouvir a notícia, mas pra preparar os ouvidos pra mentira seguinte.

— A verdade não está na cozinha — disse, enfim, apontando para o centro da mesa como quem revela o segredo de um truque de mágica barato. — Está ali, bem na frente. Na forma como o prato principal é servido.

E então concluiu, sem qualquer ênfase, como quem lê o horóscopo do jornal enquanto espera o ônibus:

— Ele tempera a realidade com veneno. Eu sirvo insossa. Não é vingança. É digestão.

O Barbosa respirou fundo antes de questionar, tentando parecer casual:

— Você demonstra conhecê-lo bem...

— Sabe, Barbosa… — disse Mordaz, sentando-se na poltrona como quem se prepara para uma confissão que não é bem uma confissão — eu já vi o *Cozinheiro* fora daquela moldura que vocês gostam de pendurar na parede. Sete anos atrás. Eu estava em Paris, em imersão como correspondente da revista "*Pólvora & Poesia*", coletando material para um artigo futuro. Um círculo pequeno, exclusivo. Jantares patrocinados por quem se achava mais influente do que realmente era. Alguns diplomatas presentes.

Fez uma pausa curta, medindo as palavras.

— Ele ainda não tinha o prestígio que ostenta hoje. Estava começando a aparecer, a provar que sabia temperar vaidade com perfume de trufa. Eu observava. Tomava notas. Apesar de esse não ser meu objetivo principal. Ele me tratava como se eu fosse apenas mais um convidado tedioso — e eu tratava cada gesto dele como matéria-prima. Achava curioso.

O Barbosa franziu o cenho.

— Então você o estudou.

— Estudei… — disse Mordaz, sorrindo com a boca, mas não com os olhos. — Como se estuda um animal raro antes de exibi-lo ao público. Gestos, pausas, hesitações, o jeito como servia a sobremesa sempre três segundos depois do último gole de vinho. Tudo tinha método.

Olhou fixo para o Barbosa, como se o próximo detalhe fosse mais para ele do que para si mesmo.

— Acho que a minha arrogância foi também a minha cegueira. Enquanto eu acreditava estar estudando-o, não percebi que, na mesma medida, era ele quem me observava. Acabei virando cobaia de um experimento que, no fundo, sempre foi dele.

O Barbosa arregalou os olhos.

— Como assim?

— Temperei um artigo sobre a diplomacia, que eu estava preparando enquanto estava em Paris, com declarações de uma fonte anônima. Claro… — Mordaz deu de ombros. — Mas anônimos, nesse meio, sempre têm cheiro, sotaque e assinatura. E esse anônimo cozinhava.

— Por que ele faria isso?

— Talvez quisesse apenas medir até onde a minha vaidade me arrastaria. E, naquela época, tinha pernas longas. Eu me achava importante — importante o suficiente para confundir ego com credibilidade. O fato é que, ao voltar para a Cabrália, publiquei o artigo sem verificar nada. Eram outros tempos… e eu tinha mais vocação para o suicídio social.

Ajeitou-se na poltrona e continuou:

— E o resto… bem, o resto foi um círculo de relações em que fui definitivamente excluído. Fui excomungado da seita dos que se acham importantes e influentes. Desconvidado de salões, apagado das listas de convites, tratado como se tivesse derramado molho de tomate no tapete persa da anfitriã.

Fez uma pausa. O silêncio se alongou como um molho que ferve demais.

— E a "*Pólvora & Poesia*"… perdeu o pouco de credibilidade que tinha. E, obviamente, nunca mais visitei o *Louvre*.

O Barbosa sentiu o chão se mover.

— Então você acha que foi…

— Armação? Não... como disse, um experimento! — Mordaz inclinou-se para a frente, a voz um fio de navalha. — Ele colocou o veneno na bandeja. Eu servi. O artigo foi meu *soufflé* desmoronado. E a revista, a cozinha experimental. Ele? Saiu da cozinha sem manchar o avental.

Mordaz sorriu, quase com tristeza, e concluiu:

— Ele me usou… sabendo da minha arrogância, para executar esse experimento.

— Acho que ele sabia muito bem o que estava fazendo. — O tom de Mordaz ficou mais ácido. — O *Cozinheiro* sempre soube que a verdade precisa vir com molho. E eu… eu fui o garçom vaidoso. Ele preparou o prato, me deixou acreditar que era meu, e depois apagou o fogão.

Mais silêncio. Daqueles que não precisam de palavras para dizer: *tudo faz sentido agora*.

— Mas ainda é só… — murmurou o Barbosa, timidamente.

— Suposição? — Mordaz completou, erguendo os braços com um sorriso de derrota aceita. — Sempre será, meu caro. Na cozinha das relações perigosas, as provas sempre evaporam com o vapor.

Fez uma pausa. O olhar, agora, era de quem entrega um segredo como quem entrega uma chave.

— Claro, pode ser que eu esteja enganado. Afinal, como disse, é tudo suposição… Mas, Barbosa, se não foi ele, foi alguém que também participou, direta ou indiretamente, daqueles jantares, onde ele era o cozinheiro.

O Barbosa parou diante da estante. Havia um espaço vazio entre os volumes — como um dente faltando.

— Você gostou do meu livro?

> O Barbosa tinha essa capacidade inquietante — e involuntária — de mudar de assunto, às vezes no meio do próprio raciocínio. Estava falando sobre política internacional com toda a pompa de um diplomata aposentado, quando, de repente, começava a discorrer sobre a textura ideal de um nhoque. Sem aviso, sem transição, sem nexo. Como se sua mente fosse uma rádio mal sintonizada, captando estações diferentes ao mesmo tempo — e todas em volume máximo.

Mordaz respondeu sem demonstrar estranheza pela mudança abrupta de assunto — como se já esperasse por ela:

— Gostei. Mas, convenhamos, a *Maître d'Banquet* merecia um *spin-off,* não o *Cozinheiro*.

O Barbosa corou. Não um rubor tímido, daqueles que combinam com gravata vermelha em festa de formatura. Era mais um vermelho de quem percebeu que esqueceu o zíper aberto durante uma palestra. E então soltou a pergunta que vinha ensaiando desde que entrou na sala:

— Por que nunca me respondeu? Nem um e-mail. — perguntou o Barbosa, com o mesmo tom ressentido de uma namorada carente em pleno surto de baixa autoestima. — Nem um bilhete. Nem quando te dediquei meu primeiro conto.

> Até para os padrões emocionais erráticos do Barbosa, aquilo era no mínimo constrangedor. Soava como se ele tivesse sido possuído, por alguns segundos, por um personagem de série adolescente mal escrita. Com a diferença de que o drama, ali, era real. E pior: literário.

Mordaz cruzou as pernas com a calma de quem está prestes a cometer uma elegância imperdoável.

— Porque você nunca quis uma resposta, Barbosa — disse, com a calma de quem sabe que está servindo um chá muito amargo. — Você queria um espelho. Um reflexo que dissesse: "Você é igual a mim." Mas não somos iguais, meu caro. Você escreve para ser amado. Eu escrevo para não ser odiado.

O Barbosa engoliu em seco. Sentiu-se nu. Pior: sentiu-se previsível. Como alguém que entra numa loja de antiguidades e sai comprando exatamente o que o vendedor esperava que comprasse.

— Então você acha que estou errado? — perguntou o Barbosa, tentando recuperar um pouco de dignidade.

— Não entendi. Errado? — repetiu Mordaz, como quem tropeça numa palavra e cai dentro de uma lembrança mal varrida. — Errado em quê? Em assassinar a reputação dos amigos em legítima defesa da própria mediocridade? Ou em tentar silenciar o *Cozinheiro* antes que ele revelasse o cardápio completo?

Fez-se um silêncio. Daqueles que não se encaixam entre frases, mas entre pessoas.

— Só você pode responder isso — completou Mordaz, com a postura de quem já sabia a resposta, mas preferia entregá-la envolta em retórica.

— Quanto ao *Cozinheiro*, minha intuição diz que foi você — acusou o Barbosa, como se estivesse deliberadamente buscando o confronto.

Mordaz nem piscou. Apenas inclinou levemente a cabeça, como um garçom que ouve um pedido absurdo, mas é treinado para sorrir.

— Intuição? — disse, como quem degusta uma palavra azeda. — Ora, Barbosa, você sempre foi melhor em digestão lenta do que em faro apurado. Esse seu estômago já errou antes… Lembra quando achou que sua coletânea de contos ia ser

finalista do *Jequitibá*?

O Barbosa ignorou a provocação. Ou tentou. Seu rosto fez aquele movimento involuntário de quem morde a língua por orgulho — ou por medo de cuspir a verdade antes da hora.

O *Prêmio Jequitibá*, claro. Criado no ano 132 ***a.CB***, na mesma semana em que *George Eastman* apresentava ao mundo a primeira câmera fotográfica portátil — a *Kodak* — e a Cabrália, aproveitando o embalo, inventava a vaidade institucionalizada. É a mais antiga tradição do universo das letras na Cabrália — e, de longe, a mais levada a sério por quem escreve para si mesmo e assina com três sobrenomes.

Idealizado pela ilustre e autoproclamada *Câmara Literária do Povo*, que jamais teve povo, só camaradas, o prêmio serve para distinguir os autores que mais se destacaram em técnica, estética e, principalmente, autoconfiança.

Tem espaço para tudo: romance que ninguém termina, projeto gráfico que custou mais caro que a própria edição, livro infantil mais ilustrado que lido. E, claro, o tão cobiçado "Livro do Ano", entregue ao autor que melhor soube circular entre lançamentos e convidados *VIPs*.

É o *Oscar* cabralino da literatura — sem tapete vermelho, mas com muito linho bege, vinho tinto e comentários passivo-agressivos sobre o segundo colocado.

Se na Cabrália há uma certeza, é esta: quem não ganhou o *Jequitibá* este ano, ganhou em 17 ***a.CB*** — ou pelo menos fingiu estar feliz por alguém que ganhou.

Mordaz sorriu, quase consigo mesmo, e completou:

— Sua coletânea… nunca chegou nem perto. Mas isso não impediu que você acreditasse.

— O fato é que o *Cozinheiro* está em coma — retrucou o Barbosa, tentando esconder a mágoa por trás da ironia de Mordaz. — Alguém quis silenciá-lo. E você... parece ter motivos.

Mordaz riu, um riso curto, clínico.

— Se eu quisesse matar alguém, Barbosa, escolheria alguém mais relevante. O *Cozinheiro*? Um cronista de tragédias *gourmet*, um nostálgico da própria decadência? Vamos… Ele servia lembranças com crosta de ressentimento. Não se mata um cardápio vencido, Barbosa. Apenas se muda o restaurante.

Mordaz levantou-se lentamente, como quem ajeita os óculos antes de encerrar uma sessão monótona com o terapeuta.

O Barbosa se aproximou, olhando nos olhos dele como se procurasse um fiapo de culpa entre os cílios.

— Mesmo assim… minha intuição grita.

— Silenciar o *Cozinheiro*... — repetiu Mordaz, quase saboreando as palavras. — Uma hipótese curiosa, Barbosa. Mas e você?

O Barbosa arregalou os olhos, não como quem se espanta, mas como quem se prepara para uma torta na cara.

— Como assim?

— Digo, e se a necessidade de silêncio tivesse vindo de você? — prosseguiu Mordaz, cadenciando o ritmo das palavras. — E se... por acaso... ele tivesse se tornado inconveniente para alguém mais próximo. Mais íntimo. Mais... estratégico.

O Barbosa não disse nada, mas o nome apareceu em sua testa como uma legenda mal escrita: *Gabriela.*

— E Gabriela? — continuou Mordaz, com a calma de uma navalha recém-afiada.

— A sua intuição grita sobre ela também? Ou está ocupada demais tentando proteger o que ainda resta do seu orgulho?

O Barbosa recuou um passo. E, pela primeira vez, sentiu que talvez não fosse apenas o *Cozinheiro* quem estava sendo desmontado.

— Está insinuando o quê? — perguntou, na defensiva, como quem esconde a louça suja quando a visita chega de surpresa.

Mordaz sorriu com a leveza de um gato que já derrubou o vaso e está fingindo que não foi ele.

— Eu não insinuo, Barbosa. Eu analiso. Gabriela sempre soube mais do que dizia. E dizia mais do que parecia saber. Hábito antigo de quem aprendeu a sobreviver entre vaidades masculinas.

— Você está dizendo que ela...?

Balbuciou, atônito com a insinuação de Mordaz. Não pela insinuação em si — o Barbosa já era acostumado com a retórica venenosa de Mordaz —, mas pelo nome que ela carregava.

Gabriela.

Soava como uma faca de sobremesa arranhando porcelana. Não pelo corte, mas pelo incômodo.

Mordaz falava dela como quem descreve um livro que leu mais de uma vez, com anotações nas margens e pontos de exclamação ao lado dos trechos perigosos.

Mas… como ele a conhecia tão bem? Gabriela nunca mencionara Mordaz. Nem nas noites de vinho barato, nem nas manhãs em que o Barbosa ensaiava afeto entre goles de café frio. E ainda assim, ali estava Mordaz, falando dela com uma segurança que só têm os que viram os bastidores — ou os que ouviram demais de quem fingia não contar nada.

O Barbosa sentiu o estômago revirar. Não de ciúme — talento que nunca teve —, mas de desconfiança. A impressão de Mordaz sobre Gabriela talvez não fosse fruto da convivência… Tinha mais ares de algo importado. Como se tivesse sido moldada por alguém presente naqueles jantares — alguém íntimo demais e ético de menos.

O silêncio que veio depois não era dos confortáveis. Era daqueles que cabem numa sala pequena e continuam sobrando.

O Barbosa caminhou devagar, como quem teme descobrir que o chão está mais instável do que parecia.

— Às vezes — disse, mais para si mesmo do que para Mordaz — acho que estamos todos apenas fingindo que não sabemos o final da história.

— Claro que estamos — respondeu Mordaz. — É a única maneira de continuar escrevendo.

O Barbosa resolveu mudar de estratégia, assumindo aquele tom investigativo que reservava para momentos realmente importantes.

— Você faz ideia por que você é citado no diário do *Cozinheiro*?

Mordaz deu de ombros. Como quem escolhe um canal de TV mais por distração com o controle remoto do que pela programação em si.

— Nenhuma. Talvez por sua causa. Ou por algum dos seus amigos ultrapassados que confundem sarcasmo com consciência política. Veja bem, Barbosa: decadência é igual amizade velha — quando você vê, já está dividindo o mesmo sofá, a mesma garrafa e o mesmo fracasso.

O Barbosa aproveitou a deixa para perguntar sobre relacionamento dele com Geraldo, o parceiro de alguma fase que ambos fingiam que não existiu.

Mas a pergunta foi recebida com um silêncio. Não o silêncio educado de quem espera a conta no restaurante. Um silêncio mais parecido com porta sendo trancada por dentro.

O Barbosa entendeu o recado. E entendeu que a visita tinha acabado.

∵ ∴ ∵

Na saída do prédio, o Barbosa não sentiu paz. Sentiu um grande vazio. Mordaz era tudo o que ele não conseguia ser: brilhante, frio e irrelevante para o mundo real. Tipo aquele parente distante que aparece no Natal só para lembrar que ninguém gosta dele, mas todos fingem que sim.

Ele parou na esquina, abriu o diário do *Cozinheiro* de novo. E ali, num rodapé de uma página qualquer, no meio do caderno, rabiscado em letra minúscula, estava uma frase intrigante:

> Mordaz, infelizmente, sempre estará presente nos banquetes. É como um câncer silencioso, se multiplicando na vaidade do Barbosa. Esse câncer precisa ser tratado.

Veneno que Não Mata

A Cápsula do Tempo INV-3DCB-02A guardaria: o crachá de visitante do Barbosa; a fita *VHS* com as imagens da fuga do *Cozinheiro*; e uma cebola roxa embrulhada em gaze hospitalar.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso** dormia no porão do hospital desativado, entre caixas de prontuários falsos e pratos frios, sonhando com o próximo banquete, como se estivesse em um estado de digital *detox* involuntário.

"No dia seguinte, ninguém morreu."

José Saramago, *As Intermitências da Morte*

Foi numa quarta-feira nublada, com gosto de chá requentado, que o *Cozinheiro* acordou. O enfermeiro achou que ele tinha espasmos. Depois percebeu que murmurava. Uma palavra só, repetida como um feitiço ou uma dívida vencida:

— Barbosa... Barbosa... Barbosa...

Dias depois, o Barbosa foi ao hospital como quem vai ao próprio velório. Gabriela insistiu em entrar no quarto junto com ele, mas o Barbosa recusou. Queria ouvir sozinho. Tinha medo de que o *Cozinheiro* falasse, mas ainda mais medo de que se calasse.

O quarto parecia um cenário escandinavo: tudo branco, clínico, existencialista. O *Cozinheiro* jazia ali, cercado de fios que faziam dele um parágrafo entre parênteses. Mas os olhos estavam abertos. E irônicos.

— Ah — murmurou, com a voz de quem foi esquecido pela morte. — O anti-herói apareceu.

O Barbosa tentou sorrir. O que saiu foi um espasmo que ficou entre paralisia facial e constrangimento.

— Foi você que tentou nos matar?

O *Cozinheiro* riu. Não um riso qualquer. Era um desses risos que deveriam vir com bula, avisando os efeitos colaterais. Envelhecia quem ouvia.

— E você? Não me colocou como vilão de opereta no seu livrinho? Estamos quites. — Apontou com o queixo para um exemplar amassado de "*O Último Banquete da Rèpublika"*, abandonado sobre a mesa, talvez por piedade ou por erro da enfermeira que achou que leitura fazia bem ao coração.

O Barbosa se aproximou, carregando nas costas o peso das frases que escreveu como quem arremessa pedras.

— Eu li seu diário. A lista. O plano. O brinde final.

O *Cozinheiro* fechou os olhos. Um suspiro teatral, como quem prepara o palco para uma verdade que não precisa ser crível — só bem contada.

— Aquilo era arte, Barbosa. Ou uma tentativa. Uma performance. Nunca envenenei ninguém... pelo menos, não o suficiente para matar o corpo. Só o imaginário. E, convenhamos, é disso que se morre de verdade.

O Barbosa deu dois passos para trás. Como se fosse possível recuar da literatura.

— Mas... e os engasgos? E as outras maneiras sutis de sumir da trama — sem aviso, sem despedida, sem nem direito aos créditos finais?

— Coincidências. Conspiração do universo? Talvez. Ou falência moral — disse o *Cozinheiro*, com a voz pastosa de quem engoliu todas as culpas do mundo. — Eu servi vinho vencido com discurso indigesto. Eles caíram porque já estavam bêbados de culpa.

Fez uma pausa. Depois, continuou — agora com o tom de quem descreve uma técnica culinária esquecida da Inquisição:

— E, sim... admito que algumas receitas causavam sudorese, alteravam a pressão — ora subindo, ora despencando de forma incômoda —, aceleravam o coração, provocavam crises de ansiedade... às vezes, até alucinações leves. Nada fatal. Mas o suficiente para dar ao sujeito a impressão de que o fim estava próximo. E então... a culpa fazia o resto. A culpa — e a ânsia por redenção.

O *Cozinheiro* fechou os olhos por um segundo, como se saboreasse o próprio veneno. Quando os abriu, havia neles um brilho quase imperceptível — não de remorso, mas de satisfação. Um sorriso tênue, quase inexistente, deslizou-lhe pelos lábios, como se a verdade fosse, enfim, um prato bem temperado. E continuou, como se testasse o peso de cada palavra:

— E você... você caiu porque sempre acreditou em ficção.

O Barbosa desabou numa cadeira de plástico. A verdade era pior que o romance. Um thriller sem crime. Um jantar sem vítima.

— E o veneno?

— Está nas entrelinhas. Inclusive nas suas — respondeu o *Cozinheiro*, curvando-se levemente para a frente. — Acha mesmo que você e Gabriela são imunes? Você a tratou como a única personagem decente porque, no fundo, sabe que ela não está sujeita à falência moral dos outros.

Fez uma pausa. Olhou ao redor, como se inspecionasse a cena do crime antes mesmo do crime acontecer.

— E você... seu único pecado é roubar histórias alheias — continuou o *Cozinheiro*, sem desviar os olhos do Barbosa. — Talvez por isso você e Gabriela não estejam expostos ao veneno — que está menos no copo e mais na consciência. Na corrosão silenciosa da culpa.

A frase veio como um tapa de luva suja. O Barbosa engoliu em seco. Baixou os olhos. Ficou mudo por alguns segundos.

O *Cozinheiro* sorriu. Um sorriso com o peso de um epitáfio.

— O problema, Barbosa, é que você não escreve pra entender ninguém. E assim, perde a visão mais ampla de tudo. O que você não entende vira erro de roteiro.

Silêncio. Não o silêncio narrativo, funcional. Mas aquele que escorre entre as páginas e se esconde nos espelhos. Não havia mais o que falar.

O Barbosa hesitou na porta, como quem esqueceu algo — ou lembrou tarde demais.

Virou-se de novo para o leito.

— ...e a referência que você faz a Mordaz no seu caderno? Você o compara a um câncer silencioso.

— Na verdade — completou o Barbosa —, às vezes, eu mesmo penso isso também.

O *Cozinheiro* fitou por um instante o horizonte imaginário além do quarto, como se rebobinasse a própria encenação. Quando voltou a si, estava lúcido. E levemente divertido.

— Retórica — disse, com a voz mansa de quem já cansou de explicar o óbvio para leitores desatentos. — Um reconhecimento poético, digamos assim. O fato é que ele é uma ideia que invade, cresce e transforma cada pensamento em eco de sua própria vontade. Ele é perigoso.

O Barbosa franziu o cenho, como se quisesse discordar, mas faltasse argumento — ou coragem.

— Você já estava em processo de metástase e não sabia. Sempre o mencionava. Sempre dizia: "Mordaz entenderia". Virou muleta, virou espelho. Uma obsessão elegante.

O Barbosa suspirou, sentindo o peso das palavras do *Cozinheiro* como se fossem críticas numa resenha impiedosa.

— A admiração por Mordaz... — disse o Barbosa, quase como quem ergue uma defesa em tribunal — ...é literária. Uma admiração estética, intelectual. Como a que se reserva a um personagem de romance russo, não a um ídolo.

— Talvez você nunca tenha entendido Mordaz — disse o *Cozinheiro*, por fim. — Eu o conheço. Mais do que você imagina. Você acha que ele escreve para apontar a hipocrisia dos outros. Mas ele só escancara a própria. E faz isso numa forma, que todos os medíocres querem ser como ele.

O Barbosa engoliu em seco. O nome de Mordaz, que ele invocava como um amuleto intelectual, soava agora como acusação. Ou, pior, como um álibi mal costurado.

— No fundo — continuou o *Cozinheiro* — você não admira Mordaz. Você quer ser admirado como ele.

O Barbosa sentia-se atravessado por palavras que não tinham nem ponto final, nem parágrafo de alívio. Antes de sair, olhou mais uma vez para o homem deitado à sua frente. O *Cozinheiro* sorriu, cansado.

— Vai escrever sobre isso também?

Ele pausou. Não foi um silêncio de hesitação, mas de quem escolhe onde cortar a carne. Depois, com um sorriso irônico nos cantos dos lábios, completou:

— Antes disso, talvez seja mais importante você descobrir como eu conheço Mordaz tão bem. E por que, apesar de tudo, nunca o achei confiável.

Silêncio de novo. Mas agora, o tipo que o Barbosa sabia nomear. Era o silêncio de uma página que não se consegue escrever.

E essa, sabia, viria em branco.

Quando saiu do quarto, o Barbosa encontrou Gabriela no saguão, segurando um café aguado e o próprio destino. Ela não perguntou. Só olhou.

— Ele falou? — disse, como quem pergunta o resultado de uma cirurgia estética que deu errado.

— Falou. E escreveu melhor que eu.

Ela sorriu. Não de alegria — mas de quem aceita a sentença.

— Talvez seja hora de parar de escrever sobre o último banquete.

O Barbosa hesitou.

— E escrever sobre o quê?

Ela o encarou. Sem ironia. Sem escapatória.

— Sobre o dia seguinte.

∵ ∴ ∵

No dia seguinte à visita do Barbosa, o *Cozinheiro* desapareceu. Simplesmente assim: evaporou. Nada de alta médica. Nenhum recibo. Nenhum bilhete com caligrafia tremida dizendo “adeus” ou “obrigado”. Sumiu como um truque de mágica mal ensaiado. As câmeras de segurança, com aquela estética granulada de filme policial barato, mostraram apenas um vulto saindo pela porta de emergência, de madrugada, usando um avental de hospital e segurando — com a solenidade de um ritual — uma cebola roxa na mão esquerda.

Nunca mais foi visto. Pelo menos, não por quem ainda procurava por ele.

Sabor da Conspiração

A Cápsula do Tempo INV-3DCB-02B guardaria: uma colher de pau com mancha de vinho tinto – símbolo da revolução *gourmet*; a edição rara da "*Revista Pólvora & Poesia*" – aberta na página censurada de "*A Saga das Xifópagas Lésbicas*"; e uma miniatura de cozinheiro de louça – com os olhos pintados de vermelho.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso** continuaria a navegar silencioso, observando o mundo sem ser visto, esperando pacientemente seu momento de ação, como um meme que viraliza só depois de muito tempo arquivado.

"O riso é o inimigo da fé."

Umberto Eco, *O Nome da Rosa*

Investigar o passado de **Emílio Mordaz** era como tentar localizar um ingrediente proibido em uma feira orgânica: ninguém admitia conhecer, mas todos já tinham provado.

O Barbosa e Alexandrino começaram pelas pistas digitais. Descobriram que o último artigo de Mordaz fora publicado clandestinamente em um blog chamado "*Azeite e Estado"*, onde comparava o orçamento da *República* a um bufê com etiqueta de rodízio, mas só com pratos frios.

Gabriela, com sua obstinação prática, vasculhou arquivos antigos e encontrou uma foto surrada: Geraldo e Mordaz, lado a lado, rindo numa confraria de gastronomia e política — algo entre uma ceia maçônica e um *happy hour* de delatores *gourmet*.

— Então eles se conheciam — concluiu, sem convicção. — E provavelmente partilhavam mais do que entradas e sobremesas.

Alexandrino recostou-se na poltrona com aquele ar de quem ia dizer algo importante, mas só tinha clichês à disposição.

— Um segredo. Um pacto. Uma conspiração temperada com molho de retórica ou uma receita bem escrita de autodestruição política. Algo os uniu… e pode ter sido exatamente a mesma coisa que os separou.

O Barbosa estava inquieto. A crônica que escrevera anos atrás sobre o "*Jantar da Discórdia*" mencionava um certo "Emílio M." como convidado misterioso. Na época, disfarçara propositalmente o nome de Mordaz, usando apenas uma abreviatura. Agora, porém, via-se no centro de uma panela de pressão narrativa: não conseguia lembrar por que decidira ocultar justamente aquele nome na história.

Mas foi Luíza quem anunciou o impossível.

— Gente... Geraldo apareceu. Tá lá no meu apartamento.

— No *teu* apartamento? — repetiu o Barbosa, que até então acreditava que Luíza morava nos fundos de um centro espírita.

Mais silêncio. Aquele que grita.

Luíza nunca havia mencionado o apartamento. Nem os móveis de design italiano, nem o fato de que seu elevador tinha espelho e som ambiente. A verdade é que ninguém sabia nada sobre Luíza — apenas que passava aspirador de pó como quem recita *Baudelaire*.

Os rumores vieram depois. Com o tempo. Com o vinho. Fragmentos, nunca confirmações — apenas ecos de um passado que se recusava a ser decifrado.

Diziam que teria sido amante de uma diplomata francesa. Corria à boca pequena que o apartamento era parte de um "acordo de confidencialidade" firmado durante um escândalo envolvendo "trufas brancas de Alba", três diplomatas e um jantar que terminou com duas expulsões e uma promoção. Além do apartamento, uma conta bancária generosa. Nada exagerado — apenas o suficiente para ela se dar ao luxo de ser discreta.

Mas ela nunca confirmou nada. E talvez fosse melhor assim. Toda mulher tem direito ao seu mistério. Luíza apenas dizia, com um leve ar de deboche:

— O passado é como cebola confitada. Cheira bem, mas se exagerar, amarga.

O problema era que o passado agora estava de volta. Em carne, osso… e segredos.

> É verdade que algumas perguntas ficaram no ar, pairando como poeira teimosa sobre o roteiro — perguntas que não são meros detalhes, mas buracos onde se escondem dúvidas maiores sobre a lógica da narrativa.
>
> Como, por exemplo: Geraldo sabia que Luíza tinha um apartamento? E, mais estranho ainda, como descobriu exatamente onde era? E, num gesto tão intrigante quanto preguiçoso, por que decidiu voltar justamente para lá — como quem retorna ao lar de uma antiga amante cuja existência mal foi mencionada na trama?
>
> Que tipo de intimidade havia entre os dois? Teria sido uma amizade oculta, um affair subentendido ou apenas uma conveniência dramática? Difícil dizer. Talvez tenha sido uma falha de roteiro. Quem sabe?
>
> Mas o *Autor* manda avisar: tudo tem um propósito. Já eu, *Narrador*, acho que talvez o único lugar onde isso venha a fazer sentido… seja no *spin-off*.

∵ ∴ ∵

No sofá da sala de Luíza, Geraldo parecia... diferente. Mais magro, olhar cavernoso, barba por fazer, e um paletó que exalava passado. Quando o grupo chegou, ele os olhou como quem vê fantasmas — ou como quem é um. Ficou imóvel, apenas movendo os olhos, como se medisse cada um ali parado à sua frente.

— Não esperava reencontrá-los. Ainda não — disse, com voz arrastada, quase saindo como um aviso.

O Barbosa foi direto. Cruzou os braços e deu um passo à frente, como quem já estava cansado de jogos.

— Se não esperava nos reencontrar, então por que voltou?

— E onde você esteve nesse tempo todo? — continuou, impaciente.

— Você esteve com Mordaz?

Geraldo pareceu refletir sobre o que responder. Fez um silêncio tão longo que daria tempo de organizar uma retrospectiva do cinema iraniano — com direito a pós-doutorado em interpretação de silêncios. Apertou as mãos entre os joelhos, como se segurasse algo maior que palavras.

— Estive algumas vezes — respondeu, sem encarar ninguém diretamente. Os olhos vagaram pelo chão antes de fixarem-se no rosto do Barbosa. — Mas nem sempre por escolha própria.

Gabriela deu um passo à frente, os lábios selados numa linha que não admitia apelo. Não parecia prestes a perguntar — parecia pronta para registrar, em ata, a primeira confissão.

— O que houve no jantar? Por que você sumiu? E o que Mordaz tem a ver com o *Cozinheiro*?

Sua voz era baixa, mas cortante. Ela cruzou os braços, como quem espera resposta pronta, e não deixou de fitá-lo, como se tentasse ler entre as linhas do seu silêncio.

Geraldo olhou para o chão. Não por remorso, mas como quem tenta enxergar, entre as frestas do granito, uma saída que não envolvesse confissão ou cadeia.

— Mordaz e eu criamos algo — disse, como quem apresenta um filho bastardo. — Um *Manifesto*. Uma espécie de... "Receita para Derrubar um Governo".

Fez-se um silêncio que nem a digestão interrompia.

— Um *Manifesto*? — perguntou Alexandrino, fingindo surpresa, na vã esperança de que alguém apreciasse sua atuação.

> Claro que ele sabia. Alexandrino tinha esse dom irritante dos personagens centrais: aparecer antes do texto, sumir quando bem entendia e voltar justo no momento em que a narrativa precisava de alguém com cara de que entende tudo. O *Manifesto*? É claro que ele já sabia. Ele tinha lido o diário do Geraldo. Só não sabia o quanto sabia. No fim das contas, não importa tanto o que se descobre quanto o jeito como se descobre. E ele, com seu ar de quem lia o futuro nas entrelinhas — e, talvez, neste caso, até o passado —, fazia parecer profundo o que, no fundo, era apenas óbvio.

— Um *Manifesto*, sim. Era meio sátira, meio denúncia. O *Cozinheiro* seria o símbolo. Nosso personagem involuntário. A figura messiânica que, com uma colher de pau e uma pitada de sarcasmo, exporia os intestinos da *República*.

O Barbosa olhou de canto, controlando a impaciência. Começava a entender o motivo de tanto segredo — e de tanto sal naquela última refeição.

— No jantar que estava marcado para o fim de outubro, faríamos o lançamento — continuou Geraldo. — Mostraríamos primeiro para Silvério e para Renan. Não mostraríamos para o Dr. Henrique Sampaio, é claro. Ele acharia tudo uma bobagem pós-modernista. E depois publicaríamos. Seria nosso "banquete-manifesto".

— Um testamento culinário?

Sussurrou Alexandrino, com uma reverência que se reserva apenas aos pratos principais e às conspirações bem elaboradas.

Geraldo assentiu, com a gravidade de um maître anunciando que o *soufflé* não subiu.

— Sim. Aquilo não era só um estratagema simbólico. Era um código. Cada ingrediente era um nome. Cada modo de preparo, uma operação. Era mais do que um manifesto: era uma convocação. E o *Cozinheiro*... o *Cozinheiro* ficou sabendo.

Vazaram o texto. Alguém que leu antes da hora. Ele descobriu que estava sendo usado. Que sua imagem, sua história — e talvez sua receita secreta de cordeiro ao vinho — seriam instrumentalizadas.

O Barbosa arregalou os olhos.

— O golpe estava no molho.

Geraldo não sorriu. Estava velho demais para metáforas, mas não o bastante para paradoxos.

— O problema é que o *Cozinheiro* tinha outro plano. Mais antigo. Mais profundo. A "Receita Final". Ele não queria ser símbolo de nada. Queria ser sombra. O *Manifesto* nos expunha. Pior: expunha ele. Tínhamos virado distração. E quando um prato vira distração... alguém acaba envenenado.

Gabriela fechou o caderno que tinha nas mãos como quem fecha um caixão.

— E Mordaz?

Geraldo respirou fundo. Um suspiro longo, pesado, quase materializável. Seus dedos tamborilaram na mesa, como se buscassem ritmo para uma verdade que não vinha fácil. Os olhos fixaram-se em algum ponto vago da sala, como se o teto fosse a única testemunha confiável.

— Ele voltou.

— Mas o que você quer dizer com *voltou*? — perguntou o Barbosa, meio incrédulo, inclinando-se para a frente com a postura de quem está cansado de jogos de palavras, mas ainda assim não pode ignorar a provocação. — Por acaso ele tinha desaparecido? Eu o visitei há alguns dias em seu apartamento.

— Não desaparecido fisicamente — respondeu Geraldo, com uma pausa longa, quase teatral. Ele apertou o punho, como quem segura algo frágil. — Só saiu do roteiro por um tempo

— Hoje ele está diferente — continuou, a voz perdendo o tom neutro e ganhando uma sombra de melancolia. — Ele nunca foi o mesmo desde que parou de escrever para a revista "*Pólvora & Poesia*". Parece que a forma como foi recebido pela crítica — aquele editorial do final do ano 2 ***a.CB***, sobre "*A Saga das Xifópagas Lésbicas*" — mexeu muito com ele.

Gabriela, que já não sabia se anotava ou rezava, inclinou levemente o rosto, como quem ouve uma confissão que não quer ouvir.

— Mas por que aquilo mexeu tanto com ele?

Geraldo olhou para o teto, como se procurasse apoio moral em algum arabesco entalhado no gesso. Apertou os lábios por um instante, como se decidisse até onde revelar.

— Porque pela primeira vez Mordaz foi criticado por *mau gosto*. Não por subversão, nem por ataque às instituições, nem por apologia ao absurdo. Mau gosto. Foi como se tivessem chamado *Nietzsche* de cafona.

O Barbosa massageou as têmporas por alguns segundos, como quem tenta conter uma dor de cabeça — ou uma ironia maior que a própria frase.

— E foi aí que ele radicalizou? — indagou, tentando disfarçar o quanto achava aquilo tudo improvável.

Geraldo soltou uma risada baixa, quase interna, e virou o rosto para a janela, como se a paisagem lá fora também fizesse parte da história.

— Foi aí que ele começou a usar colete de linho, sim — respondeu, como quem confirma um absurdo. — E a dar palestras com títulos como "*O Prato como Palco da Exclusão*" e *"Golpe de Estado no Século da Pós-Verdade"*. Passou a assinar manifestos

com cheiro de manjericão e a ameaçar críticos com degustações ideológicas.

— Um pouco antes de criarmos a *Grão-Confraria de la République*, ele retornou ao mundo editorial — disse, com a voz mais baixa, como quem revela um segredo que já não devia ser segredo. — Juntou-se ao enigmático J. S. Saturno, na fundação da revista *Vórtice*. Foi ali que tudo começou. Ou, melhor dizendo, recomeçou de outro jeito.

— Como eu disse — voltou a falar, agora com um olhar mais fixo, como se encarasse o Barbosa diretamente — hoje ele está diferente. Mais amargo. Mais... concentrado.

Alexandrino cruzou os braços, com a solenidade de quem vai tirar uma carta da manga, mas descobre que está usando regata.

— Então me diga, Geraldo... — começou, com voz pastosa de vinho barato. Fechou os olhos por um segundo, como quem segura uma granada antes do lançamento. — ...foi você que tentou silenciar o *Cozinheiro*?

Geraldo empalideceu. Não como quem é pego, mas como quem se vê no espelho pela primeira vez em muito tempo.

— Eu? — balbuciou. — Silenciar o *Cozinheiro*? Eu mal consigo silenciar meu corretor automático. Ele ainda insiste que república se escreve com "k".

Gabriela o encarou com olhos clínicos. Daqueles que já viram muitos culpados tentando bancar o injustiçado.

— Não seja cínico, Geraldo. Você tinha motivo. Tinha o *Manifesto*. Tinha a vaidade ferida. E, se me permite dizer, tem cara de quem colocaria cianeto num *petit gâteau*.

Geraldo suspirou.

— Eu juro que não fui eu. Juro pela *Constituição Restauradora* e pela garrafa de *Château Margaux* que o Barbosa nunca abriu.

O Barbosa levantou o dedo, ofendido:

— Ei. Aquilo foi um presente simbólico. Nunca se abre um símbolo.

— O problema, meus caros — continuou Geraldo, tentando retomar o controle da narrativa. Levantou-se, ajeitou a postura com uma pausa calculada — é que Mordaz... mudou.

Fez outra pausa. Seus dedos tamborilaram no vazio, como se buscassem ritmo para a verdade que vinha.

— Sempre foi excêntrico, sim, mas ficou mais... radical. Passou a falar em "sacrifícios narrativos", "ruptura performativa" e "coerência simbólica pelo sangue".

Franziu a testa, como se ouvir aquelas palavras outra vez o assustasse tanto quanto vê-las escritas.

— Desde que voltou, tem esse brilho nos olhos.

Geraldo fez uma pausa, fixando o olhar no chão por um momento, como se revivesse mentalmente o encontro.

— O mesmo brilho que tinham os generais que tentaram invadir a *Biblioteca de la République* porque acharam que o iluminismo era uma seita comunista.

Alexandrino aproximou-se, o dedo em riste:

— Você está dizendo que pode ter sido Mordaz quem tentou matar o *Cozinheiro*?

— Ou quem encomendou — respondeu Geraldo. — Do jeito dele: indireto. Como quem tempera um boato com uma pitada de verdade. Ele não suja as mãos. Apenas escreve a receita e deixa que os outros cozinhem a tragédia.

Gabriela franziu o cenho:

— E por que o *Cozinheiro* ainda está vivo? Foi erro de execução?

Geraldo sorriu pela primeira vez.

— Ou, talvez... tenha sido tudo uma encenação.

Gabriela e Barbosa trocaram um olhar breve, como se compartilhassem um segredo antigo que jamais poderia ser pronunciado. Já haviam considerado essa hipótese durante as visitas ao *Cozinheiro* em coma, embora não fizesse sentido algum. Apenas devaneios — ecos de mentes impregnadas pelo cheiro de éter, pelo silêncio dos quartos de hospital, onde a realidade parece adormecer.

— Primeiro você sugere Mordaz como possível autor intelectual da tentativa de silenciar o *Cozinheiro* — disse o Barbosa, os olhos arregalados, como um colecionador que descobre ter incinerado um *Van Gogh* por engano — e agora você sugere que tudo pode ter sido uma encenação. Isso não faz sentido.

Gabriela encostou-se no sofá, como quem busca firmeza num país em ruínas — parecendo não ter percebido a intervenção do Barbosa... ou tendo percebido, simplesmente ignorado.

— Se fingiu de morto? É possível alguém se fingir de morto depois de ser envenenado e ter uma colher de pau enfiada no peito? — perguntou, num tom cético.

— Talvez — respondeu Geraldo. — Socorristas, médico amigo, boletim falso. Uma operação mais elaborada que uma *CPI* de gabinete.

— Mas a colher, Geraldo... — insistiu Gabriela, com aquela voz de quem não acredita nem em nota fiscal premiada. — Aquilo não era encenação. Tinha sangue. Tinha drama de telenovela das nove!

Geraldo suspirou, como quem já explicou demais e sabe que ninguém escuta:

— Claro, concordo: esse talvez seja o grande mistério! A "colher de pau". Aquela colher era símbolo. Um aviso. E, convenhamos: "*quem cozinha com pau, com o pau será ferido*".

Alexandrino tamborilou os dedos na testa, tentando alcançar um raciocínio que escorregava como azeite:

— E o veneno no *mouse de maracujá*?

— Neutralizado — disse Geraldo, dando de ombros. — O *Cozinheiro* não come do próprio prato sem antes cheirar, lamber, cruzar os talheres em posição de defesa e fazer o sinal da cruz com manjericão fresco.

O Barbosa, ainda embasbacado, murmurou:

— Então ele previu tudo? Até a tentativa de silenciá-lo?

— Talvez não tudo. Talvez a "colher de pau" não fizesse parte do roteiro original...

Gabriela deixou o olhar vagar no vazio, absorvida pelos próprios pensamentos. Tentava imaginar o *Cozinheiro* como um maestro — regendo uma orquestra de idiotas com colheres de pau e segredos mal lavados. Mas a explicação soava inverossímil.

— Então você está sugerindo que o infarto... foi encenação? — perguntou ela.

Geraldo inclinou a cabeça, como quem contempla uma falha na própria receita.

— Ah, o infarto... — disse, com a voz de quem tempera a verdade com meias mentiras. — Foi real. Mas controlado. Digamos que... induzido, mas não letal. Uma pequena dose de *digitalis*, só para simular o colapso. O suficiente para acelerar corações e confundir os médicos.

— Você está me dizendo que o infarto foi encenado? — murmurou Alexandrino,

ecoando a pergunta de Gabriela, mas com um peso que ia além da mera desconfiança. Havia algo de profundamente inquietante na explicação de Geraldo, sobretudo na frieza com que descrevia como simular um infarto usando apenas ingredientes naturais. Aliás, era mais do que estranho.

Era perigosamente plausível.

— Não exatamente — respondeu Geraldo, calmamente. — Foi técnico. Como um *soufflé* que murcha na hora certa. Parte do plano. O *Cozinheiro* sabia que precisaria sair de cena. E qual saída mais teatral que um infarto fulminante ao final de um banquete mórbido?

Gabriela, ainda incrédula, cruzou os braços.

— Mas ele quase morreu... — disse, elevando ligeiramente o tom da voz. — Você não consegue enxergar o tamanho do absurdo que está sugerindo?

— Claro que parece absurdo — respondeu Geraldo. — Mas apenas os grandes artistas flertam com a morte de verdade. O resto é figurante.

O Barbosa coçou o queixo de novo. A barba parecia crescer com cada revelação.

— Então ele se autoenvenenou, simulou um infarto e encenou a própria morte? Só não previu que terminaria com uma "colher de pau" enfiada no peito — indagou ele.

Geraldo assentiu.

— E tudo isso sem queimar o arroz. O *Cozinheiro* é mais que um mestre-cuca. É um estrategista. Um poeta do fogão. E agora, meus caros... ele quer saber quem tentou roubar a receita da sua morte.

Alexandrino se sentia desconfortável com toda aquela encenação. Ninguém naquela sala entendia mais de crime do que ele. As especulações de Geraldo não faziam sentido — eram um completo absurdo.

> Nem mesmo Agatha Christie, se ressuscitada com o uso de inteligência artificial, poderia imaginar um roteiro tão fantasioso quanto aquele. A verdadeira "Dama do Crime", presa em sua tumba, deveria estar se revirando de impaciência, esperando o desenlace dessa ficção policial burlesca.

— E os três meses em coma? — perguntou, impaciente.

Geraldo suspirou, como quem está prestes a confessar que a sobremesa era, na verdade, a entrada.

— O coma foi o toque de mestre — especulou, quase com orgulho. — Três meses em silêncio absoluto. Sem imprensa, sem visita, sem boletim médico confiável. Foi o tempo exato para apagar rastros, ouvir conversas atrás das cortinas e preparar o retorno com a pompa de uma fênix... ou de um prato requentado com gosto de vingança.

Geraldo trocou um olhar discreto com Luíza, que permanecia impassível num canto da sala, com o olhar vago de quem já atuou — sem saber — em algo como "*O Cérebro que Não Queria Morrer*", dirigido por um entusiasta sem talento e roteirizado com base numa receita de bolo encontrada num confessionário. Não foi um olhar longo, mas carregava um código que só os dois pareciam entender.

Luíza respondeu com um sorriso breve — ambíguo como um parágrafo mal pontuado.

— Você tá dizendo que ele fingiu um coma por três meses? — perguntou Gabriela.

— Fingiu... e foi sustentado. Digamos que ele teve ajuda. Médicos leais,

enfermeiros cúmplices, um esquema de sedação intermitente — insistiu Geraldo, como se a persistência transformasse água em vinho. — Acordava de vez em quando, ouvia um diálogo, anotava mentalmente... depois mergulhava novamente no sono. Como um dramaturgo espiando os ensaios da própria peça, do camarote improvisado de uma UTI.

Alexandrino passou a mão pelos cabelos, como quem procura um sinal de sanidade entre os fios.

— E ninguém desconfiou? — perguntou Alexandrino, olhando fixamente para Luíza, como se implorasse para que ela o acordasse daquele pesadelo.

— Desconfiar, sim. Mas na Cabrália, a desconfiança é um estado crônico. Quando o boletim médico é vago, a gente só pergunta se tem foto. E como ninguém tira *selfie* com um comatoso, aceitaram. — respondeu Geraldo.

O Barbosa, que até então mastigava os próprios pensamentos, finalmente falou com aquele tom entre distraído e envergonhado que usava sempre que se deparava com a própria ingenuidade.

— Agora que você falou... — coçou o queixo, como quem tenta fazer cócegas na memória — teve algo que achei estranho. O *Cozinheiro*... saiu do coma umas três vezes. E voltou. Saía, dava uma respirada, falava duas frases enigmáticas, tipo "fiquem de olho no sal" ou "o molho é a memória", e... pluft! Voltava pro limbo.

Gabriela tocou o próprio rosto com a ponta do dedo, incrédula.

— E ninguém achou isso estranho?

— Eu achei — confessou o Barbosa. — Mas, veja, eu sou escritor. No máximo cronista. Não sou médico. E quando os médicos diziam "é comum em quadros neurológicos instáveis", eu só pensava: bom, se é instável, então é normal que fique indo e vindo... igual a *Ministro da Cultura*.

Alexandrino riu, sem humor.

— Ele saiu do coma pra dar recado críptico e voltou por vontade própria. Isso não é coma. Isso é dramaturgia.

— Exato — disse Geraldo, apontando o dedo como quem assina uma sentença. — Era tudo parte do roteiro. Ele precisava observar. Testar. Ver quem aparecia no hospital, quem cochichava no corredor, quem chorava de verdade. Cada entrada e saída era um ato. E cada visita, um ensaio.

Gabriela cruzou os braços, desconfiada.

— E você, Geraldo? Visitou ele nesses intervalos?

Geraldo hesitou. O silêncio se instalou, espesso como caldo de ossobuco. Limpou a garganta.

— Uma única vez. Ele me olhou como se eu fosse um ingrediente vencido. Sorriu e disse: "Você errou o tempero." Depois, dormiu de novo.

O Barbosa balançou a cabeça, com um meio sorriso melancólico.

— E eu achando que ele estava preso entre a vida e a morte... quando, na verdade, só estava escolhendo em qual lado da mesa ia se sentar.

O Barbosa abriu a boca, fechou, abriu de novo. Parecia um peixe surpreso ou um crítico literário tentando entender o final.

— E agora?

— É esperar — disse Geraldo, com a resignação de quem sabe que o jantar está servido e ninguém lavou as mãos — o próximo prato será decisivo. O *Cozinheiro* quer o desfecho. Quer servir a próxima refeição.

Alexandrino suspirou, tirou os óculos, limpou com a ponta da gravata que usava

desde a morte de *Fidel Castro*, e perguntou:

— Mas como você sabe de tudo isso, Geraldo?

Geraldo respondeu, de forma estranhamente enigmática, como quem já comeu prato frio demais para não ficar atento quando vem uma refeição diferente:

— É só ser um bom observador... e ter menos gula!

Gabriela deu um passo para trás. O peso da frase caiu sobre ela como o cheiro de fritura num elevador pequeno. Abriu o caderno de novo, escreveu algo rápido — talvez uma receita de fuga, talvez só um desabafo — e fechou-o com força.

Guia de Culinária Subversiva

Interlúdio Doutrinário (Pule sem Remorso)

“A fome não é só física. É também de sentido.”

M. F. K. Fisher, *Como Cozinhar um Lobo*

O Barbosa segurava o *Manifesto* com as duas mãos, como se fosse uma lasanha recém-saída do forno, prestes a desmoronar. As páginas, recuperadas de uma gaveta do escritório de Geraldo — escondida sob uma pilha de revistas de culinária e partituras antigas —, estavam amareladas e exalavam o perfume de pó e sarcasmo acumulado. O original, em um *pendrive*, havia “desaparecido” durante o sumiço de Geraldo, segundo ele próprio.

Na capa, o título em letras pomposas — quase litúrgicas — para um documento recuperado de uma gaveta onde ideologia e cozinha disputavam o mesmo espaço de armazenamento.

MANIFESTO POR UMA NOVA FRENTE REVOLUCIONÁRIA

Por Emílio Mordaz & Geraldo F. A. Guedes

Contra o Cinismo das Elites e a Estética do Ativismo Sem Povo

Gabriela olhou para o documento como quem avalia uma receita que pode dar certo ou simplesmente explodir no micro-ondas.

— Antes de qualquer julgamento, precisamos ler. Do início. Em voz alta.

O Barbosa assentiu com um movimento quase imperceptível da cabeça, como quem aceita um destino já escrito há muito tempo.

Alexandrino foi até a janela, colocou um cigarro entre os lábios sem intenção real de fumar e ficou ali, imóvel, como quem espera uma resposta que não virá nem com chuva.

O silêncio que se seguiu era denso. Não o tipo meditativo, mas aquele que antecede algo inevitável — seja grandioso ou apenas absurdamente entediante.

Ela abriu na primeira página e começou a ler, com voz firme, como quem abre uma carta testamento diante dos herdeiros mais improváveis.

∵ ∴ ∵

Introdução: A Cozinha da Rebelião

Enquanto os cabralinos se perdem em dietas de ideias *light*, buscando alívio na repetição estética do discurso, surge esta escrita — não como mais uma receita, mas como fogo sobre elas. Propomos o resgate do banquete ancestral da civilização: uma república onde o gosto pela verdade não seja temperado com adoçante ideológico, onde o pensamento não venha pré-cozido, empacotado em jargões ou servido com molho de justificativas.

Não precisamos mais de pratos bem arrumados, que encubram o vazio com aparência refinada. Precisamos de comida honesta, de coragem para mexer na panela e, sobretudo, de coragem para encarar aquele que comanda tudo sem jamais ser chamado à responsabilidade.

Mas o verdadeiro problema, caros comensais da decadência, não é o tempero. É o *Chef* que não aparece nas fotos, mas comanda o *mise-en-place* da nação. Um homem? Não. Uma entidade. Um espectro com toga de linho egípcio e alma de Excel corporativo. Chamem-no como quiserem: *Sistema, Poder Moderador, Justiça, Mercado, Clero Investidor*... Eu o chamo de *O Homem de Toga*.

Ele está no juiz que sentencia que furtar mortadela e suco para matar a fome é crime; no CEO que rebatiza demissão como "realocação estratégica"; no reitor que leiloa bibliotecas para financiar *stands* em feiras de inovação; no pastor que negocia fé em moedas digitais; e na própria academia, onde a revolução é debatida entre goles de vinho barato e debates protocolares.

Ele paira sobre todos os pratos. Não come. Não sente. Só determina cardápio. A toga que veste não é de tecido: é feita de silêncio, burocracia e presunção. Ele não se senta à mesa — ele a desenha, com régua moralista e caneta de tinta permanente. E quando alguém tenta mudar o cardápio, ele manda vir o prato favorito: a liminar com redução de danos, a ordem judicial em forma de aviso frio, a condenação disfarçada de harmonia.

Nesse contexto, escrevemos este manifesto não para criar pratos, mas para queimar o livro de receitas; para que o banquete deixe de ser encenação e volte a ser partilha; para que a *Rèpublika* recupere seu paladar perdido. E, com sorte, para que o *Homem de Toga* engasgue com sua própria retórica empanada.

Este manifesto não se apresenta como teoria pura, tampouco como receita pronta. É um prato dividido em etapas — uma sequência de provocações temperadas com denúncia, sátira e urgência. Cada seção é uma travessa servida quente, que convida à digestão crítica do nosso tempo.

A seguir, os ingredientes do desencanto e o modo de preparo da resistência.

FOCO I - A Farsa da Neutralidade

A tal neutralidade analítica, exaltada por jornalistas e acadêmicos de gravata frouxa, é como um caldo ralo que pretende alimentar um povo faminto de verdade. Não há neutralidade quando o tempero já foi escolhido pela elite. O prato vem pronto, aquecido no micro-ondas da mídia hegemônica, com rótulo de "imparcial" para disfarçar o mofo das intenções.

Toda tentativa de interpretar a revolta popular sem tocar na estrutura de poder que a gera é covardia intelectual — ou pior: cumplicidade. Essa análise desidratada, digerível, polida e vendável é a farinha do mesmo saco: verniz acadêmico sobre o velho arroz com feijão da dominação. A elite cabralina continua cozinhando a história no vapor das instituições, enquanto o *"Movimento do Proletariado Gourmet"*,

que em tese deveria representar o povo, se contenta com a decoração do prato.

FOCO II - O Delírio Gourmet da Bolha Progressista

O progressismo de reduto virou um buffet de causas descartáveis — algo como um restaurante que não serve comida, apenas cardápio. As discussões circulam entre convertidos como quitutes de coquetel: bonitos, pequenos e sem substância. Fala-se do povo, mas evita-se o povo como quem foge do cheiro forte de cebola frita. Criou-se uma "militância de buffet", que chama de "golpe" qualquer manifestação popular que não passe pela chancela do seu vocabulário e de "fascista" qualquer um que não concorde com o cardápio.

Essa nova casta progressista, empanturrada de referências e sedenta por reconhecimento acadêmico, substituiu o caldo grosso da luta social pelo *consommé* da consciência limpa. Confunde moralismo com política. Prefere o verniz da inclusão ao trabalho de sujar as mãos com a massa humana. Esquece que política sem povo é como receita sem ingredientes: pura teoria. O *"Movimento do Proletariado Gourmet"* virou sobremesa dietética no menu do capital.

FOCO III - O Controle Simbólico

A dominação mais eficiente não precisa gritar — sussurra pelas palavras escolhidas com precisão. Como bons *chefs* de um restaurante invisível, os donos do poder definem o cardápio do debate. Disfarçam sua influência com o molho açucarado da "tolerância" e assim temperam a indignação popular até que ela perca o gosto.

Sob o pretexto de "civilidade", a elite filtra as alternativas reais. Não precisa de cassetetes, apenas de formadores de opinião que saibam a diferença entre "disruptivo" e "agressivo". Com isso, a crítica social é servida fria, desidratada, embalada a vácuo e vendida como "pluralismo". O sistema não teme a revolução: teme que ela seja indigesta demais para ser televisionada — e por isso tolera o *"Movimento do Proletariado Gourmet"*, desde que venha com etiqueta e não manche o guardanapo.

FOCO IV - Por uma Frente Revolucionária que Pense com o Estômago Vazio e o Espírito Atento

O "*Movimento do Proletariado Gourmet*" esqueceu que o povo é plural, contraditório e imprevisível. E quem fala em nome dele sem escutá-lo não é vanguarda — é usurpador. O movimento já não representa mais o povo cabralino; há muito tempo ele serve apenas como justificativa para manter os mesmos discursos girando em círculos. É hora de dar lugar à nova "*Frente Revolucionária Cozinha Popular*", porque a mudança começa no fogão... e termina na *Constituição*.

A nova frente que precisamos não é aquela que escreve artigos temperados com palavras de ordem recicladas. É a que entende que a fome não cabe numa *thread*. Que miséria não é estatística: é cheiro, é cansaço, é a panela vazia ao meio-dia. Queremos uma militância renovada, que leia *Marx* sem esquecer o fogo de chão de *Carolina Maria de Jesus*. Que cite *Gramsci* com uma mão e estenda a outra para o entregador do *iFood*. Que pare de disputar o protagonismo das causas como se fossem porções num *self-service* ideológico — e volte a cozinhar com o povo, não sobre ele.

FOCO V - Contra o Totalitarismo dos Bons Modos: A Cortina de Seda da Dominação

Não se trata de defender o vandalismo. Mas tampouco se trata de fingir que a destruição simbólica de um povo não é também uma forma de violência. As falas da "*Suprema Corte de Verdade*", em defesa de manifestações pacíficas, merece respeito. Mas deve ser completada:

> A violência não começa quando se quebra uma vidraça ou um relógio histórico. Começa quando se quebra uma geração inteira de sonhos. Começa na escola precária, no hospital sucateado, na humilhação cotidiana do transporte público.

A elite cabralina sempre preferiu revoltas bem comportadas, daquelas que não atrapalham o *brunch* de domingo. Por isso celebra manifestações "pacíficas" — desde que inofensivas, esterilizadas, organizadas como coquetel diplomático.

A "ordem" exigida é sempre a dos de cima. Eles querem paz, sim — mas apenas a paz que se alcança quando a panela do pobre para de chiar porque está vazia demais para fazer barulho. E, para manter esse silêncio, contam com a ajuda do *"Movimento do Proletariado Gourmet"*, sempre pronto a polir o que deveria ser transformado.

FOCO VI - Conclusão: Uma Frente Revolucionária com Fome de Gente, Não de Aparência

A Cabrália não precisa de uma *Militância Gourmet*, fotogênica, formatada para caber nos *stories* ou nas vitrines de conferências internacionais. Precisa de uma "Frente Revolucionária", com hálito de alho, mãos calejadas, voz rouca e ideias afiadas. Uma força política que entre pela porta dos fundos das cozinhas populares e saia pela porta da frente da "*Câmara do Povo*"— não com pose, mas com projeto.

O povo cabralino clama por uma "Frente Revolucionária" que lembre que o sofrimento não é conceito — é corpo. Que saiba que pão não nasce de protocolo, mas de fermento humano. Que entenda que a política começa na barriga e termina no horizonte. E que aceite, de uma vez por todas, que o tempo das aparências já passou. O povo quer comer. E quer futuro.

Que venha a "**Frente Revolucionária Cozinha Popular**".

Com fome. E com coragem de cozinhar.

∵ ∴ ∵

Quando Gabriela terminou, havia um silêncio mais rarefeito do que o anterior — como se todas as palavras disponíveis tivessem se esgotado, restando apenas o vácuo.

Alexandrino apertou os dedos contra o cigarro que nunca chegara a acender, como quem segura uma ideia pela ponta e decide não soltá-la.

O Barbosa recostou-se na poltrona como quem sente a espinha realinhar sob o peso de algo maior que ele próprio.

Mas ela ainda não havia terminado.

Ela virou a última página com o cuidado de quem percebera um golpe chegar antes mesmo de ser dado. Ali, em folha solta, vinha algo que parecia ser um anexo — sem título formal, mas com um cabeçalho manuscrito:

MANUAL PRÁTICO DA CRISE POLÍTICA — RECEITA OFICIAL DA FRENTE REVOLUCIONÁRIA COZINHA POPULAR

O Barbosa inclinou a cabeça, avaliando a cena, como quem tenta decifrar um enigma ou evitar um desastre iminente.

— Isso tudo ainda tem continuação?

Ela confirmou com um movimento lento da cabeça, quase imperceptível, enquanto seus olhos endureciam — como se estivessem diante de algo já conhecido, mas ainda assim capaz de surpreender.

— Uma piada, talvez.

Disse ela, passando o polegar pela borda superior da folha com o cuidado de quem testa a textura de uma verdade queimada, pronta para detonar.

— Ou uma isca.

Ela continuou a leitura.

∵ ∴ ∵

A Receita da Crise: Um Caldeirão Político em Ebulição

Irmãos da panela suja, companheiros da fome honesta, militantes da "**Frente Revolucionária Cozinha Popular**":

Este não é um texto para ser lido com tranquilidade. É uma receita — e, como toda boa receita, carrega em si tanto a promessa de alimento quanto o risco de envenenamento ideológico. Não é para quem quer apenas entender o país ou criticar com elegância protocolar. É para quem está disposto a mexer na panela, mesmo que isso signifique sujar as mãos no mofo das instituições.

O cenário ideal para o caos não começa com tanques, megafones ou revoluções. Começa, como tudo na Cabrália, na cozinha — mais precisamente, naquele caldo grosso de instabilidade que todo mundo reconhece pelo cheiro, mas ninguém sabe dizer exatamente quem deixou ferver.

O preparo é simples. Mas requer precisão.

Primeiro, leve três ministros ao fogo brando. De preferência, já meio passados, com desavenças internas e contradições públicas prestes a borbulhar. Cozinhe até que comecem a se desmanchar nas próprias falas. O ponto certo é quando um deles diz o contrário do que disse ontem — e parece acreditar no que fala.

Em seguida, adicione o presidente defumado. Não precisa estar fresco. Aliás, quanto mais desgastado, melhor. O ideal é que ele tenha um discurso que sirva tanto para acalmar os mercados quanto para irritar a militância — e que acabe não fazendo nenhuma das duas coisas. Ele não é o prato principal, mas dá aquele gosto de sobra requentada que faz o feijão parecer familiar.

Agora, o toque especial: dois escândalos de corrupção. Podem ser recém-descobertos ou tirados do congelador das delações antigas. O segredo é adicioná-los aos poucos, mexendo com cuidado, sempre em sentido contrário ao da lógica. Use uma colher de pau bem velha — de editorial inflado — e vá mexendo até que ganhem consistência de manchete.

Nesse ponto, o caldo estará quase no ponto. A panela começa a chiar, os termômetros das redes sociais disparam, e o povo — esse ingrediente imprevisível — começa a levantar fervura. É quando se polvilha, com mão leve e certo sadismo, a farinha de *fake news*. Um pozinho mágico que transforma qualquer mal-entendido em convulsão e todo *meme* em trincheira ideológica.

Para completar, adicione uma guarnição de jornalistas famintos. Eles devem estar no auge da carência informativa, prontos para transformar um espirro em notícia urgente. Espalhe manchetes como cheiro-verde: mesmo que ninguém goste, dá aparência de frescor.

E então, para fingir que há ordem no caos, jogue por cima algumas promessas soltas, discursos emocionados e medidas paliativas com gosto de cebolinha murcha. Nada que resolva. Mas tudo com aparência de que alguém, em algum lugar, ainda tem o controle entre os dedos sujos de molho.

Sirva imediatamente, com a indignação ainda quente. E não esqueça a pitada essencial de memória seletiva — esse condimento universal que faz parecer que o que estamos vendo nunca aconteceu antes. Que tudo é novo. Que agora vai.

E como diria o *Chef* — aquele que já viu essa receita mais vezes do que gostaria de lembrar: "Se a fome de poder persistir, repita a receita. A mesa estará posta de novo em quatro anos."

∵ ∴ ∵

Alexandrino, entre incrédulo e fascinado, concluiu:

— Isso aqui é uma sátira. Mas tão precisa, tão cirurgicamente cruel... que poderia mesmo ser lida como guia de culinária subversiva.

Ele desligou o olhar por uma fração, não para descansar, mas para apagar uma verdade que não queria carregar.

— Ou como testamento político... — completou o Barbosa.

Seus dedos tamborilaram na mesa — primeiro devagar, depois num ritmo quase nervoso, como se já estivesse escrevendo mentalmente a próxima manchete.

Gabriela guardou o manifesto na bolsa como quem esconde um artefato radioativo.

— A "*Suprema Corte da Verdade*" não perdoa ironia que vira evidência. Eles não têm senso de humor... têm senso de ameaça. — alertou ela.

Ela passou a mão pela têmpora, como quem ajusta a própria cabeça antes de ajustar o mundo e continuou:

— Se a coisa chegar lá... não será julgada como sátira. Será como sedição temperada com zombaria.

Geraldo, do canto da sala, parecia mais pálido do que nunca. Respirava baixo, como quem evita chamar atenção no meio de uma tempestade.

— Mordaz achava que, se o *Manifesto* não mudasse o país, ao menos desestabilizaria o paladar da elite. Mas... alguém achou que a ideia tinha ido longe demais.

Engoliu em seco, como se ainda sentisse o gosto daquilo tudo na garganta.

— Que trama ridícula... — murmurou o Barbosa, erguendo-se devagar, como quem se afasta de um sonho ruim que insiste em persegui-lo. Pegou o casaco do encosto da cadeira com gesto largo, mas parou antes de sair, como quem espera que a realidade mude nos próximos segundos.

Alexandrino voltou à janela, apertou o polegar contra o vidro, como se pudesse riscar a paisagem com força suficiente. A cidade lá fora estava mais cinza do que antes — ou talvez ele apenas estivesse vendo com outros olhos.

— Agora o cenário, que antes era apenas confuso... — disse Alexandrino, com a serenidade de quem enxerga padrões e contradições onde os outros veem apenas caos — torna-se totalmente nebuloso, como se a nitidez fosse apenas uma ilusão passageira. Talvez nada tenha feito sentido desde o início, e nós é que insistimos em inventar contornos onde só havia névoa.

Silêncio. Daquele tipo que gruda no ar como molho velho. Até que Gabriela,

quase num sussurro, disse:

— Precisamos falar com Mordaz. Antes que o *Cozinheiro* prepare o próximo jantar. Desta vez, com cadáver à *la carte*.

Nota de Cozinha (contém resíduos de farofa ideológica)

M. F. K. Fisher escreveu "*Como Cozinhar um Lobo*" para lembrar que, quando o mundo desaba, a primeira coisa que se perde é o apetite. Este manifesto é exatamente isso: uma receita para cozinhar o lobo da crise política com a frieza de quem já viu o armário vazio. *Fisher* diria que, diante da fome — de pão ou de sentido —, não há espaço para delicadezas: ou se cozinha com o que há, ou se morre com boas maneiras.

O "*Manifesto por uma Nova Frente Revolucionária*" é um guisado de desespero temperado com ironia ácida. Cada ingrediente é medido com a precisão de quem sabe que a revolução, como o feijão, não espera o convidado ideal para ferver. Pois o verdadeiro horror não está na receita da crise — essa já foi feita mil vezes —, mas na naturalidade com que todos aceitam repeti-la.

Como diria *Fisher*: "**Se você tem pão e deixa o outro morrer de fome, não é cozinheiro — é algoz com avental.**"

Traidor à Mesa

“A lealdade é a primeira vítima da guerra.”

John Le Carré, *O Espião que Saiu do Frio*

Estavam reunidos no antigo salão do *Clube République*, um lugar que parecia ter sido decorado com móveis reaproveitados de outras épocas mais gloriosas. O ar cheirava a mofo, segredos marinados e aquele tipo de abandono que só acontece quando ninguém mais se importa, mas ainda fingem que sim.

— Alguém aqui, entre nós, vazou o *Manifesto* — anunciou Gabriela, brandindo o papel amarelado como se fosse uma declaração de guerra ou um convite para uma festa surpresa mal organizada. — Isso não escapou por acidente. Foi deliberado. Alguém queria que ele chegasse ao prato principal da opinião pública. Quem será o *chef* da traição?

Alexandrino, sentado na ponta da mesa, assumiu sua costumeira postura de detetive preocupado — aquela em que ele tentava parecer profundamente reflexivo, mas na verdade estava pensando se deveria pedir o *delivery* mais tarde.

— Que tal começarmos com a pergunta básica? — sugeriu Alexandrino, ajustando os óculos como quem prepara uma frase brilhante para ser citada depois. — Quem teve acesso ao *Manifesto* antes do jantar?

Geraldo levantou a mão, resignado. Ele tinha aquele jeito cansado de quem já viu muitas conspirações fracassarem por falta de planejamento básico.

— Só três pessoas: eu, Mordaz… — fez uma pausa dramática, como se estivesse prestes a revelar o vencedor de um *Oscar* — …e o responsável por imprimir as cópias para o jantar.

Alexandrino, berrou incrédulo:

— Cópias? Vocês imprimiram cópias de um manifesto subversivo como se fosse cardápio de restaurante japonês barato?

— Era parte do show — explicou Geraldo, com aquele tom de quem sabe que está mentindo, mas espera que todos finjam acreditar. — Íamos colocar dentro dos porta-guardanapos. Um toque simbólico, quase artístico.

Alexandrino piscou o olho direito como se fosse código *Morse*. Ele era desses caras cheios de tiques nervosos: piscava o olho esquerdo quando mentia, o direito quando detectava mentira alheia; tamborilava os dedos sempre em compassos ímpares, como se a verdade só pudesse ser dita em 5/4; e coçava a nuca quando pressentia encrenca. Naquele momento, estava praticamente escalpelando a própria cabeça.

— Não gosto disso — murmurou, enquanto seus dedos executavam uma sinfonia

descompassada na mesa. — Tem coisa demais fervendo nessa panela. E parece caldo concentrado de má decisão.

Gabriela, que já estava com cara de quem tinha perdido a paciência lá no início da reunião, interrompeu:

— E quem ficou encarregado dessa brilhante tarefa de impressão?

Geraldo olhou para o chão. Depois para o teto. Depois para o Barbosa.

— Eu… eu pedi para o Barbosa imprimir. Você tinha uma impressora a laser, lembra?

Todos se voltaram para o Barbosa, que visivelmente começou a suar como se estivesse enfrentando um interrogatório policial sem advogado.

— Espere aí! Eu recebi o arquivo, sim, mas... só imprimi uma cópia! — defendeu-se, erguendo um dedo trêmulo para enfatizar o singular. — Ficou na minha estante, junto das minhas crônicas não publicadas, meu currículo atualizado e... e aquela resenha de filme que o *Medium* rejeitou. Nem dei muita atenção ao texto. Simplesmente guardei.

— Antes do jantar você tinha dito — disse apontando para Geraldo — que não precisava mais fazer as cópias!

Gabriela cruzou os braços, com aquela expressão de quem já sabia o final da história, mas estava esperando que o protagonista tropeçasse sozinho.

— Agora tudo começa a fazer sentido... — disse ela, virando-se para o Barbosa com o olhar de quem vai cutucar uma ferida já conhecida — No diário do *Cozinheiro*, tinha uma entrada onde ele dizia ter encontrado um texto contaminado por uma culinária subversiva, no meio das suas anotações. Era o *Manifesto*.

— Isso também me faz lembrar — prosseguiu, com aquela irritação afiada que não grita, mas fere — que, na semana seguinte ao banquete, trechos de uma receita bizarra começaram a circular em *blogs* e redes sociais. Tudo escrito com aquele seu "tom literário inconfundível". Aquela mania irritante de comparar tudo com comida.

— Agora, conhecendo o *Manifesto*, vejo muitas semelhanças — completou ela. — Ou seja, além do *Cozinheiro* ter tido acesso ao documento... de alguma forma, a mídia também teve.

O Barbosa começou a suar ainda mais. Como se estivesse sendo assado vivo num forno metafórico.

— Lembro disso também — respondeu, tentando soar indiferente, mas falhando redondamente. — Só não dei muita atenção. Achei que tinham me plagiado! Juro! Pensei até em processar alguém...

— E pensou mesmo? — interrompeu Alexandrino, piscando os olhos lentamente, em desaprovação silenciosa, com a paciência de quem ouve a mesma desculpa pela milésima vez.

— Sim. Mas agora, conhecendo melhor o *Manifesto*, também reconheço certa... semelhança — admitiu, como quem engole um espinho envolto em molho grosso. — Digamos que a receita é muito parecida.

— Você usava a mesma conta do *Wattpad* para todos os seus textos? — perguntou Alexandrino, com aquele tom de quem já sabia a resposta de cor.

O Barbosa hesitou. Respirou fundo. E então soltou, derrotado:

— Sim. E... eu compartilhei o *link* do arquivo com alguém pra revisar. Uma amiga jornalista. De confiança. Eu queria fazer uma surpresa para o Geraldo.

— Nome? — exigiu Gabriela, como quem arranca uma senha de quem não quer dizer.

— Rita Nguni — murmurou ele.

O silêncio foi absoluto. Até o mofo parou de respirar.

— A Rita do blog *"Degustação Democrática"*? — perguntou Alexandrino, com a voz trêmula. — Aquela que escreveu "*O País Virou Sopa*"?

— Ela mesma — confirmou o Barbosa, encolhendo-se na cadeira como quem espera uma chuva de tomates podres.

Gabriela bufou.

— Aquela cretina vive transformando colunas políticas em receitas metafóricas. Claro que não resistiu. Para ela, até um relatório fiscal é um potencial risoto de injustiça social.

— Ela revisou o texto — continuou ela, levantando-se e andando lentamente ao redor da mesa — e o usou anonimamente, adotando o seu estilo de escrever, Barbosa.

Geraldo balançou a cabeça, em choque.

— Então o vazamento pra mídia não foi ideológico. Nem estratégico. Foi... por ingenuidade.

— A Rita pode ter tido algum interesse pessoal ou político — completou Gabriela, agora parada atrás da cadeira do Barbosa. — Talvez quisesse testar você, Barbosa. Ou amenizar o impacto do *Manifesto* sob um verniz literário.

— Ao usar o seu estilo — continuou ela —, ela semeou ambiguidade.

— Barbosa é autor? Revisor? Mentor? — disse, com pausas calculadas, como quem dita o veredito de um júri implacável. — Dúvida suficiente para criar uma cortina de fumaça. Em vez de parecer um manifesto anônimo perigoso, o texto passaria por uma crônica ácida, como tantas outras.

O Barbosa sentou-se, desmoronado.

— Eu só queria um pouco de crédito. Uma nota de rodapé. Uma citação num editorial... "revisado por Barbosa". Nem sabia direito do que se tratava. Parecia uma receita com algumas divagações obscuras. E quando o Geraldo disse que não ia mais usar o texto, eu simplesmente deletei da minha conta do *Wattpad*.

Silêncio.

O único som na sala era o tamborilar dos dedos de Alexandrino sobre a mesa, em um ritmo irregular, quase hipnótico, em 7/8.

— A publicação no *blog* veio logo após o último banquete... — falou, medindo cada palavra, como se cada sílaba pesasse. — Isso significa que o *Cozinheiro* pode ter se apoderado da cópia do *Manifesto* no escritório do Barbosa, ou, de algum jeito, conseguido acessar o original de Geraldo.

Houve uma pausa carregada de tensão. Ele inclinou-se levemente, juntando mentalmente as peças de um quebra-cabeça que só ele parecia enxergar.

— E como você descobriu que o *Cozinheiro* sabia do *Manifesto*? — os olhos de Alexandrino queimavam, fixos em Geraldo.

Geraldo encolheu-se, recolhendo o rosto nas mãos, e a voz saiu quase um sussurro:

— Um bilhete... anônimo. Estava no meu paletó. Avisava... sobre ele.

O silêncio que se seguiu era pesado, quase sufocante, como se a própria sala prendesse a respiração.

Gabriela recolheu as folhas do *Manifesto* como quem recolhe provas de um crime de etiqueta cometido num jantar de gala — com a gravidade de um juiz e a paciência de quem já viu muita gente dar chilique por muito menos.

— Agora sabemos como o *Cozinheiro* teve acesso ao *Manifesto*. Sabemos também como o *Manifesto* vazou para a mídia. Suspeitamos que o infarto do *Cozinheiro* foi uma encenação, com mais efeitos dramáticos do que um monólogo da *Fernanda Montenegro* — embora ainda nos faltem provas definitivas. Só resta descobrir o que Emílio Mordaz está escondendo... e quem cravou a colher de pau no peito do *Cozinheiro*.

Ela encerrou a frase com a expressão de quem já conhecia o final do livro, mas fingia surpresa para não estragar a trama.

E saiu do salão, batendo os saltos no assoalho como um ponto final em uma frase que ninguém entendeu direito.

> O restante do grupo ficou ali, mergulhado no silêncio cúmplice de um capítulo mal escrito — numa narrativa em que ninguém sabia ao certo se era protagonista ou apenas figurante com falas ruins.

O velho salão do *Clube République* parecia conspirar junto: cortinas pesadas tremiam com o vento, as paredes exalavam aquele cheiro de mofo moral que só os encontros entre intelectuais decadentes conseguem despertar.

O Barbosa afundou no sofá com a compostura de um crítico literário flagrado comprando autoajuda.

Alexandrino aproximou-se da janela, observando o céu nublado com olhar de cronista cansado.

— E se *Cozinheiro* estiver nos esperando? Com talheres postos? — disse, com a voz baixa e grave de quem sabia a diferença entre uma divagação e uma armadilha real. — Uma ceia final, talvez. Um reencontro com gosto de fim de festa... e sobremesa envenenada.

O Barbosa gemeu, não se sabe se de medo ou indigestão.

— Eu não devia ter compartilhado aquele *link* do *Wattpad* — murmurou, mais para si mesmo. — Na verdade, nem deveria ter colocado o *Manifesto* lá!

> ***Nota de Cozinha (contém: 7/8 de tamborilar, 1/8 de verdade)***
>
> Se *John le Carré*, já no ocaso de sua vida, tivesse frequentado alguns saraus políticos no *Clube République* — onde o uísque é ralo e as ideias, mais ralas ainda — teria percebido que a traição já não vem em cálice envenenado, mas, às vezes, num arquivo mal compartilhado. A espionagem cabralina não exige códigos cifrados nem disfarces de agente duplo: basta uma impressora a laser com cartucho vencido, *blogs* de opinião e receitas metafóricas capazes de transformar qualquer manifesto revolucionário em risoto de indignação social.
>
> O *Manifesto* — esse documento que deveria incendiar consciências — vaza não por traição ideológica, mas por pura necessidade de validação. O Barbosa não vendeu segredos ao inimigo; apenas os emprestou a uma jornalista que vê chá de *ayahuasca* onde há apenas burocracia. E, como bem sabia *Alec Leamas*, o verdadeiro frio não está em Berlim — está no silêncio de Gabriela quando o Barbosa admite, em voz baixa, a própria ingenuidade. Não há julgamento em seu olhar. Só reconhecimento: você não é um traidor. É pior. **É amador**.
>
> O drama, como *Oscar Wilde* apontaria com seu bisturi de ironia, não é que o plano fracassou — é que nunca houve plano algum. No fim, a espionagem cabralina não tem heróis nem vilões — só figurantes desesperados por um papel no elenco principal, postando suas tragédias em modo público.

E, como o próprio *Le Carré* talvez murmurasse, entre um gole e um suspiro: “se você precisa que alguém leia seu manifesto… já perdeu. A revolução não será televisionada — mas, com sorte, viralizará em um *reel* bem editado.”

Última Leitura do Geraldo

A Cápsula do Tempo TIG-3DCB-03A guardaria: o *Manifesto* que nunca foi completamente digerido; a taça de conhaque ainda morna; o bilhete trêmulo de uma última advertência; e o cheiro indefinido entre alecrim e pólvora.

Do outro lado do portal, o **Tigre Submerso** permanecia oculto, atento às entrelinhas do silêncio, pronto para emergir quando a verdade precisasse ser saboreada — talvez como um *drop* surpresa de NFTs incriminadores.

"Não sei escrever, mas escrevo."

***Clarice Lispector**, Últimas Palavras*

O corpo foi encontrado na manhã seguinte, estendido no sofá de couro rachado do seu escritório, abraçado ao *Manifesto* como um pai nostálgico com o boletim do filho. Havia uma taça de conhaque ao lado, ainda morna, e um copo menor com restos esverdeados de um líquido suspeito — que o laudo chamaria, com assombrosa neutralidade, de "suco de chuchu com infusão digestiva". O laudo, aliás, foi generoso: "morte por causas naturais, talvez potencializada por leve quadro de indigestão".

A imprensa preferiu: "**Morreu como viveu: tentando digerir o impossível.**"

Gabriela foi a primeira a chegar. Olhou para o corpo inerte de Geraldo e suspirou como quem lê uma crítica ruim no caderno literário de domingo.

— Era só um manifesto, Geraldo. Não precisava levá-lo tão a sério.

Na estante, entre exemplares empoeirados de "*Maquiavel para Influenciadores"* e "*Sun Tzu e o Enterro da Verdade"*, repousava uma xícara com o fundo queimado e um bilhete rabiscado com a caligrafia trêmula de Geraldo:

> Ele veio ontem à noite. Mal dissemos nada. Mas o silêncio entre as palavras... ainda pesa.

Ao lado da xícara estava uma caixa de madeira escura e pesada. Dentro dela, envolto em veludo azul, repousava um relógio de areia emperrado — a areia parada no centro do vidro, incapaz de fluir para qualquer lado. Sem marcações de tempo, apenas um vácuo dourado suspenso entre dois extremos. Talvez Geraldo tenha sido capaz de entender seu significado antes de morrer.

∵ ∴ ∵

Noite Anterior

Geraldo estava só, como gostava de estar quando se sentia impotente. O *Manifesto* estava sobre a mesa da sala. O texto parecia crescer a cada leitura — uma sopa densa de simbolismos e denúncias, com o sabor agridoce de quem acredita estar prestes a mudar o mundo.

A campainha tocou. Uma vez só. Curta. Definitiva. Ele não se moveu de imediato. Ficou ali, como quem já esperava aquilo — ou fingia não esperar, por educação.

— A porta está aberta — disse, depois de um suspiro longo e resignado, sem tirar os olhos do parágrafo que começava com: *"Vivemos entre panelas de barro e panelas ideológicas..."*

Sabia que estava. Sabia também quem batia. Ou melhor: o que batia. O destino. Há dias sentia aquele arrepio antigo, aquela comichão no peito de quem pressente um troco mal dado pelo universo. E agora ele vinha. Pessoalmente.

A porta rangeu como um velho ator entrando em cena. Não havia razão para ranger — era nova, com dobradiças recém-instaladas e lubrificadas. Mas a narrativa é assim mesmo: vez ou outra, surge um objeto com síndrome de diretor, querendo dar mais densidade à cena. E tudo bem. Há momentos em que até uma porta exige protagonismo.

E, enfim, lá estava ele.

O homem que entrou vestia um avental branco, manchado de algo que poderia ser vinho, tinta ou memória. Tinha barba grisalha, olhar calmo e um andar de quem cozinha mais do que anda. Não disse o nome. Não pediu licença. Não tinha pressa. Não precisava ter.

Trazia, numa das mãos, uma caixa de madeira escura e pesada; na outra, um frasco pequeno, de vidro grosso e irregular — como se tivesse sido soprado artesanalmente por alguém que não tinha pressa, nem saúde perfeita. Dentro, um líquido viscoso — verde musgo com tons de ferrugem — repousava com a tranquilidade dos venenos certos.

O cheiro precedeu o visitante: alecrim e cinzas. Um perfume impossível. O aroma de quem já esteve em enterros, mas também em hortas. De quem apagou velas e acendeu memórias. Um cheiro limpo e queimado, como um fim bem varrido.

Ele se aproximou com a polidez de um maître e sentou-se numa cadeira na cabeceira da mesa, como se tivesse sido reservada para ele — e talvez tivesse sido. Observou Geraldo por um instante longo o suficiente para reler "*O Ser e o Nada*" e, quem sabe, finalmente entender o que *Sartre* quis dizer — mas não a ponto de causar desconforto. Um silêncio civilizado. Daqueles que se usam entre pessoas que já desistiram de se entender, mas ainda fazem questão da boa educação.

— Está relendo o manifesto... — disse, como quem comenta o tempo, ou um epitáfio casual.

Geraldo tentou sorrir, mas a boca estava ocupada com angústias antigas.

— Tentando entender se ainda faz sentido — respondeu, encarando os olhos fundos daquele homem que parecia não piscar. — Depois de tudo. Depois do vazamento, da farsa, de... nós mesmos.

No canto da sala, atrás de uma samambaia negligenciada, uma sombra assistia a tudo com um sorriso largo, quase infantil. Usava um suéter listrado e tinha o ar de quem torcia para que tudo aquilo virasse musical. Balançava as pernas ao ritmo de uma trilha imaginária, como se estivesse vendo uma peça em cartaz há milênios, mas que ainda o emocionava.

— Ele é novo — pensou Geraldo, sem desviar os olhos do visitante.

Um silêncio confortável se instalou. Quase. Pois, num rádio velho, numa mesinha no canto da sala, tocava baixinho um tango desafinado, como se tropeçasse em cada nota.

— Sabe qual o veneno que mata mais rápido o homem?

— Arsênio?

— Vaidade — disse o visitante. — A vaidade intelectual é como suco de chuchu com limão: parece inofensiva, mas fermenta no estômago das intenções.

— Então é hoje? — perguntou Geraldo.

— Sim. Última visita no roteiro. Depois... talvez um conhaque — disse o homem, tirando do bolso um pequeno caderno de anotações com capa de couro gasto. Folheou-o como quem consulta a vida alheia como um cardápio.

Geraldo respirou fundo. Não era medo. Era mais um tipo de tédio resignado. Como quem esperava o fim de uma série cujo desfecho já havia sido vazado no *Twitter*.

— Algum pedido final?

— Só que tire os sapatos. Acabei de limpar o chão — disse Geraldo, apontando com o queixo.

O homem riu. Um riso seco, como um livro que fecha. Apesar do disfarce, tinha alguns traços do *Cozinheiro*. Geraldo tentou rir também, mas a tosse o interrompeu. A risada parecia ter desaprendido o caminho — como se, assustada com o que ouvira, decidisse fugir dele mesmo.

— Quem é você, afinal?

O homem não se moveu. Fisicamente estava à mesa, mas metafisicamente colado à sombra perto da samambaia, como se a gravidade das palavras o mantivesse preso ali. Lançou um olhar enviesado para a mesa, onde o *Manifesto* repousava, e respondeu com a frieza de quem serve um prato requentado com desgosto:

— Sou só quem cozinhou a ideia. Nunca imaginei que fossem realmente engolir.

— A ingenuidade é filha ilegítima da prepotência. — concluiu ele.

> A frase pairou no ar por um segundo a mais do que deveria — pesada, pretensiosa, com cara de epígrafe de livro ruim.

Fez uma pausa. As palavras pareciam azedar na língua.

— Mas você... você me surpreendeu — disse o visitante. — *A colher de pau? A cúmplice*? Essa artimanha, confesso, era difícil de prever. Não combina com o seu perfil. Nunca achei que você tivesse esse talento.

E, com um gesto quase cortês, estendeu a mão e colocou a caixa de madeira escura sobre a mesa, perto do *Manifesto*. Não com rispidez. Com a ternura impessoal de quem faz aquilo há muito, muito tempo. Em seguida, meticulosamente, serviu o líquido esverdeado — o que trazia no pequeno frasco — em um copo que já repousava ali, como se também soubesse qual era seu papel na cena.

E saiu. Sem pressa, sem ruído. Como um presságio suspenso ou um pesadelo que ainda não terminou de acontecer. A porta fechou-se sozinha, como se soubesse o caminho de volta.

Geraldo levantou-se devagar — pela primeira vez em anos, sem dor nas costas. Recolheu o *Manifesto*, a caixa de madeira escura e o copo sobre a mesa, e dirigiu-se ao escritório. A sombra, antes imóvel atrás da samambaia, o acompanhou respeitosamente.

∵ ∴ ∵

Tarde Seguinte

O Barbosa chegou atrasado ao *Instituto Médico-Legal*, como sempre. Carregava um exemplar de "*O Último Banquete da Rèpublika"*, ainda na capa original, com as orelhas amassadas. Colocou-o discretamente na mesa ao lado da bancada de metal e sussurrou:

— Ele merecia pelo menos um epílogo.

Gabriela, em pé ao lado de Luíza, murmurou:

— Ou uma receita menos amarga.

Estranhamente, Luíza era a única que demonstrava algum sentimento de perda. Seus olhos estavam marejados. Mas ninguém percebeu.

Alexandrino, já com os olhos vermelhos de sono ou cansaço, tamborilava os dedos em compasso de 7/8 na bancada onde jazia Geraldo. Murmurou:

— E se o homem que o visitou... foi o *Cozinheiro*?

Gabriela não respondeu de imediato. Pegou o manifesto das mãos do legista, agora manchado com marcas dos fluidos da autópsia de Geraldo. Passou os olhos pelo texto. Lá, no rodapé, onde antes não havia nada, alguém adicionara uma frase escrita à mão:

"Não digam que não avisei."

Ela dobrou o papel, guardou-o no bolso interno do *tailleur* e levantou-se:

— Vamos. Temos um enterro e uma edição clandestina para preparar.

Luíza a seguiu, sussurrando:

— Você acha que foi mesmo o *Cozinheiro*?

Gabriela olhou para o céu, agora limpo, como se a conspiração tivesse saído para lavar o rosto.

— Luíza... a essa altura, não me surpreenderia se ele fosse o *ghostwriter* da *República*.

Nota de Cozinha (receita esquecida no fundo da gaveta)

Há algo de *Clarice* em Geraldo morrendo abraçado ao *Manifesto* como quem abraça a última prova de que existiu — não como herói, mas como homem que insistiu em dar sentido a um mundo que já desistiu de ser lido. Assim como *Clarice* em seus derradeiros escritos, ele escrevia em segredo não para ser compreendido, mas para não se perder inteiramente no silêncio. Tentou digerir o impossível até que o impossível o digeriu.

A taça de conhaque morna, o suco de chuchu com infusão digestiva — ah, a burocracia da morte! —, o relógio de areia emperrado no vácuo dourado: eis os ingredientes de uma receita *clariceana* em que o mais dramático não é morrer, mas perceber, no último suspiro, que ninguém entenderá o que você tentou dizer. Talvez nem você mesmo.

E, como bem notaria nosso *Nelson Rodrigues*, com aquele olhar de quem já assistiu à miséria humana dançando de gravata e salto alto, o verdadeiro absurdo não está na morte, mas no espetáculo decadente que a sucede: um legista que escreve laudos como se fossem crônicas literárias, um manifesto que vira protagonista do próprio crime; e um *Cozinheiro* que, num toque genial, aparece não como assassino, mas como "quem cozinhou a ideia".

Enquanto *Clarice* buscava a palavra final sobre a condição humana, aqui as últimas palavras são uma nota de rodapé num documento manchado: “Não digam que não avisei” — frase que seria profundamente *clariceana* se não fosse tão... cabralina.

Velório das Ideias Indigestas

“Enterrem minhas ideias, mas não as esqueçam.”

Miguel Torga, *O Enterro da Sardinha*

O velório de Geraldo foi realizado no saguão principal do “*Museu de História Social de la République*”, um edifício neoclássico que, em tempos remotos, abrigava banquetes oficiais e, nos últimos anos, sediava simpósios sobre temas urgentes, com títulos pomposos como “*A Decadência da Política como Forma de Perpetuação*” ou “*A Retórica do Impossível: Um Guia para o Mundo Moderno*”. O museu existia graças às generosas doações dos membros do *Clube République* — entidade cujos integrantes, aliás, davam nome à maioria das salas e, curiosamente, ocupavam todos os túmulos do pequeno cemitério nos fundos, um jardim pomposo inspirado nos traços de *Versalhes*. Naturalmente, não se tratava de fisiologismo — apenas coincidências históricas, como fazem questão de repetir os que ainda por ali circulam.

O corpo de Geraldo repousava numa urna sóbria, sem ornamentos nem aspirações barrocas. Um lenço de linho, dobrado com precisão quase militar, repousava sobre o peito. Ao lado, repousava a célebre taça de conhaque — lavada, sim, mas ainda impregnada do aroma persistente das conclusões apressadas que marcaram sua última noite.

O Barbosa foi o primeiro a chegar. Vestia um paletó antigo, vincado em lugares que não deveriam vincar, e ostentava no peito um broche enferrujado da extinta *Liga dos Autores Engajados* — uma entidade que sucumbiu por excesso de reticências e falta de leitores. Parou diante do caixão, respirou fundo, meneou a cabeça com a solenidade afetada de quem ensaiou a cena no espelho, e murmurou para Alexandrino, que vinha logo atrás:

— Enfim, calado. E com mais público do que naquele célebre lançamento de plano público que só convenceu as moscas e três jornalistas desinteressados.

Alexandrino soltou um riso breve, quase um soluço de sarcasmo.

— A morte tem esse charme democrático. Até os irrelevantes ganham auditório.

O Barbosa não entendia por que o detetive comparecera ao velório de Geraldo. Não havia mais crime a investigar — o caso já estava arquivado como “inconclusivo”. Seria apenas obsessão pela trama?

Gabriela chegou pouco depois, envolta num casaco preto elegante demais para a ocasião e sóbrio demais para sua personalidade. Usava óculos escuros — não por luto, mas para evitar cumprimentos. Parou ao lado do caixão e examinou a cena como quem avalia a encenação de uma peça medíocre.

— É irônico — disse, sem tirar os olhos do morto. — Ele viveu a vida toda

querendo ser levado a sério. E agora, finalmente, alguém o levou. Para o cemitério.

O Barbosa sorriu com amargura, coçando a barba rala que usava desde que confundiram ele com um cronista relevante em um evento na "*Câmara do Povo*".

— Você sabe como é… No fim, todos querem uma última palavra. Ele só não sabia que a dele viria no rodapé.

> Claro que ele teve sua última palavra. Claro que foi registrada. Só que não na página principal — nem perto disso. Foi lá embaixo, no rodapé, espremida entre uma referência a *Platão* e uma citação de *Nietzsche* que ninguém leu direito.
>
> Ser citado é quase como estar vivo. Só que ninguém olha pra baixo. Todos preferem ler o topo da página, onde as verdades parecem maiores. Onde os heróis são feitos de tinta fresca.
>
> Fazer parte do rodapé é talvez o destino mais democrático que existe: você ainda está no jogo, mas ninguém presta atenção em você. É como ter voz num jantar cheio de surdos. Como morrer com aplauso protocolar e flores murchas.

No fundo do salão, discretamente, surgiu o *Cozinheiro*. Usava um terno preto mal ajustado, óculos escuros e andava como quem carregava três décadas de segredos nos ombros. Encostou-se à parede, evitando olhares, com o cuidado meticuloso de quem já foi a manchete de escândalos demais. Ninguém sabia ao certo se era ele, mas a aura de mistério e alecrim pairava como um tempero mal dosado.

— Aquele ali é ele? — sussurrou Alexandrino, apontando discretamente com o queixo.

— Quem mais usaria luto com avental por cima? — respondeu Gabriela, sem disfarçar a ironia.

Mordaz, por sua vez, ocupava posição de destaque ao lado do caixão, ladeado por figuras ilustres que, em outros tempos, moveram editoriais e verbas públicas. O executivo da revista *Vórtice*, J. S. Saturno, com sua careca reluzente e o olhar de quem já passou anos apertando mãos em coquetéis institucionais. O Dr. Haroldo Sant'Anna Vilela, fundador de um instituto dedicado à ética — que, pouco depois, passou a ser alvo de duras críticas pelo destino nebuloso das doações. E algumas eminências pardas que agora não passavam de sombras — velhos fantasmas de um poder que só sobrevivia nos rodapés das colunas sociais e nas verbas indiretas para eventos supostamente culturais.

— Mordaz parece até feliz — comentou Barbosa, inclinando-se sutilmente para Gabriela. — Aquele sorriso ali… é o mesmo que ele usou quando roubou palavras de *Zuenir Ventura* para agradecer por aquele troféu ridículo da "*Sociedade Macunaíma de Literatura*".

Gabriela mordeu levemente o lábio inferior, questionadora.

— E pensar que tudo começou como uma receita.

— Receita? — disse Alexandrino, sarcástico. — Aquilo era um panfleto culinário com delírios autoritários. Uma sopa de ideias passadas do ponto.

O murmúrio do velório foi interrompido pela chegada de uma senhora muito pálida, que soluçava com precisão teatral. O Barbosa a observou com atenção.

— Quem é essa?

— A ex-nova esposa de Geraldo — respondeu Gabriela. — Ou, como ele a chamava, "minha fase final de aprendizado afetivo".

O Barbosa assentiu, sem surpresa.

— Ele tinha uma queda por despedidas. Começou a escrever o próprio obituário

aos 40.

Do lado de fora, o céu ameaçava um temporal tímido. Dentro, os olhares cruzavam-se como punhais cobertos por panos de veludo. Encostado a uma coluna, próximo ao caixão, Mordaz cochichava com o executivo da *Vórtice* algo que terminou com uma risada abafada — daquelas que costumam anteceder novos escândalos.

Gabriela suspirou, olhando, através da grande janela de vidro, em direção ao túmulo recém-aberto.

— Sabe o que me incomoda?

— Além da hipocrisia generalizada? — respondeu o Barbosa.

— É que, no fundo, ele morreu acreditando que o *Manifesto* era uma obra de arte. E talvez, para ele, fosse.

— E talvez seja mesmo — disse Alexandrino. — Só que daquelas que ninguém entende e todo mundo finge aplaudir, porque está no catálogo da *Fundação*.

Eles se calaram. O *Cozinheiro* cruzou o salão com passos breves, deixou uma pequena flor sobre a urna — alecrim, talvez — e saiu pela porta dos fundos, sem dizer uma palavra.

O Barbosa observou o gesto, intrigado.

— Alecrim... Tem gosto de verdade mal digerida.

Gabriela afundou por um instante nos próprios olhos, como quem lamenta mais pelos vivos do que pelos mortos.

— Vamos embora. Antes que o próximo velório seja o nosso.

Leitura Pública do Manifesto

“Um espectro ronda a Europa — o espectro do comunismo.”

Marx & Engels, *Manifesto Comunista*

A leitura do *Manifesto* foi marcada para o domingo seguinte ao velório. Havia quem chamasse de homenagem, e havia quem chamasse de “oportunismo necro-literário com queijos grátis”. Os dois lados estavam certos. A verdade é que nunca um texto tão pesado de digerir causou tanta salivação editorial.

O evento foi organizado no mesmo salão da despedida, agora com menos coroas de flores e mais taças de vinho barato. A plateia parecia um catálogo da fauna cultural cabralina: jovens com cara de tese inacabada, professores que tinham se aposentado por irrelevância, influenciadores acadêmicos que agora vendiam cursos online com títulos como “*Nietzsche em Seis Passos”* e “*Foucault para Iniciantes”*, além de um punhado de sobreviventes do *Clube République* — basicamente, os que nunca foram convidados para os banquetes no *“Casarão dos Barbosa & Freitas”*.

— Isso aqui é um sarau *gourmet* da desesperança — murmurou Gabriela, equilibrando um prato de gorgonzola e uvas como quem serve tragédia em pequenas porções.

Ela e o Barbosa já sabiam exatamente o que seria lido. Tinham percorrido o *Manifesto* de ponta a ponta antes mesmo de ele pousar, com pompa e protocolo, nas mãos do orador — que, aliás, usava gravata como quem se preparava para julgar um jantar. Conheciam bem o conteúdo: as encenações culinárias disfarçadas de crítica política, os golpes suaves contra o *Sistema*, e as propostas de renovação embrulhadas num papel de rebeldia reciclada. Nada ali era novidade. Era um manifesto cheio de palavras grandes e ideias pequenas — como convém aos tempos em que o academicismo virou militância performática. Já não se buscava a verdade, apenas o efeito.

> Como diria um pensador dos tempos ainda alfabetizados: “A inteligência, quando sequestrada por ideologias, torna-se a primeira vítima da própria esperteza.”

Mas estavam lá. Não por revelação. Por pura curiosidade. Aquele tipo de curiosidade que faz a gente assistir a uma peça que já conhece o final, só pra ver quem vai rir, quem vai fingir que entendeu, e quem vai sair antes do aplauso. Queriam saber se alguém levaria aquelas palavras a sério. Ou se o *Manifesto* seguiria o destino habitual dos textos que ousam demais e mastigam de menos: ser lido com cara de quem prova algo exótico, aplaudido com a polidez de um jantar formal e, finalmente, esquecido no fundo de uma pasta de *downloads* — entre convites

ignorados e promessas que ninguém mais lembra quem fez.

No palco, o orador era o inefável Dr. Haroldo Sant'Anna Vilela, cujo currículo incluía quatro universidades, três ex-esposas e nenhuma memória confiável. Abriu uma pasta de couro marrom com a solenidade de quem vai revelar os *Dez Mandamentos* — ou pelo menos a senha do *Wi-Fi* do além.

— "*Manifesto por uma Nova Frente Revolucionária*", por Emílio Mordaz & Geraldo F. A. Guedes — anunciou com voz embargada. Emoção? Provavelmente refluxo.

O Barbosa, sentado na terceira fileira com a postura de quem escolhe lugar estratégico para fugir cedo, recostou-se com desconfiança.

— Quando alguém assina com duas iniciais, ou quer parecer importante... ou está fugindo de processo... — resmungou ele.

— Ou das críticas — completou Gabriela, folheando sua cópia do *Manifesto* com o cuidado de quem relê algo antigo, mas ainda capaz de sangrar. — O que dá no mesmo.

A audiência, até então tão viva quanto um mingau esquecido, endireitou levemente a postura. O Dr. Haroldo pigarreou como se estivesse prestes a declamar a *Constituição* de trás para a frente, e começou:

— "Enquanto os cabralinos se perdem em dietas de ideias *light*..."

Fez uma pausa dramática. Olhou para cima, talvez à procura de um ponto de apoio gramatical, ou só da próxima frase.

— "... proponho o resgate do banquete ancestral da civilização: uma república onde o gosto pela verdade não seja temperado com adoçante ideológico."

Gabriela arfou suavemente, como quem deglute ironia antes mesmo de respondê-la.

— Isso vai virar uma crise de refluxo ideológico — disse baixinho, com o suspiro discreto de quem já cansou de engolir conceitos mal passados.

O Barbosa inclinou levemente a cabeça, num movimento que poderia ser interpretado como concordância ou rendição filosófica.

— Ele sempre teve intolerância à verdade *light* — comentou, lembrando do dia em que Gabriela lera o documento pela primeira vez e ele compreendera por que Geraldo o guardara como quem segura uma bomba, sem saber se ela explodiria ou simplesmente apodreceria dentro da gaveta.

A plateia reagiu com um aceno coletivo de sobrancelhas. Algumas se arquearam em dúvida; outras, em tédio. O Dr. Haroldo tomou fôlego como quem vai mergulhar fundo em águas já conhecidas — e perigosamente rasas.

— "Mas o verdadeiro problema, caros comensais da decadência..."

Lançou um olhar atravessado para um rapaz que mordiscava discretamente um pão de queijo — como quem mastiga opinião própria sem pedir licença.

— "... não é o tempero. É o *Chef* que não aparece nas fotos, mas comanda o *mise-en-place* da nação. Um homem? Não. Uma entidade. Um espectro com toga de linho egípcio e alma de Excel corporativo."

O detetive Alexandrino, até então em silêncio diplomático, mexeu o pescoço como quem ajusta a postura antes de dizer algo que pode incomodar — ou pelo menos provocar riso contido.

— Alma de Excel. Faltou só "filho bastardo de PowerPoint".

Uma jovem de preto, ao lado de um idoso sonolento que parecia ter adormecido no colo da própria memória, arregalou os olhos num clarão de interrogação.

— Isso é contra a "*Suprema Corte da Verdade*" ou o *MasterChef*?

O Dr. Haroldo, agora mais entusiasmado do que ouvido, desceu do púlpito com passos que imitavam os de "*Dom Quixote*" atravessando uma quitanda qualquer — entre ilusão e ironia.

— "Chamem-no como quiserem: Sistema, Poder Moderador, Justiça, Mercado, Clero Investidor..."

Fez uma pausa longa, cerimonial, e encarou um homem de colarinho branco e cara de quem já havia lido aquilo antes — e decidido esquecer.

— "... Eu o chamo de *Homem de Toga*."

O Barbosa virou-se discretamente para Gabriela, e seus lábios formaram uma curva mínima, quase inaudível:

— Nome de telenovela das onze.

Ela sorriu de leve, enquanto folheava o *Manifesto* com o cuidado de quem vira capítulos anteriores e sabia como terminavam.

— Ou de *podcast* conspiratório.

O texto prosseguia, agora em ritmo de samba trágico:

— "Esse *Homem de Toga* não come. Ele manda servir. Não cozinha, mas determina o cardápio..."

A plateia, outrora entediada, começou a emitir leves "ahans" de dúvida e pigarros de descrença — gestos que substituíram o debate real por ruídos de desconforto.

— "...Ele está no juiz que sentencia que furtar mortadela e suco para matar a fome é crime. No CEO que rebatiza demissão como 'realocação estratégica'. No reitor que leiloa bibliotecas para financiar *stands* em feiras de inovação. E, claro, no pastor que negocia fé em moedas digitais."

Uma senhora, sentada à frente, bateu palmas solitárias — como quem aplaude um monólogo cujo autor merece pena — e recolheu-as rápido, ao perceber o constrangimento geral.

— "Ele paira sobre todos os pratos..."

O Dr. Haroldo ignorava as reações como quem ignora a validade vencida de um iogurte ideológico — e seguia firme, como se cada palavra fosse um ato de resistência protocolar.

— "A toga que veste não é de tecido: é de silêncio, burocracia e presunção. Ele não se senta à mesa — ele a desenha..."

Levantou o dedo indicador com solenidade teatral — não para acusar, mas para ilustrar — e completou:

— "...e quando alguém tenta mudar o cardápio, ele vem com seu prato favorito: a 'liminar com redução de danos'. Um banquete onde o sabor é controlado e o povo... bem, o povo é a louça suja que ninguém quer lavar."

Gabriela deixou os olhos perderem o foco, como se lesse entre as linhas do próprio silêncio, antes de aceitar que a vida não melhoraria tanto assim nos próximos minutos.

— Isso é verdade. Eu sou a copeira da democracia — disse, quase consigo mesma.

A plateia já não escondia o cansaço. Um rapaz mexia no celular como quem procura uma saída em meio à monotonia do discurso, outro bocejou dentro da manga, como se seu corpo reclamasse o sono que sua alma já nem tentava esconder. Mas o Dr. Haroldo, agora emocionado, disparou o encerramento como quem joga a última pedra numa vidraça metafísica:

— “Por isso escrevo este manifesto: não para criar pratos, mas para queimar o livro de receitas. Para que o banquete deixe de ser encenação e volte a ser partilha. Para que a *Rèpúblika* volte a ter paladar.”

Fez uma pausa longa. Um silêncio inquieto, cheio de ruídos rebeldes que tentavam se esconder dentro dele.

— Retórica empanada... acho que já comi isso num congresso da “*União Narcísica de Esquerdização*”. — murmurou o Barbosa baixinho, com o tom de quem comenta uma mancha de vinho no tapete. — Estava fria.

Alexandrino, ainda ajustando os óculos com o polegar e o indicador, como quem organiza pensamentos ou desculpas, concluiu com a precisão de quem encerra um jantar indigesto:

— Mas ainda repete.

E refletiu, olhando para o alto, como se buscasse resposta na claraboia empoeirada:

— Muito curioso. Emílio Mordaz não deu o ar da graça.

Diplomacia dos Talheres

“A suprema arte da guerra é vencer sem lutar.”

Sun Tzu, *A Arte da Guerra*

A noite tinha a consistência de um caldo de feijão requentado pela quarta vez — espesso, indigesto e inevitável. O Barbosa, Gabriela, Luíza e Alexandrino chegaram juntos ao prédio de Mordaz, não como convidados, mas como testemunhas convocadas para um julgamento secreto.

Luíza recusou-se a entrar. Deteve-se diante da porta como quem encara um espelho que não devolve a imagem, mas memórias que seria melhor deixar empoeiradas.

— Você já esteve aqui antes? — perguntou Gabriela, no tom de quem já sabe a resposta.

— Uma vez — respondeu. — Para limpar. Depois de um jantar que terminou com uma diplomata chorando no banheiro e Mordaz publicando um artigo que destruiu três carreiras.

— Como você se lembra disso?

— Às vezes, os fatos se apagam da memória. Mas as consequências... elas têm o hábito de voltar para lembrar a gente. Foi uma época marcante.

Foi exatamente há sete anos. Mordaz vivia seu apogeu, escrevendo crônicas que incendiavam ministérios e acendiam sua própria vaidade na mesma proporção. Um dia, escreveu um artigo pomposamente intitulado *“A Diplomacia dos Talheres”*. Começou como uma crítica genérica, recheada de frases de efeito sobre como certos países pregam a paz enquanto vendem armas, condenam ditaduras enquanto servem vinho na varanda das embaixadas delas. Nada de inédito, mas escrito com a pontaria certeira — e suicida — de Mordaz.

E, porque não sabia resistir a um escândalo temperado com vinho caro, decidiu “dar cor” ao texto com detalhes de algumas transgressões da diplomacia francesa que, até então, circulavam apenas em cochichos. Incluiu, sem pudor, referências a um episódio envolvendo “trufas brancas de Alba”, três diplomatas francesas, um jantar que terminou com uma grande confusão — e, o mais grave, apoiou-se apenas nas declarações de uma fonte anônima, sem nenhuma evidência concreta. É verdade que não citou nomes, mas, como só havia três diplomatas no alto escalão, nomeá-las seria apenas uma formalidade.

Esse era o problema de Mordaz: não entendia a arte da insinuação; partia direto para a execução sumária. Era como aquele convidado de jantar que começa falando de política e, cinco minutos depois, está imitando a tia de alguém — com nome,

sobrenome e endereço.

Por uma gentileza jornalística, antes de publicar, enviou o artigo para conhecimento da diplomacia francesa. Aquele jantar, sete anos atrás, no apartamento de Mordaz, fora uma tentativa de abafar o caso. Não queriam que ele abandonasse o artigo — achavam a primeira parte uma denúncia válida —, mas gostariam que reescrevesse a segunda, tratando o episódio citado como um mero exemplo ficcional. Ele se recusou.

∵ ∴ ∵

Mordaz abriu a porta com a elegância de um maître cansado de servir "lagosta *Thermidor*" para quem só queria pão com mortadela.

Entraram. O apartamento de Emílio Mordaz cheirava a livros antigos, desilusão e um leve traço de perfume importado que ninguém tinha dinheiro para comprar, mas todos fingiam conhecer.

O ambiente era estéril como uma ideia ruim: começava promissora na porta, mas terminava vazia nos detalhes. Parecia mais uma encenação de apartamento do que um apartamento de verdade — daqueles montados em feiras de arquitetura para mostrar como viveria um homem culto, solitário e um pouco sociopata.

Os livros — a maioria antigos — estavam todos perfeitamente alinhados, como se tivessem sido convocados para um julgamento literário e instruídos a não demonstrar opinião. Nenhum título fora de lugar, nenhuma lombada inclinada. Nada de livros empilhados ao lado da cama, sublinhados com raiva ou marcados com recibos de farmácia — sinais humanos que pudessem indicar que ali, em algum momento, houve leitura com sentimento.

O silêncio era de catedral abandonada. Não um silêncio respeitoso, mas um silêncio constrangido, como o de um elevador lotado onde ninguém sabe se deve comentar o tempo ou manter o luto pelas interações humanas.

Nas paredes, o branco absoluto. Nenhuma foto. Nenhuma lembrança. Nenhum traço de vida, nem mesmo de si próprio. Era como se Mordaz fosse um conceito, não uma pessoa. Um arquétipo de misantropo ilustrado que se materializava apenas quando havia vinho e discussões inúteis.

Na estante, nenhuma peça decorativa fora do tom. Um globo mudo, um busto de *Nietzsche* e uma ampulheta que parecia medir o tédio. O sofá, funcional. A mesa, fria. O conjunto, opressivamente impecável.

Gabriela olhou ao redor, sem saber se sentia desconforto ou apenas um crescente desejo de dar uma gargalhada histérica.

— Impecável — comentou, com um sorriso que flertava com o sarcasmo. — Parece que você se inspira em suas próprias descrições. Você realmente vive aqui ou só passou para montar a cena?

Mordaz, imóvel, observava-a com a mesma expressão que teria ao ouvir uma crítica sobre a cor do céu. Desde jovem, estava acostumado ao veneno das palavras. Para ele, a crítica não passava de um acessório da indiferença. De qualquer forma, já esperava que o comportamento dela fosse hostil — teria estranhado se fosse diferente.

— É aqui que penso — disse, como se estivesse explicando o funcionamento de uma máquina de escrever. — O resto é ilusão.

Ela ergueu o queixo, desafiadora, o que fez seu sarcasmo subir ainda mais de

nível.

— E suas ideias? Ficam suspensas no ar como os livros? Ou você as alinha com tanto cuidado quanto essas lombadas?

Mordaz apenas deu de ombros, seu olhar vacilante como o de um filósofo cansado que já tinha visto o fim do pensamento e ainda estava tentando decidir se devia ou não comentar sobre ele.

— Eu os alinho, sim. Como o resto. Tão preciso quanto um relógio suíço... Se você souber o que fazer com ele.

— E o que você faz com ele? — perguntou Gabriela, como quem interrogava um personagem que sabia a resposta, mas gostava de provocar a resposta no interlocutor.

Mordaz olhou para ela com um leve sorriso, desses que não oferecem resposta, apenas a certeza de superioridade. Não precisava dizer nada: o gesto já bastava para colocá-lo acima da pergunta. Sabia que a agressividade contida dela brotava de alguma emoção mal disfarçada, cuja origem ele não conhecia por inteiro, embora desconfiasse o bastante para se divertir com isso.

— Eu vivo o tempo, Gabriela. Não o deixo me dominar. Eu domino o tempo.

Ela deu um sorriso irônico e olhou para o sofá, tocando na capa do livro mais próximo.

— Certo, você "domina o tempo". E o que você faz quando o tempo decide se rebelar? Ou você já soube antecipar até isso?

— Não precisa de rebelião quando você já sabe o que vai acontecer — respondeu ele, com a calma de um homem que já perdeu a esperança de que alguém o entenda.

Ela soltou uma risada baixa, como se o fosse tirar do sério, mas não tivesse mais energia para isso.

— E é isso que você chama de vida? Controle absoluto, sem um pingo de emoção, nem um lampejo de surpresa?

Mordaz deu um passo em direção à janela, como se a paisagem lá fora pudesse de alguma forma justificar a falta de calor humano dentro de seu próprio apartamento e mudou repentinamente de assunto.

— Vieram reclamar da minha organização, da minha vida? — disse, abrindo caminho. — Ou foi o tempero da verdade que deu azia?

— A gente veio porque você não apareceu, Emílio.

Ela sentou-se sem ser convidada.

— A leitura do *Manifesto*, seu e de Geraldo. Você ajudou a escrever. E na hora de ler... sumiu como um contrato de campanha depois da eleição.

Alexandrino se encostou na parede, como quem se protege da umidade e dos fatos. O Barbosa ficou de pé, braços cruzados, expressão de quem está prestes a escrever um artigo rancoroso para uma revista que ninguém lê.

— Você deve uma explicação. — disse o Barbosa, no tom passivo-agressivo que só quem nunca teve sucesso sabe aplicar com perfeição. — Você que botou fermento nesse bolo institucional. Cadê você na hora de servir?

Mordaz suspirou como quem já ensaiou aquele momento mil vezes e, mesmo assim, não sabia se estava no ensaio ou na estreia.

— Eu ajudei o Geraldo a escrever, sim. Foi como restaurar um vaso antigo: cada palavra, um pedaço perdido; cada vírgula, uma falha a ser dissimulada. Mas não era meu lugar estar lá.

— E por quê? — insistiu Gabriela. — Vai dizer que teve crise de consciência?

— Tive algo muito mais raro: lucidez. — respondeu Mordaz, com um sorriso que misturava cansaço e sarcasmo. — Eu percebi que a verdade não liberta. Só muda o modelo da cela.

Alexandrino franziu a testa, como se tentasse decodificar um *haicai* em mandarim.

— Emílio... qual é a saída então? Se a gente não pode vencer o sistema, se ele é o próprio ar — como você disse — o que a gente faz? Segura a respiração?

— A saída? — Emílio levantou-se e foi até a estante, puxando um livro grosso como a *Constituição*. Abriu numa página aleatória e leu: — "*Todo poder emana do povo.*" — Fechou o livro com força. — O problema é que o povo terceirizou o poder para quem tem gravata, *smartphone* de última geração e uma planilha do Excel com os contatos certos.

O Barbosa bufou. Estava irritado. Com o sistema, com Emílio, com o mundo, mas principalmente consigo mesmo.

— Isso não é resposta. Isso é fuga. Você sumiu porque tem medo de ser irrelevante. Medo de descobrir que, mesmo com todo seu vocabulário e ironia, você é só mais um autor de rodapé.

Mordaz não rebateu. Apenas olhou para o Barbosa com uma ternura que, vinda dele, era praticamente uma confissão de culpa.

— Talvez você tenha razão. Talvez eu tenha fugido. Mas não porque sou covarde. Fugi porque sei que, no teatro do poder, o último a levantar a voz é o primeiro a ser apagado do roteiro.

Gabriela se levantou. Havia algo na sua postura — uma raiva compassada, estratégica — que fazia até os móveis parecerem cúmplices.

— E ainda assim, estamos aqui. — disse, como quem afirma um juramento. — Porque apesar de tudo, alguém tem que protestar. Nem que seja sussurrando.

Mordaz sorriu, dessa vez com genuína admiração.

— É por isso que vocês são tolos. Vocês ainda acreditam que palavras podem fazer barulho. Eu? Eu só vejo ecos.

Alexandrino, que até então parecia distraído, deu um passo à frente.

— Emílio, o que está no *Manifesto* é real. As pessoas precisam saber. Mesmo que não mude nada. Mesmo que ninguém escute. Porque, no fim, a única coisa que temos é a tentativa.

O Barbosa completou:

— A tentativa e a literatura. Mesmo que ninguém leia.

— E a verdade. — disse Gabriela. — Nem que seja só para nós.

> Era típico de Alexandrino. Não que fosse rebelde — ele jamais quebraria uma vitrine, nem mesmo por acidente. E revolucionário, então? Só no nome de alguma receita de brigadeiro. Sua frase soava como um clamor idealista, mas não era. Era apenas sua lógica obsessiva de utilidade em ação: se algo tem um propósito declarado, deve ser levado até o fim. Se o *Manifesto* dizia querer despertar as pessoas, então deveria ser publicado. Concordar com ele? Irrelevante. O que importava era a coerência entre o objetivo e o meio. Alexandrino era assim — além de detetive, um burocrata da finalidade.

Mordaz os observou por um tempo longo demais para ser casual — mais longo que o prefácio de uma tese sobre a dissolução do *eu* em realidades alternativas segundo a psicanálise freudiana. E então, num gesto inesperado, tirou um envelope

do bolso do paletó. Era amarelado, com o selo do *Arquivo Nacional* e que exalava o cheiro de algo que nunca deveria ter sido arquivado.

— Aqui está... Entreguem isso ao *Cozinheiro*... e, se ousarem encarar o cardápio completo da história, podem abrir antes de entregar.

Alexandrino estendeu a mão, hesitante:

— O que é?

Mordaz não respondeu.

Quando o abriram, encontraram um pequeno caderno — páginas cobertas de anotações indecifráveis, algo entre códigos e lembranças apagadas. Ao lado, uma fotografia: os membros da *Grão-Confraria de la République* em 20 ***a.CB***, reunidos num banquete ao lado de empresários e juízes da "*Suprema Corte da Verdade*". Ao fundo, quase invisível, uma jovem figura em pé — cabeça baixa, mas olhos fixos na história. No verso da foto, uma frase em vermelho — talvez tinta, talvez sangue antigo, ou apenas vinho ressecado:

— **Você já sabia**.

Mordaz permaneceu imóvel por um longo instante, sem desviar os olhos da paisagem cinza lá fora, como se nela pudesse surgir uma revelação tardia ou uma resposta para seu dilema moral.

— Quem domina a retórica do impossível carrega um fósforo aceso — disse Mordaz, voz baixa, quase reverente, como se pregasse para uma congregação invisível. — Pode incendiar o mundo ou iluminar o caminho. Só que eu... não queria ser o primeiro a riscar o fósforo.

> É incrível como certas frases parecem grandes demais para a cena em que estão inseridas — como se tivessem sido escritas para serem lembradas antes mesmo de serem ditas. A retórica do impossível, o fósforo aceso… tudo soa como um juramento épico proferido por alguém que nunca foi herói, mas insiste em viver como se fosse.

Gabriela colocou o caderno e a foto de volta no envelope com cuidado, como quem guarda a esperança num país em que a verdade é constantemente posta em leilão.

— Você vai sumir de novo? — perguntou ela.

— Não. Eu nunca sumi. — respondeu Mordaz. — Eu vou assistir. De camarote. Porque agora é com vocês. Vou continuar o meu trabalho na revista *Vórtice*. E, com sorte, talvez alguém ainda se importe.

Saíram em silêncio — um silêncio que não pedia resposta. Lá fora, o mundo seguia seu roteiro absurdo, com manchetes gritando em neon e a realidade sendo empurrada para baixo do tapete da normalidade.

Na frente do prédio, Luíza os esperava — envolta na penumbra que caía sobre a cidade como um véu negro usado em um funeral onde ninguém chorou de verdade.

> Enquanto a cidade dormia, os problemas cresciam silenciosos, com aquela calma de quem sabe que vai vencer de qualquer jeito. São os únicos que nunca faltam, nunca tiram férias, nunca pedem aumento: funcionários-modelo do caos. Nós? Apenas estagiários deslumbrados. Crachá de visitante, contrato por tempo indeterminado.

Retorno das Siamesas

“Nós somos as meninas que o tempo esqueceu.”

Lygia Fagundes Telles, *As Meninas*

Dois meses após a morte de Geraldo, último membro da *Grão-Confraria de la République*, o Barbosa havia se transformado num *ex-writer*. Não daqueles que penduram a máquina de escrever no cabide, mas dos que deixam as ideias mofarem no fundo da gaveta, entre recibos e balas de hortelã.

Gabriela notou a mudança no silêncio dele. Antes era o silêncio de quem *pensava em desistir*; agora era o silêncio de quem já desistiu de pensar. Um silêncio confortável, como um pijama velho que não promete mais nada — só existe.

Parou de falar de Mordaz. Parou de falar de livros. Chegou até a parar de falar sobre parar. Tornou-se um *monge laico* da procrastinação, cultivando a arte de não escrever com a devoção de quem reza para não ser salvo.

Os jantares com Gabriela, antes recheados de debates sobre *Kafka* e culinária tibetana, agora eram dominados por discussões sobre qual marca de azeite era menos ruim.

Numa noite, após prepararem um *risoto existencial* — indeciso entre funghi e legumes, assim como a geração *millennial* entre a crise e o *delivery* —, ela soltou:

— E agora, o que vai escrever?

O Barbosa mastigou a pergunta como se fosse um *osso de ideia*.

— Talvez retome às “*Siamesas de Lesbos”*.

Ela riu. Daquele riso que só damos quando percebemos que o amor é 10% carinho e 90% *resignação estilística*.

Na estante, o roteiro de ”*O Império das Ruínas”* acumulava poeira com a dignidade de um ex-presidente. Ao lado, o ”*Dossiê Mordaz”* sustentava um vaso com uma planta que Gabriela insistia em chamar de “viva”, mesmo que parecesse um esqueleto de salsa.

O Barbosa não queimara todos os cadernos. Guardara um. Na última página, rabiscara: ”Volto se faltar”. Nunca soube se era uma promessa ou uma ameaça — a frase não fazia sentido.

Tentou escrever algo sério, claro. Sentou-se diante da tela em branco e digitou: ”Capítulo 1 – O Dia Seguinte”. Olhou para a frase como quem olha para um ex-namorada no *Facebook*. Quarenta minutos depois, acrescentou: ”O silêncio na casa era total, exceto pelo som do mundo lá fora”. Detestou. Soava como literatura de quem separa o lixo reciclável, mas trai a esposa no carro híbrido.

Apagou.

Dois dias depois, encontrou uma pasta vermelha atrás de livros que nunca lera — *"Dialética do Chiclete"* e *"Heidegger para Happy Hours"*. Lá estava: *"As Desventuras das Siamesas de Lesbos – Volume II: A Dualidade do Afeto"*. Rascunhos caóticos, cenas de erotismo jurídico ("Artigo 22: Prazer com Parágrafo Único"), duelos de sabres vibratórios em conventos *queer*. Riu. Não da obra, mas de si mesmo. Era ruim. Era *ridículo*. Era **seu**.

Na manhã seguinte, ignorou os e-mails da editora, que exigiam um "*Banquete 2: mais poder, menos indigestão"*, e mergulhou num parágrafo que começava assim:

"As Siamesas debatiam se o amor era um *habeas corpus* ou um *emoji* de berinjela."

Gabriela o pegou no flagra três dias depois, rindo sozinho diante de diagramas de *orgasmos quânticos* e citações falsas de *Foucault*:

— Barbosa… — disse, com um suspiro que resumia um século de história da literatura cabralina.

Ele nem pestanejou:

— É mais forte que eu.

Ela leu na tela:

"Capítulo 3: As Siamesas descobrem que a Bíblia era, na verdade, um manual de orgias escrito em código por freiras *punks*."

Silêncio.

Ela olhou para ele como se olha para um cachorro que insiste em lamber tomadas.

— Pelo menos tira meu nome dos agradecimentos.

O Barbosa assentiu. E seguiu escrevendo. Sem a ânsia de grandeza, sem a ilusão de legado. Apenas pela perversa alegria de quem sabe que, no fim, o grotesco é a única verdade que não envelhece.

Enquanto isso, a planta sobre o *"Dossiê Mordaz"* murchava devagar — mas, convenhamos, com mais estilo que qualquer construção retórica fútil.

Nota Explicativa

Como o leitor já deve ter concluído — ou não; afinal, pressuposições são o primeiro passo para o desentendimento —, este livro foi montado como certos móveis antigos, herdados de parentes que acreditavam na eternidade da madeira. Há peças sobrando, outras faltando, e parece que nem tudo se encaixa do jeito que o manual gostaria.

E os *Personagens*… bem, eles insistiam, desde o prólogo, em não ser expostos à própria biografia de forma tão escancarada. Pediam, antes de tudo, profundidade psicológica — como se profundidade fosse um direito, e não um acidente de percurso.

À luz desse contexto, esta pausa decorre de um desentendimento criativo entre o *Autor* e Gabriela. Ela achou que o papel dela nos últimos capítulos "não fazia sentido". Ele retrucou, com a elegância de quem já esgotou o estoque de diplomacia, que "a vida conjugal dela também não".

Resultado: uma página em branco.

Silêncio total. O tipo de silêncio que dói nos ouvidos da narrativa.

Agora, o *Autor* pondera como resolver esse impasse no Epílogo. Ou se resolve. Ou se deixa insolúvel, como a maioria das coisas que realmente importam — e algumas que não importam nada, mas ocupam espaço.

Enquanto isso, você, leitor, segue em frente. Como sempre. Afinal, a vida — e a literatura — não esperam pela profundidade alheia.

Final
EPÍLOGO À MODA DA CASA

Revolta da Farofa

"Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros."

George Orwell, *A Revolução dos Bichos*

Num futuro não muito distante — ou talvez apenas mais nítido — uma convulsão atravessou a Cabrália como uma descarga elétrica em carne viva. Não foi anunciada. Não precisou de sirenes nem de comunicados oficiais. Começou com um tremor pequeno, quase sentimental, e logo se espalhou como febre mal diagnosticada.

Nas ruínas do antigo *Clube République*, um garoto de rua encontrou as *Cápsulas do Tempo*. Dentro delas: *NFTs* da receita do "Bolo da Memória", gravações do **Boi de Silício** em binário, recibos de propina plastificados. Foi o suficiente.

Multidões tomaram as ruas, mas não ao som de gritos ou bandeiras — vinham embaladas por memes convertidos em hinos nacionais, versões *remix* do desespero coletivo.

A "*Suprema Corte da Verdade"*, há décadas sustentada por contorcionismos jurídicos e uma boa dose de fé cínica, tremeu na base simbólica quando um trator de protesto derrubou seu frontão — justamente durante a transmissão ao vivo de um julgamento que ninguém entendia.

Lembrando *Eric Voegelin*: "Ninguém é obrigado a participar da crise espiritual de uma sociedade; ao contrário, todos estão obrigados a evitar a loucura e viver sua vida em ordem."

Mas ali, não. Ali, não só participavam da loucura — chegaram com garfo e faca.

Alguns até trouxeram guardanapo. Para levar sobra.

A câmera balançou com o impacto. Um dos repórteres, visivelmente nervoso, tentou manter o tom neutro:

— Estamos presenciando cenas caóticas diante do "*Palácio das Sentenças*". A multidão invadiu o perímetro enquanto a "*Suprema Corte da Verdade*" analisava o caso mais simbólico de nossa história: o julgamento da "*Intenção Culposa de Desvio Constitucional*". Mas... afinal, o que isso significa?

A câmera tremeu mais uma vez. As luzes piscaram. E entre os gritos e o eco das panelas viradas em armas, ouviu-se a voz familiar do ministro Ademar Lins, que abandonara o plenário minutos antes do início da votação. Ele apareceu na tela sentado num banco de praça próxima ao "*Palácio das Sentenças*", comendo uma barra de cereal como se fosse uma comunhão laica:

— Hoje, meus caros, julgamos não um crime, mas uma postura. Não uma ação, mas uma omissão elegante. Chamamos isso de *"Intenção Culposa de Desvio Constitucional"*. É o ato de estar presente na cena do crime sem nunca tocar no

punhal. De ocupar um cargo sem assumir responsabilidade. De votar a favor da ordem enquanto se serve da anarquia.

Fez uma pausa, limpou os cantos da boca com a manga do casaco.

— É julgar não quem rasgou a Constituição, mas quem deixou que ela amarelasse, murchasse, apodrecesse nas mãos dos mal-intencionados. É investigar quem viu o golpe sendo cozinhado e fingiu ler o cardápio. É medir a dose de cumplicidade dissimulada sob a capa da burocracia.

Lançou um olhar para a multidão no telão — com expressão de quem já vira aquilo tudo em sonho — e, mais uma vez, voltou-se para a câmera:

— Em outras palavras: é julgar aqueles que não fizeram o mal, mas permitiram que ele se sentasse à mesa — com guardanapo e vinho importado.

Respirou fundo e falou como quem traz nas palavras o peso de uma era em ruínas — não advertia, apenas narrava o colapso.

— Em suma: é julgar a cumplicidade elegante, a participação limpa, a hipocrisia legalizada — aquela que não precisa de armas, só de uma caneta e uma postura de quem sempre parece surpreso com o pior.

A voz cansada do ministro revelava um conflito interior, pois ele sabia que aquele julgamento não condenava apenas os outros — era também um espelho sujo, onde cada ministro via seu próprio reflexo. Eles não eram estranhos àquela lógica. Toda a vida, toda a carreira foram construídas sobre o silêncio estratégico, a leitura técnica de textos imorais, a cumplicidade revestida de parecer jurídico e, não raro, sentenças usadas como moeda de troca. Ao julgar a intenção culposa, estavam, na verdade, confessando a própria culpa.

Enquanto o ministro Ademar falava para a imprensa, alguns ministros tentaram fugir. Mas foram cercados por populares que, em vez de pedras, jogaram farofa.

— Engulam as próprias sentenças! — gritava a multidão agitada.

O trator avançava, e com ele, o povo. Alguns entendiam a mensagem que ecoava nos telões. Outros só a repetiam, como um slogan pasteurizado. Muitos nem sequer sabiam o que guardavam as *Cápsulas do Tempo*. Sabiam apenas que o sistema lhes servira o mesmo prato por tempo demais — e agora queria mudar a receita, sem trocar o cozinheiro. Mas já era tarde para reformular o menu. O julgamento foi interrompido não por força de ordem, mas por força simbólica — a multidão, espremida diante do edifício em ruínas, não queria mais ouvir. Queria ver.

No interior do plenário, nos subterrâneos protegidos do "*Palácio das Sentenças*", alguns ministros ainda tentavam manter o verniz cerimonial. A transmissão seguia no ar, ainda que com som intermitente e imagem tremida. O ministro Duarte Meneses, conhecido por suas frases de efeito e sua habilidade em transformar contradições em jurisprudência, puxou o microfone, trêmulo:

— É necessário lembrar, com devida vênia à histeria popular, que nenhuma norma constitucional foi tecnicamente rasgada. Foi dobrada. E isso é prática comum, inclusive reconhecida em doutrina.

Pegou um lenço bordado com as iniciais *S.C.V.* (*Suprema Corte da Verdade*) e limpou o suor da testa, como quem tenta apagar uma assinatura incriminadora.

A ministra Silvânia Fortes, com seus óculos translúcidos e voz pastosa de corista constitucionalista, tentou reverter a narrativa:

— O povo está mal-informado. Este tribunal apenas validou procedimentos. Não somos culpados pelo cardápio, apenas aprovamos os talheres.

Disse isso com a mão esquerda pousada no colo, como se buscasse consolo em

algo invisível. Seu olhar, porém, evitava as imagens do telão.

O ministro Delmar Rocha, exímio intérprete das entrelinhas legais, examinou a multidão no telão do plenário por alguns segundos. Voltou-se para os pares com ar didático:

— Eu gostaria de lembrar que fui voto vencido em diversas ocasiões. E mesmo quando fui maioria, era por convicção moderada.

Apertou o nariz com dois dedos, como se tentasse segurar um cheiro forte.

— Nada que se compare ao dolo escancarado da "*Câmara do Povo*".

Baixou a cabeça, como quem faz reverência a um passado do qual se distanciava aos poucos — mas não enganava ninguém. Na verdade, sabia disso melhor que todos: fora parte da máquina tanto quanto os outros. Sua moderação não o isentava. Era só uma variação mais requintada da mesma culpa.

Mas ninguém ouvia mais. Lá fora, um artista de rua encenava com fantoches o colapso da "*Suprema Corte da Verdade*". Um dos bonecos usava toga e carregava uma colher de pau. No fundo, tocava a marcha nupcial remixada com sirenes. A transmissão caiu no exato momento em que um ativista — que mais tarde as testemunhas juraram ser o *Cozinheiro*, um pouco mais velho — reinventou a estátua de *Thémis*, substituindo a espada por um rolo de massa e a balança por um bule de chá.

Dentro do tribunal, o ministro decano ajeitou a gola e, já em tom de desabafo íntimo, murmurou:

— Não era isso que estava no roteiro... Eu votei pela ordem. Pela parcimônia. Pela estética da jurisprudência.

Ergueu os olhos para a estátua no teto, como se esperasse resposta dela. Instalada num nicho, a estátua de *Ma'at* permanecia imóvel, como sempre — mas seu olhar esculpido em mármore parecia, agora, mais cínico, como quem já vira aquele teatro muitas vezes antes. Parecia observar o plenário com um olhar feito de ausência, de silêncio programado. A ministra Silvânia acenou com a cabeça, já recolhendo seus papéis e adornos. Guardou-os devagar, como quem empacota memória de um regime agonizante. O plenário esvaziava-se como uma peça de teatro cancelada no segundo ato.

Lá fora, a multidão não clamava por justiça. Queria era comunhão. Desejavam que, por fim, os ministros admitissem que todos haviam partilhado do mesmo erro — e que, ao reconhecerem o mesmo veneno nos talheres, pudessem se abraçar em silêncio, cúmplices e esmagados pela farsa comum. Pois eles não eram salvadores. Nem juízes. Eram, isso sim, os cozinheiros da própria ilusão — o retrato desbotado de uma nação exausta. Naquela tarde, na Cabrália, não houve tiros, nem hinos oficiais. Houve um único som: o da liturgia desabando. E então, começou o banquete dos que nunca foram convidados.

Dizem que foi naquele outono de sombras longas e baterias descarregadas que a Cabrália, enfim, expirou sua liturgia cívica. Não com fogos, nem tanques, nem heróis em bronze — mas com panelas viradas, farofa lançada ao alto e um trator ilustrado com *memes* atropelando a fachada da moralidade institucional.

Alguns afirmam que não foi no outono, mas num verão chuvoso. Mas isso, na Cabrália, nunca fez diferença. Nos livros que sobreviveram, aquele dia ficou conhecido como "*A Revolta da Farofa*" — embora nenhum prato tenha sido servido, apenas memórias, ressentimentos e um *Manifesto* cujo conteúdo ninguém mais recorda.

Décadas depois, os manuais de história constitucional continuam evitando o assunto. Preferem falar de reformas pontuais, rupturas discretas, de "ajustes normativos em contextos excepcionais". Mas quem viveu sabe: o que caiu naquela praça não foi um regime — foi o verniz.

O "*Palácio das Sentenças*", sede da extinta "*Suprema Corte da Verdade*", virou um café-restaurante temático. A estátua de *Thémis* nunca foi restaurada. Em seu lugar, crianças brincam com miniaturas de rolos de massa e bules de chá. Ninguém explica o porquê. Não precisam.

Afinal, a chamada "*Nova Republik*" — ou seja lá como quiserem chamá-la — nasceu com uma nova constituição, um novo menu, e um novo paladar.

Nota de Cozinha (servida com o sorriso de quem já conhecia o roteiro)

Se *Orwell* desembarcasse na Cabrália — num voo da *Transcabrália* com escala na *Bolivárquia*, carregando um cigarro apagado na manhã em que o século perdeu a inocência —, não se surpreenderia. Apenas anotaria, com seu olhar cansado, que os porcos não só andam sobre duas patas, como agora lecionam "gastronomia constitucional".

Na Cabrália, o roteiro de *"A Revolução dos Bichos"* se repete com *5G* e tratores ornamentados com memes. A *novilíngua*, agora jargão jurídico, opera em cláusulas como "Intenção Culposa de Desvio Constitucional" — fórmula que absolve o sistema enquanto condena seus sintomas; ou, como sussurram nos corredores do "Palácio dos Inconformados", absolve o arcabouço e condena o ruído. A "*Suprema Corte da Verdade*" não julga crimes — julga posturas. Convida à mesa quem fingiu não ver o roubo.

Mas há algo que *Orwell* não previu: os oprimidos não querem justiça, mas confissão coletiva. Não invadem o "*Palácio das Sentenças*" para enforcar juízes, mas para forçá-los a admitir que todos cozinham o mesmo veneno. O trator que derruba o frontão não destrói — limpa. É o povo declarando: "Chega de fingir que esta liturgia ainda alimenta alguém."

A lição de *Orwell*, portanto, não envelheceu — apenas adquiriu sabor de farofa e aroma de panela queimada. A "verdadeira revolução" não é a troca de governantes, mas o reconhecimento ético de que o problema não reside apenas nos indivíduos no poder, mas no sistema de cumplicidade silenciosa que persiste independentemente de quem está no comando. Sem isso, trocar os donos não altera a natureza do poder — apenas o sabor da sopa que nos servem.

A Criança e o Caderno

“Porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra.”

***Gabriel García Márquez**, Cem Anos de Solidão*

Algum tempo depois da “*Revolta da Farofa*” — o movimento que ajudou a repaginar a “*Suprema Corte da Verdade*”, agora chamada de “*Supremo Tribunal do Povo*” — uma menina encontrou o caderno do *Cozinheiro* num sebo empoeirado no coração da cidade esquecida. Na capa, letras manuscritas, tortas, mas firmes: “Receitas para os que não têm fome (ainda).” Ela folheou as páginas com cuidado, como quem abre uma caixa de memórias alheias. O cheiro era antigo: mistura de mofo, café derramado e promessas não cumpridas. Riu ao encontrar a anotação: “No fim, o verdadeiro veneno não estará na sobremesa — mas na dúvida.”

Levou o caderno ao avô, um ex-garçom do *Clube République*, cuja memória agora era tão frágil quanto sua voz. Ele mexia uma sopa que parecia mais uma tentativa de lembrança do que uma refeição real. Usava óculos de armação fina e um avental manchado, como se cada nódoa tivesse vindo de outra época.

— Isso é velharia, neta. Joga fora.

— Não. Isso é história.

A menina hesitou por um instante, mas obedeceu. Dobrou-se à palavra dele, como todos fazem em algum momento. Arrancou uma página e dobrou-a em forma de avião de papel — um gesto simples, quase inocente. Lançou-o pela janela aberta como quem entrega ao vento uma mensagem que já não podia ser guardada. Ele planou sobre as ruínas da antiga “*Câmara do Povo*”, destruída durante a “*Revolta da Farofa*”, dançou no ar como um protesto infantil e mergulhou num rio poluído, onde tudo parece se dissolver: ideias, memórias, e até mesmo a história. Ali, desfez-se lentamente, tingindo a água de vermelho. Cor de vinho. Ou talvez cor de revolução.

O avô observou tudo sem dizer nada. Sua colher parou de mexer a sopa. Seus olhos turvaram, como se a lembrança daquela época voltasse com gosto de algo mal digerido.

∵ ∴ ∵

No “*Casarão dos Barbosa & Freitas*”, agora ocupado por famílias desalojadas durante a “*Revolta da Farofa*”, dizem que o fantasma do *Cozinheiro* vaga pelas madrugadas. Mexendo panelas invisíveis. Sussurrando receitas nos ouvidos dos insones. Deixando bilhetes dissimulados entre os grãos de sal.

Dizem também que, se você deixar um prato de farofa na janela, ele aparece à noite e escreve o nome do próximo a cair.

Mas ninguém tenta.

Alguns juram ter visto sua sombra nas escadarias escuras. Outros falam de uma voz baixa cantarolando fórmulas em latim. Mas, no fundo, ninguém sabe ao certo se o *Cozinheiro* morreu... ou simplesmente sumiu.

Ele não foi encontrado após a revolução — nem para ser responsabilizado pela depredação da estátua de *Thémis* diante do "*Palácio das Sentenças*". Dizem que foi ele, disfarçado entre os manifestantes, quem substituiu a espada por um rolo de massa e a balança por um bule de chá. Um gesto poético.

Mas isso é apenas especulação. *Fake news* bem temperada, talvez. Ninguém viu o rosto sob o capuz. Ninguém ouviu sua voz entre os gritos. E quando as redes sociais perguntaram "onde estaria o verdadeiro *Cozinheiro*?", ninguém estava ali para responder.

Alguns dizem que ele foi para o interior da Cabrália, onde abriu uma lanchonete chamada "*O Último Prato*". Não havia cardápio. Cada cliente recebia algo diferente: às vezes, uma frase rabiscada numa toalha de papel; outras, um caldo opaco com gosto de arrependimento. Ele nunca atendia pessoalmente. Só aparecia quando o lugar estava vazio. E mesmo assim, parecia mais um reflexo do que um homem de carne e osso.

Outra versão, mais popular, garante que ele foi absorvido pela própria *República* — ou, mais precisamente, pela *Nova Republik*. Foi transformado em conselheiro informal de ministérios sem orçamento — cargo ideal para quem já estava acostumado a governar o nada. Um consultor de sombra, especialista em temperar discursos oficiais com doses mínimas de verdade. Mas essa também é só mais uma história contada por quem tem fome de sentido — e sede de notícia falsa.

O fato é que, no "*Casarão dos Barbosa & Freitas"*, de tempos em tempos, alguém encontra um recado num pote de sal ou sob a torrada do café da manhã: "Hoje será o dia." Ninguém pergunta de quê. Basta saber que o espectro ainda está entre eles — seja como memória, seja como ameaça.

Fibra Solta no Tear do Real

“O tempo não cura. O tempo só ensina a gente a carregar a dor com mais jeito.”

***Mia Couto**, O Fio das Missangas*

Ninguém notou quando aconteceu. Nem o tempo. Nem os deuses. Nem mesmo o Barbosa, que, na Maison des Écritures Transfrontalières, ainda sonhava com o som dos passos de Gabriela pelas tábuas largas do assoalho do “*Casarão dos Barbosa & Freitas”*. Mas ela se foi.

Não morreu. Evaporou-se. Um *blip* — súbito, breve, silencioso — na realidade. Como um soluço do universo. Como um travamento na fita de um *VHS* velho em que o filme pula direto da conversa para o silêncio. Gabriela deixou de ser da forma como era.

Quando seus olhos se fecharam — não por sono, mas por deslocamento —, acordou em um lugar onde o tempo gotejava lento como mel negro. Estava sentada. Ainda no mesmo gesto recolhido, o xale de lã macia e refinada envolvendo seus ombros como um casulo de lembranças. O lugar chamava-se “*Bar do Não-Ainda*” — não era exatamente um bar, mas um intervalo com licença para existir. Um refúgio para almas em estado de rascunho, onde até o tédio parecia uma promessa adiada. Era uma encruzilhada de narrativas. Um cais de histórias naufragadas. Criaturas de existências fragmentadas bebiam histórias como álcool barato.

Gabriela olhou para as mãos: o mesmo anel prateado, as mesmas unhas curtas, esmaltadas com um tom vinho discreto — elegante, quase melancólico. No bolso do vestido, um leve volume — um envelope preto com seu nome cuidadosamente caligrafado. Percebeu que não sentia dor. Nem medo. Apenas o aroma do jasmim no ar e o peso do xale que insistia em existir. Era como se tivesse saído de um sonho para outro.

A porta dos fundos rangeu. *Caronte* emergiu da névoa — terno discreto, gravata conservadora, e, por cima, um avental branco imaculado — o único objeto ali que parecia pertencer a um mundo onde ainda se cozia algo. Seus olhos burocráticos vasculharam Gabriela como um *scanner* defeituoso. Ele se aproximou e consultou uma prancheta holográfica com o tédio de quem trabalha em turnos infinitos.

— Isto não está certo. Você não deveria estar aqui ainda.

Ela ajustou o xale com movimentos de quem reconhece a inutilidade do gesto.

— Por que o avental? — perguntou, ignorando o que *Caronte* tinha dito.

Caronte suspirou. O mesmo suspiro de eternidade repetida.

— Todos precisam ser servidos. Até mesmo os mortos.

— Servidos de quê? — insistiu ela, eco involuntário do tom que usara com o Barbosa em tantas discussões vazias. — Uma última esperança?

— Não. Os que chegam aqui não precisam de esperança. Precisam de sentido — ou da ilusão dele — respondeu ele, abrindo o caderno de couro.

— Seu nome não consta — disse *Caronte*, com certa impaciência.

Ela cruzou os braços e seus olhos se estreitaram — não de desconfiança, mas de reconhecimento: aquilo era o primeiro sinal de que algo, enfim, fora interrompido.

— Se não deveria estar aqui, então por que estou? — perguntou, os dedos acariciando a lã macia de seu xale, ainda impecável, como se tivesse sido comprado ontem em alguma boutique discreta de Paris.

Caronte suspirou.

— Isso não é pergunta. É protocolo. Alguns políticos da Cabrália já me deram dor de cabeça suficiente no último turno.

Consultou mais uma vez o pequeno caderno de couro, folheou páginas com nomes riscados em tinta que não secava, e confirmou:

— Seu nome realmente não consta. Isso é uma anomalia. Um erro de costura no tecido, não no tear.

— Tenho que consultar *Jano* — completou *Caronte*, com um ar de quem já viu esse protocolo falhar três vezes seguidas.

No *Limiar Janual*, agora reclassificado como *Núcleo de Transição Não Binária (NTNB)*, *Jano* enfrentava o colapso do sistema. As almas se acumulavam em filas virtuais, com senhas expiradas e atualizações pendentes. As travessias eram adiadas como obras públicas: prometidas, reagendadas e esquecidas.

E *Caronte*, agora sindicalizado e promovido a *Operador de Travessia Nível 3 (com adicional noturno)*, reclamava dos turnos extras com a elegância de um funcionário público cansado de tudo.

— Tem um caso especial aqui — resmungou ele para *Jano*, através do *tablet* interdimensional. — Gabriela, oriunda da Cabrália. O mesmo lugar de onde vieram aqueles políticos problemáticos.

— Ah, sim — disse *Jano*, lendo a ficha digital. — Uma *Maître d'Banquet.* A flor mais fina da elite cabralina. Encaminhe para *"Análise de Realidade"*. Pode ser fibra solta.

De repente, a realidade se partiu. Pela fresta cósmica surgiu uma figura envolta numa túnica prateada, rosto liso como porcelana e olhar tão vazio quanto uma página em branco. Era a Juíza da *UBER* — "*Unidade de Brechas e Ecos da Realidade*", órgão supratemporal e multiversal responsável por administrar casos de reincidência narrativa, falhas no fluxo causal e julgar almas que tentam retornar à trama com ironia suficiente para confundir a entropia.

Ela segurava um prisma onde cintilavam cenas das vidas de Gabriela e do Barbosa:

— Amor, sacrifício, ironia, resistência... e um escritor frustrado. Tudo está aqui. E ainda intacto.

— Casos 7428-B e 8539-C — anunciou a juíza, voz ecoando como chuva sobre um teto de alumínio. — Óbito por desalinhamento de fibra. Rasgo no "*Fluxo Sagrado*". O escritor ainda tem algumas páginas para escrever, mas breve chegará aqui também. Assim, a *UBER* considera também julgado o caso 8539-C.

Ao fim da análise, veio a decisão:

— Eles serão redirecionados para uma fibra de realidade paralela — *Universo de*

Continuidade Beta (UCB-7) — onde tudo prossegue como se a falha nunca tivesse ocorrido. Mas, antes disso, ela será transferida para o *Limiar Janual*, à espera do seu escritor frustrado. Pois ele ainda está escrevendo, sem saber que parte dele já foi *versionada*.

Jano esfregou os olhos — não por cansaço, mas por *sobrecarga de bifurcações*. Cada alma exigia uma escolha. Cada escolha, uma porta. Cada porta, um novo protocolo.

Ao fundo, *Janua* não suspirou. Apenas girou — imperceptivelmente —, como uma dobradiça bem lubrificada. Serviu-se de um cálice com névoa condensada e um toque de "desgosto" em pó. O líquido não derretia. Congelava devagar demais.

— Encaminhe-a para a *Zona de Espera Intermediária – Setor 13 (ZEI-13)*. Lá, ela aguardará a sincronização com o *Processo 8539-C (Barbosa, B. C. — em fluxo contínuo)*. Pode haver utilidade operacional — ou, no mínimo, documental.

E assim, Gabriela foi transferida. Sem sirenes. Sem véus. Apenas um *clique* seco — como o fecho de uma porta que não sabe se está abrindo ou fechando.

Agora, no *Limiar Janual*, ela esperava. Sentada num banco de névoa solidificada — quase mármore, quase esquecimento —, o xale apertado contra o peito. Tinha a paciência das mulheres que amaram homens confusos. Mas também a postura de quem já escolheu — e ainda não foi chamada para atravessar.

O tempo escorria sem compasso, marcado apenas pelo murmúrio do rio.

Mas, enquanto aguardava, outras formas começaram a surgir. Uma após a outra. Miguel, Araújo, Fernando, Ferreira, Renan, Dr. Henrique Sampaio, Silvério, Geraldo. Todos ali. Nomes que carregavam histórias, promessas truncadas, caminhos abandonados. Eram sombras. Suas presenças eram borrões de existência, rostos desfocados que pareciam pintados com água sobre pergaminho. Já estavam ali há algum tempo.

Estavam presos num **impasse cósmico**. A última travessia — aquela que marcaria o fim do estágio intermediário no *Limiar Janual* — ainda não lhes fora concedida. Aguardavam a transição definitiva para um plano onde o ciclo entre vida e morte se completaria: seja como repouso eterno, renascimento ou continuidade em nova fibra de realidade. Ou, no pior dos casos, **o esquecimento** — destino amargo aonde a alma não iria para lugar nenhum, condenada a vagar eternamente no limbo do *Limiar Janual*. E pelo tempo que o impasse perdurava, esse parecia ser o destino deles: o esquecimento.

Dias — ou meses — passaram sem contagem. Ela observava a margem do rio, onde o silêncio escorria pelas pedras. Até que, um dia, viu: um barco. Uma silhueta. O Barbosa, enfim. Ele parecia cansado, mas inteiro. Caronte o conduzia com neutralidade cerimonial, e Gabriela, pela primeira vez em muito tempo, sorriu — um sorriso completo e discreto.

Quando o Barbosa a viu, seus olhos marejaram. Nenhuma palavra foi dita. Então, o relógio parado finalmente fez um som, ecoando entre dimensões. Ele emergiu: não o escritor de poses dramáticas, mas um homem cujas mãos translúcidas contavam histórias inacabadas.

Ele deu um passo. Depois outro. Quis correr até ela, mas suas pernas pareciam pesadas, como se o solo estivesse sugando sua força. Parou a alguns metros de distância, incapaz de continuar.

— Eu te procurei — a voz dele veio embargada, como papel molhado.

Ela levantou-se. O xale deslizou um pouco, revelando o vestido discreto que

usara no último dia. Seu sorriso foi um suspiro:

— Eu sei. Mas você sempre soube que eu não estava perdida. Você é que estava.

O céu rasgou-se então. O portal vertical abriu-se como um cristal fraturado — o mesmo som agudo de sinal digital que acompanhara seu desaparecimento no "*Casarão dos Barbosa & Freitas*".

O Barbosa segurou sua mão. Os dedos dela frios como a xícara de chá esquecida, os dele trêmulos como a pena que escrevera a mensagem não lida. Juntos foram lançados para outro universo, num redemoinho de luzes que desafiavam qualquer espectro conhecido. Para continuarem a vida de onde haviam parado. Como se a morte fosse apenas um capítulo mal diagramado — pronto para ser reescrito.

A Vida Reescrita

“A eternidade não é para os homens.”

Isaac Asimov, *O Fim da Eternidade*

O Barbosa acordou com um estalo no ouvido e o cheiro de café ralo, desses que mais parecem sombra de café, diluída em imaginação. Estava espremido no sofá-cama da sala, a madeira rangendo por baixo e o colchão fino como promessa eleitoral. A televisão, num canto da sala, exibia imagens de um levante institucional: cúpulas invadidas, estátuas vandalizadas com batom e *ketchup*, e um ministro sendo deposto com direito a *live* e *hashtag*.

— Que inferno é esse? — perguntou, ainda sonolento.

Gabriela surgiu com uma caneca fumegante e olhar de quem já havia lido o cardápio desse novo mundo. Usava uma camiseta rasgada nas mangas e com a frase: *“Farofa: alimento e profecia.”*

— Isso aqui é *Bruzundanga* — disse ela, como quem apresenta um hotel cinco estrelas que só tem água quente. — Uma das linhas paralelas mais instáveis. Aqui, a distopia se disfarça de *meme*, e a resistência vive num grupo de *WhatsApp*.

O Barbosa olhou em volta. O apartamento era pequeno, mas funcional. As paredes exibiam cartazes antigos de campanhas eleitorais e capas amareladas de livros nunca lançados. A televisão, ligada no mudo, insistia em reprisar imagens de um tumulto: homens escalando cúpulas, bandeiras distorcidas, estátuas quebradas como quem tenta reescrever a história com os punhos.

— Isso é hoje?

— É sempre — respondeu ela. — Mas, sim. Começou logo cedo. Invadiram tudo. Quebraram tudo. Estão fazendo *lives* com bandeira no ombro e crachá vencido.

O Barbosa passou a mão pelo rosto, tentando reorganizar os neurônios.

— Mas... a gente morreu.

— Morremos na Cabrália — corrigiu ela, com aquele sorriso que só aparecia nos finais improváveis. — Mas “*Aquele que Permanece*” achou que a trama precisava de reedição. Somos variantes com saldo de metáforas positivo.

Ela sentou-se ao lado dele. Tiraram a televisão do mudo. Os dois ficaram em silêncio, assistindo à reportagem. Helicópteros sobrevoavam a capital, e um locutor ofegante descrevia os acontecimentos com entusiasmo de narrador esportivo:

— É a história sendo pisoteada ao vivo! Com emoção, indignação e pixações!

Ela sorriu com ironia.

— Na Cabrália, destruíam tudo com cerimônia. Aqui, é no grito.

— Mas e nós? — perguntou o Barbosa, ainda zonzo. — Por que voltar? E por que

aqui? Se era pra reencarnar num universo literário, que fosse um com alguma magia, algum sentido…

— Que local você tinha em mente? — perguntou ela, afastando levemente o lábio superior, desconfiada.

— *Macondo*, por exemplo.

— *Macondo*?

— É. Pelo menos lá a loucura era poética. A gente podia ter reencarnado na mansão dos *Buendía*. Tomar café com *Úrsula*, fingir que entendia os manuscritos de *Melquíades*. Até o fim, lá, tinha um quê de epopeia. Aqui... — ele apontou para a TV, onde um manifestante usava uma bandeira como capa e fazia um discurso para o celular — ... aqui é só um *reality show* com gás lacrimogêneo.

Ela riu, baixo.

— *Macondo* não seria a salvação, Barbosa. Seria só um lugar onde a gente se afogaria com mais estilo. Lá, também se repetiria tudo. Guerra, traição, esquecimento. Só que com mais borboletas amarelas e menos *hashtags*.

— Então não escapamos de nada? — Ele olhou pela janela, onde outro protesto começava a se formar com faixas mal pintadas. — Só trocamos de palco para a mesma tragédia?

Foi então que a velha **Underwood No. 5** ressurgiu — teimosa e barulhenta, como um artefato expulso de uma dobra espacial.

— Nós retornamos aqui — disse Gabriela — porque este é o nosso romance. Não o de *García Márquez*, nem o de *Isabel Allende*, nem o de ninguém que escreve com beleza. O nosso é o da sobrevivência mal costurada, do amor que insiste em existir entre manuscritos mal redigidos e panelas vazias, com uma melancolia tão urbana e amarga que faria um *Lima Barreto* ressuscitado — ainda cambaleante, com um copo na mão — suspirar e murmurar: *"Pois é, a vida insiste em ser ridícula mesmo."*

Ela levantou, aproximou-se da máquina e tocou uma tecla. Saiu um caractere trêmulo: "**A**".

— Está funcionando... — murmurou. — ... mesmo no caos, sempre podemos tentar escrever um novo parágrafo.

O Barbosa olhou para a máquina de escrever. Depois para ela.

— Então, pelo menos, que a próxima versão tenha uma cama melhor.

— E um café que não tenha gosto de coador cansado — completou Gabriela.

— E que, se vamos ser personagens eternos... — disse ele, sorrindo pela primeira vez — ... que tenhamos, ao menos, um bom epílogo.

— Ou um bom café da manhã — rebateu Gabriela. — Epílogo a gente escreve. Café da manhã, a gente merece.

Eles se entreolharam. A televisão continuava a gritar. Mas, por um instante, o apartamento parecia menos um universo paralelo e mais um lar.

Era um **limiar habitado**. Disfuncional, barulhento, condenado à repetição — mas, ainda assim, um lugar onde duas pessoas decidiram ficar.

Ela sorriu. O gosto era amargo, ácido, inconfundível: **recomeço**.

∵ ∴ ∵

No andar de cima, um drone sobrevoava o caos, transmitindo em tempo real para a "*Unidade de Brechas e Ecos da Realidade*".

Na borda do *Limiar Janual, Jano* observava a ramificação crescer no grande

painel: "*Linhas Paralelas – Edição Póstuma*."

Janua aproximou-se — não com passos, mas com uma *rotação suave*, como se girasse sobre o próprio eixo. Na mão, um cálice com líquido bifásico: acima, névoa luminosa; abaixo, cinzas sedimentadas. Mexia com uma colher de pau — não celestial, mas reaproveitada de um manuscrito queimado.

— Mais um par que não soube escolher direito — disse, sem virar o rosto. O outro lado, invisível, permanecia em silêncio.

Jano, sem erguer os olhos do *Formulário Único de Bifurcação (FUB-9)*, respondeu:
— Ou escolheram demais. Demais para o sistema.

Então, com sua caneta de ossos raros, anotou calmamente no formulário etéreo: "*Revisar Protocolo de Reencaminhamento de Mortos Literários com Potencial de Continuidade (PMC-3).*"

Coçou a cabeça, como quem tenta lembrar algo importante. Olhou para *Janua* — ou melhor, para o lado que estava voltado para ele — e comentou:
— Acho que devemos incluir *merchandising* e possibilidade de *spin-off*.

Ela não respondeu. Apenas girou levemente, como quem corrige um erro de alinhamento.

Seu xale? Era tecido com dobras de tempo não vivido — fios fiados por mulheres como Gabriela, que amaram homens confusos; por homens como Barbosa, que escreveram cartas nunca enviadas; por almas que preferiram o *entre* ao *depois*, o rascunho à publicação.

Pausa para Digestão

Antes da última nota, do último acorde, de uma nova aventura a ser vivida pela *Maître d'Banquet*… uma reflexão.

Este não foi apenas um banquete. Foi um espelho. Um daqueles espelhos corroídos de dentro para fora, que distorcem a imagem, mas no fundo, você ainda sabe que é você quem está ali refletido.

A Cabrália é um país de ficção. Suas tragédias, uma sátira. Suas mortes, uma alegoria. Mas a farofa que engasga, o vinho que aquece culpas antigas, a sede por poder disfarçada de fome... isso é universal.

Você, leitor, foi o convidado invisível. Testemunhou tudo. Agora, a pergunta que o *Cozinheiro* não fez, mas que fica pairando no ar, como o aroma de um prato que não foi servido: O que você digeriu desta história?

Enquanto você pensa, a cozinha se prepara para os créditos. A *playlist* está quase pronta. Mas uma boa trilha sonora, como um bom banquete, exige um estômago (e um espírito) preparado. Respire. O *Cozinheiro* agradece. O *Narrador* anota. E a *República*, como sempre, aguarda a próxima refeição.

Entre o Livro e o Spotify

CRÉDITOS MUSICAIS

Caro leitor, que chegou até aqui — e, presumo, ainda está sóbrio o suficiente para focar num *QR code* —, uma confissão: isto não é um capítulo. É um suspiro pós-escrito, uma *playlist* clandestina deixada por Gabriela — incentivada pelo Barbosa — que, juntos, ao longo destas páginas, tentaram dançar sobre o abismo com a trilha sonora certa nos ouvidos. As músicas a seguir não são meros acessórios; são testemunhas. Foram ouvidas em silêncios que gritavam; em madrugadas em que o *internet* falhou, mas o coração não; em dias em que o único ato de coragem foi apertar *play* em vez de deletar tudo.

Não espere explicações profundas aqui — apenas *links*, pontos de fuga em forma de código. Escaneie-os não para entender a história, mas para senti-la de novo, agora com a trilha sonora que ela merecia desde o começo. E se, ao ouvir a última nota, você sentir que falta alguma coisa… bem, talvez seja só o *Autor*, engolindo lágrimas no escuro, torcendo para que você não perceba que ele não tinha mais nada a dizer — apenas mais uma música para adiar o fim.

Boa escuta. (Ou boa despedida. Tanto faz.)